

Ulisses Passarelli

MATOSINHOS:

história & festas

- 2012 -

Cantiga da Paz

Dom Pedro Casaldáliga

“Vento de Deus te traz,
Bem-vinda sejas, pomba da paz!

Todas as línguas cantem teu santo nome.
Todos os povos vivam por ti concordes.
Todas as religiões te dêem abrigo.
Todos os corações sejam teu ninho.
Seja o nosso tempo de jubileu.
Fica, por fim, conosco, pomba de Deus!

Planta tua oliveira em nossa terra,
unge tantas feridas de tantas guerras,
sela as nossas vidas no teu amor,
ave-pascal nascida do peito aberto do Redentor!”

Oferecimentos & Agradecimentos

Ofereço com perene e sincera gratidão:

- a Comissão do Divino;
- aos festeiros da Gruta do Divino;
- a Maurício Detomi – pela consideração especial;
- a Chico Lobo e Ângela Lopes;
- aos congadeiros e folieiros que participam desse jubileu;
- a memória dos foliões Luís Candinho, Zé Moreno, Juquinha, Dinho, Nhônhô, Tião Domingos, Totonho Benzedô, Aquino Orff e dos nossos irmãos folieiros Chiquito Matias, João Liá e seu Quinzinho;
- a memória dos capitães de congado Luís Santana, Zé Camilo, Valdemar Fagundes, Zé Tita, Geraldão, Zé Francisco, João Lopes, Juca, Altamiro Ponciano, Wilson da Costa e dos congadeiros Pinduca, Chico Gago, Geraldo do Banjo e Antônio Bêra-muro;
- a memória dos juízes de prendas João Batista de Ávila Filho e Geraldo Quirino;
- aos membros do reinado, inclusive os que já partiram, especialmente Zequita, Nem, Dona Tedinha, Castilho, Debita, Antônio Alves e Chico Cumbuca;
- aos sacerdotes envolvidos no jubileu;
- a professora Betânia Maria Monteiro Guimarães;
- aos que encontram sua identidade espiritual nesta festa.

Que a luz do Divino se derrame em efusão sobre todos.



Imagen do Divino Espírito Santo do Bairro de Matosinhos.

Notas e Créditos

* Texto e fotografia: Ulisses Passarelli

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Nótulas geográficas sobre São João del-Rei

São João del-Rei está situada na [Mesorregião Campos das Vertentes](#), do centro-sul de Minas Gerais e polariza uma das três microrregiões dessa área: [Microrregião de São João del-Rei](#). Em relação às quatro capitais do sudeste, dista aproximadamente 184 km de Belo Horizonte, 331 do Rio de Janeiro, 470 de São Paulo e 575 de Vitória. Sua posição geográfica é de 21° 08' 07" de latitude sul e 44° 15' 41" de longitude oeste. A população total do município, segundo o senso do IBGE, ano 2000, é de 86.258 habitantes, assim distribuídos:

zona rural

DISTRITO	POPULAÇÃO (nº de habitantes)
São Miguel do Cajuru	1.114
Emboabas	1.129
Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno	2.586
São Gonçalo do Amarante	810
São Sebastião da Vitória	2.003
SUB-TOTAL:	7.642

zona urbana

BAIRRO	POPULAÇÃO (nº de habitantes)
Bonfim	4.116
Centro	7.958
Colônia	7.002
Fábricas	9.139
Jardim Central	2.253
Matosinhos	18.671
Senhor dos Montes	6.335
Tijuco	14.881
Sem especificação	8.261
SUB-TOTAL:	78.616



Vista parcial de São João del-Rei tomada da "Estrada do Cascalho", no final do Bairro Tijuco. Ao fundo, a Serra de São José. 10/11/2013.

A população em 2010 era de 84.404 pessoas, das quais 79.790 na zona urbana e 4.614 na rural. Do total, 40.494 são do sexo masculino e 43.910 do feminino. Os domicílios somam 33.373. A densidade demográfica é de 57.67 hab/km² [1].

A estimativa de populacional segundo o site do IBGE para 2014 foi de 88.902 pessoas (acesso em 04/06/2015, 15:20h).

A área do município é de 1.447 Km². Além da sede, o restante da área está dividida em cinco distritos, que levam os nomes das vilas que os encabeçam: Emboabas, Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, São Gonçalo do Amarante, São Miguel do Cajuru e São Sebastião da Vitória, locais de muitas tradições.

Economicamente o que movimenta a cidade é o comércio e a prestação de serviços. O turismo tem sua contribuição, mas deseja-se que se torne mais forte. A indústria é pequena para a necessidade municipal, destacando-se a metalúrgica e têxtil. Predominam as micro-indústrias. É especialmente importante a produção de peças de estanho. A agro-pecuária com algumas exceções é de pequenas proporções e de efeito mais de subsistência ou de pequenas vendas. É polo microrregional de 4º nível. A exploração mineral que deu origem à cidade persiste, rendendo areia, caulim, argila, ouro, calcário, estanho, ocre.

Geologicamente predominam rochas do período pré-cambriano e nas áreas baixas - calhas fluviais (aluvião) - depósitos quaternários. A altitude municipal média está entre 900 e 1.100 metros, registrando-se extremos: 860m (estação ferroviária), 1.218 (Serra do Lenheiro), 1.283 (Serra dos Matolas) e 1.338 (Serra dos Olhos d'Água - ponto culminante do município).

A microrregião situa-se no Planalto do Sudeste, complexo da Mantiqueira. Destaca-se na microrregião a Serra das Vertentes, que tem rumo oeste, (Lagoa Dourada e Resende Costa), funcionando como divisor de águas do Rio Grande, São Francisco e Doce. De cada face sua, vertem águas para uma dessas bacias hidrográficas.

O clima é mesotérmico, Tropical de Altitude, variando as temperaturas médias entre 15,5º C (julho - mês mais frio) e 22,2º C (fevereiro - mês mais quente), atingindo porém picos. A média anual fica em 19,2º C. Na prática, temos verões chuvosos, com intervalos quentes entre os períodos de chuva (veranicos) e o inverno seco e frio (chegando a cair geada). Primavera e outono são relativamente nítidas e reconhecíveis pelo clima ameno intermediário. O índice pluviométrico anual é de 1.437 mm.

A vegetação já muito degradada misturava áreas de cerrado, campo de altitude (altimontanos) e rupestres, que são ainda usados para a pecuária extensiva; e mata tropical de encosta, quase extinta e outras vezes convertida em pequenas capoeiras, com o corte das árvores principais ou tendo mesmo aspecto secundário. Resistem raras matas de galeria (ciliares) ao longo dos rios. O cerrado foi em grande parte derrubado, convertido em lenha e mourão, desde a variedade típica até áreas restritas de cerradinho, cerradão e carrascal. Nas áreas baixas predomina a vegetação paludícola de várzeas e brejos.

A hidrografia tem como artéria principal o Rio das Mortes, que nascendo na Serra da Conceição (denominação local da Serra da Mantiqueira), a 1.200 metros de altitude, município de Santa Bárbara do Tugúrio, flui em sentido geral leste-oeste, indo desaguar na margem direita do Rio Grande, formador do Paraná, após o percurso total de 270km. Corta a microrregião de uma ponta a outra. Para ele convergem muitos outros rios menores, a saber: margem direita - Rio Carandaí, Rio Santo Antônio, Rio do Peixe, Rio Pirapitinga; margem esquerda - Rio Elvas e Rio das Mortes Pequeno. Além disto há muitos córregos, riachos, fios d'água. GUIMARÃES (1988) estudou magnificamente o assunto. Em São João del-Rei o destaque é para o Córrego do Lenheiro que atravessa a cidade de um extremo ao outro. O Lenheiro faz parte ativa de nossa história. Para ele convergem vários regatos. Outro destaque é o Ribeirão da Água Limpa que atravessa o Bairro de Matosinhos e capta as águas do Lenheiro.

Notas e Créditos

* Texto e fotografia: Ulisses Passarelli

[1] - Wikipedia, 18/04/2012.

Rudimento etnográficos: os amerbas

A área do médio Rio das Mortes, onde está situada São João del-Rei era habitada por índios cataguás, puris e coroados.

Os cataguás eram os mais bravios, da vasta etnia cariri, descendentes da longínqua tribo dos tremembés (ou teremembés), que vindos em migração do Ceará, habitantes que eram do Vale do Jaguaribe, dividiram-se em duas grandes hordas: uma subiu o Rio São Francisco até as cabeceiras, a outra desceu o Rio Parnaíba até a foz. Narra Diogo de Vasconcelos, que os dois grupos, já desirmanados, encontraram-se no vale do Rio Grande ou Paraná [1]:

Travada aí a luta pela posse do rio decidiu-se na barra do Sapucaí. Os vencidos transpondo então a Mantiqueira foram se instalar na chã do Paraíba, cerca de Taubaté, e os vencedores ficaram na terra conquistada, de onde se estenderam até o Rio das Mortes, com o nome enfático de “catu-auá” (gente boa). Na guerra os índios chamavam-se a si catu-auá e os inimigos “pixuaúá” (gente ruim). Daí os cataguá (p.125).

Explica GUIMARÃES (1987), que tais índios guerreiros foram um empecilho à livre entrada do dominador branco nessa região. Batalhas teriam ocorrido nas margens do nosso Rio das Mortes [2]. Deixaram muitas marcas inclusive na toponímia [3].

Lembra ainda este autor que o nome de Minas Gerais no fim do século XVII e princípio do XVIII os referenciava: “País dos Cataguá”, “Campos Gerais dos Cataguá”, “Minas dos Cataguá”.

SENNÁ (1905) comentou sobre eles:

Cataguás - Nome de bellicosa nação selvagem com que primeiro se enfretaram os Paulistas, ao descobrirem o território das Minas, desde o Sul ao Centro e Oeste, na vasta bacia fluvial do Rio Grande, tendo sido afinal completamente batidos pela bandeira de Lourenço Castanho, o Velho [4].

Coroados e puris pertencem à etnia tupi e mantinham hostilidades entre si. São originários dos goitacases (ou uetacás), do norte fluminense, região de Campos, foz do Paraíba do Sul. Quando da invasão portuguesa foram de lá expulsos [5]. Debandaram-se e se dividiram em vários agrupamentos que foram sendo cognominados como hordas próprias: araris, pitas, chumetos, tampruns, sararicões, coroados (epíteto dado pelos brancos, em razão do penteado que adotavam) e puris (termo depreciativo que os coroados lhes davam, significando audaz ou bandido) [6].

TJADER (2004) esclarece que os goitacases, depois de longa luta contra os portugueses na região de Campos, foram expulsos e seguiram para o interior, “em direção aos rios Muriaé, Pomba e Paraibuna, acabando por se miscigenarem aos índios coropós, habitantes daquelas áreas (...) Esta miscigenação foi a origem da tribo dos coroados”. Acerca dos puris informa que os tamoios do Rio de Janeiro e Parati, em debandada até o médio Paraíba do Sul, o transpuseram para a outra margem e então, no decurso do século XVII e no seguinte, entraram em choque com os coroados, posto que invadiram suas terras, “dando origem a novas tribos que se formaram, tais como a dos araris, a dos puris, todas lutando entre si mas igualmente todas tementes aos coroados” (p.24-25) [7].

Além do branco invasor, aqui se fixando a partir da última década do século XVII, vindo nas bandeiras ávidas por preciosidades minerais, preadoras de índios, pelo “Caminho Geral do Sertão”, vieram os negros, com a descoberta local do ouro nos primeiros anos dos setecentos, para o árduo trabalho nas minas. Já em 1708, São João del-Rei abrigava a “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos”, como se chamava então. Predominaram os negros do grande grupo banto, embora tenham também vindo sudaneses (destacando os negros minas) e malês (muçulmanos), estes em menor número.

A mistura racial foi óbvia, a exemplo do restante do país e foi na mestiçagem entre si e com o elemento branco, que se fixaram muitas de nossas tradições, forjando a riqueza cultural que ainda nos é característica.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - VASCONCELOS, Diogo de. **História Antiga das Minas Gerais**. 4. ed. v.1. [s.d.]

[2] - Testemunhou Bernardo Xavier Pinto e Souza numa memória escrita nos meados do século XIX, intitulada “Vila de São João del-Rei - Cabeça da Comarca do Rio das Mortes”: “*Descobrindo Tomé Portes del-Rei, taubateano essas minas maravilhosas, não só pela abundância de faisqueiras ricas, mas pela facilidade com que se extraia o ouro; procedeu daí, que os indígenas do país opondo-se à bandeira dos novos povoadores paulistas, defendendo-lhes os trabalhos de mineração, se armaram contra eles; por cujo fato sofreram uns e outros os efeitos de uma batalha renhida.*” In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano 13, p. 588. Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, no “Município de São João del-Rei”, de 1905, corrobora esta afirmação: “*Os indígenas ribeirinhos do Rio das Mortes logo se opuseram aos aventureiros paulistas, e com eles travaram pelejas.*” In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano 10, f.1 e 2, p.7 (apud Geraldo Guimarães).

[3] - Registra-se na região de Lagoa Dourada e Entre Rios de Minas a designação de Cataguá e suas variantes: Fazenda de Catauá, Córrego dos Cataguases, Córrego do Cataguá ... e finalmente o arraial de Catauá, no município de Lagoa Dourada. Também Santana dos Montes, antigo distrito do município de Conselheiro Lafaiete, de 1943 a 1948, teve a denominação de Catauá.

[4] - Lourenço Castanho Taques viajava rumo a Goiás à procura de ouro. Derrotou os índios no lugar chamado Conquista e os perseguiu até os Sertões de Araxá. Daí seguiu rumo ao Rio Paracatu, junto ao qual fundou a cidade homônima.

[5] - Segundo Saint-Hilaire, a diáspora dos goitacases se deu em 1630.

[6] - Esclarece-nos Jean Baptiste Debret que insatisfeitos com o apelido, tais índios retrucavam contra os coroados, dizendo que eles é que eram puris.

[7] - TJADER, Rogério da Silva. **Visconde do Rio Preto**: sua vida, sua obra, o esplendor de Valença. Valença: PC Duboc, 2004. p.24-5.

Um passeio histórico pelo Bairro de Matosinhos

Esboço Histórico Básico

Toda esta vastidão territorial era dominada pelos aborígenes. Alargando suas velhas trilhas de caçada e migração e abrindo sobre elas e ao seu redor novas picadas, vieram as bandeiras, armadas até aos dentes, de bacamartes e arcabuzes, trabucos, pistolas, facas, facões, espadas, machados, foices, adentrando o imenso e ermo sertão, numa avidez assaz doentia por preciosidades minerais e pela preação de índios.

Os bandeirantes vinham sobretudo de São Paulo. O posto avançado de partida era Taubaté, no vale do Rio Paraíba do Sul. De São Paulo, passavam pelo Rio Tietê (rumo à montante), ganhando um afluente do Paraíba, que era subido de barco até as cachoeiras (Cachoeira Paulista). Daí, por terra, em curta marcha, se chegava a Taubaté. Aí também vinha dar um caminho, procedente de Parati, via Serra do Mar. Por navegação marítima se atingia o Rio de Janeiro a partir de Parati. De Taubaté o caminho se direcionava ao imenso paredão da Serra da Mantiqueira, divisa natural de Minas e São Paulo, qual uma muralha. Transpunham-na por uma boca, a Garganta do Embaú. Subindo pelo ermo sem fim, adentravam o continente, cruzavam as cabeceiras do Rio Verde (afluente do Grande, no sul de Minas Gerais) e chegavam ao Rio das Mortes, margem esquerda. Aí foi fundada a primeira feitoria, Ibituruna [1].

Rumando para o leste, ao longo do rio, subiam até um ponto de travessia a cerca de 12 léguas, justamente situada nos arredores do atual Bairro de Matosinhos, local chamado mais tarde Porto Real da Passagem [2]. Do outro lado do rio, seguia o velhíssimo caminho rumo ao vale do Rio das Velhas e mais além, ao Jequitinhonha. Foi trilhadíssimo, com as descobertas auríferas. Tal estrada primitiva era chamada “Caminho Geral do Sertão”, sertão esse chamado “dos Cataguases”, “País dos Cataguases” e “Minas dos Cataguases”, primeiros nomes de nosso estado.

A primeira expedição que percorreu esse itinerário, foi a liderada por Fernão Dias Paes, em 1674, chamada “Bandeira das Esmeraldas”, pois buscava uma mina dessas pedras, encontrada no vale do Jequitinhonha, na segunda década do século XVII, por Marcos de Azevedo Coutinho, que a descobriu vindo do litoral, acompanhando o vale do Rio Doce, rumo leste, na altura do Rio São Mateus (que corta o norte do estado do Espírito Santo) [3].

As tribos dispostas em seus caminhos eram no geral destruídas, saqueadas, muitos e muitos amerabas eram assassinados, outros levados prisioneiros e feitos escravos; mulheres estupradas; aldeias incendiadas. A aproximação quando era pacífica destruía-os de outra forma – pela aculturação gradativa. Assim, essas expedições de paulistas vinham sempre com muitos índios em estado de servidão, acompanhando-os. Os paulistas em maioria eram mestiços, mamelucos no geral.

Desde então, outros grupos de aventureiros fizeram tais viagens, que se acentuaram com a descoberta das minas, situadas na região das atuais cidades de Sabará, Ouro Preto e Mariana.

Ao longo dos caminhos estabeleceram-se feitorias e arraiais.

Vários autores aceitam que nos últimos anos do século XVII, em data incerta, estabeleceu-se um paulista taubateano de nome Tomé Portes del-Rei [4] nas margens do Rio das Mortes, no ponto onde se fazia sua travessia, local conhecido como Porto. Por ali passavam obrigatoriamente todos que iam e vinham das minas das cabeceiras do Rio das Velhas. Fundou uma espécie de estalagem, que era também fonte de abastecimento de víveres, para a longa e inóspita viagem. A história não registrou, mas foi certamente também nesse lugar, o centro de informações dos mais importantes para os viajantes sobre as condições da trilhada para diante.

Conquistada a confiança, firmado o respeito por seu nome, em 1701 [5] foi nomeado guarda-mor, a primeira autoridade local. Como tal era responsável pela cobrança do pedágio para travessia do rio por meio de canoas, que estavam sob sua responsabilidade. Essa taxa era em parte tributada à coroa portuguesa, donde o nome do lugar ter sido Porto **Real** da Passagem, situado na área do atual Matosinhos a apenas 1 km de onde seria mais tarde construída a igreja. O Porto foi indubitavelmente o primeiro núcleo de povoação.

Cabia ainda ao guarda-mor a tarefa de repartir as datas, isto é, lotes nos terrenos de mineração, controlando assim a exploração desordenada daquela riqueza mineral. Eis que se deduz, tal função estratégica não seria conferida a um estranho qualquer, forasteiro recém-chegado. Naturalmente precisou primeiro tornar-se confiável no lugar. Exceção feita à possibilidade ainda não registrada de já ter vindo de Taubaté com a função de guarda-mor, ou seja, nomeado e transferido para seu posto avançado de trabalho. Tomé Portes foi, portanto, o primeiro morador fixo, o primeiro comerciante e a primeira autoridade.

Em 1702, o minerador taubateano João de Siqueira Afonso, descobriu nas areias ribeirinhas sinais da presença de ouro no Ribeirão Santo Antônio, distante uma légua e pouco a leste do Porto, do outro lado do rio. A notícia espalhou-se rapidamente e para lá acorreram muitos, na esperança de enriquecer. Logo surgiu um arraial e coube a Tomé Portes como autoridade, fundá-lo e dividir as datas. Foi chamado Arraial de Santo Antônio, origem da atual cidade de Tiradentes.

Pouco depois, Tomé Portes foi assassinado por alguns escravos. Seus demais escravos vingaram-lhe a morte, matando os assassinos. Assume a guarda-moria o seu genro, Antônio Garcia da Cunha. A viúva retorna para Taubaté, vindo a falecer em 1728.

No ano de 1703, começaram a edificar no Porto Real da Passagem uma igreja, que se consagraria a Nossa Senhora do Pilar e serviria de matriz.

Em 1704 é a vez de dois descobertos auríferos: um no Ribeirão São Francisco Xavier (a cerca de uma légua ou pouco mais a oeste do Porto) e outro na vertente de um morro, na encosta de uma serra. Descobriram, respectivamente, o paulista Lourenço da Costa e o português Manuel João de Barcelos. O primeiro era negro forro e escrivão de datas do referido Antônio Garcia da Cunha. Foi o fundador da Irmandade do Rosário (1708), nosso mais antigo sodalício religioso. Também rapidamente se reuniram mineradores. Ali fundou-se um terceiro povoamento, o Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar. Dito “novo” em confrontação ao de Santo Antônio, que ficou desde então cognominado “Arraial Velho”.

Com esses descobertos, um grande fluxo de aventureiros era visto em deslocamento para a região, no sonho de enriquecer. Os três arraiais desse eldorado cresceram rapidamente: o Porto, o Velho e o Novo.

Nesse novo arraial, logo erigiram uma ermida rústica de pau-a-pique, coberta de sapé, consagrada à Virgem do Pilar, cuja imagem primitiva, até hoje existe, como se pode ver na sua atual catedral basílica.

A dita ermida, feita de improviso, substituiu o projeto daquela outra de 1703, que se estava fazendo no Porto e assim ficou inacabada.

Os paulistas dominavam as maiores e melhores minas, com uma certa violência. Os não-paulistas, coletivamente chamados Emboabas (portugueses, baianos, fluminenses, etc.), também defendendo seu quinhão, logo entraram em atrito, resultando numa desavença armada, chamada “Guerra dos Emboabas”, entre os anos de 1707 e 1709 [6].

Os Emboabas estavam arranhados junto às minas (situadas no atual Alto das Mercês, em São João del-Rei). Os paulistas ergueram moradas mais distantes.

Durante um dos episódios tensos da contenda, a capelinha do Alto das Mercês foi queimada. Finalizada a refrega, afastados os paulistas, nova capela foi erguida, com a mesma devoção, dessa vez, ao que parece, onde era o acampamento dos paulistas, que levaram a pior na peleja. Presumivelmente ficava no Bonfim. Há quem afirme que esta outra capela já existia mesmo antes da guerra, mas parece pouco provável.

Após a guerra foi edificada uma fortificação pentagonal no Porto Real da Passagem com o temor de qualquer recidiva e naturalmente melhor defesa contra o tráfico mineral.

O Arraial Novo de N.S. do Pilar foi elevado a vila em 1713, com o nome de São João del-Rei, por ato de Dom Brás Baltasar da Silveira. O nome escolhido homenageava o Rei Dom João V, de Portugal. No ano seguinte uma ordem obriga os moradores do Porto a se mudarem para essa nova vila. O Porto cai então no abandono.

O século XVIII prossegue na febre do ouro. Tudo gira em torno do minério nobilíssimo. Novas jazidas são descobertas, mais caminhos abertos e ao seu comprimento surgem fazendas e tantas povoações. Os índios rareando; os negros aumentando, trazidos em sucessivas levas para a escravidão. Só na Mina do Barro Vermelho (atual Rua Cel. Tamarindo) foram cerca de mil, ocupados na dura servidão.

O último quartel desse século sentiu fortemente a decadência da exploração aurífera. Muitas vilas e arraiais desse período se estagnaram. São João del-Rei porém enveredou pela pecuária e agricultura de subsistência, mas sobretudo no comércio. Foi nessa época que se ergueu num platô, a apenas um quilômetro do velho Porto, uma capela sob a invocação do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, devoção de procedência portuguesa. Ali surgiu animada festa em Pentecostes, já numa economia urbana, embora guardasse em si, muitos elementos rurais. Desse festejo se ocupará este livro.

A centúria seguinte, esgotado o ouro, foi a vez do comércio ganhar vigor. São João tornou-se grande entreposto comercial da rota Rio de Janeiro – Sertão (centro-oeste e oeste de Minas), além de outras regiões mais longínquas.

Em 1838 a vila de São João del-Rei foi elevada à cidade. Por esse tempo Matosinhos firmou-se como um arraial pitoresco, aprazível, bucólico, cheio de chácaras grandiosas, com pomares afamados. Muitos procuravam esse lugar para cuidar da saúde, graças a sua tranquilidade e pureza ambiental.

Terminando o século XIX, chega a estrada de ferro e também as primeiras indústrias, que caracterizariam o século XX até seus meados. O fim da escravidão tenebrosa nos traz o italiano, tantas e tantas famílias, estabelecidas em colônias nas vargens beira-rio: Marçal, Briguenthí, Bengo, Recondengo, José Teodoro, Felizardo e ainda, o Fé, mais retirado e o povoado do Barreiro. Dedicaram-se à agricultura. A seguir diversos italianos se estabelecem também na cidade.

Depois chegam migrantes libaneses, sírios, turcos, árabes, entregando-se ao comércio.

Em meados do século XX, Matosinhos muda de cara: as chácaras desaparecem, sendo loteadas. Crescem moradas e indústrias. No fim do século o bairro já é o maior da cidade, em verdadeira explosão demográfica nos últimos vinte anos. A indústria fraquejou. O comércio cresceu e com ele a prestação de serviços. Os velhos casarões foram derrubados. A igrejinha bicentenária também. O bairro se agigantou. BARREIROS (1976) teve essa impressão: “já na margem esquerda, um pouco distante do rio, floresceu um famoso bairro de São João del-Rei e que se denomina Matozinhos”.

O século XXI chega com a bússola apontando para a atividade turística, que não se desenvolverá por milagre, mas só com muito trabalho em seu favor.

Em resumo e finalizando o tópico, pode-se assim organizar nossa cronologia básica, numa sinopse didática, tantas vezes confundida e polemizada:

- 1701: Tomé Portes del-Rei, já previamente estabelecido no Porto Real da Passagem desde data incerta é nomeado guarda-mor. Fundou ali o primeiro núcleo populacional;
- 1702: morte de Tomé Portes del-Rei;
- 1704: descoberta de ouro no ribeiro chamado São Francisco Xavier e em seguida no atual Alto das Mercês;
- 1705: fundação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, por Antônio Garcia da Cunha;
- 1713: o arraial supracitado é elevado à vila, ocasião que recebe o nome de São João del-Rei;
- 1838: a Vila de São João del-Rei é elevada à cidade.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - A fundação de Ibituruna nessa época é contestada por certos estudiosos, dentre os quais, Geraldo Guimarães.

[2] - Esse itinerário também é contestado por alguns historiadores, que consideram que o rio teria sido transposto em Ibituruna e só na volta do Tripuí (região de Ouro Preto-Mariana), onde foi descoberto farto ouro, é que teriam passado pelo Porto Real da Passagem e por conseguinte, então sim, fundado aquele primitivo núcleo habitacional, gérmen de São João del-Rei, no território do atual Matosinhos. A respeito dessa interpretação, ver HENRIQUES (2003).

[3] - A Bandeira das Esmeraldas não foi a primeira a entrar em Minas, mas a primeira que trilhou todo o chamado Caminho Geral do Sertão. Não seria absurdo afirmar que esse caminho foi aberto ou inaugurado pela gente de Fernão Dias. Antes dela, houve: em 1601 a bandeira de André de Leão, que atingindo o Rio Verde no sul de Minas, tomou rumo noroeste, passando pelos rios Grande e Jacaré, até um rio das cabeceiras do São Francisco; em 1611, Diogo Gonçalo Laço, pelo sul de Minas; em 1646, Felix Jaques, que também explorou o sul mineiro.

[4] - Filho do português João Portes del-Rei e da Sra. Juliana Antunes. Casou-se com Juliana de Oliveira. Para maiores dados sobre a família de Tomé e sua participação na história local ver: **Origens históricas de São João del-Rei**. Org. André Dangelo. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.

[5] - Por se tratar de assunto complexo, friso, que essa data, 1701, é confirmada ou repetida, por vários autores, todos referenciados na bibliografia: Geraldo Guimarães, José Cláudio Henriques, José Bellini dos Santos, Paulo Cristófaro & Gentil Palhares, Luís de Melo Alvarenga, Osvaldo Santiago Lobosque, Altivo Lemos Sette Câmara (apoiado em Basílio de Magalhães – Manual de História do Brasil), José Bernardo Ortiz, Eduardo Canabrava Barreiros. A mesma data também surge na Encyclopédia dos Municípios Brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. V.27, Minas Gerais, R-Z. Verbete: São João del-Rei.

[6] - Um estudo notório dessa contenda foi efetuado por Eduardo Canabrava Barreiros, **Episódios da Guerra dos Emboabas e sua Geografia**, Ed. Itatiaia (BH) / USP (S.P), 1984.

Breves comentários sobre Tomé Portes del-Rei

Faço absoluta questão de ser bastante subjetivo neste tópico.

É preciso reabilitar a figura de Tomé Portes del-Rei pela importância que teve como pioneiro. Fundou o primeiro núcleo habitacional, o Porto Real da Passagem. Dali partiram as expedições que encontraram ouro em derredor. Era ali o trampolim, o QG.

Tomé era fazendeiro, profissão a que já se dedicava em sua terra natal, onde deixou rica propriedade sob os cuidados do filho. Quando recebeu em hospedagem o conterrâneo João de Siqueira Afonso, este, que não era fazendeiro, mas sim, experiente minerador, que a pouco descobrira fartura de ouro no Tripuí

(entre Ouro Preto e Mariana) e no Guarapiranga (atual Piranga, na Zona da Mata), ao ver as areias ribeirinhas, notou nelas semelhança mineral com aquelas das zonas onde encontrara ouro. Deixou a Tomé Portes a referência do ribeiro que descia a serra e ali este achou o nobre metal. Daí se afirmar que foi o fundador de Tiradentes porque esse fluxo d'água é decerto o Ribeirão Santo Antônio, que corta aquela cidade.

Ora, eis aí um equívoco, que de tão repetido passou por verdade e fixou-se como tal.

João de Siqueira Afonso não poderia fundar nada, nem povoado, nem arraial, nem vila, nem cidade, porque não tinha qualquer autoridade para isso diante do rei. Era uma espécie de empreiteiro, ocupado em garimpar com sua gente aqui e ali à procura de riquezas, sem compromisso com lugar algum. Ele pode e deve ser considerado como DESCOBRIDOR do ouro tiradentino. Era enfim um garimpeiro profissional. Tomé é o FUNDADOR, pois só ele como guarda-mor tinha autoridade diante da realeza para dividir os lotes de mineração (datas), noticiar oficialmente ao governador, fundar o núcleo habitacional. Não se deve confundir os conceitos. Os dois tiveram seu papel preponderante na história mas não se pode atribuir a um o papel de outro. Descobridor é quem descobre; fundador é quem funda por ter autoridade para tal.

De forma semelhante, em São João del-Rei, concordo que Antônio Garcia da Cunha seja o fundador do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, pois que o fato se deu em 1705 e ele nessa ocasião era o guarda-mor, substituindo Tomé Portes, seu sogro, que morrera cerca de três anos antes. Ora, está claro que se ele não tivesse morrido teria sido o fundador deste arraial também. Seja como for é indubitável que Tomé fundou o núcleo primevo (Porto). Mas ninguém por aqui fala que o fundador de São João seja Lourenço da Costa ou Manoel João de Barcelos, garimpeiros que encontraram o ouro são-joanense. Eles são considerados como o que de fato são, descobridores. Fundadores, nunca.

Ora, mas em minha opinião, se é que ela tem alguma utilidade esclarecedora e com o perdão dos ilustrados pesquisadores de ontem e hoje, o fato de Antônio Garcia da Cunha ter oficialmente fundado esse outro núcleo urbano – aquele que originou a atual urbe – não lhe garante o louro da vitória. Parece-me uma figura apagada, cujo feito foi-lhe rotulado, carimbado na testa e que ninguém poderá tirar, mas também não se poderá bater palmas. Sua fundação foi obra de uma circunstância (digo, o assassinato de Tomé Portes). O trabalho, a coragem desbravadora de deixar a fartura natal para conquistar um novo espaço, inclusive trazer família para cá, então um ermo, uma terra sem lei, todo o pioneirismo, são devidos ao arrojado Tomé Portes del-Rei e não a Antônio Garcia da Cunha. O núcleo do Porto foi o foco das expedições em derredor, o cordão umbilical e por conseguinte, aqueles arraiais primitivos entre Prados e São João del-Rei, estão pelo menos e sem nenhum favor sob seu patronato. Sim, Tomé é mais que fundador, é um PATRONO. Antônio Garcia da Cunha será sempre assim como Pedro Álvares Cabral ou Cristóvão Colombo, nomes que satisfazem uma história oficial nem sempre fiel à realidade. Na corrida da história levaram o título mas não foram os primeiros.

Com muita lucidez, Geraldo Guimarães (*) ensinou:

"Deste povoado (Porto Real da Passagem), com as consecutivas descobertas de ouro no vale do Rio das Mortes, originou-se a fundação de outros, alguns de vida efêmera, como Cuiabá e Ponta do Morro, outro decadente e absorvido, como o Córrego, e os Arraiais Velho e Novo, depois as duas vilas del-Rei, São José e São João. (p.72) (...) Sem dúvida, Tomé Portes del-Rei é figura principal na história primitiva de São João del-Rei." (p.73)



Área do Porto Real da Passagem (abaixo da via férrea), com terreno irregular, monturos, cascalheiras, escavações, valetas... vestígios de mineração?

No mais era comum naquela época os povoamentos surgirem num lugar e mais tarde se transferirem para outro, a exemplo da própria Tiradentes cuja primeira capela foi beirando as minas, pras bandas do ribeirão ou do Canjica; Rio das Mortes, na velha igrejinha de Nhá Chica; São Miguel do Cajuru, começado no Cajuru Velho. Quando o feto está pronto e nasce o cordão umbilical não é mais necessário. Daí citada a ordem que os moradores se mudassem do Porto para o Arraial Novo.

Pensada a história desta forma, José Cláudio Henriques andou por retos caminhos ao afirmar que Matosinhos é berço de São João del-Rei, haja vista que vista que o Porto fica nos seus limites. É fácil depreender então que nossa primeira vocação foi agrícola, logo interrompida e substituída pela garimpagem, que foi de fato, a que deixou marcas culturais, daí concordar que somos filhos do ciclo do ouro.

Antônio Gaio Sobrinho numa de suas sempre memoráveis palestras considerou pré-história o período anterior a formação do arraial e história o período seguinte.

A divisão didática é excelente. Apenas particularmente levo a data para 1701, já que é a referência mais recuada que dispomos. Não é uma data qualquer, mas aquela que nomeia uma autoridade para o lugar, denotando duas épocas: uma anterior, sem uma representatividade governamental, sem poder público; de outra, a partir da qual se inicia uma administração. Assim penso, até que alguém descubra um documento mais antigo ainda. Tudo o mais que pode ter ocorrido antes, foi informal e passageiro: migrações de tribos nômades ou suas incursões de caça e reconhecimento; passagens para lá ou para cá de bandeiras; instalação das primeiras moradias, roçados e criatórios, aqui e acolá. Isso foi nossa pré-história.

Notas e Créditos

* In: *Origens Históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006. 127p.

** Texto e foto (13/04/2014): Ulisses Passarelli

Matosinhos é com “s” ou com “z”?

Forma correta do nome do bairro

A maneira recomendada para se escrever o nome do bairro são-joanense de Matosinhos e o título devocional que lhe originou é com “s” no meio e no fim, à maneira da cidade portuguesa que lhe serviu de batismo: **MATOSINHOS**.

Hoje é comum ver-se o “s” intermediário substituído por “z”: "Matozinhos".

Em Portugal, em tempos muito remotos, o topônimo veio de “Matesinus”, depois alterado em “Matusiny” e por fim no termo atual. Outra hipótese é que Matosinhos ou Matosinho possa ser diminutivo do nome ou sobrenome Matoso.

Nos antigos jornais são-joanenses e em outros documentos, surgem as grafias: “Mattosinhos” (a mais comum), “Mathosinhos” e “Matthosinhos”, além das correspondentes com “z” e outras sem o “s” final. Todas tem um valor histórico mas não prático. A forma de uso é Matosinhos. Assim aparecerá em todo este blog.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

CAPÍTULO II – MISCELÂNEA HISTÓRICA

Relações com a Inconfidência Mineira

Ainda com respeito à história de Matosinhos, cumpre notar sua relação com a Inconfidência Mineira, assunto estudado por HENRIQUES (2003), que ora transcrevo:

Matosinhos também teve participação na Inconfidência Mineira, tanto é que o desembargador José Pedro Machado Coelho Torres e o ouvidor Marcelino Pereira Cleto ali estiveram a mando do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, dedicando um dia inteiro a inquirir pessoas suspeitas com o levante. Num dos casos, um pardo de nome Manoel da Costa Capanema, sapateiro, foi preso por insultar o jovem português Manoel Moreira que morava com a parda alforriada Josefa Teixeira. O sapateiro, na ânsia de tomar cachaça na taverna do português, por ocasião da festa do Divino Espírito Santo, não obteve sucesso, já que a mesma encontrava-se fechada. Aos brados e murros, já alcoolizado, Capanema passou aos insultos dizendo: “estes branquinhos do Reino que nos querem tomar nossas terras, cedo os haveremos de botar fora dela.” O sapateiro foi denunciado pelos que presenciaram o fato, entre eles o escrivão Antônio da Costa Braga e o Capitão Bernardo José Gomes da Silva Flores. Sendo inquirido pelo desembargador e ouvidor, foi preso em 22/09/1790. Foi, em 22/01/1791, remetido para o Rio de Janeiro em companhia de José Martins Borges e Vitoriano Gonçalvez Veloso. Finalmente foi absolvido, depois de mais de dois anos de prisão. Nesta mesma diligência foi ouvido Joaquim Pedro de Sousa Câmara, moço fidalgo da casa de sua majestade e sargento-mor da Cavalaria de Auxiliares da Comarca do Rio das Mortes e residente em Matosinhos. O assunto foi uma suposta carta enviada de Portugal por sua prima, Joana de Menezes e Valadares, alertando-o sobre um levante que haveria de acontecer nestas Minas Gerais. O assunto da referida carta foi ventilado pelo Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes, num de seus depoimentos. Joaquim Pedro declarou que a intenção da missiva de sua prima tinha apenas intento de convencê-lo a regressar para a Corte, onde poderia viver com mais segurança ao lado de Sua Majestade. A carta foi enviada ao Governador Visconde de Barbacena e Joaquim Pedro não mais foi molestado pelas autoridades. Outro personagem envolvido na trama da Inconfidência Mineira e que posteriormente passou a residir em Matosinhos, onde faleceu, foi o célebre mestre de campo e grande potentado da época, Inácio Correia Pamplona. Era português, natural da Ilha Terceira. Vindo para o Brasil, estabeleceu-se nas Minas Gerais, fez grande fortuna, tornou-se latifundiário. (...) era amigo particular do Pe. Carlos Correia de Toledo, vigário da Vila de São José e, talvez por isto, chegou a se comprometer discretamente com a conjuração. Foi o terceiro delator da Inconfidência. No fim da vida, já bastante idoso e doente, a procura de mais fáceis recursos da medicina, adquiriu uma chácara em Matosinhos, onde veio falecer em 1810. (...) Outra moradora de Matosinhos relacionada indiretamente com a Inconfidência Mineira foi Maria Angélica de Sá Meneses, segunda esposa do Cel. Carlos José da Silva, escrivão da Junta Real da Fazenda, homem de confiança do Visconde de Barbacena e do vice-rei.

No arquivo do Museu Regional do IPHAN, em São João del-Rei, existe uma carta [1], parte do testamento do coronel Pamplona, dirigida a seu filho sacerdote, padre Inácio Correia Pamplona Corte Real, datada de 21 de abril de 1810, assinada na sua chácara em Matosinhos, onde o próprio coronel sertanista revela que estava atormentado por visões espirituais, assombrações, barulhos, como que prenunciando sua morte. Veja-se por exemplo este trecho:

E quanto aos meus ouvidos e as representações de espetáculos que todas as horas se me representam, lhes não posso explicar. E eu as recebo por misericórdia e por aviso do céu. Sábado dia 14 pelas 9 horas da noite, entrou a tempestade nesta chácara, de sorte até se representavam serpentes de arrasto pelo sobrado, e até o dia de hoje 21 sábado de manhã tem os invisíveis continuado de noite e de dia e as horas que querem.

Pamplona ansioso, vendo fantasmas e pressentindo a morte, se despediu do filho, recomendando cautela com aqueles tais demônios.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - Arquivada na caixa 100. Cópia da transcrição gentilmente cedida por Luís Antônio Sacramento Miranda.

Outras notícias do século XVIII

São poucas as notícias de Matosinhos no século XVIII. Além das já referidas, há menções a pelo menos três casamentos realizados em sua capela:

- a 01 de março de 1774 casaram-se Manoel da Costa Vilas Boas e Maria Vitória Joaquina de Freitas;
- a 02 de outubro de 1780 casaram-se Antônio Ribeiro Carvalhaes e Ana Maria de Matos;
- a 17 de novembro de 1784 casaram-se Lourenço José Fernandes Brasiel e Ana Pimenta Severina Chaves.

HENRIQUES (2003) e CINTRA (1982) fornecem alguns dados genealógicos sobre essas pessoas. Notar que a celebração do matrimônio já em 1774, ano também da primeira festa que se tem notícia, indica que a capela estava pronta ou ao menos quase, mas já em condições de uso.



Aspecto do interior da primitiva Igreja do Sr. Bom Jesus de Matosinhos.
Cortesia: Osni Paiva. Foto: autor e data não identificados.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

Mineração em Matosinhos

Sabe-se que houve exploração aurífera no Bairro Matosinhos, sobretudo pelos comentários de três ingleses que passaram aqui por São João del-Rei: John Luccock, em 1818, Robert Walsh, em 1828 e Richard Burton, em 1867. Eis, a seguir, os seus registros, que demonstram o abandono daquela atividade durante o século XIX.

LUCCOCK (1975):

(...) "Havia também nessa propriedade, ruínas de uma grande lavra de ouro, que constava de uma parede construída em través de um boqueirão, a título de dique para segurar as águas e coar qualquer sedimento que essas trouxessem. Havia uma comporta para o esvaziamento do dique sempre que fosse necessário, para que assim se pudesse retirar o sedimento e extrair dele o ouro que acaso contivesse. A

porção maior do paredão era sustida por sólido aterro que lhe havia encostado, mas o trecho que atravessava o leito ficara sem proteção, a fim de que servisse de escoadouro para as águas, quando o dique estivesse repleto. Con quanto fosse o que gozava de maior reputação naquelas paragens, o engenheiro que construirá nada entendia de pressão de fluido. Construirá sua barragem com perto de trinta pés de altura, doze de espessura na base e seis no topo; mas as fundações haviam sido lançadas com insuficiente solidão e como que a fim de amarrar toda a obra, a fiada superior compunha-se de pedras muito grandes, pesando de duas a três toneladas cada qual e ali colocadas com enorme despesa. Um mecânico habilidoso e prático perceberá facilmente que uma estrutura dessa espécie tinha que rebentar na base logo que fosse aberta a água para dentro do dique; e o seu custo total que perfazia, ao que me disseram, dezesseis mil libras, perdeu-se num instante."

WALSH (1985):

"Passamos pelo arraial de Matosinhos (...) o lugar tinha outrora uma mina de ouro bastante extensa. Para interceptar as partículas de ouro trazidas por um riacho da montanha, havia sido construído um dique através de uma ravina; o seu construtor, porém, não calculara a pressão da água e, após um prolongado período de chuvas, o dispendioso dique se rompeu, fazendo desaparecer com ele, numa única noite, todas as riquezas acumuladas à sua margem."

BURTON (1942):

"Mais acima está uma ponte quebrada, que data do tempo em que Matozinhos tinha uma mina de ouro fluorescente. A explosão de um poço (...) acabou com a mineração."

Não se sabe a localização exata desse dique (ou ponte, como o chama Burton). O relato de Luccock, mais antigo e completo, diz ainda, que a fazenda onde se situava a obra da mina, ficava num "profundo valado à beira de um regato diminuto mas límpido", o que faz supor antes no Córrego do Cala-boca, que propriamente no Ribeirão da Água Limpa, bem mais caudaloso. Isto condiz com sua afirmação de que ficaria tal construção do lado oposto da vila. Sobre a fazenda relata ainda que era grande, ótima, desabitada por aquela época, que estava disponível para aluguel ou venda, tinha excelente terra, açude, tanque para criar peixes, dispositivos para aguadas e alimento de animais. Tinha um quarto de légua de testada e indefinido comprimento, por continuar-se com terras devolutas. Seu valor de venda era muito alto: um conto e duzentos mil réis, equivalente a trezentas libras esterlinas.

Minha suposição se baseia ainda numa informação que recebi, baseada porém não sei em qual fonte: a concessão de seis ou oito braças de terra ao sargento-mor Luis Antônio da Silva, que pretendia edificar "na paragem do Ribeirão do Callaboca, por cima do rego da Sociedade do Barro Vermelho" (27 de junho de 1789). Mesmo desconhecendo a fonte resolvi incluir a informação para que alguém em pesquisa futura possaclarear o assunto. Sobre o nome supra, consultando uma lista de sesmarias[1], apenas localizei uma concessão de terras a Luís Antônio da Silva, em outubro de 1771, então referido como alferes. Contudo ficava em "Alagoas do Piuhy" (oeste do estado), termo da vila de São José del-Rei (Tiradentes).

Outras notícias sobre essa atividade no bairro, surgem bem mais tarde, quando se idealizou construir a capital mineira em São João del-Rei. Pelo final dos oitocentos, os estudos do engenheiro relator do projeto, apontaram um vestígio da mineração nas margens do Ribeirão Água Limpa:

"Na sua margem direita existe ainda, perfeitamente vizivel, o rego aberto pelos antigos mineiros para condução de suas águas às varzeas de Mattosinhos e do Porto para a lavagem do ouro; os actuaes moradores do logar ainda viram, sobre o rio das Mortes, o aqueducto de madeira que dava passagem ás águas" (p.13).

Este relato tem especial importância por mostrar que daquele ribeirão, um rego trazia água para a vargem de Matosinhos e mais ainda, por uma calha a água atravessava suspensa por sobre o leito fluvial para lavagens auríferas na vargem do Porto. Uma empreitada desta estirpe, só se justificaria graças a uma fartura intensa do nobre metal, senão bastariam falsoqueiras pouco dispendiosas. Ao que parece esse rego é o mesmo citado linhas atrás, que pertenceu à Sociedade do Barro Vermelho.

Ora, ainda hoje, nos fundos do conjunto habitacional INOCOP, entre a via férrea e o rio, notam-se muitos monturos de cascalho remexidos, escavações, vestígios claros da atividade extractiva, comuns a outras

áreas de mineração. Estes sinais se estendiam outrora mais acima, na área do próprio conjunto de prédios, beira da Rua Amaral Gurgel e Avenida Sete de Setembro. Esta área era brejosa e dizem moradores antigos que aí houve lagoinhas ou grandes poças, outros sinais da mesma atividade, acumulando águas pluviais nas depressões escavadas ou fazendo-a brotar dos lençóis freáticos.

Disse-me certa feita um antigo ferroviário, que um dos fatores que contaram para a retirada dos trilhos da Rua Amaral Gurgel para o itinerário atual, não foi apenas o crescimento do bairro em redor da igreja mas também o fato de que a via férrea atravessando aquela área embrejada supracitada, tinha constante risco de acidentes, porque os dormentes afundavam na terra barrenta e apodreciam com rapidez.

Considerando a retirada de água por rego é bom lembrar que era prática muito comum, como se pode ver pelos vestígios na Serra de São José por exemplo, e ainda, o célebre Canal dos Ingleses, no Lenheiro. No mais o desnível era o necessário para aproveitar a força da gravidade, num tempo que não havia máquinas de bombeamento.

Um importante informe pessoal obtido em 30/11/2007 do Sr. José do Carmo Silva, o “Zé Pequeno”, que viveu sua infância no bairro, nas décadas de 1940-50, dá conta que havia um extenso rego que vinha de uma represa abandonada nas imediações da Árvore de Óleo / Ouro Preto, passava aproximadamente no traçado atual da Avenida Santos Dumont, por baixo do pontilhão do trem e depois pela Rua João Hallack. Corria água nele e o pessoal do matadouro jogava ali o sangue, causando muito mal cheiro nas vizinhanças. Com o passar dos anos, diante da crescente ocupação urbana esse rego foi em parte manilhado e outro tanto entupido. O resto das matanças passou então direto para o Ribeirão da Água Limpa, logo acima do pontilhão onde ainda vi o sangradouro e hoje lamento não tê-lo fotografado. Quero crer que esse rego citado por Zé Pequeno seja verdadeiramente aquela primitiva benfeitoria mineradora citada nos parágrafos anteriores. Em fevereiro de 2009 uma parte de seu manilhamento estourou junto ao pontilhão da via férrea e velho o rego ficou evidente, mas logo foi reparado e de novo desapareceu sob o asfalto.

Garimpeiros avulsos, teimando encontrar a sorte, aqui e acolá, sempre existiram, mas o tempo das lavras em Matosinhos foi de fato o século XVIII. Os viajantes da centúria seguinte garantiram que a atividade se extinguira. Por esta razão não deixa de ser interessante o tardio requerimento de José Teixeira Marques à câmara, em 1901, buscando o privilégio de explorar ouro, por cinco anos, no Córrego do Lenheiro, Ribeirão da Água Limpa e sua foz no Rio das Mortes [2], portanto, englobando terras de Matosinhos.

Além da mineração de ouro foi parcamente ativada a de calcáreo. Augusto Lacerda chamava a atenção sobre a possibilidade de se explorar uma pedreira desse material, um pouco adiante das casas, no Sutil, à margem esquerda do Rio das Mortes e à beira da via férrea (fica em frente ao quilômetro 93,7 da ferrovia).



Pedreira do Sutil, em imagem de 2009.

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

[1] - Arquivo do IPHAN, São João del-Rei. O documento em questão está na caixa 26.

[2] - **O Combate**, n. 83, 27/07/1901.

A visão dos cronistas que passaram por Matosinhos

Os aspectos pitorescos do tão decantado bairro, impressionaram os estudiosos que por aqui passaram no século XIX e princípio do seguinte. Em seus relatos, deixaram consignados valiosos informes.

O viajante POHL (1976) que por aqui passou em 1818, escreveu: (...) “*no agradável Arraial de Matosinhos (...) os habitantes abastados de São João del-Rei tem muitas e belas casas de campo com jardins*”.

No ano seguinte, SAINT-HILAIRE (1944) observou:

“A cerca de meia légua [uns três quilômetros] de Marçal [Colônia do Marçal] chega-se ao arraial chamado Porto Real, onde se encontra o Rio das Mortes, que empresta seu nome à comarca (...) Em Porto Real atravessa-se esse rio por uma ponte de madeira, de aspecto assaz pitoresco, com largura bastante apenas para um carro-de-bois, e que é abrigada como as da Suíça, por um pequeno telhado de telhas ocaas sustentado por postes. (...) Tendo atravessado Porto Real, cheguei logo à aldeia de Bom Jesus de Matosinhos, onde se celebram de modo especial as festas de Pentecostes.”

A referência desse autor tem especial importância, por revelar que nessa época, havia junto ao rio um povoamento, que não se confundia com o outro, junto à igreja. Ou seja, conforme foi dito que houve em 1714 um bando para esvaziar o Porto, obrigando todos a se mudarem para a vila de São João del-Rei, tal ordem não pode extinguir o povoado do Porto. Enfim, era um ponto estratégico e o rio seria uma via natural importante para escoamento de produtos extrativistas ou não.

Outra menção de importância é aquela ao telhado da ponte, que reaparece bem mais tarde[1]: “*em distancia de menos de hum quarto de legua a leste está o arraial de Matosinhos (sic) e ahi huma ponte mui segura, coberta de telha*”.

A primeira imagem fixada de Matosinhos deve-se a RUGENDAS (1979). Em 1824 ele retratou o bairro numa aquarela e previu:

“Nas imediações de São João, existe uma aldeia muito agradável; arraial de Matozinho, à beira da estrada que se toma para ir a São José [del-Rei, atual Tiradentes] e Barbacena. Sua bela situação e a vizinhança do Rio das Mortes, já navegável por grandes canoas, permitem prever um futuro mais próspero que o das cidades vizinhas, principalmente São João, que não poderão crescer, dada a sua má situação.”



Aquarela de Rugendas representando Matosinhos vista do Alto do Lombão em 1824. Nota-se claramente como eram caudalosas as vias fluviais, a extraordinária fidelidade do artista à silhueta serrana, os caminhos de então, com destaque para aquele que se tornaria no século seguinte a Avenida Sete de Setembro, a igreja antiga num esquadro diferente do largo. Carro de bois, cavaleiros, um escravo e um ermitão com oratório de pescoço compõe os veículos e transeuntes da época.

RODRIGUES (1859) informou que a capela de Matosinhos não era curada e escreveu ainda:

"O arraial de Mattosinhos no suburbio da cidade é dotado de optima capella, na qual se festeja o Espírito Santo, havendo nos dias de festa romaria de dia e de noite. Está em uma planicie, com rica e espaçosa praça e as adjacencias são bordadas de optimas chacaras nas quaes fructificação todas as arvores indigenas e inter-tropicaes de Europa."

Outra impressão importante deixou para a posteridade BURTON (1942), escrevendo no ano de 1867:

"Aos nossos pés, sobre um pequeno vale jaz o arraial de Matozinhos, encantador subúrbio, distante da cidade uma milha e três quartos [2] - ou mais exatamente oitocentas braças brasileiras. Passamos pela clara rua principal e entramos na praça mais importante formada pelas melhores casas, cada qual com o seu jardim florido, adornado de alguns pés de café de um tamanho prodigioso e de exuberante verdura. Não há padre, mas a Igreja do Espírito Santo (sic) parecia, pelo menos por fora, em boa ordem. Aqui de toda a região convergem os romeiros durante sua festa pelo prazer espiritual de rezar durante noite e dia."

Bernardo Guimarães, em sua obra “Maurício ou os paulistas em S. João d’El-Rey”, escreveu de forma poética, que transcrevi do **Arauto de Minas** [3]:

"Deitada ao longo da fralda da serra amparam-lhe brandamente a cabeça pelo lado sul verdes e boleadas collinas [Lombão, Bom Pastor, Pio XII] enquanto os pés estiram-se espreguiçando pela planura [centro do bairro, Vila N.S. de Fátima], formando o pitoresco arrebalde de Mattosinhos, cujas casas alvejam atufadas em ondas dos mais frondosos e viçosos pomares."

Este poeta comentou ainda [4]:

"Neste arraial, out'rora palco de grandes lutas e morticinios entre paulistas e emboabas que a sêde do ouro attrahia a estas paragens [5], onde há vastas e bellas chacaras, perpetuo pomar de variados frutos, delicioso recreio das familias da cidade, campeia qual linda garça entre a verdura, a risonha capella do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, para onde affluem romeiros e grande multidão de fiéis por occasião dos festejos do Espírito Santo, celebram-se com toda a magnificencia, renovando-se algumas vezes os costumes antigos de cavalhadas, bandos de máscaras, bailados e corrida de touros."

LAET (1988) escreveu no ano de 1896: “o isolamento de Mattosinhos se compensa nas festas do Espírito Santo, quando para lá se dirigem alegres romarias”.

Nas observações de estudiosos ficaram registradas diversas características importantes para o estudo em questão. SENNA comentou sobre este lugar em duas ocasiões – 1905 e 1909 – respectivamente:

"Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, mediana, situada mais perto do Rio das Mortes em um logar ameno no meio de um quadrilatero formado pelas casas de campo. O frontispício com duas torres é bonito, e o interior é de um aceio que reluz."

* * *

"O Bairro de Matosinhos, constituído num planalto entre a confluência do Ribeirão da Água Limpa, com o Rio das Mortes, em forma de um triângulo, cuja base se assenta sobre a frauda do outeiro do Lombão. Sua área deve ser aproximadamente de 2 milhões de metros quadrados. Matosinhos oferece proporções maravilhosas para aumentar no triplo, com vantagens inquestionáveis, o atual núcleo urbano de São João del-Rei."

CAPRI (1916) observou [6]: *"Mattosinhos constitue o bairro mais aprazível da cidade, banhado de um lado pelo riacho Água Limpa e do outro pelo caudaloso Rio das Mortes."*



Rio das Mortes visto entre o Pombal e a Colônia José Teodoro.

Notas e Créditos

* Fotografia: Iago C.S. Passarelli, 2013.

** Texto: Ulisses Passarelli

*** Para maiores informações sobre os autores citados, vide a postagem:

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] - **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1909. Ano 13. p. 590.

[2] - Pouco mais de 2,5 quilômetros. Há duas medidas da milha inglesa: 1.609,34 m e 1.524 m.

[3] - **Arauto de Minas**, n.6, 14/04/1877.

[4] - **Arauto de Minas**, n.7, 24/04/1881.

[5] - É uma referência à Guerra dos Emboabas, desenrolada nas minas entre 1707-9. Acreditou-se por muito tempo que o famoso “Capão da Traição” - onde se desenrolou o mais famoso episódio desta contenda - situava-se em Matosinhos. Sabe-se hoje que ficava na verdade na outra margem do rio a légua e meia de distância rumo norte, próximo ao povoado do Pombal. Outras correntes porém o localizam próximo ao povoado de Goiabeiras, no distrito são-joanense do Rio das Mortes, com episódios aguerridos em São Sebastião da Vitória (donde provém o nome Vitória) e no morro chamado Alto das Bandeirinhas, onde bandeiras teriam sido fincadas num dos episódios.

[6] - Friso o termo caudaloso como imagem de antanho. RUGENDAS (1979) afirmou que era navegável por grandes canoas. Na ilustração do bairro que pintou, vislumbra-se quão volumoso era o referido curso d’água. Consta na **Chorographia Mineira**, que era navegável por vinte léguas (120 km). Barcaças ou jangadas desciam o Rio das Mortes carregadas de lenha e a desembarcavam no Porto, próximo à ponte que liga S. João a Santa Cruz de Minas e daí seguiam os paus à cidade, em carros-de-boi, carroças e no lombo de animais cargueiros, via Matosinhos, para abastecer nossas cozinhas, no tempo que não havia

fogão a gás. Havia comércio de produtos no Porto Real da Passagem, sendo que uma casa antiga, já bem modificada situada do lado de Santa Cruz, servia de entreposto ou armazém, inclusive depósito de sal. GUIMARÃES (1988) escreveu: *"Houve, parece-nos que logo no início das atividades da Estrada de Ferro Oeste de Minas, navegação sistemática no Rio das Mortes, explorada pela mesma companhia, de um ponto que não conseguimos localizar, possivelmente a partir de Severiano de Resende até o Porto Real. Eram pequenos barcos a vapor rebocando chatas."* (Depois de citar as jangadas carregadas de lenha informa ainda): *"Há vestígios de tentativas de eliminação da Cachoeira do Pombal, possivelmente para a utilização do rio para a navegação."* Hoje poluidíssimo e muito assoreado, não passam por ele senão pequenas canoas. A sina triste do próprio nome se abateu sobre o rio.

Matosinhos: impressões diversas do século XIX

Este tópico reúne notícias avulsas e desconexas alusivas a Matosinhos durante os oitocentos.

O século XIX foi o tempo áureo do grande bairro. Seu território se encheu de chácaras vetustas e suas grandiosas festas tornaram-se célebres. Os viajantes estrangeiros testemunharam o viço dessa época. Os jornais noticiaram aspectos os mais diversos. Vejamos algumas notícias.

1- Notícias militares

CINTRA (1982) registrou o surgimento de uma unidade militar no bairro:

A 23-3-1802 Bernardo José de Lorena, Governador da Capitania de Minas, concedeu a Manoel Gomes de Almeida Coelho (faleceu a 28-9-1838) a patente de capitão da Cia. de Ordenança do Novo Distrito da Cappela do Senhor de Matozinhos, da Vila de São João del-Rei. Ingressou na Irmandade do SS. Sacramento a 12-6-1804. A mesma autoridade a 10-5-1802 nomeou para o posto de alferes do citado distrito Clementino José Ribeiro Carmo[1]. (grifei)

Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), a capela foi ponto de recepção de combatentes. A soldadesca ali pousava, se alimentava, assistia missa e seguia viagem.

2- Coronel Pamplona

Matosinhos tornou-se um lugar procurado para o lazer, o descanso e o tratamento de doenças que exigiam o repouso e o ar puro. Isso porque o local era considerado aprazível, bucólico. O Coronel Inácio Correia Pamplona (latifundiário, destruidor dos quilombos do oeste do estado e terceiro delator da Inconfidência Mineira), no fim de sua vida, mudou-se da Fazenda do Mendanha (em Lagoa Dourada) para Matosinhos, onde adquiriu uma chácara, em busca desse tão decantado sossego, já que estava com a saúde abalada [2]. Foi eleito imperador do Divino no ano de 1810. Nesse mesmo ano faleceu. Seu testamento está no arquivo regional do IPHAN, situado em São João del-Rei e contém um recibo de doação para o festejo do Espírito Santo, cujo teor é o seguinte:

Recibo dado ao Padre Inácio Correia Pamplona, referente à ajuda que seu pai deu à Festa do Divino do ano de 1810. Recebi do Sr. Reverendo Pe. Inácio Correia Pamplona, a quantia de cem mil réis que me deu por ordem do Sr. seu pai o Senhor Coronel Inácio Correia Pamplona, cuja quantia é a mesma, que o dito Sr. prometeu dar para a festa que fizemos do Espírito Santo em Mattosinhos em ano de 1810, quando o Sr. Coronel foi Imperador e eu Juiz. Por ser verdade faço o presente. São João, 13 de junho de 1810 – José Francisco Lopes.

O referido sacerdote, também foi testamenteiro de seu pai, de quem herdou grande fortuna, já que quatro de suas irmãs foram reclusas no Convento de Macaúbas e uma quinta casou.

Do seu testamento consta ainda outra doação de cem mil réis, desta feita destinada a se celebrar “25 missas a Nossa Senhora da Lapa, presente no altar do Senhor Bom Jesus de Mathosinhos”.

Registrhou CINTRA (1982), que em 1811 o padre supracitado dispôs da chácara que herdara do pai:

A 1-5-1811 o padre Pamplona Corte Real [filho do Cel. Inácio Correia Pamplona] vendeu u'a chácara grande, toda murada e valada, com terras de cultura, arvoredos e mais plantas, situada no Arraial de

Matozinhos da Água Limpa, “subúrbio de São João del-Rei”, à Maria Angélica de Sá Menezes, viúva do Cel. Carlos José da Silva, pais do Barão de Pouso Alto.

3- Um documento eclesiástico

A ligação entre o Estado e a Igreja que havia nesses tempos obrigava que, além das autorizações eclesiásticas, houvesse também as do poder público para as práticas religiosas. Não foi diferente aqui. Demorou, em virtude da burocracia, ainda onipresente. O Príncipe Regente Dom João VI, expediu em 27 de maio de 1811, um documento concedendo autorização aos devotos para que usassem a Capela do Bom Jesus de Matosinhos, dentro das regras do costume. Observe-se que a ordem eclesiástica já fora concedida em 1774 pelo Arcebispo Dom Bartolomeu [3].

4- Anúncio de venda de uma chácara

“Vende-se uma boa chacara situada no Arraial de Mattosinhos, quem a pretender dirija-se ao seu proprietario abaixo assignado. São João d'El-Rey 29 de Outubro de 1878. Luiz Dalle.” [4]

5- Inspiração literária

Em 1881 um jornal são-joanense publica no folhetim o conto novelesco intitulado “Morgadinha de Mattosinhos” [5].

6- O “lixão” já foi na área da Vila Nossa Senhora de Fátima (Grande Matosinhos)

O Código de Posturas aprovado em 1887 pela Câmara Municipal previa no seu capítulo XXVII, artigo 238 uma área do bairro para despejos “*de lixo e outra qualquer immundicie e enterramento de animais mortos e generos alimenticios corrompidos, nesta cidade, o campo que fica em triangulo na embocadura do Agua-Limpa no rio das Mortes*” (etc.) [6].

7- Casório

Fora das festas, pouco movimento havia no templo deste arrabalde. Casamentos eventualmente ali celebrados viravam notícias sociais [7]:

(...) “*realizou-se, na igreja de Mattosinhos, o casamento da Exma. Sra. D. Antonia Carolina Braga, filha do nosso distinto e nunca esquecido amigo Dr. Salathiel de Andrade Braga, com o sr. Francisco Pereira da Malta Laudares.*”

8- Festa em Matosinhos tira público do teatro

As festas eram mesmo o ponto alto do bairro. Foi anunciado pela imprensa, que o fracasso da estréia teatral da “Companhia de Zarzuellas e Japoneza”, em razão da falta de público no teatro, se deveu ao fato de que todos tinham descido para a afamada festa [8]: “*Como era de prever, foi a estréa desta companhia pouco concorrida após as concorridas festas em Mattosinhos, onde esteve esta cidade durante quatro dias e quatro noites*”.

9- Sutil

Em 1896 há um anúncio de venda da “Fazenda do Sutil”, pela Companhia Agrícola e Industrial Oeste de Minas. Media 143 alqueires (cerca de 710,4 hectares)[9]. Do negócio se excluíam os 10 alqueires nos quais se situavam uma caieira e a Casa da Pedra. Tal propriedade corresponde à atual povoação do Sutil, no distrito da sede, arrabalde de Matosinhos beirando a via férrea, jurisdição eclesiástica da paróquia de Matosinhos, comunidade do Bom Pastor [10].

10- Torre danificada

No ano de 1897 foi idealizada uma loteria para arrecadar fundos para reforma de uma das torres da igreja de Matosinhos. Seria para o dia 07 de janeiro mas por não terem sido vendidos todos os bilhetes, a extração foi adiada para 4 de abril. Ocorreu o sorteio da loteria no definitório da igreja do Carmo, sob os cuidados do tesoureiro Miguel Archanjo da Silva [11].

A 21 de maio de 1899, às 14 horas, no domingo de Pentecostes, reunia-se uma comissão no consistório da igreja de Matosinhos, sob a orientação do vigário padre João da Trindade, com destino a prestar contas dos reparos na torre direita daquele templo, *“que ruiu há tempos, por occasião de lamentavel desastre”*. A lisura dos números apresentados foi muito elogiada. Os cabeças da dita comissão foram: José Justino Silva, Francisco Leopoldo das Chagas e Paulo Evangelista de Magalhães [12].

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

- [1] - No século XVIII as companhias de ordenança habitualmente se estabeleciam nos locais de mineração. Era uma forma de se vigiar a atividade tão valiosa para a metrópole.
- [2] - Segundo HENRIQUES (2003) seria a Chácara Palestina, *“comprada do Capitão João Batista Machado por 700\$000 em 1808, e outra unida a esta, que arrematou dos órfãos de D. Joaquina Leocádia, onde o Coronel Pamplona investiu em muitas obras, usando seus escravos.”*
- [3] - Fotografia deste documento veio a público durante a exposição sobre a história da devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, durante o seu jubileu em 2003, no Centro Social e Cultural da Paróquia. Foi organizada pelo artista sacro Osni Paiva, grande estudioso e defensor da cultura e história da cidade e especialmente deste bairro.
- [4] - **Arauto de Minas**, n. 33, 24/11/1878.
- [5] - **Tribuna do Povo**, n. 15, 17/07/1881 a n. 18, 07/08/1881.
- [6] - VENÂNCIO, Renato Pinto, ARAÚJO, Maria Marta (org.). **São João del-Rey**: uma cidade no Império. Belo Horizonte: SEC / Arquivo Público Mineiro, 2007. p. 180.
- [7] - **Gazeta Mineira**, n.59, 27/10/1884.
- [8] - **O Resistente**, n.55, 30/05/1896.
- [9] - Alqueire, segundo AULETE (1978) é uma medida agrária usada no Brasil, de valores variáveis conforme a região: 48.400 m² (na prática 48.000) em Minas, Goiás e Rio, sendo conhecido por “alqueire mineiro”; em São Paulo, 24.200 m² (na prática 24.000), o conhecido “alqueire paulista”, e no norte a medida é 27.225 m².
- [10] - **O Resistente**, n.54, 21/05/1896.
- [11] - **O Resistente**, n.72, 07/01/1897; n.83, 11/03/1897 e n.85, 08/04/1897.
- [12] - **S. João d’El-Rey**, n.19, 27/05/1899.

Alguns comentários acerca de Matosinhos

Mostra-nos a história, que Matosinhos era um lugar especial para a população são-joanense, uma espécie de refúgio aprazível, repleto de pomares, jardins, alamedas, incrustados em variadas chácaras e casas de campo, muito elogiadas pela beleza, qualidade do ar e pelo aspecto pitoresco. Diziam que era a nossa Petrópolis, em comparação à cidade fluminense onde se refugiavam os cariocas – até a família imperial – quando queriam o sossego do interior. Fora as chácaras, só havia a igreja. E no mais era a natureza.

Calmo e pacato era o bairro, então dito arrabalde, arraial, aldeia, povoação, povoado. São João del-Rei era uma pequena cidade, restrita ao atual centro histórico indo muito pouco além, com algumas casas espalhadas. Da cidade a Matosinhos era só mato. O caminho antiquíssimo, aberto pelos índios e seguido e alargado pelas bandeiras era pelo Matola (Rua Padre Sacramento). O caminho da Rua Antônio Rocha veio bem mais tarde, após a construção da linha férrea (inaugurada em 1881). Adentrava no bairro pela atual Rua Bernardo Guimarães, após atravessar o Ribeirão da Água Limpa.

As festas animadíssimas e tão concorridas atraíam a população que lotava o bairro a ponto de esvaziar a cidade, provam muitas citações de jornais daquele tempo.

Estas características marcaram época. Viajantes estrangeiros registraram suas impressões em crônicas de relatos. Poetas, jornalistas e estudiosos legaram observações interessantes para a posteridade sobre o bairro afamado. Esses informes são hoje valiosas fontes de pesquisa histórica, social e folclórica.

Os oitocentos se encerram com o catolicismo dominando, tradicionalista, ainda de cunho colonial, embora oficialmente já se estivesse numa república. A maior preocupação da Igreja então era combater maçons, protestantes e espíritas, tidos como seres quase demoníacos na época. Preocupava-se em zelar sempre pelos dogmas de sua fé católica [1]. A romanização já começara, ainda lenta, mas imperativa em seus objetivos. Jadir de Moraes Pessoa observou com perspicácia (p.34-5) [2]:

"Tratava-se de um disciplinamento das práticas católicas, especialmente as disseminadas nas vilas e lugarejos distantes dos olhos do clero. Isso possibilitou que muitos analistas considerassem os atos litúrgicos e inclusive as festas criadas e dirigidas ao povo por esses espaços e agentes eclesiásticos como ações destinadas ao ensino e à manutenção da ordem. Todo um compêndio teológico, dogmático, doutrinário e moral deveria ser aí difundido e infundido nos fiéis que, em princípio e formalmente, não lhe opuseram resistência nem o renegaram."

A Igreja combateu o racionalismo e a secularização dos costumes, acentuando-se tais discursos com a separação Igreja-Estado. O século XIX concluiu-se ainda assim com a tradição católica persistindo imperativa.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - Cf.: NASCIMENTO, Sílvio Firmino do, Padre. O tradicionalismo católico em Minas no final do século XIX. Jornal de Minas, São João del-Rei, n.40, jul. / 2004.

[2] - Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular. Goiânia: UCG / Kelps, 2005. 94p.

A Chegada da Maria Fumaça

A ferrovia foi um progresso incomensurável por toda parte, unindo regiões antes inimagináveis.

A terceira ferrovia construída no país foi a Dom Pedro II, inaugurada em 29/03/1858, no Rio de Janeiro, com 48,2 km iniciais, bitola de 1,60 m. Passou mais tarde por várias ampliações de trajeto e chegou a Minas Gerais.

Uma lei estadual, a nº 1.914, de 19/07/1872, contemplava a possibilidade de uma ligação ferroviária entre a cidade de São João del-Rei e a supracitada D. Pedro II. Mas se desvalidou sem efetivação.

Surgiu outra lei do Estado, a nº 1.892, de 11/11/1873, prevendo uma ligação por via férrea de algum ponto da ferrovia D. Pedro II para rumo oeste atingir um trecho naveável do Rio Grande e do término deste, de novo rumo oeste, até as fronteiras do Estado (então chamado província). Esta lei nos favoreceu pois São João del-Rei estava na direção pretendida.

Posteriormente, revogou-a outra lei do Estado, a de nº 2.398, de 05/11/1877, que favorecia a criação do trecho férreo até São João del-Rei.

Com este respaldo, logo formou-se uma sociedade anônima nesta cidade, sob os auspícios dos empreendedores Luiz Augusto de Oliveira e José de Resende Teixeira, que conseguiram a concessão com o privilégio de 50 anos. Em 02/02/1878 estava criada a Cia. Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), dirigida pelo Dr. Aureliano Martins de Carvalho Mourão (presidente), José da Costa Rodrigues (secretário) e Antônio José Dias Bastos (tesoureiro). Graças a eles e aos acionistas populares, conseguiu-se levantar considerável soma em dinheiro, não todo porém. Mas tendo baixado bastante o custo/quilômetro (o menor até então alcançado) e reduzindo a bitola para 76cm (carinhosamente apelidada de bitolinha), foi assim possível iniciar as obras em junho seguinte. José Cláudio Henriques fez justiça a esses acionistas considerando-os patriotas [1].

A notável figura de Aureliano Mourão nunca poderá deixar de ser frisada nesse processo. Era advogado e tinha escritório em São João del-Rei à Rua da Prata (atual Padre José Maria), nº 7 [2]. Foi Imperador do Divino neste cidade, no ano de 1892.

A fiscalização das primeiras obras coube ao engenheiro Paulo Freitas de Sá.

O primeiro trecho ia de Sítio (atual Antônio Carlos – Km 0 da EFOM, entroncamento com a D. Pedro II) até Barroso. Tinha 49 km. Foi inaugurado em 30/09/1880 e logo iniciou o tráfego. Entre Sítio e Barroso só havia então uma unidade telegráfica, estabelecida em Ilhéus.

Continuaram as obras rumo a São João del-Rei já inauguradas no ano seguinte, com a presença do próprio Dom Pedro II. Neste segundo trecho só havia então a estação de Tiradentes (ex São José del-Rei) e o posto telegráfico do Morro Redondo. Mais tarde surgem outras estações e paradas.

Em 24/08/1885, a companhia obtém concessão para estender os trilhos até Oliveira com ramificação para Ribeirão Vermelho. As obras iniciaram em julho do ano seguinte. A velocidade do trabalho braçal foi extraordinária. Não se dispunha de tratores ou caminhões, senão ferramentas manuais, carroças, zorras e carros-de-boi. Machados, picaretas, enxadas, tração animal e a força do braço, abriram caminho sertão adentro. Derrubando árvores, retirando rochas das pedreiras, terraplenando, erguendo pontilhões, arrimando, fazendo estações, assentando dormentes e trilhos, já em 31/10/1887 inaugurava-se a estação de Oliveira. No 14 de abril seguinte inaugurava-se a de Ribeirão Vermelho.

Outra concessão, de 27/12/1888, autorizada pela lei mineira 3.648, de 1º de setembro daquele ano, possibilitou nova extensão da via. Deveria ir ao Alto Rio São Francisco, na barra ou imediações do Rio Jacaré e conter um ramal para Itapecerica. Iniciaram os trabalhos. Pelas tantas, a companhia conseguiu alterar a concessão esticando-a até a confluência do Rio Paraopeba com o Rio São Francisco e aí fundou-se a estação de Barra do Paraopeba em 10/02/1894, km 602 da bitolinha e seu ponto final. Pretendia a EFOM explorar navegação no São Francisco.

Sobre navegação aliás, o que se sabe com certeza é que houve em 208 km do Rio Grande, alcançada pela ferrovia em Ribeirão Vermelho, entroncamento ferroviário importante e ponto de partida da navegação fluvial a vapor, rumo sudoeste, até Capitinga, acima da Cachoeira de Furnas [3].

A EFOM continuou ampliando sua extensão, noutra bitola (1 metro). Mas está circunscrito para este texto apenas o assunto da bitolinha (distância entre trilhos de 76 cm), motivo pelo qual não se irá enveredar nesse outro histórico.



Maria Fumaça nos fundos de Matosinhos.

Em dois textos, Bruno Nascimento Campos abordou a inter-relação entre a expansão das atividades econômicas do final do período oitocentista, a fixação dos imigrantes e a chegada do trem, considerando ainda a conotação política que a ferrovia alcançou, enquanto emblema do progresso [4].

Após várias mudanças administrativas a bitolinha ficou reduzida a 12 km, de função turística, entre São João del-Rei e Tiradentes. No mais foi erradicada, o que, sob qualquer espécie de alegação é injustificável.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotografia: Iago C.S. Passarelli, dez.2012

[1] - **O Grande Matosinhos**, n. 11, set./2000.

[2] - **Arauto de Minas**, n. 6, 13/04/1883

[3] - Com os seguintes portos intermediários: Congonhal, Ferreiros, Jacaré e Osório.

[4] - A imigração e a Oeste de Minas em São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 12, 2007.

A apropriação do trem: luta política em periódicos são-jonenses (1878-1889). Idem.

Ferrovia em Matosinhos

A chegada do trem a São João del-Rei (vindo de Antônio Carlos, ex-Sítio) se dava por Matosinhos, único trecho ao qual vou me ater para os interesses deste texto. Passava a via férrea a princípio, em trajeto diferente do atual: de súbito, abandonava a margem do Rio das Mortes, à altura aproximada da ilha que existe acima do Porto Real da Passagem [1], fletindo à esquerda e pelo platô do bairro, passava atrás da igreja uns 300 a 400 metros, aproximadamente, em diagonal, até alcançar o Ribeirão da Água Limpa, o qual atravessava no mesmo pontilhão atual. Daí para frente era como ainda hoje. Esse antigo itinerário corresponde à atual Rua Amaral Gurgel, que surgiu no leito da ferrovia após a retirada dos trilhos. Por isto ficou conhecida por “Linha Velha”, nome que até hoje persiste.

Na Rua Amaral Gurgel ainda existia até a poucos anos, a casa que serviu de parada ferroviária, mas foi demolida nesta década. Segundo consta por via oral, também existe a que era do guarda-chaves, embora já hoje de aspecto modificado. Tal rua conserva ainda o traçado irregular, tortuoso, característico do antigo trecho férreo. Sua parte final ficou apelidada em meados do século XX, de “Beco do Jalão”, devido à grande quantidade ali existente de jalão, jambolão, jambolano, jamboleiro ou jamelão (**Eugenia jambolana**), árvore mirtácea, plantada nos arredores, produzindo fruto comestível, roxo, agridoce e adstringente.

Uma citação deixa a entender que já nesta época (fim do século XIX) havia em Matosinhos pontos de parada do trem [2]: “não há quem ponha em dúvida o grande melhoramento que significam os trens suburbanos entre esta cidade e a de Tiradentes, com estações (sic) na Água Limpa, Matosinhos e Casa da Pedra.” Não eram bem estações mas sim paradas. A da Água Limpa ficava na cabeceira do pontilhão sobre o ribeirão homônimo, do lado do bairro. Sabe-se que em tempos recuados teve um ramal daí até a olaria que existe mais acima, junto à Avenida Santos Dumont. A da Casa da Pedra ficava muito além, já quase no Rio Elvas. Nela se embarcava calcário. Da plataforma de embarque só restam as ruínas no meio do mato.

Matosinhos assistiu à festiva passagem das tropas que se dirigiam para a nova Linha de Tiro da Colônia do Marçal (situava-se na encosta do morro onde hoje está o Recreio das Alterosas). A inauguração foi a 1º de janeiro de 1908 [3]: “Da estação desta cidade largou um comboio especial para o subúrbio de Mattozinhos, conduzindo o Cel. Carlos F. de Mesquita, grande numero de officiaes do 28º batalhão, convidados civis e a excellente fanfarra do 28º. De Mattozinhos á linha fez-se o transporte em carruagens e cavallos”.

A partir de 1908 surgem mudanças significativas. A partir da linha em questão é construído o “Ramal de Matosinhos”, que dela partia em curta extensão, terminando numa edificação de parada ferroviária construída bem diante da atual Estação Chagas Dória. Em 25/05/1908 foi inaugurada essa segunda Parada de Matosinhos, já a muitos anos demolida e da qual somente resta uma plataforma de pedra como lembrança. No ato da inauguração, o primeiro trem partiu de S. João às 11 h 45 min trazendo autoridades e a diretoria da estrada de ferro. Logo a seguir vieram várias outras composições, franqueadas ao povo, trazendo os são-joanenses para a inauguração. O Dr. Chagas Dória através da Câmara Municipal fez expedir diversos convites às autoridades e à imprensa. A estrada de terra ligando a cidade ao arraial foi reparada, inclusive a Ponte da Água Limpa, para maior facilidade dos que não viam trem. A parada estava “garridamente enfeitada, onde tocavam as bandas do 28º Batalhão e dos Operários da Oeste”. Foi lavrada uma ata e lida pelo secretário da estrada, Capitão Leopoldo Araújo. A bênção foi dada pelo Padre Gustavo Ernesto Coelho “sendo depois cantado na igreja um solemne Te-Deum”. A câmara serviu aos convidados uma mesa de doces na estação. Houve vários discursos [4].

Apenas oito dias depois da inauguração seu nome foi alterado para Chagas Dória [5].

No outro mês os vereadores são-joanenses solicitaram da diretoria ferroviária a construção de um ramal interligando Matosinhos às Águas Santas. Para sua obra, a partir do pontilhão da Água Limpa, foram postos novos trilhos e todo o trecho férreo contido no bairro foi retificado. A partir do pontilhão, a linha assumiu uma reta, passando em frente à igreja, para uns 300 metros abaixo, virar à direita e noutra reta seguir a Tiradentes. É o trajeto ainda hoje mantido. Foi construída uma estação junto ao largo da igreja. Com isto a parada de 1908 ficou abandonada e virou residência e enfim a linha do primeiro itinerário foi erradicada, surgindo em seu lugar a via Amaral Gurgel, como já referido. A inauguração da nova se deu em 21/03/1910.

Mas com apenas um ano o crescimento surpreendente de Matosinhos exigia uma estação ainda maior. Uma remodelação inaugurada em 15/04/1911 a transformou naquela que chegou aos nossos dias. Está a 856 metros de altitude e sua posição quilométrica original era 96,432 [6].

Portanto, recapitulando, houve em Matosinhos uma primeira parada na linha velha, na atual Rua Amaral Gurgel, até 1908; uma segunda inaugurada em 25 de maio daquele ano, em frente a atual Chagas Dória; em 1910 a terceira construção, a estação propriamente dita, exatamente onde se encontra hoje; e uma quarta inauguração, em 1911, a partir de remodelação daquela de 1910 e que até nossos dias.

A atividade em Chagas Dória foi muito grande e já um ano depois de inaugurada, tinha nada menos que cinco horários de viagem nos dias úteis e oito aos domingos, feriados e dias santos, atesta HENRIQUES (2003). Contudo, o crescimento na demanda de passageiros de tão acentuado, induziu ao acréscimo de novos horários em 1912, passando para sete por dia [7]: “*partida dos trens de S. João d’El-Rey – Mattosinhos – 6,15; 10,00; 11,30; 2,00; 5,00; 5,40; 8,30.*”

Para se ter uma ideia de sua importância (e do movimento por ocasião das festas), basta este impressionante e curioso relato [8]:

“Por occasião da festa de Mattosinhos, correram 148 especiaes, entre esta cidade e aquelle bairro, os quaes transportaram 23.124 passageiros, rendendo 3:468\$600, não havendo nenhum acidente, sendo a primeira vez que os carros desses trens trafegaram illuminados á electricidade, inclusive os bonds.”

A parada ferroviária de Chagas Dória alcançou tamanha relevância, que sugestionou ainda em 1908 a troca da antiga denominação de Largo de Matosinhos (nome que vinha desde os tempos coloniais), para Praça Dr. Chagas Dória [9] (hoje Praça Senhor Bom Jesus de Matosinhos). Mais tarde, nas décadas de 1940 e 1950 era comum chamar-se ao próprio Matosinhos de Bairro Chagas Dória. Ainda na década de 1960, essa estação tinha documentadamente intensa atividade de carregamento de minério.

No aspecto social, em meados do século XX, a estação de Chagas Dória graças à sua grande movimentação ferroviária, era ponto de concentração de vendedores ambulantes. No mais muita gente das redondezas vinha a ela para assistir às passagens dos trens e manobras e além disso era local de namoro, já que as moças vinham em peso à plataforma e os rapazes vinham atraídos por elas [10].



Estação de Chagas Dória em 1998, vendo-se na frente o acréscimo, que foi demolido na reforma de 2005.

Das duas linhas remanescentes apenas uma é usada, a que beira a Rua Elói Reis. A que margeia as casas da Rua Bernardo Guimarães com fundo para a linha está abandonada.

O uso efetivo da estação estava encerrado na década de 1970. Daí para frente, até 1984, apenas paradas eventuais e os trens especiais que serviam ao Jubileu da Santíssima Trindade em Tiradentes, paravam em Chagas Dória para desembarque.

O grande movimento da estação para passageiros e cargas se transfigurou em invasões de mendigos, sujeira e local de atos ilegais ou moralmente condenáveis. O telhado esteve caindo e foi alvo de muitas pedradas vandálicas; um acréscimo descaracterizador foi feito para servir de moradia. A ASMAT (Associação de Moradores do Grande Matosinhos) lançou importantíssimo projeto de restauração do monumento, sob a competência da arquiteta Zuleika Teixeira Lombardi, em março de 2000, como se pode ver nas páginas de “O Grande Matosinhos”, em diversas edições, emitindo apelos em prol da dita reforma. Mas apesar dos esforços da ASMAT, sobretudo de seu então Presidente, José Cláudio Henriques, o projeto não se efetivou e a estação continuou largada e depois foi cercada por um alambrado (por volta de 2003, 2004) que tentava impedir a entrada de invasores. A gaiatice popular não tardou a apelidar “Granja Chagas Dória”, pois ficou com aparência de galinheiro.

A reforma só viria em 2005, pela própria Ferrovia Centro-Atlântica. Logo a princípio ali funcionou a Polícia Militar. Felizmente a estação ficou bem preservada, mas ora vazia e sem utilização caminha de novo para a degradação.

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

[1] - Para uma referência atual, esse ponto de mudança de direção, ficava nos fundos do atual conjunto residencial INOCOP, entre este e o Colégio Polivalente (Escola Estadual Governador Milton Campos).

[2] - **O Resistente**, n. 81, 11/03/1897.

[3] - **A Opinião**, n. 53, 04/01/1908.

[4] - **A Opinião**, n. 91, 20/05/1908; n. 92, 23/05/1908; n. 93, 27/05/1908.

[5] - O nome que recebeu foi uma homenagem ao Dr. Francisco Manoel das Chagas Dória, afamado diretor local da EFOM. Seus esforços garantiram em absoluto a construção dessa parada e mais tarde da estação, bem como do ramal das Águas Santas.

[6] - **PRONTUÁRIO GERAL DAS ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS**: 1945. 2.ed. Belo Horizonte: Dep. de Estatística, 1947.

[7] - **A Opinião**, 11/02/1912.

[8] - **A Tribuna**, n. 46, 30/05/1915.

[9] - Segundo decisão da Câmara Municipal datada de 27 de maio de 1908 que resolveu também ajardiná-la. Fonte: **A Opinião**, n. 94, 30/05/1908.

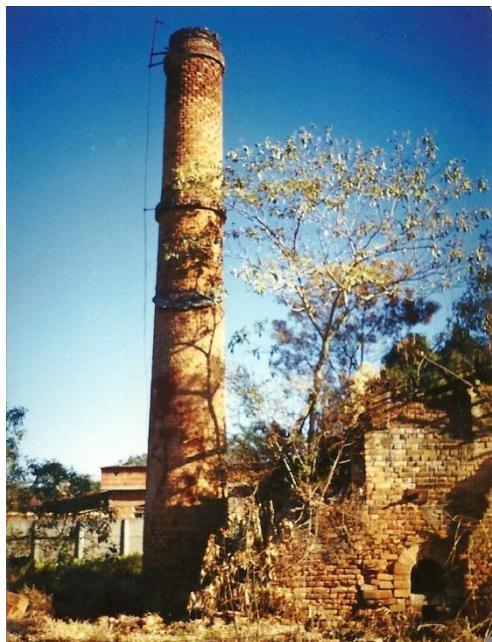
[10] - Informação pessoal de Nelson Domingos de Abreu, 27/07/2008.

Trenzinho das Águas: Ramal das Águas Santas

Em 1910 foram assentados os trilhos do ramal das Águas Santas, imediatamente à direita da linha atual. A plataforma de embarque, em pedra, ainda pode ser vista, ladeando a Rua Elói Reis. Uma casinha de guarda-chaves havia em frente à igreja velha, ambas demolidas. Exatamente na curva que existe ao fim da reta que passa diante da igreja, a linha desse ramal partia rumo ao Rio das Mortes. Através de um pontilhão atravessava o rio. Pela Vargem do Marçal, rumava para seu destino. Passava ao lado da atual Cooperativa de Produtores de Leite (antigo e popular “Bezerrão”), junto ao auto-posto de abastecimento que ali existe, cruzava a atual Avenida 31 de Março a nível de seu trevo e corria ao longo de toda a atual Rua Monsenhor Silvestre de Castro e Rua Américo Deodoro Briguenti (formadas sobre o leito dos trilhos retirados), ia até a Colônia do Giarola e ao chegar em César de Pina, virava à direita e aí havia uma estação. Desta ia rumo ao famoso balneário de águas de propriedades medicinais, radiativas e magnesianas, que ajudam no tratamento de doenças. O trem parava em alguns lugares, servindo à população de migrantes italianos. Segundo o Prontuário de Estações (*op.cit.*) eram as seguintes paradas e estações:

paradas / estações	quilometragem	inauguração
Várzea do Marçal (estrada) – parada	98,000	14/11/1923
Colônia (estrada) – parada	100,149	21/08/1911
Giarola (estrada) – parada	102,108	21/08/1911
César de Pina – estação	104,945	12/10/1923
Chacrinha (estrada) – parada	108,000	21/08/1911
Águas Santas – estação	108,237	21/08/1911

Na Colônia a parada era junto à cerâmica que ali existia[1], próximo à Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.



Chaminé da cerâmica da Colônia, em agosto de 2004.

No Giarola a parada ficava próxima à Capela de Nossa Senhora das Mercês, construída pelo sr. Luigi Giarola [2].

Não apurei datas, mas é comentado que nesse Ramal das Águas, logo após o pontilhão sobre o rio, havia entroncamento do qual saía sub-ramal, até o sopé do Morro do Cascalho, em Santa Cruz de Minas, passando próximo à atual escola da Fundação Bradesco, nas imediações do antigo Campo de Aviação. Sua função era carrear cascalho – fruto das inúmeras escavações auríferas ali realizadas nos setecentos, sobretudo pelos escravos do célebre Marçal Casado Rotier, trabalho perpetuado nas cascalheiras ainda visíveis. Esse cascalho era usado para assentamento dos dormentes.

Idealizou-se fazer um prolongamento do ramal das Águas Santas até Entre Rios de Minas, passando pelo Ribeirão do Mosquito e Lagoa Dourada, mas essa ideia não progrediu [3].

As fortes chuvas de 1911 desarranjaram as estruturas da via férrea desse ramal, que até a execução dos reparos, correu só até o Giarola [4].

Mudanças no horário do ramal das Águas Santas, determinadas para iniciarem a partir de 08 de março de 1915, também aboliram os trens Chagas Dória-São João, deixando para servir ao bairro, apenas os de Águas Santas-São João, causando o descontentamento dos usuários. Moradores de Matosinhos solicitaram então ao diretor da EFOM, Dr. Agostinho Porto, que restabelecesse os trens que haviam sido suprimidos, pois só os das Águas Santas não bastavam ao bairro. O texto interessa ser transscrito pois

retrata a fisionomia do bairro à época [5]: “*Mattosinhos desenvolve-se extraordinariamente. Ali reside grande numero de familias. A pitoresca localidade está se tornando um ponto chic de S. João. Sob o ponto de vista comercial e industrial o seu desenvolvimento então é enorme*”.



Dr. Agostinho Porto, em fotografia de data e autor não identificados, publicada no jornal são-joanense A Tribuna, n.147, 29/04/1917.

Comenta a nota, que o comércio local movimentara no mês anterior, quantia superior a um conto (um milhão de réis), muito devendo neste sentido, ao “*inteligente comerciante, sr. Fidélis Guimarães, que ali movimenta diversas indústrias*” [6]. Ao que parece o diretor da ferrovia atendeu ao pedido desfazendo o erro. Sua popularidade cresceu, ou talvez, para refazê-la, promoveram uma animada festa em sua homenagem em Matosinhos, no Athletic Club, já no mês seguinte[7].

O “Trenzinho das Águas” como ficou conhecido marcou época, e seus horários, assinalados pelo silvo saudoso das locomotivas, que serviam igualmente a Matosinhos, era como um relógio para a população e tinha um charme único. A ignorância e o descaso fizeram com que fosse todo esse ramal desativado em 1963 e erradicado em 1965, segundo informações orais. Muitos em São João ainda suspiram de saudades. A pouco em Matosinhos ainda se via vestígios do lugar que se assentava seus trilhos, mas um aterro recente os encobriu. No barranco do rio ainda se vêem os sinais do pontilhão e dentro das águas os troncos que o sustentavam (o pesqueiro local ficou por isso conhecido por “**Tocos**”). Outros sinais estão no começo da Avenida 31 de Março, entre o trevo e a “Ponte do Bezerrão” avista-se na vargem a elevação do lastro da linha férrea. A alguns anos parte do trecho erradicado, convertido em rua, no Giarola, foi fechado, o que gerou grande confusão entre os moradores locais, pois era de servidão pública[8]. Poucos sinais restaram hoje. A estação das Águas foi demolida e a de César de Pina está arruinada.



Tocos: vestígios do pontilhão do “Trenzinho das Águas” no leito do Rio das Mortes.

Notas e Créditos

* Texto e fotos: Ulisses Passarelli

** Sobre este ramal ver: Trem das Águas Santas. Ferrovia Oeste de Minas; memória e história. 2.ed. São João del-Rei: Vitral Bureau Cultural, 2014. DVD.

[1] - Informações orais coligidas por Francisco José de Rezende Frazão, que gentilmente me transmitiu e a quem agradeço, dão conta de que o dono da cerâmica era o sr. César Briguentti Neto (conhecido por “Cesário”); o administrador o sr. Américo Deodoro Briguentti e o mestre-ceramista o sr. Alfredo Tortieri, que plausivelmente orientou sua construção, pois era experiente no assunto, tendo inclusive construído uma cerâmica em Juiz de Fora.

[2] - Luigi Giarola era o administrador do núcleo colonial. A seu respeito ver: OLIVEIRA, Jorge Silva de. **A imigração italiana e a família Carazza em São João del-Rei**. Governador Valadares: Valadares, 2000.

[3] - **A Opinião**, nº ilegível, 03/09/1910.

[4] - **A Opinião**, n. 119, 17/12/1911.

[5] - **A Tribuna**, n. 34, 07/03/1915.

[6] - **A Tribuna**, n. 40, 18/04/1915.

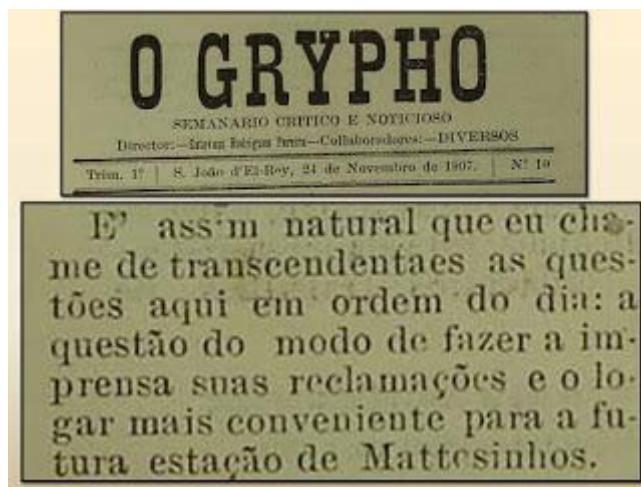
[7] - **A Tribuna**, n. 45, 23/05/1915.

[8] - **Jornal de São João del Rey**, n. 142, 29/10/1989.

A Oeste de Minas e Matosinhos

Os antigos jornais de São João del-Rei do fim do século XIX e começo do seguinte estão cheios de notícias sobre a Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM). Como ela foi fundamental ao progresso da região, nada mais natural que chamassem a atenção da imprensa da época e que fosse um elemento social importante. Neste contexto tudo que envolvia a ferrovia era o centro das atenções.

Em Matosinhos não foi diferente. Sendo o mais próspero e querido subúrbio da cidade, a crescente evolução obrigou ao surgimento da estação própria, mas não sem polêmicas quanto à localização, como se deduz pelo fragmento jornalístico abaixo:



"(...) É assim natural que eu chame de trancendentaes as questões aqui em ordem do dia: a questão do modo de fazer a imprensa suas reclamações e o logar mais conveniente para a futura estação de Mattosinhos. (...) " (O Grypho, n.10, 24/11/1907)

A ferrovia tinha uma imensa demanda a cumprir. Além do movimento normal de passageiros e cargas, em outras ocasiões não cotidianas a sua administração era cobrada pela população, afoita por um apoio, a exemplo da atividade esportiva abaixo citada pelo hebdomadário:



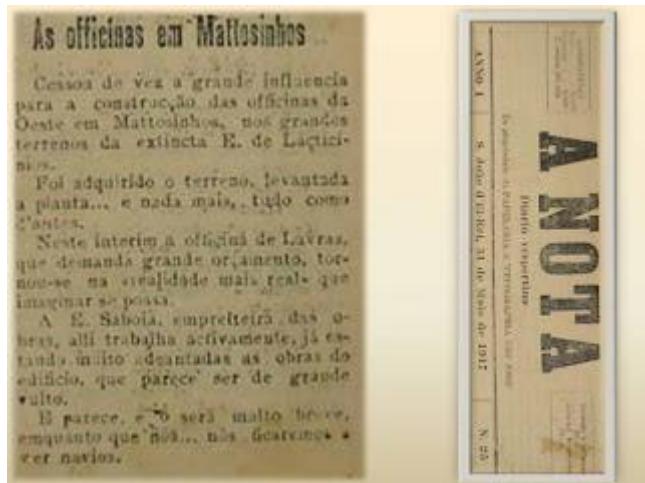
"Com a Oeste. No último domingo, com a realização do torneio iráceo da A.S.E.A. no campo do Athletic, em Matosinhos, foi pedida á estação local uma composição especial para transporte dos que lá desejassem ir, mas isso foi negado... por falta de carros. Nós desejavamos saber onde foram parar os carros... só para informar, é claro." (Folha Nova, n.10, 08/05/1932)

E nas atividades festivas tinha a empresa de se desdobrar. Nas pesquisas hemerográficas um grande número de referências se fazem claras e irrefutáveis, no sentido de provar o formidável movimento de composições ferroviárias entre a cidade e Matosinhos, como pode ser lido neste blog (ver o post [Transcrições hemerográficas](#)). Em 1917 o expressivo número de 154 trens (ver o post [EFOM: algumas glórias do passado](#)) foi registrado para festas anuais de Pentecostes e da excelência do serviço prestado a nota abaixo nos dá conta:



"A Oeste brilhou. O serviço de trens durante os festejos de Matosinhos esteve irreprehensível. Não houve um desastre, um inconveniente, uma reclamação só, que viesse turvar a boa marcha do serviço que foi delineado por mão de quem conhece, a valer, o "metier" do movimento. Ao sr. Pinto da Silva, inspector do Movimento é que o povo deve irreprehensível serviço de trens, durante os dias de festa em Matosinhos. Cabe também ao Movimento, repartição afecta ao Trafego, as nossas felicitações. Ao sr. Carlos Senna, inspector do 1º Distrito que também eficazmente colaborou no serviço de trens, aos srs. condutores, emfim, ao Trafego, apresentamos nossas felicitações pelo exemplar e correcto serviço." (A Nota, n.24, 30/05/1917).

Porém, mais que tudo isto, denota a grande importância de Matosinhos para o contexto de São João del-Rei, o saber, pelo recorte seguinte, que o grande bairro foi alvo de um planejamento da EFOM, para a instalação de oficinas ferroviárias, chegando-se a adquirir para tanto o terreno antes pertencente à [Escola de Laticínios](#):



"As officinas em Mattosinhos. Cessou de vez a grande influencia para a construcção das officinas da Oeste em Mattosinhos, nos grandes terrenos da exticta E. de Laticinios. Foi adquirido o terreno, levantada a planta... e nada mais, tudo como d'antes. Neste interim a officina de Lavras, que demanda grande orçamento, tornou-se na realidade mais real que imaginar se possa. A E. Saboia, empreiteira das obras, alli trabalha activamente, já estando muito adeantadas as obras do edificio, que parece ser de grande vulto. E parece, e o será, muito breve, enquanto que nós... ficaremos a ver navios." (A Nota, n.25, 31/05/1917)

Estas notícias de outrora são reveladoras da importância do bairro-cidade para São João del-Rei e da ferrovia para o contexto da época. Simples notas como as acima selecionadas, pinçadas ao acaso na poeira de um glorioso passado, nos revelam por fim que as pesquisas tem de continuar, qual a ferramenta de um arqueólogo, a nos revelar relíquias de antanho.

Notas e Créditos

* Foto-montagens e texto: Ulisses Passarelli.

** Obs.: nas transcrições foi respeitada a grafia de época.

*** Fonte de consulta hemerográfica: site da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida](#).

Pavilhão do Bicentenário

O “Pavilhão do Bicentenário” (dito **Pavilhão de Matosinhos**, alcunhado Capitólio ou Castelo) foi construído em 1913 em imponente estilo mourisco, no local onde hoje se situa o SENAI, na Praça do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Foi feito em comemoração aos duzentos anos de elevação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar à categoria de vila, com o nome de São João del-Rei. Objetivava sediar uma exposição permanente de nossa atividade industrial e comercial. As obras iniciaram comentando-se que [1]:

"No pittoresco arrabalde de Mattosinhos, começaram no dia 13 do andante, os trabalhos da Exposição, que a commissão central, composta dos srs. Carlos Guedes, Alberto Bastos e João Viegas, pretende apresentar aos nossos visitantes, por occasião do bi-centenário de S. João d'El-Rey." (Etc.)

O prédio tinha arquitetura arrojada para a época e trouxe dificuldades técnicas [2]: *"os trabalhadores do pavilhão de Mattozinhos queixam-se da falta de um feitor ou mestre que conheça o serviço."*

Na inauguração houve grande festa a 14 de julho, atraindo enorme multidão e é claro, os políticos influentes na época [3]:

"A esphera da cupola foi então collocada pelo snr. Dr. Augusto Pestana, Director da E. F. Oeste, o qual subiu ao andaime até o ponto elevado a 25 metros do solo, em companhia do membro da Comissão, snr. Carlos Guedes (...) No momento da collocação da esphera subiram as girandolas de foguetes e a musica do 51 de Caçadores, gentilmente cedida pelo seu distincto commandante, Coronel Dr. Eduardo Socrates, executou um bellissimo dobrado."

Discursaram: Sebastião Sette (pelo povo), Odilon de Andrade (prefeito), Dr. Pestana (diretor da estrada de ferro), Augusto Viegas (Vice-presidente da Câmara Municipal), Carlos Guedes (pela comissão encarregada da construção) e o Cel. Severiano de Rezende.



*Pavilhão de Matosinhos.
Foto: autor e data não identificados.*

Mas como nem tudo são maravilhas, houve críticas. A construção foi considerada por demais dispendiosa e no mais, houve atraso no seu cronograma, não tendo ficado pronta a tempo do bicentenário, só sendo inaugurada no ano seguinte.

O mais sério contudo é que a construção ficou ociosa, com eventual uso provisório e indigno por sinal, como, ocupada por bancas de jogos de azar nas festas do bairro.

Em 1923 passou por melhorias que empolgaram. Mas o plano geral não parece ter ido adiante [4]:

"A nossa municipalidade levou a effeito os concertos necessarios no Pavilhão de Chagas Doria, onde foram fechadas todas as portas e limpas todas as suas dependencias. O grande predio apresenta agora garboso aspecto. Conforme já noticiamos, nele, dentre em breve, funcionarão, no pavimento superior, um laboratorio de analyses de terras e um mostruario de productos agricolas, servindo o rés do chão para deposito de machinas destinadas á laboura, dependencias essas do Ministerio da Agricultura, ao qual será entregue, dentro em breve, aquelle palacio, que nos custou cento e vinte contos de réis, outrora abandonado e prestes a entrar em ruinas."

Ainda que em 1929 tenha sediado a escola Padre Sacramento, logo esta foi transferida para o **Patronato**. Passou a ser assim frequentada por mendigos, prostitutas, malandros, banqueiros de jogos. De acordo com informações bibliográficas era taxado de lugar propício à imoralidade e foi num ato de ignorância e ingerência demolido em 1938, a dinamite, segundo a Revista do IHG (a estrutura era muito sólida, fundada sobre trilhos da linha férrea) e durante a administração do prefeito Antônio Viegas, segundo Antônio Gaio Sobrinho.

Imoral não era o lugar, mas sim o seu mal emprego e o ato destrutivo. Houvera ter-se corrigido aquelas mazelas, frutos do descaso do poder administrativo para com um bem público, que propiciou o seu abandono e teríamos ainda hoje o valioso monumento.

Não é pois correto afirmar que o pavilhão foi demolido para ali se construir o SENAI, pois este só foi inaugurado bem mais tarde, em 13/10/1952. Se fossem coetâneos, esta conceituada escola técnica que se vê na foto abaixo poderia ter ocupado o vasto e sólido prédio do pavilhão, se ele então ainda existisse...



Vista hodierna do local onde no passado se situou o pavilhão.
Foto: Ulisses Passarelli, 12/01/2014.

Referências Bibliográficas

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Sanjoanidades**: um passeio histórico e turístico por São João del-Rei. São João del-Rei: A Voz do Lenheiro, 1996. 104p.il. p.12-14.
PAVILHÃO de Matosinhos. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n.1, 1973. p.3.

* Texto: Ulisses Passarelli

- [1] - **A Evolução**, n. 6, 19/09/1913.
- [2] - **A Evolução**, n. 23, 15/03/1914.
- [3] - **Reforma**, n. 16, 18/07/1914.
- [4] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

O fim das chácaras em Matosinhos

Já consolidado o regime republicano, Matosinhos conservava ainda o aspecto colonial. Compunha-se de um conjunto de chácaras aprazíveis, com célebres pomares. Algumas eram de fato grandes a exemplo da do Lombão [1]:

"Vende-se um sitio no logar denominado Lombão contendo de 16 a 24 alqueires de campo, bôa aguada, moinho e um pequeno canavial e conjuntamente algumas cabeças de gado, vacum e cavallar. Quem pretender dirija-se nesta cidade á casa de Aureliano Dias Raposo."

A franca arborização, o clima agradável, o relevo sem morros acentuados, a proximidade da cidade e das águas (ainda límpidas), eram condições que faziam desse bairro um lugar querido. Um anúncio de 04/02/1906, do jornal **O Repórter**, n.1, dizia:

"chamamos a atenção dos nossos leitores para o annuncio que inserimos na 4ª pagina, do Succo de Uvas da Quinta Lyndoia, preparado efficaz e proveitosissimo do sr. Sebastião Sette, que operar ao fabrico da colheita deste anno, resolveu baratear o pequeno stock que ficou do anno findo."



Fonte: jornal O Repórter, n.1, 04/02/1906, São João del-Rei
 Acervo: Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida
 Acesso: site <http://www.dibib.ufsc.edu.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl81.xls&cipar=publicajornal.cip&lang=por>
 (em 19/04/2015, 08:06 h)

Mas as razões da modernidade fizeram imprimir mudanças[2]. O crescimento fez com que a municipalidade já mantivesse um fiscal no bairro [3]. Já no remoto 1932 se falava em alterar a fisionomia do lugar e a imprensa jornalística são-joanense lamentava a transformação, que mudaria o lirismo local [4]:

"Remodelar o quieto suburbio, o pittoresco arrabalde das jaboticabas famosas, deitar abaixo aquelles muros enegrecidos e aquelle aggregado de casinhas baixas, seria roubar o encanto natural que faz daquelle sitio o logar preferido, (...) a nova remodelação de Mattosinhos que, segundo foi dito, passaria por uma radical transformação que lhe haveria de alinhar as ruas em torno do grande jardim plantado ao centro."

As vetustas chácaras começam a ser vendidas para loteamentos. Seus pomares são aos poucos postos abaixo. Inúmeras casas vão se erguendo. Servirão de exemplos os seguintes anúncios de venda [5]:

"Capital e trabalho, fraternizados, concentram-se em Mattosinhos, porque esta localidade offerece-lhes, excelente campo de expansão ás suas aspirações pacíficas: - o progresso. A Chacara Santo Antonio vende lotes de terrenos em vantajosas condições ao capitalista e ao operário. Informações com José Augusto da Silva alí e com João Ramalho aqui. São João, Janeiro de 1938."

* * *

"Vende-se em Chagas Doria, uma chácara com 4 mil metros quadrados, murada e toda cultivada, com cereais e arvoredos, 3 casas de morada, com luz e agua potavel. Tratar com o proprietario: Avelino Gonçalves Ferreira, na mesma."

* * *

"Fazendinha. Vende-se a ½ quilometro de C. Doria dividida em 5 partes de jaraguá meloso e campo, boas aguadas, otimo pomar, muita cana, milho plantado, curral murado, galinheiro, paoi coberto, 3 chiqueiros cimentados, 3 tanques para ração, estrada de automovel na porta. Tratar com Joaquim Guerra."

Assim, as árvores foram sendo derrubadas dos quintais e o verde desapareceu. Altivo Câmara lamentou com veemência o fato, demonstrando as consequências em termos de desequilíbrio ecológico. Sugeriu plantar no bairro um bosque simbólico de paus-brasil (*Caesalpina aechinata*), planta que tínhamos nativa na região, restando uns pouquíssimos exemplares vestigiais em certas matas. Escreveu [6]:

"Matozinhos, pintado em 1824, pelo insigne alemão Johan Mauritz Rugendas (o original em cores está no Museu Histórico Nacional, Rio), Matozinhos, ainda há 30 ou 40 anos notável pelo seu pitoresco, beleza e higidez, e que no século passado mereceu louvações de sábios estrangeiros eminentíssimos (Saint-Hilaire, Pohl, Burton, Spix e Martius, Rugendas e outros), pela beleza e exuberância da sua

luxuriante vegetação tropical, já não tem chácara nem jardins, e na via pública, 5 árvores maltratadas, para 15.000 moradores."

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagem de recorte jornalístico: Ulisses Passarelli

[1] - **Arauto de Minas**, n. 8, 27/04/1883.

[2] - Havia na cidade desde algum tempo uma preocupação com o urbanismo, então entendido como sinal de evolução civilizatória. A título de exemplo enumero as seguintes mudanças: em 1913 é dado o prazo de três meses para alinhamento e construção de passeios de 1,50m na Rua da Prata (atual Padre José Maria Xavier) e a resolução nº 370 da câmara, de 12 de agosto, autoriza concertos "*na estrada da cidade ao Sr. dos Montes*", respectivamente segundo **O Repórter** n.67, 25/09/1913 e n.71, 10/10/1913. Serve também como exemplo a notícia dos passeios feitos ao redor da Igreja do Rosário, no centro da cidade (**A Tribuna**, n.29, 30/01/1915) e do jardim instalado na sua dianteira (idem, n.33, 28/02/1915), hoje inexistente. A herma do padre José Maria Xavier foi inaugurada em 02 de maio daquele ano, atesta o mesmo jornal, edição nº 41. **A Tribuna** n. 187, 03/02/1918 atesta o ajardinamento da Avenida Carneiro Felipe (hoje Pres. Tancredo Neves), ainda sem luz; na nº 192, de 10 de março fala da instalação de bancos e plantios de magnólias, segundo projeto de Alberto Bastos n.195, de 24/03/1918 denuncia o tratamento inadequado do esgoto, lançado num "*corregozinho fétido da Rua Paulo Freitas*" ou das fezes e urina carregadas em latas de querosene e jogadas ao leu nas imediações da Avenida Leite de Castro, exatamente na "*Travessa do Sr. Capitão Manoel Nicolau*". **O São João d'El-Rei**, n.9, 13/05/1920, divulga que o poder público comprou "*uma faixa de terreno a d. Ernestina Monteiro para alargamento de um trecho da rua Pe. Sacramento*", pelo valor de 390\$000. Em 1932 é construída uma fonte luminosa na avenida central da cidade, a segunda de Minas (a primeira foi em Cataguases), tendo a aparelhagem elétrica vindo do Rio de Janeiro. Nessa ocasião também se concluiu a remodelação do cais do Córrego do Lenheiro. **Folha Nova**, n.4, 08/05/1932 e ed. ss.

[3] - **O Repórter**, n. 73 de 19/10/1913, publicou a relação das despesas municipais referentes a agosto daquele ano, constando entre elas, 30.000 réis pagos a Pedro Ferreira de Souza, do seu ordenado de fiscal em Matosinhos.

[4] - **Folha Nova**, n. 10, 08/03/1932.

[5] - **O Correio**, n. 608, 04/06/1938; n. 1.090, 15/04/1945; n. 2.583, 11/01/1953, respectivamente.

[6] - CÂMARA, Altivo de Lemos Sette. **Árvores**. São João del-Rei: Instituto Histórico e Geográfico, 1973. (Exemplar gentilmente cedido por Francisco José de Resende Frazão).

Arruamento em Matosinhos

O engenheiro José de Carvalho Almeida, em 1893, realizou estudos do sistema de várzeas do Marçal, do Porto e da **Água Limpa** (Matosinhos), com vistas a instalação da futura capital mineira nesta área. No relatório consta esta observação[1]:

"A Varzea de Mattosinhos possue igreja regular e alguns predios de valor (p.7) (...) O bairro de Mattozinhos, que será absorvido na futura cidade, possue uma boa igreja e alguns predios regulares de algum valor. Seu arruamento é pessimo; podendo ser transformado lentamente, coagindo-se os proprietarios, nos casos de reparação e reconstrucção dos predios actuaes, ou construções de novos, a obedecer ao plano de arruamento e edificação que for decretado" (p.19).

O crescimento urbano do bairro inicia aproximadamente por essa época, como fica claro na resolução nº 210 da Câmara Municipal, de 22/03/1899, que cria uma comissão provisória ... [2] "para dar nomes a certas ruas do Barro, Mattosinhos e outros pontos da cidade, afim de se poder regularizar o lançamento de impostos". Eram portanto vias novas que se abriam e que nem nomes tinham ainda.

O arruamento de Matosinhos no século XX teve origem com o fim das grandes e numerosas chácaras, cujo levantamento fornece HENRIQUES (2003). Elas espalhavam-se aqui e acolá pela área do grande bairro, ligadas tenuamente por trilhas e caminhos precários, carroçáveis no máximo.

O aspecto urbano era pois esparso, pouco denso, com muito verde. A exceção era a praça do templo, que tinha um pequeno núcleo de construções.

Outro núcleo, aliás, diminuto, estava na atual comunidade de Santa Clara, hoje contido no [Grande Matosinhos](#) (parece que originalmente fez parte do bairro das Fábricas). Em 28 de junho de 1901, a câmara decide proibir a construção de casas entre o Córrego do Lenheiro e a via férrea, e o Ribeirão da Água Limpa e o córrego da Tabatinga (que desce da Caeira, hoje bairro São Judas Tadeu). A mesma resolução autorizava a despesa de seiscentos mil réis para indenização de concessões anteriores, bem como, arborização da praça ali existente, a qual se deu então, o nome de Pedro Paulo, em homenagem ao antigo comandante da guarnição militar desta cidade, coronel Pedro Paulo da Fonseca Galvão [3].

Com base nessa resolução, a câmara indeferiu os requerimentos de concessão de lotes na “rua da Fábrica de Louça” (que dá acesso à Bernardo Guimarães, antes da Ponte Beltrão), feitos por José Joaquim Chaves, Guellere Giovani Maria, Affonso Neves de Carvalho e de José Antônio das Neves [4].

Segundo relatório do tenente-coronel Francisco Joaquim de Andrade e Silva, prestado à câmara, datado de 12 de julho de 1901, Matosinhos media então 55.000 metros quadrados [5], o que dá uma ideia do tamanho do bairro na época.

Em 1905, no lançamento de impostos prediais para Matosinhos, aparece na “Beira da Praia” (margem do ribeirão da Água Limpa) cinco propriedades da viúva do dr. Queiroz, perfazendo 144.000 de valor locativo [6].

Outra referência ao aspecto daquele núcleo urbano é esta, destacando o templo [7]:

“Egreja do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, mediana, situada mais perto do Rio das Mortes, em um lugar ameno, no meio de um quadrilátero formado pelas casas de campo. O frontispício com duas torres é bonito, e o interior é de um aceio que reluz. (A vasta praça em que está situada esta igreja denomina-se hoje “Chagas Dória” e é ahi que está sendo levantado o pavilhão para a exposição que será realizada em 8 de dezembro do corrente anno).”

Nos anos trinta o bairro era formado por poucas ruas, todas sem pavimentação [8]:

- Praça Chagas Dória (antigo Largo de Matosinhos; atual Praça Senhor Bom Jesus de Matosinhos).
- Rua do Matadouro Novo [9] (atual Amaral Gurgel): 950m de extensão.
- Rua Bernardo Guimarães (nome mantido): 360m.
- Rua Josué de Queiroz (nome conservado, porém como avenida): 450m.
- Rua do Porto (atual Tomé Portes del-Rei): 70m.
- Rua 13 de Maio (atual João Hallack): 260m.
- Rua 6 de Abril (atual General Aristides Prado): 175m.
- Rua 21 de Abril (atual Dr. Kleber Filgueiras): 180m.
- [Rua 7 de Setembro](#) (nome mantido, mas como avenida): 410m.

As últimas quatro receberam os nomes originais em 1914, segundo GUIMARÃES (1994). A mesma fonte informa que o nome **Bernardo Guimarães** surgiu em 18/12/1925, por força da lei nº 459, que alterava para tal nome um trecho da rua 13 de Maio [10].

Reparar que a extensão da Avenida **Josué de Queiroz** era curta em comparação ao tamanho atual, 2.600 m da travessia dos trilhos ferroviários ao Trevo do Elói, prova que o lado sul estava praticamente despovoado, pelo que se justifica a afirmação de HENRIQUES (2003): “O pequeno bairro de Matosinhos naquela época desenvolveu-se muito timidamente para o lado da hoje [Vila Santa Terezinha](#), que na época chamava-se ‘Vila Nova’. O nome Vila Nova durou até a inauguração da Igreja de Santa Terezinha”. Ora, tal construção religiosa foi benta em 1945.

No ano seguinte, informa GUIMARÃES (1994), nas suas proximidades, são nomeadas duas novas ruas: a Expedicionário Francisco Batista Rios e a Antônio Coelho da Silveira. Ainda conservam estes nomes.

Não obstante esse aspecto, o crescimento urbano e também o comercial nessa época foram relativamente lentos. Em 1931, apenas dois profissionais liberais ali residiam: Dr. Paulo de Resende Campos e Dr. Silvano Carneiro, ambos dentistas, já sem exercer a profissão, moradores da Praça de

Chagas Dória [11]. Em 1935 o único ponto comercial citado no bairro era a casa de secos e molhados do varejista José Sbampato [12]. Em 1948 só é citado o dr. Paulo Campos como profissional liberal e no campo industrial, a Fiação e Tecelagem Matosinhos s./a. e a Mineração Apollo s./a., que explorava estanho, ambas com escritório na Praça Chagas Dória [13].

Em 1959 algumas ruas do grande bairro são calçadas [14].

No princípio da década seguinte, informam CRISTÓFORO & PALHARES (1941), por intermédio de Tancredo Neves, foi construído em Matosinhos, dois conjuntos residenciais do IAPI, um maior, próximo à [Rua Amaral Gurgel](#) e outro com 75 moradias, na Praça Pedro Paulo.

No fim dos anos 70, o prefeito Otávio Neves promoveu calçamentos no Jardim Paulo Campos, ajardinamento da praça de Matosinhos, instalou quebra-molas na avenida Josué de Queiroz e meio-fio na praça Santa Teresinha [15].

O Prefeito Rômulo Viegas fez melhorias na praça de **Santa Terezinha** [16]. A seguir caiu em longo abandono. No ano 2000 as obras foram retomadas, mas impasses políticos logo a paralisaram, gerando revolta nos moradores [17]. Só em 2002 foi reurbanizada, após longas polêmicas e aproveitamento político da situação, muito comentado no boca-a-boca. Diante dessa realidade histórica absurda, parece até irônica a placa ali afixada, quando da solenidade de inauguração da praça, cujo texto é o seguinte: *“O sonho de 35 anos virou realidade graças a todos vocês eleitores que acreditaram em nós com seus votos. Obrigado.”*

Tal praça conta com um coreto, *play-ground* e fonte. Além das festas do orago desta igreja (outubro), a Praça de Santa Teresinha durante muitos anos se destacou pelas animadas festas de queima de Judas, aí realizadas na Páscoa.

Resta esclarecer que o Matosinhos tradicional está compreendido nos limites extremos da [Ponte Presidente João Pinheiro](#) e a Rua Farmacêutico Guillarducci. A área mais ao sul é relativamente recente e foi ganhando outros nomes, embora no todo se considere como Matosinhos: Vila Santa Terezinha, Bom Pastor, Pio XII. Faz também parte o Jardim Paulo Campos, Vila Nossa Senhora de Fátima, Vila Santo Antônio, Santa Clara. Em 1989 a câmara de vereadores considerou a cidade com apenas oito bairros: Centro, Jardim Central, Tijuco, Bonfim, Senhor dos Montes, Fábricas, Colônia e Matosinhos. Os limites deste último seriam [18]:

“Foz do Córrego do Porto (hoje seco) no Rio das Mortes; Rio das Mortes (inclusive ilha próxima à Ponte do Porto) até a foz do Córrego do André; Córrego do André (passando pela ponte na BR-265) até a foz do Córrego Morro Redondo (a uma distância de 500 metros da Rodovia BR-265) à margem da BR-265, a uma distância de 500 metros até o Ribeirão da Água Limpa; Ribeirão da Água Limpa até sua foz no Córrego do Lenheiro; Córrego do Lenheiro até sua foz no Rio das Mortes; Rio das Mortes até a foz do Córrego do Porto (hoje seco), onde finaliza.”

Esta seria a área que se convencionou chamar mais tarde de “O Grande Matosinhos”, compreendendo as divisões supracitadas.

Notas e Créditos:

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - Existe um exemplar deste relatório na Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, de São João del-Rei.

[2] - **S. João d'El-Rey**, n. 14, 22/04/1899.

[3] - **O Combate**, n. 83, 27/07/1901.

[4] - **O Combate**, n. 81, 20/07/1901.

[5] - **O Combate**, n. 82, 24/07/1901.

[6] - **O Repórter**, n. 21, 04/06/1905.

[7] - **O Repórter**, n. 79, 13/07/1901.

[8] - Cf.: **SINOPSE ESTATÍSTICA DE SÃO JOÃO DEL-REI**. São João del-Rei: Casa Assis, 1931. edição Comemorativa do Cinqucentenário da EFOM.

[9] - Matadouro novo: o anterior ficava no final do Matola e a rua fronteira ganhou por isto o epíteto “Rua do Matadouro Velho” (Rua Padre Sacramento, desde 1923). A Rua do Matadouro Novo surgiu após a retirada dos trilhos e retificação para o itinerário atual da ferrovia, defronte à igreja.

[10] - Sobre a mudança de topônimos que ora atingiu graus absurdos, foi assim comentada: “*De tempos em tempos, os brasileiros, e em especial nós são-joanenses, somos surpreendidos com mudanças de nomes de ruas da nossa cidade, do nosso bairro, da nossa rua. (...) A rua é uma extensão da casa. Mudar o nome da rua sem uma razão muito convincente é ferir a individualidade do cidadão*”. FERREIRA, José Alberto. Nomes de rua: referência histórica e sentimental. **Gazeta de São João del-Rei**, n. 205, 13/07/2002.

[11] - **SINOPSE ESTATÍSTICA DE SÃO JOÃO D'EL-REY**. São João del-Rei: Casa Assis, 1931. edição Comemorativa do Centenário da EFOM.

[12] - **INDICADOR URBANO DE SÃO JOÃO D'EL-REY, ESTADO DE MINAS**. São João del-Rei: Castello, 1935.

[13] - **SINOPSE ESTATÍSTICA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL-REI**. Belo Horizonte: Departamento Estadual de Estatística (IBGE), 1948.

[14] - **O Correio**, n. 2.960, 31/05/1959.

[15] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 205, 14/02/1978.

[16] - **Gazeta de Matozinhos**, n. 2, mar./1993.

[17] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 92, 29/04/2000.

[18] - **Jornal de S. João del Rey**, n. 138, 09/09/1989.

Vila Santa Terezinha

A pesquisa histórica é profundamente dinâmica e conforme caminha vai preenchendo lacunas. A Vila Santa Terezinha, por exemplo, inclusa no Grande Matosinhos, é uma designação que se acreditava surgida junto com a igreja daquele lugar, por volta de 1945. Contudo, mostra o texto abaixo, transscrito do extinto jornal são-joanense Folha Nova, em sua edição nº7, de 17/04/1932, revela o real surgimento do bairro:

“O nosso amigo sr. Jesus Silva dividiu em lotes uma grande faixa de terreno em Chagas Dória, constituindo a Vila Santa Terezinha.

A demarcação dos lotes foi confiada ao topógrafo-arquiteto Rossino Bacarini, que demarcou a Vila com três praças, oito ruas e quatro avenidas.

A Vila Santa Terezinha tem água, luz, esgoto e ônibus.

A planta do novo subúrbio será exposta dentro de dias, principiando então a venda de terrenos.”

Jesus Silva nomina uma rua estreita nos fundos do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, interligando as duas principais artérias de trânsito do bairro. Rossino Bacarini, migrante italiano, é um nome assaz conhecido na história da cidade, ligado à construção do coreto municipal e da capela da Santa Casa, duas belíssimas obras arquitetônicas de nosso patrimônio. Sua competência fica clara no plano deste loteamento, pela preocupação de multiplicidade de praças e vias. Também dá nome a uma rua, porém no Bairro Tijuco, beirando a margem esquerda do Córrego do Lenheiro.



Fonte: acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, São João del-Rei/MG (site)

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

** Para saber mais notícias sobre o crescimento urbano de Matosinhos acesse o link seguinte: [Arruamento](#)

Industrialização em Matosinhos

A vida industrial do bairro foi tratada por HENRIQUES (2003) em sua obra, referência indispensável. Por isso apenas vou pincelar o assunto.

O bairro também ganhou um perfil industrial. Aos poucos diversas [fábricas](#) ali se instalaram, dando-lhe o caráter progressista, a partir das primeiras décadas dos novecentos.



Propaganda do Sabão Radio, fabricado em Matosinhos na década de 1930.

O lançamento de impostos anuais de indústria e profissão, para o exercício de 1902, pela câmara municipal, acerca de Matosinhos, registrou apenas quatro referências (e seus respectivos valores em réis) [1]:

- José Antônio da Silva ----- 66\$000
- Antônio J. da Silva e Souza ----- 110\$000
- Antônio J. da Silva e Souza ----- 5\$000
- Manoel Vieira Boa Vista ----- 66\$000

No mesmo lançamento com relação a 1907, constou para Matosinhos [2]:

- 1^ª classe: Almeida & Arêas
- 2^ª classe: herdeiros de Antônio Justino da Silva e Souza
- 3^ª classe: José Antônio das Neves, Antônio José da Silveira
- 4^ª classe: Antônio Joaquim da Silva, José Antônio da Silva

Fabricava-se vinho na atual **Vila Santo Antônio**. Eis o anúncio [3]: “vinho de mesa fabricado por José Augusto da Silva, Chácara Santo Antônio, ‘Vinho Mineiro’, Matosinhos, Tel.153. Vende puro leite de vacas meio estabuladas, galinhas, frangos, ovos e outros produtos chacareiros”.

A tecelagem do empresário João Lombardi era notória [4]: “merece destaque a nova Fabrica de Tecidos Matosinhos S/A, situada no bairro de Chagas Doria, um dos grandes estabelecimentos de São João del-Rei”.



Anúncio jornalístico de fábrica de tecidos em Matosinhos.

Em 1941 um sinistro atingiu uma tecelagem [5]: “pavoroso incêndio verificou-se na madrugada de ontem, em Matozinhos, num depósito de algodão em rama da fabrica de tecidos Dom Bosco, situado nas proximidades da estação da Oeste de Minas”. Os sinos da capela repicaram o toque de alarme acordando os moradores e caminhões buscaram água no Ribeirão da Água Limpa para debelar as chamas.

Com o passar dos anos as fábricas foram fechando as portas. A economia que no início do século XX experimentou uma fase industrial passou a comercial nas suas décadas finais. O setor de prestação de serviços também ganhou bastante força. Hoje existem algumas micro-indústrias em Matosinhos.

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagens de recortes jornalísticos: Ulisses Passarelli

** Fonte de pesquisa de jornais antigos de São João del-Rei: acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, acesso pelo site.

[1] - **O Combate**, n. 115, 17/10/1901.

[2] - **O Repórter**, n. 41, 11/11/1906.

[3] - **INDICADOR URBANO DE S. JOÃO DEL-REI**. SÃO JOÃO DEL-REI, CASTELLO, 1934.

[4] - **Diário do Comércio**, n. 55, 10/05/1938.

[5] - **Diário do Comércio**, n. 906, 09/03/1941.

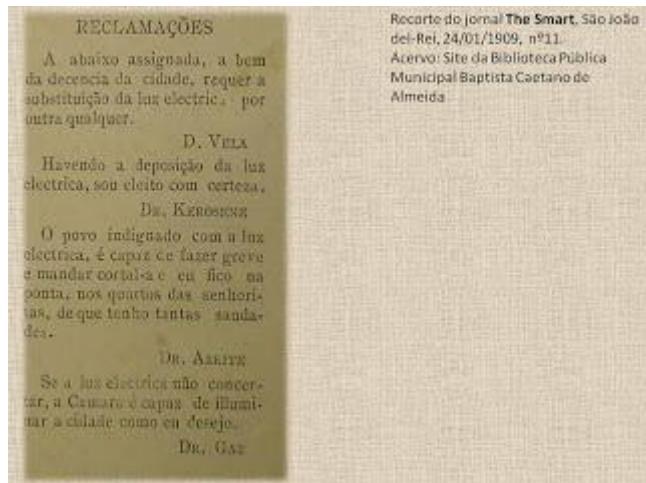
Infra-estrutura

O século XX trouxe profundas mudanças a Matosinhos, trazendo-lhe de um lado o progresso e de outro tomando seu primitivo ar pitoresco, tão decantado. Problemas com iluminação, saneamento, pavimentação e abastecimento de água perpassaram as décadas aquém da necessidade real.

Logo à sua chegada o novo século traz a eletricidade ao bairro [1]:

“Hoje inaugura-se em Mathosinhos, a luz electrica, nos constando que haverá na occasião da instalação de mais este melhoramento no populoso, alegre e pitoresco arrabalde desta cidade, fogos, musica e outras manifestações de regosijo”.

Não obstante o avanço a qualidade do serviço de iluminação era ruim. Sua precariedade gerava protestos nas letras jornalísticas são-joanenses. Veja-se o exemplo desta pitoresca e bem humorada reclamação [2]:



Bem humoradas reclamações sobre as falhas de fornecimento de energia elétrica

Transcrição:

"RECLAMAÇÕES: a abaixo assignada, a bem da decência da cidade, requer a substituição da luz electrica por outra qualquer. D. VELA. Havendo a deposição da luz electrica, sou eleito com certeza. Dr. KEROSENE. O povo indignado com a luz electrica, é capaz de fazer greve e mandar cortal-a e eu fico na ponta, nos quartos das senhoritas, de que tenho tantas saudades. Dr. AZEITE. Se a luz electrica não concertar a Camara é capaz de illuminar a cidade como eu desejo. Dr. GAZ."

Persistiu por muitos anos o apelido pejorativo de **Morro do Querosene** à parte alta e entre o Pio XII e o Bom Pastor de Cima, nas cabeceiras do **Córrego das Galinhas**, lembrança anterior à eletricidade pública, quando as fumegantes lamparinas eram dominantes.

Mas a luz trouxe consigo um novo aspecto para as festas do bairro. O largo iluminado era um atrativo à parte [3]: *"A Praça Chagas Doria se conservará grandiosamente ornamentada, ostentando abundante iluminação completamente aumentada e modificada".*

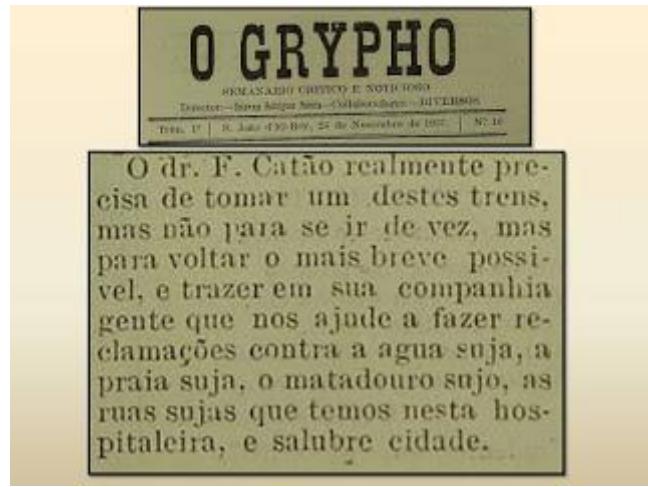
Quanto ao saneamento, sua falta assim se configurava [4]: *"Insistimos no pedido que já uma vez fizemos á Camara para que o seu digno presidente mande esgotar umas aguas estagnadas que existem no beco do Porto, além de Mattosinhos e proximo á ponte".*

Essas águas parecem ser as do Córrego do Porto, minúsculo fluxo d'água, em parte aterrado e outro tanto manilhado, hoje seco, que descia rumo ao rio, numa vala, beirando a Rua Tomé Portes del-Rei. A nascente era na região do atual Conjunto INOCOOP.

Um interessante panorama do bairro no começo do século XX, nos dá esta página jornalística [5]:

"Este pitoresco arrabalde, cujo desenvolvimento é crescente dia á dia, já tendo localisados dous estabelecimentos industriaes, magnificas vivendas, com uma população bastante numerosa, com estabelecimentos de ensino, agencia postal, cortado pela estrada de ferro, com trens especiaes de communicação com a cidade, bem podia merecer mais a attenção dos poderes publicos. (...) Os habitantes de Mattosinhos queixam-se da falta d'água, clamam contra o serviço de limpeza que é nullo, anceiam por se verem livres da mattaria que cresce com um viço admiravel, reclamam contra a lama e as poças d'água apodrecida e gritam contra a cansuada que vagueia impunemente pelo largo, tolhendo a liberdade das familias." (etc.)

Os jornais de época revelam os descuidos de infra-estrutura da cidade como um todo e Matosinhos se encaixava neste contexto:



Transcrição:

"O dr. F. Catão realmente precisa de tomar um destes trens, mas não para se ir de vez, mas para voltar o mais breve possível, e trazer em sua companhia gente que nos ajude a fazer reclamações contra a agua suja, a praia suja, o matadouro sujo, as ruas sujas que temos nesta hospitaleira, e salubre cidade." (O Grypho, n.10, 24/11/1907)"



Transcrição:

Chuva Providencial

"Parece que alguém lá das alturas, atendendo ás reclamações do povo, delle condóeu-se e mandou, no segundo dia de festas em Mattosinhos, uma chuvinha miuda incumbida de aplacar o pó que era bárbaro e inclemente.

Ninguem lá de cima tem obrigação de mitigar os sofrimentos dos que estão cá em baixo, competi somente á Camara mandar irrigar o largo de Mattosinhos e fazer-lhe uma capina em regra, porque só ela tira proveitos do povo com pesados impostos e taxas absurdas.

Os negócios de nossa Camara vão de mal a pior.

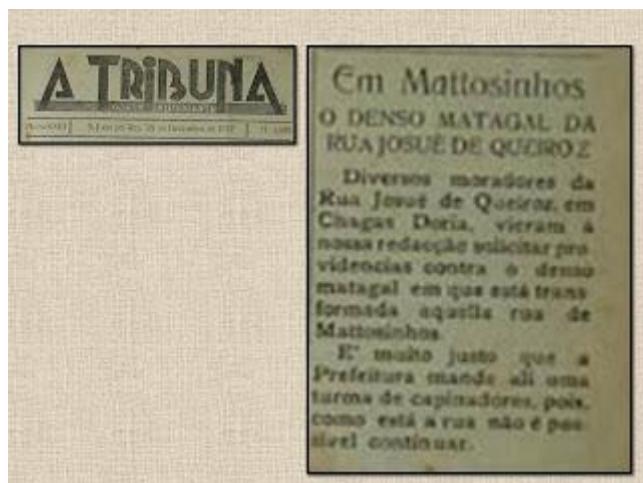
É o povo a queixar-se ao bispo. (A Nota, n.24, 30/05/1917)

Um dos maiores problemas enfrentados pelo grande bairro no século XX foi o da água potável e no seu rastro o do esgoto. Além disto, havia uma situação complicada nas áreas menos centrais, como a **Vila Santa Terezinha**. As chácaras de outrora eram auto-suficientes, com suas bicas, cisternas, poços e fossas. Mas com o seu fim e o grande número de casas, o abastecimento público e o saneamento básico não cresceram proporcionalmente. O jornal **A Tribuna**, ainda no remoto 1931, admoestava ao poder público para que atentasse para a água [6]:

É necessário, que a Prefeitura lance suas vistas para o mais precioso líquido, absolutamente indispensável a nossa existência, que tanto o exige puro. Alguns habitantes daquele importante bairro [Matosinhos] de nossa cidade, pedem-nos levemos ao conhecimento do sr. Prefeito a notável falta de água d'ali, que elles vêm de há muito reclamando, sem ser ouvidos.

Clamores jornalísticos de 1934 sobre a necessidade de rede de esgotos em Matosinhos.

Havia também um problema com falta de capina. O mato excessivo gerou pedidos na imprensa de 1937:



Algumas obras visando ao abastecimento começaram na década de cinqüenta, mas a seguir foram paralisadas. **O Correio** noticiou o reinício das ditas obras em Matosinhos e Vila Santa Terezinha [7].

A falta de urbanização dessa última era notória no fim dos anos sessenta [8].

Idealizava-se uma sub-prefeitura para o bairro (até hoje esta idéia é comentada, mas sem efetivação à vista), visando a uma administração regional. Eis o triste panorama de então [9]:

Chega a ser incrível que os moradores ainda paguem os seus impostos. A Vila Santa Terezinha, a Vila Santo Antônio, a Vila Alberto Magalhães e outras, tanto no centro do bairro quanto nas extremidades, revelam à primeira vista a falta de atenção do poder público municipal (...) não há água suficiente, não

há r  de de esg tos, não h a meios-fios, a ilumina o   deficiente (...) Desde as medidas mais elementares da higiene e da segurança, tudo em Matozinhos está por fazer.

Também **A Comunidade** fala sobre a necessidade de melhorias na rede de esgotos do bairro [10].

Os apelos fortes da imprensa, tornando-se a voz popular, alavancaram as obras. O Prefeito Mário Lombardi inicia os melhoramentos na questão da  qua, ocasião que o **Ponte da Cadeia** comenta: *“afirma-se que h a mais de 20 anos os moradores não tem  ua com regularidade”*. O mesmo jornal, noutra ocasião, informa que construíram dois poços artesianos (um deles o que está na Praça Pedro Paulo e outro na Avenida Santos Dumont, com est oio de bombeamento), asfaltou algumas ruas e instalou bueiros [11].



Est oio de  ua da Santos Dumont. 11/08/2013.

O Prefeito Otávio Neves fez obras importantes para melhorar o abastecimento [12]. Reativou o poço artesiano da Praça Pedro Paulo, abandonado a 7 anos e trouxe  ua para o grande bairro, canalizando-a desde a Cachoeira do Urubu. A travessia da adutora pela rodovia BR-265 foi um episódio   parte, onde rompendo a burocracia que travava a obra, o dito prefeito instalou os encanamentos assim mesmo.

No Pio XII a  ua também era problema e na caixa d' ua de abastecimento desta parte de Matosinhos tinha até ratazana, denunciava a imprensa [13]. O padre de Matosinhos naquele tempo, Del on de Oliveira, comentou na imprensa o grande número de problemas sociais e de infra-estrutura que por ali havia [14]. A seguir começam algumas obras prometendo jorrar  ua abundante sobre Matosinhos, a partir de capta o no  ua Limpa, próximo ao local chamado Capivara [15].

Em 1996 houve uma reforma da est oio de bombeamento da Avenida Santos Dumont, datada de 1972.

Três anos depois outras obras visavam a ampliar a rede de esgotos no INOCCOP e construir um posto policial no bairro [16].



*Esgoto a céu aberto corre livremente para o Rio das Mortes
atrás do Conjunto INOCOP, sob a linha férrea da Maria Fumaça. 2009.*

Notas e Créditos

* Texto, fotografias e fotomontagens de recortes jornalísticos: Ulisses Passarelli.

** Jornais antigos de São João del-Rei: acervo da Biblioteca Pública Municipal Baptista Caetano de Almeida, acesso pelo site.

[1] - **O Combate**, n. 209, 26/10/1902. A iluminação a querosene em São João del-Rei foi inaugurada a 01/11/1866, segundo CINTRA (1982). Funcionava precariamente e não podia ficar acesa a noite inteira por falta de verba da Câmara para manter o combustível madrugada a dentro, de tal sorte que usavam o estratagema de desligar os lampiões a uma hora ou apagar vários, deixando apenas alguns acesos. O apoio de uma verba estadual foi motivo de alegria pois “*folgamos em anunciar que a illuminação publica é agora feita durante a noite inteira*”, noticiou a **Gazeta Mineira**, n.1, 01/01/1884. Fábio Nelson Guimarães no seu estudo sobre as ruas da cidade escreveu: “*No decorrer do ano de 1874, 40 lampiões guarneциam os recantos centrais de São João del-Rei, onde mais se fazia sentir a necessidade de iluminação. Serviço arrematado em hasta pública, substituiu-se, na desejada combustão, o azeite pelo querosene, (...) Já em 1882, a série de luminárias ascendeu para 100, fora os 8 da cadeia, onde permaneciam ‘grande número de criminosos de importânciā’.*” A luz elétrica veio mais tarde, possibilitada pela instalação da usina hidrelétrica no Rio Carandaí. A luz foi instalada em tempos desiguais: no centro da cidade em 06/07/1900, segundo **O Combate** (n.1, 11/07/1900); em Matosinhos a 26/10/1902; na Colônia só em 1937, motivo para grande festividade, sendo que o sr. Deodoro Briguenti recepcionou as autoridades em sua residência e serviu-lhes lauto almoço. Houve vários discursos empolgados, informa **O Correio** (n. 554, 22/05/1937). Inauguração de luz era sempre motivo de grande festa para uma comunidade, tal como assisti no arraial de Januário, neste município, na década de 1980. Vale conferir o jornal **O S. João d'El-Rey** (n. 101, de 19/02/1922) comentando sobre tal regozijo na vizinha Resende Costa, com a presença de uma orquestra local, do maestro Joaquim Pinto Lara. Houve baile animado e nele tocou uma orquestra de cordas. A banda de música também deu uma nota de alegria. Em Tiradentes se negociava a instalação da rede elétrica para fins de iluminação em 1923 (**A Tribuna**, n. 467, 08/04/1923).

[2] - **The Smart**, n.11, 24/01/1909.

[3] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

[4] - **O Repórter**, n. 88, 13/01/1910.

[5] - **O Repórter**, n. 89, 16/01/1910.

[6] - **A Tribuna**, n. 1.066, 29/03/1931 e n. 1.070, 03/05/1931

[7] - **O Correio**, n. 2.999, 03/04/1960.

[8] - **Ponte da Cadeia**, n. 103, 08/06/1969.

[9] - **Ponte da Cadeia**, n. 197, de 09/05/1971.

[10] - **A Comunidade**, n. 30, jan./ 1971.

[11] - **Ponte da Cadeia**, n. 241, 10/05/1972 e n. 244, 28/05/1972.

[12] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 190, 09/09/1977 e n. 205, 14/02/1978.

- [13] - **Jornal de S. João del Rey**, n. 48, 6-12/09/1986.
- [14] - **Jornal de S. João del Rey**, n. 138, 09/09/1989.
- [15] - **Nossa Terra**, n. 2 e 3, nov./1989.
- [16] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 980, 18/05/1999 e n. 983, 15/06/1999.

Águas Fluviais

O Ribeirão da Água Limpa [1] corta de ponta a ponta o Bairro de Matosinhos. Suas nascentes estão entre 1.000 e 1.110 metros de altitude, nas grotas que dividem os morros mamilonados do sul do município, no distrito de Emboabas, criando aquela paisagem de “mar de morros”, cobertos ora de campos, ora de cerrados, com capoeiras nos entremeios. Também algumas fontes estão nos brejos de altitude, nas populares “noruegas” ou “noroegas”, com argila cinzenta, apropriada à cerâmica artesanal.

Fonte boa para captação de águas para abastecimento público vai gradativamente engrossando em volume pela convergência dos afluentes, cujos principais podem ser assim enumerados em direção à cidade:

- na margem direita: Córrego Porteira de Chave, Córrego Poço Fundo, Córrego da Ponte, Córrego das Galinhas;
- na margem esquerda: Córrego Retirinho, Córrego do Açude, Córrego Laranjeiras, Córrego das Amoras, Córrego do Morro Grande, Córrego do Cala-boca, Córrego do Lenheiro, Córrego do Quicumbi.

Dos subafluentes destacam-se o Córrego Bandeira (que conflui para o Retirinho), o Córrego Candinho (unindo-se ao Laranjeiras), o Córrego do Português (com barra no do Morro Grande) e dentro da cidade, Córrego das Águas Férreas, Rio Acima, Córrego do Segredo, Córrego da Tabatinga (que vem da Caieira) e Córrego da Bela Vista, convergindo para o Lenheiro. Dentre outros subafluentes e afluentes de subafluentes.

Aliás, muita gente confunde pensando que o Ribeirão da Água Limpa desemboca no Lenheiro, mas é o contrário, pois este possui bem menos volume que aquele. O trecho urbano de ambos foi muito alterado, tendo suas caixas remexidas por garimpeiros de outrora (haja vista a famosa Lavra do Canal) e por tratores hoje: canalizações, desvios, aterros e os malfadados emissários de esgoto.

Todas estas águas se reúnem para juntar-se ao Rio das Mortes em sua margem esquerda, próximo aos fundos da sede do América Futebol Clube.

Em seu trecho rural ainda se pode ver que o nome deste ribeiro é justo. Suas águas justificam a escolha, pois são límpidas. Forma em certas piscinas naturais muito aprazíveis para o banho, como no lugar chamado Três Poços, no Capivara e na Segunda Ponte (a ponte que cruza a BR-265 sobre ele). Mas já vai ficando perigoso nadar aí, posto que as péssimas situações sanitárias do subúrbio de Matosinhos fizeram com que fosse todo infestado pela esquistossomose. O caramujo planorbídeo que hospeda o agente transmissor é o *Biomphalaria glabrata* que habita naturalmente nossos cursos d’água. Em 1978, com a vinda da Ferrovia do Aço, estabeleceu-se junto ao Água Limpa um acampamento de operários num sítio sem condições sanitárias. Suas fezes contaminadas levaram para o ribeiro as larvas do *Schistosoma mansoni*, verme platelminto trematódeo causador da tal doença, a popular “barriga d’água” e infestaram os caramujos até então puros. Resultado: o Ribeirão da Água Limpa, os seus afluentes Cala-boca e Lenheiro e parte do Rio das Mortes ficaram como área de risco da doença, com dezenas de vítimas parasitadas. Em 1983 iniciou-se o combate ao mal que alige os moradores ribeirinhos[2], mas até hoje não foi de todo extirpado.

Desde que adentra na retaguarda do Grande Matosinhos, o ribeirão recebe toda sorte de dejetos, sem nenhum tratamento, que emporcalham suas águas. Há vinte anos, o lugar chamado Ouro Preto, perto da junção com o Cala-boca, com rara beleza, era preferido para o sadio divertimento aquático, bem como o poço vizinho conhecido por Árvore de Óleo. O lugar dá hoje pena de ser visitado, pois ali as águas antes esverdeadas sobre o fundo pedregoso são agora cinzentas de putriqueiras. O lixo e o desmatamento ciliar ferem as margens, que estão com barrancos nus e em processo de desmoronamento. Por conseguinte está assoreado o leito do ribeiro. Há uma exploração desordenada de areia e cascalho, meio de vida da população sofrida do entorno. A ocupação sem planejamento das margens, com desrespeito ambiental é uma constante. Para não contar outros problemas sociais ali existentes.

Chegam-lhe as águas podres do Córrego das Galinhas, que divide o Pio XII do Bom Pastor e cujos projetos de canalização e saneamento já deram “panos para as mangas”.

Assim vai atravessando o Grande Matosinhos. E como num golpe de misericórdia, ao pé da ponte junto à rodoviária onde nos chegam os turistas, recebe as imundícies do Lenheiro, que traz o esgoto de quase toda a cidade. E abaixo ainda pega de ambos os lados pequenas águas canalizadas em manilhas, invariavelmente contaminadas.

Fedentina, urubus, sacolas de lixo, entulhos nas margens, enchentes que poderiam ter bem menor proporção na invasão das casas, ausência de árvores, de urbanização, proliferação de mosquitos, verminoses e outras doenças, desaparecimento dos peixes, diminuição do fluxo d’água (vinham de canoa até a confluência do Lenheiro): eis o triste panorama do “Ribeirão da Água Suja”.

Os noticiários de toda espécie avisam de tempos em tempos sobre a diminuição das chuvas, as longas secas, efeito-estufa, poluição dos mananciais, derrubada das matas ciliares e destruição das minas. Assim é que o maior problema futuro para a humanidade será a falta de água potável. A ONU, chamando atenção para o fato decretou 2003 como o **Ano Internacional das Águas** e o período de 16 a 22 de março como a **Semana Mundial da Água**. Em 2004 a Igreja Católica escolheu as águas como tema da campanha da fraternidade: “Água, fonte de vida”.

Alguém poderá achar a questão distante e de exclusiva responsabilidade governamental. Esquece-se que o cidadão tem direitos sim, mas deveres também. Cabe a cada um de nós preservar o que está a nosso alcance. Dou exemplos.

No centro da cidade de São João del-Rei um conhecido jogava diariamente sua sacola de lixo doméstico dentro do canal do Córrego do Lenheiro porque o caminhão, segundo ele, passava muito cedo e no fim do ano os lixeiros pediam por meio de envelopes contendo versinhos, uma colaboração (\$) para o Natal em suas famílias. E ainda porque na beira do passeio, cachorros vadios rasgavam o saco de lixo. Com dificuldades, foi convencido a mudar de atitude. Passou a colocar num destes suportes de ferro que deixam o lixo suspenso. Mas uns vândalos de madrugada, voltando do baile, quebraram o suporte e o homem voltou a jogar lixo no córrego.

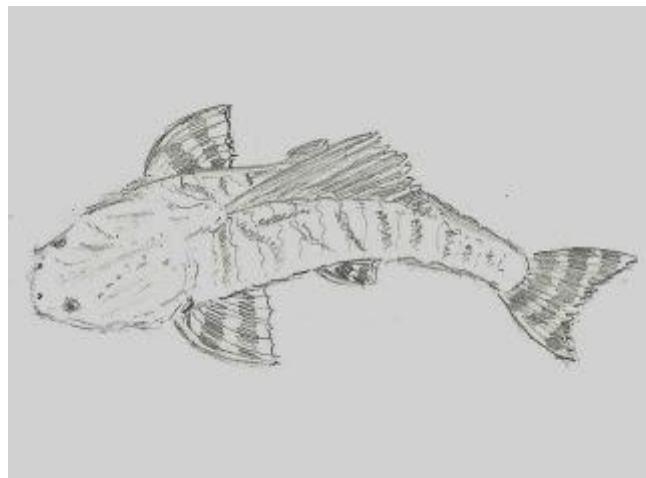
Na “enchente das abóboras” de 2003 (dezembro-janeiro) o rio estava bem cheio e vim à margem ver o torvelinho das águas e me admirei com o lixo que ali descia entre moitas de aguapés e galhadas. Eram garrafas em quantidade, muito isopor, sacolas repletas de lixo e até um grande tubo de imagem de televisão. Frascos nem se fala. Tantos que resolvi contá-los. Postado numa pedra junto à vargem, em Santa Cruz de Minas (margem oposta a Matosinhos), contei em quinze minutos, deste observatório fixo, 64 frascos plásticos descendo à minha frente, entre recipientes de refrigerantes (“pet” - o campeão!), água mineral, óleo de cozinha, pesticida, produtos de limpeza e de beleza, óleo automotivo e álcool. Uma pequena projeção: com o rio cheio, nesta proporção, seriam 256 frascos em uma hora; em um dia, 6.144! O plástico demora mais de cem anos para se degradar.

Recordo ter visto em 2005 um sofá velho jogado no leito do Água Limpa junto à Ponte do Athletic (Ponte Presidente João Pinheiro), na entrada de Matosinhos e três anos depois um outro.

Logo acima, debaixo da Ponte Beltrão, dizia-me um senhor, existira outrora uma fonte de água mineral magnesiana que derramava para o Água Limpa. Desapareceu sem proveito, contaminada.



Rio das Mortes, nos fundos de Matosinhos, margeando a estrada do Sutil. 2011.



*Um cascudo (loricariidae) visualizado no Córrego do Cala-boca.
A biodiversidade local ainda é mal conhecida e clama por preservação. 24/03/2013.*



*Outro habitante aquático do Córrego do Cala-boca, observado entre os cascalhos do leito,
aparentando ser um crustáceo. 21/11/2009.*

Notas e Créditos

* Texto e desenho do cascudo: Ulisses Passarelli.

** Fotografias: Rio das Mortes, Iago C.S. Passarelli; crustáceo: Ulisses Passarelli.

*** Leia também:

[DOIS CAUSOS DE MATOSINHOS](#)

[1] - Este item é fruto da adaptação de dois artigos avulsos, intitulados “Água Limpa” e “Ainda sobre as águas”, que escrevi em 2004. As fotografias não faziam parte dos artigos originais.

[2] - Cf. **Gazeta de São João del-Rei**, n.14, 17/10/1998.

Pontes de Matosinhos

Nos primórdios, quando Matosinhos nem existia ainda, qualquer caravana bandeirante ao se deparar com o Ribeirão da Água Limpa, era obrigado a atravessá-lo a vau nalguma raseira. No Rio das Mortes, a transposição se fazia em jangadas improvisadas, com toscos paus cortados em sua margem.

O aumento do tráfego de viajantes obrigaría o surgimento de melhorias. Assim que Tomé Portes se estabeleceu no Porto, providenciou canoas para a travessia, mediante paga.

Anos depois seria construída aí uma ponte, a Ponte do Porto. Quase coetânea é a ponte sobre o Ribeirão da Água Limpa, situada no mesmo caminho.

As demais pontes do grande bairro só surgiram tardeamente, mais de duzentos anos depois, todas construídas no século XX, em concreto armado, ligando o Bairro das Fábricas a Matosinhos.

Doravante passo todas em rápida revista.

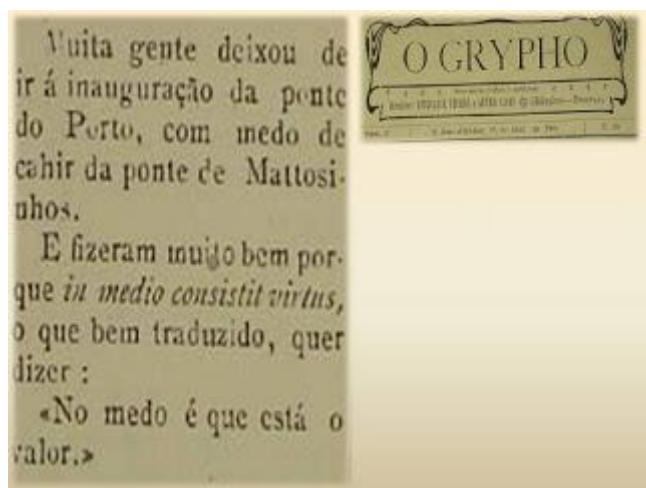
1- Ponte da Água Limpa

Construída em madeira, no ano de 1719, segundo Augusto Viegas. Sua construção foi arrematada por 230 oitavas de ouro, pelo sargento-mor Antônio de Matos. Sebastião de Oliveira Cintra fornece uma data mais tardia: 1730. Em qualquer das opções seria mais antiga que a Ponte do Porto.

O desleixo do poder público, sem prestar-lhe qualquer conservação e ainda a intensa ação das fortíssimas enchentes anuais, trouxeram-lhe muitos problemas na estrutura. A partir da segunda metade dos oitocentos, começam as sucessivas reformas e reconstruções. Na obra de BARBOSA (1930) é possível rastrear algumas: em 05/06/1858, a lei nº 869, autoriza despesas com a ponte; em 28/10/1869, a lei nº 1615, consigna 4 contos de réis, para a construção de uma nova ponte (que porém não chegou a ser construída); em 15/09/1870, a lei nº 1661 manda reconstruir a ponte (na verdade foi no máximo reformada).

O poder executivo numa prestação de contas à câmara em 1898, atestou ter gasto com sua conservação 1:854\$710 (substituição das guardas e de todo o assoalho) [1].

Os parapeitos foram retirados em 1907 [2].



*Recorte jornalístico em foto-montagem do autor,
do acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida, que cita o péssimo estado da
Ponte de Matosinhos (Água Limpa).*

Em 1917 *“a pavorosa enchente de segunda-feira”* (título de uma matéria jornalística), fez grandes estragos no bairro, inclusive nessa obra [3]:

Foram destruidas algumas casas existentes nas margens do Ribeirão Água Limpa (...) A empresa Faleiro & Cia., deu uma sessão cinematographica em beneficio das victimas da enchente gesto imitado pelo Grupo Dramatico Arthur Azevedo, dando um espetaculo sexta-feira, do qual 50% reverteu em beneficio dos flagelados.



*Enchente no Ribeirão da Água Limpa que arrasou a ponte.
Autor: não identificado.*

Foi arrastada pelas águas ainda mais uma vez, já no ano seguinte [4].

Em 1919 parece que houve outro problema parecido, que a abalou, bem como ao pontilhão da via-férrea, impedindo as pessoas de irem a Matosinhos, pelo que, correu boato, que naquele ano não haveria festa no bairro, fato porém, que foi desmentido e o evento correu dentro da normalidade.

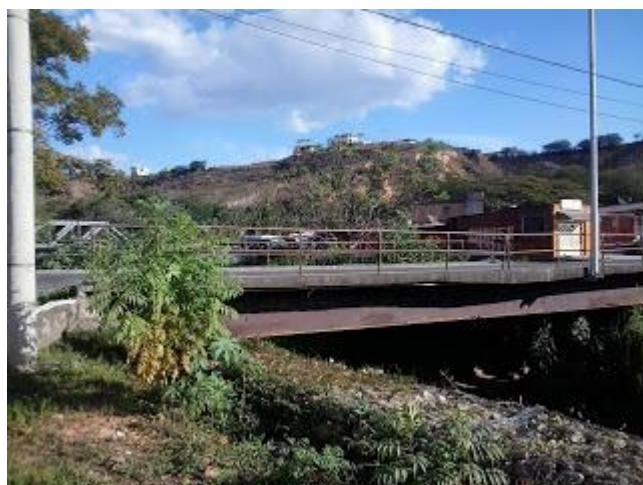
No ano consecutivo o poder público substitui os pranchões da ponte [5].

Em 1954 a imprensa local acusava o prefeito de ter descuidado dessa benfeitoria e também de outra, esta no distrito do Rio das Mortes [6]: “*o desmazelo do senhor prefeito clama aos céus. Esta questão das pontes imprestáveis é uma calamidade. Aqui mesmo na cidade temos uma importantíssima, que espera ser consertada para servir ao povo de Chagas Dória e Vila Santa Terezinha*”.

Cinco anos mais tarde a câmara solicitou ao prefeito reforma imediata da [Ponte de Matosinhos](#) ou sua interdição [7].

Sua demolição veio nos anos setenta, na administração Lourival Gonçalves de Andrade. Em seu lugar construiu-se uma passarela (pequena ponte que só dava passagem a pedestres) e que desde então, ficou conhecida por **Ponte Beltrão** (tinha aliás uma placa de metal com esse nome, do lado da Praça Pedro Paulo). O nome veio em memória de um antigo morador que residia nas suas proximidades, o sr. Djalma Beltrão.

Na primeira administração municipal de Nivaldo José de Andrade, no começo dos anos 1990, foi removida a passarela e construída uma ponte no mesmo lugar, larga, de concreto armado, piso asfaltado, guardas de tubos de ferro. É a que ali vemos atualmente.



Ponte Beltrão, em 11/08/2013.

2- Ponte do Porto

Em 11/07/1730, a câmara de São João del-Rei escreveu ao Rei Dom João V, solicitando a construção de uma ponte sobre o Rio das Mortes.

A construção só viria cinco anos depois, às custas de um só homem, morador da Fazenda do Córrego, próximo à Serra de São José, cuja sede ainda existe. Ali residiu no auge da mineração aurífera, o riquíssimo minerador português Marçal Casado Rotier, dono de nada menos que todo o território do atual município de Santa Cruz de Minas e ainda da área da COHAB e do núcleo colonial italiano de São João del-Rei (Colônia do Marçal, se diz ainda hoje, em memória de seu nome). Foi juiz ordinário. Era filho de Manoel Álvares e de Margarida Rotier. Faleceu em 31/05/1767. Foi sepultado na capela-mor da Matriz de Santo Antônio em Tiradentes, de cuja Irmandade do Santíssimo foi provedor, informa CINTRA (1982).

Pois bem, às suas expensas, construiu-se uma ponte sobre o Rio das Mortes em 1735, no Porto Real da Passagem, da duríssima madeira da árvore anacardiácea **aroeira-do-sertão** (*Astronium urundeuva*). A obra ficou conhecida por “Ponte do Porto”, situada portanto no limite de Matosinhos.

A obra extraordinária para a época era muito sólida, com o madeirame de sustentação firmemente encravado dentro da água, de tal sorte que sucessivas enchentes não a conseguiram abalar. De elegante estilo europeu, tinha guardas de treliça e telhado colonial [8].



*Primitiva Ponte do Porto.
Foto de autor e data não identificados,
gentilmente cedida para reprodução por Osni Paiva.*

Marçal cobrava pedágio para travessia, com preços diferentes para gentes e alimárias. Uma parte da taxa era revertida à coroa portuguesa como imposto.

Em 15/07/1736, a câmara convoca a população para dividir despesas no sentido de resgatar a ponte particular para benefício público. Diversas pessoas contribuíram. CINTRA (1982) informa que em 08/05/1737 ...

a câmara, tendo em vista despacho do Sr. Ouvidor e Corregedor, transfere o depósito de três mil cruzados da mão de José Alves de Mira para a de Antônio Francisco Portela, que recebeu a quantia equivalente de oitocentas oitavas de ouro limpo, pertencente a Marçal Casado Rotier – “preço porque foi avaliada a ponte que se acha sobre o Rio das Mortes”.

O mesmo autor esclarece que em 17/10/1744 foi feito o resgate, tornando-se bem público e as despesas de reparo correm por conta da câmara.

A cobrança da travessia continuou porém e passou por diferentes contratadores. HENRIQUES (2003) forneceu a relação completa dos administradores do Porto, com as respectivas datas, durante o período de um século, desde Tomé Portes até 1801, ano a partir do qual, segundo esse estudioso ... *“parece que a administração regional passou a cuidar da ponte, porque não aparecem mais contratos”*.

É sabido que houve tentativas de abolir esse pedágio que, em suma, pesava sobre o povo da região que dependia da ponte com frequência e não só de vez em quando como os viajantes. O cronista inglês LUCCOCK (1975), passou por São João del-Rei e Matosinhos em 1818 e anotou a seguinte observação a respeito:

A chuva aqui vem sempre do sul, e, por mais pesadas que pareçam as nuvens no quadrante oposto, as chuvas correspondentes jamais ultrapassam o Rio das Mortes. Existe um provérbio que diz que elas não podem pagar o pedágio instalado na ponte que transpõe o rio e o povo o repete em tom de sarcasmo.

Não obstante a solidez da obra ela esteve exposta às fortíssimas enchentes por mais de 150 anos sem que lhe dessem manutenção alguma. Sem conservação do poder público, no fim do século XIX começam a surgir os problemas.

A imprensa, em 1877, noticiava a sua reforma. Alertava que outras pontes municipais, sobre o Rio das Mortes, careciam também de concertos urgentes [9]. Dezenove anos depois, viria outra obra [10]: “o governo poz em hasta publica, até o dia ... de maio do corrente, os concertos da ponte do Porto, sobre o rio das Mortes, nesta cidade, orçados em 11:020\$645”.

O poder executivo numa prestação de contas à câmara, em 1898, atestou ter gasto 20\$000 com a conservação dessa obra [11].

Em 1916 haveria outra reforma [12]:

Segundo edital que vimos publicado no ‘Minas Geraes’ estão em hasta publica até o dia 5 de abril os concertos necessarios na ponte do Porto, sobre o rio das Mortes, nesta cidade, orçados em 6:276\$723. Na secretaria da Agricultura, em Belo Horizonte, e na Camara Municipal desta cidade, os interessados encontrarão o orçamento das obras e as informações que desejarem.

Mais outra é citada em 1920, junto com o concerto de várias outras pontes [13].



Ponte do Porto já sem o telhado mas ainda com a guarda, embora simplificada, sem treliça.

Foto: cortesia de Osni Paiva. Autor e data não identificados.

Obs.: esta fotografia ilustrou o livro de José Cláudio Henriques, "Bairro de Matosinhos: berço da cidade de São João del-Rei" e também consta no site [O Grande Matosinhos](#).

Todas essas reformas parciais e paliativas não resolveram a fundo o problema. No mais, ela por mais resistente que fosse, jamais foi projetada para suportar o trânsito pesado de caminhões e ônibus, inexistentes quando de sua construção. E de tal sorte, que, somadas às cheias, a ponte chegou a um grau intenso de degradação, já a muito sem telhado ou guardas, com alto índice de acidentes, causando anseios na população que dela servia [14]: “atualmente seu estado é precário. O povo aguarda a construção da nova. Será mais um traço de união entre as duas cidades irmãs”.

Quando a construção iniciou-se, pondo em rebuliço a população de São João, Santa Cruz e Tiradentes, o jornal **O Inconfidente**, em sua edição nº 6, de dezembro daquele ano, noticia em primeira página a sua construção. De forma alvissareira comenta também no nº 9, de julho de 1977 que o ritmo acelerado da obra estava mais adiantado que o cronograma planejado.

3- Ponte do Curtume

Das pontes erigidas no século XX em Matosinhos essa era a mais antiga. Assim denominada por ligar o extinto Curtume Tortoriello, sítio onde está a rodoviária e imediações, à Praça Pedro Paulo. Nesse local era refugada a casca do barbatimão (árvore leguminosa, *Stryphnodendrum barbatimao*, rica em tanino) já usado na atividade de curtir couro, antes da construção das casas populares. Ali ele era queimado.



*Ponte do Curtume.
Foto de autor e data não identificados,
gentilmente cedida digitalizada por Silvério Parada.*

Tinha as guardas muito altas, em arco, que lhe conferiam aspecto característico e único na cidade. Não eram poucas as crianças que brincavam nessas arcadas.

Sofreu a princípio dois danos estruturais. Uma primeira enchente descalçou sua cabeceira de um lado. Com apoio de macacos da ferrovia, foi escorada e reparada. Mais tarde novo abalo, motivado por obras indevidas no canal do Córrego do Lenheiro, fazendo-a tomar uma inclinação, do lado contrário do primeiro defeito. Saiu do prumo e do nível[15]. Um jornal confirmou a notícia oral falando em mais de dois metros de inclinação, devido a uma draga que nivelou o leito do córrego afetando sua base[16]. As chuvas subsequentes teriam agravado o problema.

Uma vez concertada, uma tromba d'água que atingiu a cidade a 15 de janeiro de 1978, danificou-a ainda mais uma vez. Uma de suas pistas foi interditada. Padre Jacinto Lovatto abrigou os flagelados em Matosinhos e providenciou alimentação para eles [17].

Foi interditada para carros por bom tempo, atravessando-a apenas carroças, bicicletas, pedestres e motocicletas.

Sob ameaça de desabamento, foi demolida, à época aproximada que para suas imediações o Prefeito Otávio Neves construía o novo terminal rodoviário, tirando-o do centro da cidade (Prainha).

Algum tempo depois foi construída em seu lugar uma nova ponte, de piso abaulado, guardas baixas tipo murada, que é hoje uma das mais importantes no trânsito da cidade. Inaugurada em 1984.



Ponte que substituiu a do Curtume. 11/08/2013.

4- Ponte da Rua Cristóvão Colombo

Situada entre a Praça Pedro Paulo e a Rua Cristóvão Colombo, acima da antiga Ponte do Curtume, ligando Matosinhos à Rua Aureliano Pimentel. Data de meados da década de 1990, em substituição a uma passarela que aí havia (dos anos setenta) e que por duas vezes foi parcialmente destruída por enchentes, precisando reparos.

Tem grande largura, pavimento asfáltico, guardas baixas, de canos de ferro soldados e passeio estreito. Dá mão dupla.

5- Ponte da Rodoviária

No começo dos anos 60, do século passado, houve uma obra de dragagem e retificação do Córrego do Lenheiro e do Ribeirão da Água Limpa. No fim dessa época foi construída a ponte de concreto armado entre Matosinhos e o Bairro das Fábricas, ligando-se à Rua Frei Cândido, sobre a confluência dos fluxos d'água supracitados. Piso plano.

Foi construída em paralelismo à do Curtume, poucos metros abaixo. Apontada por CHRISTÓFARO & PALHARES (1941) como obra concretizada graças a Tancredo Neves. Essa ponte em razão da proximidade do terminal rodoviário, ali estabelecido desde 1982, ficou conhecida como Ponte da Rodoviária.

O aterro da cabeceira dessa ponte pelo lado de Matosinhos cedeu a 17 de janeiro de 2005. Foi restaurado com concreto armado e ainda feito obras de drenagem [18].

Tem hoje grande importância para o fluxo de veículos automotivos.



Ponte da Rodoviária. 11/08/2013.

6- Ponte Luís Baccarini

Poucos a conhecem por esse nome oficial. É a popular “Ponte dos Cachorros”, seu nome corriqueiro. Datada de 1978. Liga a Vila Nossa Senhora de Fátima (Grande Matosinhos) ao Bairro das Fábricas.

Obra muito criticada pela qualidade. Estreita, só dá passagem a um veículo por vez, tendo as rampas de acesso muito salientes, sobretudo a do lado de Matosinhos, íngreme ao extremo e que não permite a visão adequada do veículo que vem do lado contrário. Dizem as línguas ferinas que o pejorativo apelido dessa ponte se justificaria pela qualidade da mesma, adequada para travessia de cães, mas não de pessoas.



"Ponte dos Cachorros". 11/08/2013.

7- Ponte Presidente João Pinheiro

Popularmente conhecida por **Ponte do Athletic**, devido à proximidade com o “Estádio Joaquim Portugal”, do Athletic Club. Construída em 1942, ligando a Praça Pedro Paulo à Rua General Aristides Prado. Seu piso era abaulado e tinha pequenos postes na cabeceira da guarda.

Teve de ser refeita. Informou-me meu pai, David Passarelli (fev.2008), puxando pela memória, que praticamente foi toda refeita. Segundo seu depoimento, à montante foi feito um dique de pedras no Ribeirão da Água Limpa, represando-o o que fez a alegria das crianças, pois nesse poço artificial vinham nadar, posto que, a esse tempo, as águas ainda eram limpas. Abaixo do dique, na raseira cascalhada a propósito, os carros e carroças atravessam o leito a vau rumo a Matosinhos.

A nova ponte foi construída na administração Milton de Resende Viegas (1967-1971).

Em janeiro de 2014 sofreu um afundamento na cabeceira junto à Rua Aristides Prado.



Ponte Presidente João Pinheiro. 11/08/2013.

8- Outras pontes

Uma outra ponte, dentro do território do grande bairro, está sobre o Ribeirão da Água Limpa na pista da rodovia federal BR-265, no limite do Pio XII. Apelidada **Segunda Ponte**, no que referencia a “Primeira”, considerada a que está cerca de 1 Km adiante, sobre o Córrego do Cala-boca. Datam da construção da rodovia, em meados dos anos sessenta.

Na Avenida Santos Dumont há uma pequena ponte pênsil, chamada **Ponte Romildo Giarola**, sobre o Ribeirão da Água Limpa.



*Ponte pênsil em Matosinhos, ora abandonada e em estado precário.
11/08/2013.*

Adiante existe uma outra bem maior, a **Ponte do Ouro Preto**, feita de pranchões de madeira, com vias de acesso em estrada não pavimentada [19]. Sobre ela foi construída em 2012 uma outra, de peças pré-moldadas em concreto, corrimões de canos de ferro e guarda de tijolos. As vias de acesso foram asfaltadas. Localiza-se no Ribeirão da Água Limpa, imediatamente a jusante da confluência do Córrego do Cala-boca.



*Ponte do Ouro Preto. Notar a ponte de concreto montada por cima da de madeira.
11/08/2013.*

Em 2005 foi anunciado pelo governo estadual, a autorização para construção de uma ponte sobre o córrego que corta a Avenida Santos Dumont, em Matosinhos, com duas pistas e 25 metros de extensão, prevista para 120 dias de execução [20]. Contudo só ficou pronta no final de 2012. Liga aquela avenida à Vila Belizário e Caieira (atual Bairro São Judas Tadeu).



*Ponte entre a Avenida Santos Dumont e a Vila Belizário.
11/08/2013.*

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Fotografias: Ulisses Passarelli, exceto indicação em contrário nas legendas.

[1] - **S. João d'El-Rey**, n. 3, 22/02/1899.

[2] - **A Opinião**, n. 46, 11/12/1907.

[3] - **O Zuavo**, n. 99, 21/01/1917. Sobre parte da história dessa ponte ver: PASSARELLI, Ulisses. Ponte da Água Limpa. **O Grande Matosinhos**, n. 47, set. / 2003.

[4] - **A Tribuna**, n. 195, 24/03/1918.

[5] - **O S. João d'El-Rey**, n. 6, 22/04/1920. A edição n. 11, de 27/05/1920 desse jornal, relata um auxílio do poder público municipal da ordem de 100\$000 para a construção da “ponte baixa” de Matosinhos, que não pude apurar qual era.

[6] - **O Correio**, n. 2723, 09/05/1954.

[7] - **O Correio**, n. 2961, 07/06/1959.

[8] - Também sobre o Rio Elvas, no caminho que vinha de Barbacena a São João del-Rei, tinha uma ponte dessas, registrou Richard Burton, em 1867: “há aqui uma ponte no estilo da Minas antiga, com cumieira central, enorme balaustrada e teto de pesadas telhas”.

[9] - **Arauto de Minas**, n. 1, 08/03/1877.

[10] - **O Resistente**, n. 54, 21/05/1896. As obras na ponte não agradaram pela má qualidade dos serviços, atestou o mesmo órgão da imprensa, na edição n. 66, de 26/11/1896.

[11] - **S. João d'El-Rey**, n. 3, 22/02/1899.

[12] - **O Zuavo**, n. 76, 20/02/1916.

[13] - **O São João del-Rei**, n.6, 22/04/1920.

[14] - **O Inconfidente**, Tiradentes, n. 13, ag. / 1976

[15] - Sobre os danos a informação foi gentilmente dada por Silvério Parada, abr./2006 e reconfirmadas 7 anos mais tarde pelo mesmo.

[16] - **Ponte da Cadeia**, n.275, 10/02/1972.

[17] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 202, 20/01/1978.

[18] - **Gazeta de São João del-Rei**, n.334, 22/01/2005.

[19] - Observação pessoal em 21/06/2009.

[20] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 361, 30/07/2005.

Matadouro

Abatedouro da Água Limpa

Por muitos anos o matadouro municipal funcionou em Matosinhos, na confluência das ruas Amaral Gurgel e Elói Reis, entre elas, o **Ribeirão da Água Limpa** (ao fundo) e a via férrea ao lado, exatamente onde hoje está o prédio do “Lares Solidários”.



O matadouro de Matosinhos já em princípio de demolição.
Foto: jornal O Grande Matosinhos

Passarei apenas de passagem pelo assunto, que já foi abordado num estudo específico [1]. Apresento apenas umas notícias extras, ausentes no mesmo.

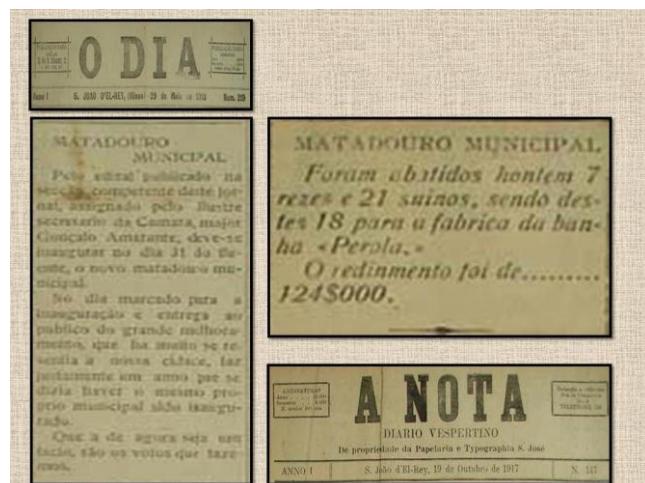
Uma proibição da câmara impedia que se matassem reses para consumo público fora do matadouro municipal. Em caso de transgressão a multa era de 20\$000 [2]. Exigiam ainda licença para os açougue.

Sabe-se que antes de ser instalado em Matosinhos, funcionou ao final do Matola, na entrada da Caeira (Bairro São Judas Tadeu). Sua situação ali era precária. Uma resolução da Câmara Municipal de 05/02/1898 autorizava o agente executivo a proceder estudos e orçamento referente à mudança do matadouro, a serem apresentados posteriormente aos vereadores para deliberação (*). Mas a mudança não veio logo, tanto que um edital da câmara municipal datado de 01/03/1905 previa muitos reparos: calçamento, coberta do curral, fonte de água para o gado, outro curral ao lado do já existente para demora e abatimento de porcos, coberto e com água, cuidados com a higiene, manilhamento do esgoto até a praia, passeio de 1,30 m em redor do matadouro [3].

A resolução n. 317, de 25/02/1905, previamente autorizara as despesas previstas para esta grande reforma e novamente se cogitava a sua transferência de lugar [4]. O dinheiro vinha do “imposto de sangue”, assim chamada a taxa incluída nos serviços de abate.

Sua transferência para Matosinhos em 1910, aliviou os problemas mas não resolveu tudo. O jornal **O Dia** em 1913 (conforme recorte abaixo), anuncia a inauguração do novo Matadouro Municipal, possivelmente se referindo a uma ampla reforma ou reestruturação. Em 1920 começaram seus reparos: “*em serviços no matadouro em palha e lenha foi gasta a quantia de 483\$420*” [5]. Outra notícia do mesmo ano diz que em pequenos consertos do matadouro e em tapumes do Pasto do Segredo, a Câmara gastou 281\$250 [6]. Ao que parece, no local chamado **Segredo** (entre o Centro e o Bonfim), ficava o gado que seria conduzido à matança. No mesmo ano aparece notícia de pagamento de material e serviços a Mário Mourão e João d’Aldegan [7].

Ao longo de sua existência em Matosinhos o matadouro cheio de precariedades, passou por várias modificações visando melhorias, mas foi alvo de muitos protestos dos moradores, até que conseguiram retirá-lo por ordem judicial. Foi transferido para as margens da rodovia na **Colônia do Bengo**, em agosto de 1999.



Notícias jornalísticas sobre o matadouro municipal em Matosinhos.

Notas e Créditos

* Segundo o jornal são-joanense **O Resistente**, nº132, de 10/03/1898.

**Texto: Ulisses Passarelli

*** Fonte jornalística: site da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida](http://www.bibliotecamunicipalsjk.com.br/site/index.php/acervo), São João del-Rei/MG.

[1] - PASSARELLI, Ulisses. Matadouro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 11, 2005.

[2] - **CÓDIGO DE POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO JOÃO DEL-REI**, 1887. Art.33.

[3] - **O Repórter**, n. 7, 05/03/1905.

[4] - **O Repórter**, n. 12, 09/04/1905.

[5] - **O S.João d'El-Rey**, n. 6, 22/04/1920.

[6] - **O S.João d'El-Rey**, n. 7, 29/04/1920.

[7] - **O São João d'El-Rey**, n.9, 13/05/1920.

Escolas

Os estabelecimentos de ensino surgiram tardiamente no bairro. GAIO SOBRINHO (2000), no seu estudo sobre a educação nesta cidade, noticiou:

"Antônio de Moura Freitas, segundo a Pátria Mineira, no dia 12 de outubro de 1893, fundava um colégio em Matosinhos, destinado ao sexo masculino, onde lecionava, pelo preço que se convencionar, português, aritmética, história, geografia. Anexo funcionou também uma escola noturna."

Existiu também uma escola mista, regida pela professora Maria Carlota Rios. Tinha avaliação para admitir alunos, cuja comissão examinadora se compôs em 1906 pelo professor Sebastião Sette, Dr. Paulo Teixeira e Dr. Francisco de Assis Fonseca. Foi instalada com 61 alunos [1].

Em 1906, a lei municipal 22 de dezembro autoriza o agente executivo (correspondente ao atual cargo de prefeito) "a auxiliar o professor da escola particular de Matosinhos com a quantia de trezentos mil réis", segundo o jornal **O Repórter**, nº49, de 06 de janeiro daquele ano. A lei orçamentária da câmara no mesmo ano, visando economias, dentre outros cortes, previu redução nos auxílios previstos para Matosinhos, a apenas 300\$ anuais à escola do sexo masculino, de caráter particular [2]. O mesmo valor é confirmado no ano seguinte, segundo a lei n.148, de 8 de setembro, pago ao professor [3].

Em 1907-8 funcionava uma escola no bairro. Fora anteriormente viabilizada pelos esforços do deputado estadual Severiano Nunes Cardoso de Resende. GAIO SOBRINHO (2000), estudando a educação nesta cidade, afirma que era uma escola mista com 61 alunos, e que seria decretado o Externato de Instrução Primária, do Professor Cândido de Moraes Pires. Sobre este educador, encontrei o seguinte anúncio [4]:

"Escola de S. José – Regida pelo Professor particular CANDIDO DE MORAES PIRES. Recebe creanças de ambos os sexos á 3\$000 mensaes, curso diurno e nocturno. Especialidade no ensino de Arithmetic e contabilidade. LARGO DE MATTOSINHOS, nº38 – S. JOÃO D'EL-REY, Minas."

A escola mista citada em 1906 foi paralisada e reativada pouco depois [5]:

"Por decreto de 30 de junho foi restabelecida a cadeira mixta de Matosinhos, desta cidade. Esse acto do governo do Estado foi recebido com geral aplauso, pois era sensível a falta da escola publica no arrabalde de Matosinhos."

O **Almanak de São João d'El-Rey**, de 1924, segundo Antônio Gaio Sobrinho, aponta uma escola pública estadual existente em Matosinhos.

O decreto nº 8.434, de 12/05/1928, é assinado em São João del-Rei, autorizando a reconstrução do imóvel estadual em Matosinhos, para nele se instalar a Escola de Preservação de Menores Abandonados, segundo BARBOSA (1930). A mesma fonte, informa ainda, que por essa época, havia no bairro duas escolas estaduais mistas, com um professor cada, tendo uma delas quarenta e seis estudantes e a outra oitenta e um.

Esse mesmo historiador, noutra obra, informa no ano seguinte, novamente, sobre essas escolas de nível primário [6].

O crescimento acelerado do bairro exigia mais estabelecimentos educacionais e ainda GAIO SOBRINHO (2000) aponta com base no jornal **O Correio**, que em 1929 já havia uma escola masculina e outra, mista. Ainda nesse ano, a 19 de junho, foi criada a afamada Escola Padre Sacramento que, informa...

"Instalou-se ela inicialmente na antiga chácara da família Apolinário, em Matosinhos, utilizando também das inacabadas dependências do Pavilhão de Matosinhos. Houve na ocasião, solene entronização de Jesus Crucificado na sala principal, oficiada por Dom Helvécio Gomes de Oliveira, bispo arquidiocesano de Mariana. Nessa oportunidade discursaram, além do Presidente [na nomenclatura atual corresponde ao Governador de Estado] Dr. Antônio Carlos, o seu secretário Bias Fortes e o professor Lara Resende, designado primeiro diretor do estabelecimento."



Foto-montagem do autor sobre recorte do acervo digital da Biblioteca Pública Municipal Baptista Caetano de Almeida. O recorte comenta sobre a Escola Padre Sacramento em Matosinhos.

Em 1931 confirma-se a mesma quantidade de escolas e estudantes em Matosinhos[7]. Sobre os estabelecimentos de ensino, assim se expressou HENRIQUES (2003):

"A primeira escola do bairro parece ter sido a Escola Pública do Sexo Masculino, cujo diretor era o sr. Carlos dos Passos Andrade. Em seguida vieram as Escolas Reunidas de Dona Izabel Pereira e Dona Abigail. Tudo indica que essas escolas, bem como a que se instalou no Pavilhão de Matosinhos, não foram adiante, já que pessoas daquela época afirmaram que o pessoal de Matosinhos estudava no Grupo Escolar João dos Santos, localizado no Centro da cidade, e no Aureliano Pimentel, no Bairro das Fábricas."

Em 1946 era fundada no bairro a Escola Estadual Tomé Portes del-Rei. Foi criada pelo decreto nº 2.192, de 22 de janeiro. Gentil Palhares e Paulo Christófaro, em 1963, afirmam que através de Tancredo Neves, o número de alunos dessa escola foi dobrado. Funcionou em diversos locais.

Existem hoje várias escolas básicas particulares para crianças (jardins de infância) e uma pública, a Pré-escola Municipal Professor Elpídio Ramalho. Persistem ativas as seguintes escolas públicas, consoante legendas das fotografias abaixo:



Escola Estadual Deputado Mateus Salomé



Escola Estadual Governador Milton Campos



Escola Estadual Tomé Portes del-Rei



Escola Municipal Pio XII



Escola Municipal Bom Pastor

Notas e Créditos

* Texto e fotos (escolas: 12/01/2014): Ulisses Passarelli

[1] - **O Repórter**, n. 53, 27/01/1907; n.40, 04/11/1906.

[2] - **O Repórter**, n. 34, 23/09/1906.

[3] - **O Repórter**, n. 37, 14/10/1906.

[4] - As informações do historiador Antônio Gaio Sobrinho foram calcadas em **O Repórter**, de 27/01/1907. O anúncio foi transscrito de **A Opinião**, n.55, 11/01/1908.

[5] - **A Opinião**, n.101, 03/07/1909.

[6] - BARBOSA, José Victor (org.). **A actualidade sanjoannense**: ensaios estatísticos sobre o município de São João d'El-Rey. São João del-Rei: Commercial, 1929. (Obs.: em 2008 foi reimpresso de forma fac-similar)

[7]- **SINOPSE ESTATÍSTICA DE SÃO JOÃO D'EL-REY**. São João del-Rei: Casa Assis, 1931. Edição Comemorativa do cinquentenário da EFOM.

Monumentos

“Razões” do progresso puseram abaixo todo o casario colonial do bairro e mais recentemente as casas de estilo eclético. Restam duas dignas de nota, do começo do século XX, que conservaram o ecletismo: uma na Rua General Aristides Prado e outra na Bernardo Guimarães. A essa sanha demolidora resistiu felizmente a estação ferroviária e a clássica estátua-chafariz, situada na praça principal.

No fim da década de 1990 um apelo de moradores mais sensíveis do bairro visava restaurar o pouquíssimo que sobrou. Sempre divulgando, aqueles esforçados cidadãos acabaram por lançar um projeto, “Triângulo Histórico Monumental do Bairro de Matosinhos”, que tinha por vértices a restauração da estação de Chagas Dória, a construção de uma réplica da igrejinha demolida (para servir de capela do Santíssimo e sala de ex-votos) e outra réplica, ainda que só da fachada, do também demolido pavilhão do bicentenário. A igrejinha seria feita no adro da atual e o pavilhão no desativado matadouro.

A ampla divulgação levou a muita repercussão na imprensa mas infelizmente, por falta de verbas e sobretudo de vontade política o projeto não se concretizou e dele não se tem mais falado [1]. A estação foi restaurada bem depois, sem vínculo com o projeto.

1- Estátua-chafariz

Controvertida é a história deste monumento, cheio de incertezas históricas. Novas considerações e estudos revelam equívocos do passado e trazem outras interpretações. É divulgado que esta peça de

ferro fundido foi adquirida pela câmara municipal em 1887, mas exatamente a fonte original desta informação é por ora desconhecida.

Tradicionalmente o chafariz encimado por uma estátua tem sido interpretado como Ceres, que na mitologia romana é a deusa da agricultura e da colheita.

Neste sentido o monumento representa uma mulher elegante, segurando ferramentas de uso agrário (ancinho e segador) e tem aos pés um feixe de ramos de trigo. Na base, como um pedestal muito bem trabalhado, há de cada lado duas caras medonhas de cujas bocas jorrava água para dentro das respectivas bacias. Essa carantonha representa o Fauno, entidade romana da natureza.

Outras interpretações porém lhe atribuem um aspecto de jovem rapaz com trajes romanos, portanto estátua masculina, representativa do verão.

Ficava na lateral da igrejinha demolida. Em certa época dos novecentos, este chafariz foi retirado de Matosinhos e enviado para o Bonfim, onde ficou junto à estação de tratamento de água. Retornou a Matosinhos, ocupando o centro da praça. Era cercado de uma grade baixa, pintada de cor alaranjada, prejudicando ainda mais o seu visual, já poluído por conta dos trailers e barracas que ali infestavam. A grade não lhe garantia segurança, tanto que no poente de 1998 uma tampa de ferro fundido da parte posterior de sua base, cheia de floreados em alto relevo, foi roubada e vendida para um ferro-velho da cidade. Felizmente pôde ser recuperada. Com a reforma da praça em 2003 essa grade foi retirada.

No carnaval de 1999, um gaiato em flagrante desrespeito subiu sobre a estátua-chafariz, pendurou em sua cabeça um pano como se tivesse com um lenço amarrado. Assim fotografada, saiu na **Gazeta de São João del-Rei** como a foto da semana, na edição n. 32, de 27 de fevereiro daquele ano.

Embora seja um chafariz há anos não jorra água.

Esta estátua possui tombamento pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, desde o ano 2000 [2].

Na cidade, já correu proposta de retirá-lo de Matosinhos e trazê-lo para o centro histórico da cidade, sob alegação do patrimônio arquitetônico do bairro estar todo degradado e assim não fornecer mais entorno e ambiente propício. A ideia é duramente combatida pelos apaixonados por Matosinhos.

Sobre a origem desta estátua hoje se sabe graças à perspicácia do professor Antônio Gaió Sobrinho que se trata de uma peça da fundição francesa Val d'Osne [3]. Pensava-se antes numa origem italiana, de Turim.



Estátua-chafariz de Matosinhos, tradicionalmente chamada "Deusa Ceres", terminologia hoje em contestação.

Foto: Iago C.S. Passarelli, 04/08/2013.

2- Chafariz da Chácara dos Simas

Houve em Matosinhos um outro chafariz. Era em estilo barroco, com frontispício entalhado em pedra. Localizava-se próximo à igreja. Um prefeito o retirou sob a alegação de restaurá-lo e Matosinhos não reviu o monumento.

Lincoln de Souza noticiou acerca de um chafariz colonial removido do bairro, possivelmente esse mesmo[4]:

desenterrado aos pedaços dos fundos de uma velha chacara colonial do subúrbio de Matozinhos e reconstruída cuidadosamente, está hoje nas imediações do quartel do 11º Regimento de Infantaria a atestar a sobria elegância de suas linhas arquitetônicas.



*Chafariz de Matosinhos segundo uma antiga ilustração.
Cortesia: Osni Paiva.*

3- Monumento à Guerra dos Emboabas

Datado de 12/10/1990. Situa-se na praça principal. É um marco de pedra com placa metálica portando longo letreiro em memória desse embate, travado no período inicial da mineração, no qual São João del-Rei foi um dos centros com episódios mais aguerridos.



Foto: Ulisses Passarelli, 06/03/2014.

Em especial, houve o célebre episódio do Capão da Traição, no qual um grupo de paulistas foi assassinado pelos emboabas impiedosamente, apesar de já terem se rendido dentro de um capão (o mesmo que capoeira, pequena mata), daí dizer-se que foram traídos. O marco rememora em especial esse fato trágico.

O lugar exato do capão não é conhecido. Uma das correntes defende que se situasse em Matosinhos, tendo a seu favor grandes nomes como Basílio de Magalhães e Lincoln de Souza. Eis uma citação deste [5]:

"O arrabalde de Matosinhos a tres quilometros da cidade, onde se realizam anualmente tradicionais festejos religiosos, cuja fundação data de 1774, foi teatro de triste episodio que passou á historia conhecido como o do "Capão da Traição"."

Estudos de GUIMARÃES (1986) apontam como local mais plausível as proximidades do Pombal, onde nasceu o são-joanense, Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. A terceira possível localização seria nos arredores dos povoados de Canela e Goiabeiras, em São João del-Rei, tese que tem como baluarte Eduardo Canabrava Barreiros.

Este monumento foi removido de sua posição original, relativamente próximo aos trilhos da Maria Fumaça, quando da reforma da praça que lhe deu a feição atual com a retirada dos *trailers*. Hoje se situa mais defronte ao SENAI, defronte aos aparelhos de ginástica. O verso da pedra que fixa a placa com o letreiro citado ganhou outra placa, de natureza política, referente à inauguração da academia comunitária, como se pode ver nas fotos abaixo.



Foto: Ulisses Passarelli, 06/03/2014.

4- Monumento da Maçonaria

Está situado na praça, mais próximo à estação, no divisor de pistas que serve de retorno para a Rua Bernardo Guimarães.

Sobre uma base de concreto armado, em forma de coluna, se assenta em tamanho considerável, o símbolo maçônico do esquadro invertido, sobreposto pelo compasso, tendo ao centro a letra gê maiúscula.

Datado de 27/10/1995, comemora o centenário da Loja Maçônica Charitas II, desta cidade.



Monumento maçom em Matinhos.

Foto: Ulisses Passarelli, 02/01/2014.

5- Monumento ao primeiro pároco de Matosinhos

Busto em homenagem ao Cônego Jacinto Lovatto Filho, posto na praça, após a reforma de 2010, defronte o santuário, no ano do cinquentenário da paróquia. Inaugurado em agosto.



Busto do Padre Jacinto.

Foto: Iago C.S. Passarelli, 2012.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos conforme legendas

[1] - Sobre o projeto do Triângulo Histórico, ver, dentre outros textos jornalísticos, os seguintes: **ACI del-Rei**, n. 45, out./1998; **Gazeta de São João del-Rei**, n. 15, 24/10/1998; n. 17, 07/11/1998; n. 34, 13/03/1999; n. 37, 03/04/1999; n. 40, 24/04/1999; n. 44, 22/05/1999; **Tribuna Sanjoanense**, n. 974, 30/03/1999; n. 976, 20/04/1999; n. 980, 18/05/1999.

[2] - **O Grande Matosinhos**, n. 13, nov. / 2000.

[3] - Informação pessoal de Francisco José de Rezende Frazão, 25/04/2012.

Ver a respeito desta notícia: SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. **Deusa Ceres**: ela não é italiana, é francesa! Coluna Gente & Notícia, ed.146, abr.2012. (Fonte: www.ograndematosinhos.com.br, acesso em 26/04/2012).

Sobre este monumento ver também: CARVALHO, José Maurício de. Chafariz da deusa Ceres. **Tribuna Sanjoanense**, n. 1.040, 03/10/2000.

[4] - SOUZA, Lincoln Teixeira de. Coisas e aspectos do Brasil. O Carioca, Rio de Janeiro, 15/02/1941. In: **Viagens pelo Brasil e ao Estrangeiro**: caderno de viagens. (Exemplar da Biblioteca Pública Municipal Batista Caetano de Almeida, São João del-Rei)

[5] - SOUZA, Lincoln Teixeira de. Predios e sitios historicos de São João del-Rei. 18/02/1941. In: **Viagens pelo Brasil e ao Estrangeiro**: caderno de viagens. (Exemplar da Biblioteca Pública Municipal Batista Caetano de Almeida, São João del-Rei).

Ceres... que estátua é esta?

Chafariz de Matosinhos: incógnitas...

No centro da Praça de Matosinhos um belo monumento metálico oitocentista, jaz esquecido de maiores cuidados. É um chafariz que a muito tempo não jorra água, encimado por uma misteriosa estátua que recentemente tem suscitado discussões variadas, instigando os pesquisadores a reescrever sua história, calcada em novas pesquisas e reflexões.



Tradicionalmente é chamada “Deusa Ceres” em São João del-Rei/MG. Ora, em Valença/BA, há uma estátua-chafariz absolutamente idêntica, fundida na mesma fôrma, igualmente chamada Deusa Ceres.

Na mitologia romana, Ceres era a Deusa da Agricultura, filha de Saturno e Cibele. Simbolizava o amor maternal e dava força ao crescimento das plantas. Teve com seu irmão Júpiter, uma filha chamada Prosérpina, que esposando Plutão, foi parar no inferno. Uma das versões diz que no desespero, Ceres clamou a Júpiter pelo retorno da filha, mas sendo impossível só lhe foi concedido estar com ela durante uma quadra do ano, justo no inverno, quando então, Ceres recolhia seus poderes e os campos de cultivo descansavam, sem plantio e sem colheita.



Alguns elementos históricos dessa estátua em São João del-Rei estão a merecer maior esclarecimento:

- qual a sua data exata: 1887 como se tem dito? Onde está a comprovação?
- foi mesmo a Câmara Municipal que a encomendou? Onde está o documento? Qual seu valor financeiro?
- Como chegou aqui?
- quais os detalhes de sua saída de Matosinhos e depois seu retorno?
- ela é mesmo representativa da deusa romana?

Não faz muito, Antônio Gaio Sobrinho em artigo contrariou a origem direta de Turim, Itália, ao trazer a público a existência de uma pequena inscrição “Val d’Osne”, referente à famosa fundição francesa.

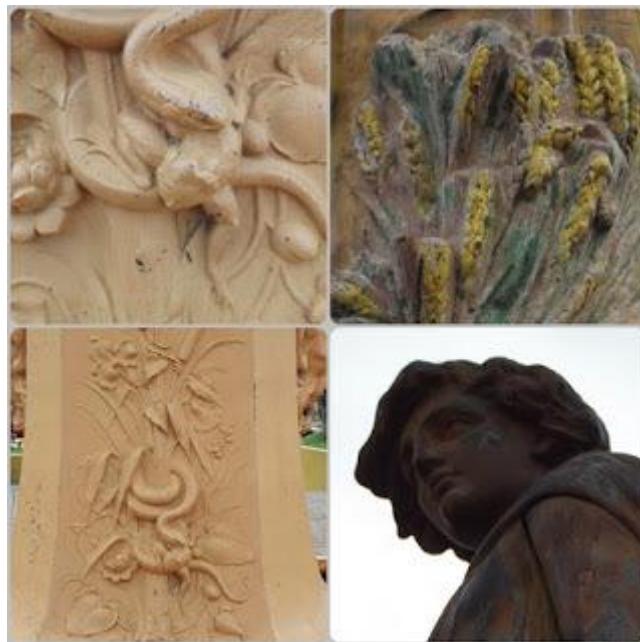


Meu trabalho de pesquisas sobre Matosinhos já estava pronto quando as discussões começaram e chegaram até mim colaborações de pesquisas de Flávio Frigo e Francisco José de Rezende Frazão, que muito contribuíram para as novas reflexões e considerações sobre este monumento. As novidades puxaram novas consultas à internet, ora apenas pinceladas, mas obrigando em futuro próximo a reescrever toda a história deste monumento. Fica consignada minha gratidão à confiança destes estudiosos de nossa história.



A arte da estátua francesa neoclássica, existente no Bairro Matosinhos é devida a Mathurin Moreau (Dijon, 1822 - Paris, 1912), um artista pleno, de traços acadêmicos, com muitas obras espalhadas no novo e velho mundo. A estátua tem a inscrição da fundição Val d’Osne, onde trabalhava o artista supracitado, na região metalúrgica do Alto Rio Marne, em Champagne-Ardenne, que no período oitocentista

celebrizou-se na fabricação de peças primorosas: *Société anonyme des hauts-fourneaux et fonderies du Val d'Osne*.



Elementos decorativos evocam o ambiente natural dos faunos de cuja bocarra escancarada jorrava água: folhas paludícolas, juncos e uma cobra devorando rã, possível símbolo agrário da renovação da vida. Ainda mais, um elemento chama a atenção: uma flor, compatível com uma magnólia, símbolo da femininidade, inspiração de delicadeza e beleza.



Mesmo em São João del-Rei uma outra peça da mesma fundição pode ser vista: seca, sem jorrar água, um chafariz-lampião com quatro carrancas de fauno, idênticas às de Matosinhos, enfeitam o centro do Largo do Carmo, em pleno centro histórico.



Frazão me alertara que outras peças históricas existem em São João del-Rei com semelhança estilística aos monumentos da Val d'Osne na cidade, quais sejam, os dois lampiões que hoje ladeiam o jardim anexo à Prefeitura Municipal, na Avenida Hermillo Alves.



Segundo seu comunicado pessoal foram para aí trazidos na gestão do prefeito Milton Viegas, do Largo da Câmara e da Estalagem (Praça Nossa Senhora de Fátima, Bairro Tijuco), este já em precário estado de conservação, demandando enchimentos em madeira para recomposição.

O mesmo informante e estudioso supra, em sinal de amigável confiança, afirmou-me, baseado em fotografia de época, que a estátua “de Ceres” ou que outro nome tenha, esteve antes de 1915 no Largo do Rosário, bem onde, até hoje se encontra o busto do exímio compositor musicista Padre José Maria Xavier, aliás o primeiro da cidade, instalado justo nesse ano.



É sabido que a estátua de Matosinhos esteve também por certo período fora do bairro, transferida para o Morro da Forca (Bairro Bonfim). Mas não localizei a data de seu translado.

Peças literalmente idênticas à de Matosinhos estão no Rio de Janeiro (Passeio Público, entre a Lapa e a Cinelândia) e em algumas cidades espanholas, italianas e francesas, às vezes com quatro bacias de água.



Em alguns lugares fixou-se com o nome de Ceres (a exemplo de Valença/BA)[1], outros, como uma alegoria do verão, fazendo conjunto com outras estátuas representando as demais estações[2]. A estátua pode ser também interpretada como figurativa de um jovem, ou seja, com características masculinas[3]. Na Espanha, de iconografia idêntica à nossa é chamada “Segadora”[4] em Montoro e Vegadeo, além de Avilés (Astúrias), ressaltando o caráter feminino da estátua. Este nome é uma referência ao seu arco de ceifar trigo (segadeira).

A elucidação concreta passará necessariamente pelo catálogo de peças da fundição. Afinal, mesclando características femininas e masculinas, segundo o ponto de vista, a estátua representa o quê de fato: a Deusa Ceres, o verão, uma segadora ou um jovem trabalhador rural, um rapaz camponês? As peças feitas nesta fôrma eram vendidas com que nome pela Val d’Osne? Aguardando as respostas a estas incógnitas, as pesquisas devem prosseguir.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotografias e montagens fotográficas: Iago C.S. Passarelli, 2012 e 2013.

*** Outras fontes sugeridas à consulta na web:

- [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ceres_\(mitologia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ceres_(mitologia))
- www.culture.fr

[1] <http://alacazum.blogspot.com.br/2008/06/esttua-da-deusa-romana-ceres-na-cidade.html> (acesso em 26/04/2013)

[2] <http://www.passeiopublico.com/htm/acervo.asp> (acesso em 26/04/2013)

[3] GAIO SORBRINHO, Antônio. Seria mesmo a deusa Ceres? **O Grande Matosinhos**, n.98, maio/2012.

[4] <http://pasionpormontoro.blogspot.com.es/2012/03/la-segadora-de-montoro-y-sus-numerosas.html> (acesso em 26/04/2013)

Vigia silenciosa

Uma antiga estátua olha serenamente Matosinhos...



Foto: Iago C.S. Passarelli, 2013

A elegante estátua francesa que se destaca por sua imponência no centro da praça de Matosinhos, em épocas recuadas peregrinou a outros pontos da cidade. Entre eles, sabidamente, no Morro da Forca (Bairro Bonfim) e como bem me alertou o pesquisador Francisco José de Resende Frazão, também no Largo do Rosário, antes de 1915, época em que foi assentado no mesmo lugar que ocupava a herma do Padre José Maria Xavier, que até hoje ali se encontra. O pesquisador supra me ofertou gentilmente uma antiga foto que mostra a "Deusa Ceres" diante do Rosário e que abaixo reproduzo com adaptações:



Foto ofertada por Francisco José de Resende Frazão, servindo de base para estudos de variações cromáticas que tentam evidenciar a silhueta do chafariz "da Deusa Ceres" em frente à Igreja do Rosário, aprox.1900-1915.



Variação cromática com imagem ampliada do chafariz. Adaptação: Iago C.S. Passarelli.



Variação cromática com imagem ampliada do chafariz. Adaptação: Iago C.S. Passarelli.

É fato conhecido que o lampião-chafariz do Largo do Carmo (de 1887, providenciado pela Câmara Municipal) tem a mesma origem da estátua-chafariz de Matosinhos, monumento que supostamente é seu coetâneo. Aliás, as bacias e faunos são idênticas:

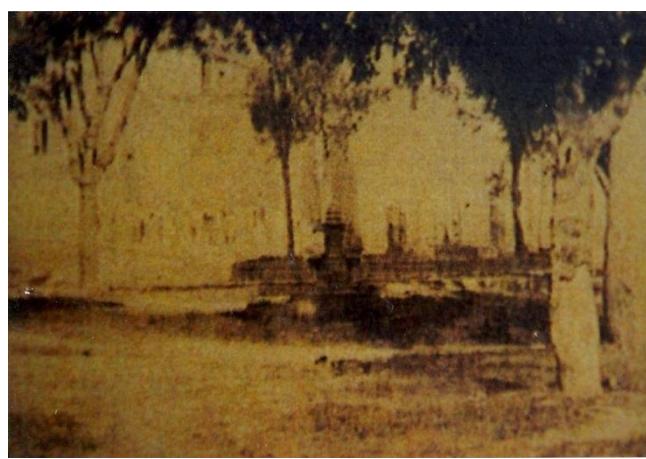
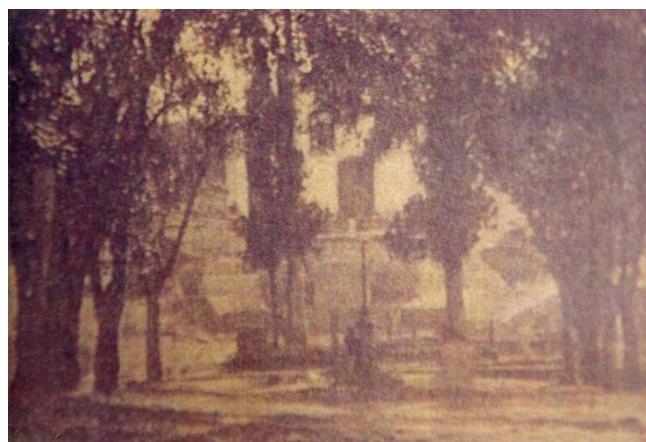


O mesmo pesquisador supra me alertara com perspicácia que uma confrontação estilísticas leva a aproximar os dois chafarizes supra de dois outros desta cidade, hoje apenas lampiões desprovvidos da bacia, idênticos entre si e hoje situados ao lado da Prefeitura Municipal em humilde jardim, ora em processo de revitalização, junto à Avenida Hermillo Alves:



Fotos: Ulisses Passarelli, 2013

O da parte superior do jardim (mais próximo à Ponte da Cadeia) ficava originalmente no Largo da Câmara, de que o pesquisador citado cedeu-me antigas fotos, conseguida com o ilustre Silvério Parada, que pode ser vista abaixo:



O da parte inferior do jardim ao lado da prefeitura situava-se na Praça Nossa Senhora de Fátima (antiga Estalagem), no Bairro Tijuco e estava em situação de conservação muito precária tendo sido remendado até com pedaços de madeira na ocasião do translado para o lugar atual. Desconheço fotos antigas do tempo que esteve na Estalagem.

Informações orais transmitidas pelo colaborador supra-citado dão conta de que a transferência para a lateral da prefeitura de ambos se deu na administração do Dr. Milton Viegas (fins da década 1960 e começo da seguinte) que teve papel importante nas ações culturais da cidade.

Serão esses dois chafarizes/lampiões também da Val d'Osne? Está aí mais um veio aberto à investigação

...

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotografias: conforme legenda e esclarecimento textual

Ex-votos

Não é objeto dessas breves linhas, estudar os ex-votos, mas tão somente comentar algo acerca de sua presença em Matosinhos.

Ex-voto é um objeto ofertado para atestar uma graça alcançada. O fiel que recebeu o “milagre” agradece deixando este objeto, como sinal comprobatório da intervenção divina. Há quem considere também como forma de ex-voto, as ações tomadas pelo devoto para agradecer a graça. Particularmente prefiro enquadrá-las como um pagamento convencional de promessa, sem considerá-las de caráter ex-votivo. O ex-voto verdadeiro é material.

São conhecidos em várias partes do mundo, inclusive Portugal, de onde plausivelmente recebemos o costume de sua confecção. No Brasil, da mesma forma, em diversas regiões podem ser vistos e têm sido relatados. Os centros de romaria são pródigos em ex-votos.

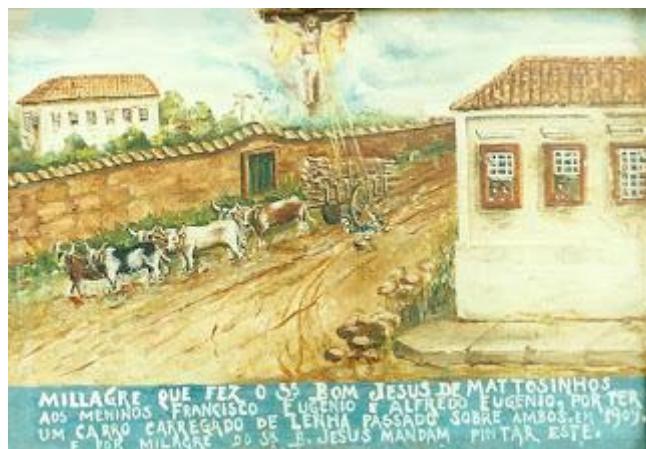
Talvez o mais antigo ex-voto que cita a invocação do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em São João del-Rei, seja o que está hoje no Museu Regional do IPHAN, desta cidade. É proveniente da Igreja do Carmo. É anterior à construção da capela de Matosinhos e prova que a devoção já andava por aqui. Seu texto diz:

“M^{gre}. q. fez o S^r. JESUS de Mathosinhos e a Sr^a. do Carmo a An^{to}. escravo de Joze da Costa de Gouvea que estando trabalhando na cata lhe cayio E~u banco de terra eficando em terrado atte os peitos quando o tirarão tinha Eua perna quebrada em varias p^{tes}. e apegandoce com o ^{do}. S^r. e sua May S^{ma}. ficou sem lezão alguâ. 1770.”

Em grafia atualizada: “Milagre que fez o Senhor Jesus de Matosinhos e a Senhora do Carmo a Antônio, escravo de José da Costa de Gouveia, que estando trabalhando na cata [de ouro] lhe caiu um banco de terra, ficando enterrado até os peitos. Quando o tiraram tinha uma perna quebrada em várias partes e apegando-se com o dito Senhor e sua Mãe Santíssima ficou sem lesão alguma. 1770”.

A análise dos ex-votos compreende um estudo à parte, não planejado para este trabalho.

Entre os ex-votos da Igreja de Matosinhos existe um que mostra um carro de bois carregado de lenha passando sobre duas crianças, nas imediações da igreja, na atual Avenida Sete de Setembro. Data de 1909. É um registro de uma importante atividade econômica daquele tempo [1].



Um deles mostra um caso peculiar para a época: uma mulher negra, moribunda, no leito – uma cama com baldaquim, verdadeiro luxo, quase que exclusivo das mulheres brancas de boa posse.

Dizem os rumores que o número de ex-votos antigos era bem maior e que na época da demolição da igreja primitiva vários deles desapareceram, entremeados aos escombros; outros teriam sido vendidos.

Os quadros antigos atualmente expostos são réplicas fotocopiadas. Os originais por questão de segurança estão junto ao acervo do Museu de Arte Sacra da cidade.

Importante ressaltar a inclusão recente de novos [ex-votos](#) à Sala dos Milagres, demonstrando que o costume de fazê-los não se perdeu, embora o estilo e a matéria-prima sejam outros.

Sobre a predominância de tipos, pode-se constatar que em tempos mais remotos os quadros pintados eram as formas preferidas, o que aliás ocorre com outros acervos. Ou pelo menos, eles foram os que resistiram à ação do tempo.

A facilidade atual dos meios fotográficos fez com que os ex-votos contendo retratos se tornassem frequentes.

Os [ex-votos](#) de madeira esculpida representando partes humanas não foram encontrados, ao contrário do que se nota em vários santuários, capelas e cruzeiros de beira de estrada. As peças em cera os substituem por completo, sendo obviamente de acesso mais fácil e custo menor, alcançando o mesmo objetivo.

Importante, por fim registrar, que o Padre José Raimundo da Costa, com grande sensibilidade cultural, reformou a sala que hoje serve para expor essas peças sacras e ela tem estado aberta à visitação.

Notas e Créditos

* Foto e texto: Ulisses Passarelli.

[1] - No começo do século XX, na área da Ponte do Porto, fazia-se embarque de lenha. Os paus cortados desciam o rio até a base da ponte, acondicionados em jangadas, donde eram levados para a venda na cidade, através de carros de boi e burros cargueiros, num tempo que não havia fogões à gás. Um anúncio a propósito: *"Lenha picada. Entrega-se em carroças a domicílio. Para encomendas nas seguintes casas: Silva & Bastos, João Teixeira e Lopes & Filho"* (A **Opinião**, n. 19, 11/09/1909).

Ex-votos de Matosinhos

Em São João del-Rei é muito antigo e tradicional o costume votivo de ofertar nas igrejas uma memória de graça alcançada. São os ex-votos.

Um velho texto jornalístico da cidade informou sobre um destes, achado no atual distrito de Emboabas:

"S. Francisco de Assis do Onça (do correspondente). Continua em construção a matriz deste distrito, tendo sido demolida toda a parte velha. Foi encontrado debaixo do altar-mor curiosíssimo quadro de madeira, pintado a óleo, com os seguintes dizeres: "Milagre que fez S. Francisco de Assis do Onça a D. Delfina Maria de S. José, que estando seu irmão Gabriel Fernandes do Nascimento muito enfermo de huma febre pôdre apegando-se com o dicto Santo de que logo foi alcançando melhorias, até que de todo livre da referida molestia expôz esta memoria na hora de 1823."

Passando por Conceição da Barra de Minas nas primeiras décadas do século XIX, o francês Saint-Hilaire comentou sobre os ex-votos do lugar:

"Parece que há muita devoção à Virgem da Conceição, pois existe na sua igreja grande número de pequenos quadros, que representam curas operadas milagrosamente por sua intercessão."

No Bairro de Matosinhos, nesta cidade, a "Sala dos Milagres" congrega vários desses ex-votos, dignos de nota, em diversos estilos, alguns do século XVIII e XIX. Outros são dos novecentos e até mais recentes, entre pinturas, desenhos, fotografias, objetos (sobretudo peças de cera). Guardam um grande valor etnográfico e se alinham perfeitamente com outros exemplares ex-votivos dos centros de romaria. São reveladores da ligação entre o homem e o mundo sagrado, testemunhas concretas da fé do povo, provas materiais que buscam atestar as graças alcançadas pela força da fé, fortalecendo o prestígio das invocações aos santos.

Como exemplo dessas peças veja as fotografias abaixo:



Transcrição: "Antônio Carlos de Resende sofreu uma grande Pneumonia, que o Senhor Bom Jesus de Matosinho o salvou por um milagre. No anno de 1896."



Ex-voto do século XVIII que mostra um escravo sendo milagrosamente salvo de um afogamento por obra do Senhor de Matosinhos.



Ex-voto de 1887 dedicado a Nossa Senhora da Conceição pela cura de feridas advindas de uma queda, sofrida por uma mãe e seu filho. Santuário de Matosinhos.

Referências Bibliográficas

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás.
Rio de Janeiro: Nacional, 1944. 343p. p.128. Coleção Brasiliana, Série 5^a, v.68.

Referência Hemerográfica

Diário do Comércio, São João del-Rei, n.75, 02/06/1938 (Acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida)

Notas e Créditos

* Texto e pesquisa: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S. Passarelli, 2013.

*** Veja também:

[Dois ex-votos centenário da Terra de Nhá-Chica](#)

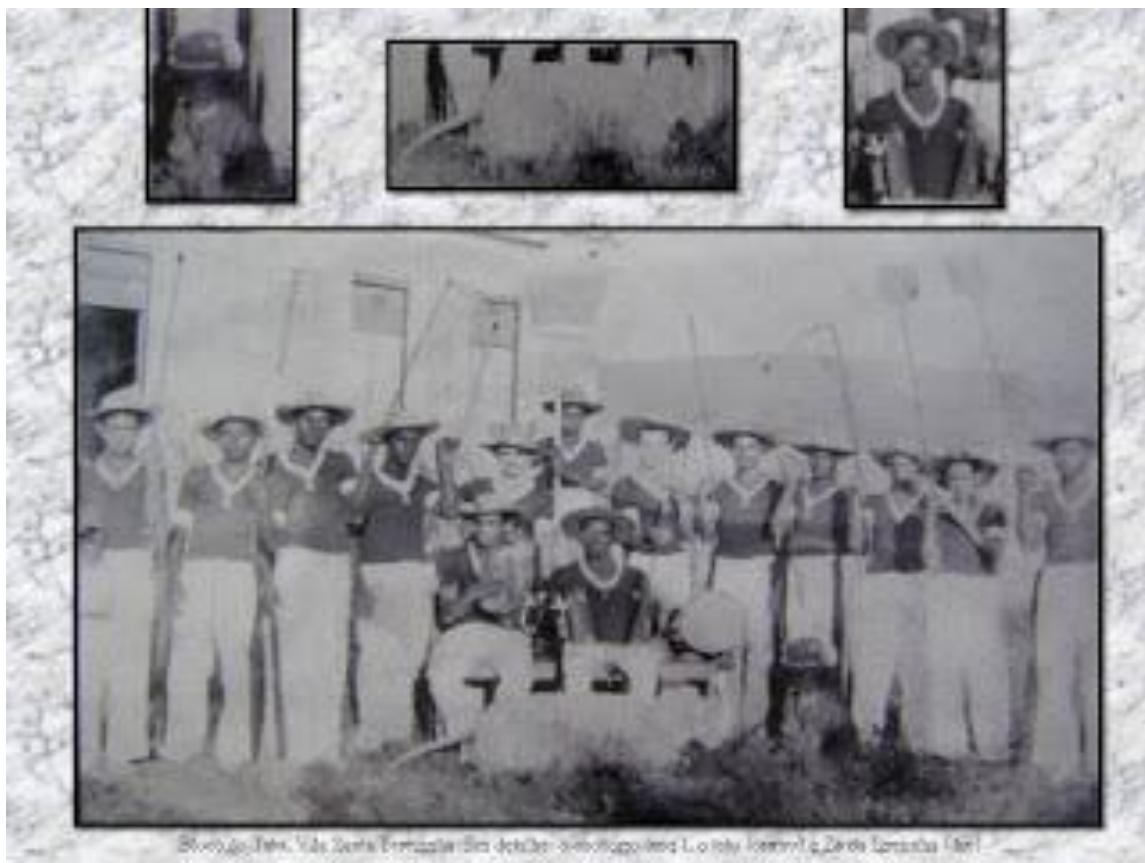
[Ex-votos](#)

[Ainda dos ex-votos](#)

Carnaval em Matosinhos

Segundo HENRIQUES (2003) uma das primeiras expressões carnavalescas de Matosinhos foi o Bloco **Aldeia Africana**, que era organizado pelo popular “Zé da Igrejinha”, ao que parece, no primeiro quartel do século XX. Seu nome é ainda lembrado com respeito e admiração. Essa agremiação conservava valores da cultura afro-brasileira.

Na década de 1930, informou-me pessoalmente o sr. Luís Pereira dos Santos, o mesmo Zé da Igrejinha montou outro grupo, conhecido como **“Bloco do Tatu”**, na região da atual Vila Santa Terezinha (então chamada Vila Nova). Dentre seus companheiros destacaram-se o baiano “Benedito Nhônhô” e Pedro Ernesto dos Santos, respectivamente avô e pai de meu informante, que cedeu ainda a fotografia reproduzida neste trabalho, datada de 1937, de autor não identificado. Por ela se observa o grupo, de forte apelo rural, dividido em dançantes portando enxadas, com chapéus de palha à cabeça; outro, segura uma antiga lanterna; um dançante metido sob uma carcaça alegórica, imitando um tatu, que dançava no arremedo dos gestos do bicho, e outro “bicho”, simulando um cachorro e, por conseguinte, uma caçada ao tatu; e ainda músicos, com sanfona (tocada pelo próprio Zé da Igrejinha), caixa e pandeiro. Desde longa data, esse grupo folclórico está extinto.



Muitos anos adiante surgiu o **Bloco Unidos de Chagas Dória**. A concentração era próximo à estação homônima, na década de 1960. Muito animado com sua batucada, embora efêmero, foi decerto a semente da primeira escola de samba do bairro nos dizeres de populares (*). Esta surgiu em 1982 com o nome de **Girassol**.

No ano de 2006 ela escolheu a Festa do Divino como tema inspirador. Sob a presidência de Gilmar Tachinha, tendo como intérpretes Zezé, Luciano e Dé, levou para a avenida o samba-enredo “Toca Viola, Bate Tambor, a Girassol vai a Festa do Divino em Matosinhos”, de autoria de Dora Souza, Zezé da Girassol, Chiquinho e João Paulo. Desfilaram sete escolas de samba. Não obstante seus esforços, a Girassol ficou em penúltimo lugar na classificação. A outra agremiação do bairro, a **Arco-íris** (fundada em 2001), ficou em segundo, mas nas graças do povo seria a primeira colocada. Novamente em 2011 a Girassol tematizou a Festa do Divino terminando o carnaval como vice-campeã.

Em 2007 a Arco-íris foi campeã. Nesse mesmo ano saiu às ruas uma nova agremiação, o **Bloco dos Malas**, da Vila Santa Terezinha, que persiste ativo. O **Arrasta o Resto** é um bloco que apesar de desfilar no centro da cidade, tem uma expressiva base com o pessoal do bairro, sobretudo do Pio XII.

Cumpre por fim informar que desde aproximadamente a virada do milênio, vinha se realizando na Praça de Matosinhos um pré-carnaval, na sexta, sábado e domingo, que antecedem o momo oficial. Um palanque era armado para apresentações musicais e o som mecânico se espalhava por toda parte, graças a grandes caixas acústicas. A multidão se aglomerava e os baraqueiros infestavam. Com mais aspectos negativos que positivos foi em boa hora abolido.

Notas e Créditos

* Muito embora haja menção ao Chagas Dória como escola de samba e não bloco. Vide São João del-Rei carnaval 2009, Prefeitura Municipal, ed. especial.

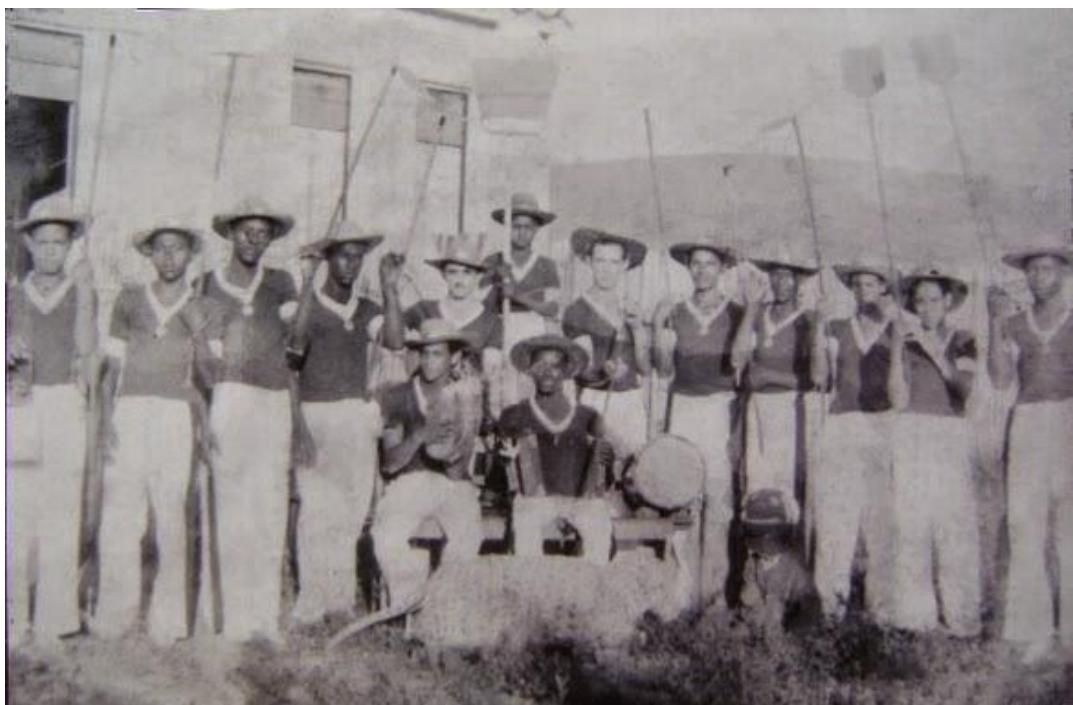
** Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

Aldeia Africana

*Ofereço a José Cláudio Henriques, incansável estudioso da história de Matosinhos
Agradeço a Arthur Cláudio da Costa Moreira, pelo apoio à pesquisa*

Setenta e sete anos atrás um novo bloco desfilava em São João del-Rei, sob o enfático nome de "Aldeia Africana". Fora criado pelo folião de momo "Zé da Igrejinha", em Matosinhos e lamentavelmente a história não lhe registrou detalhes para a posteridade, tão pouco o próprio nome de batismo de nosso protagonista.

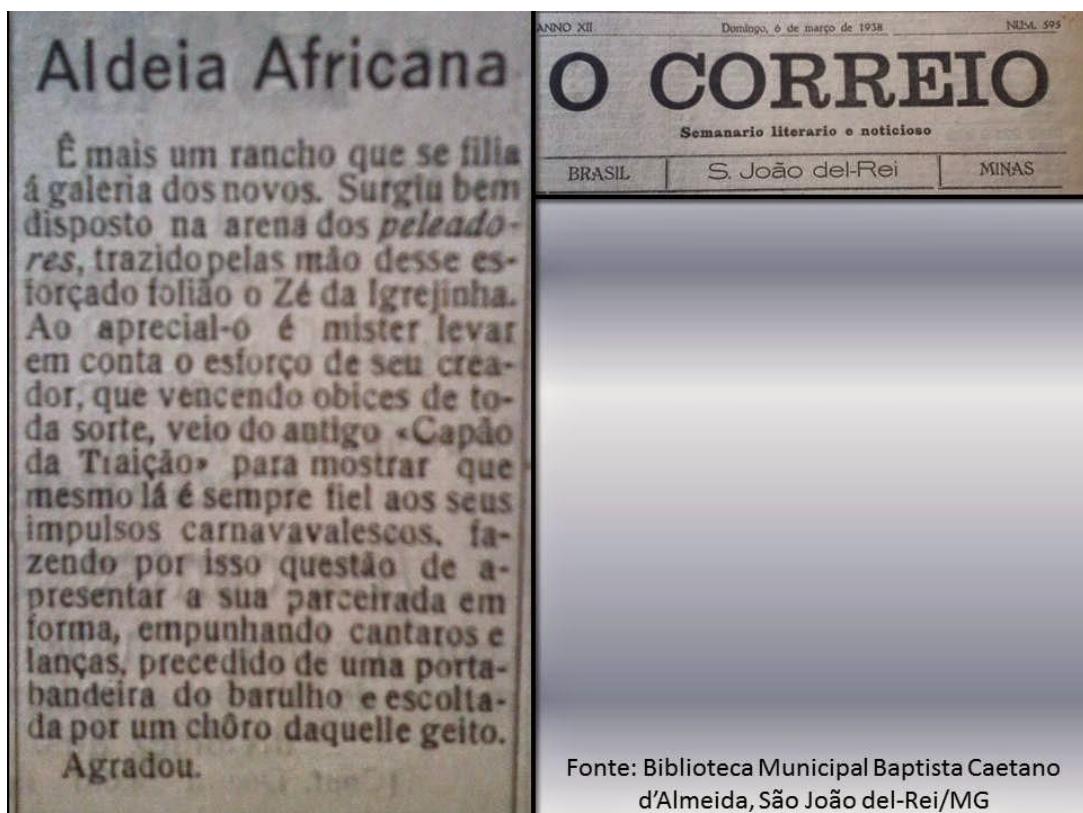
Seja como for, o Zé da Igrejinha já era um carnavalesco conhecido e antes tinha o [Bloco do Tatu](#), de que este blog já se ocupou, e que se pode ver em foto abaixo, datada de 1937(*), na qual ele aparece bem ao centro, sentado, tocando sanfona.



Bloco do Tatu em 1937, na Vila Santa Teresinha.

No ano de 1938, Zé da Igrejinha fundou uma nova agremiação carnavalesca que buscava valorizar valores da negritude no carnaval da cidade. Até o momento não veio a lume fotografia de época desse bloco ou maiores detalhes descritivos para avaliar o que de fato trouxe às ruas. Mas a modesta notícia jornalística abaixo, publicada nesta cidade, pode trazer algumas pistas:

"Aldeia Africana. É mais um rancho que se filia á galeria dos novos. Surgiu bem disposto na arena dos peleadores, trazido pelas mãos desse esforçado folião, o Zé da Igrejinha. Ao apreciar-o é mister levar em conta o esforço de seu criador, que vencendo obices de toda sorte, veio do antigo 'Capão da Traição' para mostrar que mesmo lá é sempre fiel aos seus impulsos carnavalescos, fazendo por isso questão de apresentar a sua parceirada em forma, empunhando cantaros e lanças precedidos de uma porta bandeira do barulho e escoltada por um chôro daquelle geito. Agradou."



Fonte: Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, São João del-Rei/MG

Notícia jornalística d'Aldeia Africana.

O jornalista previne o leitor para considerar as dificuldades enfrentadas para por o grupo à rua, mas diz que o desfile agradou. Na notícia, Matosinhos surge entre aspas com a alcunha de "antigo Capão da Traição", fruto da ideia equivocada mas então em voga, que o mais sangrento episódio da Guerra dos Emboabas, conhecido sob este nome, teria acontecido nesse bairro.

A porta-bandeira era "do barulho" e um coro de vozes fazia acompanhamento, sob a forma de "um choro daquele jeito". Está aqui insinuada a musicalidade e a ginga que herdamos do africano, que tanto engrandece a cultura nacional.

A citação específica à presença de cãntaros e lanças evoca de imediato valores africanos. Os cãntaros ou potes cerâmicos são muito usados no ceremonial dos terreiros de religião de matriz africana, as quartinhos, contendo água perfumada com ervas votivas próprias de cada orixá, concentrando o axé; jarras cheias desse preparo perfumoso com que se lavam as escadarias de algumas igrejas, a mais clássica de todas, a do Bonfim na capital baiana. No passado houve mesmo, em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e donde se trouxe também ao Rio de Janeiro, um préstimo de mulheres afro-descendentes chamadas originalmente "talheiras", porque traziam à cabeça no ato do desfile, talhas ou potes de barro, com seus líquidos preparados. As talhas ao longo dos anos foram abandonadas. Logo o nome foi corrompido para "taieiras" e tiveram sua importância como matriz das agremiações do final do século XIX (**).

Quanto às lanças parece que Zé da Igrejinha quisesse simbolicamente alegoricamente elementos tribais e não é possível resistir à tentação muito forte de rememorar o desfile carioca (embora os houvesse também em Salvador, donde possivelmente procedem) dos cucumbis ou quicumbis, espécie de congados, digamos assim por questão didática de mera assimilação. Eram grupos formados por negros que também difundiam valores culturais africanos no carnaval oitocentista e entre seus vários grupos no Rio de Janeiro à época da abolição, havia um cujo nome de batismo era "Lanceiros Cucumbis". Em São João del-Rei a terminologia não é desconhecida, tanto que no Bairro das Fábricas no final do século XIX havia a Chácara do Quicumbi, entrecortada por um diminuto córrego homônimo, hoje quase sem água e perdido no escuro das galerias urbanas. Esta chácara foi desapropriada para dar lugar ao Cemitério Municipal, ainda hoje conhecido popularmente por "Cemitério do Quicumbi".

É mera cogitação, leviana até, mas tentadora, ou provocadora de novas pesquisas: o que foi realmente essa Aldeia Africana? Um bloco ou rancho que figurasse na medida das possibilidades uma reprodução dos quicumbis e talheiras cariocas que acaso o Zé da Igrejinha tivesse conhecido? Ou nada disso, apenas coincidência de alegorias... Seja como for ele teve a coragem de naquela época afirmar publicamente seus valores étnico-culturais, deixando consignado que o carnaval também é do negro, que muito contribuiu para o momo. É bastante arrojada sua iniciativa numa época que se buscava o luxo dos desfiles e o que se tentava era imitar o carnaval carioca através de seus famosos clubes e cordões e buscar inspirações no glamouroso carnaval europeu.

Está claro que o elemento cultural evocador do africano estava vivo no carnaval daquela época. A mesma fonte jornalística nos diz que no mesmo ano saiu também às ruas da cidade o **Bloco Esperança do Amor**, do qual disse expressamente:

"É outro iniciante que vem de alcançar satisfatório sucesso. Pequeno, porém bem ensaiado, com jogos e evoluções interessantes, fazendo recordar o vilão, dança de origem africana, como a cuíca, usada pelos congadeiros, e agora trazida para o carnaval. Mereceu palmas, que o povo não lhe regateou."

Pelas curtas notas acima fica consignada a homenagem ao negro, que seja nesta terra seja em muitas outras, deixou e deixa seu imenso legado cultural para contribuir amplamente com a construção da identidade brasileira.

Referência Hemerográfica

O Correio, n.595, 06/03/1938, São João del-Rei

Referência na Web

BRASIL, Eric. [Cucumbis Carnavalescos](#): Áfricas, carnaval e abolição (Rio de Janeiro, década de 1880). In: Afro-Asia.

Notas e Créditos

* Fotografia cedida gentilmente para reprodução pelo sr. Luís Pereira dos Santos, cujo pai e avô dele participaram. Autor não identificado.

** um dos últimos ou talvez o último grupo remanescente de taieira resiste em Laranjeiras/SE, agregado à Festa de São Benedito e Santos Reis, a 6 de janeiro.

*** Texto e fotomontagem da nota de jornal: Ulisses Passarelli

Algumas antigas curiosidades de Matosinhos

1- [Escola de Laticínio e Enfermaria Militar](#)

Em 1909 houve uma escola de **laticínio** no bairro. Veja-se um anúncio a respeito [1]: “sôro de leite. Vende-se em Matosinhos, a 100 réis o balde de 10 litros e a 40 réis o sôro grosso de manteiga, na Leiteria S. Raphael.”

Em 1915 foi transferida para a atual cidade de Antônio Carlos, antiga Sítio, logo abaixo da estação férrea, próximo à descida da Serra da Mantiqueira [2].

A perda do laticínio gerou protestos locais e seu prédio ficou devoluto até que no ano seguinte, correu a notícia da criação de um posto zootécnico [3]:

"Esteve nesta cidade, em dias da semana passada, o sr. dr. Mourthé, engenheiro da Secretaria da Agricultura, que aqui veio fazer o orçamento das obras necessárias à instalação de um posto zootechnico. O posto será installedo no terreno que pertenceu à extinta Escola de Lacticinios, em Matosinhos."

O projeto fracassou. No local foi se estabelecer uma polêmica enfermaria militar, destinada a cuidar de casos de beribéri[4]. Sob crítica, um hebdomadário noticiava [5]:

"Por acto do governo estadual, foi doado ao Exercito Nacional o proprio onde funcionou a Escola de Lacticinios em Mattosinhos (...) ao fim humanitario é verdade, mas incongruente de servir como hospital de beribericos do Exercito."

Temia-se que do dito estabelecimento de saúde espalhassem infecções aos moradores, o que não só os afetaria diretamente, como também atrapalharia a fama de pureza ambiental do lugar. Tal proporção alcançou a polêmica, que o governador do estado, na época, Delfim Moreira, encaminhou a propósito um telegrama ao deputado estadual Odilon Andrade, representante regional na assembleia, visando acalmar a população, garantindo que a unidade de tratamento em nada afetaria o lugar e ali estaria em caráter provisório [6]. Certa feita a imprensa descreveu a “scena de sangue”, ocorrida nessa enfermaria [7]:

"Na tarde de terça-feira na Enfermaria Militar do 51º de Caçadores, situada em Mattosinhos, o soldado José de Sousa, por motivos futeis, assassinou á facadas o cabo Motta, crivando-lhe o corpo de golpes. São ambos do 51º de Caçadores e o cabo Motta era estimado o gosava de bom conceito. O assassino está preso."

2- Transporte

Em data anterior à construção do ramal ferroviário das Águas Santas, lá naquele balneário, no município de Tiradentes, havia o *Petit Hotel e Restaurant*, propriedade do Sr. Francisco Augusto de Ulhôa Cintra. Para a condução até seu estabelecimento, dispunha de carroagem tipo trole, puxada por uma parelha de bestas, que carreava hóspedes e turistas, das Águas Santas até Matosinhos, Centro e Tijuco. Foi também precursor das exibições cinematográficas na cidade [8].

3- Avião

Consta que em 1913, pela primeira vez se viu um avião nesta cidade. Chegou desmontado num vagão-prancha, da estrada de ferro e o aviador, Ernesto Darioli, o montou na **Praça Pedro Paulo**. A população acorreu em peso, alvoroçada pela novidade. Contudo, as condições atmosféricas estavam inadequadas para se alçar voo e enquanto aguardavam o momento certo, muitas horas se foram passando e o povo ficou insatisfeito. Insuflados os ânimos, o responsável, sentindo a forte pressão popular, decolou a aeronave assim mesmo e pouco voou: caiu de bico no bambuzal do campo de futebol do *Athletic Club* [9].

4- Foras da lei

Ladrões já agiam no bairro em 1939, não poupando nem a igreja [10]: “um audacioso larapio assaltou o cofre de esmolas e surrupiou o seu conteúdo. A polícia precisa dar um passeio por lá, é o que esperam os moradores do populoso bairro”.

Em 1976 os moradores estiveram às voltas com um tarado. As páginas jornalísticas denunciavam [11]:

"Recebemos reclamações de moradores do bairro do Matozinhos que anda solto nas ruas e ninguém tem a coragem de dizer que existe no bairro um homem que abusa da inocência das crianças, com promessas de doação de pássaros e outras bobagens mais, para atrair garotos menores para dentro de sua casa." (Etc.).

5- Descendente de Tomé

A imprensa local destaca em 1945 o nascimento nesta cidade de Tânia Mara, descendente do primeiro morador de Matosinhos, Tomé Portes del-Rei. Era filha do casal 1º Tenente João Crysostomo de Campos e D. Carmelita Macedo Campos. A menina era ligada aos Bueno, através de sua avó paterna, até Bartolomeu Bueno Gago e deste ao povo de Tomé. A genealogia completa está nos jornais [12].

6- Grupos folclóricos

Apenas pelas informações orais sabe-se que existiu um congado na área da Vila Nossa Senhora de Fátima pelo final dos anos cinqüenta e começo da década seguinte. Era uma guarda mista, com elementos de moçambique e de catupé, predominando o primeiro nos tempos do capitão “Geraldão” e o segundo na época de seu sucessor, “Zé Tita”. Geraldão era responsável por um centro na vila ao qual se ligava a guarda. Não sei contudo qual era sua linha de trabalho espiritual. Já Zé Tita morava próximo a Horta Velha, no atual Bom Pastor de Baixo. Consta que era também “palhaço”, o personagem mascarado da

folia de Reis, salvo engano na do “Chico Zacarias”, das bandas do Tijuco. Após seu falecimento substituiu-o como palhaço o sr. Altamiro Ponciano, conhecido cacique de congado do Bairro São Dimas (guarda do Zé Camilo), festeiro do Rosário no Bairro São Geraldo e sobrinho de Geraldão. Este congado de Matosinhos esteve presente na primeira festa do Rosário que se realizou no bairro São Geraldo, em 1958, juntamente com o terno do capitão Luís Santana, do Bairro São Dimas. Sugestiva a interligação antiga desses bairros por desses capitães.



*Congado do Zé Tita. Foto: autor e data não identificados.
Gentilmente ofertada para reprodução por Altamiro Ponciano.*

Quanto às folias foi afamada noutros tempos a de João Ramos e mais recentemente chegou a alcançar a existência das seguintes: do sr. Otávio José Gatti (“seu Juquinha”), no Pio XII, cuja última apresentação sob seu comando se deu em 1998. Tinha por embaixador o afamado sr. Jesus; a do “Nhonhô”, era do Bom Pastor, que também tinha alguns componentes da Casa da Pedra. Tinha por embaixadores Antônio Marinho e Dimas Lobo; e ainda a folia do sr. José Joaquim Filho (“Zé Moreno”), da Vila Santa Terezinha, que se manteve até 1994 a partir do qual em virtude de problemas de saúde de seu mestre já não encontrou mais condições de permanecer. Zé Moreno foi um dos mais capacitados foliões conhecidos nesta cidade que o adotou, pois era natural de Ribeirão dos Pintos (Resende Costa). Fora discípulo do célebre mestre-folião “Zé Biguá”, de Congonhas / MG [13].

Nem aquele congado nem essas folias adentraram no século XXI. Exceção se faz à Folia do Pio XII, que ainda prossegue, em continuidade, agora no Bom Pastor, sob a organização do folião Geraldo Domingos Resende (“Didinho”), desde 1999.



Folia do Divino do Bairro Bom Pastor, Matosinhos, São João del-Rei/MG.

Folião: Geraldo Domingos Resende.

Foto: Iago C.S.Passarelli, 2012.



Folia do Nhônhô durante uma apresentação.

Foto: Ulisses Passarelli, 1995



Zé Moreno aparece na sanfona, comandando uma saudosa apresentação de sua folia no antigo auditório da Rádio São João.

Foto: Ulisses Passarelli, 1995.

8- Cinema

Em 1951 instalou-se nesta cidade o Cine Arthur Azevedo, pelo clube teatral homônimo, no seu mesmo prédio à entrada do bairro Tijuco (Rua General Osório). Mais tarde a empresa abriu uma filial no Matosinhos situada na Avenida Josué de Queiroz [14].

Não existe mais cinema no bairro.

7- Jocosidade

Em velhos jornais da cidade localizei duas passagens irônicas ou acerca do bairro ou como indireta a algum morador seu:

“Diálogo [15]

- *Que tens, Mattosinhos, diz o Fabrino, estás a chorar?*
- *Pois tenho razão, respondendo o Mattosinhos, com o violino quebrado debaixo do braço, fui expulso da orquestra pelo maestro, que me disse não ter mais violino para me dar, pois si eu quebro todos com o queixo.*
- *Infeliz de quem sendo queixudo e tendo veia de artista se mette a tocar violino. De hoje em diante passe a tocar o bombo com o queixo ou o empregue como castanholas.”*

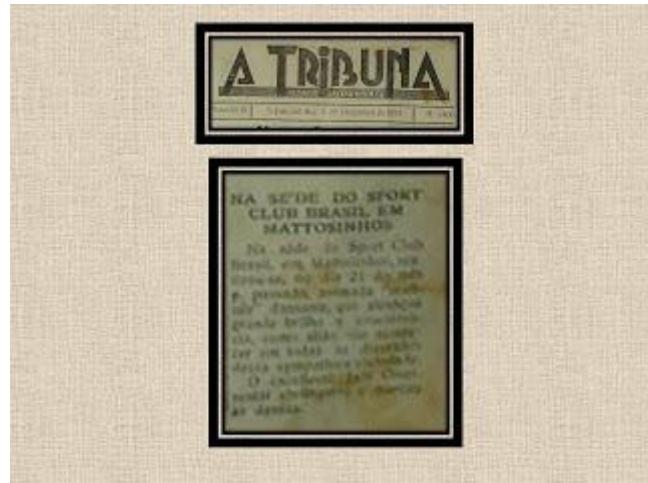
* * *

“Telegrammas – Do nosso correspondente – Mattosinhos [16]

23 (retardo devido exercício bananeiras). Segue grande numero voluntarios, sendo chefe capm. Tonelli; especialidade manejos. Povo Canudo espera chefe voluntarios. Passagem acima gratis.”

8- Esporte

Matosinhos foi também importante polo esportivo. Neste bairro foi sediado o "Sport Club Brasil", conforme notícias do jornal são-joanense **A Tribuna**, nº1.406, de 05/12/1937.



*Foto-montagem do autor, acervo do site da Biblioteca Municipal
Baptista Caetano d'Almeida, São João del-Rei.*

* Texto: Ulisses Passarelli

- [1] - **A Opinião**, n. 16, 01/09/1909.
- [2] - **A Tribuna**, n. 45, 23/05/1915.
- [3] - **O Zuavo**, n. 76, 20/02/1916.
- [4] - "Doença devida à deficiência de vitamina B1, e que se manifesta pela rigidez espasmódica dos membros inferiores, com atrofia muscular, paralisia, anemia e nevralgias. // F. é palavra do Ceilão (atual Bangla Desh) *béri*, e significa grande fraqueza". AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Delta, 1978.
- [5] - **O Zuavo**, n. 85, 18/05/1916.
- [6] - **Reforma**, n. 13, 04/05/1916.
- [7] - **Reforma**, n. 5, 02/05/1914.
- [8] - Informação pessoal datada de 23/12/2008 dada pela professora Ana Cintra, filha do historiador e genealogista Sebastião de Oliveira Cintra, que por sua vez é filho do proprietário daquele estabelecimento. Foi corroborada por Silvério Parada, na mesma data.
- [9] - LOPES, Antônio Tirado. Relatos interessantes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v. 6, 1988.
- [10] - **Diário do Comércio**, n. 360, 20/05/1939.
- [11] - **O Raio**, n. 235, 08/09/1976.
- [12] - **Diário do Comércio**, n. 2.124, 08/04/1945 e **O Correio**, n. 1.090, 15/04/1945.
- [13] - Informação pessoal do sr. Sebastião Carvalho da Silva ("Tião do Fole"), em 19/01/2007.
- [14] - **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n.6, 1988, p.106.
- [15] - **The Smart**, n.4, 06/12/1908.
- [16] - **A Gralha**, n.3, 30/07/1899.

Antigo Congado de Matosinhos

As fotos abaixo, mostram o congado do Bairro Matosinhos durante a Festa do Rosário no Bairro São Dimas (década de 1980 ?), em São João del-Rei. São foto de autor não identificado, anexadas ao acervo do [Encontro Congadeiro nas Vertentes](#), gentilmente cedidas pela Sra. Celina Batalha, a quem este blog agradece.

Quanto aos capitães: o primeiro capitão desta guarda foi "Geraldão", no fim dos anos cinquenta, quando tinha influências de moçambique. Mais tarde, numa segunda fase, com o capitão "Zé Tita", o grupo

assume o padrão de catupé, que manteve até ser extinto, com o último capitão, "Chico da Sá Inês", ou "Chico Zacarias", que pode ser visto no recorte fotográfico abaixo, que fiz a partir da mesma fonte de origem.



Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: oferta Celina Batalha, acervo do Encontro Congadeiro nas Vertentes

***Para ver outras imagens e informações deste grupo clique nos links abaixo:

[Algumas Antigas Curiosidades de Matosinhos](#)
[Lista de Congado Desativados em São João del-Rei](#)
[1ª Festa do Rosário](#)

Mestre Didinho

A "Embaixada de Reis do Bom Pastor", a famosa Folia do Didinho, que engrandece a cultura do Bairro de Matosinhos com suas cantorias tradicionais, aparece nas fotografias abaixo. A imagem os retrata participando do [8º Encontro de Folias de Reis do Largo de São Francisco](#), São João del-Rei, com o Mestre Geraldo Domingos Resende, carinhosamente cognominado "Didinho", em destaque na foto, comandando o grupo com seu cavaquinho. Conforme a oportunidade também toca viola, violão, e sanfona demonstrando assim sua versatilidade e capacidade musical.

O grupo existe desde 1999, com atividade ininterrupta, apresentando folia de Reis, folia de São Sebastião e folia do Divino.

Este blog parabeniza o mestre e todos seus companheiros de folia, desejando-lhes sucesso, saúde e disposição para continuarem esta empreitada.



Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotografias: Iago C.S. Passarelli, 28/12/2013

*** Revisando duas postagens deste blog foram acrescentadas algumas informações e inseridas fotografias. Aproveite para relê-las, clicando nos links abaixo:

[Monumentos](#)

[Efeitos da Romanização: considerações gerais](#)

Folia do Didinho

Esta é a centésima postagem deste blog!!!



Assista ao novo vídeo: clique em [Folia do Didinho](#).

Folia e congados expressam a sua fé

Desde a mais remota origem em Portugal, as festas dedicadas ao Espírito Santo conservam uma relação muito íntima com a cultura popular. As manifestações folclóricas sempre foram parte importante das Festas do Divino, integradas aos elementos ceremoniais, compondo um conjunto festivo, alegre, cultural e evangelizador. Para que assim seja não deve ser mera apresentação. Deve haver conexão, para que a intimidade da alma devota se externe espontaneamente para o sagrado.

Esta sua identidade pode variar conforme a região, mas em geral é assim: no Brasil, em Minas, aqui em São João del-Rei. Pois no Bairro de Matosinhos, no atual santuário, este é o espírito de jubileu, onde a música, o canto e a dança se aliam em júbilo, em prece, como ferramentas de louvação, com respeito e sinceridade de coração, de nossos esforçados devotos e em especial, dos foliões e congadeiros, desde o resgate de 1998.

Antecedendo a festa, bem antes da novena, as folias do Divino já iniciam sua jornada visitando residências, onde, com a bandeira do Paráclito na dianteira, cantam louvores, recolhem donativos para o evento religioso e anunciam a comemoração, convidando os moradores a participar do jubileu, bem à moda portuguesa e açoriana. Com seus instrumentos e vozes, as folias, após dias de jornada pelas ruas, se reúnem na véspera de Pentecostes para a Procissão do Imperador Perpétuo e para a missa do último dia das romarias. Sua participação é da maior relevância e sempre atrai muita gente. No coreto armado no adro, especialmente para esta festa, arrematam seu giro anual no encontro das bandeiras, cantando todos os grupos ao público leal à tradição.

No dia maior, domingo de Pentecostes, é a vez dos congados, dos mais diversos estilos – moçambique, catupés, congos, caboclos, vilões, marujos – que desde cedo chegam com um batuque de ritmos ancestrais, heranças musicais dos africanos. O canto congadeiro é um louvor, sua dança é uma saudação, seu toque é uma reza... o que o dançante faz é um ato de resistência cultural, mostrando a força do negro e sua fé viva. Os tambores elevam clamores! São porta-vozes ... precisam ser ouvidos.

Já hoje, felizmente, alcançados alguns avanços à custa de grande e longa luta pelos direitos de igualdade, mas ainda com muita estrada a trilhar, muita coisa a se conquistar, vemos, contudo, a alegria da confraternização como brasileiros de fé, povo mesclado de etnias tão antigas, ricas e complexas, trazendo às novas gerações cantares, ritmos e danças variadas, emoldurados por trajes coloridos, chapéus

enfeitados de fitas e flores. O corpo em dança descreve a trajetória do povo. É sua própria história dramatizada que ali vemos com emoção. No braço da viola, no fole da sanfona narram sua crença viva.

Não pode acabar; não deve parar! Os mestres foliões e os capitães congadeiros sofrem pelejas diversas e a cada dia percebem a dificuldade em recrutar o jovem para a renovação e continuidade de seus grupos.

O sofrido devoto se reafirma no congado e na folia. Mostra para quê veio, que existe..., que tem força e devoção, que merece ser visto e ouvido, prestigiado. O Espírito Santo é a sua luz e direção, lado a lado ao rosário de Nossa Senhora, e todo o complexo cultural que traz consigo. A folia e o congado é parte da história do bairro e está ano a ano construindo um novo capítulo da história desta festa admirável, que é dinâmica e atrai os moradores de Matosinhos, do restante da cidade, da zona rural e das cidades próximas, além de turistas de longe.

A Festa do Divino é a oportunidade especial de presenciar e demonstrar esta maneira de ter fé e cultura. Em sintonia e harmonia, o povo de Deus festeja o Paráclito no império da cultura popular. A Comissão do Divino como gestora deste evento tem uma joia nas mãos, que merece o polimento e o cuidado sob as diretrizes do Imperador de cada ano.



Congado do Bairro São Dimas, da Capitã Maria Auxiliadora, adentra o adro do Santuário de Matosinhos. 08/06/2014.



Folia do Divino do Bairro Guarda-mor, dos foliões Fanico, Virgilinho e João Bosco, apresenta-se no coreto da festa em Matosinhos. 26/05/2012.

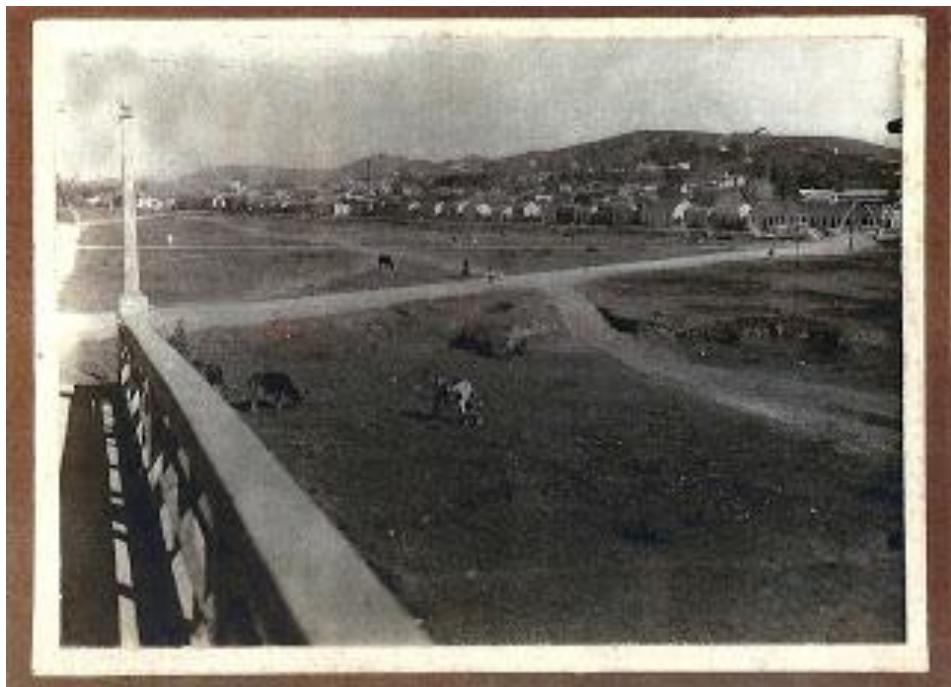
Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

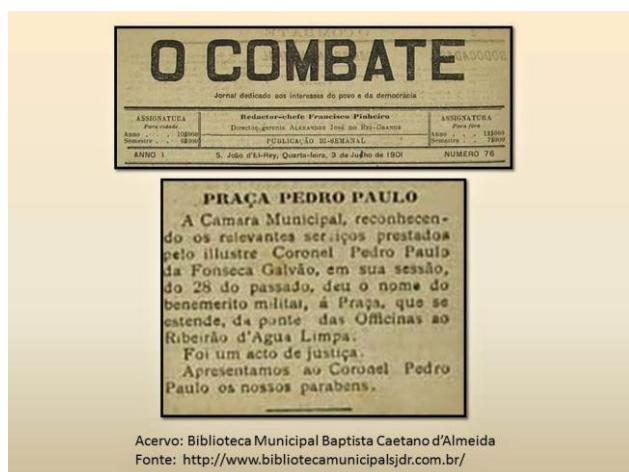
** Fotos: Iago C.S. Passarelli

*** Obs.: este texto foi solicitado pela Comissão do Divino e escrito para o Informativo da Festa do Divino de 2015, nº18, boletim anual publicado pela comissão organizadora deste jubileu.

Praça Pedro Paulo antigamente



Parte do corrimão da ponte de piso abaulado que existiu onde hoje é a Ponte Presidente João Pinheiro. Notar: adiante, vacas pastando onde hoje é a Praça Pedro Paulo; na extrema esquerda o barranco da via férrea e ao seu sopé a Estrada da Tabatinga, que ligava a cidade a Matosinhos; na extrema direita a extinta [Ponte do Curtume](#), com seus arcos característicos, dando sequência de Matosinhos para Rua Cristóvão Colombo, já no Bairro das Fábricas, repleta de casario. Foto de autor e ano não identificados, gentilmente cedida por Silvério Parada.



Recorte jornalístico de 1901 que noticia a denominação de Praça Pedro Paulo, dada ao logradouro em questão.

Esta área da urbe foi popularmente muito conhecida como "Fábrica de Louça", em razão do estabelecimento que ali existia.

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagem de jornal: Ulisses Passarelli

Dois causos de Matosinhos

(Ofereço com gratidão a José Cláudio Henriques) [1]

1- LUGAR ONDE O CACHORRO FALOU

Dizem que fica na beira do Córrego da Água Limpa, limite do Grande Matosinhos. Logo se vê que foi um fato passado a muito tempo, quando suas águas ainda eram limpas... Lá pras bandas do lugar chamado Ouro Preto, onde os viajantes John Luccock[2] e Robert Walsh[3] comentaram no século XIX, de um velho dique – benfeitoria dos serviços de mineração de ouro – rompido pela força de uma exxurada. Ali, na Fazenda Velha, diz que morou um rico senhor, dos mais miseráveis que já se viu.

O ganancioso fazendeiro gostava de uma caçada e tinha seu cachorrinho fiel, que sofria de uma fome crônica, visível na sua magreza. Era *pele e osso*, como se diz.

Certa feita o sobrinho caçou gordas codornas – seu prato predileto – e mandou uma escrava cozinheira prepará-las. Mãe Maria as fazia como ninguém. Seu tempero dava água na boca. Serviu-lhe. Se lambusava no comer, deliciando-se com o pitéu. E o pobre cão de caça, *varado* de fome, debaixo da mesa, babando, língua de fora, ofegante, olhos estatelados, rosando de fome como que a implorar uma migalha, que o *garrafinha* recusava dar-lhe. Não fosse Mãe Maria que vez por outra às escondidas lhe dava algo, já teria morrido à míngua. Nem sequer os ossos lhe reservava. Guardava-os para torrar, moer e fazer farinha, que punha sobre o feijão. E o cachorro, vendo que nem sequer lhe restavam os ossos, arranjou voz e falou: “ô patrão... mas nem os ossos?”

O homem desmaiou de susto. Acudiram. Ao acordar tratou fartamente do cão. Dizem que depois daquela lição inesperada melhorou de caráter, deixando de ser tão *munheca* para beneficiar os necessitados. E o local ficou conhecido como o lugar onde o cachorro falou.



*influência do Cala-boca (direita) no Água Limpa (esquerda)
cujas proximidades teria se passado a estória acima narrada.
São João del-Rei/MG.*

2 - O CALA-BOCA

Este é o curioso nome de um ribeirão que também limita o Grande Matosinhos, desaguando no Água Limpa. Sua história ou estória está ligada a um triste assassinato. Foi nos idos da escravidão. Havia

uma grande fazenda por lá, com muitos escravos e dentre eles uma mulata de uma beleza primorosa. O senhor tinha por ela uma espécie de capricho, um xodó, desejando-a e abusando sexualmente dela, à força e sob ameaças.

O caso se arrastava a bom tempo até que um dia a esposa do fazendeiro – a sinhá – descobriu a safadeza do marido, por meio da *candonga* de uma negra que não gostava da tal mulata. Revoltada, não pensou duas vezes. Logo que o marido saiu a cavalo para resolver um negócio, chamou um feitor – mal como o diabo – mandou que ele levasse a escrava para um grotão bem deserto e lá matasse a infeliz. E deu-lhe ordem de silêncio absoluto e que voltasse diante dela para informar o resultado. Assim foi feito.

A sinhá satisfeita e vingada diante do feitor determinou-lhe que calasse a boca sem jamais contar o fato. Do contrário, daria um jeito de eliminá-lo também.

Voltou o marido e já maquinando no caminho seus desejos secretos, foi logo à procura de satisfazer-se com a escrava, como de costume. Não a encontrou. Mandou capatazes e feitores procurá-la. Viram os *urubus* na *capoeira* e lá acharam seu corpo. Forçou explicações com os empregados e notando o nervosismo do feitor assassino, arrancou-lhe a confissão. Ele clamava que obedecera a uma ordem da patroa, que pedira para ele calar a boca sob pena de morte. Duplamente revoltado, contam, o sinhô deu uma surra na sinhá, ajuntou os seus pertences, pôs sobre um animal cargueiro e mandou devolver ao sogro. E como na briga de dois sempre lucra um terceiro, satanás foi quem ganhou... quatro almas: a do casal, a do feitor e a da delatora fofoqueira.



Placa na BR-265 nos arredores de São João del-Rei/MG.

Pequeno Glossário

- **Candonga:** africanismo que significa fofoca, intriga, futrica, fuxico, mexerico.
- **Capoeira:** pequena mata. Floresta minúscula.
- **Garrafinha:** sovina, usurário, mesquinho.
- **Munheca:** o mesmo que garrafinha. “Munheca de samambaia”.
- **Pele e osso:** expressão indicativa de extrema caquexia. Magreza.
- **Urubu:** abutre, ave catartídea que come cadáveres, animais mortos. Carniceiro.
- **Varado:** magérrimo ou apenas com muita fome.

Notas e Créditos

*Obs.: as notas de rodapé, as fotografias e o glossário não fazem parte da publicação original.

** Pesquisa, texto e fotos (2013): Ulisses Passarelli.

*** Informante: Aluísio dos Santos (São João del-Rei/MG), 1999.

**** Leia também:

[ÁGUAS FLUVIAIS](#)

[1] - Por cuja benesse foi publicado em: [**O Grande Matosinhos**](#), n.13, nov.2000, São João del-Rei, ASMAT, p.2.

[2] - LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes Meridionais do Brasil**: 1808-1818. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

[3] - WALSH, Robert. **Notícias do Brasil em 1829-1829**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985.

Cruz esquecida

Uma pequena cruz chantada na curva "reversa" da Ferrovia Oeste de Minas entre a estação central de São João del-Rei e a de Chagas Dória, em Matosinhos, nas imediações da Praça Pedro Paulo, marca o local de um acidente ferroviário acontecido a décadas.

Segundo a história oral, ali morreu uma pessoa. Originalmente era de madeira, mas apodrecida pela ação do tempo foi substituída por outra de ferro. Os ramos da corriola (*Ipomoea*) subindo na peça religiosa evocam a poesia de Castro Alves, "A Cruz da Estrada", que segue transcrita:

*Caminheiro que passas pela estrada,
segundo pelo rumo do sertão,
quando vires a cruz abandonada
deixe-a dormir em paz na solidão!*

*Que vale o ramo do alecrim cheiroso
que lhe atiras nos braços ao passar?
Vai espantar o bando bulíoso
das borboletas que lá vão pousar.*

*É de um escravo humilde sepultura.
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
que o Senhor entre as selvas lhe compôs.*

*Não precisa de ti. O gaturamo
geme por ele à tarde no sertão,
e a juriti, do taquaral no ramo,
povoa, soluçando, a solidão.*

*Dentre os braços da cruz, a parasita,
num abraço de flores, se prendeu;
chora orvalhos a grama que palpita;
acende, o vaga-lume, o facho seu.*

*Quando à noite o silêncio habita as matas,
a sepultura fala a sós com Deus...
Prende-se a voz na boca das cascatas,
e as asas de ouro aos astros lá do céu.*

*Caminheiro! Do escravo desgraçado
o sono agora mesmo começou!
Não lhe toques o leito de noivado,
há pouco a liberdade o desposou.*



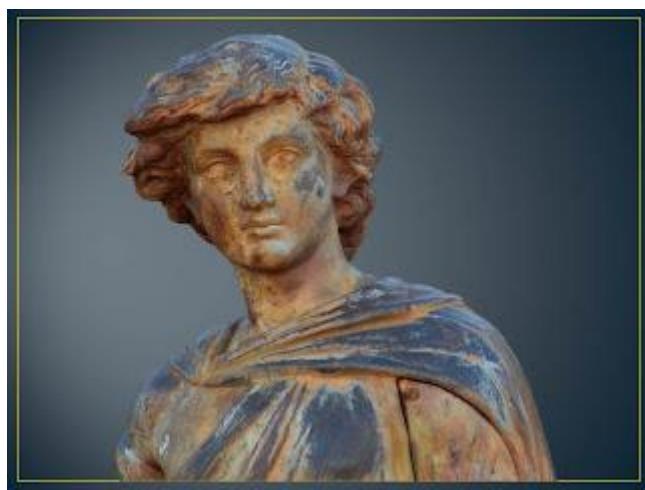
Cruz à beira da ferrovia em Matosinhos

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli, 1998.

Chagas Dória, outro nome de Matosinhos

Houve época que tal importância atingiu o movimento ferroviário em Matosinhos, já sobejamente demonstrado neste blog, com centro na estação local da EFOM, chamada Chagas Dória, que este nome passou à condição de sinônimo do grande bairro. Bairro de Chagas Dória era então o próprio Matosinhos. As duas antigas notícias abaixo deixam claro esta denominação.



Detalhe da estátua-chafariz do Largo de Matosinhos.

Foto: Iago C.S. Passarelli, 2013

Exames em Chagas Doria

Realizaram-se em Chagas-Doria, há dias, as provas anuais porque têm de passar os alunos que ali frequentam estabelecimentos públicos de ensino.

Na escola masculina, regida pelo professor Carlos dos Passos Andrade, a banca foi formada pelos professores Pedro Raposo e Augusto Mello da Motta.

Findos os trabalhos houve preleção pelos dois examinadores, canticos e aclamações aos srs.. presidente da Republica, presidente do Estado, secretario do Interior, presidente da Camara Municipal e inspetor escolar.

Na escola feminina, regida pela normalista Isabel da Conceição Pereira, compõe-se a banca da normalista senhorinha Maria Esther Pereira da Silva e do sr. Plinio Campos da Silva.

O presidente da banca effectuou uma preleção alusiva ao acto, havendo, após, cantos cívicos pelo corpo discente.

Fonte: Jornal **A Tribuna**, São João del-Rei, n.804, 25/11/1926. Acervo Digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.



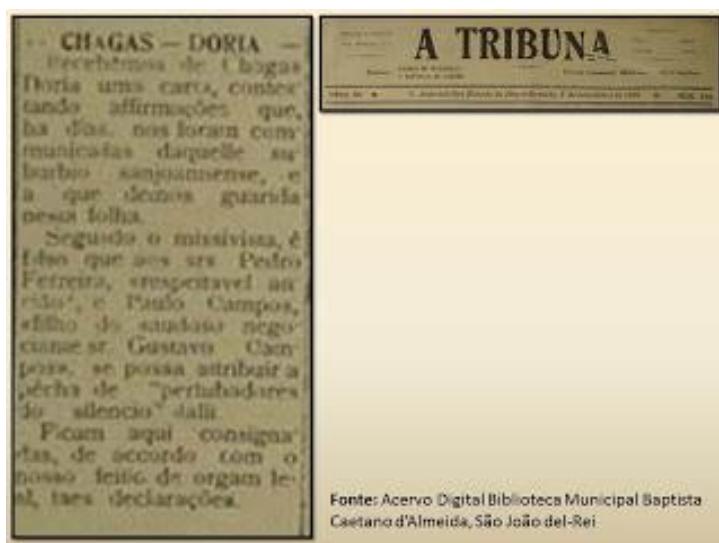
Chagas-Doria

Recebemos de Chagas Doria uma carta, contestando afirmações que, ha dias, nos foram comunicadas daquele subúrbio sanjoanense e a que demos guarida nesta folha.

Segundo o missivista, é falso que os srs. Pedro Ferreira, "respeitável cidadão", e Paulo Campos, filho do saudoso negociante sr. Gustavo Campos se possa atribuir a pecha de "perturbadores da ordem" dalli.

Ficam aqui consignadas, de acordo com o nosso feitio de órgão legal, taes declarações.

Fonte: Jornal **A Tribuna**, São João del-Rei, n.799, 07/11/1926. Acervo Digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.

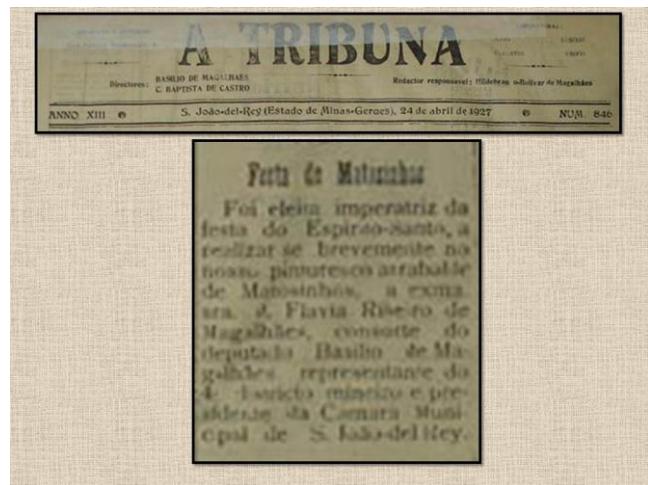


Notas e Créditos

* Fotomontagens, pesquisa e texto: Ulisses Passarelli

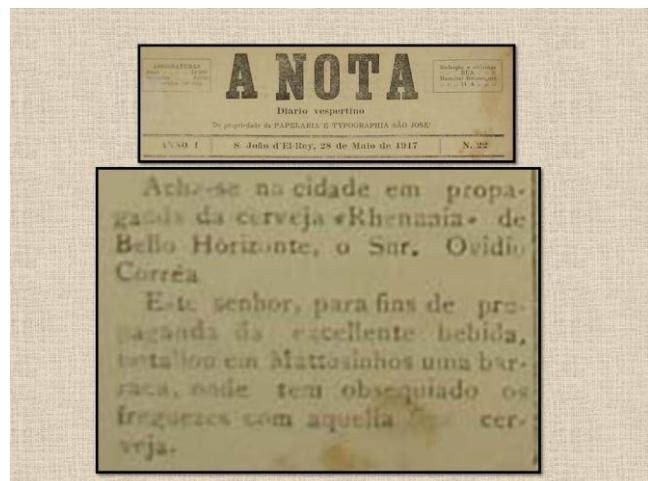
Uma grande festa

Dando continuidades às pesquisas jornalísticas sobre o Matosinhos anticamente, selecionei novos recortes extraídos do extraordinário acervo (digital) da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida](#), de São João del-Rei/MG:



Transcrição: "Festa de Matosinhos. Foi eleita imperatriz da festa do Espírito Santo, a realizar-se brevemente no nosso pitoresco arrabalde de Matosinhos, a exma. sra. d. Flávia Ribeiro de Magalhães, consorte do deputado Basílio de Magalhães, representante do 4º distrito mineiro e presidente da Câmara Municipal de S. João del Rey." (Jornal: **A Tribuna**, São João del-Rei, nº846, 24/04/1927).

Comentários: esta notícia é mais uma prova concreta que a festa não paralisou totalmente em 1924, mas sim mudou drasticamente de rumos ou diretrizes. Três anos depois a esposa do gênio intelectual Basílio de Magalhães se torna imperatriz. Basílio era um dos diretores d'A Tribuna e figura destacada da política local. Eis a dimensão de importância da Festa do Divino nessa época.



Transcrição: "Acha-se nesta cidade em propaganda da cerveja "Rhenaia" de Bello Horizonte, o Snr. Ovidio Corrêa. Este senhor, para fins de propaganda da excellente bebida, installou em Matosinhos uma barraca, onde tem obsequiado os fregueses com aquella (... ilegível) cerveja." (Jornal: **A Nota**, nº 60, 11/07/1917)

Comentários: para divulgação de uma marca comercial o representante escolheu a festa de Matosinhos, coincidente com o período para difundir seu produto. A popularidade e movimento da festa assim o permitiam.

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagens: Ulisses Passarelli

O auto-omnibus

O trem foi durante muito tempo o principal veículo de transporte urbano entre São João del-Rei e Matosinhos, o que já foi demonstrado em algumas postagens deste blog. Chagas Dória ainda está lá para comprovar, fantasmagórica estação morta.

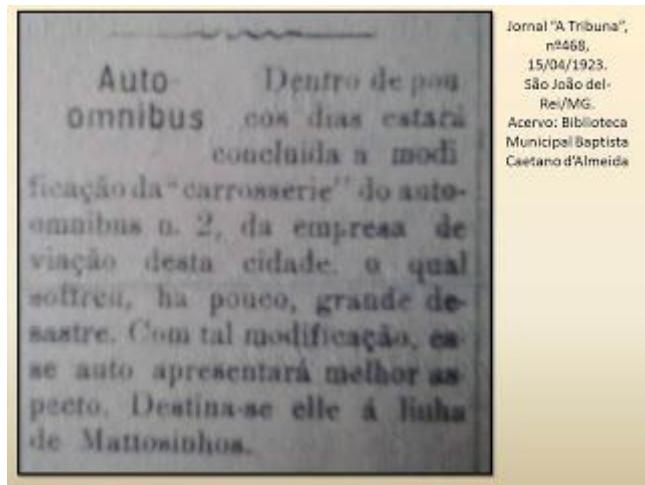
Havia é certo a "Estrada da Tabatinga", o caminho antigo e natural, que vindo do **Matola**, atravessava o Córrego da Tabatinga (palavra de origem indígena, usada para denominar uma argila clara, "barro branco"), que desce da Caieira (hoje Bairro São Judas Tadeu), seguia para Matosinhos entre o Córrego do Lenheiro à esquerda, e a via férrea à direita. Esta estrada, outrora desprovida de casas ao redor, era o "caminho da roça", a estradinha do arraial de Matosinhos, com pouco trânsito, senão o de carroças, charretes, carros de boi, tropas, cavaleiros e alguém à pé. Com entrada pela Rua Bernardo Guimarães, passava diante da igrejinha demolida em 1970 e fletindo à esquerda, rumava para a Ponte do Porto.

É o caminho velhíssimo trilhado pelos bandeirantes alucinados pelas riquezas minerais. Hoje asfaltado e cheio de casas no entorno é nada mais que uma rua comum, perdida entre tantas da urbe, como sua história calcada sobre calçados e pneus.

A noventa anos uma novidade surgia em São João del-Rei: a linha de ônibus, ou melhor "auto-omnibus", como se dizia na época. O primeiro era como um circular, que no começo de 1923 fazia um giro pelo Centro Histórico, Tijuco, Fábricas e Matosinhos (onde a passagem era de 200 réis). A Tribuna foi um jornal da cidade que registrou para a posteridade este pedaço da história que ao olhar atual se colore de pitoresco aspecto.



No mesmo ano, pouco depois um segundo veículo da mesma empresa começou a reforçar a linha urbana, comprovando assim que houve demanda de passageiros. Ele sofreu um acidente que danificou a carroceria e quando da sua reforma foi noticiado pelo mesmo jornal que serviria à [linha de Matosinhos](#).



Segundo notícias orais os primeiros veículos eram "jardineiras", pitorescos calhambeques com carroceria coberta, mas vazada nas laterais, contendo bancos de madeira onde iam os passageiros. Mais tarde foram substituídos por outros totalmente fechados, que aqui foram apelidados de "grisú".

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

Principais questões que fecharam o século XX

Notícias de Matosinhos

Em 1970 a demolição da antiga igreja; recentemente o problema dos *trailers* e barracas invadindo áreas públicas e vendendo, contra as normas, bebidas alcoólicas; o caótico trânsito das avenidas Josué de Queiroz e Sete de Setembro – gerando muitos acidentes e mortes; a podridão total do Córrego das Galinhas (entre o Pio XII e Bom Pastor); a reforma da Estação de **Chagas Dória** em estado de ruína; reforma da estátua-chafariz da deusa Ceres; um destino útil ao ex-matadouro municipal foram as principais discussões que inflamaram os ânimos dos moradores do bairro nos últimos anos do século XX e primeiros do seguinte. Esses assuntos foram recorrentes em várias edições do jornal **O Grande Matosinhos**.

O crescimento do grande bairro representou igualmente o agigantar da problemática social: drogas [1], violência, trânsito agitado, questões de saúde, segurança pública, educação, infra-estrutura [2], dentre outros. A falta de um cemitério representa grande transtorno aos seus moradores.

Fechando o século, importantes acontecimentos marcaram a vida de Matosinhos: em 1998 a remodelação da famosa Festa do Divino chamou a atenção de toda cidade e região para a força e capacidade do povo deste lugar. Em 1999 foi criada a ASMAT (Associação dos Moradores e Amigos do Grande Matosinhos), entidade que não extinguiu as outras associações de bairro ali já existentes, mas se somou a elas. Criou um jornal informativo, **O Grande Matosinhos**, com versão digital na internet, chamando sempre a atenção para as questões sociais, culturais, históricas, políticas e religiosas do bairro.

Em 17/03/2000 é inaugurada uma escola particular de nível superior em Matosinhos, o IPTAN, com faculdade de turismo e direito.

A 19/10/2000 é inaugurada a Policlínica de Matosinhos, a partir da reforma do precário posto de saúde que antes ali existia.

* Texto: Ulisses Passarelli.

[1] - Um caso de apreensão de drogas pode ser visto na **Gazeta de São João del-Rei**, n. 111, 09/09/2000.

[2] - A ameaça erosiva na Rua Pedro Farnese, Bom Pastor, serve de exemplo. Ver **Gazeta de São João del-Rei**, n. 79, 29/01/2000.

A primeira década do século XXI



Vista panorâmica da Praça de Matosinhos e do santuário.

Matosinhos se tornou um “bairro-cidade”, como dizem. Dividido em partes diversas, o seu conjunto forma o “Grande Matosinhos”. A população, segundo o senso do ano 2000 é de 18.671 habitantes (sendo 9.080 do sexo masculino e 9.591 do feminino). Supõe-se que esses números estejam aquém da realidade, aliás para a cidade toda, pois de fato, são questionáveis. É o bairro da cidade com a maior população. Em extensão territorial só perde para a Colônia. Foi assim, agigantado em todos os sentidos, que adentrou no século XXI.

Os anseios dos moradores continuam os mesmos nos seus primeiros anos, sem solução à vista, sobretudo no que tange aos problemas de segurança pública, trânsito caótico, a inacreditável falta de um cemitério, ausência de bancos, infra-estrutura, saneamento do Córrego das Galinhas, enchentes que atingem a Avenida Santos Dumont e a Vila Nossa Senhora de Fátima e outros mais.

A superação dessas questões se faz necessária para melhorar a qualidade de vida da sua população. Os avanços do terceiro milênio da era cristã, enfim, fazem com que, também o atual santuário tenha de encarar mudanças estruturais, no sentido de se adequar à recepção das grande levas de romeiros. Felizmente a restauração recente deste templo já foi um grande passo. Há na cidade sugestões de se retirar o muro com grade que resguardam o seu enorme adro. Esse muro é acusado de tornar a igreja feia e separatista [1].

Como os acontecimentos desta década ainda estão frescos na memória local, optei expô-los com breves comentários, numa superficial listagem cronológica, restrita aos fatos mais relevantes.

2000:

- As obras de drenagem do Córrego das Galinhas ocupam as páginas jornalísticas. É um reflexo de antiga reivindicação popular, muito comentada [2].
- Corte de árvores na praça de Matosinhos é alvo de protestos [3].

2002:

- Instalado em Matosinhos um caixa bancário eletrônico. O bairro se ressente muito da falta de agências [4].
- A mesma edição anterior dá conta do alambrado colocado ao redor da estação ferroviária do bairro, no sentido de impedir as invasões que a alvejavam. Devido à tela, o prédio depredado ganhou aspecto de galinheiro e populares não tardaram apelidá-lo gaiatamente de “Granja Chagas Dória”.

2003:

- Matosinhos continua atual e atuante na sociedade são-joanense, tendo importante participação em eventos cívicos a exemplo dos desfiles do dia sete de setembro [5] (agora também no bairro em vez de só acontecerem no centro) e do movimento conhecido por Grito dos Excluídos [6], com destacada participação da paróquia local.
- em maio é inaugurado o polêmico “trem” de alvenaria na Praça Senhor Bom Jesus de Matosinhos, fronteiro à matriz paroquial, em substituição aos *trailers* de chapa metálica, que ali existiam até então. O conjunto, tem a forma de uma composição ferroviária: a locomotiva, tipo Maria Fumaça, aloja banheiros, e os vagões são bares. Muitos consideraram não um melhoramento, mas a perpetuação dos antigos *trailers* sob outra fisionomia. Na mesma data se inaugurou a reforma da praça em si, cujo piso de

concreto bruto foi revestido de ardósia; os jardins remanescentes foram suspensos em canteiros revestidos de pedras ao redor das árvores; a estátua da Deusa Ceres, ficou livre da grade que lhe cercava.

- Air de Souza Resende denuncia em sua coluna jornalística que caminhões diversas vezes tem arrebentado fios telefônicos na Rua Mário Eugênio Ferreira, na Vila Nossa Senhora de Fátima, por estarem com cargas muito altas, superiores às legalmente permitidas [7].

2004:

- A estação ferroviária de Chagas Dória continua abandonada, sem vislumbrar chance de restauração. Nos meios culturais esse foi um dos assuntos mais palpitantes desde a década anterior. Fortes chuvas na primeira quinzena de janeiro provocaram enchentes. As águas invadiram dentre outras áreas da cidade, em Matosinhos, a Vila Nossa Senhora de Fátima e a Avenida Santos Dumont, causando estragos. Foram incluídas pelo Corpo de Bombeiros e Defesa Civil entre as áreas de risco da cidade [8].

- O colégio particular de ensino de segundo grau, MAXI, anexo ao IPTAN, é fechado, justificado por razões financeiras decorrentes do insuficiente número de alunos e porque a instituição proprietária priorizava o ensino superior [9].

- O IPTAN (Instituto Presidente Tancredo Neves), instituição particular de ensino de terceiro grau, sediada em Matosinhos, ao lado do SENAI, muda de direção, saindo de mãos locais para as do grupo UNIPAC (Universidade Presidente Antônio Carlos), de Barbacena.

- Inauguração de obras em Matosinhos: em fevereiro o Restaurante Popular II, com comida a preços módicos, na esquina da Avenida Sete de Setembro com Rua Eneida Sete Campos [10]; em 18 de março, tem início as obras de construção do Posto de Saúde do Bom Pastor [11]. No dia 31 do mesmo mês começa a funcionar o serviço de “Disk-ambulância” do bairro. Em maio foi recupiado o asfalto de várias vias na praça principal e seus arredores. No boca-a-boca de rua, as obras tiveram sua qualidade considerada duvidosa e de objetivos puramente eleitoreiros, já que naquele ano houve eleições municipais.

- Alguns desafios persistem no bairro como o caso da violência, que aliás tem aumentado na cidade toda. A colocação das palavras seja capciosamente, seja por displicência, termina às vezes levando a um sentido dúvida que pode gerar má impressão. Assim, por exemplo, um tiroteio na Praça de Matosinhos, um domingo antes do Pentecostes de 2004, foi assim noticiado [12]: “*No último domingo, 30, na praça do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, no final da festa, um rapaz chegou de moto e atirou várias vezes*”, etc. Tal nota foi diagramada bem ao lado da cobertura jornalística da Festa do Divino e em cor destacada. Ora, transmite a impressão que o tiroteio fez parte da festa ou que ocorreu por sua motivação ou descuido dos festeiros, quando na verdade, tendo ocorrido o fato pela madrugada, a programação festiva da novena terminara naquele Domingo, antes das 22 horas, já estando a igreja com o adro fechado e os festeiros recolhidos às suas casas. O movimento era externo, naturalmente violento todos os fins de semana, com ou sem festa, sendo raríssimo aquele que não sai briga. A própria polícia fora previamente oficiada sobre esta possibilidade bem antes do jubileu começar. Os noticiários radiofônicos também dão constante informação sobre a violência no bairro e os jornais continuam a noticiar a violência, independente de qualquer evento [13]. Ao que parece, o posto policial situado na praça estava sub-utilizado [14].

- Outro desafio é o crescimento da consciência preservacionista e a recuperação patrimonial, como vem sendo feito reiteradas tentativas de restaurar a estação e o chafariz [15] locais. Está em andamento o projeto de recuperação da portada da igreja demolida, levada para o interior paulista [16].

- O crescimento rápido sem acompanhamento estrutural adequado tornou o trânsito de Matosinhos caótico. José Cláudio Henriques tem sido a principal voz contra os absurdos deste tráfego, acerca dos acidentes, que estão acontecendo com freqüência. Além da entrevistas em rádios, escreveu bastante para **O Grande Matosinhos** e outros jornais sobre o tema, dando oportunas sugestões, aliás pouco escutadas pelas autoridades responsáveis. O trânsito pesado é uma destas vertentes [17].

- Segundo à tradição geral, Matosinhos também realiza suas festas juninas desvinculadas da igreja, como a que ocorre na praça, com barraquinhas e shows, sob a organização de Jair Trindade Soares e Leila Andrade, em 2003 e 2004, e o Concurso de Quadrilhas, no “Arraiá do Fredezan”, ganhando 1º lugar a quadrilha da Escola Municipal Prof. Elpídio Ramalho, em 2004 [18].

- Polícia Militar prende infrator por ameaça, na Avenida Josué de Queiroz e ainda a mesma fonte jornalística anuncia a prisão de infratores em ônibus coletivo, na Rua General Aristides Prado [19].

- Ocorre a 4 de setembro um debate aberto à comunidade entre os cinco candidatos a prefeito de São João del-Rei, no Centro Social e Cultural da Paróquia, organizado por setores paroquiais, tendo como mediador o advogado Lourenço André Pinto da Silva, de Barroso[20].

- Na Praça do Senhor Bom Jesus de Matosinhos a Polícia Militar registra crime de apropriação indébita de uma motocicleta e na Rua José Falconieri dos Santos os policiais prendem ladrões e recuperaram o produto roubado [21].

- Dia 29 de setembro foi inaugurada a iluminação do campo de futebol do Clube Figueirense. A obra fez parte do “Campos de Luz”, projeto do governo estadual. Graças à mesma fonte de recursos, foi realizado na mesma época o desassoreamento do Ribeirão da Água Limpa, no trecho Ponte da Rodoviária rumo à foz, o que tende a aliviar os problemas de enchente[22]. Outra fonte destaca que o simples desassoreamento, sem alargar o leito, pode não aliviar o problema das enchentes [23].
- A imprensa clama a continuidade dos problemas de trânsito em Matosinhos. Nas imediações da “Ponte dos Cachorros” a via de mão única estabelecida, apenas transferiu de lugar o problema existente. A mesma edição, no editorial, reclama para o grande bairro uma administração regional, com uma lista básica de dez reivindicações, dentre as quais, apoio para os jubileus [24].
- A 08 de outubro é protocolado pelo IHG (Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei) um requerimento na 3^a. Promotoria de Justiça da Comarca de São João del-Rei, originando abertura de inquérito civil, n.077/2003, para apurar possível dano ao patrimônio cultural da cidade. O objetivo central é a recuperação da portada da igreja demolida, do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, levada para a Fazenda São Martinho da Esperança (Campinas / SP) [25] ;
- Inicia em outubro a reforma da Estação Ferroviária Chagas Dória, pela ferrovia Centro Atlântica. A restauração, a tempos reivindicada, incluiu o telhado (de telhas inglesas planas), plataforma de embarque/desembarque, o lado externo e interno do prédio, inclusive a pintura [26].
- Neste mesmo ano falece o Cônego Jacinto Lovatto Filho, sendo sepultado no Cemitério do Pilar. Os comentários publicados na imprensa refletiram a polêmica em torno de sua pessoa, que arrebanhou admiradores e críticos pela demolição da antiga igreja do bairro e construção da atual [27].
- Um homem é espancado por uma turma de 17 pessoas na Praça de Matosinhos [28].
- Programado para 8 de dezembro pela Ferrovia Centro-Atlântica, a entrega das obras de reforma da Estação Ferroviária de Chagas Dória, para inauguração, como parte das comemorações dos trezentos anos de São João del-Rei [29]. O evento ocorreu porém a primeiro do mês seguinte. O prédio passou a abrigar um posto da Polícia Militar, o que causou grande polêmica, pois a vaga era justa e pretendida pela ASMAT (Associação dos Moradores e Amigos do Grande Matosinhos), já que a PM tem posto erguido em plena praça, na ocasião fechado, embora fosse novo.
- Apuração policial de brigas de *gangues* e formação de quadrilhas dá conta em Matosinhos da existência do CV (Comando da Vila Santa Terezinha). Ao término desse ano, foram apreendidas armas no bairro, drogas, registrados assaltos e tentativas de homicídios [30].

2005:

- Ocorre um assassinato a 7 tiros na Rua Batista de Castro, dia 17 de janeiro [31].
- No primeiro semestre (período de 15 fev./30 maio), entre as reuniões da câmara municipal, foi aprovada a autorização ao executivo, no sentido de doar terreno onde funcionou o matadouro, ao Lar de Amparo e Promoção Humana (Lares Solidários), segundo informativo mensal do vereador “Bolão” – Maurílio Caxias Chafic Hallak - Presidente da dita Câmara, publicado na imprensa local.
- O prédio onde funcionou o IPTAN, na Rua Salomão Batista de Sousa, passa a abrigar a partir de abril, cinco secretarias municipais: Saúde, Desenvolvimento Social, Articulação Comunitária e Esportes, Meio Ambiente, Educação [32].
- Com a desocupação do coreto do centro da cidade, há tanto prometida e esperada, vem novamente à baila o tema dos espaços públicos ocupados por *trailers*: 102 registrados na cidade, dos quais 29 estão em Matosinhos. As medidas moralizadoras prometidas abraçariam também as placas publicitárias irregulares, como as que se põem sobre calçadas, problema também freqüente em Matosinhos [33].
- A Polícia Militar do Meio Ambiente embarga a 3 de maio o loteamento Lombão II, entre Matosinhos e Bom Pastor, por ter sido construído sem licença do CODEMA (Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente). A empresa responsável foi multada [34].
- Um jovem é assassinado no bairro com um tiro na cabeça, a 19 de maio[35].
- Os evangélicos promovem em maio a 7^a Marcha para Jesus, partindo da Praça de Matosinhos até a de Santa Terezinha, via Josué de Queiroz, onde várias apresentações de ordem religiosa, cultural e artística completam o evento, que contou com a participação de aproximadamente 15 igrejas evangélicas regionais [36].
- Dia 01 de março inaugura-se a restauração da Estação Ferroviária de Chagas Dória, providenciada pela Ferrovia Centro Atlântica. A obra foi providencial. A estação, um dos últimos monumentos históricos de Matosinhos, estava em estado de total abandono, descaracterizada, em ruínas, depredada, invadida. Sua restauração vinha sendo reivindicada há muito pela ASMAT (Associação de Moradores e Amigos do Grande Matosinhos), que chegou a encomendar a arquiteta Zuleika Teixeira Lombardi um projeto de recuperação da estação ferroviária[37].
- Em março inicia-se a Exposição Permanente de Artesanato de Matosinhos, na plataforma da estação local. Realização da ASMAT, contando com várias atrações.

- Inaugurada a nova sede da Escola Municipal Professor Elpídio Ramalho, no antigo prédio da TELEMAR, na Rua Herculano Veloso, em regime de comodato [38].
- Dia 12 de junho, noticiaram as emissoras de rádio locais, houve um tiroteio na Praça de Matosinhos, ferindo uma jovem. A polícia apreendeu a arma usada, revólver calibre 38, que estava oculto num jardim. O autor dos disparos foi um menor de idade.
- Inicia em junho a obra de desassoreamento do imundo Córrego das Galinhas, que separa o Bom Pastor do Pio XII. É uma antiga e insistente reivindicação dos moradores e associações de bairro. É planejado para outra etapa sua canalização e instalação de emissários e unidades de tratamento de esgoto [39].
- De 24 a 26 de junho, na Avenida Presidente Tancredo Neves, ocorreu a Feira da Solidariedade, promovida por três secretarias municipais. A Comissão do Divino participou a caráter, num desfile aberto pelo alferes da bandeira, ladeado por dois ponteiros, os três a cavalo, portando bandeiras do Paráclito; folia do Divino, congado, imperador sob a umbela, com sua guarda de honra [40].
- Em julho continua o pedido de atenção dos moradores para o caótico trânsito de Matosinhos, sobretudo para o fim do estacionamento na Avenida Josué de Queiroz como condição para conservar a mão dupla ou, em melhor alternativa, estabelecer nessa via a mão única, passando a outra via para a Avenida Sete de Setembro; mão única para a Rua Professor João Maciel (Vila Nossa Senhora de Fátima) [41].
- A UFSJ (Universidade Federal de São João del-Rei), direciona o projeto Cidadania e Justiça Ambiental à Vila Nossa Senhora de Fátima. Foi criado o veículo informativo “Folha da Vila” [42].
- Em agosto principiou a demolição do ex-matadouro municipal, situado na esquina das ruas Elói Reis e Amaral Gurgel, junto à linha férrea.
- Em agosto ocorre a mudança da Cooperativa de Crédito Rural do Campo das Vertentes para o centro da cidade, trazendo à tona a velha reivindicação de uma agência bancária para Matosinhos [43].
- Registrado mais um assassinato, a 05 de agosto, ora na Avenida Santos Dumont [44].
- O pesquisador José Cláudio Henriques lança dois livros a 26 de agosto: “Bairro de Matosinhos, berço da cidade de São João del-Rei” (história) e “Maria Angélica, a desejada dos Inconfidentes” (romance-histórico). O evento aconteceu no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, em Juiz de Fora [45].
- Registrada tentativa de homicídio na Rua Jesus Silva no dia 28 de agosto. A polícia prendeu em flagrante o autor dos disparos [46].
- A 04 de setembro a Praça de Matosinhos sedia um projeto de contos populares em homenagem ao bicentenário do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen [47].
- A 07 de setembro ocorre o 8º Grito dos Excluídos, como parte da programação do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Com a participação da Igreja Metodista e da Igreja Portas Abertas, o ato ecumônico de protesto contra a corrupção e as diferenças sociais do Brasil, partiu da Avenida Presidente Tancredo Neves rumo ao Santuário de Matosinhos [48].
- Forte batida entre dois caminhões na Avenida Josué de Queiroz, dia 28 de setembro assusta os moradores. Os problemas de trânsito no bairro são sérios e motivam desde longa data diversas reclamações [49].
- A ASCAS (Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de São João del-Rei), inaugura a 17 de outubro em Matosinhos, a sua sede, a Rua Carlos Guedes, graças aos esforços próprios e a parceria com várias entidades [50].
- Em novembro inicia-se a construção do Lar de Amparo e Promoção Humana (Projeto Lares Solidários) no terreno onde se situava o antigo matadouro. Destinado a programas sociais, os recursos para investimento, vieram do BNDS (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) [51].
- Dia 11 de novembro a polícia registrou tentativa de homicídio por arma de fogo na Rua João Feliciano. A mesma fonte informa que no dia 13 de novembro a polícia apreende cocaína em danceteria situada na Rua Dr. Elói Reis [52].
- O 38º Batalhão da Polícia Militar, sediado em São João del-Rei, divulga o Plano de Segurança Participativa, que dentre outras coisas, prevê a setorização das ações. Foram criados quatro Setores de Policiamento Comunitário, um dos quais em Matosinhos, abrangendo: Bom Pastor, Colônia do Bengo, Jardim Paulo Campos, Pio XII, Quinze de Janeiro, Residencial JK, Santa Terezinha, Santo Antônio, Vila Caiçara, Vila Jardim Nossa Senhora de Fátima, Vila Jesus Silva, Vila João Lombardi, Vila Nossa Senhora de Fátima, Vila Sagrado Coração de Jesus, Vila São Paulo [53].
- Assassinato no cruzamento da Av. Josué de Queiroz com Rua Herculano Veloso. A vítima recebeu um tiro na cabeça, no dia 29 de novembro [54].

2006:

- Moradores da Rua Água Limpa, próximo ao Campo do Siderúrgico, reclamam do desleixo daquela via por parte das autoridades, com problemas de entulhos, enchentes, iluminação e pragas [55].
- Atividade preventiva contra o risco de um surto de dengue é levada a efeito na Vila Santo Antônio, onde foi detectado um caso suspeito. Houve pulverizações de inseticidas [56].
- Dia 6 de fevereiro a PM registra assassinato a tiros de um menor na Rua Ouro Preto, Bom Pastor [57].
- Uma animada carreata a 18 de março, corta a cidade, com os veículos enfeitados e buzinando, tendo o caminhão dos bombeiros na dianteira, com a imagem de São João Bosco em cima. Foi realizada em comemoração aos setenta anos de criação da paróquia de que esse santo é patrono. A passagem por Matosinhos foi muito festiva, tendo os sinos do santuário dobrado insistenteamente.
- A 13 de março foram encontrados dois cadáveres no mato, nas proximidades do Campo do Figueirense, na Avenida Santos Dumont. As vítimas foram mortas a tiros [58].
- Rebelião na penitenciária do Mambengo, a 15 de março, termina com três detentos feridos. A causa indicada seria uma disputa entre um grupo de detentos do Bairro Tijuco com outro de Matosinhos. A fonte é a mesma da notícia anterior.
- “A inauguração do novo Carramachão do Social F.C., em 29/03/06, contou com a presença do Bispo Diocesano “Dom Waldemar”, autoridades municipais e estaduais (representantes), ex-presidentes do clube e socialinos natos. Batizou-se com o nome de “Altair Guimarães”, grande figura do clube, notabilizado atleta e diretor. Gestão: José Francisco de Castro - Chico Explosão” [59].
- Apreensão de crack na Rua Santa Madalena, Bairro Bom Pastor. O traficante foi preso em flagrante [60].
- Polícia Militar a 12 de abril, apreende dois adolescentes por crime de agressão, na Rua Sílvio Costa [61].
- Tentativa de homicídio na Praça do Sr. Bom Jesus de Matosinhos. Um menor foi alvejado. A polícia prendeu em flagrante um dos suspeitos [62].
- A folia do Divino das Águas Férreas fez apresentação de destaque na “Festa da Família”, efetivada na tarde de 20 de maio, na Escola Municipal Bárbara Heliodora.
- Autor de homicídio em Matosinhos é condenado a 12 anos de reclusão em regime fechado, sendo recolhido à cadeia do Mambengo [63].
- Segundo a mesma fonte, na Avenida Sete de Setembro, uma estudante ameaçou a uma outra com um canivete, sendo apreendida em flagrante.
- Ainda esta fonte comenta sobre as comemorações dos 14 anos da Escola Elpídio Ramalho, contando com várias atividades, dentre as quais exposições de trabalhos artísticos, danças, inauguração de brinquedoteca.
- Moradores da Rua Carlos Montuanelli (na Praça Pedro Paulo) fazem reparos locais por sua própria iniciativa.
- Inaugurado a dez de junho o Lar Solidário, construído no terreno onde funcionara o matadouro, contando com várias atividades para crianças e adolescentes [64].
- Homicídio no Bom Pastor. Um ciclista é alvejado por quatro tiros e falece no local [65].
- Em junho tratores fazem obras no bairro: na Avenida Josué de Queiroz e Praça do Sr. Bom Jesus de Matosinhos é feito recuperação asfáltico, pintura de faixas, instalação de refletores “olho de gato”; no Ribeirão da Água Limpa, próximo à rodoviária, desassoreamento do leito.
- No Centro Social e Cultural da Paróquia de Matosinhos é realizado o II Encontro de Cura Interior, evento com a presença de vários nomes importantes da música religiosa. Participação da Comunidade Kerygma, desta cidade e da Rede Canção Nova.
- Polícia registra a 20 de agosto tentativa de homicídio na Av. Josué de Queiroz. O tiroteio num bar deixou feridos [66].
- Apreensão de entorpecentes na Praça Santa Terezinha [67].
- De 15 a 17 de setembro realiza-se em São João del-Rei o III Encontro Nacional de Capoeira. Os organizadores são do grupo Muzenza, da Vila Santa Terezinha. A Roda de Abertura ocorreu na Praça de Matosinhos.
- “Em Matosinhos, policiais prenderam em flagrante uma pessoa por porte de substância amarelada aparentando ser crack no feriado de quinta-feira, 7” [68].
- Segundo a mesma fonte anterior, o programa de recuperação de calçadas é programado para ser iniciado por Matosinhos. No Pio XII a situação estava crítica.
- Na Rua Expedicionário Batista Rios (Vila Santa Terezinha), ocorre um assalto à mão armada na tarde de 18 de setembro [69].
- No combate às máquinas de apostas caça-níqueis, a Polícia Militar apreendeu a 19 de setembro, na Rua Virgílio Carazza, Matosinhos, uma máquina e o comerciante do estabelecimento onde ela estava [70].

- Em fase de construção, no segundo semestre, uma praça e um posto de saúde no Bom Pastor.
- Acidente de moto na Rua Carlos Montuanelli, ao lado da Praça Pedro Paulo, mata um homem [71]. No barranco da linha férrea foi fincada mais uma cruz, marcando o fato.
- Dia 22 de outubro a Polícia Militar registrou cinco tentativas de homicídio em Matosinhos [72].
- A 26 de outubro registra-se mais um assassinato por arma de fogo na cidade. A vítima morreu com tiros na cabeça, na Avenida Santos Dumont, Matosinhos [73].
- Novembro principia trágico: no sábado, dia 4, um jovem é assassinado com dois tiros na paragem de Tocos [74]. No mesmo dia um homem morre após ser atropelado pela Maria Fumaça, na Praça Pedro Paulo. Não obstante todos os esforços do maquinista e do foguista, não foi possível parar a composição. A locomotiva o arrastou por cerca de dez metros e o homem ficou preso sob o limpa-trilhos. O acidente foi muito comentado e deixou os que o viram ao vivo perplexos, pela intensidade dos ferimentos causados, conforme pude observar quase que no instante do acidente. Os bombeiros, com uso de macacos hidráulicos, suspenderam um pouco a dianteira do trem para tirar o corpo. Este foi um dos raríssimos acidentes ferroviários nesta cidade, que desde muitos anos não era visto[75].
- Chuvas fortes dos meados de novembro causam estragos em vários pontos da cidade, inclusive Matosinhos.
- A 2ª Semana Municipal da Consciência Negra contou dentre muitos eventos, com a participação da Corte e Cavalgada do Divino, constando na programação (*folder*). Vários Congados estiveram presentes e inclusive o grupo de capoeira “Muzenza”. O imperador desfilou de terno completo e faixa, cetro e coroa, sobre uma charrete. O grupo Raízes da Terra demonstrou imensa atividade.
- Apreensão de *crack* na Rua Eneida Sete Campos, a 16 de novembro. Na mesma semana foi registrada uma tentativa de homicídio na Avenida Josué de Queiroz, Vila Santa Terezinha [76].

* * *

Quase todas essas notícias são desagradáveis e fatídicas. Não julguei relevante listar as dos anos seguintes pois estão em geral na mesma linhagem triste. A falta d’água por exemplo voltou às manchetes em outubro de 2007, nas páginas d’**O Grande Matosinhos**. Os focos de mosquito da dengue cresceram na cidade em 2009, inclusive em Matosinhos [77]. As calçadas da Avenida Josué de Queiroz foram estreitadas em abril de 2009 diminuindo a segurança do pedestre, a despeito dos protestos [78]. A malfadada obra foi feita no mandato do prefeito que em sua gestão anterior havia alargado o mesmo passeio. A recém restaurada estação ainda é ponto de mendicância. E há ainda esta informação [79]:

A maioria dos estabelecimentos comerciais localizados nos bairros Matosinhos e Fábricas não possui Projeto de Prevenção e Combate a Incêndios e Pânico. Essa foi a conclusão da operação ‘Alerta Vermelho’, deflagrada pelo Corpo de Bombeiros de São João del-Rei no final de 2007. Dos 291 estabelecimentos comerciais vistoriados nos dois bairros, 265 não tinham ainda providenciado o projeto de combate a incêndio, embora a exigência esteja regulamentada em lei, desde abril de 2006.

Não estou agredindo ao bairro, mas apenas mostrando sua realidade, já que “nem tudo são flores”. A fase áurea das célebres chácaras é o relato de um passado romântico, 100% distante do mundo atual.

Essas notícias se forem absorvidas, levarão o leitor ao pessimismo e não é este meu objetivo, mas apenas alcançar o realismo; mostrar sem disfarces a verdade de nossos dias, os problemas que seus moradores enfrentam, os clamores não ouvidos, as promessas caducadas. As questões sociais estão calcadas nas diferenças de nível econômico, na educação, no racismo, na discriminação, na exclusão, na ingerência.

Esperança e ilusão não podem ser misturadas. Particularmente não creio num futuro melhor para o bairro, embora pense que isso não deva servir de desalento às atividades em prol de suas melhorias. Para que desilusão se transforme em esperança, as cobranças de atitude das autoridades devem ser contínuas. O aspecto educacional, a consciência política e o esclarecimento midiático deveriam ser as premissas de um processo renovador.

No entanto, para contrabalançar, surgem vez por outra boas notícias. No segundo semestre de 2007 foi criada uma escola de música sediada na paróquia do bairro, ensinando a jovens instrumentos e canto coral. Dela já surgiu a Banda de Música Senhor Bom Jesus de Matosinhos, cuja primeira apresentação foi no jubileu do padroeiro de 2008. O **Jornal de Minas** nº 92 anunciou que lojistas se uniram em Matosinhos para dar um novo aspecto ao Natal no bairro, através de “uma grande estrutura

com iluminação, sonorização, apresentações culturais, além de promoções, como o sorteio de brindes". A Gazeta de São João del-Rei nº 476 anuncia a interdição pela justiça das noitadas em dois clubes no bairro até sua adequação às normas, sem dúvida um sossego para os moradores. A violência felizmente está em queda em toda área de cobertura policial pelo 38º Batalhão da PM, sediado nesta cidade, desde sua implantação no primeiro trimestre de 2005, exercendo excelente trabalho. A queda é da ordem de 83,33% [80].

A esse respeito vale complementar com a notícia veiculada sob o título "Justiça fecha bares da Praça do Matosinhos" [81], acerca do trabalho excelente do 38º Batalhão da PM que reduziu em três anos mais de 80% do índice de violência na cidade. O fechamento provisório dos bares e *trailers*, motivado por diversas irregularidades, se deu por ordem judicial e veio em boa hora: só em 2008, até 26 de julho, 248 boletins de ocorrência haviam sido registrados motivados por problemas na praça. Em quinze dias de fechamento o número de ocorrências locais veio a zero. A própria prefeitura na seqüência de ações notificou os proprietários a desocuparem os *trailers*. A 30 de dezembro enfim eles foram demolidos, desaparecendo da praça a figura inerte daquele trem de concreto. O caso foi amplamente coberto pela imprensa, com a promessa de revitalização do largo [82].

A obra de reforma plena do largo veio em fins de 2009 e princípio de 2010.

A partir de uma mobilização do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, corre o processo envolvendo o retorno da portada da primitiva igreja demolida do Senhor de Matosinhos ao bairro. É uma notícia auspíciosa, divulgada pela imprensa [83].

A ação da população muitas vezes ajuda a polícia a solucionar questões. É o caso do furto de aparelhos eletrônicos a 17/04/2009 realizado na Escola Estadual Governador Milton Campos. A partir de uma denúncia anônima chegou-se aos autores do crime[84].

Enfim corre notícia da revitalização da praça principal, inacabada desde a retirada dos *trailers*, obra tão aguardada e necessária[85]. Foi inaugurada em maio de 2010, seguida de obras de recapeamento asfáltico na principal via de trânsito.

A década seguinte adentra sem grandes alterações, neste quadro mas é preciso destacar alguns pontos.

O ano de 2011 é marcado pela vinda do novo pároco para Matosinhos, Padre José Bittar, em substituição ao Padre José Raimundo. Destaque também para atuação do novo vigário, Padre Admilson Heitor de Paiva (2012/2013) e nos dois anos seguintes do Padre Geraldo Sérgio França.

Em 2012 a praça ganhou aparelhos de ginástica para uso livre da população.

Ainda em 2012 foi bastante notória a inauguração e bênção da nova Capela do Santíssimo Sacramento. Em 2013 é inaugurada a nova sacristia do santuário, bastante ampla.

No dia maior do Jubileu do Divino de 2015, um acidente com o caminhão de coleta do lixo vitimou um trabalhador do mesmo e feriu outros dois. O eixo traseiro com as quatro rodas saiu inteiro. A tragédia, que aconteceu na Avenida Sete de Setembro, consternou a todos no evento festivo e se tornou a notícia mais difundida pela cidade.

Outros aspectos de pesquisa do bairro que não foram aqui contemplados ou que foram abordados de forma superficial, podem contudo ser bem avaliados e aprofundados em obras de outros estudiosos que antecederam, como as figuras humanas de destaque, as diversões, os esportes, etc. [86].

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 2012.

[1] - GUIMARÃES, João Paulo. Igreja de Bom Jesus de Matosinhos – as razões na sombra: do muro da alma. **Tribuna Sanjoanense**, n. 1.017, 11/04/2000.

- [2] - **O Grande Matosinhos**, n. 3, janeiro / 2000
- [3] - **O Grande Matosinhos**, n. 14, dez. / 2000
- [4] - **O Grande Matosinhos**, n. 30, abril/ 2002
- [5] - O Sete de Setembro em Matosinhos. **O Grande Matosinhos**, n. 48, out. / 2003. Matosinhos. **Gazeta de São João del-Rei**, n. 264, 06/09/2003.
- [6] - O Grito dos Excluídos . **O Grande Matosinhos**, n. 48, out. / 2003.
- [7] - **O Grande Matosinhos**, n. 46, ag. / 2003.
- [8] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 282, 17/01/2004.
- [9] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 289, 06/03/2004.
- [10] - O restaurante Popular I foi inaugurado no andar superior do Mercado Municipal, no centro da cidade. O terceiro foi inaugurado tempos mais tarde no Tijuco.
- [11] - Convênio com Estado garante Posto de Saúde. **Gazeta de São João del-Rei**, n. 291, 20/03/2004.
- [12] - Festa do Divino colore as ruas do Matosinhos. **Gazeta de São João del-Rei**, n. 301, 05/06/2004.
- [13] - Cf.: Tiro pelas costas mata rapaz no Matosinhos. **Gazeta de São João del-Rei**, n.310, 31/07/2004 ; Está preso suspeito de participar de homicídio. **Gazeta de São João del-Rei**, n.312, 14/08/2004; Tiros em Matosinhos, **Folha das Vertentes**, n. 10, 2^a quinzena de julho / 2004.
- [14] - Cf.: Polícia II. **O Grande Matosinhos**, n. 54, jun. / 2004.
- [15] - Sobre o histórico do Chafariz da Deusa Ceres e informações desta personagem da mitologia grega, ver:
CARVALHO, José Maurício. Chafariz da deusa Ceres. **Tribuna Sanjoanense**, n. 1.040, 03/10/2000.
- [16] - IHG quer reaver portada da antiga Igreja do Matosinhos. **Gazeta de São João del-Rei**, 30/08/2004.
- [17] - Cf.: Outra vez o trânsito. **O Grande Matosinhos**, n. 54, jun. / 2004.
- [18] - **O Grande Matosinhos**, n. 56, agosto / 2004.
- [19] - **Jornal de Minas**, n. 44, ag./2004.
- [20] - **Gazeta de São João del-Rei**, n.315, 04/09/2004.
- [21] - **Jornal de Minas**, n. 45, set./2004.
- [22] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 319, 02/10/2004.
- [23] - **O Grande Matosinhos**, n. 57, set. / 2004.
- [24] - **O Grande Matosinhos**, n. 57, set. / 2004.
- [25] - **O Grande Matosinhos**, n. 56, ag. / 2004. Sobre o andamento do caso ver também: **Estado de Minas**, n. 24.370, 24/09/2008, Belo Horizonte, Caderno Gerais; **Gazeta de São João del-Rei**, n.526, 27/09/2008; **Folha das Vertentes**, n. 111, set. / 2008.
- [26] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 325, 13/11/2004; **Informativo ACI Del-Rei**, n.117, dez.2004.
- [27] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 310, 31/07/2004; n. 311, 07/08/2004; n. 313, 21/08/2004; n. 320, 09/10/2004.
- [28] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 324, 06/11/2004.
- [29] - **Folha das Vertentes**, n. 19, dez. / 2004.
- [30] - **Folha das Vertentes**, n. 19, dez. / 2004.
- [31] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 334, 22/01/2005.
- [32] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 345, 09/04/2005 e **Folha das Vertentes**, n. 23, fev. / 2005.
- [33] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 348, 30/04/2005.
- [34] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 350, 14/05/2005.
- [35] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 351, 21/05/2005.
- [36] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 352, 28/05/2005.
- [37] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 339, 26/02/2005.
- [38] - **Atos Oficiais**, n. 1, jul. / 2005.
- [39] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 356, 25/06/2005.
- [40] - **Atos Oficiais**, n. 1, jul./2005.
- [41] - **O Grande Matosinhos**, n. 67, jul. / 2005.
- [42] - **O Grande Matosinhos**, n. 67, jul. / 2005.
- [43] - **ACI del-Rei**, n. 125, ag. / 2005.
- [44] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 363, 13/08/2005.
- [45] - **Folha das Vertentes**, n. 37, set./2005.
- [46] - **Folha das Vertentes**, n. 37, set. / 2005.
- [47] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 366, 03/09/2005.
- [48] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 367, 10/09/2005.
- [49] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 370, 01/10/2006.
- [50] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 370, 15/10/2005; **Folha das Vertentes**, n. 40, out. / 2005.
- [51] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 383, 31/12/2005.
- [52] - **Folha das Vertentes**, n. 42, nov./2005.

[53] - **Boletim Informativo da PM**, nov.2005.

[54] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 379, 03/12/2005.

[55] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 387, 20/01/2006.

[56] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 388, 04/02/2006.

[57] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 389, 11/02/2006.

[58] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 394, 18/03/2006.

[59] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 397, 08/04/2006.

[60] - **Folha das Vertentes**, n. 51, abr. / 2006.

[61] - **Na Imprensa**, n. 10, 21/04/2006.

[62] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 403, 20/05/2006; **Folha das Vertentes**, n. 54, maio/2006.

[63] - **Folha das vertentes**, n. 55, jun. / 2006.

[64] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 406, 10/06/2006

[65] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 407, 17/06/2006.

[66] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 417, 26/08/2006.

[67] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 418, 02/09/2006.

[68] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 420, 16/09/2006.

[69] - **Folha das Vertentes**, n. 62, set. / 2006.

[70] - Idem. Cf. também: **Gazeta de São João del-Rei**, n. 421, 23/09/2006.

[71] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 424, 14/10/2006.

[72] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 426, 28/10/2006.

[73] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 427, 04/11/2006.

[74] - Nome devido aos restos de madeira que sustentavam o pontilhão da via férrea para as Águas Santas, sobre o Rio das Mortes, em Matosinhos, no fundo do Jardim Paulo Campos.

[75] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 428, 11/11/2006.

[76] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 430, 25/11/2006.

[77] - **Gazeta de São João del-Rei**, n.550, 14/03/2009.

[78] - **Gazeta de São João del-Rei**, n.555, 18/04/2009.

[79] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 488, 05/01/2008.

[80] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 502, 12/04/2008.

[81] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 522, 30/08/2008.

[82] - **Folha das Vertentes**, n.118, jan./2009; **Gazeta de São João del-Rei**, 03/01/2009, n.540.

[83] - **Folha das Vertentes**, n. 111, set. / 2008; **Gazeta de São João del-Rei**, n.526 27/09/2008; **Estado de Minas**, n.24.370, 24/09/2008.

[84] - **Gazeta de São João del-Rei**, n.556, 25/04/2009.

[85] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 560, 23/05/2009.

[86] - Air de Souza Resende revelou em sua coluna n'O **Grande Matosinhos** (n. 56, ag. / 2004), que a 1^a Exposição Agropecuária de São João del-Rei, no Parque do Trabalhador (inaugurado em 11/08/2004), deveria na verdade ser a terceira posto que uma primeira foi feita numa fábrica desativada em Matosinhos e uma segunda numa indústria também desativada, no Bairro das Fábricas, “*para não desmerecer aqueles que com entusiasmo e sacrifícios, fizeram exposições*”. Sobre aspectos humanos e figuras de destaque ver:

HENRIQUES, José Cláudio. Mais um matosinhense em destaque. **O Grande Matosinhos**, n. 56, ag./2004.

LIMA, Rogério Medeiros Garcia de. Filho ilustre de Matosinhos. **O Grande Matosinhos**, n. 55, jul. / 2004.

PEREIRA, José Antônio. Carta. **O Grande Matosinhos**, n. 47, set. / 2003.

Primeiro Encontro de Bandas de Músicas de Matosinhos

No dia 1º de setembro de 2013, aconteceu em Matosinhos o primeiro Encontro de Bandas de Músicas, com vasta programação, reunindo as bandas são-joanenses Theodoro de Faria, a Salesiana Meninos de Dom Bosco, a Banda Sinfônica do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (promotora do evento), a Corporação Musical Aquiles Rios (do distrito de São Sebastião da Vitória) e a Corporação Musical Lira Santa Cecília (do distrito de São Miguel do Cajuru), além da banda da vizinha Santa Cruz de Minas, sob as bênção de São Sebastião, que a nomina.

O encontro movimentou com intensidade o Largo de Matosinhos e agradou muito ao público, que lotou aquela praça.

Este evento cultural deixou o gosto de quero mais e com certeza tem um grande potencial. Abaixo algumas imagens tomadas nesse dia.



Banda do Santuário de Matosinhos.



Banda do Cajuru.



Banda Salesiana.



Banda de Vitória.

Notas e Créditos

* Texto e fotos: Ulisses Passarelli

Obras no Santuário



Alambrado.



Nova Capela do Santíssimo.



Nova sacristia.



Atual altar-mor.



Piso antigo sendo removido.



Novo piso.

As imagens acima revelam novos aspectos físicos do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em São João del-Rei, no final de 2013, sob a direção do pároco e reitor, Padre José Bittar, que tem envidado muitos esforços no sentido de trazer melhoramentos para esta igreja.

Dentre outras ações merecem destaque a colocação de um alambrado resguardando o bloco dos fundos, onde funciona a catequese, o que limitou o trânsito livre contribuindo sobremaneira com questões de ordem e segurança; houve grande ampliação e melhoramento artístico e funcional na Capela do Santíssimo Sacramento e na sacristia, com a construção de anexos voltados para a retaguarda do templo; o desgastado piso antigo, original da construção da nova igreja foi trocado após uma intensa campanha popular, incluindo também melhorias no altar, ao centro, e do altar-mor.

Este ganhou um novo aspecto que fez reunir as imagens antigas e do Sr. Bom Jesus, Divino e Virgem da Lapa, dando-lhes maior destaque e visibilidade.

Ao operoso pároco damos os parabéns, extensivo ao vigário, Padre Geraldo Sérgio França, e a todas as pessoas envolvidas neste trabalho.

Notas e Créditos

* Texto e fotos: Ulisses Passarelli

Noventa anos de um grande folião

Ontem à noite, 19 horas, no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em São João del-Rei, celebrou-se missa na intensão do folião plenamente ativo João Batista do Nascimento, mais conhecido por "João Matias", comemorativa de seus 90 anos de vida, completos no último dia 08.



Missa dos 90 anos do Sr. João Matias.

A celebração foi dirigida pelo Padre Admilson Heitor de Paiva, que expressamente mencionou o aniversariante e o cumprimentou em pessoa. Contou com a presença de filhos do homenageado e foliões de alguns grupos da cidade: Geraldo Elói, Didinho, Fanico, Virgilinho, João Bosco de Lima, Carlão, além de folieiros de várias folias desta urbe.

Ao fim da missa, na sala da Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo, transcorreu uma sessão de homenagens ao folião Matias, com a presença de vários festeiros do Divino, congadeiros, folieiros e visitantes, dentre os quais, Betânia Sobrinho, da Secretaria de Cultura de Santa Cruz de Minas, pessoa esforçada que sabe valorizar a cultura popular.



Acima: à direita, Luthéro entrega a faixa de Mestre ao sr.João Matias; à esquerda, Sanival aplica a estrela.



Matias e a camisa da Associação.

De início, o anfitrião Sanival Nunes, Presidente da Comissão do Divino, assumiu a palavra de abertura e convocou a formação da mesa, convidando o autor deste, como Superintendente de Cultura da [Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer](#) de São João del-Rei e o Fundador e Presidente da [Associação dos Agentes Culturais das Vertentes](#) (que congrega congados e folias da região), Luthéro Castorino da Silva. Sanival explanou um pouco sobre a história do homenageado, narrando o fato da sua convocação para a 2ª Grande Guerra, mas felizmente, pela Maria Fumaça, retornou em segurança a partir de uma dispensa de tropas em Juiz de Fora. Ulisses Passarelli, após palavras de valorização das folias e congados, destacando a presença dos líderes da cultura popular, procedeu uma condecoração em nome da [Casa Santos Reis](#), instituição sediada em Manuel Duarte, distrito de Rio das Flores/RJ, concedida pela benesse do folclorista Affonso Furtado, que reconhece o longo trabalho dos mestres da cultura popular na área dos reisados brasileiros.

Ulisses convidou o folião e capitão de congado Luthéro para colocação da faixa de Mestre no sr. João Matias, ao som da leitura bíblica do Livro do Profeta Isaías, capítulo 22, versículos 19-23 e Sanival para afixação da estrela, sob o trecho de inspiração evangélica no 2º capítulo de São Mateus. Todos aplaudiram o Mestre Matias.

Na sequência, a palavra foi passada a Luthéro, que também é Imperador do Divino (coroado em 1999), o qual traçou um panorama das ações da associação dos congadeiros e folieiros e em palavras de homenagem à longevidade e contínua ação do agraciado, lhe ofertou a camisa feita pela associação, literalmente o primeiro filiado a recebê-la.



João Matias e José Cláudio Henriques.

Sanival em nome da Comissão do Divino ofertou-lhe uma placa alusiva à comemoração e ainda, a seu convite falou o imperador e escritor José Cláudio Henriques, ambos enaltecendo as atividades dos grupos folclóricos e a importância dos mestres.

Por fim em breves e eloquentes palavras, concluídas em tom de bênção, o pároco de Matosinhos, Padre José Bittar se dirigiu ao ilustre folião deixando claro seu exemplo de vida.



João Matias com os presentes recebidos, ao lado de Padre Bittar.

Congadeiros do Solar da Serra, no bairro são-joanense Colônia do Marçal, agora sob nova presidência, de Marcos Aurélio Coelho, cantaram um parabéns com seus tambores, na voz do capitão Celso.



Congadeiros do Solar da Serra - Marcos Aurélio e Dona Lúcia seguram respeitosamente a Bandeira do Rosário.

Foi então aberto pela Comissão uma mesa de salgados e refrigerantes aos presentes em clima de confraternização. Para concluir os foliões de vários grupos se juntaram fraternalmente num único conjunto que perpassou várias toadas reiseiras e pentecostais com versos de homenagem, cabendo também ao próprio João Matias cantar alguns, em letras de gratidão.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S. Passarelli

***Leia também: [João Matias: homenagem ao grande mestre](#)

CAPÍTULO III – O PADROEIRO E OS SANTOS

Devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos

Acredito na possibilidade da pitoresca palavra “matosinhos” ser apenas o diminutivo do sobrenome Matoso. Mas é algo difícil de comprovar.

Sua origem imediata é Portugal. É preciso assim remeter ao histórico dessa devoção em terras lusitanas, muitas vezes eivado de piedosas narrativas lendárias. Transcrevo de LAGO (2003) as seguintes informações esclarecedoras:

"Caio Carpo, um jovem romano, pagão, tentando provar a sua perícia entrou pelo mar a dentro a cavalo. Quando voltou à superfície, coberto de algas e vieiras, encontrou um barco, parado ao largo, sem tripulação, onde se encontrava o corpo do Apóstolo Santiago. Imediatamente o jovem se converteu. Quando voltou à praia, todos os presentes espantados pelo fenômeno da salvação do amigo, se converteram com ele e receberam o batismo. Porque o cavaleiro vinha todo "matisadinho" pelas conchas se atribuiu ao lugar do fenômeno esse nome que, posteriormente teria passado a Matosinhos."

A palavra matisadinho (isto é, matizado, colorido – de algas e conchas) teria se alterado em “Matesinus” e daí para “Matosinhos”, nome que, garante a autora em que me baseio, é anterior à nacionalidade portuguesa (ano de 1140).

Conta-se que na mesma costa onde Caio Carpo teria nadado, dita Praia do Espinheiro, certa feita foi encontrada na beira-mar uma grande imagem do Crucificado. Esse acontecimento segundo os estudiosos teria se dado entre os séculos XIII e XIV, segundo análise da imagem (datação), mas a crença popular dá ao acontecimento data muito anterior, havendo mesmo quem aponte o remotíssimo 03 de maio de 124, portanto no século II, o que parece pouco provável.

Nessa concepção lendária, a imagem teria sido talhada por Nicodemus, fariseu convertido. Foi ele que, junto com José de Arimatéia, desceu da cruz o cadáver do Messias, pondo-o nos braços de sua piedosa Mãe. O entalhe fora baseado na figura do Salvador impressa no Santo Sudário... É ainda Isabel Lago a dizer:

"esculpira, a partir desta, em madeira da Judéia, cinco "Cristos". Perseguido pelos judeus, lançara ao mar as suas obras que se espalharam pelo Mediterrâneo, tendo três delas saído pelo estreito de Gibraltar para o Atlântico. Todas foram recolhidas e ainda hoje se veneram. Uma está em Luca, Itália; outra em Berio, na Síria; duas em Espanha – Burgos e Orense – e, finalmente, uma em Matosinhos, onde foi descoberta sem um braço. (...) Teriam sido vãs as tentativas de substituição do braço em falta. 50 anos mais tarde, uma pobre mulher, mãe de uma filha surda-muda, levou para casa lenha que apanhara na praia. Ao pô-la no lume verificou que um dos fragmentos saltava da fogueira sempre que para lá era atirado. Estupefacta com o sucedido, mais o terá ficado quando a filha, usando pela primeira vez a sua própria voz, sugeriu que esse lenho fosse o braço que faltava ao Senhor" [e o ajuste perfeito teria ocorrido].

Essas lendas não esclarecem os fatos com exatidão, mas são valiosas provas da antiguidade da imagem, da sua ligação com o mar, da devoção popular ao Senhor Jesus. Eis a sua essência cultural-religiosa.

Sabe-se de concreto que a imagem achada na praia foi entronizada a 2 km a leste dali, na Igreja de São Salvador. Esse templo era anexo ao Mosteiro de Bouças, daí a imagem ter recebido o nome primitivo de “Bom Jesus de Bouças”. Bouças foi território militar, estabelecido durante as longas décadas das batalhas de reconquista do território luso. Em sua parte litorânea formou-se Matosinhos. Mais tarde o mosteiro arruinou-se. A Universidade de Coimbra construiu um novo templo para abrigar a antiga imagem, na então povoação de Matosinhos. Esclarece HENRIQUES (2003):

"Doado por Dom João III o padroado desta freguesia à instituição coimbricense, no ano de 1542, já em 1550 se erguia a matriz contemporânea, onde se acha entronizado até hoje, espalhando bênçãos e graças, o Divino Salvador. Aprontadas de início a capela-mor e parte do corpo da igreja, que ainda

subsistem, sofreu profunda remodelação e acrescentamentos no século XVIII, vindo a ficar inteiramente concluída na forma atual em 1732" [ou 1733].

A imagem aos poucos passa então a ser conhecida como “Bom Jesus de Matosinhos”.

A nova igreja foi construída numa situação geográfica na qual os navegantes saindo para travessia oceânica, tinham-na como a última a ser avistada ao longo da costa portuguesa e a primeira quando da volta, razão pela qual os marujos se tornaram grandes devotos do Bom Jesus de Matosinhos. No mais, os enormes perigos dessas viagens primitivas vitimavam muitos marinheiros, que faziam suas promessas ao orago e pagavam com seus ex-votos, no retorno da longa viagem náutica.

Assim sendo, em 1607 mareantes fundaram a Confraria do Bom Jesus de Matosinhos, que cuidava sobretudo da “assistência na morte e orações de sufrágio”. Muitos marinheiros aderiram a esta confraria, devido à grande mortandade da tripulação dos navios e ao medo de não alcançar a salvação sem os preceitos finais do rito católico. Havia mesmo uma determinação estatutária, reservando os cargos maiores (tesoureiro e escrivão), que somente poderiam ser ocupados por homens do mar. Tal estatuto é de 1680, embora sua confirmação régia só fosse dada por alvará de 26/08/1688.

A confraria não estabeleceu filial no Brasil. Os sodalícios que aqui se constituíram mais tarde, sob esta invocação, eram independentes da instituição metropolitana. Mas muitos de seus adeptos mudaram para cá, trazendo consigo a devoção original. Isabel Lago esclareceu:

“Durante as viagens os irmãos eram apoiados frequentemente pelos “mordomos do mar” da confraria que eventualmente seguiam embarcados e que aproveitavam as circunstâncias perigosas que se viam para entre os seus colegas de ofício e passageiros, recrutarem mais irmãos. Muitos desses homens e mulheres, depois de chegados ao Brasil, foram os responsáveis pela implantação da devoção nesse território.”

A vinda dos confrades do Bom Jesus para o Brasil transcorreu sobretudo em dois picos, segundo a mesma autora. O primeiro, ligado ao Ciclo do Açúcar, ocupou o período de 1655 a 1703, abrangendo Pernambuco, Bahia (destino de 60% dos irmãos), Rio de Janeiro e São Paulo. Deste período datam as igrejas do Senhor Bom Jesus de Bouças das cidades de São Francisco do Conde e Salvador, na Bahia. Tais confrades eram homens mais abastados e ligados ao litoral. Um segundo pico veio entre 1716 a 1774, ligado ao Ciclo do Ouro de Minas Gerais, portanto uma migração mais para o interior, no período do grande rush que transferiu muitos portugueses para as minas no sonho do enriquecimento fácil.

Desta forma a confraria foi ganhando irmãos entre atividades de terra, e não só entre mareantes, o que se explica pela necessidade de grandes recursos financeiros necessários para conservar as obrigações estatutárias. O culto ao Senhor de Matosinhos tornou-se assim abrangente, alcançando da escravaria à aristocracia. O Brasil foi uma fonte de recursos abundantes para aquela instituição portuguesa.

Não só os irmãos que para cá se mudaram trouxeram consigo esta devoção e contribuíram para disseminá-la, como também e, sobretudo, o movimento do eremitismo colaborou para tal. Mas há de se convir que ainda assim é uma devoção rara.

Em 06/12/1710 ingressa na confraria, em Matosinhos, Portugal, João Álvares de Carvalho e sua mulher Josefa. Seus confrades o enviaram ao Brasil com o cargo de esmoler ou ermitão. Veio para o Brasil. De posse do oratório de pescoço contendo uma pequena imagem do Senhor de Matosinhos, esmolava pelo interior mineiro e difundia a devoção a este santo maior. Foram duas grandes viagens, durando anos, rendendo uma pequena fortuna para a confraria. Parte do dinheiro foi empregado para obras na igreja portuguesa de Matosinhos: “um novo retábulo do Bom Jesus, talha das bandas e teto da capela-mor e arco cruzeiro”, obra idealizada em 1726 e concluída em 1733. Esse ermitão foi importante divulgador dessa devoção no interior brasileiro [1].

Começam a surgir as igrejas sob a invocação do Senhor de Matosinhos. Além de ser devotado na Capela do Alto das Cabeças, em Ouro Preto, sete templos específicos deste orago são construídos em Minas Gerais. TRINDADE (1952) aponta-as, com as respectivas datas das provisões autorizativas:

- Congonhas (santuário): 21/06/1757
- Lavras (capela): 23/08/1768
- Conceição do Mato Dentro (santuário): 21/04/1770

- São Miguel do Piracicaba (capela): 08/06/1771
- Serro (capela): 1781 (justificado)
- São João del-Rei (capela): 06/09/1771
- Matosinhos (capela): 30/05/1823

Na listagem supra, falta a igreja de Piranga, na zona da mata mineira, situada no distrito de Santo Antônio do Pirapetinga, ex-Bacalhau. Seu retábulo-mor é aliás muito parecido ao da igreja desse orago demolida em São João del-Rei.

Pode-se ainda apontar a devoção em Nova Lima / MG, no arraial de Honório Bicalho onde é festejado com jubileu de 14 a 21 de setembro, registrou MARTINS (1981): “*são inúmeros os fiéis que ali comparecem para pagarem suas promessas levando ex-votos e fazendo sacrifício. É também notável o comércio ambulante que se faz em volta do local do jubileu*”.

No Rio de Janeiro, Luís Edmundo lembrou-se de um pedinte de uma travessa da Rua da Misericórdia, “*o Cego Saldanha, figura conhecida da cidade, baixo, rotundo e gêbo, grande tocador de guitarra*” e dele registrou essa sugestiva cantiga de pedir esmolas:

*"Meu Senhor de Matosinhos
 que é dono deste arraial,
 o mais pobre e mais catita
 que hai em todo Portugale!
 Dai ao Saldanha, que é cego ,
 vossa ajuda, sem iguale. "*

Atestou FRADE (1979) que esta devoção é representada em terras fluminenses, por uma igreja consagrada ao Senhor de Matosinhos, na zona rural de Paraíba do Sul, que foi...

"erigida em local que o povo explica como sendo aquele onde certo escravo encontrou uma imagem desse santo. Celebrada no último domingo de agosto, a festa congrega grande número de devotos. Há sala de milagres, com inúmeros ex-votos. Pagadores de promessas costumam chegar de longas distâncias (...) [costumam] levar um pouco da água recolhida em fonte próxima à igreja, à qual atribuem poderes sobrenaturais."

A citação à fonte milagrosa também é encontrada na Igreja de Matosinhos da zona rural de Piranga, e parece lembrança portuguesa da lenda que narra que na Praia do Espinheiro, onde a imagem foi encontrada, rompeu uma fonte miraculosa, antes inexistente, quando ali a confraria construiu no século XVIII o monumento comemorativo do encontro da dita imagem. Tal obra é chamada “Senhor do Padrão”.

A cidade mineira de Matosinhos, na região metropolitana de Belo Horizonte, era outrora chamada Roça Grande. Eis que o nome foi mudado pela força da devoção.

Em São João del-Rei, o local onde se assenta a igreja era chamado Vargem da Água Limpa ou Vargem do **Porto Real da Passagem**. Com a construção do templo, passou a se chamar Matosinhos da Água Limpa e depois simplesmente Matosinhos. Sua capela passou a igreja matriz em 1960 e a santuário em 2004.



*Devota passa as mãos nos pés do
Sr.Bom Jesus de Matosinhos, em São João del-Rei.*

A devoção ao santo de Matosinhos se expressa de forma muito intensa no grande número de ex-votos, antigos e modernos, que são vistos na “Sala de Milagres” [2]. São índices de sua popularidade. No museu do IPHAN em São João del-Rei existe um de 1770 relacionado a essa devoção.

Um caso interessante ligado à imagem do Bom Jesus de Matosinhos aconteceu em 1868. Quem o relata é o mestre Sebastião de Oliveira Cintra:

“Em 1868, exercia o importante cargo de Imperador do Divino Espírito Santo de Matozinhos o sr. Tomaz Antônio Gonçalves, que mandou encarnar [pintar, consertar] a imagem do Senhor Bom Jesus de Matozinhos. Pretendia levá-la em procissão, depois de benta na Igreja de S. Francisco, para a sua Capela, no dia 30-maio-1868. Para tanto oficiou à Venerável Ordem 3º de S. Francisco de Assis - pedindo “a coadjuvação de vossa corporação, a fim de que este ato se torne mais respeitável.” Deliberou a Mesa respondendo que conquanto desejasse concorrer com o seu contingente para o esplendor do culto católico - “todavia muito lhe pesa não poder comprazer com os desejos do devoto festeiro do Divino Espírito Santo”. Argumentava a Ordem na resposta que sendo a bênção da Imagem

uma atribuição paroquial, deveria ser feita na Igreja Matriz [N.S. do Pilar] ou na Capela de Matosinhos. Arrematava com franqueza: - “A Mesa não julga decente sair esta Corporação por tão maus caminhos.”

Intrigante a negação de apoio dos terceiros franciscanos. ADÃO (2001), entrevistando o historiador Sebastião de Oliveira Cintra, que divulgou o fato, colheu dele a interpretação de que o mau caminho citado seria uma referência à precariedade da via pública que conduzia a Matosinhos. “*Contudo, estes não parecem ser os motivos reais da desaprovação da Ordem Terceira*”, opinou Kleber Adão. O sentido das palavras seria irônico, de duplo sentido.

Numa recente restauração da imagem são-joanense do Bom Jesus de Matosinhos [3], descobriu-se por baixo de uma camada de tinta aplicada em época desconhecida, a inscrição “*03 de maio de 1868 – J. M. Ernesto*”. Data portanto do reparo procedido às custas e a pedido do famoso imperador, o mesmo que doou a imagem do Divino ainda hoje venerada pelos fiéis.

Do ponto de vista iconográfico, o Senhor de Matosinhos se distingue de outros crucificados, por duas características fundamentais, mas não sei se exclusivas:

- os pés: pregados em separado (e não sobrepostos e atravessados por um único cravo);
- os olhos: bem abertos, expressando agonia.

A grande imagem local tem esculpida na madeira, ao nível do quadril, uma simulação de pano, encobrindo as partes íntimas. Mas esse pano fingido não aparece às vistas pois tem sempre sobre si um pano de verdade, caprichosamente bordado e adornado com detalhes de rendas, franjas, abrolhos, *richelieu*. Há vários panos de substituição, de tempos em tempos removidos para lavagem e trocados por outros que devotos trazem como gratidão a graças alcançadas, tendo portanto um caráter ex-votivo.

Uma escada dá acesso direto à imagem e os devotos passam a mão nos pés da imagem e a beijam. O gesto de tão intenso removeu parte da pintura dos pés do Bom Jesus, prova concreta da força devocional. Durante todo o tempo que o santuário permanece aberto é possível visualizar esse fluxo de fiéis, mas sobretudo após as missas se intensifica. Nas ocasiões festivas forma-se longa fila para acessar a dita escada.



*Visão fragmentada da imagem em São João del-Rei:
devotas expressam sua fé.*

A força da arte barroca ajudou a imprimir a fé nas pessoas por meio de imagens muito realistas simbolizando o sofrimento do Messias. Várias invocações do Senhor mereceram na imaginária sua representatividade. Fazendo-se um paralelo com os horários litúrgicos, pode ser atribuído o tempo das 9 horas à devoção do Bom Jesus da Cana Verde ou ao do Bom Jesus da Coluna [1], pois representa o Cristo flagelado, atado à pilastra onde fora açoitado, coroado de espinhos, revestido de manto púrpura para escárnio, portando o colmo de cana à guisa de cetro. É o momento da ignóbil frase: “eis o homem!” (*ecce homo*), vexado diante dos judeus. O meio-dia ao Senhor dos Passos, representado pelo Cristo carregando a cruz aos ombros; às 15 horas, ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos, de olhos arregalados, já no suspiro mortal, vivendo o último alento; e às 18 horas, ao Senhor do Bonfim, com o Cristo já morto, olhos fechados, cabeça pendente, queixo sobre o peito [2].

Por fim ressalto a importância e beleza da ermida particular do Sr. de Matosinhos, datada de 1996, situada na residência do sr. Osni Paiva, no Bairro Pio XII, feita pelo próprio, réplica exata da que foi demolida em 1970. Obra admirável da plenitude de um artista da terra, amante, pesquisador e defensor da história e da tradição.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Iago C.S. Passarelli, 19/05/2013.

[1] - Como observação pessoal, poder-se-ia acrescentar ainda, a devoção espanhola ao Bom Jesus da Paciência, que representa o Salvador sentado, cabisbaixo, mão no queixo, prostrado, cheio de feridas das chicotadas, aguardando o momento do suplício final. Na Igreja das Mercês nesta cidade existe uma bela imagem dessa invocação.

[2] - Observação gentilmente prestada pelo festeiro do Divino, Otávio Félix Pereira da Silveira. Seria ainda o caso de se acrescentar as 21 horas, para a invocação conhecida por Senhor Morto, que representa o corpo de Jesus, já descido da cruz. Em posição cadavérica, tem braços e pernas estendidas. Os fiéis numa figuração barroca o veneram num esquife, que é carregado naquela que é a mais concorrida de nossas procissões, a "do Enterro", Sexta-feira da Paixão.

[1] - Também aqui em São João del-Rei houve um esmoler. CINTRA (1982) registrou sua morte – 13/04/1793: “*saleceu Domingos Alves de Araújo, Ermitão da Capela do Senhor de Matosinhos*”. Em Tiradentes houve também um ermitão, o português Antônio Fraga, que esmolou durante a segunda metade dos setecentos em favor da edificação da igreja da Santíssima Trindade. Fonte: *Sentinela das Vertentes* (suplemento). **Tribuna Ilustrada**, n.7, jun. / 1990.

[2] - Apenas a sala da Santíssima Trindade em Tiradentes tem na região mais ex-votos que Matosinhos. Uma observação como curiosidade: em 1988, o cartaz da Semana Santa tiradentina estampou bem ao centro o Bom Jesus de Matosinhos são-joanense.

[3] - Felizmente o que restou de imagens antigas em madeira na Igreja de Matosinhos foi restaurado pelas competentes mãos do restaurador Pedro Paulo Correia, na vigência paroquial do Pe. José Raimundo da Costa: Divino (1998), Bom Jesus (2000), N. S. da Lapa (2003) e em 2003 principiou a de São Libório. Na procissão de Pentecostes de 2003 a imagem do Divino foi danificada após os carregadores do andor, displicentemente, chocarem-na contra o batente da porta principal da igreja, quebrando a espiga e a coroa. Foi no mesmo mês restaurada com pleno êxito pelo artista Osni Paiva.

ABC do Senhor Bom Jesus de Matosinhos

No ano de 1869 veiculou no bairro um impresso contendo uma prece muito antiga, intitulada “Oração à Estrela do Céu”, dedicada à Virgem Maria e uma composição versificada, o “ABC do Senhor Bom Jesus de Matosinhos”, poesia da literatura popular muito tradicional. Já tive oportunidade de transcrever o velho impresso e comentá-lo [1]. Contudo, devido a sua raridade, novamente transcrevo abaixo a versalhada:

*Amoroso Bom Jesus,
Venho aqui vos visitar;
O prazer que se me offerece
Eu não vos posso explicar.*

*Bem me custa vir vos ver,
N'esse throno assim atado!...
Bom Jesus tantos tormentos
Por causa do meu peccado.*

*Como não hei de sentir
Grande dor no coração?...
Por vossa misericordia
Bom Jesus, dai-me perdão*

*Divino meu Bom Jesus,
Divina consoloção!
Por vossa misericordia
Livreai-me de tentação.*

*Eu sou um romeiro vosso,
Que a vós venho em romaria;
Peço-vos, meu Bom Jesus
Que andeis sempre em minha guia!*

*Faltou minha retentiva,
Mas quero a continuar.
Com vossa divina luz,
Para me allumiar.*

*Guiae-me por bom caminho,
Bom Jesus de compaixão...
Por vossa misericordia,
Livreai-me de tentação!*

*Hoje... aqui já imagino...
Qual a tua imaginação!
Bom Jesus quando me fôr
A triste separação!*

*Zenbyros brandos e brisas,
Auras placidas e aragem,
Nos mandai as nossas velas
Para virmos de romagem.*

*Immaculado Cordeiro,
Immolado à salvação
Dos humanos peccadores,
Tem de mim dó, compaixão!*

*Já tenho de mim tristeza
No meio desta alegria;
Bom Jesus, vossa lembrança,
Vae na minha companhia.*

*Kalendário vou contar
De dias de terna ausencia,
Deste templo, deste altar,
Q'habitaes complacencia!*

*Lembrar-me-ei eu de vós
Em qualquer longas alturas;
Bom Jesus de piedade,
Remedio das creaturas!*

*Mas eu tenho uma esperança,
De outro prazer alcançar...
Bom Jesus favorecei-me
Que eu espero cá voltar...*

*Nem por isso vos custou
Como a mim mal parecia
O Bom Jesus me ajudou,
Venho em sua companhia*

*Oh! Quantos milagres vejo
Que não se pode contar!
Bom Jesus vosso remedio
A todos pode curar!*

*Por muitos que aqui vejo
Outros que já não existe...
Menino em taxo a ferver
Bom Jesus lhe acudiste.*

*~ é a ultima letra,
Vai pedindo clara Luz!
Bom Jesus allumai-me,
Para sempre... amem Jesus.*

*Que exemplo fizeste a quem
O Rosario abandonou!...
Uma cobra do pescoço
De Maria, Jesus tirou!*

*Resplandece vossa Igreja
Com ternura e alegria,
Bom Jesus crucificado,
Filho da Virgem Maria.*

*Só vós viestes ao mundo
Para remir o peccador;
Bom Jesus de misericordia
Por vosso divino amor.*

*Todos pedimos perdão,
De nosso grande peccado,
Por vossa misericordia,
Bom Jesus crucificado.*

*Uni-nos ao vosso peito,
Pela lança traspassado,
Para que por vosso amor
Nos livremos do peccado.*

*Vos acharam lá na praia,
Vos lavaram em agua pura
Bom Jesus de piedade
Remedio da creatura.*

*Xacoco, chego a vós
Com meu coração rendido
Bom Jesus me perdoai
Quando vos tenho offendido.*

*Ynclito é o vosso nome...
Em quanto o mundo viver
Bom Jesus allumai-me
Para nunca vos offender.*



Exemplar do ABC citado nesta postagem.

* *Texto e foto: Ulisses Passarelli*

[1] - Ver: PASSARELLI, Ulisses. Dez antigas notícias do folclore de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v.11, 2005, p. 89-112.

A festa em Portugal

Isabel Lago informa que a festa do Bom Jesus de Matosinhos, na cidade portuguesa de Matosinhos, tem o nome de romaria. Em sua obra me baseio para fazer o breve resumo que se segue.

Inicialmente processava-se num só dia, a terça-feira após Pentecostes (segunda oitava). No início do século XX, ocorria de domingo a terça e a partir de seus meados, passou a durar doze dias: nove antes de Pentecostes, o próprio domingo do Espírito Santo, a segunda e a terça subsequentes.

A novena é matutina, anunciada por foguetes. Na véspera do Divino, o grupo folclórico chamado zé pereira^[1] marcha batucando pelas ruas. Eram há alguns anos acompanhados por grandes bonecos chamados gigantones, que se moviam por um homem que se metia embaixo daquela fantasia.

A igreja é primorosamente enfeitada.

Meia-noite é solto foguetório especial.

No Domingo de Pentecostes, finda a celebração das 9 horas, as bandas de música adentram pelo “arraial” (lugar do festejo) e se apresentam.

“Segunda-feira à tarde, após as vésperas solenes, lançava-se o fogo dos bonecos. O dia grande sempre foi a terça-feira”, diz a autora.

Há a presença de muitos romeiros e pagadores de promessa. Celebra-se uma missa solene e o sermão tem destaque.

Acontecia no passado o “namoro à carreira”, forma tradicional de flerte.

À tarde, mais fogos de artifício. Há parque de diversões e muitas barracas, vendendo comes e bebes e louças de barro.

Há pouco mais de vinte anos a romaria foi incluída nas festas da cidade, tendo a partir de então inseridas várias outras atividades, culturais e desportivas.

Dos anos noventa para cá foi incluída uma procissão do Senhor do Padrão.

A imagem primitiva desde 1967 não sai mais em procissão, devido às condições de conservação [4].

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - Os zé pereiras foram introduzidos no Brasil pelos portugueses mas aqui se adaptaram para o carnaval, única ocasião em que se apresentam. Hoje são muito raros. Sobrevivem dentre outros locais em Ouro Preto, Rio Novo, Mar de Espanha, Ritápolis, São João del-Rei. A respeito ver: PASSARELLI, Ulisses. Aspectos Folclóricos do Carnaval São-Joanense. **Tradição**, Subcomissão Vertentes de Folclore, SJDR, fev. / 2000. n. 5. p. 3-5.

PASSARELLI, Ulisses. Enterro do Zé Pereira. **Carranca**. Belo Horizonte, Comissão Mineira de Folclore, jul. / 2001. n. 69.

[4] - **O Grande Matosinhos**, n. 31, maio / 2000 e n. 32, jun. / 2000.

A festa em São João del-Rei

Em 1961 o Padre Jacinto Lovatto conseguiu a concessão das indulgências plenárias, para a festa do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, que voltou assim a ser comemorada de forma jubilar. É que os jubileus anteriormente concedidos estavam inadequados à data (setembro): o de 1783 destinava-se às festividades pentecostais; o de 1924 às de 03 de maio. Como a Festa do Bom Jesus foi transferida sucessivamente dessas datas para 14 de setembro (seu dia maior), os títulos anteriores, de datas específicas, ficaram inválidos para esta festa. A partir de 61 o jubileu continuou e ainda hoje é comemorado em setembro, exigindo renovação a cada sete anos.



Leilão de gado no Jubileu do Sr.Bom Jesus de Matosinhos de 2009.

Em breves linhas descrevo o festejo atual, que vem se realizando ano a ano na mesma linha condutora, incrementada da década de 1990 para cá. Obedece a um tema, que é desdobrado em subtemas, um para ser analisado a cada dia. O esquema das romarias só foi adotado após a elevação da matriz a santuário.

É fácil constatar que esse jubileu tem muito menos atrativos que o do Divino e não vai depreciação neste fato. O estilo é outro, os parâmetros dos dois jubileus são bem diversos. Há espaço para ambos na paróquia e cada um em seu contexto. Na verdade a procissão do Bom Jesus é visivelmente mais concorrida que a do Espírito Santo.

Os apontamentos a seguir se baseiam no jubileu de 2004.

- Romarias e novena: de 05 a 13: às 15 horas, missa e bênção do Santíssimo Sacramento; às 19 horas, missa e novena solene. Romarias desse ano:

- 1) dia 05: romaria dos comerciantes, coroinhas e comunidades;
- 2) dia 06: romaria do setor de educação, cultura e esportes;
- 3) dia 07: romaria dos políticos, afro-descendentes e das paróquias locais e de Santa Cruz de Minas;
- 4) dia 08: romaria dos aposentados e pensionistas;
- 5) dia 09: romaria dos trabalhadores e militares;
- 6) dia 10: romaria das famílias, idosos e portadores de necessidades especiais;
- 7) dia 11: romaria dos profissionais liberais e comunicadores
- 8) dia 12: romaria dos jovens, religiosos(as) e profissionais da saúde;
- 9) dia 13: romaria dos ruralistas e motoristas

- Eventos especiais:

- 1) dia 07: Grito dos excluídos, com caminhada às 17 horas, da Avenida Presidente Tancredo Neves para o Santuário de Matosinhos;
- 2) dia 10: unção dos enfermos na missa;
- 3) dia 12: crisma;
- 4) atendimento diário a confissões individuais durante as missas;
- 5) exposição de trabalhos sociais da igreja, em São João del-Rei e Santa Cruz de Minas;
- 6) entronização diária da bíblia sagrada;
- 7) homenagem a Nossa Senhora todos os dias, pela Academia Bauer Sport Center;
- 8) eventos artísticos e culturais após a celebração, na praça e no Centro Social e Cultural da Paróquia.

- Dia Maior:

- 1) alvorada às 6 horas;
- 2) missa às 7 horas, por todos os benfeiteiros da paróquia, vivos e falecidos. Homenagem póstuma ao Cônego Jacinto Lovatto;
- 3) Missa das Crianças, às 9h 30;
- 4) Missa Solene, às 15 horas, concelebrada, presidida pelo bispo. Participação especial de todas as comunidades, movimentos e pastorais da paróquia, visitantes e romeiros;
- 5) Procissão. Ao seu término, sermão, missa, hino de ação de graças e encerramento.

- Observações:

- 1) várias celebrações foram transmitidas por rádio e também via internet;
- 2) para cada missa foi convidado um pregador, de diferentes paróquias e de cidades vizinhas;
- 3) a chegada da procissão foi animada pelo Padre Antônio Claret Albino, da Paróquia da Imaculada Conceição, desta cidade.

Este jubileu cresce a cada ano e ganha melhoramentos. Em 2005 foi criada a Equipe de Acolhida, devidamente uniformizada com coletes, que lhe confere grande visibilidade e assim permite melhor apoio aos romeiros e visitantes. No ano seguinte, para cada dia da novena, foi convidada uma paróquia da diocese a participar, com suas pastorais e movimentos. Nada mais justo já que é um santuário diocesano. O gesto pioneiro do seu reitor favoreceu a união entre as paróquias e o resultado foi superior ao esperado. Tanto que, logo o modelo passou a ser adotado em festas de outras paróquias. Em 2006 a imagem volta a ser carregada em procissão nos braços dos fiéis, em vez do caminhão dos bombeiros, o que foi motivo de aplausos. Uma boa inovação surgiu em 2007 com a padronização das barracas externas conseguindo-se assim um melhor aspecto e funcionalidade. Também nesse ano a Equipe de Acolhida se estruturou melhor e foram incrementados os meios de comunicação na transmissão do evento religioso.

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli.

Matosinhos, 2013: um grande jubileu em São João del-Rei

O dia 14 de setembro de cada ano é marcado em São João del-Rei por uma grande festividade religiosa que agita e revigora o bairro de Matosinhos. Nesta data fixa comemora-se o dia maior do grande jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

Antecedido por novena, com missas diárias, a temática religiosa é abordada a cada dia por um sacerdote convidado, dando ao fiel a oportunidade de ouvir a diretriz proposta para o jubileu daquele ano sob diferentes pontos de vista, sendo assim muito enriquecedor no processo de evangelização.



Altar enfeitado durante o Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Ao fundo resultado da reforma recém-completada, conduzida pelo pároco, Padre José Bittar, que destacou as imagens do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Lapa, agora ladeando a cruz do Senhor.

A data principal se desenha desde cedo com o foguetório da alvorada, às 6 horas da manhã, e ao longo dia as celebrações acontecem aglomerando fiéis que lotam o santuário. Ao fim da celebração é comum ver-se pessoas observando os muitos ex-votos na popular "Sala dos Milagres".

A procissão noturna é o que há de mais marcante no jubileu e impressiona notavelmente pelo número arrebatador de fiéis. Ao toque dos sinos, uma massa humana gigante se apodera da Avenida Josué de Queiroz em duas alas principais. A perder de vistas sobe aquela importante artéria de trânsito e custa muito a que chegue a vez do pesado andor, carregado nos braços, bastante enfeitado e iluminado, graças ao carinho dos devotos. Entre as flores, uma nota de destaque como todo ano se nota, é dada aos antúrios (*araceae*), abundantes nesta quadra do ano. Em volta do andor e na sua retaguarda já não se nota as duas alas, mas um aglomerado de pessoas movidas pelas mesma causa devota.



Chegada da Procissão do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, notando-se a intensa aglomeração de devotos.

A excelente Banda Sinfônica do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos deu cobertura á parte musical, sob a competente regência de Ronaldo Medeiros, que com proficiência conduziu os jovens músicos.

Do lado externo, nos intervalos das comemorações religiosas e ao seu final, as pessoas aproveitam o momento de socialização que as tradicionais "barraquinhas" proporcionam. Claro que a configuração das barracas mudou com os anos, para se adequar às exigências contemporâneas, com novo estilo (tendas pré-moldadas), questões de segurança e higienização na frente da pauta de preocupações. Outro ponto diferente é que este ano foram externas e não mais no adro.

Um show ponto-finaliza a festividade.

O [Senhor de Matosinhos](#) é uma invocação cristã de procedência portuguesa, que nos chegou no período colonial, sabendo-se que no ano de 1770 foi iniciada a construção da capela primitiva. A notícia da primeira festividade a temos quatro anos depois. Tamanha influência exerceu que mudou o nome do lugar, antes chamado "Vargem da Água Limpa", mudado para Matosinhos pela força sugestiva da devoção. Até data incerta do século XX realizou-se esta festa junto com a do Divino, na segunda-feira imediatamente a Pentecostes. Uma [notícia jornalística de 1922](#) indica que neste ano já acontecera a festa do Bom Jesus em separado, no mês de setembro.



Flagrante da condução do andor do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, vendo-se à direita o Prefeito Municipal de São João del-Rei, Professor Helvécio Luiz Reis, conduzindo uma lanterna, seguido por membros da Irmandade do Santíssimo Sacramento.





Foguetório na chegada da procissão.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: altar e chegada da procissão, Ulisses Passarelli; demais, Iago C.S. Passarelli, 14/09/2013.

** Assista ao vídeo da saída da procissão:

[Senhor Bom Jesus de Matosinhos](#)

Multidão festeja o Bom Jesus em 2014

Seguindo firme a tradição religiosa, concluiu-se ontem, em Matosinhos, mais uma grande festa em honra ao padroeiro do bairro, o Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Após concorrido período preparatório de novena, com várias celebrações e a passagem de diversos celebrantes, a 14 de setembro foi comemorado o dia maior do jubileu.

Uma grande movimentação tomou conta do largo nesta festa de 2014. Estava cheio de barraquinhas de comes e bebes. No adro, além do tradicional leilão de gado e prendas, um grande palco armado propiciou shows e nas tendas aconteceu o tradicional jogo do víspera e vendas de pastéis e refrigerantes.

Enfeites de bandeiras vermelhas e amarelas nos postes do adro, demarcavam as cores votivas e uma profusa iluminação completava o tom festivo externo.

O altar estava muito florido, aliás, com primor, evocando a primavera. Destaque para as galhadas secas com flores artificiais amarelas, em papel-crepom, lembrando a exuberante florada dos ipês amarelos, típicos desta quadra do ano.

As missas e pregações se sucederam muito concorridas e eloquentes, num forte momento de evangelização. Uma multidão gigante ordeiramente lotou o adro e o largo. Ao cair da noite, em duas longas filas ocupou a Avenida Josué de Queiroz. A alguns anos atrás o andor era levado sobre carro motorizado aberto. De uns tempos para cá, para contentamento geral, o andor voltou a ser carregado pelos fiéis na forma tradicional, sobre os ombros, não obstante seu grande peso.

Notou-se a presença de muitos membros de irmandades da cidade e de crianças vestidas de anjos. A banda local, do Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, repleta de jovens, sob a competente batuta de Ronaldo Medeiros, deu uma nota de arte e alegria à procissão. O fluxo imenso de devotos comprovou, ainda, mais uma vez este ano, que esta é uma das maiores procissões de São João del-Rei, senão a maior delas.



A veneranda imagem Senhor Bom Jesus de Matosinhos.



*A procissão ganha as ruas.
A imagem é guarnecida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento.*



Multidão de devotos presentes no grande jubileu.



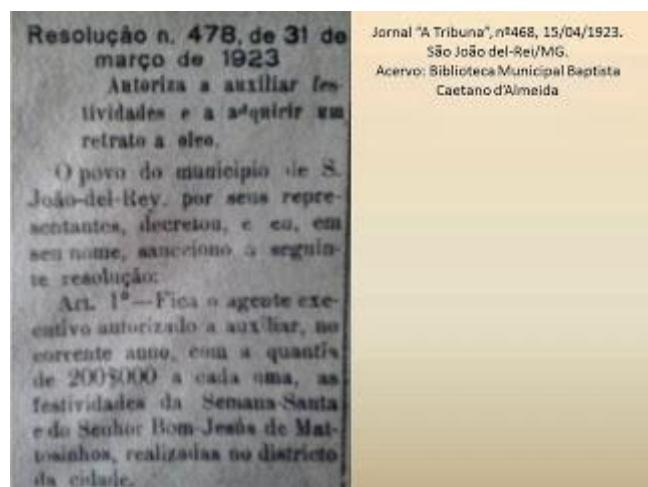
Enfeites florais do altar evocam a chegada da primavera e se inspiram nos ipês amarelos, fartamente floridos nesta quadra do ano.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli
** Foto: Iago C.S. Passarelli

Uma antiga subvenção

A noventa anos um jornal de São João del-Rei revelava uma interessante notícia, pelo menos para os padrões daquela época: uma ajuda financeira às festividades em Matosinhos, mostrando que a prática do apoio municipal é antiga. Por outro lado também denota a importância do festejo para o município, alcançando o merecimento dessa benesse.



Transcrição:

"Resolução n.478, de 31 de março de 1923. Autoriza a auxiliar festividades e a adquirir um retrato a óleo.

O povo do municipio de São João del-Rey, por seus representantes, decretou, e eu, em seu nome, sanciono a seguinte resolução:

Art.1º - Fica o agente executivo autorizado a auxiliar, no corrente anno, com a quantia de 200\$000 a cada uma, as festividades da Semana Santa e do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, realizadas no distrito da cidade." (Etc.)

Notas e Créditos

* Texto e fotomontagem: Uliisses Passarelli

** Fonte: A Tribuna, n.468, 15/04/1923.

*** **Acervo:** Site da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.

Outras devoções e festas

As duas devoções mais expressivas do grande bairro são ao padroeiro Bom Jesus de Matosinhos e ao Divino Espírito Santo e já serviram de motivo inspirador para alguns estudos [1]. Um dos maiores conhecedores de nossa cultura, o competente pianista sr. Abgar Tirado [2], em texto alusivo às tradições religiosas do nosso centro histórico, abriu um parágrafo para lembrar que ...

Em outro contexto, são também de respeitável tradição, além de outras, as festas religiosas do bairro de Matosinhos, especificamente a Festa do Divino Espírito Santo e a do Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, ambas mais que bicentenárias e celebradas com grande brilho.

De fato outras devoções merecem seu festejo ao longo do ano. São mais recentes, datadas da segunda metade do século XX, como as da Semana Santa (anos sessenta), de São Cristóvão (fins dos anos setenta), do Menino Jesus de Praga (começo de década de oitenta) e várias dos anos noventa em diante. Essas festas possuem uma estrutura muito parecida entre si. Bandas de música surgem eventualmente, quando os festeiros conseguem uma. Poucas tem características folclóricas. A maioria tem pequeno porte.

Ainda há aquelas que não têm festa própria. Contudo tem seus fiéis e seu valor histórico-religioso.

Passo-as a seguir em rápida revista, por ordem alfabética.

1- Bom Pastor

Padroeiro da comunidade de igual nome, localizada no Bom Pastor de Cima (ou seja, à esquerda da Avenida Josué de Queiroz, sentido Matosinhos – Trevo do Elói). Festejado em abril. No programa de 1999 constou: às 19 horas, missa ou celebração da palavra, comunhão, reflexão do tema. Isso no decurso do tríduo preparatório. No dia maior, 25 de abril, houve procissão com a imagem do Bom Pastor às 18 horas, seguida de missa festiva, barraquinhas e leilão.



Aspecto do amplo espaço ao longo da Rua Jornalista José Beline dos Santos onde estão o cruzeiro luminoso, a estátua do Bom Pastor e a Gruta de Nossa Senhora Aparecida, locais de atividades comunitárias. 12/01/2014.

2- Cristo Rei

Padroeiro da comunidade homônima, situada no Bom Pastor de Baixo (direita da Avenida Josué de Queiroz, sentido Matosinhos – Trevo do Elói). Festejado em novembro na comunidade, centrado o festejo na Escola Municipal Pipocas de Mel (atual Bom Pastor). Conforme programa de 1998, obedecendo ao tema proposto, houve tríduo preparatório com um sub-tema para cada dia, com orações próprias e missas. No dia maior, 22 de novembro, às 18 horas houve procissão com a imagem de Cristo Rei, seguida de missa festiva. Encerrou-se com movimento de barraquinhas.

3- Menino Jesus de Praga

Padroeiro da comunidade Pio XII, no bairro de mesmo nome, limite sul do Grande Matosinhos, que sob a coordenação do estimado Imperador Paulo Zini, alcançou muitos avanços. Na sua festa em 2008, a Comissão Organizadora da Festa do Divino participou de um dia da novena e ao fim prestou justa homenagem ao referido sr. Paulo.

O Menino Jesus de Praga é festejado desde 1980, sempre em novembro. Consta de novena temática com celebrações diárias. Tem sua oração e hino próprios. No dia maior, alvorada e, pela tarde, missa e procissão com sua imagem. Realiza-se na sua capela própria. Há movimento de barraquinhas no salão ao fundo.



4- Nossa Senhora da Lapa

A história dessa invocação remonta aos tempos do Império Árabe, quando os mouros tinham domínio sobre a Península ibérica. Quem a narra é Nilza Megale [3]:

"Almansor, califa de Córdoba, invadiu a Lusitânia, devastando os campos, destruindo a ferro e fogo vilas e cidades, martirizando os cristãos e profanando a clausura das casas religiosas. Após assolar as províncias entre o Minho e o Douro, o representante de Maomé dirigiu-se no ano de 983 para Quintela, atacando e destruindo o convento das freiras beneditinas de Aguiar da Beira, que foram aprisionadas e levadas em cativeiro. Algumas religiosas que conseguiram escapar esconderam em sombria lapa situada nas proximidades uma pequena imagem de Nossa Senhora. Séculos depois, em 1498, uma menina chamada Joana, muda de nascença, encontrou a imagem e a escondeu na cesta que trazia o pão e as maçarocas que fiava. Julgando ter achado uma boneca, com ela brincava vestindo-a e cobrindo-a de folhas silvestres. Nesse inocente passatempo foi surpreendida pela mãe, que irritada lançou ao fogo a santinha. Joana, recuperando milagrosamente a fala, protestou, retirando das chamas o objeto de seus desvelos, e contou como havia encontrado a linda efígie no fundo de uma gruta, na escarpada serra de Quintela. A mãe, atônita, sentiu que seu braço direito estava paralisado e só recuperou os movimentos quando ela e a filha foram à caverna e, colocando a imagem no antigo lugar, se prostraram de joelhos aos pés da Virgem, que daí em diante se tornou conhecida pelo título de Nossa Senhora da Lapa. Devido aos estupendos milagres ali realizados, mais tarde foi construída sobre as pedras da gruta um suntuoso templo, que até os nossos dias atrai a devoção dos povos circunvizinhos."

Consta que Joana era pastora. O rebanho de cabras e ovelhas de que tomava conta tinha por hábito pastar junto àquela gruta onde foi localizada a imagem. Seria de muito boa virtude e obediência aos pais [4].

A devoção a Nossa Senhora da Lapa foi trazida ao Brasil pelos portugueses, com maior destaque para Salvador/BA (Convento de N. S. da Lapa) e Rio de Janeiro / RJ (Igreja da Lapa do Desterro e Igreja da Lapa dos Mascates ou Mercadores).

Ao redor de São João del-Rei, além de sua presença em Matosinhos, existe uma capela de que é orago na zona rural de Lagoa Dourada, povoação do Olho d'Água, junto ao leito do “Caminho Novo” da Estrada Real. A autorização para a sua construção foi concedida pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe, por provisão episcopal de 07/06/1733.

A Virgem da Lapa, desde o começo dos festejos em Matosinhos, tinha seu dia próprio na terça-feira após Pentecostes. Sua festa era sequencial à do Divino (Domingo de Pentecostes) e a do Bom Jesus de Matosinhos (segunda-feira). Seu desenvolvimento era como o dos demais dias, como se pode conferir facilmente pela consulta aos antigos jornais.

É uma das mais antigas devoções do bairro, posto que, segundo consta, sua imagem existe em Matosinhos desde 1773, patrimônio doado pelo vigário Padre Dr. Matias Antônio Salgado.

Tudo leva a crer que a imagem seja portuguesa. A iconografia é a mesma de Nossa Senhora da Conceição. Diferencia-se apenas por não ter a lua debaixo dos pés, o que me parece ínfimo. Já vi imagens da Virgem da Conceição sem a lua e nem por isso chamadas Senhora da Lapa. Essa confusão não só me aflige como também a quase todos, tanto que por muitos anos do século XIX ao XX, a imagem de Matosinhos, foi chamada “Nossa Senhora da Conceição da Lapa”, nome considerado errôneo pelos estudiosos. Em 1923 aparece expressamente citada apenas como Nossa Senhora da Conceição, sem qualquer uso da palavra lapa [5]. Parece-me antes, e seria de se pesquisar, que a imagem original portuguesa encontrada numa lapa (gruta, caverna, loca), seria iconograficamente uma Virgem da Conceição. Por ter sido encontrada numa lapa ganhou tal nome. Aqui no Brasil da mesma sorte, a imagem da Conceição achada no Rio Paraíba do Sul, ganhou o nome de “Aparecida” porque apareceu das águas; “Nossa Senhora da Conceição Aparecida”, ganhando depois o manto característico. No mais, Nilza Megale, descreve a iconografia da Mãe da Lapa de alguns lugares que não é bem como a de Matosinhos. Seja como for, a nossa é a da Lapa, pelo menos no que se refere à tradição.

Sua peanha é maciça, cheia de rostos de anjos barrocos. A parte que representa Maria é oca (o que favorece o conjunto por diminuir o peso total). O panejamento é muito detalhado. A coroa antiga, em prata maciça, cinzelada e martelada, está hoje no acervo do Museu de Arte Sacra da cidade. A coroa que agora usa é de liga metálica (chumbo, antimônio, estanho), sendo banhada a prata. Após a restauração ganhou um par de brincos e as cores, dizem, estão mais intensas.

Em todos os antigos jornais que pude pesquisar ou em quaisquer outras fontes e documentos nem tampouco na tradição oral, jamais achei uma só referência, ou simples alusão, citação ou trecho que dê margem a qualquer interpretação, em que se possa afirmar com segurança, que essa imagem saía outrora em procissão nas festas. Se de fato saía em procissão não se registrou ou esse registro se perdeu ou não o localizei. Não sei muito menos de alguém que o tenha achado. Mas pode ser que se encontre com o decorrer das pesquisas.

Tantos detalhes foram dados sobre o assunto, supostamente desnecessários, para se registrar um fato: se a Comissão do Divino não pôs essa imagem no andor antes (desde 1998 quando a festa foi retomada) é tão somente porque não dispunha dela, pois estava em restauração e não porque preferira a do Rosário, desrespeitando a memória histórica da festa. Tão logo a imagem chegou, foi incluída nas comemorações. A do Rosário se tornou satélite, sem sair na procissão, senão acompanhando a retaguarda do cortejo imperial, unicamente por ser a padroeira dos congados, o que outrora não era necessário por possivelmente não haver congados na festa antiga. A presença do Rosário foi uma homenagem aos congadeiros e um meio deles se ambientarem à Festa do Divino, à qual não estavam habituados em nossa região antes do resgate.

Quando da reintrodução da imagem restaurada na festa, a Comissão do Divino se empenhou muito em trabalhar a divulgação dessa devoção que já estava apagada. Graças a um trabalho consciente e de paciência, bem fundamentado, foi resgatada uma devoção perdida. Nos jornais, entrevistas, até no boca-a-boca sua devoção foi se espalhando. Foram feitos santinhos, com sua imagem estampada, contendo no verso e folhas internas, sua história, hino e oração, esta escrita por mim. O hino foi gentilmente composto pelo professor Abgar Antônio Campos Tirado a pedido dos festeiros. Desde então, a cada ano, o imperador procede à sua coroação e alguns festeiros carregam o seu andor ao redor do altar, sob aplausos, palmas e vivas, enquanto o Coral Coroinhas de Dom Bosco, da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar executa o referido hino, acompanhado ao teclado por seu compositor.



Nossa Senhora da Lapa.
Foto: Murilo, Master Foto, 2004.

5- Nossa Senhora de Fátima

Festejada em maio, no salão comunitário da Vila Nossa Senhora de Fátima, tendo por dia maior o décimo terceiro. Conta com a mesma estrutura das demais festas comunitárias.



Salão de Nossa Senhora de Fátima, em Matosinhos. 12/01/2014.

6- Santa Clara

Realizada em agosto no salão da Conferência de Santa Clara (fundada em 27/01/1974), desde os anos noventa. Conta com novena, celebração da palavra, reflexões sobre o tema. No dia maior, há procissão luminosa com sua imagem. Encerra-se com missa.

Com a criação da Paróquia de São Judas Tadeu, em outubro de 2009, a comunidade de Santa Clara passou para a sua jurisdição.



Salão de Santa Clara. 13/04/2014.

7- Santana

Foi na quarta-feira, subsequente à terça da Lapa, que acrescentaram a sua festa. O ano de 1891 é o mais recuado que encontrei, com referência a esse dia extra.

Eis que, portanto, ele foi estabelecido com mais de um século de atraso em relação aos demais e assim não logrou êxito no gozo do mesmo grau de popularidade. Nunca foi uma festa consistente, persistindo irregular, à sombra do festejo principal.

Desconheço a razão exata da escolha dessa santa para esse dia. Seja qual for o motivo isso pouco importa porque já então o objetivo era ter mais um dia para os jogos. A santa era só um pretexto para haver mais um dia de festa, como facilmente se depreende da leitura dos jornais de época. Chega a ser referido num ano em que durante esse último dia a igreja nem chegou a abrir.

A palavra “Santana” é uma contração de Santa Ana, a mãe de Nossa Senhora, portanto, avó de Jesus Cristo. Era filha de Santa Emerenciana. Caso interessante, formando uma trindade feminina, como bem observou Pedro Paulo Correia em conversa a respeito que efetivamos a anos.

Santana casou-se com São Joaquim. Engravidou com idade avançada, quando já se deduzia sua infertilidade. É considerada padroeira das avós cristãs. A sua imagem em geral mostra uma senhora madura, por vezes idosa, tendo ao lado uma menina, a quem mostra um pergaminho, com ensinamentos religiosos. Algumas imagens a figuram sentada numa grande cadeira, dando-lhe um ar nobre. Dizem Santana Mestra, refletindo assim os ensinamentos do sagrado com que preparou sua filha.

É muito respeitada nas religiões afro-brasileiras em sincretismo com Nanã-burukê, a “Avó dos Orixás”. Sua cor votiva é o roxo e o lilás.

Na festa atual tem seu dia consagrado na quinta-feira antecedente a Pentecostes, quando sua bandeira branca, onde está estampada e adornada de rendas alvas e fitas roxas, faz a entrada destacada na missa.

8- Santa Terezinha

Festejada em sua igreja, datando dos meados do século passado. Ocorre em outubro. Segue o mesmo esquema das demais, com novena temática, missas, procissão da santa e como característica ocorre a bênção das rosas.



Igreja de Santa Terezinha, em Matosinhos. 12/01/2014.

9- Santo Antônio

Comemorado a 13 de junho em dois pontos distintos da paróquia: Carvoeiro e Vila Santo Antônio.

Na comunidade do Carvoeiro tem sua capela própria, com animada festa. Conta com grande movimentação das famílias rurais, missa, procissão, bênção dos pães, leilão, barraquinhas e animação por músicos populares, tais como sanfoneiros e outros. A folia do bairro Bom Pastor comparece ininterruptamente desde 1999.



Salão de Santo Antônio, inaugurado em 13/06/2001, com obras sob a direção de Antônio Geraldo, conforme placa afixada sobre a porta. Foto: 13/04/2014.

A outra festa ocorre na Vila Santo Antônio, desde 1992, inicialmente nas dependências da residência da família Serpa: o casal Sr. José e Sra. Guiomar e seu filho Antônio da Silva. São os verdadeiros baluartes desse evento, contando com a inestimável ajuda de vizinhos e amigos. Em 2001, com a inauguração do salão comunitário, na Rua Antônio Firmino dos Santos, a festa para lá se transferiu, continuando os Serpa a serem os principais organizadores. Justiça seja feita também, dentre outros, ao sr. Antônio Geraldo, notável batalhador da comunidade, e à Sra. Maria Perpétua de Castro, empenhada coordenadora local. O andamento geral segue ao padrão das demais festas comunitárias, com características próprias da bênção dos pães, distribuição de pequeninas imagens de Santo Antônio (em

metal fundido), levantamento de mastro. Sua procissão é concorrida e as ruas são bastante enfeitadas. A partir de 2005 incorporou mais uma atração com a presença do congado do bairro.

10- São Benedito

Co-festejado com São Sebastião (ver São Sebastião).

11- São Cristóvão

Padroeiro dos motoristas. Festa iniciada no bairro em 1977, segundo se diz, tradição trazida da Igreja de São Gonçalo Garcia, onde há uma imagem sua. Contudo a festa prosseguiu naquela igreja, como prova esta nota do ano seguinte [6]: “*realiza-se no próximo dia 23, domingo, às 16 horas, na Igreja de São Gonçalo Garcia, missa em homenagem ao patrono dos motoristas, São Cristóvão. Após a missa será realizada a procissão*”.

Os responsáveis iniciais dessa festa em Matosinhos faleceram, exceto o sr. Gilberto de Sousa, grande incentivador do evento. Outro grande festeiro foi o sr. Salim Eustáquio, dentre outros.



Saída do andor de São Cristóvão. 04/08/2013.

A festa mantém as características iniciais, contudo não há mais barraquinhas, nem a missa sobre uma carreta, estacionada num posto de combustíveis da BR-265. Nesse local existe a imagem de São Cristóvão, entronizada numa gruta artificial de pedras. Era usada na festa. Em 1990 passou a se adotar nova imagem, em madeira, confeccionada pelo artista sacro Osni Paiva.

A imagem segue em procissão após a missa, num andor em forma de carroceria de caminhão, montado sobre um reboque. A procissão motorizada conta com muitos carros de passeio, motocicletas, caminhonetes, peruas, caminhões – todos tocando buzina – pelas ruas principais da cidade. Um caminhão a guisa de abre-alas, segundo observação de julho de 2005, seguiu na dianteira, com uma cruz branca, de madeira, armada em pé na carroceria, ladeada da bandeira do Brasil por um lado e a da diocese por outro. Na saída há foguetório e toques festivos de sinos. Os devotos se amontoam sobre as carrocerias. Na esfuziante chegada ocorre a bênção das chaves dos veículos e coletam-se donativos. Segundo o citado sr. Gilberto, foi com essas coletas que compraram o órgão do santuário e as cadeiras do coro.



Procissão de São Cristóvão, 2004.

12- São Geraldo Magela

Festejado a partir de outubro de 2004, na Vila Jesus Silva, Comunidade São Geraldo, da Paróquia de Matosinhos. Realizou-se um tríduo preparatório, com pregações. No dia maior houve missa e procissão.

13- São João Batista

Padroeiro do Movimento Emaús. Sediada na matriz, festejou-se em 2002 e 2003 com características de uma festa junina convencional. Foi abolida. Continua uma festa junina em Matosinhos, totalmente profana, realizada na praça desde então com características não folclóricas.

14- São Libório

Não tem festa própria.

Invocado para o alívio e cura de males do sistema urinário. Por isto sua imagem, em Matosinhos, traz a inscrição “contra dor de pedra”, ou seja, de pedras nos rins, cálculos renais.

Sua imagem de roca, presente na Igreja de Matosinhos é obra oitocentista, atribuída ao versátil artista são-joanense Joaquim Francisco de Assis Pereira (1813-1893), que além de santeiro, era também armador, pintor, prateiro e ourives, com diversas obras espalhadas pelas igrejas da cidade [7].



*Imagen de São Libório após restauração.
Foto de Francisco José de Resende Frazão, 2011,
gentilmente ofertada pelo mesmo, a quem agradeço.*

15- São Sebastião

Matosinhos tradicionalmente só tinha uma festa anual: a que se realizava em Pentecostes e dias subseqüentes. Contudo notícias esparsas, do começo do século XX, dão conta de uma Festa de São Sebastião, cujo porte e fama eram infinitamente menores que a supradita.

A imagem de São Sebastião já era citada no inventário de 1903 pelo tesoureiro, Miguel Arcanjo da Silva[8]. Corre notícia oral que ela foi levada para a Igreja de Santa Terezinha na ocasião da construção da nova matriz.

Informações sobre essa festa são praticamente desconhecidas em sua fase antiga. Os jornais noticiam com frequência a festa deste mártir que se realizava na Igreja do Pilar, à qual Matosinhos se filiava. Não se dava importância a uma festa secundária da capela do subúrbio. Contudo em 1910 surge a menção [9]:

"Realiza-se a 2 de Fevereiro proximo, no poetico arraial de Mattosinhos, a festa que os devotos costumam promover alli em honra do Martyr São Sebastião. Ás 10 horas da manhã haverá missa com musica e á tarde procissão, sermão e solemne Te Deum. São Procuradores os srs. Samuel Gonçalves e Ovidio Silveira."

Outra referência, ora de 1912 [10]:

"No pittoresco arrabalde de Mattosinhos foi á 4 do corrente festejado o glorioso Martyr São Sebastião, contando do seguiente os respectivos festejos: no dia 2 houve na capella o triduo que se realizou ás 7 horas da tarde; no dia 4 ás 11 horas houve missa com musica e ás 5 da tarde procissão do glorioso Santo, que percorreu o espaçoso largo do pittoresco arrabalde, havendo á entrada um sermão e em seguida Te Deum Laudamus. Após a missa e á tarde, depois de encerradas as solemnidades da egreja houve um leilão de prendas cujo producto foi applicado as festividades. Em todos os actos tocou a corporação musical RIBEIRO BASTOS. A concurrencia foi extraordinaria tendo sempre reinada a mais absoluta ordem. O serviço dos trens foi muito bem feito e não houve reclamação alguma."

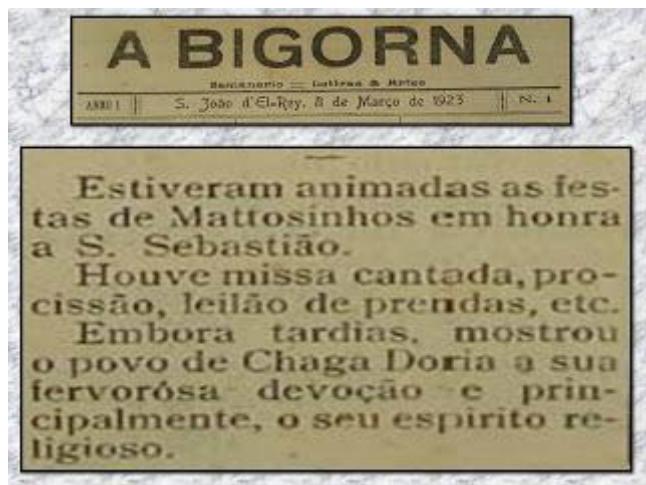
Ainda mais uma citação [11]:

"Realiza-se amanhã, a festa de São Sebastião, em Chagas Dória, na capella de senhor Bom Jesus de Mattosinhos. Conforme está annunciado no programma, haverá missa cantada ás 10 horas e à tarde procissão e leilão. Da parte musical se encarregou a orchestra Lyra S.Joannense."

Outra [12]:

"Proseguem hoje as festividades iniciadas hontem, em Mattosinhos, em honra a São Sebastião. Haverá missa solemne e, á noite, leilão de prendas. Tocará no coreto a banda do 11º Regimento."

Mais uma citação coetânea [13]:



"Estiveram animadas as festas de Mattosinhos em honra a São Sebastião. Houve missa cantada, procissão, leilão de prendas, etc. Embora tardias, mostrou o povo de Chaga Doria a sua fervorosa devoção e principalmente, o seu espirito religioso."

Não se realiza mais na matriz.

Atualmente com a formação da Comunidade São Sebastião, na Avenida Santos Dumont, em Matosinhos, este santo é aí festejado, no primeiro fim de semana após 20 de janeiro, nas dependências da quadra coberta Frei Jordano Noordermeer, junto ao campo de futebol do Siderúrgica F.C., desde o ano 2001. A partir do ano seguinte, São Benedito começa a ser co-festejado na mesma ocasião. Conta com tríduo. Reúne grupos folclóricos (folias de São Sebastião e catupés). Há missa incultrada, procissão e levantamento de mastros (São Sebastião e São Benedito). Em 2012 esta festa foi transferida para abril.

16- São Tarcísio

Padroeiro do Movimento dos Coroinhas, que promovem sua festa desde 2000, no mês de agosto. O tríduo preparatório contou nesse ano com a participação dos ministros extraordinários da eucaristia e coroinhas. No dia maior, 20 de agosto, houve missa às 9h 30. Ocorreu procissão com sua imagem, bem como a de Nossa Senhora Auxiliadora, seguida de bênção do Santíssimo Sacramento. Nesse dia houve participação dos coroinhas de outras paróquias da cidade e da cidade vizinha de Santa Cruz de Minas.

17- Semana Santa

Não descobri a data exata em que começaram em Matosinhos tais cerimônias litúrgicas. As informações orais confluem para a época de sua emancipação eclesiástica, pois as cerimônias da Semana Santa são amplamente comemoradas nas matrizes paroquiais.

As vias-sacras parecem ser mais enraizadas, procedendo talvez do tempo que era ainda capela. Mas a comemoração da Semana Santa em si ganha força de fato no último decênio do século XX e é fato que cresce a cada ano, já sendo sem dúvida, a terceira maior festa de Matosinhos.

Passo a seguir em breve revista a programação de 2006.

Como preparação para a páscoa, houve no santuário um mutirão de confissões individuais, com a presença de vários padres, em 29 de março.

No decurso da quaresma houve a via-sacra da Campanha da Fraternidade nas comunidades da paróquia às 19 horas.

De 01 a 07 de abril realizou-se no santuário o setenário das Dores, com a participação das comunidades e movimentos paroquiais. No dia 07, findo o setenário, houve uma rasoura de Nossa Senhora das Dores.

O Domingo de Ramos mostrou-se bastante expressivo. No pátio do conjunto habitacional INOCOP, foi armado um palanque, onde se postou o sacerdote, que deu bênção aos ramos. Uma multidão participou portando ramos de palma e coqueiro de jardim, eventualmente outros vegetais (manjericão, alecrim, louro, arnica, cipreste, dracenas, etc.)



Procissão de Ramos, Matosinhos, 2005.

Após os cantos próprios e a leitura do evangelho alusivo à entrada triunfal de Cristo em Jerusalém (Jo 12, 12-15; Lc 19, 29-40), procedeu-se a bênção propriamente dita, quando os fiéis em grande número acenaram no alto os ramos.

A saída foi calma, com carro de som acompanhando, cruciferário e ciriais na dianteira, também com palmas de adorno. Tomaram a Avenida Sete de Setembro, Rua Carlos Alves, Avenida Josué de Queiroz e daí ao santuário, que já se achava com os postes do adro enramados com a aricanga (*Geonoma pumila, arecaceae*) e outras palmas. Os santos foram tirados de seus nichos. Nenhuma imagem esteve exposta. O crucificado ficou velado por uma cortina de veludo, marcada com grande cruz dourada. Todas as jarras foram adornadas com palmas. Nenhuma flor era visível. Celebrou-se a santa missa.

Segunda-feira Santa, no santuário e na igreja de Santa Terezinha, houve missa e confissões individuais todos os dias até a sexta feira. Uma procissão do Senhor dos Passos, rumou do santuário à Santa Terezinha.

No dia seguinte a procissão retornou ao santuário. A imagem da Virgem das Dores permaneceu no santuário e quando da chegada da procissão ocorreu a solene e concorrida paraliturgia do Encontro com transmissão radiofônica.

Na quarta-feira houve a procissão da Soledade de Maria no santuário, acompanhada pela Banda de Música Salesiana Meninos de Dom Bosco, desta cidade. Participaram um número considerável de fiéis.

Quinta-feira Santa às 15 horas aconteceu a celebração comunitária da penitência e à noite, Missa Solene da Ceia do Senhor, Sermão do Mandato, cerimônia do Lava-pés, procissão interna do SS. Sacramento e adoração até a zero hora, na Capela do Santíssimo.

Na Paixão do Senhor, às 6 horas, uma via-sacra pública da Campanha da Fraternidade, saiu do santuário e foi até o cruzeiro luminoso do Bom Pastor. Pelas 15 horas, no santuário, houve solene ação litúrgica, com transmissão radiofônica. No adro o concorridíssimo sermão e descendimento da cruz, seguido da procissão até a Igreja de Santa Terezinha.

No Sábado de Aleluia, no santuário, acontece a solene vigília pascal.

Na Páscoa, diversas missas e grande solenidade.

18- Corpo de Cristo

Procissão solene da primeira quinta-feira após o Domingo da Santíssima Trindade, na qual a custódia contendo a hóstia consagrada é conduzida pelo pároco sob o pálio, com grande acompanhamento. A festa de *Corpus Christi* tem origem portuguesa e procede do século XIII. Foi introduzida no Brasil logo nos primórdios da colonização.

Em Matosinhos a procissão se realiza desde 2008 do Salão Comunitário de Santo Antônio ao Santuário.

19- São Peregrino

Protetor contra os males do câncer. Foi estabelecida em 2012 uma novena perpétua em sua honra, rezada toda terça-feira após a missa das 19 horas no santuário, com bênção para os doentes.



Aspecto da Novena Perpétua de São Peregrino.

Santuário do Sr. Bom Jesus de Matosinhos.

Foto: Iago C.S. Passarelli, 18/02/2014.

* Texto e fotos (exceto nos casos de indicação contrária na legenda): Ulisses Passarelli

[1] - MENEZES, Giane de Carvalho. **Congada e moçambique em Piedade do Rio Grande**: passos da folia e da fé. Volta Redonda: [s.n.], 2008. 84p.il. (com um capítulo dedicado ao Jubileu do Divino são-joanense)

SILVA, Marcelo Geraldo da. **A Festa do Divino como atrativo turístico de São João del-Rei**. São João del-Rei: IPTAN – Faculdade de Turismo, 2005. Monografia.

TEIXEIRA, José do Nascimento. **Festa do Divino como bem da cultura imaterial**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2006. Tese. Pós-graduação em Gestão Empresarial. (parte do conteúdo adaptado para a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, n. 12, 2007, sob o título “Festa do Divino Espírito Santo em São João del-Rei”).

[2] - TIRADO, Abgar A. Campos. Ritos religiosos em São João del-Rei. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Secretaria de Estado da Cultura, Belo Horizonte, dez. 2007.

[3] - MEGALE, Nilza Botelho. **112 Invocações da Virgem Maria no Brasil**: história, folclore e iconografia. Petrópolis: Vozes, 1986.

[4] - ADUCCI, Edésia. **Maria e seus Títulos Gloriosos**. São Paulo: Loyola, 1998. A autora informa ainda sobre a invocação “Nossa Senhora da Lapinha”, procedente da freguesia de São Lourenço de Calvos, concelho de Guimarães, Portugal.

[5] - **A Tribuna**, n. 464, 18/03/1923.

[6] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 224, 21/07/1978.

[7] - Cf.:

ASSIS, Djalma Tarçísio de. Joaquim Francisco de Assis Pereira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 1, 1973.

[8] - Cf. HENRIQUES (*op.cit.*). Salvo engano de ser um homônimo, **O Repórter** informa que Miguel Arcanjo da Silva faleceu em fevereiro de 1910. Sua missa de 7º dia realizou-se na Igreja do Carmo, a primeiro de março, 8 horas.

[9] - **O Repórter**, n. 101, 27/02/1910.

[10] - **A Opinião**, n. 128, 11/02/1912.

[11] - **A Tribuna**, n. 29, 30/01/1915.

[12] - **A Tribuna**, n. 461, 25/02/1923.

[13] - **A Bigorna**, n.1, 08/03/1923.

Excelência de Nossa Senhora da Lapa

As **excelências** (também chamadas excelenças e incelenças) são cantos sagrados, mortuários em geral, mas também invocatórios e para livrar de males específicos (temporais, pestilências), do universo da

religiosidade popular, usados para velar cadáveres, geralmente entoados por mulheres. Assemelham-se aos **benditos**, dos quais se diferenciam por alguns detalhes. As primeiras tem tipicamente a sequência numérica de execução que deve ser cumprida. Uma...

*Duas lecontina
eu hei de rezar,
que essa chuva muito brava
ela há de parar!*

*Duas lecontina [palavra sagrada, reza]
que eu rezei, Jesus, Maria,
se não viesse ao mundo,
ai, de nós, o que seria?*

Três lecontinas, quatro, etc.

O detalhe numérico não acontece com os benditos, nos quais "o canto se repete indefinidas vezes, variando as dimensões das estrofes; em algumas circunstâncias, apresenta um caráter narrativo", segundo Gomes e Pereira. Denota-se o uso frequente da expressão "bendito, louvado seja!", como fórmula-feita, sendo cantados aos pés do defunto.

Gomes Neto se refere em especial ao fato de a excelência ser "*uma súplica ao santo, enquanto o bendito é-lhe um canto de louvor...*"

Cascudo ensina que as excelências são cantadas em uníssono, sem acompanhamento instrumental, à cabeceira dos defuntos, que não podem ser interrompidas até o cumprimento de todo o rito sob pena daquela alma não se salvar, pois Nossa Senhora se ajoelha para ouvir o canto e só levanta quando acaba.

O canto das excelências é conhecido em Portugal, embora os rituais mortuários tenham uma natureza cosmopolita.

A devoção a Nossa Senhora da Lapa rendeu um curioso exemplar do cancioneiro religioso, coletado em Santa Cruz de Minas, cujo desenrolar dos versos em quadras, rimadas no sistema ABCB, tem um caráter enumerativo. Em duas audições da mesma informante, em ocasiões distintas, numa não havia preocupação com a ordem dos números; em outra, a sequência crescente era respeitada, tal como ouvi:



*Imagen de N.S.da Lapa,
Santuário do Sr.Bom Jesus de Matosinhos,*

São João del-Rei/MG.

*Nossa Senhora da Lapa
tem uma estrela na testa,
foram os anjos que puseram
no dia de sua festa.*

*Nossa Senhora da Lapa
tem duas estrelas no rosto,
foram os anjos que puseram
no dia de seu encosto.*

*Nossa Senhora da Lapa
tem três estrelas na mão,
foram os anjos que puseram
no dia de São João.*

*Nossa Senhora da Lapa
tem quatro estrelas nos pés,
foram os anjos que puseram
no dia de São José.*

Gomes e Pereira registraram uma versão dessa excelência em São Gonçalo do Abaeté/MG, classificando-a como "de invocação":

*Nossa Senhora da Lapa
Com seu sinale [sinal] no rosto
foi os anjos que lhe pusero
no dia 01 de agosto. (p.314)
(segue: 02 de agosto, etc.)*

Referências Bibliográficas

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d]. 930p.
GOMES NETO, José. Alguns apontamentos sobre incelenças. Revista Norte-rio-grandense de Folclore, Natal, Comissão Norte-rio-grandense de Folclore, n.1, jun.1979, p.46-60.
GOMES, Núbia Pereira de Magalhães, PEREIRA, Edimilson de Almeida. Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Foto: Iago C.S. Passarelli (14/09/2013).

*** Informante das excelências (lecontina e N.S.da Lapa): Elvira Andrade de Salles, Santa Cruz de Minas, 1996.

**** Para saber mais sobre Nossa Senhora da Lapa clique neste link: [Virgem da Lapa](#)

Programação da Semana Santa em Matosinhos, 2014

O blog **Matosinhos: história & festas**, veicula nesta postagem a programação das comemorações sacras da Semana Santa na Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos previstas para 2014, replicando o conteúdo recebido via e-mail. Nesta oportunidade fica registrado o agradecimento à atenção de Éder F. Campos pelo envio deste conteúdo. Vale ressaltar que as comemorações em questão, ano a ano tem crescido em movimento, organização e qualidade neste santuário, sendo uma das mais relevantes festas do grande bairro de Matosinhos.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Leia também: [Semana Santa em Matosinhos](#) (item 17)

* * *

Semana Santa em Matosinhos
Paróquia/Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus de Matosinhos
Diocese de São João del-Rei/MG

Dia 02 de abril - às 19h30min, Mutirão de Confissões no Santuário.

Setenário das Dores de Maria Santíssima
De 04 a 10 de Abril

19h00-Na Igreja de Santa Teresinha - Missa, Setenário e Confissões.

Sexta-Feira das Dores - 11 de abril

19h00-Na Igreja de Santa Teresinha, Missa, Procissão de Nossa Senhora para o Santuário.

20h30min- No Santuário, Confissão Comunitária para os adultos.

Sábado - 12 de abril

10h00- Confissão Comunitária para as crianças na Igreja de Santa Teresinha.

19h00-No Santuário, Missa e Confissão Comunitária para os casais.

Domingo de Ramos -13 de abril

08h00-No Inocoop, Bênção dos Ramos, procissão até o Santuário e Missa Solene.

17h00-Missa na Igreja de Santa Teresinha.

19h00-No Santuário, Missa e Confissão Comunitária para os jovens.

Segunda-Feira Santa -14 de abril

07h00-Missa e Confissões na Igreja de Santa Teresinha.

14h30min - Na Igreja de Santa Teresinha, Confissões.

18h30min - Na Igreja de Santa Teresinha, Confissões.

19h00- No Santuário, Missa e Procissão do Sr. dos Passos para a Igreja de Santa Teresinha.

Terça-Feira Santa -15 de abril

06h00- Via Sacra saindo do Santuário rumo a Igreja de Santa Teresinha.

07h00-Missa e Confissões na Igreja de Santa Teresinha.

14h30min - Na Igreja de Santa Teresinha, Confissões.

19h30min-Procissão do Senhor dos Passos saindo da Igreja de Santa Teresinha.

19h30min-Procissão de Nossa Senhora das Dores, saindo do Santuário.

20h00-Em frente o Santuário, Sermão do Encontro e Procissão para o calvário.

Pregador do Sermão: Pe. Javé Domingos da Silva (DD. Vigário da Paróquia de N.S. da Penha de França - Resende Costa).

Quarta-Feira Santa -16 de abril

06h00- Procissão Penitencial com a imagem de Nossa Senhora das Dores saindo do Santuário rumo a Igreja de Santa Teresinha.

07h00-Missa e Confissões na Igreja de Santa Teresinha.

14h30min - Na Igreja de Santa Teresinha, Confissões.

18h30min - Na Igreja de Santa Teresinha, Confissões.

18h30min- Procissão da Soledade de Maria, da Igreja de Santa Teresinha rumo ao Santuário.

19h30min-No Santuário, Missa e Confissão Comunitária para os adultos.

Quinta-Feira Santa -17 de abril

09h30min-Na Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar - Missa Solene do Crisma.

18h30min-No Santuário, Missa Solene da Ceia do Senhor, Sermão do Mandato, Lava Pés. Procissão interna do Santíssimo Sacramento e Adoração até à meia noite, na Capela do Santíssimo. Em seguida, desnudação dos altares.

Sexta-Feira Santa - 18 de abril

06h00-Via Sacra pública da CF 2014, saindo do Santuário rumo ao Cruzeiro Luminoso.

09h30min-No Santuário, Confissão Comunitária para os adultos.

15h00-No Santuário, Solene Ação Litúrgica.

20h00-Em frente o Santuário, Paraliturgia do Calvário: Sermão, Descendimento da Cruz e Procissão do Senhor Morto. (Favor trazer a sua vela.)

Pregador do Sermão: Pe. Fábio José Damasceno (DD. Pároco da Paróquia de Sant'Ana do Barroso).

Sábado Santo - 19 de abril

20h00-No Santuário, Solene Vigília Pascal. (Favor trazer a sua vela).

Domingo da Ressurreição - 20 de abril

07h15min-Adoração ao Santíssimo Sacramento e bênção.

08h00 – Missa Solene no Santuário.

09h30min-No Santuário, Missa com as crianças.

11h00 - Celebração do Batismo.

17h00- Missa na Igreja de Santa Teresinha e procissão do Santíssimo

Sacramento em direção ao Santuário, na chegada bênção do Santíssimo Sacramento.

19h30min - No Santuário, Missa e encerramento da Semana Santa 2014.

www.santuariodematosinhos.com.br

www.facebook.com/santuariodematosinhos

*Aprovado em Fevereiro de 2014,
Pe. José Bittar (Pároco/Reitor)*

Pe. Geraldo Sérgio França e Pe. Vinícius Idefonso Campos (Vigários Paroquiais)



Festa da Imaculada Conceição de 1923

Matosinhos é berço de muitos festejos religiosos. Bairro singular no contexto histórico da cidade de São João del-Rei é em seu santuário que acontecem os dois únicos jubileus do município. No passado houve dentre tantas festas a dedicada à Imaculada Conceição, devoção mariana comemorada em dezembro. Segue abaixo o recorte jornalístico correspondente e sua transcrição, respeitando-se a grafia da época, 1923.

Mattozinhos *Festa de Nossa Senhora*

Durante os dias 7 – 16 de Dezembro Mattozinhos celebrou, na Capella do Senhor Bom Jesus, a festa imponente da Immaculada. Uma novena, que agradou a todos, precedeu esta data gloriosa. No dia 16 grande numero de fieis e devotos a Nossa Senhora receberam a Communhão, monstrando d' esta maneira, o grande amor á Immaculada.

Ás 11 horas teve inicio a Missa solemne, cantada pelo Rev^{mo}. Padre frei Leopoldo, acolhido pelos Padres frei Optato e frei Osmundo.

Ás 5 horas da tarde percorreu as ruas d'este pittoresco logar uma lindíssima procissão com magníficos andores e no maior respeito e silencio. Após um ligeiro descanso subiu ao púlpito Padre frei Leopoldo, que com grande eloquência, cantou as glórias sublimes, com que a figura sacrossanta de Maria avulta nas galerias da historia. Encerraram-se as festividades com o Te-Deum e a bênção com o Santíssimo.

Nossos profusos parabéns e agradecimentos ao bom povo de Mattozinhos, cujas festas sempre commovem e também nossa gratidão ao infatigáveis procuradores, os senhores Francisco Chaves e Pedro Pereira, que alcançaram um resultado belíssimo: nossos profusos parabéns ao Côro, que durante toda a novena agradou imensamente, graças á sua incansável Directora, D^a. Amanda Telve de Faria Pereira; nosso parabéns a Senhorita Amanda de Faria Pereira, que com sua voz maviosa e soberba commoveu a multidão; nossos parabéns ao povo festeiro, que deu um exemplo eloquente de amor e gratidão para com Maria.

Os leilões durante o dia estiveram animadíssimos. A banda do 11 Regimento acompanhou a procissão, durante a qual executou varias peças lindíssimas.

Mais de 300 pessoas receberam a Sagrada Communhão durante a novena.

*Mais de 500 pessoas receberam a Sagrada Comunhão e
Que Nossa Senhora abencoe o bom povo de Mattozinhos.*

A assinatura da nota é devida ao Capelão, Frei Optato. Segue-se com uma lista de festeiros eleitos para o evento do ano seguinte, que, embora expressamente citado como para a Festa de Nossa Senhora da Conceição, a lista principia com os cargos de imperador e imperatriz - sr. Marçal e Souza Oliveira e sra. Maria Carlota Rios - uma influência da Festa do Divino, ou quiçá, os Imperadores do Divino teriam também assento cativo nesta mesa festeira?

A listagem segue com os juízes: Custódio Maximiano de Souza, Francisco Chaves, Arnóbio Caldeira Franco, João Evangelista Silva Rios, Durval de Oliveira, Gabriel Pompeu de Campos, Drogero Guimarães, Raul Chaves, Justino José da Silva, Olympio Augusto Oliveira, João Baptista Oliveira, Floriano Peixoto, Antonio Santos, Onofre Archanjo Souza.

As juízas eleitas foram: Amanda Telve de Faria Pereira, Custodia Clara Pinto, Eneida Sette Resende Campos, Anna Simões, Maria Leandra, Mariana Diogenes Silveira, Luiza Balbina Souza, Maria da Conceição Pereira Melo, Maria Antonia Lourdes, Maria Theodora Gonçalves, Emilia Augusta Sousa, Francisca Carolina Fonseca.

Os cargos de procuradores foram ocupados pelos srs. João Evangelista Ferreira e Adolpho Ferreira Silva.

A tesouraria coube a Pedro Ferreira Sousa.

A extensa nota é datada de 10 de dezembro de 1923.

Notas e Créditos

* Fonte de pesquisa: jornal **Acção Social**, São João del-Rei, n.448, 20 de dezembro de 1923. Acervo digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.

** Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

Coração de Jesus: mais uma festa do Matosinhos antigo

Mais notícias de festas religiosas em Matosinhos vem à tona neste blog, trazidas das velhas páginas jornalísticas da cidade de São João del-Rei. Desta vez honrando ao Sagrado Coração de Jesus, devoção que ganhava força com o processo de romanização implantado pela Igreja. Mesmo antes de acontecer já se previa o grande número de comunhões, clara tônica do discurso romanizador. A procissão seria pomposa, cheia de andores e estandartes. Velhos hábitos de uma antiga cidade barroca. Vejamos o que nos diz o jornal *Acção Social*, edição nº423, de 28 de junho de 1928:



Transcrição (respeitando a grafia da época):

Mattozinhos

Iniciar-se-ão hoje as festividades em honra ao Sagr. Coração de Jesus. Esperamos muitas comunhões e o maior respeito do povo religioso de Mattozinhos durante estes dias.

Na procissão de Domingo próximo serão conduzidos 5 lindíssimos e riquíssimos andores e vários estandartes.

Agradecemos de antemão aos dois incansáveis Zeladores, os srs. Pedro Ferreira e João Pedro de Oliveira, que não pouparam esforços pelo melhor exito das festividades.

O coro está em efetivas condições e executará seu repertório com brilho e capricho, graças a infatigável Directora Dª Amanda Telve de Faria Pereira. Que o sagrado Coração abençoe estes dias festivos.

O correspondente.

Notas e Crédito

* Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli.

** Fonte: acervo digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida

A primeira Festa de Santo Antônio

Dentre as muitas devoções católicas que se festejam no bairro de Matosinhos, figura também a de Santo Antônio, que já foi alvo de comentários neste [blog](#). Porém a presente postagem traz à lume uma interessante notícia veiculada pelo órgão de imprensa Accção Social, de São João del-Rei, que na sua edição nº422, de 21 de junho de 1928, esclarece que aquele foi o primeiro ano da primeira festa dedicada a esse santo popularíssimo no grande bairro.



Foto1: notícia da Festa de Santo Antônio

Para maior facilidade aos leitores segue abaixo transcrição do texto jornalístico, respeitando a grafia de época, com a dificuldade de um fragmento já com definição sacrificada em alguns trechos.

Mattozinhos

Celebraram-se aqui no domingo passado, as solemnidades em honra a S. Antônio, na egreja de Bom Jesus.

Foi pela primeira vez que o grande thaumaturgo recebeu aqui homenagens do povo (... ilegível).
Houve grande numero de comunhões nesse dia e de tarde percorreu a vasta praça deste pitoresco logar uma (...) procissão. Subiu á sagrada tribuna o Rev. Pe. fr. Cherobin cheffe (?) do Gymnasio Sto.Antonio, que em palavras bem escolhidas nos mostrou o grande santo como modelo de vida pura com Jesus Christo.

A banda de musica do 11 Regimento abrilhantou a procissão e o leilão, que foram muito concorridos.
A (ilegível) eclesiástica aprovou a mesa recém-eleita para o anno vindouro.



Foto 2: Santo Antônio na liteira.

O interessante texto revela a simplicidade da programação, com procissão, leilão e sermão, elementos enriquecidos com a música da banda militar, corporação das mais admiráveis desta terra, com vasto e

ativo trabalho cultural. A popularidade do grande santo porém garantia a continuidade, visível na aprovação eclesiástica dos festeiros do ano seguinte.

Sabemos que num passado bem mais remoto, um século antes, Santo Antônio dava à festa pentecostal de Matosinhos um ar muito pitoresco com sua eleição para o cargo de Imperador Perpétuo da Festa do Divino. Como tal era o principal protagonista de uma popularíssima procissão que descia da Igreja de São Francisco rumo à de Matosinhos, quando a imagem do taumaturgo vinha em movimentos pendulares dentro da liteira, com grande acompanhamento de fiéis.

Felizmente este item foi resgatado na reativação da Festa do Divino de 1998. Prossegue até os dias atuais a Procissão do Imperador Perpétuo, sendo o santo também festejado no seu salão comunitário na Vila Santo Antônio (parte do bairro) e na capela rural da qual é orago, no povoado do Carvoeiro, dentro da mesma paróquia e município.



Foto 3: Capela de Santo Antônio do Carvoeiro.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

* Fotos:

1- montagem do autor, acervo digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida;

2- Iago C.S. Passarelli; efeitos, Ulisses Passarelli;

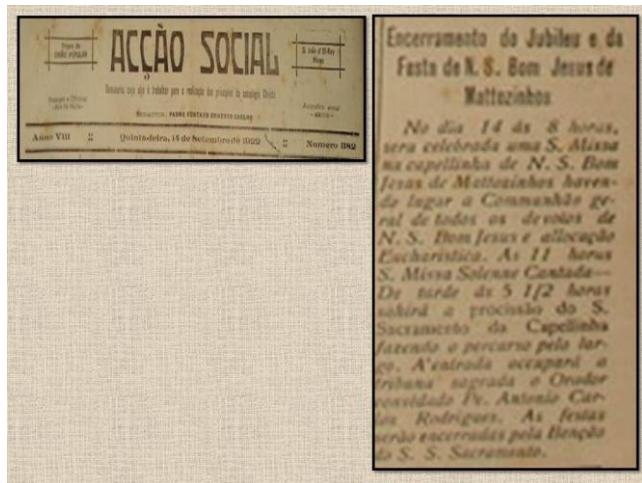
3- do autor

O jubileu de 1922

No distante setembro de 1922, um jornal de São João del-Rei noticiava o êxito da festa jubilar do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. O **Acção Social**, era um órgão de imprensa fortemente eivado pelo espírito religioso romanizador, tendo à dianteira como redator o Padre Gustavo Ernesto Coelho.

A notícia sobre a festa revela um evento concorrido, em nove dias preparatórios e um dia principal, marcado por solene missa cantada, procissão do Santíssimo Sacramento no Largo de Matosinhos, destacado sermão à entrada processional, proferido pelo eloquente Padre Antônio Carlos Rodrigues. Concluiu-se a festa com bênção do Santíssimo Sacramento e *Te-Deum Laudamus*. Para maior efeito dramático as girândolas de fogos de artifício pipocaram no ar, bem como houve o troar dos sinos. O povo eufórico participou intensamente da comunhão eucarística, noticiada em números, como convinha ao ideal católico em voga.

Uma promessa ficou por fim plantada para 1923, pela nova mesa administrativa, com o festeiro, Coronel J. Severiano da Silva à testa: um jubileu igual ao de Congonhas do Campo!



Notas e Créditos

* Texto e fotomontagens: Ulisses Passarelli

** Fonte: Acervo digital da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida](#), São João del-Rei/MG

São Libório

Libório é um nome de origem latina, de caráter gentílico, significando "natural da região de Libora". Há dúvidas sobre a localização exata da primitiva Libora, possivelmente na Península Ibérica. Porém é apontado como santo francês, Bispo de Le Mans (Departamento de Sarthe).

O dia de sua festa era 23 de julho e mais tarde foi alterada para 9 de abril.

Conta-se como muito milagroso. Suas primeiras intercessões teriam acontecido logo após a sua morte, no ano 400, com o corpo ainda presente. Teria realizado profecias e tido grande desprendimento dos bens materiais. É invocado contra todos os males urinários, problemas de bexiga, cálculo renal, cólicas de rins. Em São João del-Rei além de Matosinhos, também possui uma imagem na Igreja do Rosário.

O Papa João Paulo II instituiu o título cardinalício "São Libório" em 21 de fevereiro de 2001.

A oração de São Libório diz:

(Sinal da Cruz)

"Bem aventurado S.Libório, rogo-vos a vossa intercessão junto ao Onipotente para que este vosso contrito devoto não seja atormentado dos males de bexiga, cálculos, areia, frouxidão ou retenção de urina.

Senhor Deus, que Vos dignastes conceder ao Vosso bem aventurado S.Libório o poder de curar os males de bexiga, nós Vos rogamos que pelos méritos do Vosso Santo o Vosso servo (citar o nome) se veja livre dos tormentos que o afigem.

São Libório curai... (benzer o local doente)

São Libório socorrei ... (benzer o local doente)

São Libório protegei... (benzer o local doente)

Rezar 3 Pai Nosso à Santíssima Trindade. Sinal da Cruz."



*São Libório, imagem do Santuário de Matosinhos. 2013.
Obra atribuída a Joaquim Francisco de Assis Pereira.*

Referências Bibliográficas

GAIO SOBRINHO, Antônio. Santos Negros Estrangeiros. São João del-Rei, 1997. 153p;il. p.52.
Livro da Cruz de Caravaca da Capa Preta. 3.ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, [s.d]. p. 131-132.

Referências na Web

<http://www.significado.origem.nom.br/nomes/liborio.htm> (acesso em 26/06/2013)
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cuerva> (acesso em 26/06/2013)
<http://it.wikipedia.org/wiki/Liborio> (acesso em 26/06/2013)
[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lib%C3%B3rio_\(t%C3%A3Ctulo_cardinal%C3%ADcio\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Lib%C3%B3rio_(t%C3%A3Ctulo_cardinal%C3%ADcio))
(acesso em 16/12/2014, 18:06 h)

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli
** Foto: Iago C.S. Passarelli.

A Procissão motorizada de 2013

Aconteceu em Matosinhos neste fim de semana a tradicional [Procissão de São Cristóvão](#). Este evento religioso se reveste de um particular aspecto graças ao cortejo automotivo e motociclístico. Sendo este santo padroeiro dos motoristas, nada mais adequado que este tipo de comemoração.



No dia 04 de julho de 2013, às 15 horas, houve no Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus de Matosinhos uma missa festiva em honra a [São Cristóvão](#), celebrada pelo pároco e reitor Padre José Bittar, com grande afluência de fiéis. A parte musical coube ao coro paroquial.



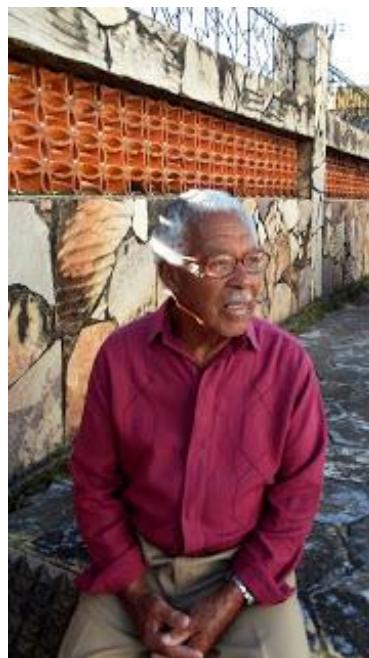
Finda a celebração os fiéis se concentraram na praça principal do grande bairro, onde muitos carros, caminhões, caminhonetes, vans e motocicletas já aguardavam a saída.



A procissão foi saindo em meio ao festivo repique dos sinos e toques incessantes das buzinas dos veículos. Motos na frente, seguidas dos carros de passeio e por fim dos grandões de carroceria.



O longo e barulhento cortejo seguiu buzinando em direção à Ponte do Porto, Santa Cruz de Minas, Colônia do Marçal, Av. Leite de Castro, Centro da cidade e daí ao Tijuco, pela Rua General Osório. O retorno foi pela Rua São João. De passagem pelo Centro, subiram pela Oito de Dezembro e por esta avenida ganharam a BR-265, passando pela Gruta de São Cristóvão, na paragem do Cala Boca. Para encerrar voltaram à cidade pelo Trevo do Elói, na retaguarda de Matosinhos, descendo o Pio XII, Bom Pastor e Vila Santa Terezinha, pela principal artéria de trânsito, a Avenida Josué de Queiroz, para encerrar na frente do santuário.



Sr. Gilberto de Sousa, baluarte e fundador da Festa de São Cristóvão em Matosinhos.

Resta dizer, que todo o trajeto teve entre os veículos, um caminhão de abre-alas com uma grande cruz iluminada presa na vertical, na carroceria, ladeada por duas bandeiras, uma do Brasil e outra da diocese. Outro caminhão, trazia na carroceria a imagem de São Cristóvão, cuidadosamente ataviada de flores em seu andor sobre cavaletes. Neste ano usou-se um andor convencional, em vez do tradicional, em forma de carroceria de caminhão.

A procissão deste santo aconteceu neste ano em data mais tardia, no primeiro final de semana de agosto, quando normalmente ocorre no último de julho.

Notas e Créditos

* Texto e fotos (04/08/2013): Ulisses Passarelli

** Clique neste link para visualizar melhor o aspecto da [Procissão de São Cristóvão](#).

CAPÍTULO IV – A FESTA DO DIVINO

Apologia ao Espírito Santo

O Divino Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, representando a luz do mundo, o consolo da humanidade após a crucificação de Jesus, daí o título grego *Parákleto*, traduzido como consolador ou advogado. Esta consolação fora anunciada previamente pelo profeta Ageu (2,5): “*O meu Espírito permanece no meio de vós...*” É o advogado que nos defende das causas e coisas malignas. É o amor que une o Pai ao Filho, perfazendo o Deus Uno e Trino, ensina o catecismo.

Não se pode limitá-lo a uma religião definida, como os santos são católicos e os orixás do Candomblé. Ele é maior que todos, é superior a qualquer religião.

Ensina-nos a Bíblia que Ele é o sopro de vida, com que o Criador animou as criaturas. Com efeito, cada homem é morada e templo do Espírito de Deus, pois diz-se que fomos feitos à sua imagem e semelhança.

Maria, a Virgem Eterna, Nossa Mãe puríssima, concebeu de Deus, por obra e graça do Senhor Divino; sua luz inspirou aos profetas, a Santa Isabel com o precursor São João Batista no ventre, ao velho Simeão. O Espírito Santo conduziu Jesus ao deserto, onde Satanás o tentou.

Com a condenação de Cristo, os discípulos estavam temerosos, agindo na fé, mas escondidos dos perseguidores. Quando o Divino lhes veio em Pentecostes, como línguas de fogo, passaram a pregar o Evangelho com total desassombro. Ganharam os carismas e o medo da morte sumiu.

Descendo como uma pomba alvíssima sobre o Salvador nas águas do Rio Jordão, mostrou-nos toda a força e valor do batismo, legitimando-o como São João previra.



Bandeira de Folia do Divino, Elvas (Tiradentes/MG).

Os grandes e exemplares feitos dos santos tiveram a companhia inspiradora do Paráclito.

ALDAY (1992) ensina que santificar é obra específica do Espírito Santo, a quem pertencemos de corpo e alma, já que na cruz Cristo nos comprou a preço de sangue. Somos então ao mesmo tempo criaturas e filhos de Deus, santuário do Paráclito, e, como templo, devemos buscar a santidade [1].

SANTOS (1998) afirmou [2]:

“sem o Espírito Santo, Deus fica longe, Cristo se situa no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja apenas uma organização, a autoridade somente domínio, a missão só propaganda, o culto, um exorcismo, e o comportamento cristão uma moral de escravos.”

A fé carismática no Espírito Santo, em certas ocasiões foi a raiz de movimentos religiosos muito intensivos que a Igreja encarou como heréticos, tais como os libertinos da Igreja de Corinto (séc.I), os montanistas (séc.II) e os donatistas (séc.IV).

O Divino é a manifestação alegre de Deus, que age no silêncio dos corações, dando-lhes força e coragem para enfrentar as agruras da vida, elevando a fé ao auge, promovendo a emoção, aquele choro de felicidade que a sensibilidade produz ao ver sua festa. E se ela é pomposa, é porque o Divino merece, mas, pela humildade pregada, o Espírito Santo também se manifesta, na simplicidade dos corações e nas ações singelas. E nisto reside a grandiosidade de Deus.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto e recorte: Iago C.S.Passarelli, 2012.

[1] - ALDAY, Salvador Carrillo. **O Espírito Santo em nossa vida.** 3.ed. São Paulo: Paulus, 1992.

[2] - SANTOS, Benedito Beni dos, Padre. **O Espírito Santo, nossa força.** São Paulo: Paulus, 1998.

Iconografia do Divino

Observou ABREU (1999), em comentário sobre as folias cariocas do século XIX, que:

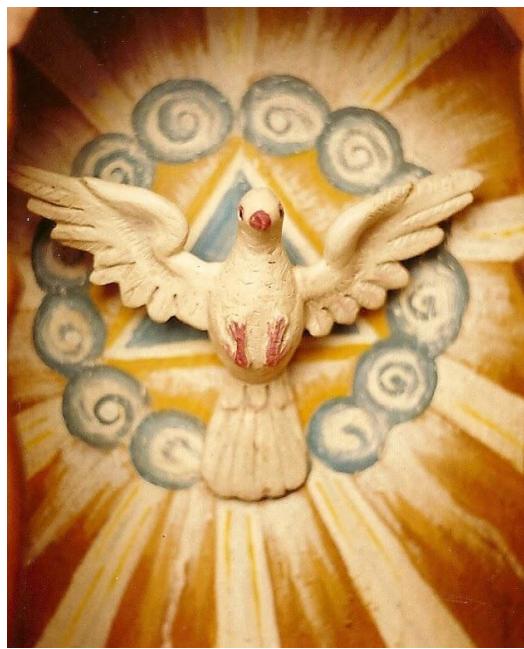
"o trânsito da pombinha era bastante amplo entre os diferentes segmentos sociais da cidade e redondezas, seus significados – e os da comemoração, em termos amplos – eram suficientemente universais para permitir a apropriação de todos (...) nenhum segmento social, étnico ou profissional, identificou-se seletivamente com ela, elegendo-a para sua própria proteção" (p.52).

Ainda essa autora, baseando-se em Mary Karasch, comentou acerca da devoção dos escravos ao Divino, que os bantus angolanos e congoleses poderiam ter associado a forma da pomba à do pássaro, que na concepção religiosa centro-africana representa o limite entre o dia e a noite e por conseguinte entre a vida e a morte (p.53).

O lado místico se revela pela própria abstração de uma devoção não antropomórfica.

A representação artística do Espírito Santo sob a forma de pomba branca é bem típica e uniforme. Surge nas esculturas e pinturas. Quando possível é acrescida de elementos simbólicos que reforçam as impressões populares pela adição de efeitos. Entendo-os assim:

- efeitos luminosos (halo, fachos, raiadas, línguas de fogo);
- efeitos de santidade (auréola, resplendor);
- efeitos de poder (coroa, cetro);
- efeito de pacificação e esperança (ramo verde no bico, interpretado como de uma oliveira);
- efeitos sacramentais (1- figuração de água – lembrança do batismo de Cristo no Rio Jordão; 2- pombinha ao centro de uma custódia – representação bastante generalizada);
- efeitos de divindade (1- pintura de nuvens se afastando para aparição da pomba; 2- nuvens em torvelinho ao seu redor, acinzentadas como num cataclisma; 3- céu se abrindo como se tragado de um plano superior donde emana luz, representado em gradação branca-amarela-laranja);
- efeito de efusão (vento representado como tracejado paralelo branco-azulado-cinzeneto, saindo da pomba em direção a Terra);
- efeito de movimento (quase sempre a pomba está de asas abertas, pairando ou voando em graciosa lateralidade, ou ainda, em fase de descida. Por estar voando suspensa confere a ideia de estar acima de nós, de um ser superior).



*Interior do oratório de pescoço da Festa do Divino de São João del-Rei.
Escultura e pintura: Osni Paiva.*

Em São João del-Rei a imagem que há no Santuário de Matosinhos foi doada pelo Imperador do Divino Tomaz Antônio Gonçalvez. Tem a forma de custódia. Atrás dela existe a seguinte inscrição: "Feita nesta cidade de São João del-Rei, em maio de 1868, por Manoel Pereira Maya, natural de Piracatu [1], por mandado do Imperador do Espírito Santo Thomaz". A inscrição foi descoberta numa restauração. Retirou-se então dezesseis lâmpadas coloridas, com as respectivas boquillas, que alguém

fixara nas raiadas da imagem, descaracterizando-a. O acréscimo de gosto duvidoso, fora realizado na segunda metade do século XX, dando-lhe aparência de árvore de Natal com pisca-pisca aceso, ou de entrada de clube noturno. Atrás, sobre a dita inscrição, um terrível emaranhado de fios punha a peça sacra sob o risco de incêndio, por um muito plausível curto-circuito. Considere-se que é feita de madeira. Retomou sua autenticidade.



Imagen do Divino de Matosinhos antes e depois da restauração.

* Texto e fotos: Ulisses Passarelli

[1] - Piracatu (*sic*): possivelmente Paracatu, cidade do noroeste mineiro.

A festa através dos tempos

As raízes da festividade do Espírito Santo devem ser buscadas bem antes que se tornasse conhecida sob este nome. A fonte básica vem do paganismo e está nas recuadas festas agrárias.

Foi com as primeiras colheitas que o ser humano deixou o nomadismo para se fixar na terra. Pode intuitivamente reconhecer que a indomável força maior da natureza era decisiva para o êxito dos plantios. Só algo superior a dominaria.

Essa noção elementar norteou a vida humana nos tempos primevos da humanidade, num elo com o invisível superior. O bom resultado da plantação não poderia deixar de ser comemorado com alegria, danças, fartura alimentar, oblações, agradecimentos àquelas forças que lhes favoreceram, visando outrossim assegurar boas safras futuras. Daí, mundo afora, as crenças em deuses ou entidades diversas ligadas à vida agrícola.

Os hebreus não foram diferentes e a santa escritura oferece documentação a respeito: “*depois (da Páscoa), haverá a Festa da Ceifa, das primícias do teu trabalho, do que semeaste nos campos*” [1].

Sua cristianização começa no ano da morte de Cristo. O Atos dos Apóstolos [2] ensina, que, no dia da Festa da Ceifa, no cenáculo, o prometido Espírito Santo veio em efusão sobre os apóstolos e Maria, qual línguas de fogo, precedido por um vento impetuoso. Para os judeus continuaram as festas de colheita, mas para os cristãos, começaram as do Espírito Santo.

Contudo a cristianização foi lenta e na verdade não conseguiu abolir todos os sinais da primitiva origem. A força agrária da festa ancestral é forte demais e ainda hoje pode ser facilmente rastreada.



Congo de Carrancas na Festa do Divino de 2014.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 08/06/2014

[1] - Bíblia Sagrada, Velho Testamento: Ex 23, 16. Os judeus também chamavam-na de Festa das Semanas ou da Messe.

[2] - Bíblia Sagrada, Novo Testamento: At 2, 1-3.

Pentecostes, data móvel

A Páscoa era historicamente a mais importante festa dos judeus, marcando o fim de sua servidão entre os egípcios. Da terra dos faraós partiram em longuíssima jornada rumo ao rincão que Deus lhes prometera. A lembrança desse episódio era efetivada no dia 14 do mês de Nissan. Como o calendário judeu era basicamente lunar e serviu de base para marcação das comemorações cristãs, o Concílio de Nicéia (325 d.C.) marcou a Páscoa cristã (celebração da ressurreição de Jesus) “no domingo seguinte à primeira lua cheia após o equinócio da primavera do hemisfério norte (21 de março)”[1]. Como esta lunação varia, todas as festas marcadas com base na Páscoa (antes ou depois dela), também podem se adiantar ou atrasar, ano a ano: carnaval, cinzas, Paixão, Espírito Santo, Santíssima Trindade e *Corpus Christi*.

Ora, a festa do Espírito Santo é marcada no oitavo domingo depois da Páscoa, tempo do prazo dessas semanas: sete semanas são quarenta e nove dias. O quinquagésimo dia é o Domingo de PENTECOSTES, nome grego que se traduz por “cinquenta dias”,

Em São João del-Rei o Espírito Santo sempre foi comemorado no Domingo de Pentecostes, embora em alguns lugares do Brasil seja festejado noutras épocas do ano.



*Bandeira de catupé (congado) de Ritápolis/MG,
durante a Festa do Divino.*

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Foto: Iago C.S.Passarelli, 28/05/2012.

[1] - Cf. AQUINO, Felipe. Carnaval: por que tão cedo? **Gazeta de São João del-Rei**, n. 492, 02/02/2008.

Festa do Divino em Portugal

As duas postagens anteriores trataram daquilo que poderia se chamar de pré-história da festa. Para as Festas do Divino brasileiras mais propriamente interessa o que se passou com elas em terras portuguesas, nos séculos XIII e XIV, durante o reinado de Dom Diniz, o Lavrador, no período de 1261 a 1325. Começaria a partir de então a história propriamente dita.

Consta - ou pelo menos é o que a maioria dos autores defende - que esse evento iniciou em terras ibéricas sob os auspícios da Rainha Isabel, de Aragão (1271-1336), a Santa[1], casada com o rei supracitado. Era uma pessoa muito caridosa. Cuidava dos pobres e com frequência distribuía-lhes pães.

Contam de um milagre das rosas, que teria ocorrido quando às escondidas (pois era criticada pelos nobres em razão de seu jeito caritativo), levava pães à pobreza sob seu manto. Foi abordada pelo sovina Dom Diniz, que perguntou-lhe o que carregava. Respondeu-lhe: - *rosas!* E abrindo o manto, de fato caíram flores, posto que os pães milagrosamente se transmutaram. Sua imagem por isto tem trajes reais, coroa à cabeça e um buquê de rosas no regaço.

Foi num sonho que lhe foi pedida a construção de uma igreja ao Espírito Santo em Alenquer e que lhe dedicasse uma comemoração. Corria o ano de 1321. No dia seguinte à vidência, após a missa, seguiu para o local indicado para a construção do templo, acompanhada de padres e juízes e milagrosamente já

aparecera pronto o alicerce naquele sítio. Teria também ali encontrado a planta riscada. Por conta desses juízes supracitados é que dizem existir na festa até hoje o cargo simbólico de juiz.

Começada a obra sobre o misterioso alicerce, em certa ocasião, os operários receberam flores da bondosa rainha e elas se tornaram dinheiro, que lhes ficou de paga.

Sobre a festa, a primeira em Alenquer (outros a dizem em Coimbra), teria a rainha pedido licença ao rei, seu esposo, para coroar o primeiro mendigo que visse na igreja, às 15 horas, quando se celebrava o Divino. O rei consentiu. O objetivo era *“mover o augustó soberano esposo a tornar-se humilde, no exercício de suas altas funções”*. Extraio do professor Nereu este significativo trecho:

Um pobre velho de pedir, todo andrajoso e descalço, subiu os degraus do trono real, e, por certo, tímido e confuso, nele foi tomar assento, a um gesto do “mestre-sala”. Depois, o Bispo tirou a coroa de cima da credênciaria, a fim de pousar na cabeça do mendigo, ajoelhado sobre rica almofada de veludo carmesim, entoando-se nesse instante o *“Veni Creator Spiritus”*. E, no meio de rolos de incenso e de graves salmodias, rezou-se missa solene, finda a qual se organizou luzida procissão, em que o mendigo coroado era recebido em triunfo como autêntico imperador.

A rainha então cuidava de distribuir alimentos, benefícios caritativos, promover folganças.

Gravitando em torno desse núcleo central, as novidades foram aos poucos sendo acrescidas em cada região, pois assim instuiu-se a festa: logo com o grande sucesso em Alenquer, outras localidades puseram-se a imitar e assim a festividade espalhou-se. Fato é que a Festa do Divino se difundiu pelas terras portuguesas e nos arquipélagos dos Açores e Madeira. Com o correr do tempo enfraqueceu no continente e fortaleceu nas ilhas, ganhando ali algumas características especiais, que muito influenciaram as formas trazidas para o Brasil, sobretudo o meridional [2].

Antes de observar as festas brasileiras ao Paráclito, vale a pena conferir os elementos componentes e personagens mais significativos das festas portuguesas, a partir da seguinte tabela, que contém um resumo enumerativo que idealizei baseado em PEREIRA & JARDIM (1978), que fizeram bom levantamento bibliográfico sobre as festas ibéricas em honra ao Divino:

LOCAL	ELEMENTOS BÁSICOS
Guimarães (1489)	Instituída a procissão da candeia (luminosa) para livrar da peste. Levaram pães à dianteira para depois distribuí-los. Andor adornado de flores e frutos de cera.
Eiras	Voto de eleger imperador e dar-lhe ofertas para livrar da peste. Até 1823 cortejo com imperador, 2 pajens, 2 criados, música, foguetório, os nobres e a Câmara do Conselho da cidade. Marchavam a cavalo para o convento de Calas, guiados por uma bandeira. Bodos.
Trofa (Bougado, Concelho de sobre suas cabeças a coroa para livrá-las da gota infantil. Alvorada cantada pelos romeiros do Espírito Santo)	As mães dão três voltas ao redor da igreja com as crianças ao colo e depois colocam de sua coroa para livrá-las da gota infantil. Alvorada cantada pelos romeiros do Espírito Santo.
Castelo	Moças solteiras abanam a imagem do Divino para casarem mais depressa. Mordomos são responsáveis pela festa. Peditório. Os mordomos tem de ser solteiros (acreditam que o casado morrerá, mas se quiser casar, deixa o cargo e dá um abanão na imagem de pedra do Divino no domingo da Santíssima Trindade. Quanto mais forte o abanão, mais rápido casará).
Elvas	Na missa do Divino, na hora da elevação da hóstia o sacristão espalhava pétalas de flores sobre os fiéis e ao término distribuía ramalhetes bentos às pessoas.
Sintra	Festa realizada na Sala dos Infantes, licenciada por D. João II em 1484 e posteriormente confirmada por D. Manuel.
Sarnadas	Ranchos cantavam alvorada.
Mação	Ranchos cantavam alvorada. Autos. Bodos. Bênção do pão.
Penedo (Colares)	Desfile do boi do Divino pelas ruas, enfeitado de fitas, acompanhado de gaiteiro, bandeiras e mordomos. Foguetório. Animal era bento. No dia seguinte matavam-no e distribuíam sua carne aos pobres. Distribuição de esmolas às recém-casadas.
Beira-baixa	Folias compostas por rei, pajem, alferes (com a bandeira), fidalgos tocando instrumentos. Alimentação coletiva durante o ciclo. A função do pajem era carregar a coroa de lata do rei. O cetro do rei era uma varinha cheia de fitas e flores.

Zebreira (Idanha-a-Nova)	Início na Quinta-feira da Ascenção [3]. Recepção à bandeira; alimento coletivo. Tourada. Confraria. Doze Mordomos [4]. Rituais de alimentação. Juiz e alferes (eleitos dentre os mordomos). Peditório com opa e bandeiras. Bodo. Procissão. O juiz tem uma vara como insígnia. Cantorias.
Monsanto	A confraria distribui jantares no ciclo. Mordomos. Altares são armados e possuem a “pedra de honra” para colocação da coroa.
Açores	Iniciou após um terremoto, para sustentar hospitais e dar assistência domiciliar. Cortejo de gado adornado rumo ao abatedouro. Distribuição de leite. Tourada. Grandes jantares. Coroação, que pode ser feita pelo Mordomo. As folias foram se profanizando e receberam limitações legais, sendo proibidas em 1523 por D. Manuel “ <i>devido ao luxo e à ostentação, nos bodos, levando à ruína muitos festeiros</i> ”. Em 1774, D. Frei Valério de Sacramento proibiu folia e baile. O povo protestou através da Câmara Municipal e a festa prosseguiu crescente.
Feteira (Faial)	Mordomo organiza cortejo oito dias antes, com banda. Levam quadros e vão buscar emblemas. Estandartes. Império com coroa, cetro e salva. Coroação. Leilão.
Pico	<i>“Levam no cortejo bolos em forma de argolas, de massa sovada, que, à noite, são distribuídos a todos.”</i>

Note-se portanto o repisamento de algumas características na festa portuguesa:

- cunho devocional de mistura ao lado supersticioso;
- desejo de combater doenças;
- fartura alimentar;
- caridade (que se aponta como um traço deixado pela célebre rainha);
- a ideia de um personagem maior, central, figurando imperador ou rei, marcado pela coroa, foco das atenções;
- presença de uma série de elementos festivos e cargos tradicionais: peditórios, leilões, procissões, estandartes, folias, bandas, confrarias, mordomos, alferes, juízes, etc.

Chama especial atenção os bodos ou vodos, que eram noitadas festivas em honra a este ou aquele santo, que atravessavam a noite dentro das igrejas, em cantorias e comezainas. Não raro extrapolaram os limites de tolerância e bom senso, chegando até orgias, sendo combatidos e proibidos por autoridades eclesiásticas e seculares. Os bodos do Espírito Santo porém foram liberados [5].

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - A rainha santa casou-se com Dom Diniz em 1282. Foi canonizada em 1651. Informações do professor Nereu do Vale Pereira, uma das bases para compor esse ítem: Festividade do Divino Espírito Santo – origem. **Boletim da Comissão Catarinense de Folclore**, n. 35-6, dez./1983. p. 26-7.

[2] - Ver: NUNES, Lélia Pereira da Silva. **A Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**: notícia de uma tradição. XI Congresso Brasileiro de Folclore, 19-22/10/2004, Goiânia. Anais.

[3] - Dez dias antes de Pentecostes é a quinta-feira comemorativa da subida de Cristo ao céu (quarenta dias após sua ressurreição), pois ainda ficou entre os apóstolos em espírito (cf. At 1, 4-11). Em alguns lugares do Brasil o festejo também começa nesse dia (Alcântara, Mogi das Cruzes, São João del-Rei, etc.).

[4] - O único lugar do Brasil que encontrei notícia da existência de doze mordomos é em Alcântara/MA, onde há um mordomo-régio (mais próximo ao imperador) e onze mordomos-baixos. Os personagens mais vigentes no Brasil são mordomo-da-bandeira e mordomo-da-coroa e por vezes o mordomo-do-mastro (com mais freqüência substituído pelo capitão-do-mastro). No mais das vezes, são chamados simplesmente mordomos.

[5] - Determinação das Ordenações Filipinas, Livro 5, Título 5, parágrafo 1º, informa Alceu Maynard Araújo, *op.cit.*

Outra raiz histórica

Como recebemos a tradição via Portugal, os pesquisadores tem repetido quase sempre que lá reside sua

origem. Há porém os que dão a essa festividade uma nacionalidade diferente. Segundo este pensamento a festa seria antiquíssima, originária da Alemanha. ARAÚJO (1964) esclareceu [1]:

os povos germânicos, em contato com os romanos, destes a receberam através da cerimônia do “panis gradilis”, ou mesmo do repasto sagrado, praticado por todos os cidadãos gregos, pois na Grécia acreditava-se que a salvação da cidade dependia de tal cerimônia.

Estudiosos apontam a existência de confrarias do Espírito Santo na Alemanha no século XII (bem como na França...).

Transcrevo a seguir a plausível versão alusiva a essas festas, apresentada por ocasião do lançamento de um selo do correio brasileiro em 1999:

O culto ao Divino Espírito Santo, sob a forma de festividade, prende-se aos muitos movimentos religiosos da Baixa Idade Média, considerados, de início, heréticos, ou ofensivos à religião, pela Igreja. Numa Europa de pós-virada do I Milênio, com transformações econômicas, sociais, políticas e ideológicas em processo de aceleração, a idéia de um apocalipse, de um próximo fim do mundo espalha-se pelo continente. Um conterrâneo de São Francisco de Assis, o abade cisterciense Joachim de Fiori (morto em 1202), serve-se da Trindade para a sua Teologia da História. Segundo sua tese, em contradição com o que então ensinava a Igreja, a última fase da História seria a do Divino Espírito Santo. Esta teria início em 1260 e uma interpretação espiritual superior dos dois Testamentos seria pregada por uma nova ordem monástica, e a corrompida Igreja de carne cederia lugar à perfeita Igreja do Divino Espírito Santo. Uma corrente mais rigorosa da Ordem Franciscana (os espirituais), passa a divulgar o pensamento de Fiori, sofrendo por essa atitude feroz perseguição. A Idade do Divino Espírito Santo haveria de ser o “tempo de descanso da humanidade”. As idéias de Fiori tiveram influência também na Alemanha, onde se tornaram vivas e materializadas por intermédio de cultos onde a imaginação popular passou a atribuí-las ao seu Imperador Frederico II, figura carismática de grande veneração pelo povo alemão. Após a sua morte, na III Cruzada (1190), muitas profecias messiânicas surgiram e, após 30 anos, subindo ao poder Frederico Neto, igualmente muito carismático e popular, essas profecias escatológicas foram-lhe aplicadas. Ao grande vazio que sobreveio com a sua morte, uma expectativa de ressurreição do Imperador querido estabeleceu-se na Alemanha e fora dela. Os camponeses, particularmente, acreditavam que, em forma de um peregrino, o Imperador reapareceria e retornaria ao seu lugar como Imperador da Nova Era. O Divino iluminaria este Imperador que viria num cavalo branco e de coroa na cabeça, libertando a todos os pobres e oprimidos.

A prevalecer tal vertente da história, a Rainha Santa Isabel não teria “inventado” a festa, mas sim introduzido em Portugal uma comemoração que já existia noutras países europeus, ou ainda, em outras palavras, adaptado a versão estrangeira a um formato português. ABREU (1999) [2] lembrou com vista acurada que a Alemanha e a França foram as principais difusoras das tradições do Divino na Europa e que tinham “confrarias muito antigas, bem anteriores ao tempo da Reforma Católica, e, portanto, suscetíveis a uma menor ortodoxia religiosa” (p. 42).

LEAL (1994) [3], sem excluir a importância da Rainha Santa Isabel, também se refere a uma ligação da festa “à acção dos franciscanos espirituais e a ideologia milenarista do abade calabrés Joaquim de Fiore, construída em torno da próxima chegada de uma Idade do Espírito Santo” (p.15).

TEIXEIRA (2007), dissertando sobre as origens dessas comemorações, ao lado de elementos étnicos, também atribuiu aos franciscanos um papel de grande importância no seu surgimento, através formação espiritual da alma portuguesa.

Além da influência de Fiori e da ação franciscana, Portugal conheceu também a força dos versos proféticos muito populares de Gonçalo Anes Bandarra, natural de Trancoso, na Beira Alta (séc.XVI – depois de 1541). Sua obra poética serviu de base para o movimento messiânico que atribuía ao Rei Dom Sebastião, morto em 1578 na Batalha de Alcácer-quibir, contra os mouros, a esperança intensa da ressurreição de sua figura majestática. Surgiu assim o “sebastianismo”, um movimento religioso baseado na crença da ressurreição desse rei como um herói, para conduzir os fiéis a uma vida cheia de graça.

Há de se destacar também outra figura humana, a do português de ascendência holandesa Pedro de Rates Hennequim que creditava ao Brasil ares paradisíacos, com possibilidade de sediar o império cristão a ser estabelecido pelo rei encantado Dom Sebastião. Hennequim, por vezes grafado Hanequin, sofreu as punições da Igreja [4].

Ora, as idéias proféticas de Bandarra, Fiori e Hennequim, embora combatidas pela inquisição, correram de boca em boca, mexendo com o imaginário popular, bastante impregnado pelas esperanças sebastianistas. Sem dúvidas contribuíram para a formação de um ambiente favorável ao desenvolvimento das festividades do Espírito Santo aqui e além-mar, pois como se viu ligavam-se direta ou indiretamente a esta devoção, que regeria a nova era messiânica esperada pelo povo sofrido. Uma corrente de análise do tema, eivada de esoterismo, associa tudo isto ao ideal do quinto império, espiritualista, e não militar como os impérios do passado.

Resta dizer que o sebastianismo [5] foi extensamente verificado aqui no Brasil, sendo ainda vivo em muitas regiões, notadamente no Maranhão, onde se liga fortemente ao ceremonial religioso do tambor de mina.

* Texto: *Ulisses Passarelli*

[1] - Baseado em **O Povo Português**, de Teófilo Braga.

[2] - Inspirando-se em Jayme Dias.

[3] - Baseado em Jaime Cortesão.

[4] - A internet abre oportunidades de pesquisa acerca deste personagem. Sugestões de leitura: GOMES, **Um herege vai ao Paraíso**: o Brasil e a cosmologia de ex-colono condenado pela inquisição (1680-1744)

ROMEIRO, Adriana. **Um visionário na corte de d. João V**: revolta e milenarismo nas Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

[5] - Para uma análise da interrelação das festas dos Divino, sebastianismo e monarquia ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Cap. 10: O Império das Festas e as Festas do Império.

O papel do Divino na concepção popular

A construção da festa porém foi muito além da adaptação das matrizes históricas europeias às terras do Novo Mundo. Ultrapassando o profetismo e o esoterismo do tema, a concepção misteriosa acerca do Espírito Santo, se conjugou regionalmente às tradições de outros povos formadores de nossa nacionalidade, para compor um novo cenário simbólico para essas festas.

Para compreender isto é preciso contemplar, ainda que superficialmente, a grosso modo, como se diz, a maneira como o povo concebe as “divindades”. Cada qual tem um papel bem definido no plano universal, dentro do catolicismo popular, ainda que possam contrariar as pregações oficiais.

Assim, sob o nome de “anjos”, por exemplo, se congregam todas as castas da corte celeste: anjos (propriamente ditos), arcangels, serafins, querubins, tronos, principados, potestades e dominações. O povo os considera mensageiros de Deus, entidades puríssimas que louvam o Criador dia e noite e cumprem o seu mandado. São criaturas divinas que surgiram com esse objetivo. Não encarnam. Nunca foram gente. Sempre viveram no céu. O anjo da guarda é um deles, especialmente designado para cuidar de um indivíduo, durante toda a vida terrena.

Os santos são diferentes. Foram homens e mulheres, tiveram carne, cometem erros e acertos, fraquezas e qualidades perpassaram em suas vidas, mas, ingressando numa vivência religiosa, caminharam rumo à santidade, superando os pecados terrenos e alcançando a glória, antecipadamente ao juízo final. Tornaram-se exemplos de vida cristã a serem seguidos e mediadores entre Deus e os homens, bem próximos, porque também foram como nós. Conhecem nossos sentimentos porque de alguma forma um dia os tiveram também. São ainda protetores de cidades das quais são padroeiros. Tem também seu padroado em situações específicas ou ainda sob certas profissões. Assim, por exemplo, Santa Apolônia age contra dores de dentes e infecções bucais, sendo também padroeira dos dentistas; São Sebastião protege contra fome, peste e guerra, e daí por diante. São capazes de operar milagres, conceder graças, aliás, condição para a beatificação e canonização. Sua popularidade é tal que ao povo não basta as centenas de santos já existentes, pois também cria os seus, embora não reconhecidos oficialmente pela Igreja. Esta situação porém permite uma leitura crítica, ao avesso, ou seja: o povo “canoniza” novos santos que viveram próximos, na mesma cidade, região ou comunidade, conheciam de perto sua peleja ou foram parte dela, como Frei Damião, Padre Cícero, Odeteinha, Nhá Chica, Manuelina de Coqueiros,

Jovem Desconhecida, etc., porque as pessoas sentem necessidade de se verem representadas por eles, já que muitos dos santos oficiais nada significam para elas em termos identitários.

Nossa Senhora sob as mais diversas invocações e títulos, tem no imaginário popular um papel semelhante ao dos santos, conquanto mais exacerbado pelo respeito extremo que merece pela condição de Mãe de Jesus e por sua gravidez especial, o dogma da Imaculada Conceição. É a Mãe da Humanidade, carinhosamente cantada e louvada. Sua força é maior, pois se é Mãe dos viventes, também é dos santos, que na hierarquia estão abaixo dela. Foi coroada pela Santíssima Trindade e está ao seu lado. É a medianeira entre os homens e Cristo.

Quanto à Santíssima Trindade, forma católica dogmática, a função do Pai e do Filho são bem claras. Deus é o Senhor, o Pai, o Onipotente Criador de tudo e de todos, o Senhor do Universo, acima de qualquer coisa, o único a quem devemos adorar, a perfeição absoluta. Seu Filho, Segunda Pessoa da Trindade, é o verbo encarnado, a fonte anunciatória da doutrina, o Salvador.

Ora, recapitulando sem discussões teológicas: anjos, santos, Maria, Deus e Jesus, todos tem na mentalidade popular um papel muito claro. A função de cada um é bem definida no plano universal. Seus atributos são lógicos, telúricos e indiscutíveis. Mas e o Espírito Santo?

Tudo em torno dele é mistério. As escrituras não dizem muito. Os estudos pneumatológicos são praticamente restritos aos pesquisadores e oradores sacros. Sua linguagem é inacessível para o leigo. Os sacerdotes não conseguiram incutir no seio da população esclarecimentos didáticos acerca do Paráclito. Essa falha evangelizadora da Igreja abriu a lacuna que possibilitou às pessoas tirar suas próprias conclusões, imaginar o Divino ao seu modo, com a clareza que se fez possível.

Se é dito que somos a imagem e semelhança de Deus então Ele foi logo imaginado como um respeitável senhor de fornidas barbas brancas; se o Messias veio como um homem... se os anjos apareceram como vultos humanos e são imaginados alados; se os santos foram homens; ora, o Divino por outro lado, nunca foi visto ou referido sob forma humana. Não existe representação antropomórfica do Divino. É apenas simbolizado, ora como fogo, ora como pomba, vento, nuvem ... sempre abstrato. É o mais espiritualizado de todos, totalmente etéreo.

A pomba é o seu símbolo mais conhecido. Disse-me um saudoso congadeiro conterrâneo que o Divino apareceu como pomba por ser esse o único animal que não tem fel [1].



Bandeira do Moçambique "Divino Espírito Santo", de Piracema / MG, durante a Festa do Divino de Matosinhos, em travessia na Avenida Sete de Setembro.

O espiritismo ensina que ele é o Espírito da Verdade, que procede da pureza total, da bondade e sabedoria.

Algumas religiões evangélicas referem-se sempre ao Espírito Santo com respeito mas em escala apagada em relação ao Pai e ao Filho e alguns evitam o termo “Divino”, entendendo que sua divindade já está implícita.

Uma testemunha de Jeová, em missão religiosa à minha porta, atendeu-me o pedido de definição do Divino segundo a ótica de seu salão. Com muita concisão e clareza expressou: “*O Espírito Santo é a força ativa de Deus. É o poder de Deus em ação.*”

As religiões mediúnicas de matrizes africanas admitem o Espírito Santo em concepção próxima à católica e não restringem o uso do termo divino. Ele ilumina e dá forças espirituais a todos os orixás, guias e mentores, para que tenham energia para seu trabalho no plano universal. Chefia diretamente um agrupamento de espíritos benevolentes muito elevados que trabalham em favor da humanidade, a Falange do Espírito Santo. A respeitabilidade dos fiéis dos terreiros ao Divino é de extraordinária dimensão. Um ponto que recordo da abertura de um trabalho na Rua do Ouro, Bairro Alto das Mercês, em 1998, dizia:

*A porta do céu abriu
Apareceu um pombo branco,
Vamos todos dar louvor
Ao Divino Espírito Santo!*

No estado do Maranhão suas festas foram francamente absorvidas pelos terreiros de tambor de mina onde são realizadas com grande devoção e esplendor [2]. Nesse estado é também visível a forte influência açoriana nessas festas.

O catolicismo diz vagamente que ele é o amor que une o Pai ao Filho. A Igreja prega na catequese suas formas simbólicas, seus dons e frutos e ensina que é advogado e consolador [3]. Os carismáticos dão maior ênfase ao Divino, mas de forma massificante, distante da cultura popular.

Embora todas essas idéias estejam no meio da população, o que prevalece de fato é a sua síntese abstrata, embora profunda: para o povo, o Espírito Santo é a luz em plenitude, intangível, indescritível, que clareia os caminhos da vida cotidiana, dá juízo às pessoas devotas, oferta inteligência e derrama graças. Esse é o Divino popular. Senhor da alegria, da união, do amor familiar, da paz comunitária. Eis a sua livre interpretação, criada ante o laconismo bíblico a seu respeito, a omissão sacerdotal em esclarecer melhor e enfim ao ar de mistério que o envolve. Foi essa concepção espontânea do povo, que permitiu que suas festas se fizessem com bastante liberdade criadora. A simpática pombinha branca, símbolo de paz e pureza, desde o batismo de Jesus, foi sempre o seu aspecto simbólico que mais marcou o imaginário popular. O único “santo” representado na figura de animal e não de gente. O Espírito que procede de Deus é Divino e é Santo e como tal, merece toda a pompa em suas festividades.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Foto: Iago.C.S.Passarelli, 28/05/2012.

[1] - Inf.: Luís Santana, Bairro São Dimas. Fel: a bílis, símbolo da amargura. O povo crê que deram fel a Cristo na esponja no alto da cruz e não vinagre como está na página bíblica (Mt. 27, 48).

[2] - Ver: BAESSE, Deborah. **A Festa do Divino Espírito Santo na Casa das Minas – São Luís/MA.** XI Congresso Brasileiro de Folclore, 19-22/10/2004, Goiânia. Anais.

[3] - Sob uma forma didática atribuiu-se ao Espírito Santo símbolos, dons e frutos. Símbolos (dez): água (1 Cor 12, 13), unção (1 Sam 16, 13), fogo (At 2, 3), nuvem / luz (Lc 1, 35; 9, 34-5), selo (2 Cor 1, 22; Jo 6, 27 – sinal), mão (Mc 6,5; 8, 23; 10,16), dedo (Ex 31, 18 – tábua da lei), pomba (Mt 3, 16), sopro (Jo 20, 22; At 2, 2 – Pentecostes). Dons (sete, baseados no profeta Isaías): sabedoria, fortaleza, temor de Deus, piedade, ciência, conselho, inteligência. Frutos (doze): caridade, gozo, paz, paciência, benignidade, bondade, longanimidade, brandura, modéstia, continência, castidade, fé. Ver também At 1, 7-8.

Geografia da Festa do Divino no Brasil: características gerais

É por assim dizer unânime a ideia da vinda dessa festa para o Brasil via Portugal. Estudos confrontando a tradição aqui e além-mar tem sido úteis na compreensão das relações dos seus elementos festivos [1].

Afirmam pesquisadores (entre os quais Alceu Maynard Araújo e Luís da Câmara Cascudo), que essa festa foi introduzida no Brasil (trazida de Portugal) no período quinhentista. Contudo a época exata é incerta dentro do período colonial.

Uma referência remota surge da Bahia, ano de 1707, quando um arcebispo que proibira atos não litúrgicos nos templos e seus perímetros, abriu exceção àqueles dedicados ao Divino, o que sem dúvida denota a popularidade e importância social que já atingira [2].

Outra notícia antiga procede de Minas Gerais, de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, datada de 1738, localizada no arquivo de Mariana[3], escandalosa e pitoresca por sinal, pela farra de uns padres tocando viola e cantando modas junto a uma mulher forra, travestida de homem, sobre um carro enramado, em plena festa do Espírito Santo.

Mas foi de fato na segunda metade do século XVIII, que essas festas no Brasil começaram a se difundir mais, ou pelo menos é desse período em diante que surgem mais notícias: 1761 (Guaratinguetá/SP) [4], 1765 (Salvador/BA)[5], 1772 (Porto Alegre/RS)[6], 1774 (São João del-Rei/MG), dentre outras, decerto. Por esse tempo começam a vir os migrantes açorianos, que deram grande impulso a essas festividades no país. A questão com certeza merece maiores estudos.

Com rapidez o costume se difundiu: foi averiguado em todas as regiões do país, não porém com a mesma densidade, sendo raro na Amazônia, raríssimo no Nordeste e ausente no grande sertão semi-árido, com algumas exceções. O centro-sul é área que mais pratica essas festas. É mister focalizar por regiões.

No Norte uma característica é que as bandeiras do Espírito Santo são brancas, em vez de vermelhas como no restante do país. É consenso dos estudiosos que as Festas do Divino estão decadentes e mesmo desapareceram de muitos lugares dessa imensa área. No Amapá é muito tradicional em Mazagão Velho e Macapá, com folia do Divino e danças - marabaixo e vamonez. No Bairro Laguinho, na capital, levantam mastro e saem aos campos próximos para colher ramos de murta para a procissão, segundo PEREIRA (1951).

Ainda este autor e também FIGUEIREDO & SILVA (1972) escreveram sobre a tradição no Amazonas, onde era então vestigial. No passado entretanto, teve grande popularidade. Os fiéis chegavam pelo rio, em canoas. Havia muitos comes-e-bebes e danças. Não faltavam os mastros, nos quais penduravam frutas (sobretudo bananas), sendo fincado com devoção sob o estrondo das ronqueiras. Montavam altar, adornado de flores e papel picotado. Os mordomos derrubavam o mastro ao fim da festa, dando cada um, uma machadada. As frutas eram comidas; a madeira, cortada e jogada no rio.

FIGUEIREDO & SILVA (1972) noticiaram as comemorações do Divino em ocasião na região do Rio Cairari, dando retrato do cetro e coroa, insígnias que resistem como lembrança.

Ainda PEREIRA (1951) descreve três tradições nortistas dessa festa: a canoa da iluminação, a varrição e a mesa dos inocentes.

A dita canoa é uma embarcação do modelo conhecido por igaré, enfeitada com arcos de cipó sobre o casco, que seguram lâmpadas abastecidas por azeite de peixe-boi, sendo que cascas de laranjas verdes, cortadas ao meio, funcionam como recipientes do dito combustível das rústicas luminárias. Na saída a embarcação é escoltada pela folia do Divino e vão soltando as lâmpadas acesas rio abaixo até que, uma vez todas soltas na correnteza, retornam ao barco. As luzes se perdem na escura imensidão noturna das águas. Rezam as ladainhas e dançam madrugada a dentro até o dia clarear: lundu, valsas, quadrilhas. Antes porém de dançarem, cobrem a imagem do Divino com uma toalha branca.

A referida mesa é uma refeição oferecida com exclusividade às crianças. É presidida pelo imperador, com seus trajes nobres, coroado e portando cetro. A folia do Divino está presente, rufando

tambores. As crianças são servidas e diante de cada prato há um montículo de farinha. Depois delas os adultos podem comer [7].

A varrição é um ritual festivo para encerrar as comemorações que consiste em varrer a sede da festa, desmontar o altar, guardar os objetos usados (entregues ao “protetor do Divino”) e fazer o “pelouro”, que é o sorteio do festeiro do ano vindouro.

LIMA (1959) cita sua existência no Pará.

Tocantins apesar de ser estado integrado à Região Norte, tem contudo suas Festas do Divino seguindo ao modelo daquelas do Centro-oeste. Há folias do Divino, cavalhadas, novenas, pagamentos de promessas, banda de música, coroação, peditórios, mastros (sob a responsabilidade do capitão do mastro), missa solene, cortejo com o imperador coroado, oferta de doces, bolos, bebidas, alferes da esmola geral. No cortejo o povo acompanha o imperador segurando pavios acesos, de cera de abelha. Há baile. Aponta-se sua existência em Natividade (com cavalhada, folia do Divino e caretas), Monte do Carmo, Taguatinga, Tocantínia, Peixe, Paraná, Niquelândia [8].

No Nordeste destaca-se no Maranhão, com características próximas às amazônicas. Ocorre em muitas localidades mas é mais destacada em São Luís e em Alcântara [9].

No Piauí é bem menos marcante. Há novenas e a folia do Divino, conhecida sob o nome de “bandeira do Divino”, com ocorrência em maio. Registrada em Oeiras e Simplício Mendes, por OLIVEIRA (1977).

Desconheço referências de sua existência no Ceará, Rio Grande do Norte [10], Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

A Bahia conheceu a tradição em Juazeiro (junho), Olivença (móvel), Porto Seguro (Pentecostes), Prado (idem), Bom Jesus da Lapa (com cavalhada) e Salvador. Informa VIANNA (1981) que há procissão com bandeira em diversos municípios. A principal característica da festa na capital baiana é o imperador menino, ricamente trajado, portando cetro, acompanhado pelo substituto, guarda de honra, irmandade religiosa com suas opas e banda de música, rumando para a prisão, onde ocorre o ritual da libertação dos presos na fortaleza. QUERINO (1955) esclareceu que esse ritual se dava através do pagamento pelo imperador da dívida que motivou a prisão, devolvendo assim a liberdade. Em Bom Jesus da Lapa comparece um curioso grupo de caboclinhos com a peculiaridade de usarem máscaras.

O Centro-Oeste é um grande celeiro desta festa, notadamente em Goiás, onde alcança grande pompa: Pirenópolis (a mais famosa)[11], Goiás, Catalão, Santa Cruz, Jaraguá (com cavalhada, contradança e tapuios), Luziânia, Posse (cavalhada), Corumbá de Goiás (cavalhada), Mossâmedes, Itaberaí, Conceição do Norte, Dianópolis. No estado de Goiás são destaque as cavalhadas e as folias do Divino.

No Mato Grosso os estudos de PEREIRA (1984) sobre cavalhada apontaram Festas do Divino em Poconé e São Luís de Cáceres, onde este folguedo aparece por ocasião do evento. MENDONÇA (1977) também as cita em Cuiabá, arrematando a festa. HAUG (1982) encontrou folias do Divino em Bonsucesso (Várzea Grande), Coxipó do Ouro (Cuiabá).

Em Mato Grosso do Sul surge próximo à divisa com o Triângulo Mineiro. A folia do Divino tem aí características que lembram as folias de Reis [12].

O Sudeste é outro grande centro dessas comemorações. No estado do Espírito Santo, apesar deste nome é festa quase desconhecida. As informações disponíveis são parcias. Quando lá residi entre 1989-1992, só resistia em Marataízes, mesmo assim muito decadente, com o nome de “Festa das Canoas”, devido ao desfile embarcado no mar, com a folia, dentro de barcos enfeitados de bandeirinhas de papel. Dão várias voltas defronte a vila (então distrito de Itapemirim; hoje emancipou-se) e de tanto em tanto os barcos se encostam e a folia salta em pleno mar, de uma embarcação para outra. Noutro barco vai a imagem de N. S. dos Navegantes, que tem uma ermida na praia, sobre um rochedo. Por fim atracam e na praia mesmo, a folia canta longamente. Devotos trazem fitas de várias cores e põe na bandeira; dão uma esmola e retiram uma fita que lá já estava, abençoada. É o ritual da troca de fitas. Mais tarde a folia canta entre as dezenas de barracas de comes-e-bebes da praça, coletando óbolsos. Vi as barracas lotadas de gente

totalmente alheia à festa. A folia, muito simples, tinha uns cinco cantores, uma mulher levando a bandeira e o único instrumento era uma caixa. Consta que outrora também usavam viola e à noite dançava-se o caxambu. Os principais agentes dessa festividade eram os *maratimbas*, caipiras litorâneos daquela região. Esta festa foi estudada por BRAGA (1940), NEVES (1953-4) e PACHECO (1966). Na cidade de Viana, de forte influência açoriana, a festa se realizava em Pentecostes, tendo folia do Divino, imperador e imperatriz, segundo informes de MELCHIORS (1962). NEVES (1978) informa que a festa vinha desde 07/07/1817 [13]. Em Vila Velha seguiam-se aos moldes de Viana, destacando a folia e o canto do *Te-Deum Laudamus*, segundo DUARTE (1980). Foi registrada em Conceição da Barra, por OLIVEIRA (1949-50), com folia do Divino (saindo no Domingo de Ramos), distribuição de pães bertos, procissão, oferta de mesa de doces e bebidas. As folias do Divino, averigui, independente de festas, havia em Iconha, Carapebus e Manguinhos (Serra), Fundão, Regência (Linhares).

No Rio de Janeiro é agora rara mas já marcou época [14]. Houve folias do Divino no norte do Estado, região de São João da Barra, mas desapareceram. Persiste a festa em Saquarema, com destaque para a folia do Divino, com seu ritual de bênção da farinha. No litoral sul: Angra dos Reis e Parati - com folia do Divino, dança-dos-velhos, coquinhas, jardineira e moçambique bate-paus (vindo de Cunha/SP) - e na área metropolitana: Rio de Janeiro, Nilópolis, Niterói: com maior influência portuguesa direta. A irmandade nesta área é constituída por açorianos e descendentes. Há império, ladinhas, orações próprias, distribuição de carne (benta pelo padre), banda, foguetório. Um garrote é enfeitado e levado ao altar, onde lhe batem à perna fazendo-o ajoelhar diante do altar, quando então cantam acompanhados pela guitarra portuguesa. Dizem que é o “vitelo do Divino”. Também há leilão e coroação do imperador e imperatriz. FRADE (1979) estudou de forma competente estas festividades no Rio de Janeiro.

Minas Gerais nutre grande amor a estas comemorações. O seu mapeamento de 1998 indicava cento e doze municípios onde se festejava o Espírito Santo, concentrado no centro para norte e noroeste. Em Montes Claros há nesta festa catupé, marujada, caboclinhos e outrora o bumba-meu-boi, segundo PAULA (1957). Em Diamantina, onde a festa alcança extraordinário esplendor, marujada, segundo MARTINS (1981), mas pode também ter caboclinhos. Este autor citou em outra obra que no norte mineiro o Divino é comemorado extensamente, com mastro, leilão, terços, ladinhas, enfeites de folhagens, bandeirolas, arcos de bambu para passar procissão, cavalhadas. Na festa que havia em Viçosa tinha cavalhada assim como em Brejo do Amparo. No Serro, marujada e caboclinhos. Em Novo Cruzeiro, no vale do Jequitinhonha, a folia do Divino é diurna e canta no período de 3 de maio a 2 de junho [15].

São Paulo pratica intensamente a Festa do Divino, com grande riqueza de manifestações culturais. A folia do Divino é bastante divulgada no interior. Foi registrada em: São Luís do Paraitinga (jongo, dança-dos-velhos, caiapó, moçambique bate-paus, miota (boneca gigante, provável corruptela de minhota, ou seja, natural do Minho, Portugal) e boi, joão paulino e maria angu (casal de bonecos gigantes), Cunha (idem, além do boi-pintadinho), Silveiras (julho), Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Natividade da Serra, Itapecerica da Serra, Nazaré Paulista, Santa Isabel, Mogi das Cruzes (com a famosa entrada dos palmitos), Santo Amaro, São Paulo, Avaré, Cotia, Salesópolis, Paraibuna, Laranjal Paulista, Santana do Parnaíba, Anhembi, Tietê, Piracicaba, Itu, Jacupiranga, Iporanga (junho), Nuporanga (julho), Piedade (agosto), Cananéia, Iguape, Itanhaém, Guararema, Ubatuba, Lagoinha (com diversas danças rurais: lundu, cana-verde, batuque, samba-rural, fandango).

Os informes sobre o Paraná são pouquíssimos. É afamada a tradição de Guaratuba, com folias do Divino [16].

Já em Santa Catarina a festa é mais difundida e guarda boa parcela de influência açoriana. Segundo SOARES (1979), pode ser vista em: Barra Velha (maio, junho), Jaguaria (julho), Santo Amaro da Imperatriz (maio, junho) - com pomposa comemoração - Florianópolis (maio) - a “Festa da Laranja”. Tem sido intensamente estudada por Lélia Pereira Nunes.

O Rio Grande do Sul ainda preserva a tradição, por exemplo em Osório, Viamão, Mostardas, Criúva, Segredo, Santo Antônio das Missões, Porto Alegre, São José do Norte. A influência açoriana é grande [17].

LOCAL	CARACTERÍSTICAS E PERSONAGENS ELEMENTARES
Criúva/RS	Mastro levantado com banda de música, capitão de mastro, toque de sino e fogos. Bênção dos tambores e bandeiras antes da saída das folias do Divino. O

	bandeireiro da folia é chamado alferes. Tropeiros do Divino (cavaleiros que recolhem o gado doado). Novena. Jantar. Baile. Missa Solene. Procissão. Imperador isolado numa figuração triangular formada por varas (o mais tradicional é a formação quadrangular). Encerramento da festa com baile, coroação da rainha e investidura das aias.
Mostardas/RS	Seis rapazes com opas vermelhas acompanham a banda para levantar mastro. Presença do festeiro, espadim (menino trajado de pajem e portando cetro) e alferes da bandeira. Novena: noveneira e festeira com bandeiras. Reuniões dançantes com jantares. Peditório. Dia Maior: missa, almoço festivo, procissão. O festeiro carrega a coroa e vai dentro de um quadro. Escolha do novo imperador. Jogos. Bailes.
Viamão/RS	Presença do imperador menino.
Mossâmedes/GO	Folias do Divino, encontro das Bandeiras, novenas nas fazendas, novena na cidade, mastro, fogueira, leilão, missa, procissão, banda, catira, bailes, imperador, capitão de mastro, alferes da Bandeira. Reza de terços. Coretos cantados no levantamento do mastro. Rancho alegre (para os comes-e-bebes e danças). Circos. Tourada. Dramas. Juízes para cada dia de novena. Fogos. Zeladores de andor. Imperador no quadro de varas.
Anhembi/SP	Cortejo fluvial embarcado: barracão das canoas, derrubada das canoas, festeiros da semana, leilão da noite. Mastro fincado desde o ano anterior. Viajam em irmandade com trajes específicos. Pousos, rezas, ladinhas, alimentação farta, dança-do-cururu, rojões e trabucos. Alvorada. Mastros nos pousos. Folia do Divino. Fogueira. Promessas, ritual dos amortalhados. Hinos a Nossa Senhora, andor de N. S. Aparecida saudado por folia do Divino, andor de São Benedito. Canto da saranga (cantochão caipira), revoada de pombos. Missa em honra a Nossa Senhora dos Remédios. Império do Divino. Coroação de Nossa Senhora. Barracas, tourada, parque de diversões. Missa. Almoço festivo. Leilão de gado e de prendas com banda presente. Procissão. Escolha do novo festeiro pelo padre.
Parati/RJ	Levantamento do mastro na Páscoa: irmandade do Divino, capitão de mastro, alferes da bandeira, festeiro e festeira, foguetório, banda, folia do Divino. Império com Insígnias. Dança-das-fitas, dança-dos-velhos, ciranda, boi-pintadinho, moçambique. Leilões. Missa. Coroação do imperador.
Saquarema/RJ	Mesmos padrões gerais. Ritual da Bênção da Farinha. Festeiro e festeira são chamados juiz e juíza. Há trono e império.
Nilópolis, Niterói, Rio de Janeiro/RJ	Irmandade particular do Divino Esp. Santo. Império com insígnias do Divino. Ladinhas, orações, distribuição de carne benta antecedida de passeata das reses enfeitadas que serão abatidas (vitelo do Divino), acompanhadas por banda de música. Cantorias ao Divino à moda portuguesa (desgarrada, tocada com guitarra). Leilão. Distribuição de roscas para alimentação. Coroação (imperador/imperatriz). Guarda de Honra. Foguetório. Bandeiras.
Mogi das Cruzes/ SP	Entrada dos palmitos. Festa começa na Ascenção do Senhor. Mastro. Comidas típicas. Moçambique e congada. Quermesse. Procissão com bandeiras do Divino. Alvorada. Gincana: pau-de-sebo, porco ensebado, corrida do saco, corrida do ovo. Catira. Folia do Divino. Império.
São Luís Paraitinga/SP	Comidas típicas. Cavalhada. Danças folclóricas: moçambique, jongo, dança-das-fitas, folia do Divino, congada, joão paulino e maria angu. Encontro de bandeiras. Reiques de sinos. Foguetório. Procissão, missas, bandas de música, setenário, alvoradas, orquestra, bênção do SS. Sacramento. Império do Divino. Leilão de prendas e de animais. Imperador e pagens.
Rio Grande do Sul	Folias em Santo Ângelo, Cachoeira do Sul, São Luís Gonzaga, Vacaria, Sto. Antônio da Patrulha, São Francisco de Paula, Soledade (folias do Divino, ditas companhias). Folia benze a casa em dia de tempestade. Festa com jogos, comidas típicas, procissão, mastro. Porto Alegre: parque de diversões, barracas de jogos. Outrora foguetório. Eventualmente, bandas. Farta iluminação. Havia leilão de pombos que depois de arrematados eram soltos.
Santa Catarina	Folias em Campeche (Ribeirão da Ilha), Pantanal (Trindade), Capoeiras (Estreito) – na capital. Em Trindade, é tradição vender-se bergamotas em pencas como parte dos festejos. Os imperadores são duas crianças ricamente vestidas (presença de espadins). Folia em Mirim (Laguna). Bandeira escoteira (isto é, sem tocadores)

	em Tijucas, com imperador, que distribui títulos de nobreza: duques, marquesas, condes. Em Brusque e Blumenau a festa se limita a missa e quermesse.
Paraná	Folia do Divino em Guaratuba.
Brejo do Amparo/ MG	Imperador sorteado oferta comes-e-bebes e dá dinheiro para a festa. Rezas. Leilões. Batizados e casamentos. Ruas são lavadas, enfeitadas de arcos de bambu e tapetes de flores e folhas. Cavalhada, inclusive com o ritual dos encamisados.
Montes Claros/ MG	Festa em conjunto com a de Nossa Senhora Rosário e São Benedito. Missas. Reinado. Marujada, caboclinhos, catopé, cavalhada. Almoço coletivo. Distribuição de doces.
Cuiabá/MT	Cavaleiros fantasiados anunciam a festa. Cavalgada. Peditório com bandeira e cetro. Folia. Foguetório. Banda de música. Tourada. Dança do cururu.
Porto Estrela/MT	Rei, rainha, capitão de mastro, alferes da bandeira. O juiz é a maior autoridade abaixado do festeiro. Trono. Folia do Divino montada. Muitos enfeites e comidas tradicionais. Procissão. Danças: de São Gonçalo, cururu, siriri. Jogo de truco (baralho). Fogueira. No dia seguinte à festa os foliões tomam um banho no Rio Paraguai.
São Mateus/ES	Bodo. Folia do Divino. Bênção de pães na missa de Pentecostes.
Nazaré Paulista/ SP	Divino co-festejado com Sagrado Coração de Jesus e São Lázaro. Alvorada. Comidas típicas. Fanfarra, quermesse, leilão de prendas. Congada, moçambique, caiapó, samba folclórico. Pau de sebo, gincana, banda, duplas de violeiros. Folia do Divino. Missas. Procissões. Império. Terço e ladinhas.
Lagoinha/SP	Folia do Divino, moçambique, joão paulino e maria angu, congada, danças diversas. Gincana. Casa da festa. Leilão de gado. Leitão ensebado, corrida do saco. Alvorada.
Piracicaba/SP	Leilão. Foguetório. Encontro de canoas e bandeiras. Cateretê, dança do tangará, samba-rola, samba-lenço, batuque, congada, folia do Divino, cururu, cana verde. Irmãos vestidos como marinheiros.
Laras – Laranjal Paulista/SP	Terço, ladinha, cânticos religiosos, encontro das Bandeiras embarcadas. Foguetório. Mastro. Procissão. Leilão. Barracas. Rodeio. Capitão de mastro, alferes da bandeira.
Tietê/SP [18]	Encontro das canoas. Cururu, folia do Divino. Apresentações artísticas. Banda. Foguetório. Procissão. Irmandade do Divino. Alvorada. Revoada de pombos.
Pirenópolis/GO	Alvorada da novena com a banda de couro (conjunto de tambores). Banda. Sinos. Missa e procissões. Mastro e fogueira. Mordomo da fogueira, da bandeira e do mastro. Imperador. Cavalhada. Congo, folias do Divino, pastorinhas, tapuios, vilão. Juizado de São Benedito e reinado de Nossa Senhora do Rosário (comemorada junto). Rei e rainha do Rosário, de S. Benedito, juízes de vara, ramalhete, cordão, flores (1º a 3º graus).
Goiás/GO	Folia. Novena solene. Imperador, alferes da bandeira, capitão de mastro. Serenata do Divino. Visita musical ao imperador. Mastro. Banda. Congos, tapuios. Alvorada com banda e missa festiva. Imperador escoltado com banda. Distribui-se santinhos e estampas. Fogos. Comes e bebes. Procissão luminosa.
Alcântara/MA	Caixearas do Divino. Mastro. Doçaria típica (doces de espécie). Mordomos. Visitas musicais ao imperador.
São Paulo/SP	Folias do Divino. Império: barracas, pau de sebo, leilões, baile, ceia, desafios de violeiros, fogueiras.
Carazinho/RS	Imperador e pagens tem trono decorado na igreja. A insígnia que o imperador guarda durante o ano vem processionalmente para a igreja na abertura da novena e aí fica durante seu transcurso. Ao fim da festa, a insígnia é levada para a casa do novo imperador, em procissão, onde rezam no tempo certo um terço. Um almoço de confraternização finaliza.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - PELLEGRINI, Ilza de Paula. Festa do Divino em Portugal e no Brasil. **Leitura**, S. Paulo, 9(98) jul.1990.

[2] - Citada por Riolando Azzi. **O Episcopado do Brasil frente ao Catolicismo Popular**. Petrópolis: Vozes, 1977.

[3] - LUNA, Francisco Vidal, COSTA, Iraci Del Nero da. **Minas Colonial**: economia e sociedade. (Apud TINHORÃO, José Ramos. **As Festas no Brasil Colonial**. São Paulo: 34, 2000. 176 p.il. p. 138-9).

[4] - Nessa cidade paulista o dado foi levantado no Livro Tombo da Matriz, folha 5, por Lucilla Hermann, in: Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos. **Revista de Administração**, mar./jun./1948, n. 5-6. p. 49 (apud Alceu Maynard Araújo, *op.cit*).

[5] - Na Cidade da Bahia a festa era na Matriz de Santo Antônio de Além Carmo.

[6] - Conforme Reginaldo Gil Braga, em grupo de trabalho no XII Congresso Brasileiro de Folclore, 2006, Natal/RN.

[7] - A mesa do inocentes ocorre em outras partes do Brasil como pagamento de promessa. Outro processo ritual corrente no país é a mesa dos cachorros (PA, RN, MG), onde uma toalha com pratos de refeições é posta no chão e ofertada a vários cães como pagamento de promessa a São Lázaro, geralmente contra feridas incuráveis que cicatrizaram milagrosamente por obra deste santo.

[8] - Muitas informações sobre esta tradição no Tocantins me foram pessoalmente fornecidas nos anos 2000 e 2001, pelo folclorista Francisco Pitombeira de Freitas, então Presidente da Comissão Tocantinense de Folclore, a quem agradeço pela gentileza e confiança.

[9] - Sobre a Festa do Divino no Maranhão, onde é célebre, ver: LIMA, Carlos de. **Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara**. São Luís. 1972. 40 p.

LIMA, Roldão de. Festa do Divino em Alcântara. **O Estado do Maranhão**, São Luís, maio/1976.

VIEIRA FILHO, Domingos. **As Festas do Divino Espírito Santo**. São Luís. 1954.

[10] - Em Vera Cruz/RN, notei uma festa litúrgica em 26/11/1997, que tinha entretanto um mastro de ferro com uma bandeira do Divino nele hasteado, na praça fronteiriça à matriz.

[11] - Ver: DO VAL, Anamaria. Divina e profana. **Globo Rural** (revista), Rio de Janeiro, Globo, n. 155, set./1998.

[12] - Informações pessoais gentilmente cedidas pela folclorista Marlei Sigrist, em 1996 e 1999, a quem agradeço. Em setembro de 2006, expôs no Congresso de Folclore realizado em Natal, onde passou informações importantes sobre as tradições sul-mato-grossenses, inclusivo acerca do Divino.

[13] - Baseado em Heribaldo Lopes Balestrero, **Subsídios para o Estudo da Geografia e da História do Município de Viana**.

[14] - Sobre a Festa do Divino fluminense ver: DUQUE, M. de Paula. Festa do Divino em Parati. **Boletim da Comissão Fluminense de Folclore**. Rio de Janeiro. 1970. n. 3. p. 25-26.

LAMAS, Dulce Martins. Festa do Divino: Angra dos Reis. **Revista Fluminense de Folclore**. Rio de Janeiro: CDFB / FUNARTE, jan./1964. n. 1.

LIRA, Mariza. **Migalhas folclóricas**. Rio de Janeiro. 1951.

[15] - **I LIVRO COLETIVO DE NOVO CRUZEIRO**. N.Cruzeiro: COENA, [s.d.]. p. 6-7.

[16] - MULLER, V. de Sousa. **Aspectos Tradicionais da Festa do Divino no Paraná**. Curitiba, 1956.

[17] - Ver: RIBEIRO, Paula Simon. Festa do Divino / BRAGA, Reginaldo Gil. Folclore Musical do Espírito Santo: Folia do Divino em Osório. In: AGRIFOGLIO, Rose Marie Reis (org.). **Contribuições luso-açorianas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2002.

[18] - Sobre a Festa de Tietê ver: PELLEGINI FILHO, Américo. **O Divino em Casa, na Rua e no Rio**. Osaka (Japão): Américo Pellegrini Filho / Hirochika Nakamaki, 1994. Senri Ethnological Reports 1 / National Museum Of Ethnology.

A construção da capela e a primeira festa

Passado em revista o panorama histórico-cultural dessa devoção e de sua expressão festiva em Portugal e no Brasil é tempo de concentrar as atenções em Matosinhos, de onde as notícias setecentistas são parcas.

Antes da construção da capela o lugar era conhecido por Vargem da Água Limpa ou Vargem do Porto Real. Os dois nomes se justificam pela geografia do lugar, num extenso platô entre o Ribeirão da Água Limpa e o Porto Real da Passagem, na margem do Rio das Mortes, que também tem contiguidade em direção ao imenso Bairro da Colônia e a atual cidade de Santa Cruz de Minas (emancipada de Tiradentes em 1995). A vargem propriamente dita está apenas no perímetro fluvial. Com a edificação da capela começa a correr o nome “Matosinhos da Água Limpa” e por fim se fixa em definitivo como Matosinhos. Eis a força da devoção, capaz de alterar um topônimo antigo e arraigado.

A primeira notícia do templo é de 06 de maio de 1769 e refere-se à doação de 1.500m de terra para a edificação que se pretendia fazer em honra ao Bom Jesus.

A seguir vem um extenso edital, de 29 de maio de 1770, que se refere à necessidade de construção da Capela do Senhor de Matosinhos e conformação do arraial, que se pretendia erguer e que corresponde à origem do atual núcleo do bairro. Ordenava que aqueles que possuíssem terras no lugar apresentassem os documento de posse à Câmara [1] :

Registro de hum Edital para quem tiver titulos de terras na vargem do Porto Real, antigos ou modernos, os ponha na mão do Escrivão do dº Senado no termo de 3 dias.

O Juíz, vereadores e procuradores do Senado da Câmara desta Vila de São João del-Rei do Rio das Mortes etc. Porquanto como o aumento desta Vila a tem destituído de logradouros comodos com que o povo possa edificar casas e pelas diminutas concessões estão precisados de comprar hortaliças para uso cotidiano daqueles poucos que mais caros cuidarem em fazer dilatadas chácaras nas quais fazem essas plantas com utilidade propria e havendo-se tambem introduzido o abuso em algumas poucas pessoas para com o falso motivo de quererem edificar se apropriarem dos outros logradouros mais distantes que houverem por concessões deste Senado iludidos por sugestões de poderozos e também por considerarem verdadeiras as suplicas quando só eram dirigidas sem animo de edificar ou tapar e só de segurar as terras para as venderem aos verdadeiramente carecidos quando lhes assistia igual direito para entrarem na repartição destes terrenos publicos e baldios como ao presente se reconhece e finalmente querendo-se edificar na dilatada vargem do Porto Real a Capella do Senhor de Matosinhos necessaria não só para o culto daquella devotissima Imagem, mas para que os actuaes moradores daquella paragem possam assistir ao preceito dominical sem o incommodo que padecem, e competindo ao nosso arbitrio destinar a situação, formosura do terreno e acomodaçao do muito povo que se vê carecido e nos tem requerido o que outros querem impedir com os seus chamados títulos de que nunca uzaram e só alcançados e reservados para este fim pelo que já no ano de mil setecentos e secenta e cinco se declararam nulos e se não tapassem em trinta dias e outros com a má posição das terras que posteriormente se lhes concederam pretendem apropriar-se de partes muito consideráveis daquele terreno a que pretendemos ir para se arbitrar a melhor formalidade da mesma Capella logradouros e arruamentos com que deve edificar-se o novo Arrayal que alli se pretende fazer, determinamos que toda a pessoa ou pessoas que delas tiverem titulos antigos ou modernos os ponham em poder do Escrivão que este subescreveu em 3 dias que corram da data deste para a vista deles se deliberar o que for justo conforme as suas qualidades e serem atendidos os que estiverem na partilha com a atenção que merecem e a todos se assinou a formalidade lugar e posição com que devem edificar sob pena de não exibindo no dito termo não se atenderem mas se repartirem as terras sem mais atenção do que aqueles podem merecer e para que chegue a notícia de todos e não possam alegar ignorância mandei passar este que se fixará no lugar costumado. Dado e passado nesta Vila de São João del-Rei em Câmara de 29 de maio de 1770. (grifei)

O trecho que diz “*para o culto daquela devotíssima imagem*”, deixa subentendido que a imagem do Bom Jesus já poderia existir naquela época. Mas não há clareza nesta informação e o assunto pode ser mesmo controvertido exigindo estudos técnicos específicos. Por exemplo, no livro referente às três décadas da diocese de São João del-Rei, existe informação que a imagem foi trazida de Portugal em 1778. Haveria uma imagem primitiva anterior?

A provisão eclesiástica que concedeu licença para a construção da capela é de 1771[2]. Seu patrimônio foi doado pelo Padre Dr. Matias Antônio Salgado em 1773 [3]. Sabe-se que em 1774 já estava concluída ou ao menos em condições de uso e sediou então a primeira festa que se tem notícia e um casamento.

Talvez a sua construção tenha motivado a especulação imobiliária local. Neste mesmo ano, esclarece CINTRA (1982) enviou requerimento à Câmara tendo em vista o aparecimento de supostos proprietários. O petionário desejava ampliar suas terras ali, mandando fazer tapumes. Houve reação dos interessados, que apresentaram títulos de propriedade das terras pretendidas. Na alegação do petionário consta que ...

no tempo em que os donatários requereram terras na mesma paragem já estava de posse das suas, compreendendo as mesmas todo o âmbito desde as casas que fez Luiza Tereza até o Valo do Gondim e daí para cima até umas casas que foram de Manoel Pinto em linha reta e da parte do valo até uma chácara pegada à do Guarda-mor João de Almeida Ramos, compreendido todo o vão que hoje serve de área à capela do Senhor de Matosinhos, e que no tempo de sua concessão nem havia a capela que se fez posterior, nem casas algumas.

A câmara foi inspecionar o local em demanda a 19 de maio de 1774, representada pelo juiz capitão Jerônimo de Paiva, os vereadores, tenente Francisco Ribeiro de Sousa, João da Costa Vale, o cirurgião-mor Joaquim Lopes Vale e o procurador Manoel Caetano da Silva. Decidiram que Francisco Mendes não fizesse outras tapagens, “*sob pena de ser preso*”. O mesmo termo de vereança diz [4]:

E attendendo-se a esta Capella do Senhor de Mattosinhos edificada com grande tortura o que hé irremediável, deve-se formalisar já o terreno e a rua em forma que a indireitem para a maior formusura della e trajecto publico. (...) E que por se haverem feito alguns ranhos por occasião da presente festividade tambem requer que se proceda a vistoria nelles, citados os mesmos edificantes, (etc., grifei)

A “tortura” da edificação pode ser vista na famosa gravura de Rugendas que a mostra com as torres voltadas na direção da confluência do Água Limpa com o Rio das Mortes. Em função disto, as principais avenidas do bairro (Josué de Queiroz e Sete de Setembro), foram abertas fora do alinhamento paralelo, sendo divergentes a partir da igreja. Os ranchos citados foram anualmente armados por muito tempo, feitos de bambu, pita e folha de coqueiro, cobertos também de capim. Chamavam-lhe também casinholas [5]. Alojavam romeiros e sediavam bares improvisados, botequins, bodegas, tabernas.

Em 08 de agosto de 1774, segundo Osni Paiva, no jornal **Comunidade**,

D. Bartolomeu Manuel Mendes Rios, Bispo de Mariana, concedeu licença para celebrar missa na igreja de Matosinhos: 'hei por bem conceder para usar a ermida que se fez erigir para se louvar ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos da freguesia de São João del-Rei, na qual poderá celebrar o Sacrifício da Missa'.

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - Registrado no Livro da Câmara Municipal de São João del-Rei, referente aos anos 1766-1773, folhas 224 e 224v. Foi transscrito pelo jornal são-joanense **O Dia**, n. 57, 25/03/1912, p. 1. Deste, foi feita uma compilação pelo jornal **Diário do Comércio**, desta cidade, edição n. 3.480, de 18/09/1949, sob o título “Igreja de Matosinhos”. Também citado por CINTRA (1982).

[2] - Encontrei divergências sobre a data desta provisão: 13 de junho, 06 de setembro, 13 de setembro.

[3] - Outro documento de data controversa segundo as diferentes fontes: 18 de fevereiro, 28 de fevereiro, 14 de maio. Padre Matias era jesuíta, Vigário Colado da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar. Proveu, doou e constituiu o patrimônio da capela.

[4] - Livro referente aos anos de 1773-1777, fls.78-80. Trecho transscrito do jornal são-joanense **O Dia**, de 26/05/1912.

[5] - Na Festa do Divino de Mossâmedes/GO, montava-se o “Rancho Alegre”, de madeira e palha, onde se executavam bailes, segundo BRANDÃO (1985).

O título jubilar

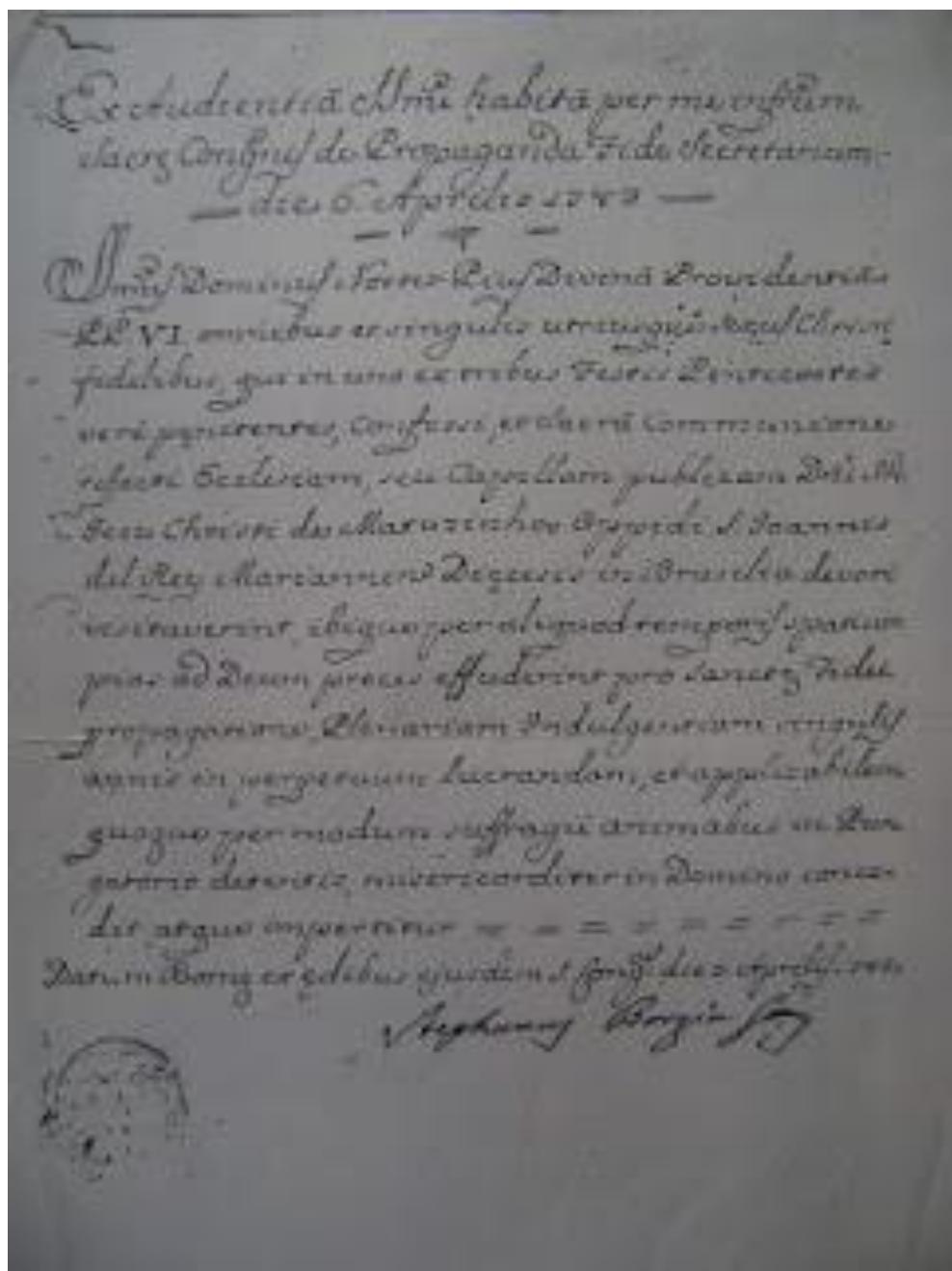
Jubileu é a festa religiosa que rende indulgência ao fiel que está batizado, não excomungado e em estado de graça. Segundo o Código de Direito Canônico (Can.992), entende-se indulgência como:

Remissão diante Deus, da pena temporal pelos pecados já perdoados quando à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos .

O festejo do jubileu é antiquíssimo e tem bases bíblicas: era uma festa realizada a cada 50 anos, quando os campos deviam descansar e as propriedades negociadas voltavam ao dono original. Alguns escravos eram libertos. Abria-se o ano jubilar com o toque de uma trombeta de chifre de carneiro chamada em língua hebraica jobel, donde veio jubileu, pelo latim *jubilaeum*. Interessante notar a coincidência do número cinquenta: 50 anos – jubileu bíblico / 50 dias – tempo pascal, que se encerra em Pentecostes.

Pois bem. A festa de Matosinhos cresceu numa proporção considerável. Os dados disponíveis, do século XVIII são muito poucos, mas é possível esta dedução pelo fato de que apenas em nove anos de existência

(1774-1783) o festejo alcançou autorização papal para a forma jubilar, o que é um feito notável, índice inconteste de sua dimensão.



Breve Pontifício de 1783

Para se ter uma ideia do significado deste fato, frise-se que hoje (2009) somente quatro festas em toda a região tem tal título, a saber: Jubileu da Santíssima Trindade, em Tiradentes (datado de 1776), Jubileu de Nossa Senhora de Nazaré, em Nazareno (de 1864), Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em São João del-Rei (1924 – para a festa de 3 de maio e 1961 – para a festa de 14 de setembro) e o de Pentecostes, do Divino Espírito Santo, da mesma cidade e paróquia (datado de 1783).

Este último foi concedido sob a forma de um breve pontifício, cujo original se encontra nos arquivos de Mariana, conforme notícias orais. Há em torno dele uma controvérsia infrutífera que defende que esse jubileu foi concedido para o festejo do padroeiro e o Divino entrou por assim dizer de carona, o que não passa de ponto de vista sobre o mesmo documento. O fato é que a concessão jubilar beneficiava conjuntamente as duas devoções posto que se comemoravam juntas e ainda a de Nossa Senhora da Lapa. Porém há de se frisar que foi concedido para a festa de Pentecostes, que sempre foi a data do Divino.

Hoje é conhecido graças aos estudos de LAGO (2003), que na verdade o Papa Pio VI, que concedeu o breve, não favoreceu só a festa em questão com as indulgências plenárias. De fato Sua Santidade era pródigo em decretar jubileus, tanto que por meio de outros breves, a essa condição, elevou as seguintes festas do Bom Jesus de Matosinhos:

- de Congonhas (3 de maio e 14 de setembro), em 1780;
- de Conceição do Mato Dentro (3 de maio e 24 de junho), em 1787;
- de Itabirito (14 de setembro), em 1789.

* Texto: Ulisses Passarelli

Procissão do Imperador Perpétuo

Na década de 1830, surgem notícias específicas sobre a Festa do Divino em São João del-Rei no jornal **O Astro de Minas**, focalizando uma procissão que se tornou famosa. Saía da Igreja de São Francisco de Assis e vinha até a de Matosinhos, passando pelo Matola (atual Rua Padre Sacramento). Este é o caminho antiquíssimo que dava acesso ao bairro e ao Porto (não havia ainda a Rua Antônio Rocha, que só foi aberta após a construção da estação ferroviária, cerca de cinquenta anos mais tarde). Na procissão a imagem de Santo Antônio de Pádua (ou de Lisboa) era trazida dentro de uma liteira enfeitada. O santo é o imperador perpétuo da festa. A edição nº 119, de 20/05/1834 do citado jornal diz:

Os mesários do Divino Espírito Santo, anunciam que a posse é no dia 1º de junho do corrente ano às três horas da tarde, e que pretendem levar Santo Antônio da Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, para Matosinhos, com a decência possível como é de costume; para isso rogam a todas aquelas pessoas, que se quiserem aprontar de cavalo para acompanhar, o façam àquela hora impreterivelmente.

TRINDADE (1952) narrou um fato curioso, no qual um vigário de São João del-Rei, idealizou finalizar essa procissão [1]:

Comerciantes e festeiros do Divino, em São João del-Rei, elegeram Santo Antônio por Imperador Perpétuo de sua festa. Por isto faziam transportar, no início da novena, a imagem do santo imperador de São João para Matosinhos onde a festa se fazia. Ia o santo numa liteira ricamente adornada, amparado por um sacerdote revestido por estola e pluvial, seguido de pomposo acompanhamento. Certo vigário quis acabar com o piedoso costume e fez reclamações ao bispo. Este com habilidade, para não suscetibilizar o seu escrupuloso cooperador, conta o que se fazia em Portugal com as imagens da Senhora de Nazaré e da Arrábida, conduzidas também por ocasião de suas festas em luxuosas carruagens e em distâncias mais consideráveis. Era até a Família Real muitas vezes juiz destas festas. “Recentemente (continua) não há dois anos, o mesmo nosso augusto soberano o fez praticar no Rio de Janeiro, fazendo conduzir do mesmo modo a imagem da Senhora da Penha para a sua capela, na distância de duas ou três léguas da cidade e regressaram do mesmo modo... À vista de tudo isto não fique V.R. com o menor escrúpulo.” E Dom Frei José acaba louvando a piedade do povo e aprovando francamente a pitoresca cerimônia.

O historiador CINTRA (1974-5) localizou outra notícia desse período:

Lemos no “Astro de Minas”, 1º jornal de S.João del-Rei, edição de 10 de junho de 1837, que a 13 do mesmo mês e ano sairia da Igreja de S.Francisco para Matozinhos a imagem de Santo Antônio, numa procissão patrocinada pelo Imperador e Festeiros do Divino Espírito Santo. Santo Antônio havia sido eleito Imperador Perpétuo da Festa.

Na frente da procissão ia como abre-alas um cavaleiro em animal ataviado. Portava um estandarte com a pintura do Espírito Santo. Por muitos anos esse cargo foi exercido pelo sr. Luciano Bonaparte, que ficou assim registrado por uma crônica localizada pelo pesquisador ADÃO (2001)[2]:

caboclo reforçado, de proporções hercúleas, mal encarado, sempre vestido de modo extravagante. Vinha todos os dias à cidade, montado num ginete bem ensaiado e trazendo aos pés um par de chilenas de prata. Dizia-se que era filho único de pai abastado e, que, com a morte deste, tornou-se herdeiro a ½

légua de S. João del-Rei, de vinte e tantos escravos. Mas era mal homem, cita o cronista que escreve no “Arauto de Minas”, em 1878, sob o pseudônimo de “Macedônio”. Pior ainda, como senhor de escravos. Acabou por matá-los um a um pela má e porca alimentação, muito serviço e bárbaros castigos. Contudo o maior prazer de Luciano era ir como alferes porta-bandeiras na procissão de São Jorge, para o que reservava sempre o seu melhor cavalo. A molecada sempre o acompanhava aos aplausos e Luciano voltava para casa cheio de si, depois de ter percorrido as principais ruas da povoação. Luciano Bonaparte fardava-se ricamente, calçava botas de Napoleão e cingia reluzente espada de alto preço. Montava, então, corpulento e fogoso animal, ajaezado de prata e ornado de fitas de várias cores. Carregava com garbo, da igreja de São Francisco até Matosinhos, uma vistosa bandeira, abrindo caminho para a triunfal procissão de Santo Antônio. Grande multidão acompanhava o andor do Santo. Todo mundo elogiava o esplendor da montaria e das vestes de Luciano, que se transformava numa das importantes figuras da solenidade.



Procissão do Imperador Perpétuo. Desenho: Osni Paiva.

[1] - O fato narrado tem data desconhecida. Está compreendido porém obrigatoriamente no intervalo de 25/03/1820 e 20/09/1835, que corresponde ao arquiepiscopado de Dom José da Santíssima Trindade, em Mariana/MG, frei franciscano envolvido no caso relatado. Este arcebispo era português, natural do Porto, nascido a 13/08/1762. Faleceu em Mariana, a 28/09/1835.

[2] - Extraído do jornal são-joanense **Arauto de Minas**, n. 17, de 14/07/1878. Macedônio, que o assina, é pseudônimo de Dominiciano Leite Ribeiro, o Visconde de Araxá. Figurão político, tinha sido governador de São Paulo trinta anos antes.

Outros comentários

O **Astro de Minas** foi o primeiro jornal da cidade e o segundo mineiro. Referencia a Procissão do Imperador Perpétuo, Santo Antônio de Pádua, assim nomeado pelos comerciantes locais, contrapondo-se ao imperador móvel, humano, que perde seu cargo em cada Pentecostes, dando lugar a outro. Era um cortejo religioso querido, concorrido e pomposo, descendo desde a Igreja de São Francisco de Assis até a do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, pelo antigo e longo caminho já citado, provocando grande entusiasmo na sua chegada, na véspera de Pentecostes.

Interessante seu cortejo numa liteira, veículo de transporte dos ricos fazendeiros e comerciantes, que em suma eram importantes agentes promotores da festa. A liteira conferia ao próprio santo um ar senhorial, bastante adequado para um festejo aristocrático, promovido sem dúvidas pela classe dominante. E se a crônica relata que os comerciantes contribuíram na escolha desse santo, não deixa de ser intrigante nomearem justo ele, que não é padroeiro dos comerciantes, mas dos militares e das moças casadouras. Santa Lídia é a padroeira dos comerciantes, mas não goza de um milésimo da popularidade de Santo Antônio.

Não se sabe ao certo por qual razão Santo Antônio foi escolhido imperador perpétuo. Tudo fica no campo hipotético. Sua altíssima popularidade mesmo antes de falecer e a sua capacidade oratória extraordinária, devem ter contribuído para a escolha. A grande eloquência catequética, sempre foi considerada inspiração divinal. Essa capacidade do santo lhe valeu o título de “Martelo dos Hereges” (pois em seus sermões combatia firmemente os pecadores) e “Tuba Evangélica” (pela veemência com que pregava a palavra santa).

E um fato em especial pode ter motivado a escolha. Na páscoa do ano 1227, narra o reverendíssimo Padre At, da Congregação do Sagrado Coração, de Toulouse (França)[1], aconteceu o seguinte fato extraordinário, na presença do Papa Gregório IX:

A maravilhosa nave do Espírito Santo, S^o Antonio de Padua, um dos discípulos e companheiros que S. Francisco havia escolhido, e o que elle chamava seu vigário, pregava uma vez perante o Papa e os cardeais no consistório, onde se achavam homens de diversas nações, gregos, latinos, franceses, alemães, slavos, inglezes, e de outros varios paizes. Elle foi inflamado pelo Espírito Santo e anunciou a palavra de Deus de um modo tão efficaz, tão devoto, tão penetrante, tão suave, tão claro e intelligente, que todos os presentes, conquanto fossem de linguas diversas, entenderam todas as suas palavras clara e distintamente como se houvesse falado a lingua de cada um, e ficaram todos estupefactos. Pareceu ver-se renovar o antigo milagre dos Apóstolos no tempo do Pentecostes, quando pela virtude do Espírito Santo falavam todas as linguas; e os cardeais diziam uns para os outros: não veio da Espanha este que prega? E como, pois entendemos todos na sua lingua a do nosso paiz? O Papa reflexionava como os outros, e, maravilhado pela profundeza desta pregação, exclamou: na verdade, este é a Arca do Testamento, e o thesouro da Santa Escriptura. (grifei seus outros títulos)

O acontecido sem dúvidas denota que o grau de santidade deste taumaturgo era também fruto de intensa efusão do Espírito Santo sobre ele.

Por outro lado houve um costume europeu muito antigo de se nomear santos para determinados cargos, hábito também adotado no Brasil. A esse respeito, LEAL (1994) lista entre as “censuras e leis” que afetaram as festas do Divino no Arquipélago dos Açores, aquelas instituídas pelo bispo Dom João Maria Pimentel (1876), proibindo a saída de imagens nos cortejos, após constatar que “em algumas freguesias há o costume de nos bodos do Espírito Santo acompanharem **imagens de santos** o **préstito, com o título de pajens da coroa**” (p. 273. Grifei). Santo Antônio por sua popularidade inigualável foi especialmente farto nesse sentido. Como exemplo, em 1767, ganhou o posto de coronel das tropas da capitania de São Paulo [2]. CASCUDO (s/d) lista uma série de títulos que este santo ganhou no Brasil:

justificando-se sua intervenção quando de lutas armadas, na Bahia, Santo Antônio foi capitão na Fortaleza da Barra, em 1705, alferes no bairro da Mouraria em 1800, com 120\$ anuais, sargento-mor em 1810 e tenente-coronel em 1814, com o soldo anual de 720\$, pago até 1907. Em São Paulo foi coronel. Capitão em Goiás. Soldado na Paraíba e Espírito Santo. Tenente-coronel no Rio de Janeiro em 1814. Capitão de cavalaria em Vila Rica (Ouro Preto, Minas Gerais). Tenente no Recife, com 34\$400 anuais. Vereador em Igaraçu, Pernambuco. Grão-cruz da Ordem de Cristo em 1814, dada pelo príncipe regente Dom João.

E porque não imperador perpétuo em São João del-Rei? ...

A função de imperador é sempre anual. O título de imperador é móvel, como se diz. Desconheço a sua perpetuidade, exceção feita ao caso de Santo Antônio, que até prova em contrário, é único, no Brasil e em Portugal, insular ou continental.

Junto com a coroação do imperador, a procissão é o evento da programação que mais evoca a festa antiga. Outrora ocorria no dia em que começava a novena, trazendo a imagem do santo para participar das rezas em Matosinhos. Fazia-se acompanhar a cavalo, tendo à frente de todos um cavaleiro, portando o estandarte do Divino, ricamente trajado e o cavalo enfeitado. Por muitos anos o cavaleiro foi o sr. Luciano Bonaparte, que tinha uma chácara no bairro Bonfim.

Seria de fato exótico ou no mínimo estranho e incomum uma imagem rua afora, dentro de uma liteira, acompanhada por cavaleiros, por tão grande distância. Um vigário de antanho tentou acabar com o préstito, escrevendo ao bispo da época, mas não conseguiu o intento. Estranhava o aspecto processional.

Com os olhos atuais é possível compreendê-la melhor. Santo Antônio foi nomeado imperador, com honras perpetuadas pelos comerciantes. Ora, São João del-Rei sabidamente viveu do comércio desde que a febre do ouro acabou. Tornou-se um grande entreposto comercial, verdadeiro empório mineiro no século XIX, estabelecendo rotas comerciais com o Rio de Janeiro (então capital do Brasil), com a capital da província (Vila Rica, hoje Ouro Preto), com o sertão (centro-oeste e oeste de Minas) e toda circunvizinhança enfim. Os comerciantes eram ricos e respeitados, influentes na sociedade, cuja economia era sobretudo por eles movimentada. Esses potentados e suas madames, que passeavam pelas ruas em liteiras (carregadas nos ombros dos escravos ou presas às arreatas de duas parelhas de cavalgaduras), serpentinas, cadeirinhas de arruar, coches, seges, ao escolherem o dito santo como imperador, automaticamente passaram a tê-lo como seu representante na estrutura festiva e assim seria natural que ele se apresentasse no evento com tal importância para a sociedade local, no conforto de uma liteira, tal como o abastado senhorio que o elegera e que em última análise patrocinava a festança. Fica claro portanto o lado aristocrático desse prísterito processional, no contexto histórico festivo.

Mas rapidamente o costume desapareceu. Não se sabe a razão. Faltam dados. De todas notícias coligidas nos jornais a partir da década de 1870, nenhuma em absoluto cita qualquer menção a essa procissão, por mais vaga que fosse. Seria inadmissível que passasse despercebida da imprensa da época, tal seu valor social e religioso, pois o **Arauto de Minas, O Repórter, A Nota, O Combate** e outros mais, detalhavam as atrações atenciosamente. A procissão do Imperador Perpétuo estava mesmo desaparecida.

Apesar de hoje a comissão primar pelo cunho religioso desse evento há quem o encare como alegórico o que não corresponde à realidade bem fundamentada. É com certeza uma procissão colorida, vivaz, que se destaca daquelas outras mais contemplativas, senão mesmo tristonhas, mas definitivamente, não é um mero desfile. Em razão dessa observação, parece estar a pouca freqüência de representantes dos sodalícios religiosos da cidade, apesar da abundância de convites. Exceção feita de modo especial à Irmandade do Santíssimo Sacramento de Matosinhos, Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis e Venerável e Episcopal Confraria de São Gonçalo Garcia. As demais, não todas, eventualmente mandam alguns representantes mas as três citadas tem participação ativa. Ao contrário, na procissão do Divino, efetuada no dia seguinte, o comparecimento dos sodalícios é bem maior, embora não ainda ideal.

No que pese todo o esforço de divulgação empreendido pelos festeiros, por todas as vias possíveis, esta procissão ainda não alcançou a popularidade pretendida e que ela decerto merece. Apesar de bem estruturada e com atrativos suficientes, tem sido pequena a participação de fiéis neste evento. Poder-se-ia atribuir esta constatação aos seguintes fatores:

- itinerário muito extenso (cerca de 3 km), demorado para ser transposto e com subida;
- longo período sem ser realizada, criando um buraco na tradição de se participar dela, que só o tempo poderá fechar;
- a supra-referida concepção (equivocada) de que ela tenha pouco aspecto religioso;
- o fato de ser uma procissão secundária ou coadjuvante dentro da festa (a principal é a do Divino);
- incompreensão – apesar dos constantes esclarecimentos prestados – da razão de existir uma procissão em honra a Santo Antônio, dentro de uma festa consagrada ao Espírito Santo;
- o fato de ter saída no período diurno, já que a grande maioria das numerosas procissões desta cidade é noturna. Muito embora chegue em Matosinhos já com a noite.

A chegada a Matosinhos é eufórica, embora a procissão nunca tenha conseguido reunir grande número de fiéis. As paradas que se faziam na Gruta e na Santa Clara estão abolidas desde 2002, por perturarem a ordem do itinerário e o delongarem demais. Sem paradas, consumiu 1 h e 35 em 2003 para honrar o trajeto.



*Procissão do Imperador Perpétuo ganha a Rua Bernardo Guimarães.
As Folia do Divino garantem a parte musical alternadamente em todo o trajeto.*

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 27/05/2012

[1] - AT, (Padre). **História de Santo Antonio de Padua**: segundo as fontes agiographicas dos seculos XIII, XIV e XV. Tradução Mons. Dr. José Basilio Pereira. Salvador: São Francisco, 1913. 419 p. p. 169.

[2] - **REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO**, v. 2, p. 91-2, 1934.

Fase áurea

Dos primeiros cem anos de festas religiosas e populares em Matosinhos pouco se sabe. As notícias são exíguas, lacônicas e esparsas. Traçar um panorama é portanto tarefa ingrata e pouco fidedigna.

Só com o surgimento do importante jornal **Arauto de Minas**, em 1877 é que se encontram notícias mais completas e frequentes acerca das festividades em questão. E a divulgação pela imprensa da época prossegue também noutros jornais antigos e pode ser rastreada até quase cinquenta anos adiante.

Graças a isso foi possível compreender a evolução dos festejos e constatar que as três ou quatro últimas décadas do século XIX, devem ter constituído aproximadamente a sua fase áurea. A parte religiosa era bem desenvolvida e se dava a ela sempre grande destaque. Centralizava os festejos. Gravitando ao seu redor as atrações populares se baseavam em manifestações folclóricas, música de bandas e orquestras, espetáculos pirotécnicos, quermesses, leilões, iluminação atrativa, enfim, predominava o aspecto comunitário, o ambiente familiar, a alegria espontânea.

Obviamente que um grau de grande organização e de estabilidade do programa festivo como esse em questão, não surge do dia para a noite. É o resultado de um longo trabalho vindo de décadas anteriores.

Contudo essa estabilidade se viu ameaçada pela invasão dos jogos de azar, a princípio lenta depois célere. As bancas de jogos dominaram o largo, espantando todos os divertimentos tradicionais. A imprensa demonstrou que nos primeiros anos do século XX a parte religiosa estava tênue e era apenas o pretexto que atraía a população, que realmente se interessava pelas apostas na roleta, jaburu, pavuna, dados, etc. O ar bucólico desapareceu na entrada dos anos vinte. A festa então era mais aristocrática que nunca ...

* Texto: Ulisses Passarelli

As festas de 1923

Não faz muito tempo este blog noticiou o nome da Imperatriz do Divino do ano de 1927, a esposa do ilustre Basílio de Magalhães, sra. Flávia Ribeiro de Magalhães. Prosseguindo as pesquisas, agora do ano de 1923, este post traz a lume os nomes do Imperador **Antônio Balbino de Souza** e da Imperatriz **Antônia de Araújo Simões**.



Em 1923, às vésperas da proibição ou remodelação imposta pelo processo de romanização da Igreja, os legendários festejos do grande bairro são-joanense eram organizados por uma extensa comissão de festeiros, dividida em três grupos, um para cada dia de festa. O primeiro dia, Domingo de Pentecostes, dedicado ao Espírito Santo, era o com maior número de cargos, incluindo além do casal imperial, três *caudatários* (pajens da imperatriz), três *pagens do estoque* (vassalos do imperador), três *alferes da bandeira* (entre os quais Samuel Soares de Almeida), vários mordomos e irmãos de mesa.



Os outros dois dias, segunda e terça-feira, consagrados respectivamente ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos e a Nossa Senhora da Lapa (que o jornal pesquisado cita apenas como N.S.da Conceição), tinham cargos relevantes na figura dos juízes (as):

- Manuel da Cunha Lima (Bom Jesus)
- Carmen Mello (Bom Jesus)
- Amarante Araújo (Nossa Senhora)
- Anna Lopes de Oliveira Alves (Nossa Senhora)

Além do juizado um grande número de irmãos de mesa foi listado para cada dia. A lista de nomes se completa com três cargos importantes, servindo a todos os dias festivos:

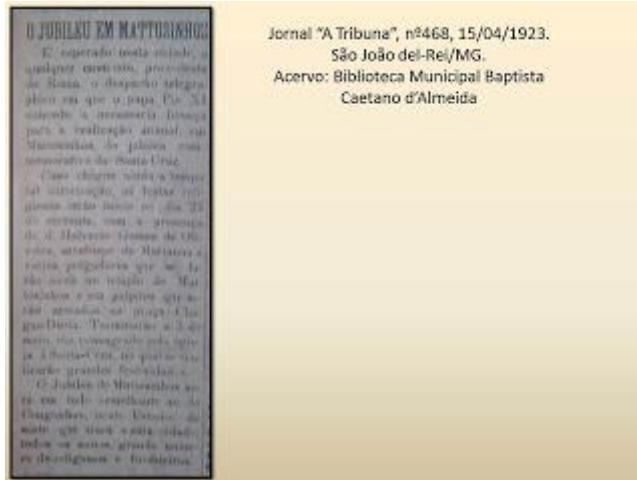
- Tesoureiros: André Bello / Irineu Cantelmo
- Secretários: João Francisco Nogueira / João Evangelista Pequeno

- Procuradores: Teophilo Rodrigues (1º dia) / Joaquim Rodarte (2º dia) / Eduardo Cancio Rodrigues dos Santos (3º dia)

Os procuradores tinham um papel especial na administração dos festejos, semelhante ao do atual presidente da comissão de festa.

Mais uma vez, a listagem revela ainda nessa época, nomes importantes da sociedade são-joanense envolvidos com o evento, tais como o célebre fotógrafo André Bello, os maestros João Pequeno (que nomina uma rua do centro histórico desde 1949, o antigo Beco da Romeira) e Teophilo Rodrigues (notável regente da Banda Teodoro de Faria, por longos anos), dentre outros.

Por estas alturas, os planos de mudanças para a festa já andavam à plena, pois uma notícia, da mesma época, revela a intensão de formar em Matosinhos um jubileu da Santa Cruz, pela passagem da data do 03 de maio, que converteria a formatação dos festejos para os moldes da festa de Congonhas, com a presença do próprio arcebispo, Dom Helvécio Gomes de Oliveira.



No ano anterior já havia acontecido em setembro um jubileu dedicado ao Sr. Bom Jesus de Matosinhos, o primeiro até aqui noticiado nesta data, anterior ao que imaginávamos como inicial (nos princípios dos anos 50). Notícia muito interessante, de leitura custosa, revela que, antecedido por uma novena, no dia principal, o Padre A.C.Rodrigues fez enérgico sermão enaltecedo os valores da cruz aos fiéis. Missa, concorrida procissão do Santíssimo Sacramento e sua bênção respectiva, *te-deum* e um destaque para o grande número de comunhões, mostram a nova diretriz festiva já esboçada e de linha bem evidente e firme. Mais uma vez, há a promessa de fazer para 1923 um jubileu "igual ao de Congonhas do Campo", segundo intensão do festeiro, Coronel J.Severiano da Silva, o que é muito sintomático.



As diretrizes novas para os festejos de Matosinhos já estavam semeadas e em vias de implantação. A romanização estava a todo vapor. A supressão da festa em 1924 foi uma atitude drástica e marcante para deixar bem claro à comunidade a nova ordem de comemorações.

Referências Bibliográficas e Hemerográficas:

- GAIÓ SOBRINHO, Antônio. Bandas Musicais em São João del-Rei e a Banda Teodoro de Faria. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, v.10, 2002.
- GUIMARÃES, Fábio Nelson. Ruas de São João del-Rei. São João del-Rei: FAPEC, 1994.
- Jornais antigos do acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, São João del-Rei:
 - A Tribuna, n.464, 18/03/1923
 - A Tribuna, n.468, 15/04/1923
 - Acção Social, n.858, 21/09/1922

Notas e Créditos

* Texto, pesquisa e foto-montagens: Ulisses Passarelli.

O problema da jogatina

A invasão dos jogos

O jogo de azar é um velho problema nesta festa, mas ao que parece não existiu desde seu princípio. Os jornais pesquisados mais antigos não o citam. Não localizei informação precisa sobre quando foi introduzido. Os dados disponíveis confluem para a década de 1880. Esta aproximação hipotética, até prova contrária, se respalda em duas pistas:

- trecho memorialístico da crônica “Prosas”, assinada por “Salusto” e publicada no jornal **O Dia** , nº 65, de 23 de maio de 1912, que escreve retrospectivamente, afirmando que antes da inauguração da ferrovia (1881) não havia nestas festas jogo algum, “não havia ainda o jaburu fora, nem o poquer dentro das casas”;
- a primeira citação a algum jogo no evento surge em 1883, apenas de passagem. Sem dar qualquer importância ao fato, o **Arauto de Minas**, nº 2, de 17 de maio daquele ano diz que houve “jogos variados”, numa enumeração de fatos que ocorreram na comemoração.

Seria cabível a suspeita que a jogatina tenha se estabelecido com o advento da ferrovia? Ou se acentuado

com esta? A chegada do trem representou uma forte mudança na sociedade local[1], índice de progresso, trazendo com facilidade muitos forasteiros e com eles novos hábitos e interesses exacerbados pelo intercâmbio entre regiões. No mais, o trem carreava banqueiros de jogos de lugar a lugar onde houvesse festa. Que eram forasteiros este trecho comprova: “(...) e todos ganhavam. Não há banqueiro que perca, o que equivale dizer que a festa faz desviar da praça muito dinheiro, carregado pelos banqueiros de fora” [2].

Em 1898 foi noticiado “jogos variados de mil diferentes espécies” [3] e no ano seguinte aparece esta citação: “inúmeras barraquinhas, onde os jogos, os meios esquisitos são exibidos (...) e naquela promiscuidade feliz todos se divertem a vontade” [4].

Certo é que o crescimento da jogatina se deu célere e começou a causar polêmica já no ano subsequente, combatido por uma parte da imprensa. Um jornal diz que o hábito se fixara, sugerindo que fosse combatido. Traz como título, “Roleta” [5]: “Esteve em pleno reinado a roleta durante os tres dias de festas.”

A partir de então as citações ao jogo tornam-se corriqueiras: “a roleta campeou em liberdade e mais um filho-família teve ocasião de iniciar-se no vício” [6].

Em 1896 alcançara grandes proporções: “mil e uma roletas, centenas de jaburus, rodas da fortuna, vermelhinha, cavalinhos, dados chumbados” [7]. Quase que só jogos para tomar dinheiro dos incautos como expressamente diz o semanário, taxando tudo de “razão do progresso”. Esse irônico tom exclamativo é mais uma prova de que anteriormente o jogo não existia.

Foi porém no ano de 1906 que o jogo alcançou proporções absurdas, obscurecendo até a parte litúrgica. No importante artigo “A Esmo”, Sylvio Celio retrata com clareza o que estava ocorrendo. Ele próprio dizia apreciar este gênero de divertimento mas não da maneira descabida com que tomou conta de todos, numa verdadeira onda viciosa e promiscua[8]: “sou de opinião que a festa de Matosinhos agora passe a chamar-se festa da jogatina (...) mais nada houve ali de divertimento público do que os jogos (...) agora foi tudo avassalado pelo jaburu, empolgado pela roleta, etc. (...) e foi isto a festa de Matosinhos: jogo desde a manhã até a noite, alta hora (...) a festa desse quarto dia só consistiu de jogo, sem ao menos o disfarce das cerimônias da Igreja”, etc.

A festa assumia assim em definitivo sua nova cara. Os jogos lastraram desordenadamente, confirmam diferentes jornais locais: “as casas todas tomadas por bancas de jogos” [9]; “a parte religiosa resumiu-se por determinação do re^{mo}. Pároco” (e fala então dos jogos) [10]; “jaburus, pavunas, roletas, pinguilim” [11]; “jogos e rodas de fortuna” [12]; “diversos jogos” [13]; “ali todos são tentados pelo demônio do jogo” [14]; [a jogatina] “ocupava toda a multidão de fiéis devotos” (com severas críticas contra o vício desenfreado)[15]; “Há ali quermesses, solenidades religiosas, jogo” [16], dentre outros exemplos.

Importante referência de estudo fornece uma edição [17] do **Minas-jornal** de 1918, através da crônica intitulada “Festa fúnebre”. Seu signatário, Jacque Saint, critica de forma incisiva o aspecto triste da comemoração devido à total falta de atrativos e excesso de jogo. Descreve de forma clara a mudança que estava acontecendo na estrutura festiva, que já não era mais a mesma:

Sobre toda essa companhia melancolizante e macabra, espia empoeirada e cemiterial, a alta figura do Pavilhão, á maneira dum velho mal caiado de pó de arroz, a tuberculizar o scenario; bruxoleiam lamparinas de tabernas sobre mesas repletas de chicaras sujas e pasteis suspeitos; do coreto, a banda solemniza funeraes. Em vez de musicas brilhantes, de tangos desavergonhados e canções gritantes de cabaret, muitas vezes a banda se inteiriça em marchas de opera, intervalladas de silencios graves, alarmadas com toques bruscos de todos os instrumentos.

Nesta amplitude avassaladora que o jogo assumiu, foram aos poucos sendo abandonados os antigos divertimentos mais sadios e tradicionais. A parte religiosa chegou a ser obscurecida. Lamentava-se também que a festa ganhara ar aristocrático, embora ainda com imensa participação popular.

Os vários jornais tomavam posições diversas diante desse quadro. Uns meramente noticiavam, sem tomar partido, assegurando que era a festa preferida dos são-joanenses, inclusive da elite. Talvez por isso, com medo de alguma consequência opressora da parte dos poderosos da cidade, não opinavam.

Outros eram visivelmente a favor do jogo... e outros mais, contra... Enfim a conotação da imprensa também dependia dos ideais políticos dos grupos que por detrás dominavam este ou aquele jornal.

A força da festa era grande e em 1920 surge uma notícia de uma subvenção por meio de verba pública municipal [18].

O reinado do jogo, de extenso domínio e de promissor crescimento, resultou na determinação proibitiva por ordem do então arcebispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, em 1924, a pedido de sacerdotes são-joanenses. Ou pelo menos esta foi a alegação[19].



*Dom Helvécio Gomes de Oliveira, Arcebispo de Mariana,
que em 1924 paralisou as festas de Matosinhos.*

* Texto e foto-montagem: Ulisses Passarelli

** Foto: Jornal *O Correio*, nº383, 10/02/1934, São João del-Rei/MG. Fonte: acervo digital da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida](#)

[1] - A título de exemplo basta lembrar que um século mais tarde, quando chegou a Ferrovia do Aço nesta cidade e sobremaneira no distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, fortes mudanças na sociedade foram notadas, nem todas positivas. No seu rastro, digo, dos forasteiros que vieram trabalhar em sua construção, veio a esquistossomose, a intensificação da prostituição e das drogas.

[2] - **A Nota**, n. 22, 28/05/1917.

[3] - **O Resistente**, n. 144, 02/06/1898.

[4] - **S. João d'El-Rey**, n. 19, 27/05/1899.

[5] - **Pátria Mineira**, n. 55, 29/05/1890.

[6] - **Pátria Mineira**, n. 203, 25/05/1893.

[7] - **O Resistente**, n. 55, 30/05/1896.

[8] - **O Repórter**, n. 18, 10/06/1906.

[9] - **O Repórter**, n. 18, 10/06/1906.

- [10] - **O Repórter**, n. 16, 26/05/1907.
- [11] - **A Opinião**, 11/06/1911.
- [12] - **O Repórter**, n. 319, 26/05/1912.
- [13] - **Acção Social**, 28/05/1912.
- [14] - **A Tribuna**, n. 97, 14/05/1916.
- [15] - **A Nota**, n. 22, 28/05/1917.
- [16] - **A Tribuna**, 26/05/1918.
- [17] - Número e data ilegíveis devido à danificação do cabeçalho. Exemplar do arquivo do IPHAN.
- [18] - **O São João del-Rei**, n.8, 06/05/1920.
- [19] - Acerca do arcebispo, observar esta irônica notícia dada pelo **Minas-jornal**, n.108, 31/05/1919: “*o arcebispo de Mariana candidatou-se, novamente, á Academia Brasileira de Letras, para a vaga de Alcindo Guanabara. É a nevrose de ser medalhão*”.

Suspensão da festa e sua repercussão

Muitas festas populares e religiosas encerram suas atividades devido à decadência, enfraquecimento gradativo dos componentes festivos, alterações sociais, dissoluções comunitárias. Definitivamente não foi o que aconteceu com a de Matosinhos [1].

No tempo em que foi proibida era gigantesca, capaz de esvaziar a cidade e lotar o arraial. Milhares e milhares de pessoas vinham de toda a redondeza participar. Não havia decadência mas sim um aspecto diferente daquele dos tempos mais antigos. O lado profano, reduzido ao jogo, sobreponha-se desconcertante ao lado religioso, tão subtraído que fora, que já não passava de pretexto oficial à realização da festa. Disfarce, como disse um jornal.

Mas aconteceu em abril de 1923, na cidade de Juiz de Fora / MG, a Conferência Episcopal da Província de Mariana. Das resoluções tomadas, as de nº 15 e 16 diziam respeito exatamente aos jogos em festas de igreja e serviram de justificativa para a paralisação dos festejos no ano seguinte. Senão, vejamos um texto a propósito, intitulado “Festa de Mattosinhos” [2] :

Não poucos commentarios tem merecido o facto de não se realizarem este anno, os idolatrados festejos de Mattosinhos. Não só em palestras: tambem alguns jornaes já se hão ocupado do momento assumpto, uns com aplausos com censuras e ceremonias outros... Poderíamos, sem esforço e com segurança, mostrar a sem razão dos que, não sabendo ou não querendo pesar os motivos da privação, chegam ao excesso, que lastimamos, de se referir com pouca reverencia ás auctoridades responsaveis no caso em apreço. Abstemo-nos entretanto, de qualquer argumentação. Melhor: resumimo-la na citação que vamos fazer de dois artigos (15 e 16) das “Resoluções”, aprovadas nas conferencias episcopaes da Provincia de Marianna, realizadas em Juiz de Fora, em abril de 1923:

“Prohibimos em absoluto (o grypho é nosso) os bailes em beneficio de instituições catholicas, bem como outras festas de beneficio com jogos de azar ou divertimentos de moralidade duvidosa.
Prohibimos igualmente as festas religiosas, com jogos a dinheiro, nas praças ou em quaesquer lugares franqueados ao povo (é ainda nosso o grypho), determinando aos Rev. Vigários que recorram ás auctoridades, e, no caso de nada conseguirem, suspendam immediatamente os actos do culto, seja na sede da parochia, seja em capellas.” [3]
São claros... Quereriam os amigos da festa de Mattosinhos que o sr. D. Helvécio revogasse (e por amor de quê?!) o que ficou taxativamente resolvido?

Realmente o caso deu margem e extensas brigas, encabeçadas de um lado pelo monsenhor Gustavo Ernesto Coelho (pároco e vigário forâneo) e frei Cândido Wroomans, OFM, pelo jornal **Acção Social** (digamos, contrário à festa), e de outro, pelo professor Bento Ernesto Júnior [4], pelo jornal **A Tribuna** (por assim dizer, favorável à festa), com adeptos de parte a parte.

Acentuaram-se as porfias no **Acção Social** de 1924:

- 12/06, n. 473 (*Festa de Mattozinhos*, a redação)[5] ;
- 18/06, n. 474 (*Festa de Mattosinhos*, “Mário”);
- 26/06, n. 475 (*Festa de Mattozinhos*, “Sertório”);
- 26/06, n. 475 (*Festa de Mattozinhos*, A. de Lara Resende);

- 08/07, n. 476 (*Ainda a Festa de Mattosinhos*, monsenhor Gustavo Ernesto Coelho);
- 08/07, n. 476 (*Festa de Mattozinhos*, frei Cândido Wroomans- carta aberta respondendo acusações) [6];
- 08/07, n. 476 (*Festa de Mattozinhos: aquella que o snr. Bento patrocina...*, A. de Lara Resende);
- 10/07, n. 477 (*Festa em Mattozinhos*, monsenhor João Pio);
- 24/07, n. 479 (*Festa de Mattozinhos*, A. de Lara Resende - carta aberta ao arcebispo);
- 24/07, n. 479 (*A Festa de Mattozinhos*, João L.da C. - carta enviada de Belo Horizonte);
- 24/07, n. 479 (*Ainda a Festa de Mattozinhos*, “Saulo”).

Com outro tanto de respostas em **A Tribuna**, também em 1924:

- 22/05, n. 545 (*Chronica*, Bento Ernesto Júnior);
- 01/06, n. 548 (*Palmo e meio*, “T.B.”);
- 05/06, n. 549 (*Respondendo a uma torpeza*, Hildebrando de Magalhães);
- 05/06, n. 549 (*Chronica*, Bento Ernesto Júnior);
- 08/06, n. 550 (*Festa de Mattosinhos*, anônimo);
- 12/06, n. 551 (*Palmo e meio*, “T.B.”);
- 15/06, n. 552 (*Festa de Mattosinhos*, Bento Ernesto Júnior - carta aberta a frei Cândido);
- 15/06, n. 552 (s/título, D. Helvécio Gomes Oliveira a Basílio de Magalhães - comentários de Bento Ernesto Júnior);
- 19/06, n. 553 (*Festa de Mattosinhos*, João Thomé);
- 29/06, n. 556 (*Pá de cal...*, Hildebrando de Magalhães);
- 29/06, n. 556 (*Festa de Mattosinhos*, Bento Ernesto Júnior);
- 17/07, n. 561 (*Festa de Mattosinhos*, Bento Ernesto Júnior - resposta ao mons.João Pio).

Num palavreado infundável, os longos textos descrevem o descontentamento de ambos os lados. De sua leitura se depreende que a briga tomara a horas tantas, um caráter pessoal, quiçá político. Artigos inteiros nem sequer comentam a festa, mas apenas que fulano ou beltrano não tem bom senso, moral, caráter, piedade, educação, cultura, catolicismo, civismo e outras coisas mais. Alguns usaram de pseudônimos para assiná-los. Surgiram artigos de matéria paga. Revidava-se. Escreviam-se tréplicas. Um deles, contra-festa, encerrou-se dizendo: “*A esses amigos da Festa - católicos ou não - pedimos pouco, muitíssimo pouco: é que sejam razoáveis!...*” (**Acção Social**, n. 473). Bento Ernesto Júnior na edição 522 d’**A Tribuna** escreveu com veemência contra frei Cândido, culpando-o pela paralisação, o que causou fortes protestos no **Acção Social**, n. 474 e 475. Bento Ernesto Júnior, de outro lado, em extensas argumentações, condenava a busca paralisação, pois não considerava os jogos justificáveis para tanto e ainda criticou o uso de alcunhas pelos signatários das matérias. Daí por diante cada acusação induzia a uma resposta. Enfim, a polêmica foi escandalosa.

Vale destacar que o assunto tomou proporções acentuadas: uma carta vinda da capital do estado foi publicada pelo **Acção Social**. Outra matéria contrária à festa, foi publicada no jornal **O Município**, de Lavras, assinada por um “sr. X”, que mereceu dura resposta de Hildebrando de Magalhães, porque o tal acusara a festa de ter tamanha desordem que redundou no assassinato de um homem a punhaladas na porta da Igreja de Matosinhos, poucos anos antes. O defensor argumentou que o fato ocorreu mas que não fora motivado por desordens da jogatina, mas por uma questão pessoal entre os contendores. Lá de Lavras o sr. X lançou de novo n’**O Município**, toda sorte de impropérios contra Hildebrando, que ainda uma vez o retruca a 29 de junho. Até o deputado federal Basílio de Magalhães, escreveu um telegrama ao arcebispo pedindo reconsiderar a decisão. Este lhe respondeu por carta, que a decisão podia ser temporária, até se resolverem os problemas que acometiam os jubileus, como o de Piracicaba, Bacalhau, Congonhas, etc., e que não guardasse rancor. Não é de admirar esta resposta. Bento Ernesto Júnior já escrevera ao vigário uma carta aberta, na qual indagava acerca da proibição, do por quê ... “*não a estendeu até a festa da Trindade, em Tiradentes, que é a mesmíssima festa de Mattosinhos, com algumas aggravantes a mais? Porque não foi prohibida a festa de Congonhas-do-Campo, que é a mais desbragada feira de libertinagens, latrocínios e desordens?*”

Acusa então a justiça empregada de ser semelhante a de Pilatos. Já dissera antes, a 22 de maio, sobre a acusação de imoralidade deste evento que se a festa era imoral então... “*immoral é toda a família sanjoannense, que, ha seculos, a vem assistindo e nella toma parte.*” Realçando a atitude hipócrita do clero, lembrou das coletas em prol da Igreja que fazia frei Cândido, que, nos seus dizeres, “*há vinte anos explora o povo em Mattosinhos com riscas e cumbucas*” (**A Tribuna**, 17 de julho).

“T. B.” já dissera com lamúria a 01 de junho que o mesmo arcebispo, que quando de sua estada em São João elogiara as crianças, agora suprimia seus divertimentos com o fim da festa:

creancinhas que gostam tanto da festa e do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, do cavallinho de pau, do busca-pé, do pau de sebo com a nota de cinco mil réis ventilando lá em cima, do trem, do innocenté jaburú, do foguete de lagrimas. (...) impossível. Não creio. S.rev. gosta muito de pilheriar. E, muito respeitosamente, peço venia a s.revma para dizer-lhe que, desta vez, a graça está meio dura de se roer...

A reação contra a atitude eclesiástica foi tão intensa que se articulou fazer uma festa sem atos religiosos, só com parte profana, obtendo esta idéia tal apoio, que **A Tribuna** de 08 de junho diz :

Está plenamente assentada a realização da tradicional festa de Mattosinhos, que terá logar em tres dos ultimos dias do corrente mez. Com o objectivo de promovel-a, está sendo constituída uma importante commissão, que terá o patrocínio da nossa Camara Municipal. (sic)

A doze daquele junho remoto reafirma expressamente: “*serão feitas, ainda este mez, as festas de Mattosinhos, sem as solennidades religiosas*”.

Na citada carta (fechada) de D. Helvécio Gomes de Oliveira a Basílio de Magalhães, havia esta famosa promessa, para amenizar o descontentamento dos são-joanenses e a justificativa de que a festa só estaria paralisada até o seu cumprimento: “*mandei dar os passos precisos para a criação da parochia de Mattosinhos, talvez ainda neste anno a inaugurar-se*”.

A paróquia contudo somente foi inaugurada 36 anos depois da promessa.

Esta carta gerou novas polêmicas, pois os que apoiavam a Igreja diziam que Bento Ernesto Júnior que a publicara, não tivera autorização para tal. Vale ressaltar que o diretor de **A Tribuna** era o sr. Basílio de Magalhães.

É fato que os meandros desta polêmica merecem um estudo à parte, à luz dos interesses políticos e religiosos da época.

Um ato público com banda de música e discursos foi feito em frente a Matriz do Pilar em apoio a frei Cândido, notícia o **Ação Social** a 06 de agosto (n. 480), sob o título “Manifestação de Apreço”, discursando o dr. Augusto Viegas (pelos católicos da cidade), dr. Pinto Coelho (pela União Popular e Irmandades religiosas), prof. Lara Resende, sr. Alberto Magalhães Filho (em nome da mocidade católica) e sr. Guilherme Barcelos (pelos operários).

Monsenhor Gustavo já sofria há tempos de severa enfermidade e faleceu pouco depois, a 20/08/24. O **Ação Social** do dia 22 daquele mês (n. 483) traz estampada a foto do sacerdote em meio a uma longa matéria a seu respeito, emoldurada por uma larga tarja preta em sinal de luto. Com sua morte a briga esfriou. Frei Cândido[7] assumiu interinamente o seu cargo até que se nomeou para tal o jovem padre José Maria Fernandez, de respeitadíssima memória nesta cidade. Foi o fim da polêmica e o retorno da festividade, ainda que simplificada, naquele ano excepcionalmente em setembro e a seguir na data convencional ou a 3 de maio, dia da Invenção da Santa Cruz.

A briga terminou inglória, sem vencidos, sem vencedores, causando desgastes em cada parte.



*O professor e poeta Bento Ernesto Júnior, numa fotografia de autor e data não identificados, publicada pelo jornal **O Repórter**, nº32, 25/08/1907, São João del-Rei/MG, acervo da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.*

Notas e Créditos

*Texto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

[1] - Não obstante a imensa popularidade do Divino nessa região mineira é notória a ausência de templos a ele consagrados. Contudo há registro de um capela da qual é o orago no antigo Pântano das Lavras do Funil, citada por Sebastião de Oliveira Cintra na efeméride de 20 de outubro de 1806, e outra, na zona rural de São Vicente de Minas, à qual tinha relevantes trabalhos de talha e pintura, esta de estilo ilusionista, atribuída a Joaquim José da Natividade. Alvo de depredações em razão do isolamento, teve sua parte artística trazida para São João del-Rei onde foi restaurada pelas competentes mãos de Carlos Magno de Araújo e foi incorporada a uma Capela do Espírito Santo, construída aqui, na Rua Maestro Batista Lopes (antiga Rua das Flores), graças aos esforços encabeçados pelo Monsenhor Sebastião Raimundo de Paiva. Foi benta em 2012.

[2] - **Ação Social**, 12/06/1924.

[3] - Não obstante este texto ser de junho de 1924, seis meses antes tais resoluções já haviam sido publicadas na cidade, como se pode conferir no **Ação Social**, n.447, de 13/12/1923.

[4] - Há uma rua com o seu nome no Bairro Dom Bosco (parte do Bairro das Fábricas). Escreveu a letra do hino da cidade.

[5] - O redator era o próprio Monsenhor Gustavo.

[6] - Motivada por acusações de Bento Ernesto Jr. ao Bispo D. Helvécio pela implicância contra o jogo, haja vista que outros bispos mineiros nada faziam contra a jogatina em várias festas religiosas daquele tempo: D. Antônio Viçoso, D. Benevides e D. Silvério Gomes Pimenta. Frei Cândido os defende e justifica.

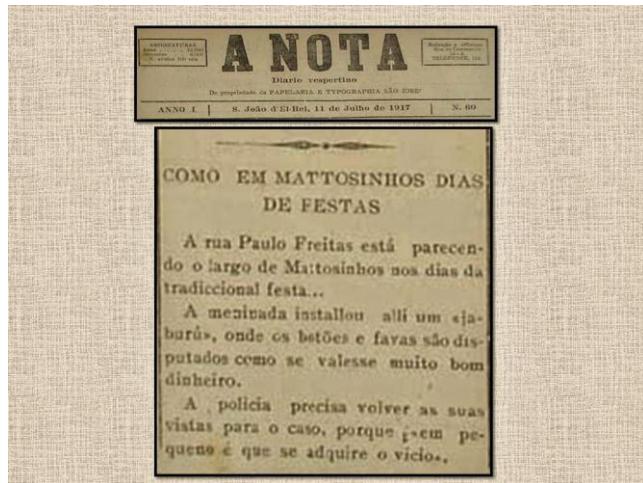
[7] - Frei Cândido faleceu em novembro de 1937. Cf. o jornal **A Ribalta**, n. 86, do citado mês e ano.

Jogatina além de Matosinhos

É muito propagado, que a invasão de bancas de jogos de azar foi o fator que desencadeou, a noventa anos, a paralisação da Festa do Divino de Matosinhos, em São João del-Rei. Foi oportunamente demonstrado nas postagens [O Problema da Jogatina](#) e [Efeitos da Romanização: considerações gerais](#), que muito embora, o vício tenha de fato lastrado pela festa, esta justificativa foi um pretexto oficial para atingir outros objetivos, ligados ao processo de romanização.

Como de fato, os jogos de azar mudaram a fisionomia do festejo tradicional e dele tolheram o que tinha de melhor. Os jornais são-joanenses da época possuem vários registros desta atividade em Matosinhos. A **Nota**, por exemplo, em 1917, dizia expressamente: "*muita jogatina e pouca religião, todos ganham*" (nº22) e "*todo mundo está cansado de saber que todos jogam durante os festejos de Matosinhos*" (nº25).

Porém, o seguimento das pesquisas revelou que não somente Matosinhos foi vitimado por este vício. Nas duas primeiras décadas do século XX, o mal costume invadiu também outras partes da cidade independente de festas. Ainda o mesmo jornal, no mesmo ano supracitado (edição nº60) revela a presença dos jogos na Rua Paulo Freitas (Bairro das Fábricas) e a compara a Matosinhos em dia de festas, como mostra a fotografia abaixo.



"A rua Paulo Freitas está parecendo o largo de Mattosinhos nos dias da tradicional festa ... A meninada installou alli um 'jaburu', onde os botões e favas são disputados como se valesse muito bom dinheiro. A polícia precisa volver as suas vistas para o caso, porque bem pequeno é que se adquire o vício."

<p>A JOGATINA</p> <p>Está grassando a epidemia do jogo n'esta cidade. Em cada rua uma banca, em cada bairro uma tavolagem, em cada canto uma roda de jogatina.</p> <p>Nós, cidadãos, temos deixar de reclamar de polícias severas e urgentes, medidas no sentido de pôr-se cobro a esse vício de tão desastradas consequências.</p> <p>É certo que a polícia já um desses dias começou a agir no sentido de acabar com a jogatina nas ruas, nas rodas, nas classes da nossa sociedade, mas é que a polícia comecou com os pequenos, com os jogadores de tostão e deixou que, em plena rua, campeasse desabrido o jogo caro.</p> <p>Conveniências que são obrigadas a guardar a polícia local. É certo que esteja muda diante de prática abusiva do jogo; mas nós que não temos conveniências a guardar, vimos pedir as providências a polícia, esperando sermos atendidos.</p> <p>Realçar a paciencia do nosso proximo, já o temos dito, é por isso que aqui estamos a reclamar da polícia local, medidas tendentes a acabar com a jogatina desenfreada e desabrida nesta cidade.</p>	<p>A FARPA</p> <p>Relevo necessário para moer a paciencia do proximo</p> <p>COLABORADORES DIVERSOS</p> <p>Trim. I S. João d'El-Rei, 27 de Outubro de 1901 Num. 8</p> <p>Mas... estas providencias não devem atingir só o pobre e o fraco; devem ser iguaes para todos, porque todos são iguaes perante a lei.</p> <p>As medidas de violencia só com os pobres, longe de produzirem efeitos salutares, produzem indignação e represalia.</p> <p>Pedimos a attenção da polícia contra o abuso do jogo e temos certeza de que as auctoridades locais, todas ellas, si quizerem, estão nas condições de prestar esse serviço a esta cidade perseguinto os jogadores e pondo termo ao vício.</p>
--	--

Fato é, que em verdade, o problema explodiu nos anos vinte mas já andava sério bem antes. O contundente jornal **A Farpa**, em 1901 (nº8) já dizia sintomaticamente:

"Está grassando a epidemia do jogo n'esta cidade. Em cada rua uma banca, em cada bairro uma tavolagem, em cada canto uma roda de jogatina."

A matéria fez um diagnóstico e clamou por ação policial, pedindo providências *"que não devem atingir só o pobre e o fraco; devem ser iguaes para todos, porque todos são iguaes perante a lei"*, abordando o velho problema e deixando antever que o vício atingia todas as classes sociais. O texto foi publicado em outubro, fora das épocas festivas de Matosinhos e em verdade nem cita este bairro.



Também o **Ten-Ten**, no setembro de 1907, citou a presença do jogo, dizendo-o relativamente atenuado pela chegada de novas melhorias à cidade: "bellas diversões, novos e magnificos jornaes, fabricas, clubs, associações..."



Mas foi de fato uma fase. O jogo voltou a crescer e nem a paralisação da festa de Matosinhos não o extirpou. Bem mais tarde, em 1938, no centro da cidade, a pavuna tomava conta da Rua Artur Bernardes, a ponto do jornal **Diário do Comércio** clamar pelas autoridades sob a insinuação de São João del-Rei ser o "Paraíso dos Jogadores".

Como se vê o caso de Matosinhos não foi isolado. O jogo foi nessa época um imenso problema social. A continuidade das pesquisas certamente revelará os episódios seguintes desta infeliz página de nossa história.

Referências Hemerográficas

- A Farpa, n.8, 27/10/1901
- A Nota, n.22, 28/05/1917
- A Nota, n.25, 31/05/1917
- A Nota, n.60, 11/07/1917
- Diário do Comércio, n.170, 04/10/1938
- Ten-Ten, n.1, 15/09/1907

Notas e Créditos

- * Texto e fotomontagens: Ulisses Passarelli
- ** Fonte: acervo digital, site da [Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida](#), São João del-Rei/MG
- *** Obs.: todos os jornais aqui citados eram publicados em São João del-Rei

Período crítico das festas: paralisação

Suspensão das Festas

As festas de Matosinhos foram sempre agigantadas. Mudaram de feição no começo do século XX, em virtude da excessiva infiltração de jogos de azar.

Em 1923 a festa foi precedida pelas santas missões em 3 de maio. Com um novo padrão se distanciou do esquema popular original [1]:

Na quinta feira ultima, dia 3 de maio, consagrado á santa Cruz com grandes festas, terminaram as missões em Mattosinhos. Nesse dia realizou-se linda procissão, na qual tomaram parte, formando em alas e empunhando vistosos estandartes, cerca de mil moças e oitocentos homens, sem falar do grande acompanhamento. A procissão percorreu quasi todos os recantos de Mattosinhos, ora entoando o hymno de Bento Ernesto, para ella escripto especialmente, ora ao som da banda do 11º Regimento, tendo durante o dia, abrilhantado a festa a banda S. Francisco, do Gymnasio Santo Antonio. A capella, fartamente illuminada e completamente reformada, apresentava vistoso aspecto. Foi grande a affluencia de povo alli, principalmente no ultimo dia, em que os trens e autos trafegaram repletos.

No ano seguinte uma ordem a proibiu, alicerçada na justificativa da imoralidade trazida pelos jogos, conforme referido no tópico anterior.

Contudo esta proibição foi efêmera e no mesmo ano a festa acabou sendo realizada, porém a 14 de setembro (dia da Exaltação da Santa Cruz), notícia a imprensa, sob o título de “A Renovação da S. Missão e a Festa de N. S. Bom Jesus de Mattosinhos” [2]. Foi celebrada pelo missionário redentorista Pe. Affonso Theyssen, auxiliado pelos sacerdotes franciscanos. O texto focaliza a liturgia, os discursos eclesiásticos, o poder dos sacramentos e números, muitos números, de fiéis, confissões e comunhões. Não há relato algum de festa popular ou atos extralitúrgicos. O modelo era ainda o mesmo começado no ano anterior.

Tal texto nos dá uma pista sintomática do novo controle sacerdotal nestes trechos que grifei:

Já se permite prever a aglomeração de devotos e romeiros que virão vizitar o sanctuario de Nossa Senhor Bom Jesus no proximo anno vindouro quando a bullia, já no poder de S. Excia Snr. Arcebispo Diocesano, for publicada, concedendo ao Sanctuario de Mattosinhos durante oito dias, precedentes a 3 de Maio todos os annos o privilegio de JUBILEU. (...) Tomaram-se providencias consistindo por oras em eleição da Meza, constituída de festeiros, muitos juizes e juizas que oportunamente será convertida em comissão fundadora e executora do primeiro anno do jubileu de Nossa Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, chefiada pela propria Auctoridade Ecclesiastica.”

Observar que já se usava o termo santuário para designar a capela de Matosinhos, que de fato só se tornou um em 2004.

Não achei nenhuma notícia das festas de 1925 e 1926. Supõe-se que tenham sido sem brilhantismo, razão de não merecerem qualquer atenção da imprensa.

Em 1927 foi um tanto aristocrática, filtrada de seus elementos folclóricos típicos, seguindo à liturgia romana. Tinha nova fisionomia, com três imperadores e três imperatrizes, a saber: 1º- capitão Avelino Guerra, 2º- coronel Delphino B. Castanheira, 3º- coronel Arnobio Caldeira Franco; 1º- “Exas.sras.dd.” Flavia Ribeiro de Magalhães, 2º- Luiza Rosa Vieira de Castro, 3º- Clarice Castanheira de Almeida Netto. É o que nos dá conta o hebdomadário são-joanense **O Correio**, com o visto do vigário José Maria Fernandez. Notar que as personagens eram pessoas influentes. Também nos demais cargos aconteceu o mesmo. O alferes da bandeira foi um tenente nesse ano. A lista de pessoas foi tão grande, que o jornal dividiu sua divulgação em três edições. Na de 07/05/27 (n.35), saíram os personagens do primeiro dia festivo: imperadores, imperatrizes, alferes da bandeira, pajens do estoque, caudatários, mordomos, irmãos de mesa, secretários, tesoureiros, procuradores; na de 21/05/27 (n.37), do 2º dia: juízes, juízas, irmãos e irmãs de mesa, secretários, tesoureiros, procurador; na de 28/05/27 (n.38), do 3º dia de festa, com os mesmos cargos do dia anterior, porém com pessoas diferentes.

Ainda esse jornal publicou a esdrúxula crônica “Mattozinhos: pagina futurista”, assinada por alguém oculto sob o pseudônimo de “Fou-Touriste” [3]. Relata que houve muita gente em idílio nas barraquinhas. Não faltaram fogos de artifício, música, leilão, luzes, bandeirolas, autos, toques de sinos, comes-e-bebes, apresentação de “O Guarani” no coreto, prisões e libertações fraudulentas. Tanta gente veio da cidade para o arrabalde, que, garante o signatário, “*Mattozinhos virou São João*”. Atesta ainda que houve alguns jogos, “*listas, rifas, bilhetinhos, sortes ...*”.

Também surgiu uma notícia de 1929, sob o título de “Festas Religiosas”, provando mais uma vez que a festa não paralisou [4]:

Com grande pompa, preparam-se os festejos de Mattosinhos, os quais prometem ser muito animados. Para isso, a comissão organizadora não tem poupado esforços e sacrifícios percorrendo o comércio com listas devidamente autorizadas pelo vigário da paróquia, padre José Maria Fernandez. Publicaremos brevemente, o programa.

Outro registro apareceu em 1931, intitulado “Festa de Mattosinhos” [5]:

A Bilheteria da Oeste de Minas, vendeu para os trens de subúrbio, durante os 3 dias de festas, 9891 passagens. Contando as pessoas que viajaram por auto-omnibus e a pé, pode se afirmar que Mattosinhos teve, este ano, uma frequência de 15.000 romeiros.

Mas apesar dos números impressionantes a festa já perdera o esplendor de outros tempos. Havia o anseio de revitalizá-la, tanto que manchetes do jornal **Folha Nova** deram grande destaque à festa de 1932. Em virtude desta ênfase, num lapso, deduziram alguns pesquisadores, que a festa ‘proibida’ em 1924 reiniciou nesse ano, quando na verdade ela não parou de fato, mas sim, repito, modificou-se [6]:

Teremos neste ano, já marcadas para 16-17-18 de Maio, as tradicionais e queridas festas de Matosinhos. O jubileu do pitoresco arrabalde atrai milhares de visitantes e devotos. Os festeiros já estão providenciando para que em 1932 sejam brilhantes as festividades.

* * *

A festa de Matosinhos é uma das nossas tradições mais caras. Neste ano ela será realizada com a pompa dos dias de antanho.

Apesar dos esforços não conseguiram devolver às festividades seu saudoso aspecto. A romanização alcançara seu objetivo. A partir de 1932 a festa desaparece por completo da imprensa, em parte por ter decaído, outro tanto pelas mudanças dos tempos, deslocando as atenções dos jornalistas para eventos políticos, para casos internacionais e para o desenvolvimento da cidade. Senão isto, tudo indica que a partir de então, a festa esteve de fato um tempo paralisada, pelo menos até 1949, quando um movimento reativou.

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

[2] - **Acção Social**, n. 487, 18/09/1924.

[3] - **O Correio**, n. 39, 04/06/27

[4] - **A Tribuna**, n. 976, 05/05/29.

[5] - **A Tribuna**, n. 1.074, 31/05/31.

[6] - **Folha Nova**, n. 6, 10/04/32 e n. 10, 08/05/32.

Efeitos da romanização: considerações gerais

O Processo de Romanização

A romanização supra-referida, data de fato das últimas décadas do século XIX. Trata-se em linhas gerais, das diretrizes condutoras da Igreja, que buscavam afastar suas cerimônias e rituais de manifestações populares, aproximando-as da forma dos ritos católicos romanos. A nova regra impunha mudanças ao modo relativamente mais livre pelo qual caminhava o catolicismo até então, com grande

parte das atividades nas mãos do povo. A Igreja tinha ainda ares coloniais e era mister modernizá-la, frente aos seus interesses, tolhendo a força leiga e fortalecendo a dos agentes eclesiásticos oficiais.

Numa de suas capacitadas conferências, Antônio Gaio Sobrinho, do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, frisou [1]:

Esse contexto histórico e religioso do tempo colonial, tão expressivo e cheio de história, permaneceu praticamente inalterado até o final do século imperial, só vindo a sofrer mudanças após o Concílio Vaticano I, de 1870, quando teve início o processo de romanização do catolicismo colonial brasileiro.

Os braços de Roma chegaram ao Brasil, inclusive aqui. A ação se constituiu de um longo processo.

ADÃO (2001) estudou magistralmente o peso da romanização sobre as festas de Matosinhos, sendo o primeiro a chamar a atenção para o fato, em tese defendida na UNICAMP e em palestra proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

Uma das estratégias era a introdução de novas devoções e o concomitante esmaecimento de outras mais antigas, que davam margem a expressões da religiosidade popular. Uma que foi introduzida com grande êxito foi a do Sagrado Coração de Jesus e em paralelo a do Imaculado Coração de Maria [2]. Cristo ganharia maior atenção que os santos e o sacramento da comunhão deveria ser valorizado. Não houve um ato, mas muitas ações. Julgo útil transcrever aqui trechos do ensinamento de Frei Chico sobre a religiosidade popular [3]:

No ano de 1889 foi proclamada a República e, logo em seguida, veio a separação da Igreja e do Estado (...) A Igreja oficial procurou novos caminhos e buscou inspiração na Igreja da Europa, (...) forte tendência de centralizar o poder nas mãos do Papa e pela uniformidade doutrinal que levou à definição da infalibilidade papal. (...) supervalorização da moralização dos costumes e uma espiritualização do clero, voltado para questões internas da Igreja e desligado dos problemas sociais e políticos. (...) Para conformar a Igreja daqui aos moldes europeus, houve a reorganização dos seminários para melhorar a formação do clero. Nesse tempo vieram muitas congregações de padres e religiosos da Europa para trabalhar na formação da juventude. O sistema paroquial mudou e tudo ficou mais centralizado nas mãos dos vigários. Isso acabou provocando grandes desentendimentos com as irmandades, etc.

Matosinhos seria um foco a se romanizar. A cultura popular forte poderia impor uma barreira para os ideais catequéticos em voga. Para tanto tomaram-se as medidas afins, mais visíveis nos anos vinte.

Foram enviados missionários redentoristas em 1923, vindos de Juiz de Fora, conforme noticiam dois textos : “Missões em Mattosinhos” e “Santas Missões”. Portanto antes da festa. Aliás, a festa desse ano foi já noutro padrão, ditado pelos visitantes, que atraíram grande número de fiéis. Apresentou-se a banda de música São Francisco, do Ginásio Santo Antônio. O vigário frei Cândido Wroomans recepcionou os visitantes. As pregações já trouxeram outro enfoque, desviando as atenções para o Senhor de Matosinhos.



Notícias jornalísticas das festividades missionárias em Matosinhos.

Foto-montagem do acervo digital da Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida, São João del-Rei.

A fonte supracitada informou: “as missões foram abertas pelo “Veni Creator” e continuarão até 3 de Maio. Este dia será celebrado ás 7 ½ horas uma S.Missa Campal”.

O texto, “Festa em Mattozinhos”, noticiou a tal missa campal e a presença da já referida banda. Houve uma procissão acompanhada pela banda militar. Além disso, sermão, *Te-Deum laudamus*, bênção do Santíssimo Sacramento e bênção papal. Os transportes ferroviários estiveram disponíveis a cada meia-hora. Os números foram propositalmente destacados, impressionantes para a época: 1060 confissões, 1800 comunhões, 4000 fiéis no domingo. Homenagearam-se os missionários Affonso Mathijzen e Joaquim von Dongen [4].

Em “S. Missões em Mattosinhos”, repete-se informações já dadas, querendo obviamente frisar a diretriz missionária que dava nova feição aos festejos. Atestou 2000 participantes e 3000 assistentes; 1154 confissões, 2649 comunhões, sendo transportados pelo “*AUTO OMNIBUS 1812 passageiros e vendidas só no ultimo dia pela EFOM mil passagens*” [5].

Graças a Deus os São-joannenses e sobretudo os Mattozinhenses apreciam o vetusto sanctuario que possuem, valorização que queira Deus reflecta sobre o Estado de Minas todo e sobre o Brazil, quando a Santa Sé um dia se dignar de conceder o privilegio de jubileu!

Pelo visto portanto o título jubilar de 1783 (que é bem claro, destinava-se às festas pentecostais) já era desconsiderado, por ter caído no total desconhecimento. O novo jubileu que se pretendia seria específico para o Bom Jesus, destinando-se a festejá-lo a 03 de maio.

Nestes números não se refere à jogatina; pelo contrário, como atesta este último citado:

sem que houvesse uma dissonancia nessa concurrenceia enorme popular, nem siquer a menor falta de respeito que fosse desviar a benevolia attenção da massa correram os actos religiosos da maneira a mais desejada.

Mas no ano seguinte a festa é suspensa sob o pretexto dos jogos. Se a almejada moralização que os padres desejavam fora enfim alcançada, por que não mantê-la em vez de proibir a festa? A título de exemplo basta dizer que houve êxito no combate ao jogo quando a polícia foi envolvida: em 1892 (“pela primeira vez, desde longos anos, a roleta deixou de funcionar” [6]), em 1916 (“jogos contra os quais o sr. Dr. Chefe de Polícia tanto se insurgiu, não vimos, jogo da cabra cega, jogo de empurra, jogo da bisca, do truco, do dominó, do víspera, de espírito, etc.” [7]), em 1920 (“não foram consentidas as barracas de jogos” [8]). Todos os jogos no município eram proibidos pelo Código de Posturas da Câmara, versão de 1887, artigos 155 e 156, exceção feita ao bilhar, bagatella e gamão, desde que licenciados pelos vereadores. Roleta, roda da fortuna e semelhantes não eram consentidos nem para casas particulares. Portanto, aproximadamente na época que o jogo começou, havia mecanismo legal na cidade para respaldar uma ação mais firme.

Em 1924, o arcebispo de Mariana, Dom Helvécio Gomes de Oliveira, aqui esteve e logo a oposição acusou frei Cândido de ter se aproveitado da oportunidade para convencê-lo a suprimir os festejos. Defendeu-se, respondendo ao principal opositor, Bento Ernesto Júnior, que as conversas sobre a paralisação já estavam em andamento quando Dom Helvécio veio a São João e que aqui o assunto não fora tratado: “antes que o Exmo. Snr. Arcebispo poz um pé em São João d’El-Rey já se tratava desta questão e o Snr. sabia disto por minha carta particular”. Ficou assim uma palavra contra a outra...

Ainda esse jornal nos dá conta da vinda da autoridade eclesiástica, com uma comitiva, em trem especial, tendo também visitado Tiradentes. Uma multidão foi assistir. Para a pequena cidade provinciana era um acontecimento extraordinário e digno de todo respeito e apreço [9].

O número seguinte, de 24 do mesmo mês e ano, traz texto intitulado “D. Helvécio em São João d’El-Rey”, assinado pelo pároco monsenhor Gustavo Ernesto Coelho. O autor justifica que pouco participou das atividades arquiepiscopais por motivo de doença, sendo contudo representado por seu coadjutor, frei Cândido. Exaltou os atos religiosos solenes efetuados.

Logo após o arcebispo partir, divulgou-se a notícia da proibição.

Na já citada carta de resposta de frei Cândido a Bento Ernesto Júnior, encontra-se o fio da meada, que indicará o terceiro fator que colaborou para a suspensão dos festejos: um suposto interesse

desconhecido do arcebispo por outras festividades, que não a daqui, e que se procurou deixar “por debaixo dos panos”.

O Snr. pergunta: porque a suppressão não se estendeu até a festa de SS.Trindade em Tiradentes que é a mesmíssima festa de Matozinhos com algumas agravantes a mais! Ora! Assim não pôe em descredito todas as famílias de Tiradentes tambem? E outra pergunta do Snr. ao anonymo, João Thomé; porque não foi prohibida a festa de Congonhas? Mas esta festa com toda a jogatina ainda não acabou ou não vae acabar?

O frei não pôde responder ao opositor adequadamente e desconversou autoritariamente: “o nosso Arcebispo no governo da sua diocese não precisa dar explicação alguma de seus actos ao Snr. Bento”, ou seja, não lhe deve satisfações. Bem se nota o ar de superioridade, de mando, de poder, e de algo oculto, pois, se assim não fora, poder-se-ia ter publicamente explicado.

Como de fato nas festas de Tiradentes (Santíssima Trindade) e de Congonhas “do Campo” (Senhor Bom Jesus de Matosinhos), medravam jogos de azar tanto quanto em Matosinhos, ou em maior volume e ainda, exibições picarescas e truques de mágica, visando pegar dinheiro dos incautos. Nunca foram proibidas como as de São João. Por que? Se eram da mesma arquidiocese...

Comentava-se “a boca miúda” que Dom Helvécio tinha uma predileção especial por Congonhas, sua “menina dos olhos”, onde tinha francos interesses. Paralisando o festejo de Matosinhos deslocaria uma boa parcela dos romeiros para lá, fazendo com que aquela festa explodisse em crescimento desde então.

Este terceiro fator, que teria também o seu peso, é meramente hipotético, pois não há provas averiguadas.

Concluindo, dizer-se-ia que a festa foi paralisada em 1924 com pauta em três fatores: 1) jogatina (justificativa oficial), 2) romanização (o item de maior importância) e 3) supostas razões pessoais e desconhecidas de parte do clero (ligadas a interesses econômicos e políticos). Pelo menos é o que se depreende da documentação disponibilizada e da leitura dos discursos dos agentes eclesiásticos e populares. A abertura dos arquivos da Igreja deverá revelar novas nuances dessa questão.

Conforme foi dito, a romanização conheceu vários momentos e teve por assim dizer picos de atuação. A polêmica parada da festa foi um dos episódios, mas não o único. As santas missões de 1923, também. Mas bem antes dessa, em 1897, houve outra missão [10].

Também noutros eventos católicos a tônica era a mesma. A cidade tão católica mobilizava-se toda para acolher a palavra enfática dos pregadores. Veja-se por exemplo o 1º Congresso Eucarístico Regional, de 1933. Encerrou-se com uma muito solene procissão eucarística, presidida por Dom Helvécio Gomes de Oliveira. O carro triunfal do Santíssimo foi conduzido pela oficialidade.

Bem mais tarde houve mais um momento importantíssimo para Matosinhos: a missão de 1947. Os missionários redentoristas fizeram relevantes pregações integrando os devotos aos ideais evangelizadores de então. Houve uma procissão do Bom Jesus da Cana Verde e uma coroação de Nossa Senhora (usando para tanto a imagem da Virgem da Lapa). A imprensa da época, nas páginas do jornal **Diário do Comércio**, deu grande apoio à passagem dos missionários, que atuaram em toda a cidade. Mesmo quando a celebração não era em Matosinhos, reuniam-se devotos de toda a cidade, como um grande acontecimento que foi para a imensa maioria católica. O clero local ia em peso. Posteriormente, retransmitia aos seus paroquianos a essência daquelas pregações. Destaco desse jornal:

A cidade recebeu festivamente os revos. Missionários Redentoristas que aqui vêm pregar as Santas Missões. Multidão incalculável compareceu à gare da Rede Mineira de Viação para dar as boas vindas aos ilustrados sacerdotes. Entre eles figura o revo. Padre Francisco Ferreira ilustrado orador sacro já bastante conhecido e querido nesta cidade. A pregação das Missões nas duas paróquias do Pilar e a de São João Bosco tiveram inicio ontem e se prolongarão até o dia 4 de maio próximo. (n. 2.770, 24/04/1947)

* * *

A procissão da penitência, realizada na tarde de quinta-feira, foi uma empolgante manifestação de fé, que pela imensa multidão que tomou parte, quer pela piedade e recolhimento dos fieis. (n. 2.772, 26/04/1947)

* * *

Em tempos tão corruptos e depravados como o nosso há almas que vivem miseravelmente atoladas no pecado (...) Ajudemos os missionários no seu trabalho apostólico. (idem; é outro texto, assinado por Nina Rosa)

* * *

Estes abnegados mensageiros de Cristo que só visam a espansão do reino do Pai e o conhecimento mais perfeito da sua doutrina, sacrificam, o seu próprio bem estar o seu comodismo, para na sua missão verdadeiramente apostólica, seguirem as pegadas do divino Mestre, e cumprirem, assim, o que eles lhes mandou que fizessem : "Ide e ensinai a todos os pobres..." (n. 2.773, 27/04/1947, assinado por Samu)

* * *

Aviso Ordem 3º do Carmo – Por motivo do encerramento das Santas Missões, a 4 de Maio a reunião mensal do mês de Maio fica transferida para a 2º domingo, dia 11 de Maio. Os C. C. Irmãos da Ordem e da Confraria do Carmo não faltarão á reunião do dia 11 de Maio. O Comissario. (n. 2.775, 30/04/1947)

As nossas igrejas tem sido pequenas para conter tão elevado número de fiéis que acorrem para ouvir as magníficas e oportunas pregações feitas pelo revos. Padres Redentoristas, que ora nos visitam. (n. 2.776, 01/05/1947)

Também o jornal **O Correio**, registrou em três artigos, as intensas atividades desse evento: em “Santas Missões”, destaca o convite que fora feito pelo vigário Mário Quintão para todos os devotos prestigiarem o desembarque da comitiva; “A chegada dos missionários”, realça que “*toda São João del-Rei se achava representada na recepção aos abnegados ministros de Deus, calculando-se em mais de dez mil pessoas a grande multidão que se postou em frente à estação*”; “Santas Missões”, dá conta do sucesso do evento e de suas finalidades, à luz de grande nomes do mundo católico. Chamo a atenção neste caso para o seguinte trecho inspirado no Santo Padre Bento XIV, que muito bem traduz, sintomaticamente, o objetivo da missão: “*nada contribui mais para corrigir os maus costumes do que procurar auxílio e forças fora, isto é, fazer pregar por toda parte as Santas Missões*”[11]. Está claro que os missionários vinham renovar catequeticamente os costumes católicos, segundo os “novos” interesses da Igreja. Nesta renovação, a cultura popular – tão arraigada às festas do Divino, Rosário e outras - era combatida com vigor.

Dispensam comentários os efeitos que tamanha atividade religiosa surtiam na vida católica local, de uma pequena cidade interiorana. A edição d'**O Correio** n. 2.779, de seis de maio daquele ano, comenta sobre o êxito da missão, narrando que em seu encerramento, nas escadarias das Mercês reuniu-se uma gigantesca multidão que ali recebeu uma bênção papal. Houve grande procissão.

Estas realizações por assim dizer renovavam a prática católica festiva, como também a religiosidade cotidiana. O tom enfático dos discursos, a metodologia acusativa, fazendo a carapuça servir, mexia com os brios e a fé dos fiéis, incitando-os à nova ordem na força das admoestações, de uma oratória enérgica e imperativa. O catolicismo popular tornou-se um crime religioso. O catolicismo oficial era a rota da salvação.

Ainda a exemplo disto, tiveram também forte efeito sobre os fiéis, abrangendo a participação de todas as nossas igrejas (embora centrado no Pilar), em 1951, o Jubileu Máximo e o Congresso Mariano Regional, com extensa cobertura da imprensa. Foram episódios que reforçavam os anteriores.

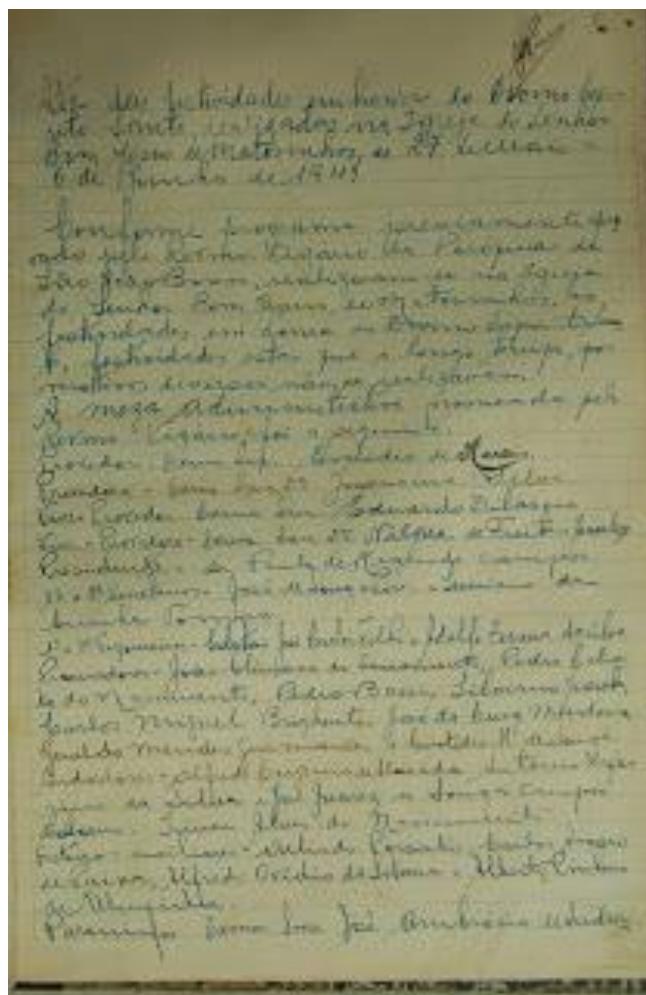
Dentro deste processo romanizador, a transferência para setembro dos festejos do padroeiro de Matosinhos foi como um golpe de misericórdia sobre as manifestações populares das festas locais. Não descobri a data exata desse acontecimento importante, nem tampouco sei de quem o saiba. No estágio atual das pesquisas só se pode supor. Pelo menos por enquanto. Assim creio, possa ter sido de forma mais plausível entre 1949 e 1952. Ora, sempre esta comemoração fora na segunda-feira após o Pentecostes. Em 1924 surge a notícia do jubileu que seria concedido para tal festa a 3 de maio (dia da Invenção da Santa Cruz). Como de fato a festa do Bom Jesus se transfere para esta data. As santas missões de 47 ainda festejaram em Matosinhos em maio, mas em 1952 houve a bênção do novo andor do Senhor Bom Jesus de Matosinhos (que serviu de motivo central para animadas festividades na sua capela), já então em setembro. Este andor até hoje é anualmente usado. Ocorre que 3 de maio era ocasião de muita popularidade, com ricas manifestações folclóricas em torno da cruz de Cristo. A outra comemoração da cruz por sua vez, 14 de setembro (dia da Exaltação da Santa Cruz), nunca foi data querida do povo para festejos folclóricos. Nada mais lógico e natural, que, portanto, se transferisse as comemorações da Santa Cruz de maio para setembro, o que não ocorreu só aqui em São João del-Rei. O avançar das pesquisas deveclarear este fato e corrigir possíveis erros. Aquele caso da festa de 1924 ter ocorrido em setembro,

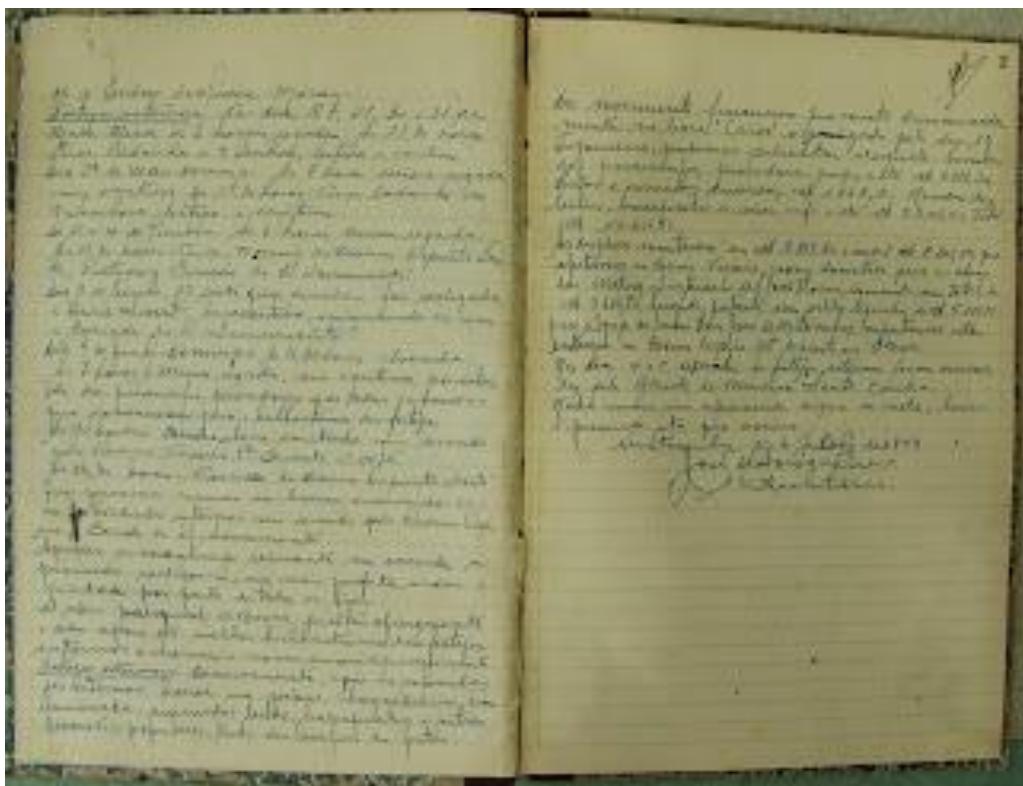
não deve ser levado em conta aqui. Foi só uma eventualidade, por conta da excessiva pressão imposta pela imprensa, políticos e povo em razão de não ter ocorrido na data habitual, com toda a polêmica despertada. Imediatamente voltou a Pentecostes, mas por pouco tempo.

Quando a festa do Bom Jesus é transferida da segunda-feira após Pentecostes para 3 de maio, depois de 1932, como mostram as notícias do jornal **Folha Nova**, a festa do Divino desaparece pois ficaria isolada em Pentecostes, tolhida de caráter folclórico e sem qualquer expressividade evangelizadora. Pentecostes só não passava em branco de tudo por ser data oficial do calendário litúrgico que a Igreja festeja universalmente. Por essas alturas, nesse clima impróprio, já nem se ouvia falar de festa de Nossa Senhora da Lapa ou de Santana. Todas as atenções se voltaram para o padroeiro. Só em 1949 a festa do Divino retornaria, como demonstrarei logo adiante.

Assim, concluindo, em 1924 não houve exatamente uma parada da festa do Divino de Matosinhos. A tão falada suspensão, supressão ou paralisação foi na verdade uma atitude drástica do clero para mudar-lhe radicalmente o caráter, como de fato conseguiu-se o intento. Daí por diante ela se tornou um evento cada vez mais humilde, desprovido de atrativos, freqüentada por poucos fiéis dos arredores da capela. Sumiu da imprensa que tanto lhe decantara. Sua celebriidade tornou-se aspecto do passado. A última notícia rastreada é de 1932.

Em 1949 é reativada, como prova uma ata desse ano[12], cujas fotografias podem ser vistas abaixo. Este é o ano mais plausível da transferência da festa do Bom Jesus de 3 de maio para 14 de setembro. A Festa do Divino é então reativada para fechar a lacuna aberta nos tradicionais festejos de maio com a dita transferência. A ata está transcrita nos anexos desse trabalho. Nela há esta frase pouco esclarecedora mas importante: “(...) as festividades em honra ao Divino Espírito Santo, festividades estas que a longo tempo, por motivos diversos, não se realizavam”. (grifei) Ou seja, transferindo a do Bom Jesus para setembro, reativou-se a do Divino para reocupar a data centenária de festejos.





Ata da Festa do Divino de 1949.

Por outro lado, obras diversas na matriz de São João Bosco nessa época, à qual estava então subordinado Matosinhos, podem talvez ter indiretamente se somado para estimular essa reativação. Por aqueles anos estavam em custosas e aceleradas obras a edificação da torre daquela matriz. Várias atividades de arrecadação eram efetivadas. De outro livro de atas, o da Pia União das Cooperadoras Salesianas, constam os trechos abaixo selecionados, um tanto sugestivos [13]:

Haverá grande atividade para a conclusão da torre do santuário, tais como rifas grandes, no decorrer do ano, praça de gado em Agosto, etc. Para isto conta com o trabalho dos cooperadores, que aliás, são de fato, os realizadores das obras e, neste sentido incentivou-nos com palavras de animação, antevendo o êxito e a corôa dos nossos, então, ínfimos esforços (08/03/1951, p. 8v.).

* * *

Em Matozinhos há poucas pessoas para o trabalho dos cooperadores, havendo, portanto, muitas reclamações (26/07/1951, 11v.).

* * *

Em seguida perguntou-nos o Pe. Diretor (José Vieira de Vasconcelos) _ 'Acham que o relógio está ficando bonito?' Disse-nos ele que este é o maior de Minas e que pesa mais de 1.000 quilos, sendo que veio da Suissa (sic), e que foi comprado na melhor fábrica. A opinião dos presentes foi o grande contentamento com o novo relógio de 4 mostradores (22/06/1952, 21v.).

No princípio de 1951 havia 4.450 cooperadores matriculados, divididos por setores, sob a coordenação de zeladores, inclusive na zona rural do município. Sua atividade era muito grande por toda parte e se fez sentir forte em Matosinhos quando este pertencia àquela paróquia salesiana. Haja vista por exemplo, que a construção da Igreja de Santa Terezinha e seu centro anexo, foi devida aos salesianos, que portanto, muito colaboraram com o grande bairro.

Seja como for, por interesse econômico ou religioso, a festa prosseguiu inexpressiva, ano após ano, mesmo quando da emancipação eclesiástica de Matosinhos e assim chegou até 1997, com uma novena, missa e rasoura – tudo pouquíssimo frequentado e sem o espírito de alegria que caracteriza os eventos ligados à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

* Texto, foto e fotomontagem: Ulisses Passarelli

[1] - Conferência apresentada em Baependi/MG a 22/05/2004, sob o título “São João del-Rei: contexto histórico religioso, Santo Antônio do Rio das Mortes, nascimento de Nhá Chica”, Incluída nos anais do evento “1º Encontro de Nhá Chica: mulher de Deus e do povo”.

[2] - A título de exemplo, em Tiradentes houve a Festa do Coração de Jesus com pregações do vigário Parreiras, missa rezada, missa cantada, procissão, *Te-Deum* e como engodo “queimar-se-á um lindo fogo de artifício, preparado pelo habil pyrotechnico sr. Raymundo Velloso” (**O Resistente**, n. 12, 19/06/1895); em São João del-Rei essa festa foi soleníssima nesse mesmo ano, com sermão do padre francês Miguel Sipolis (**O Resistente**, n. 14, 26/06/1895). Na relação de imagens da Capela de Matosinhos em 1903 dada por José Cláudio Henriques, surge a do Sagrado Coração de Jesus. Em 1909 era inaugurada na Colônia do José Teodoro uma capela sob esta invocação. Para saber mais a respeito veja: [Velhas Notícias da Devoção ao Sagrado Coração de Jesus](#).

[3] - POEL, Francisco van der, OFM, (Frei Chico). **Os homens da dança**: religiosidade popular e catequese. São Paulo: Paulinas, 1986. 55 p.

[4] - **Acção Social**, n. 415, 03/05/1923

[5] - **Acção Social**, n. 416, 09/05/1923

[6] - **Pátria Mineira**, n. 156, 09/06/1892.

[7] - **Reforma**, n. 24, 15/06/1916.

[8] - **Acção Social**, n. 267, 26/05/1920.

[9] - **Acção Social**, n. 465, 16/04/1924.

[10] - O grande êxito da missão redentorista desse ano, encerrada a 31 de maio, foi comentado pelo **O Resistente**, n. 93, 03/06/1897. As missões se amiudaram inclusive na zona rural. Em 1907-08, em clima festivo, passaram pelos distritos são-joanenses de Conceição da Barra (emancipado em 1962 com o nome de Cassiterita; hoje Conceição da Barra de Minas) e Nazareth (emancipado em 1948 com o nome de Nazareno). Houve extraordinário número de confissões e comunhões (**A Opinião**, n. 21, 14/09/1907). Outra faceta romanizadora pode ser rastreada na visita a São João del-Rei do arcebispo de Mariana, Dom Silvério Gomes Pimenta, em 01/02/1909 (cf. **A Opinião**, n.60, 03/02/1909).

[11] - **O Correio**, n. 2.103, 20/04/1947; n. 2.104, 27/04/1947 e n. 2.105, 04/05/1947, respectivamente.

[12] - O livro de atas estava numa sala do santuário e foi localizado numa caixa durante uma limpeza, em 2005. Agradeço a Comissão do Divino, que gentilmente me emprestou para avaliação.

[13] - Estava sob a guarda de uma de suas ex-presidentes, minha tia paterna em 1ºgrau, Cirene Passarelli.

Mudanças religiosas: a dinâmica da religião

É natural que, dentro desse panorama progressista, também na religião houvesse mudança condizente para acompanhar as novas mentalidades. As francas mudanças do bairro abriram caminhos para novas experiências religiosas e/ou doutrinárias [1]. Enfim a hegemonia católica mudava em São João del-Rei como um todo. Em 1948 a situação estatística da religião nesta cidade era a seguinte[2]:

RELIGIÕES	Nº DE ADEPTOS
Catolicismo	44.791
Protestantismo	186
Cristianismo Ortodoxo	2
Judaísmo	30
Islamismo	4
Budismo	-
Xintoísmo	-
Espiritismo	222
Positivismo	1
Outras religiões	44
Sem religião	42
Religião não declarada	13

Nos jornais antigos no que tange às festas, a menção aos padres era sempre destacada, pelo dom da oratória e pelas qualidades morais. Ficaram para a história os nomes de José de Oliveira Barreto, José Pedro da Costa Guimarães, Gustavo Ernesto Coelho, Francisco de Paula da Rocha Nunan, João do Sacramento, Luiz Pereira Gonçalves de Araújo, Antônio José da Costa Machado, Joaquim Ignácio

Vianna, Joaquim M. da Rocha Pinto, João Pimentel, Heitor Augusto da Trindade. Nos textos recentes é comum que nem sequer mencionem o sacerdote ou se o fazem é de passagem.

Os efeitos da romanização foram decisivos nas mudanças ocorridas nas festividades. Elas sofreram grande impacto e decaíram em atrativos. VIEGAS (1953) relembrava as festas então enfraquecidas: [a Igreja de Matosinhos] “é um edifício de regulares proporções e de agradável aspecto. (...) Festas seculares e tradicionais romarias nesta igreja se celebraram outrora em honra a seu misericordioso patrono”.

GAIO SOBRINHO (2000) no boletim "Tradição" traçou este comentário sobre as festas que se foram:

Havia, em tudo nesta celebração religiosa, como tempo e espaço de lazer, um feliz encontro do religioso com o profano, tão do gosto de nossa Cristandade Colonial, cujas raízes se aprofundavam nas remotas eras da medievalidade cristã europeia. Durante três e até quatro dias, entremeavam-se, numa feliz combinação lúdico-religiosa, missas, sermões, procissões, Te-Deuns, folias do Divino, dança das fitas, cavalhadas, corridas de touros, fogos de artifício, girândolas e muita música. O amplo largo do Arraial de Matosinhos, todo iluminado com lampiões e lanternas, se transmutava, pleno de romeiros, que para ali se mudavam temporariamente, num só alvorço de fé e regozijo públicos. Um coreto era armado no meio do largo onde as corporações musicais se revezavam, alegrando os folguedos populares. Para a promoção dessa que foi a mais animada das festas que se celebravam nesta cidade, elegiam-se anualmente um Imperador e uma Imperatriz, com os respectivos caudatários e pajens, um Procurador da Festa e um Procurador dos Pobres, um Alferes da Bandeira e um Mordomo da Capela.

Em outra obra desse mesmo ano, sobre as devoções mineiras, explanou assim:

Quanto à Terceira Pessoa, embora representada sempre junto da Primeira por uma pombinha irradiante de ouro e luz, sua presença passava meio despercebida. E isto, talvez, se explique pelo fato de Ele não ter imagem antropomórfica e, portanto, ser menos impressionante aos nossos sentidos, e por, na Baixa Idade Média, o Espírito Santo ter sido, diríamos assim, a heresia de Deus. De fato, as vias abertas por Joaquim de Fiore, cujas profecias milenaristas, consideradas heréticas, anunciam, para 1260, o advento da Era do Espírito Santo, foram retomadas, posteriormente, por algumas dissidências franciscanas que, pregando a pobreza e o despojamento do clero, exigiam mudanças profundas na Igreja Católica. Estes ramos franciscanos constituíram aquilo que Lubac chamou de “uma posteridade espiritual de Joaquim de Fiore”. Por isso também, de modo diverso do litoral, onde predominavam os ortodoxos jesuítas, foi em Minas, sob a influência franciscana, que suas festas tiveram uma notória e significativa expressão. Em São João del-Rei, as festas do Divino, por ocasião de Pentecostes, foram famosíssimas no arrabalde de Matosinhos. Precedidas de solene novenário, as solenidades anuais perfaziam ali quatro dias. O Domingo de Pentecostes era-lhe especialmente consagrado. Os três dias seguintes ficavam por conta das celebrações ao Senhor Bom Jesus, Nossa Senhora da Lapa e Sant’Ana, pela ordem. Dentro ou no amplo largo em frente da saudosa igreja, que um apressado e irresponsável aventureiro demoliu, o religioso e o profano se confundiam num único e mesmo espaço de lazer e orações, maneira característica de vivenciar a Fé da nossa cristandade colonial mineira, cujas raízes se aprofundam nas remotas eras da medievalidade cristã européia.

Mas as mudanças não diziam respeito só às festas. No campo assistencial surgiram as Conferências Vicentinas (ligadas à SSVP – Sociedade São Vicente de Paulo). No caso desse bairro estão vinculadas ao Conselho Particular do Sr. Bom Jesus de Matosinhos [3], abaixo listadas, com data de fundação e entre parênteses seu local de funcionamento.

- Conferência Santa Terezinha: fundada em 02/06/1946 (Rua Santa Madalena);
- Conferência Nossa Senhora de Fátima: fundada em 27/05/1954 (Rua Guia Lopes, nº 106, Vila Santo Antônio; agregada em 07/03/1972);
- Conferência Bom Pastor: fundada em 28/02/1971 (Rua Manoel Fortes);
- Conferência Santa Clara: fundada em 27/01/1974 (Praça Pedro Paulo, n.401);
- Conferência São Clemente: fundada em 18/12/1977 (Rua Exp. Lucindo Martins de Abreu, n.135, Comunidade Jesus Silva);
- Conferência Menino Jesus de Praga: fundada em 21/04/1979 (Rua José do Santos Filho, Pio XII, na capela homônima);
- Conferência Senhor Bom Jesus: (Prédio da Catequese);

- Conferência Santa Margarida: (Prédio da Catequese);
- Conferência Santo Agostinho: (Salão da Conferência de Santa Terezinha);
- Conferência Santa Luzia: fundada em 05/11/1989 (Salão da Conferência de São Clemente).

A grande mudança veio na jurisdição eclesiástica. Matosinhos desde a construção da capela esteve vinculado à Paróquia de Nossa Senhora do Pilar. Ocorre que em 19/03/1936 foi criada a Freguesia de São João Bosco, sob a direção do cônego Francisco Tortoriello. Como não havia matriz, foi usada provisoriamente como tal a Capela de Santo Antônio (do Albergue Santo Antônio, datada de 1912). A bênção da pedra fundamental da Matriz de São João Bosco (15/06/1937), contou com a presença do Arcebispo Dom Helvécio. Começara a construção. Ainda como freguesia já abarcara a capela de Matosinhos, sob a responsabilidade dos padres salesianos, destacando-se a atuação do supracitado cônego e da capelania do padre Domingos Sávio da Silva.

Em 1938-9, diversas edições do **Diário do Comércio**, na relação das atividades religiosas da cidade, ao se referirem à capela do Bom Jesus, listaram missas diárias à 8 horas e catecismo aos sábados, 16 horas [4]. A freguesia se elevou a paróquia e Dom Helvécio voltou a São João del-Rei para inaugurar com bênção a matriz de São João Bosco em 1947 (ainda sem a grande torre central). Nessa mesma ocasião o arcebispo esteve em Matosinhos, onde inaugurou a capela e oratório festivo de Santa Terezinha[5]. O fato importante dava ao bairro seu segundo templo [6].

As atividades religiosas na matriz de São João Bosco centralizavam as atenções. Foram implantadas já dentro do espírito romanizador, sem tradição em termos de cultura popular. Eram com freqüência destacadas pela imprensa, fossem as atividades desenvolvidas na matriz ou as da capela do albergue, ao seu lado [7]. Matosinhos como uma filial continuava marginalizado na imprensa. Após transcrever o edital de criação dessa capela, um jornal tece por fim comentários entre os quais este [8]: “*em 1773 aparece um patrimonio doado pelo Pe. Dr. Matias Salgado (...) disto se conclui que Matosinhos teve ou tem patrimonio. Onde está ele?*” Um tal “Z.” assina o ponteagudo comentário, que revela o relativo abandono da capela [9].

Outros monumentos religiosos do bairro só surgem bem mais tarde. O terceiro templo católico erguido no bairro foi a capela do Menino Jesus de Praga, a 20/04/1980, na Rua José dos Santos Filho, no Pio XII. Foi construído aproveitando-se a estrutura de um salão comunitário simples, pré-existente.

Um cruzeiro luminoso foi feito no alto do Bom Pastor de Cima.

Em outubro de 2000 surgiu a pequena Gruta de Nossa Senhora de Fátima, feita de pedras, por Túlio Marco Coelho e José Luís de Castro, na Rua Tomé Portes del-Rei.

Em 2006 é chantado um cruzeiro no Alto do Lombão. Pode ser avistado de Santa Cruz de Minas.

* Texto: *Ulisses Passarelli*

[1] - Embora já existissem antes, a grande expansão dos não católicos no bairro deu-se a partir dos anos noventa. Numa observação tomada num período aleatório (outubro/2003 a agosto/2004) notei que já haviam sido criadas e fechadas várias igrejas evangélicas (protestantismo, pentecostalismo e outras, elos da grande corrente do cristianismo), mas outras persistiam plenamente ativas: Comunidade Batista Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Evangélica Assembleia de Deus (dois diferentes ministérios), Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Igreja Congregacional Cristã, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Catedral Universal da Fé Cristã, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Evangélica Mensageiros de Cristo, Igreja Metodista, Igreja Evangélica Portas Abertas (com dois anexos: um grupo de escoteiros e um instituto de educação), Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação da Igreja Evangélica Preparatória, Igreja Cristã Maranata, Igreja Evangélica o Brasil para Cristo. Espiritismo: Casa de Socorro Espiritual a Caminho da Luz, Sociedade Espírita Ação, Libertação e Paz (Pio XII), Centro Espírita Kardequiano Caminho é a Verdade, Centro Espírita Obreiros de Jesus, Grupo Espírita Allan Kardec. Umbanda: tendas de funcionamento informal na saída para o Sutil, no Pio XII, Vila Nossa Senhora de Fátima. Uma observação atualizada revelará novas igrejas e quiçá algumas fechadas. A Igreja Portas Abertas completou 19 anos de atividade na cidade em 2004, noticiou a **Gazeta de São João del-Rei**, n. 313, 21/08/2004, com uma semana de comemorações. A convivência religiosa diversificada no tradicional bairro católico dá margens para um estudo específico. No campo católico

ainda se destaca a presença no bairro de duas sedes diocesanas: a do Movimento Familiar Cristão e a do Secretariado de Pastoral.

[2] - **SINOPSE ESTATÍSTICA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL-REI.** Belo Horizonte: Departamento Estadual de Estatística (IBGE), 1948.

[3] - Em São João del-Rei estas conferências têm acentuado pioneirismo, posto que a de Nossa Senhora do Pilar é uma das mais antigas do Brasil, a terceira, salvo engano (Rio de Janeiro, 1^o; Salvador, 2^o), fundada em 1875. Hoje existem várias na cidade, vinculadas a diferentes conselhos, prestando um serviço de extraordinário valor social, no exercício da caridade para com os desfavorecidos. O patrono das conferências é o beato Frederico Ozanam.

[4] - Matosinhos sendo considerado um subúrbio tinha poucas atividades religiosas fora das festas. Além das missas ordinárias por ventura ocorriam outras, como esta: *Ás 8 1/2 horas de sabbado, dia 29, celebrar-se-á em Mattosinhos missa de 7º dia por alma de D. MARIA LEONOR SETTE DE MAGALHÃES para a qual são convidados aqueles que puderem comparecer.* (A **Opinião**, n. 69, 29/02/1908)

[5] - **O Correio**, n. 2.114, 06/07/1947. Trata-se de Santa Teresinha do Menino Jesus, a santa francesa de Lisieux, Doutora da Igreja. Não confundir com Santa Teresa de Ávila. O termo “oratório festivo” refere-se ao prédio onde as crianças eram catequizadas numa técnica que reunia oração, evangelização e lúdica. Os salesianos também implantaram oratórios festivos de São Caetano (anexo à capela deste santo, no Tijuco) e de São João, anexo ao Colégio São João (este oratório funcionava na Avenida Leite de Castro, onde hoje está uma revendedora de automóveis). Há ainda hoje o Oratório Dom Bosco e São Geraldo Magella.

[6] - A Igreja de Santa Terezinha não conserva mais seu aspecto original. Foi profundamente modificada ao longo dos anos em demoradas reformas, que lhe alteraram por completo o aspecto. Uma destas, intensa, foi feita em 1987 e em 1990 chegou à fase final. Alguns anos adiante recebeu novos melhoramentos.

[7] - Dentre tantos exemplos como se poderá apurar nos jornais da época, destaco uma festa de São José realizada no albergue (**Diário do Comércio**, n. 345, 03/05/1939); este interessante anúncio d'**O Correio** (n. 862, 22/05/1941) para a festa de Santo Antônio: “no dia 8 proceder-se-á à bênção da imagem de Santa Gemma Galgani e à tarde, a solene procissão dessa santa, com sermão à entrada”. A presença da devoção a esta santa se justifica pelo grande número de migrantes italianos e descendentes nesta área paroquial que abarcava todas as colônias da cidade; um terceiro exemplo é o das romarias que se incentivavam para maio na matriz em 1950 (**Diário do Comércio**, n. 3.654, 06/05/1950).

[8] - **O Diário do Comércio**, n. 3.480, 18/09/1949 (compilação do jornal **O Dia** de 25/05/1912).

[9] - Diz ainda de um desaparecido documento de 1765 sobre a devoção ao Bom Jesus por aqui, fato que nunca encontrei corroborado por ninguém.

Criação da paróquia e da diocese

O crescimento vertiginoso do bairro era inevitável e o destino reservava a independência eclesiástica a Matosinhos. Já se cogitava emancipar-lhe a capela mas tal só ocorreu a 25/10/1959, quando se criou a paróquia de Matosinhos pelo arcebispo coadjutor e administrador apostólico do arcebispado de Mariana. Em 01 de janeiro de 1960 ela foi oficialmente instalada [1]:

Atendendo a uma velha e justa aspiração do operoso e católico povo de Matozinhos, foi criada por sua Excia. Revma. Dom Oscar de Oliveira, dd. Arcebispo de Mariana, a Paróquia de Matozinhos – a quarta paróquia em São João del-Rey [2] - cuja instalação solene se verificou a 1º do mês corrente. Para dirigir a nova paróquia foram nomeados o Revmo. Padre Jacinto Lovatto, como vigário, e o revmo. Padre Lourival de Salvo Rios como coadjutor. A posse festiva verificou-se ás 20 horas, perante autoridades religiosas, militares e civis, e verdadeira multidão de fiéis. O Revmo. Cônego Vicente Dilascio, enviado especial da Cúria Arquiepiscopal, após ler o título de criação da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matozinhos e as Provisões dos Revmos. Vigário e seu digno coadjutor, usou da palavra para congratular-se com os católicos e com a cidade pelo auspicioso evento. A seguir foi celebrada a 1ª missa paroquial á porta da nova matriz (pequena diante da multidão presente) pelo novo vigário. Como encerramento, depois de lida a ata de posse, houve Te-Deum Laudamus. Abrilhantaram as solenidades as Bandas Teodoro de Faria e Santa Terezinha [3] e a Orquestra Ribeiro Bastos. As 21 horas, em coreto armado na Praça Chagas Dória houve entusiástica manifestação de apreço aos Revmos. Vigários responsáveis pela nova paróquia, quando se fizeram ouvir diversos oradores vibrantemente aplaudidos.

Nesse texto o termo vigário é usado indistintamente para o responsável pela paróquia (pároco) e para seu coadjutor (este sim, o vigário paroquial).

A paróquia recém-criada era imensa: abrangia todo o seu território atual, que corresponde ao Grande Matosinhos, e ainda a capela rural de Santo Antônio no povoado do Carvoeiro, todo o atual município de Santa Cruz de Minas (na época era distrito de Tiradentes), a Cohab, a antiga área do núcleo colonial italiano, além de César de Pina e Águas Santas – ambas no município de Tiradentes [4].

Nesse mesmo ano faleceu o ex-arcebispo de Mariana Dom Helvécio Gomes de Oliveira [5].

São João del-Rei reclamava sua independência eclesiástica da arquidiocese de Mariana [6], o que ocorreu nesse mesmo ano com a criação da diocese de São João del-Rei, por bula do Papa João XXIII, datada de 21/05/1960. O primeiro bispo, Dom Delfim Ribeiro Guedes, foi nomeado a 23/07/1960 e a diocese foi oficialmente instalada a 06/11/1960 [7]. Foi bispo de Leopoldina/MG, donde foi transferido para São João del-Rei. Renunciou ao bispado em 1983, motivado por questões de saúde. Veio a falecer no Hospital das Mercês, a 23/02/1985.

O bispo substituto foi Dom Antônio Carlos de Mesquita, nomeado por bula de 16/12/1983, empossado a 19/02/1984. Até então era bispo de Oliveira/MG.

O terceiro bispo foi Dom Waldemar Chaves de Araújo, natural de Bom Despacho/ MG. Assumiu a diocese a 31/08/1996 e permaneceu à sua diocese até meados de 2010 quando passou à condição de bispo emérito. Deu importante apoio à festividade do Divino.

O quarto bispo é o frei Dom Célio de Oliveira Goulart, que veio da diocese de Cachoeiro de Itapemirim/ES. Foi nomeado a 26 de maio de 2010 e assumiu em 17 de julho do mesmo ano.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

[1] - **O Correio**, n. 2.990, 09/01/1960.

[2] - Quarta paróquia, subentenda-se, da zona urbana. A ordem cronológica de criação das paróquias da cidade é a seguinte: Nossa Senhora do Pilar (1703), São João Bosco (19/03/1936), São José Operário (01/05/1951), Senhor Bom Jesus de Matosinhos (01/01/1960), São Francisco de Assis (09/04/1967), Imaculada Conceição (primeiro semestre de 1999), Senhor Bom Jesus do Monte (26/11/1999) e São Judas Tadeu (28/10/2009). As rurais: São Miguel do Cajuru (1833), São Francisco de Assis do Onça (sediada no distrito de Emboabas - 1864) e São Sebastião da Vitória (23/03/1925). Os distritos de São Gonçalo do Amarante e Rio das Mortes, pertencem ao território eclesiástico da Paróquia de São José Operário.

[3] - Houve uma banda de música na Vila Santa Terezinha, desativada há muitos anos. Desde 2008 existe uma banda de música no bairro.

[4] - Em 1990, em César de Pina, estava em fase de construção a Capela de Nossa Senhora Aparecida, hoje concluída. A Capela de Nossa Senhora da Saúde das Águas Santas foi benta a 20/02/1915, pelo então pároco do Pilar, Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho e o vigário Padre Antônio Carlos, com duas missas muito concorridas. A construção desta capela se deveu em grande parte aos esforços do farmacêutico Antônio Gonçalves de Araújo Penna, esclarece **O Zuavo** (n.27, 21/02/1915). A outra capela local data do fim do século XIX. É consagrada a São José.

[5] - **O Correio**, n. 3.002, 01/05/1960.

[6] - **O Correio**, n. 3.005, 22/05/1960.

[7] - Dom Delfim nasceu em Maria da Fé/MG a 02/05/1909 e faleceu em São João del-Rei, no Hospital das Mercês, a 23/02/1985.

A nova igreja

Uma comissão composta pelos Srs. Waldemar Marques (presidente), Jorge Salomão (vice-presidente), Alfie Lopes (secretário) e José Batista da Costa (tesoureiro), foi formada em 04 de outubro de 1966, para cuidar dos meios da edificação de uma nova igreja. A bênção da pedra fundamental, pelo bispo Dom Delfim, ocorreu a 09 de setembro de 1968.

Teve assim início a construção em estilo moderno, ladeando a velha, barroca. Pesquisadores já deram maiores detalhes acerca deste triste episódio e não carece repeti-los. A sólida construção veio abaixou e fora daqui repercutiu-se a notícia da demolição. A Comissão Promotora das Comemorações do Centenário da Guerra da Tríplice Aliança, oficiou à sede diocesana rogando não se destruir o templo antigo. Respondeu o bispo [1]:

*São João del-Rei, 8 de junho de 1966
Exmo. Sr. General Dióscoro Gonçalvez Vale
DD. Comandante da ID / 4
Belo Horizonte*

L.J.C. et M.

Recebi, com o maior aprêço, o veemente apêlo no sentido de obstar a planejada demolição da igreja de Bom Jesus de Matozinhos, desta cidade, apresentado por V. Exa. em nome da Comissão Promotora das comemorações do centenário da Guerra da Tríplice Aliança, que vem, num elogiável programa de civismo, propugnando por medidas que representam a defesa do que é patrimônio de todos nós brasileiros. Na oportunidade, informo a V. Exa. que o referido assunto está sendo estudado e, que, logo que se tenha uma decisão, comunicarei a V. Exa. Esperando em Deus, que tudo seja resolvido satisfatoriamente, apresento a V. Exa. os protestos de alta estima e profunda consideração, subscrivendo-me, de V. Exa. servo em J.C. Delfim Ribeiro Guedes - Bispo de São João del-Rei.

A intervenção do general se baseava num fato histórico e militar. A mesma fonte informa:

São João del-Rei foi dos municípios que mais concorreram com voluntários [para a Guerra do Paraguai]. Aquela comuna não se limitou a mandar seus filhos para a campanha. Recebia festivamente e tratava muito bem as companhias de voluntários que por ali passavam, como se deu, por exemplo, com as do Sul de Minas, que se destinavam a Uberaba. Interessante é que existe em São João del-Rei (embora haja o propósito de demoli-la) uma igreja histórica, a do Bom Jesus de Matosinhos. (...) os grupos de voluntários de São João del-Rei ali assistiam à missa, antes da partida. Os grupos de voluntários de Passos e de outros lugares que por São João passavam, pernoitavam na igreja e, no dia seguinte, ali mesmo assistiam à missa, antes de continuar a marcha.

Um dos pretextos é que estava ruindo, baseado no mau estado do telhado, ao qual bastava uma reforma. A imprensa divulgou que o telhado da sacristia tinha caído [2]. Nenhuma providência foi tomada para corrigir o problema. Publicou-se (e era voz corrente), que a igreja não era tombada pelo patrimônio [3]: “esta afirmação pode ser comprovada pelo telegrama recebido pelo Padre Jacinto, pároco daquela região, telegrama este mandado pelo diretor do Patrimônio Histórico Nacional, sr. Rodrigo de Melo Andrade”.

O próprio pároco afirmava a falta de tombamento da igreja, como se pode averiguar por seu próprio depoimento num documentário acerca da devoção ao Bom Jesus [4].

Em não sendo tombada uma igreja, a intervenção ou demolição compete unicamente à decisão do clero; mas no caso de ser, depende de autorização legal dos órgãos competentes. Ocorre porém que a igreja era tombada pelo patrimônio, através do processo nº 68-38 do SPHAN, inscrito no Livro de Tombo de Belas Artes, v.1, folha 2, de 04/03/1938.

A conclusão da obra durou alguns anos. Em 1977 estava quase pronta [5]:

Padre Jacinto Lovatto Filho, pároco de Matosinhos, vem supervisionando os últimos trabalhos de acabamento da grandiosa igreja do Bom Jesus, daquele bairro, que teve a sua construção iniciada no dia 4 de outubro de 1965, Dia de São Francisco. A nova igreja, com 1.420 m² de área construída, em forma de cruz, está recebendo agora a parte de mármore em todas as paredes. O altar está centralizado na cruz, sendo que na parte do fundo se encontra o símbolo da Santíssima Trindade e um globo com a imagem de Bom Jesus abençoando-o. Vitrais laterais são em número de vinte e oito, com vidros importados da Bélgica, adquiridos há alguns anos. O piso do corpo do templo será revestido em *paviflex*. Padre Jacinto reuniu os recursos financeiros para a construção da Igreja com a ajuda dos fiéis da paróquia, que pagam uma mensalidade e, principalmente, das festas ali realizadas periodicamente. Para administrar a execução da obra, foi constituída uma comissão de construção da igreja composta por: Presidente – Waldemar

Marques; Vice-presidente – Jorge Salomão; Secretário – Antônio Silveira e Tesoureiro – Pe. Jacinto Lovato.

A bênção na nova igreja foi dada em 01 de janeiro de 1980. A placa comemorativa, afixada na fachada da igreja, à esquerda de quem entra, diz:

Casa de Deus – Porta do Céu – Gên. XXVIII, 17 Esta igreja matriz do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, hoje consagrada e inaugurada, foi construída no período de 04-10-1965 a 31-12-1979, pela inspiração e direção do pároco, cônego JACINTO LOVATTO FILHO, com a ajuda da generosidade do povo desta cidade, especialmente deste bairro. A comunidade agradece a Deus pela preciosa dádiva. São João del Rey, 01/01/1980.

A história prossegue. Deu esse padre um novo impulso às festividades jubilares do padroeiro. Ao seu tempo tornaram-se famosíssimas na cidade as “Barraquinhas de Matosinhos”, assim apelidadas as quermesses desse jubileu. Quem as alcançou, como este autor, não exita em testemunhar sua excelência. Mesmo assim estiveram sumidas da imprensa. Uma pequena notícia surge nos anos setenta [6]:

Muito animada a festa do senhor Bom Jesus de Matosinhos, que teve início dia 27 de agosto e vai até o dia 14 de setembro. As barraquinhas tem estado todos os dias muito movimentadas, e a novena, que se iniciou domingo, contou com grande número de fiéis. A procissão solene dar-se-á dia 14, às 16:30 horas, percorrendo as principais ruas do bairro.

Eis portanto que o cônego Jacinto Lovatto Filho [7], legou para Matosinhos obras importantes e contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento social do bairro. É fácil constatar isso da boca dos fiéis que vivenciaram seu trabalho. Seu paroquial tinha tudo para ser excelente, mas com lástima há de se considerar que foi maculado de forma indelével, pelas desnecessárias demolições [8]. Esse fato, que nunca será demais repetir para a posteridade, recai como uma sombra sobre a história da cidade e servirá de admoestação contínua, para a defesa do nosso patrimônio, como serviram outrrossim, o desaparecimento do Aqueduto dos Arcos, do Pavilhão de Matosinhos, dos inúmeros casarões que se foram, da primitiva fonte luminosa da Avenida Presidente Tancredo Neves, da Ponte da Misericórdia, dentre outros tristes exemplos.

Após esse pároco atuaram os seguintes sacerdotes nessa matriz:

- padre Adelmo José da Silva (pároco – desde 05/01/1986);
- padre João Rodrigues de Paula (vigário paroquial);
- frei Jordano Noordermeer (vigário cooperador);
- padre Sílvio Firmino do Nascimento (vigário paroquial);
- padre Delçôn José de Oliveira (administrador paroquial – desde março/abril de 1989);
- padre Pedro Teixeira Pereira (pároco solidário, jan.–jun./1991) [9];
- padre Lourival de Salvo Rios (vigário paroquial).

Em 1985 é criada a paróquia de São Sebastião, sediada na igreja desse mártir em Santa Cruz de Minas. Com isto, um imenso território é desvinculado definitivamente de Matosinhos. A nova paróquia abrangia toda Santa Cruz de Minas, as colônias do Marçal e Giarola, além de César de Pina e Águas Santas [10].

As festas de Matosinhos embora com melhorias religiosas, inclusive por exemplo o surgimento das comemorações da Semana Santa e São Cristóvão, continuavam desaparecidas da imprensa. Uma notícia isolada surge em 1987, sob o título “A grande Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos” [11]:

A paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos está em festas realizando o jubileu do seu padroeiro. A novena dará início dia 05/09 às 18:30 hs e irá até o dia 13/09. Haverá a celebração da exaltação a Santa Cruz e missas de hora em hora a partir das 6 horas e finalizará com uma grande procissão às 16 horas. Após o término desta haverá bênção e distribuição da sagrada eucaristia. Já estão funcionando no adro da igreja matriz as tradicionais barraquinhas. A novena contará com a participação de vários padres da Diocese sob a coordenação do pároco Padre Adelmo José da Silva e a colaboração carinhosa de Frei Jordano e Pe. João Rodrigues. No que diz respeito à parte administrativa, está sendo reformada a casa paroquial e anexo está um escritório, onde se desenvolverá um trabalho de pároco a nível pessoal com os paroquianos. Também está sendo construída no Bairro da Vila Santa Terezinha, uma funcional e aconchegante igreja, já que a capela antiga se encontrava em estado precário e não atendia às

necessidades dos moradores do bairro. Do ponto de vista pastoral induz o leigo a se conscientizar de que ele é uma peça importante na formação da unidade cristã e renovada. O jovem vigário (sic), Padre Adelmo José da Silva, ordenou-se no dia 07/05/1985 e tomou posse na paróquia no dia 05/01/1986. A sua dedicação e carinho, conquistou a todos os paroquianos neste pouco espaço de tempo em que ele está à frente da maior paróquia da Diocese; paróquia esta que conserva suas tradições mas que sob a orientação do jovem pastor, se renova de uma forma moderada, vencendo as dificuldades sendo ele acima de tudo uma luz e guia para o seu rebanho. Ao Padre Adelmo e seus auxiliares, os nossos agradecimentos e que o Sr. Bom Jesus e a Virgem da Piedade os protejam sempre. Raimundo Correa - Presidente

Estava próximo do fim mais uma fase da vida paroquial.

* *Ulisses Passarelli*

- [1] - In: **Revista de História e Arte**. Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Arte, 1966. Ano 3, n. 7.
- [2] - **Estado de Minas**, 28/02/1970.
- [3] - **Jornal de Minas**, n.11, 12/09/1969.
- [4] - **Devoção ao Sr. Bom Jesus de Matosinhos**, São João del-Rei, WM Filmagens, 2004. (DVD).
- [5] - **Tribuna Sanjoanense**, n.190, 09/09/1977.
- [6] - **O Raio**, n. 235, 08/09/1976.
- [7] - Faleceu em 25/07/2004. Sepultado no dia seguinte, no Cemitério das Mercês. Sobre seus dados biográficos básicos ver o livro de José Cláudio Henriques.
- [8] - Ao seu tempo foram demolidas também as capelas primitivas da Colônia do Marçal (N.S. da Conceição) e Santa Cruz de Minas (S. Sebastião) e edificaram-se os templos atuais. Sobre a do Marçal sabe-se que sua construção foi longuíssima e somente em 2002 ganhou a pintura externa e em 2003 o calçamento do adro com blocos. Em agosto/2004, iniciou-se a construção da torre. Sua bênção deu-se em 08/12/2005, quando ficou pronta, graças aos esforços do seu primeiro pároco, padre Antônio Claret Albino. No ano seguinte são construídos a cúpula e os dois medalhões externos com temas marianos. A criação desta paróquia em 1999 desvinculou da de Santa Cruz de Minas o território contido no núcleo colonial, César de Pina e Águas Santas.
- [9] - Atualmente este sacerdote ainda celebra em Matosinhos, todas as sextas-feiras, 15 horas.
- [10] - Santa Cruz de Minas pertencia à paróquia de Santo Antônio, da cidade de Tiradentes, até a criação da paróquia de Matosinhos, quando então, passou para seu controle. Era na ocasião um arraial, com poucas casas ao redor da capela de São Sebastião, cuja pedra fundamental foi benta em 29/06/1937, pelo padre José Bernardino da Silveira, que rezou ali a primeira missa (campal). O terreno para a construção foi doado pela prefeitura de Tiradentes. Fincou-se um cruzeiro no local, donde veio o nome do lugar. Só foi elevada a vila em 30/12/1962 (lei estadual nº 2.764). A emancipação política deu-se a 21/12/1995 (lei estadual nº 12.030). O município foi oficialmente instalado a 01/01/1997, sendo primeiro prefeito o Sr. José Antônio dos Santos, que exerceu dois mandatos consecutivos. O primeiro pároco foi o padre Cláudir de Possa Trindade, em 1985. Substituiu-lhe o padre Antônio Claret Albino, em 1997 e a este o padre Pedro de Jesus Wiermann, em 1999. Em 1990 estava em construção a Capela do Sagrado Coração de Jesus, na COHAB, na mesma jurisdição eclesiástica.
- [11] - **Tribuna Sanjoanense**, n. 542, 21/08/1987.

Catolicismo contemporâneo em Matosinhos

Um novo tempo na vida religiosa do bairro iniciou-se com a vinda do pároco padre José Raimundo da Costa, empossado em 31 de janeiro de 1991. Com visão de vanguarda e postura progressista, conforme os documentos e orientações mais modernos da Igreja, sabendo equilibrar evangelização, comunicação, fé, política e cultura, imprimiu fortes mudanças atualizadoras na estrutura e nos rumos paroquiais.

Com intensa atividade coordenou a criação de muitas equipes de trabalho, inclusive a tão importante campanha de instalação do canal televisivo da Rede Vida, para o qual tanto colaborou de forma incansável e indelével o Sr. Antônio da Silva Serpa; criou a Pastoral Social ; reorganizou a Cooperativa dos Pobres e criou a Sopa Bom Jesus, o Clube de Mães, o Centro Cultural e Social da

Paróquia, a Livraria Paroquial, informatizou os serviços eclesiásticos locais, promoveu profundas mudanças no sistema de comunicação da paróquia com uma série de programas radiofônicos e alguns televisivos.

Fez a importante divisão da paróquia em várias comunidades: cada uma tem seu coordenador e para reger a todas há uma coordenação geral. Eis portanto que a criação destas unidades articuladas e harmônicas favoreceu o aparecimento de várias festas de menores proporções consagradas aos patronos específicos, intensificando a vivência comunitária.

Apostando na eficácia da comunicação, o *outdoor* convencional que ficava fincado na lateral esquerda do adro, e que por diversas vezes tivera de ser reparado, foi substituído por um mais resistente, luminoso e com duas faces, onde se colocam renovadamente, mensagens e lemas/temas relevantes. Igual painel, em menor proporção foi instalado na entrada do Centro Social e Cultural da Paróquia, sito na mesma praça. Matosinhos tornou-se a primeira paróquia da diocese a ter semanalmente seu próprio programa radiofônico e televisivo, além da transmissão ao vivo da santa missa, semanalmente. A força da apostila na comunicação, levou ainda à montagem de estúdio próprio de gravação, numa das salas do santuário.

Outro pioneirismo desta paróquia é o evento conhecido por Grito do Excluídos, uma marcha pelas ruas da cidade clamando por melhores condições de vida para a população e em favor da consciência política, desde 1997, sempre com crescente participação.

Foi feita a capela do Santíssimo Sacramento numa sala lateral da matriz em 2002. Neste mesmo ano procedeu-se à reforma completa da parte interna da matriz e a instalação de bebedouros na lateral da sacristia. Reformou também ao longo de seu paroquiato as antigas imagens da igreja e valorizou a tradição do ex-votos com a reforma da "Sala do Milagres", assim popularmente chamada.



São Libório. 2013.

No ano seguinte reformou-se a parte externa, com cuidados estruturais, elétricos e de estilo, colocando-se uma barra de acabamento em pedra ao redor de toda a construção e os azulejos mesclados de azul e branco, a que tantos atribuíam mal gosto, foram pintados de cinza, dando mais uniformidade ao conjunto. As portas e vitrais ganharam reforma com soldas, troca de vidros quebrados e pintura. Houve ampliação dos banheiros; derrubada da mureta que dividia o adro em duas metades na lateral-posterior do templo. A simples medida de se construir rampas na entrada da igreja, foi um sinal de respeito às dificuldades de locomoção dos fiéis que dependem cadeiras de rodas, facilitando seu acesso.

Em setembro de 2002 a matriz é elevada a santuário diocesano.

É criada uma sala sobre o batistério, ora ponto de reunião dos festeiros do Divino.

No segundo semestre de 2004 são construídos dois banheiros para portadores de necessidades especiais, um masculino e outro feminino. O santuário, com pintura nova (externa e interna) se completa neste tempo com a reforma no prédio da Catequese, nos fundos do adro: as salas ganharam portas, reparos no reboco e pintura. Tem banheiro próprio. Os ladrilhos da entrada principal, à frente da porta foram substituídos por ardósia. Os postes e grades do adro foram pintados. De 2006 para 2008 novas melhorias: sinalizações para os fiéis, lixeiras no adro, telado protetor dos vitrais do fundo do santuário (útil contra eventuais depredações) e igualmente ali toldos para diminuir a entrada e luz, eliminando o incômodo reflexo que vinha através deles para dentro da igreja. Ainda houve o fechamento com alambrado da traseira dos banheiros, o que até que se construam mais outros sanitários naquele espaço, veio em boa hora. Foi colocado um tablado junto ao presbitério para posicionar os câmeras durante as filmagens das celebrações. Parte da “sala dos milagres” foi usada para o aparelhamento de comunicação. Ainda nesse tempo foi instituída a equipe de acolhida ao santuário. Em seu conjunto o santuário melhorou em conservação, aspecto e funcionalidade.

Padre José Raimundo permaneceu como pároco até março de 2011, quando foi transferido para a paróquia de São José Operário, no Tejuco e o pároco de lá para Matosinhos, Padre José Bittar. Padre José Raimundo também foi reitor do santuário e coordenador de pastorais da diocese [1]. As transferências envolveram também o vigário, Padre Álisson, que foi para o Pilar, tendo em seu lugar em Matosinhos o Padre Rondinelli Cristina.

É importante frisar que neste trabalho desempenhado que verdadeiramente mudou a fisionomia e o funcionamento paroquial, irradiando muito além de seus limites eclesiásticos, foram fundamentais as ajudas prestadas por tantos abnegados devotos que assumindo a dianteira de comunidades, pastorais, movimentos equipes, comissões, etc., deram respaldo à implantação de todo este projeto de fé.

Há de se registrar também igual apoio e participação dos vigários paroquiais que o coadiuvaram. Tiveram outrossim grande compreensão pelas dificuldades encontradas pelos festeiros do Espírito Santo para manterem o jubileu do Divino com a dignidade necessária:

- Padre Nélio José dos Santos (1998-9);
- Padre Paulo Marcelo Daher Gomes Filho (1999-2000);
- Padre Dirceu de Oliveira Medeiros (2002-4);
- Padre Odair José de Carvalho (primeiro semestre de 2004);
- Padre Geraldo Magela da Silva (dez./2004)
- Padre Állison André Sacramento (nov./2008)

Com a efervescência causada pela reestruturação do jubileu do Divino, as festas locais em geral voltaram a ser destaque na imprensa. Uma fotografia nas páginas da **Gazeta de São João del-Rei**, destacada como a foto da semana, mostrou uma multidão enorme ao redor do andor do padroeiro. Eis sua legenda [2]: “*terça, 14, foi feriado em Matosinhos. Milhares de fiéis saíram às ruas em procissão para celebrar o Jubileu do Bom Jesus de Matosinhos*”. A partir de então as notícias sobre as comemorações tornaram-se frequentes na imprensa escrita, somando-se ainda a força da imprensa falada e televisiva.

É mister não esquecer uma mudança digna de registro: no dia maior da festa de São Judas Tadeu do ano de 2009, na Caieira, o bispo diocesano anunciou na missa campal a criação de uma nova paróquia, sob o nome deste santo, no referido bairro, desmembrada da franciscana. A mudança na jurisdição eclesiástica teve como limite geográfico o Ribeirão da Água Limpa (margem esquerda) e com isto a Comunidade de Santa Clara, até então pertencente à de Matosinhos, ficou para a Paróquia de São Judas Tadeu. Também a Gruta do Divino foi por ela englobada. O primeiro pároco tomou posse a 20 de dezembro do mesmo ano, Padre Claudir de Possa Trindade.

Por fim vale ressaltar as comemorações do cinquentenário da paróquia de Matosinhos em 01/01/2010, com missa solene no santuário presidida pelo bispo. O evento teve cobertura da imprensa televisiva, radiofônica e escrita [3].



Saída da Procissão do Divino em 2009.

Notas e Créditos

* Posteriormente, durante a gestão do Padre José Bittar, vieram outros vigários: Padre Admilson Heitor de Paiva e depois, Padre Geraldo Sérgio França.
**Texto: Ulisses Passarelli
*** Fotos: São Libório, Iago C.S. Passarelli; procissão, Ulisses Passarelli.

[1] - As principais realizações dos seus vinte anos à frente da paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos foram resumidas na edição especial do informativo paroquial Comunidade, de março de 2011.

[2] - **Gazeta de São João del-Rei**, n. 61, 18/09/1999.

[3] - **O Grafite**, n.33, 30/12/2009. São João del-Rei.

O Resgate

Remodelação da Festa do Divino e a comissão de festeiros

Em geral as comemorações tradicionais de pequeno vulto necessitam de um único festeiro (a). Contudo uma do porte dessa em questão, carece de um grupo de pessoas responsáveis. Já na festa antiga ocorria o nome “comissão”, aplicado ao conjunto de festeiros. Era numerosa, a julgar pela de 1923, que contou com 110 pessoas, cuja lista completa dos nomes a imprensa publicou [1].

Os tradicionais três dias de festas (a animadíssima festa de 1883 foi uma exceção, perdurando por cinco dias), embora contíguos, tinham comissões organizadoras distintas, que contudo trabalhavam harmoniosamente. O programa dos três dias era publicado unido, mostrando o entrosamento da tripla comissão. Três festas em uma. Não obstante, em 1882 o **Arauto de Minas** os publica separados: a programação do Divino numa edição, a do Bom Jesus e Virgem da Lapa noutra. Teria a fraternidade das três comissões sido abalada ou foi apenas falta de espaço na folha?

Nos tempos atuais a festa dura onze dias, o primeiro para anúncio festivo, os nove da novena e mais o dia maior. Há apenas uma comissão, cuja história começa em 1997.

Nesse ano o padre José Raimundo da Costa, pároco de Matosinhos, sabedor do passado brilhante deste festejo, idealizou introduzir uma atração cultural e para tanto providenciou convite a um congado, o de Coronel Xavier Chaves, que ingressou na procissão dando-lhe nova vida. A experiência foi analisada como positiva e promissora e abriu as portas para a reativação do festejo em seus moldes tradicionais.

No ano seguinte, com aval e apoio deste sacerdote e sob a grande liderança do artista santeiro Osni Geraldo de Paiva, com base em suas pesquisas históricas, idealizou-se restituir a festa jubilar. Para tanto foram convidadas várias pessoas para uma reunião e a mesma se realizou no salão da catequese, na matriz, dia 28 de fevereiro de 1998, com umas trinta pessoas ou mais.

Aberta a sessão com as preces e explicações do sacerdote, Osni a seguir explanou sobre a história da festa e o ideal de restituí-la. De comum acordo constitui-se um grupo, então chamado “Comissão Pró-jubileu do Divino Espírito Santo de Matosinhos” e todos os presentes assinaram formalizando o ato.

Contudo, o grupo foi se esvaziando com o distribuir das tarefas e com a chegada da festa estava na verdade assim constituído, conforme consta no informativo daquele ano[2]:

Presidente: Padre José Raimundo da Costa

Coordenador Geral: Osni Geraldo de Paiva

Informativo: José Cláudio Henriques

Folclore: Luthéro Castorino da Silva, Maria Aparecida de Salles e Ulisses Passarelli

Infra-estrutura: Altivo da Paixão Chaves Berg e Nelson Domingos de Abreu

Esse foi o grupo diretamente responsável e pioneiro. Destacaram-se também os colaboradores: Antônio da Silva Serpa (“Toninho”), na Coordenação das Comunidades; Adriana Márcia Zim e equipe na alimentação e figurino; Luís Dângelo Pugliesi e Sebastião Machado Gomes (“Jacó”), na divulgação; Sônia Coelho, Nelson Resende e Josino Inácio do Nascimento (“Jota”), na cavalgada - respectivamente como coordenadora, alferes da bandeira e ponteiro; grupos de Renovação Carismática Católica e equipes de liturgia, na liturgia; outros tantos voluntários, sem os quais a tarefa seria impossível ou de êxito limitado.

A partir do ano seguinte o grupo passou a se chamar oficialmente “Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo”, tendo como sigla, por proposta de José Cláudio Henriques, “CODIVINO”.

Em 17 de fevereiro de 2000 aprovou o seu estatuto. Embora sem registro em cartório, tem sido seguido pelos festeiros por uma questão de honra. Foi reformado em 4 de setembro de 2001. Por esta ocasião, elegeu-se a diretoria e conselhos de acordo com o estatuto vigente, conforme consta na respectiva ata (nº 37, livro nº 2) ficando assim constituída para um triênio:

Diretoria:

Presidente de Honra: Padre José Raimundo da Costa

Presidente : Ulisses Passarelli

Vice-presidente: Osni Geraldo de Paiva

1º Secretário: Otávio Félix Pereira da Silveira

2º Secretário: José Cláudio Henriques

1º Tesoureiro: Antônio Carlos Garcia

2º Tesoureiro: Nelson Domingos de Abreu

Conselho fiscal:

- Geraldo Elói de Lacerda
- José Antônio de Ávila Sacramento
- Maria Aparecida de Salles

Conselho consultivo:

- Antônio da Silva Serpa
- Damião Guimarães
- Maria Sílvia Teixeira Henriques

Conselheiros suplentes:

- Adriana Márcia Zim
- José Gonçalves de Sousa

Esse foi o grupo responsável por consolidar o trabalho de reativação, juntamente com Paulo Zini e Kleber do Sacramento Adão, admitidos como mesários duas semanas após a referida eleição. Contou-se

também com a inolvidável ajuda de muitas outras pessoas, que com o tempo foram se agregando na qualidade de membros-colaboradores. Embora não sendo mesários, foram responsáveis por muitas tarefas na edificação da festa, que desempenharam com plena fidelidade, como até hoje acontece. Além dessas pessoas existem ainda muitas outras, no exercício do voluntariado em favor da festa, muito embora oficialmente não façam parte da comissão propriamente dita. Em setembro de 2004 a mesa administrativa supracitada foi renovada por processo eleitoral, como determina o estatuto da comissão, para um mandato de três anos. Ficou assim composta, com a participação de novos membros efetivados:

Diretoria:

Presidente de honra: Padre José Raimundo da Costa

Presidente: Nelson Domingos de Abreu

Vice-presidente: José Cláudio Henriques

1º Secretário: Antônio Carlos Garcia

2º Secretário: Leila Andrade

1º Tesoureiro: Antônio da Silva Serpa

2º Tesoureiro: Kleber do Sacramento Adão

Conselho consultivo:

- Otávio Félix Pereira da Silveira
- José Gonçalves de Sousa
- Geraldo Elói de Lacerda

Conselho fiscal:

- Paulo Zini
- José Tadeu Nascimento
- Jânio Fernando Salomão

Conselheiros suplentes (ambos conselhos):

- Ariel Resende Fernandes
- Edmilson Washington da Silva
- Inácia Maria dos Santos
- Joaquim Maia Filho
- José Roberto Zim
- José Trindade Muniz
- Josino Inácio do Nascimento
- Maria Aparecida da Silva Nascimento
- Maria Auxiliadora Reis
- Maria do Carmo da Silva
- Maria Rosária Neto Abreu
- Luciano Rodrigo Andrade Mourão
- Nivaldo Neves

Outros cargos administrativos:

- consultor executivo de folclore e realizações: Ulisses Passarelli
- diretor de organização e gerenciamento do Jubileu: David Passarelli
- relações institucionais: Sebastião Machado Gomes
- coordenador geral da cavalcada: Josino Inácio do Nascimento

Estes “outros cargos administrativos” são de confiança, sob a escolha do presidente, ou seja, não eletivos e como tal podem variar segundo as circunstâncias e necessidades. O presidente de honra é sempre o pároco em vigor. Com a saída do autor e de seu pai David da comissão após a festa de 2005, os cargos por eles ocupados ficaram vagos. Para o primeiro foi oportunamente convidado em substituição o sr. Raimundo Camilo, conhecido e experiente folião e capitão de congado.

Ao longo dessa administração, vários outros mesários foram admitidos.

Nova mesa administrativa foi eleita no segundo semestre de 2007, já que expirara o tempo estatutário da anterior. Ficou assim constituída sua diretoria:

Presidente de honra: Padre José Raimundo da Costa

Presidente: José Cláudio Henriques
Vice-presidente: Nivaldo Neves
1º Secretário: Mara Cristina Reis
2º Secretário: Antônio Carlos Garcia
1º Tesoureiro: Antônio da Silva Serpa
2º Tesoureiro: Jânio Fernando Salomão

Não obtive a colocação dos demais cargos, bem como da eleição seguinte, quando Nelson Domingos de Abreu voltou à presidência.

O grupo de festeiros continua crescendo. Um bom número de novos mesários aparece listada no informativo da festa de 2008, como membros da comissão, além dos já referidos até aqui: Adriana de Assis, Alcina Zanetti Assunção, Ana Paula Silva de Souza, Antônio Alves de Paula Filho [3], Antônio Cipriani Carvalho, Antônio Marcelino de Sousa, Carlos Antônio dos Anjos, Ciro Neves, Eder da Conceição Araújo, Eliana Maria dos Passos, Fábio da Silva, Francisco José do Nascimento, Geraldo Magela Francisco, Geraldo Trindade das Dores, Ismair Januário da Silva, Ivan Campos do Nascimento, Jerônimo Tadeu Trindade, João Bosco Rios, José Adney da Luz, José Francelino, José Luiz da Cunha, José Luiz Gonzaga, Josimar Luiz da Silva Tavares, Lucas de Carvalho, Marcelo José de Carvalho, Maria Auxiliadora Rodrigues, Maria do Carmo Carvalho, Maria Sílvia Teixeira Henriques (retorno), Otacílio José de Castro Lopes, Ronaldo Luiz Francisco (*in memoriam*), Carnaval Rodrigues Nunes, Sebastião de Jesus (*in memoriam*), Sebastião Modesto dos Santos (colaborador efetivado), Sérgio Rocha Silva, Valéria Aparecida de Jesus. No passado a renovação da comissão era mais freqüente, praticamente anual, sobretudo no que diz respeito aos cargos e personagens de cabeceira. Em 1885 por exemplo, surge referência no **Arauto de Minas**, ao sorteio de novos mesários, ou seja, festeiros que se reuniam em torno de uma mesa para discussões das providências a tomar em favor do evento.

A comissão persiste ativa e continua fiel aos ideais iniciais, com a renovação natural de seu quadro social, erros e acertos, constantes em todas as atividades humanas.



Primeiro império montado após o resgate, em 1998, em plena Rua Antônio Rocha, antes da edificação da Gruta do Divino. Foto do autor.

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

[1] - **A Tribuna**, n. 464, 18/03/1923.

[2] - **INFORMATIVO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE MATOSINHOS**. São João del-Rei: Comissão Pró-jubileu do Divino Espírito Santo de Matosinhos, abril / 1998. n. 1, ano1. Expediente, p. 3.

[3] - Foi rei de congado durante 70 anos! A última festa que participou foi a do Divino de 2008, com a animação costumeira e esmero na roupa, falecendo logo depois, a 21 de maio. Na festa do Rosário de São Gonçalo do Amarante (distrito de São João del-Rei, em outubro do mesmo ano, a última rainha a lhe acompanhar, Maria José da Silva Oliveira, prestou uma homenageada à sua memória. O autor dessas

linhas já o havia feito por ocasião dos seus 65 anos de reinado, ocasião que recebeu em público um bastão simbólico, encimado por uma coroa esculpida em cedro. Deixou saudade e admiração pela seriedade com que encarava sua missão.

A festa antes da elevação a santuário

Os festejos de 1998 a 2003

A parte folclórica-religiosa iniciou-se na pascoela (designação portuguesa da semana seguinte à páscoa), quando começaram a sair às ruas e à zona rural as folias do Divino, em jornada de visita às casas, anunciando o jubileu e arrecadando donativos.

Concomitantemente o cavaleiro do Divino marchou solitário pelos rios, com as mesmas funções de uma folia a não ser a da parte musical.

Enquanto folias e cavaleiro jornadeavam pelo município, os preparativos para a festa estão a todo vapor. A comissão corre atrás dos últimos detalhes, compras, patrocínios, questões organizacionais, pintura dos mastros, montagem do coreto, etc.

Uma atração acontecida apenas em 2003, acerca de um mês antes da festa, foi o leilão de gado, realizado nas dependências do matadouro municipal, em Matosinhos. Procuradores de gado, previamente designados por cartas de apresentação, percorreram a zona rural do município arrecadando bezerros, garrotes, leitões e galinhas. Apareceram também prendas diversas, tudo leiloado em favor da festa. Josino Inácio do Nascimento foi o leiloeiro. O local foi enfeitado com um estandarte do Divino. O evento foi anunciado nas emissoras de rádio locais e alertado na hora por seguidos rojões.

Na Quinta-feira da Ascensão, pelas 18 horas, os caixeiros precedidos pela bandeira do Paráclito, rumaram para a residência do imperador coroado onde rufaram em sua homenagem. Depois da merenda que ele lhes ofertaram o conduziram para a matriz onde todos assistiram à missa. Ao fim da celebração entronizaram a imagem do Divino no altar-mor.

A novena processou-se dividida em duas fases: nos seis primeiros dias como reflexões comunitárias, em cada comunidade paroquial e só nos últimos três dias na matriz, de 1998 até 2002. De 2003 em diante todos os dias passaram a ser na matriz.

A cavalgada do Divino transcorreu dentro do período compreendido pela novena e serviu de anúncio à festa. Percorreu as vias principais.

Os três últimos dias da novena tiveram a designação de tríduo preparatório. As atividades foram noturnas. De dia, fugiu à rotina apenas o repique festivo de sinos da matriz e alguns fogos de artifício que ali se soltaram às 12, 15 e 18 horas.

A quinta-feira foi consagrada a Santana[1].

Pelas 18 horas, na gruta do Divino, esteve reunida a comunidade local para a novena (que ocorre paralela à de Matosinhos embora pertença a outra paróquia – São Francisco de Assis). Foi erguido, ao seu término, um mastro ao Espírito Santo, entre a gruta e o cruzeiro que a ladeia. Na sequência outro mastro, também do Divino, foi fincado junto ao salão da Conferência de Santa Clara. O evento foi bem restrito, sem concorrência. O acompanhamento musical variou com os anos (folia, congado, caixeiros ou sem acompanhamento). Houve fogos de artifício avulsos.

A missa das 19 horas foi de responsabilidade do grupo de Renovação Carismática Católica. Atraiu muitos fiéis, carismáticos ou não. Durante a celebração, o quadro do Espírito Santo e o de Santo Antônio ficaram juntos ao altar. Estes quadros foram erguidos nos mastros. Sobre o altar estiveram as insígnias do Divino (que aí ficaram nos três dias do tríduo). Ao término ocorreu a novena. Uma vez encerrada o sino tocou e alguns fogos avulsos foram soltos.

Na porta principal se postou em dupla fila a irmandade do Santíssimo Sacramento dessa paróquia, com os ciriais encabeçando cada ala e o cruciferário ao centro e à dianteira. O padre abençoou

os quadros e procedeu-se uma rasoura com eles, acompanhada pelos fiéis e pelo(s) congado(s) da cidade [2]. Contornando o adro, a pequena procissão chegou aos buracos abertos no vasto pátio, guarneidos cada um por uma vela acesa. Neles se fincou primeiro o grande mastro do Espírito Santo e na sequência o de Santo Antônio [3]. O momento foi de muita prece dos fiéis e de efusiva alegria. Os sinos dobraram. O vigário deu uma bênção. Fogos espoucaram.

O levantamento dos mastros foi o momento em que os rituais folclóricos se consolidaram, mas também passaram por experiências adaptativas. Em 1998 foram erguidos pelos congadeiros na véspera de Pentecostes, o mastro do Divino ao centro e ao seu redor dois outros, um de cada grupo presente – de N. S. do Rosário e de S. Benedito. No ano seguinte foi mantido neste dia, mas ausente o mastro de S. Benedito. De 2000 em diante o levantamento foi adiantado para a quinta-feira e desde então se mantém. A partir de 2003 foi abolido o do Rosário, que só passou a ser permitido no Dia Maior.

A sexta-feira do tríduo foi consagrada ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos. A celebração foi por intensão dos folieiros e congadeiros vivos e falecidos. Trata-se de uma missa inculturada, com inovações anuais sobre o mesmo fio condutor. Tem sido uma atividade de grande êxito no jubileu. Sua iniciativa foi do “Grupo de Inculturação Afro-descendentes Raízes da Terra” [4], de características parafolclóricas e paralitúrgicas, com acentuada atuação da tradicional família Neves, que tem sido um dos baluartes da manutenção das tradições culturais e religiosas da cultura popular.

O sábado, véspera de Pentecostes, teve programação mais numerosa. Pelas 15 ou 16 horas, de 1999 a 2002, houve o anúncio feito pelo alferes da bandeira no centro histórico. O cargo era então ocupado pelo mesmo cavaleiro do Divino que também compareceu montado, contudo, trouxe o cavalo enfeitado com plumas à testa, e outros atavios. O cavaleiro vestiu calça branca, botas pretas de cano alto, jaquetão de veludo com alamar, dragonas, botões dourados, bordados amarelos na lapela. Chapéu tricorné revestido do mesmo veludo, cor de vinho, com debruns dourados; ou um chapéu à espanhola, do mesmo material, quebrado de um lado, com uma pluma afixada.

Percorreu as ruas antigas do centro da cidade, segurando o estandarte do Divino, em marcha compassada, acompanhada por uma banda de música. A passeata anunciatória sai do Largo Tamandaré (Praça Severiano de Resende), Rua Marechal Deodoro, Travessa Lopes Bahia, Largo do Carmo, Largo da Cruz, Largo das Mercês, Rua Monsenhor Gustavo (ladeando a catedral), Largo do Rosário, Ponte do Rosário, Rua da Prata (atual Rua Pe. José Maria) e termina no Largo de São Francisco. Tal anúncio se inspirou naquele de outrora que ficou célebre na véspera festiva, quando uma banda tocava pelas ruas da cidade até Matosinhos.

Da monumental Igreja de São Francisco de Assis, partiu às 17 horas a Procissão do Imperador Perpétuo, Santo Antônio de Pádua. Esse horário foi adotado a partir de 2001. Antes ocorria às 16 horas. Na festa de 1998 (organizada heroicamente em apenas três meses) não houve tempo hábil para ser organizada. A liteira saiu da casa do imperador com o cortejo imperial, no domingo. No ano seguinte saiu a procissão, o que seria impossível sem o apoio e compreensão da Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Antes da saída, o sacerdote convidado, padre Antônio Claret Albino, procedeu à bênção de um milheiro de pães doados por fiéis, que mais tarde foram distribuídos à porta da matriz de Matosinhos. A dificuldade em consegui-los não possibilitou mais que fossem distribuídos pães bentos nas festas consecutivas.



*Imagen de Santo Antônio da
Igreja de São Gonçalo Garcia.
Usada como representação do Imperador Perpétuo
nas primeiras procissões após o resgate.*

A estrutura processional foi a seguinte: na dianteira, o alferes da bandeira a cavalo; logo a seguir, ao centro e à frente, o cruciferário (membro da irmandade do Santíssimo de Matosinhos), ladeando-o, à direita e à esquerda, como abre-alas, os ciriais (*idem*); o povo em sequência em duas filas paralelas; ao centro, entre as filas, foram crianças vestidas de anjos e virgens e pessoas carregando as bandeiras do Divino em fila dupla, puxadas pelo mordomo da bandeira e tendo na retaguarda o mordomo da coroa, com um estandarte do Espírito Santo[5]. Na seqüência veio o imperador coroado, de terno, trazendo a coroa não na cabeça mas nas mãos, em sinal de respeito ao imperador perpétuo. Seguiu-se a liteira, carregada por soldados a convite dos festeiros, que consideraram que Santo Antônio é patrono dos militares. Ao lado da liteira houve uma escolta de quatro lanternas processcionais levadas pelos irmãos do Santíssimo de Matosinhos. Seguiu-se o padre com os coroinhas e os representantes dos sodalícios religiosos convidados. Veio a folia do Divino das mulheres e a banda, que fechou o cortejo. Durante uma breve parada na travessia da via férrea, a banda saiu do cortejo em direção à Gruta do Divino (onde lhe ofereceram um lanche) e aí entrou em seu lugar outras folias do Divino (bairro das Fábricas e Guarda-mor) que trouxeram o imperador eleito, que se postou à direita do imperador coroado. Na Praça Pedro Paulo ingressou mais uma folia. Até 2001 a liteira ficava no Salão de Santa Clara donde só seguia até a matriz no dia seguinte, embora os fiéis prosseguissem em marcha.

Na passagem pelas igrejas, houve fogos de artifício e toques de sinos.

O itinerário antigo foi conservado por razões históricas: Largo de São Francisco, Rua Balbino da Cunha, Igreja de São Gonçalo Garcia, Rua Comendador Bastos (antiga Rua da Misericórdia), Praça Duque de Caxias, Matola (atual Rua Padre Sacramento) e daí a Matosinhos pela Praça Pedro Paulo, Ponte Beltrão e Rua Bernardo Guimarães. Esse trajeto é aquele que outrora passava a procissão e ainda quantos vinham a Matosinhos, única via de acesso desde os tempos coloniais.

Continuando a programação, ocorreu a missa, que nesse dia foi por intenção dos festeiros e benfeiteiros da paróquia e da festa. A participação especial tem sido do grupo “Coroinhas de Dom Bosco”, competente coral da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar. Ocorreu em 2003, após a missa, a coroação da imagem de Nossa Senhora da Lapa pelo imperador. Recém-chegada da oficina de restauração, houve oportunidade de empregá-la neste mister. Montada sobre um andor, adornada em conformidade e iluminada com um foco sustentado por bateria de automóvel, foi coroada sob aplausos e vivas. Foi então carregada processionalmente, ao redor do altar. Frise-se que o imperador, antes de coroá-

la, retirou a própria coroa da cabeça em sinal de respeito e humildade, reconhecendo que a realeza de Maria é maior.

Um detalhe acrescido em 2003 foi a toalha do altar e a toalha de ambão com a efígie de Nossa Senhora da Lapa, iniciativa de um dos festeiros, José Gonçalves de Sousa, que custeou a idéia anterior de outro festeiro, Otávio Félix Pereira da Silveira. As estampas das toalhas tiveram o risco de Aluísio dos Santos [6]; pintura e apliques de Rodrigo de Oliveira Lima.

Enquanto acontecia a missa foi servido um lanche aos folieiros no salão da catequese [7], de função muito relevante na coesão dos grupos pela confraternização e auto-valorização que proporcionou.

O salão esteve todo enfeitado com motivos pentecostais e mensagens, afixadas em cartazes nas paredes e escritas a giz no quadro negro, davam as boas-vindas e parabenizavam aos folieiros. Cadeiras foram espalhadas pelo perímetro, tendo o centro livre. Ao fundo a mesa com grande fartura de doces, salgados, bolos, refrigerantes e café. Todas as folias se reuniram e alimentaram-se à vontade. Enquanto se alimentavam, os membros da Pastoral Vocacional cantam ao violão músicas da Igreja para os folieiros. Ao término da refeição, montou-se uma folia gigante, formada da totalidade dos participantes de todas as folias, irmanados no objetivo único de agradecer. Irrompeu o primeiro mestre cantando na sua toada dois ou três versos, que os outros folieiros acompanharam. É a vez de outro, na respectiva toada e assim por diante, cada um no seu ritmo que de imediato foi acompanhado pelos membros das outras folias. O êxito desta recepção às folias foi devido sobretudo aos esforços abnegados de Márcia Mercês Santos Neves.

Ao final da novena todos se juntaram em torno do coreto. Houve o encontro das bandeiras, assim chamada a apresentação das folias do Divino, uma por vez. Evento muito concorrido. O adro permaneceu lotado até o fim das apresentações. O público muito variado e bastante atento, demonstrou o grande prestígio dessa manifestação folclórica. Apenas em 1998 o encontro foi domingo à tarde.

Finda a apresentação, subiu ao coreto o grupo de serenata da ASAP [8], de qualidade indiscutível. Encerrou a noite com chave de ouro, rememorando com afinação, velhos sucessos enamorados.

Em 2003 houve um *show* após a serenata.

O dia maior iniciou-se cedo com a alvorada, desdobrada em etapas. Houve dois anúncios feitos por um rojão solitário na gruta do Divino, às 5 e às 5 h 15. Às 5 h 30 estourou-se uma bateria de fogos nesse local e os caixeiros fizeram os toques dos tambores, na gruta, no mastro local, no cruzeiro que o ladeia e no império, ali armado. Com mais 15 minutos foi feito o toque das caixas na Santa Clara, diante do salão e do mastro. Alguns fogos espoucaram à parte. Às 6 horas em ponto foi a vez da alvorada central e de obrigação, na matriz. Após a sexta badalada, irrompeu o foguetório, os toques de caixa dentro do templo e os repiques dos sinos.

A seguir bateram-se as caixas ao redor dos mastros principais. Encerrou-se a alvorada entre 6 h 15 e 6 h 45, com o toque de caixas à porta do imperador, que lhes serviu breve merenda. Toda a movimentação dos caixeiros foi feita com uma bandeira do Espírito Santo à dianteira. O adro e o templo estavam enfeitados. Internamente flores em profusão nos altares e nichos, além das alfaias próprias ao dia. Todas as toalhas e cortinados foram vermelhos e da mesma cor os paramentos sacerdotais. Externamente muitas bandeirinhas de papel de seda, brancas e vermelhas, alternadas, em longos cordões que partiram da cruz do frontispício em direção aos postes do adro. A partir de 2001 cada poste passou a ter também uma bandeira branca e outra vermelha amarradas a ele. Em 2003 acrescentou-se o gonfalão, na mesma cor, esvoaçando em cada torre. Nesse mesmo ano colocou-se pelo lado da praça duas placas nas colunas que sustentam o portão de entrada. Numa se escreveu 1774 e noutra 2003, datas respectivas da primeira festa e daquele ano [9].

A missa matutina foi nesse dia intitulada “festiva” e de forma condizente conduzida alegremente, mais informal, breve. Parte musical ficou a cargo do coral paroquial.

Ao seu término e em sequiência, os congados começaram a ser recebidos no adro. Cada guarda [10] foi recepcionada no portão central do adro pelos capitães-meirinhos e meirinhos. Os grupos foram saudados a começar pela bandeira e a seguir o 1º e 2º capitão, caciques e dançantes. A forma de cumprimento entre todos foi específica. Era então costumeiro ficar junto ao portão alguém com a

bandeira do Divino, ofertada ao ósculo dos fiéis. Os congados saudaram aos festeiros, pediram licença e louvaram aos santos.

A seguir fincaram seus próprios mastros, com o quadro ou bandeira do santo de devoção ou outros eventualmente emprestados pelos festeiros. Nem todos os grupos porém ergueram mastros. Foram fincados em semicírculo ao redor dos principais (Divino e Santo Antônio), que ali já estavam desde a quinta-feira. Eram menores em altura e a sua posição satélite permitia simbolicamente compreender que os santos protetores de cada guarda visitante estavam também presentes para ajudar a festa.

A Missa das Crianças foi celebrada às 9 e 30 horas pelo bispo Dom Valdemar Chaves de Araújo. Teve a participação do grupo de pastorinhas das Águas Férreas e de vários escolares do bairro e de outras partes de cidade.

Como os congados não tocam durante a celebração, foi costume até 2002 levá-los neste horário para a quadra do Centro Social e Cultural da paróquia, onde lhes serviam o café da manhã, mediante apresentação de fichas, previamente distribuídas e entregues na passagem pela portaria. Em 2003 foi instituído com êxito novo esquema: os capitães-meirinhos e os meirinhos, postados na rua em frente à igreja e os festeiros responsáveis pela distribuição das fichas, encaminharam cada terno ao descer do ônibus direto para o café, à partir das 7 horas. Terminado o desjejum vinham para a igreja. Na hora da Missa das Crianças os congados se deslocavam para a Vila Santo Antônio, o que só ocorria antes do referido ano, após a celebração.

O recolhimento do reinado apenas em 1998 se processou no Jardim Paulo Campos, à Rua João Cantelmo. Já a partir do ano seguinte foi deslocado à Vila Santo Antônio, onde se mantém. Até 2001 o reinado (reis, rainhas, príncipes e princesas) e o juizado (juízes e juízas de vara, de manto e de ramalhete) se reunia numa garagem ampla da Rua Barão de São João del-Rei e depois, com a construção do Salão Comunitário de Santo Antônio na Rua Antônio Firmino de Paula para lá se transferiu, na mesma vila.

O salão foi adornado. Os personagens reais como convidados honorários aguardavam os congados. Trajados e com a coroa à cabeça, os reis, rainhas, príncipes e princesas receberam cada qual um cetro de madeira, nas cores do Divino e os juízes as insígnias que os denominam.

Os congadeiros desceram pela Rua Guia Lopes. Cada guarda que passou defronte ao salão veio saudar o reinado e escoltar alguns de seus representantes, de tal sorte que todos os ternos os conduziram, divididos de acordo que cada grupo não ficasse sem membro real.

Retornaram pela Rua Barão de São João del-Rei e Avenida Sete de Setembro.

Enquanto tudo isto se processou, apresentaram-se no adro/coreto as pastorinhas e danças das fitas. Ao fim de suas apresentações os congados adentraram pelo templo e deixaram sentados à esquerda do altar as figuras reais e juízes. Rumaram a seguir direto para o almoço.

Dentro da igreja só ficou o moçambique “Nossa Senhora Aparecida”, de Passa Tempo. A guarda se postou defronte ao altar. As açafatas trouxeram um cestinho cheio de pétalas de flores e papel picotado e jogaram sobre a imagem do Espírito Santo como uma chuva colorida. Os moçambiqueiros cantaram: “Tá caíno fulô! / Tá caíno fulô! / Lá do céu, cá na terra... / Éh! Tá caíno fulô!

Seguiu-se o ritual da chamada, conduzido do microfone do altar. Consistiu em se chamar nominalmente um por um dos personagens do juizado e do reinado ao altar, onde deixaram um envelope contendo uma espórtula voluntária e receberam em troca um cartucho de amêndoas, sob o toque de uma campainha. O moçambique rufou as caixas, parado, sem cantar, a cada oferta depositada. Iniciou-se chamando os juízes de manto que forraram a mesa do altar com os mantos de veludo que ofertaram. Na sequência os de vara e os de ramalhete, que entregaram essas suas respectivas insígnias. Depois o reinado, primeiro com reis e rainhas e a seguir príncipes e princesas [11]. Concluída a chamada, o dito moçambique recolheu todos para o almoço.

No salão do Centro Social e Cultural se processou o almoço. A agitação foi imensa. Uma algaravia de toda a gente congadeira demonstrava a alegria e descontração fraterna. Instante de descanso e relaxamento das tensões e compromissos. Houve em alguns anos a reunião de tocadores de diferentes procedências tocando rancheiras, arrasta-pés e calangos, no breve intervalo da sesta. Congadeiros amigos

ou simples colegas, de ternos diversos se reencontravam, abraçavam-se, conversavam descontraídos. Cada grupo ao terminar, retirava-se do salão cantando um agradecimento do almoço.

Aos poucos reuniram-se na Rua Carlos Guedes e daí partiram rumo à Gruta do Divino, perto das 13 h 30.

Enquanto o cortejo rumou para a gruta, o adro em Matosinhos se esvaziou. Técnicos de sonorização aproveitaram o momento para o teste e repasse de som na aparelhagem do coreto, em preparação ao *show* de logo mais. Já por vários anos tem se apresentado na tarde com a saída dos congados, um grupo de capoeira, que voluntariamente comparece, reunindo público para a demonstração de sua arte.

Na gruta estava armado o império do Divino, com o imperador de traje completo, nele aguardando para recepcionar aos congados. Passaram um por vez, cantando e dançando no seu ritmo em saudação, por alguns minutos. O lugar sempre esteve bastante enfeitado e com boa assistência.

De tanto em tanto soltavam foguetes avulsos.

O último congado a passar foi o moçambique de Passa Tempo com a responsabilidade de conduzir o imperador e o andor a Matosinhos, o que quer dizer que é a guarda que vai mais perto dos dois.

No retorno a Matosinhos, fizeram antes uma volta pela Rua Antônio Josino Andrade Reis (“Beira da Praia”), em direção ao centro da cidade, virando de volta na 2^a travessa (a 1^a é onde está a gruta); tomaram a Rua Antônio Rocha e daí voltaram à igreja.

Na passagem pela Santa Clara, ingressou no cortejo o imperador eleito, cumprimentado formalmente pelo coroado. Caminhou à sua direita, dentro do quadro.

A passagem pela Rua Bernardo Guimarães foi sempre marcada pelo entusiasmo dos moradores locais e pelo extremo zelo no enfeite daquela via, sacralizada com tapetes de serragem e areia, em variadas cores obtidas por tingimento. São inspirados por temas pentecostais. Também múltiplas bandeirinhas, altares externos fronteiros às residências, colchas finas nas janelas, jarras e vasos de flores completavam a ambientação.

A apoteótica chegada à Praça de Matosinhos foi sob intenso foguetório. As guardas abriram alas e entre elas veio passando o supracitado moçambique, trazendo os imperadores e o andor, entre palmas, vivas, repiques de sino, rufados e toques.

Iniciou-se a missa solene às 16 horas, tocando a orquestra sacra bicentenária “Lira Sanjoanense”. A homilia foi voltada para o Espírito Santo. Ao fim da celebração procedeu-se à coroação do novo imperador. Os imperadores permaneceram sentados lado a lado na lateral esquerda junto ao altar, em cadeiras reservadas aí postas adrede, à guisa de tronos. Na lateral oposta outras cadeiras serviram às autoridades convidadas.

A coroação em si é simples, embora solene. Oficiada pelo pároco, este recebeu a salva e voluntariamente das mãos do imperador a coroa, posta sobre a salva. A seguir recebeu o cetro, que é posto atravessado, entremeando o vão da coroa. O mestre de cerimônias, que até esta altura orientava os procedimentos, retirou do imperador a capa e na seqüência a faixa. Cingiu o novo imperador com a faixa e recobriu-lhe com a capa. O sacerdote abençoou as insígnias e aspergiu água benta sobre elas. Retirou o cetro, entregou a salva e coroou o imperador. Também entregou-lhe o cetro, cumprimentando-o. A seguir, apresentou-o aos fiéis, que com um grito coletivo de “Viva o Divino Espírito Santo”, o saudaram.

A esta altura o velho imperador, agora isento de qualquer honraria, como que desapareceu na festa. Ninguém mais lhe notou ou enalteceu, em detrimento do novo. A renovação é brusca.

Um intervalo de cerca de meia hora sem atração determinada antecede a novena. Os congados voltam a tocar e no adro. Na praça a multidão conversa e acorre às barracas. É um momento de descontração. É hora também de eventuais apresentações específicas, por exemplo: folia de Reis de Ibertioga (2001), moçambique de Itaguara (2002), dança das fitas - pelos vilãozeiros de Carmo da Mata (2003).

A procissão solene e luminosa do Divino ocorreu às 18 horas, saindo pela Avenida Josué de Queiroz, tomando à esquerda a enfeitadíssima Rua Farmacêutico Guillarducci - que rivaliza desde sempre com a Bernardo Guimarães no esmero dos adornos - exemplos notórios de sacralização do espaço público. Passou pela Avenida Sete de Setembro e daí voltou à matriz. Além da banda de música, os congados participaram tocando, cantando e dançando livremente.

Na dianteira o alferes da bandeira montado em seu cavalo abre-alias, seguido pelos ciriais e cruciferário que antecedem a dupla fila de fiéis, tendo entre elas os anjos e virgens, congados (mais ou menos distanciados uns dos outros) e o conjunto de bandeiras do Divino, tal como na procissão do Imperador Perpétuo. Participaram três imagens: a primeira é a de Santo Antônio, na liteira, na seqüência a de Nossa Senhora e por fim a do Divino. A da Virgem Maria foi até 2002 a de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos congados. De 2003 [12] em diante, estando a de Nossa Senhora da Lapa pronta pela restauração pela qual passou, principiou a participação em detrimento da outra.

O imperador e seu séquito bem como o padre ficaram na dianteira do andor do Divino. A banda fechou a procissão.

A chegada foi sempre profundamente festiva. Nela se aliaram formidavelmente num entremoio agitado e apoteótico os fogos de artifício, batidos de caixas, repiques de sinos, gritos de “salve!” e “viva!”, cantos e danças, além do burburinho do contínuo comentário dos fiéis acerca da beleza da festividade.

Recolhidas as imagens e apostas junto ao altar, foram incensadas. Desde 2002 procedeu-se então a bênção do Santíssimo Sacramento, também com manifestações dos dançantes, que se conservaram todos no interior do templo.

Ao encerramento vão tocando, um a um. No adro baixam os mastros e se despedem, sendo o último a descer o do Divino, sempre com grande expectativa. A assistência da descida dos mastros é surpreendente.

O adro se prepara para o *show* de encerramento no coreto. Findo o espetáculo tem lugar intenso foguetório.

No domingo da Santíssima Trindade (o seguinte ao de Pentecostes), 18 horas, baixou-se o mastro fincado na gruta e a seguir o da Santa Clara, ambos sem nenhum evento especial, ocasião aliás restrita a uns poucos festeiros mais envolvidos com os rituais.

[1] - A consagração destes dias foi iniciativa tomada a partir de 2000. Neste ano e no seguinte a sexta-feira era consagrada a Nossa Senhora da Lapa. Em 2002 a comissão alterou, considerando ser a sexta-feira, dia devocional a Jesus, relacionado à sua Paixão e Morte e o sábado a Maria.

[2] - A rasoura foi instituída em 2001. Desde então um número variado de congados a acompanha.

[3] - O ano de 1999 deu ensejo a algumas experiências: após o levantamento do mastro houve uma retreta de abertura com uma banda, o que não se repetiu mais. Foi também a ocasião na qual se adotou o mastro de Santo Antônio – a princípio com uma bandeira e a partir de 2002 com quadro; a animação das missas foi dividida, passando a de sexta-feira ao Raízes da Terra (grupo de inculturação) e a do sábado ao Coroinhas de Dom Bosco (coral); foi abolida a vigília que fora feita em 1998, na igreja de Santa Terezinha, como parte integrante da festa.

[4] - Criado em 1994 no bairro São Geraldo, com o nome de “Grupo de Consciência Negra Raízes da Terra” alterado em 2003 numa visão mais madura e eficaz para o nome atual. A partir dessa mesma ocasião passaram a estimular o emprego da designação “Missa Inculturada” por “Missa Afro”, até então adotada. Esta medida é questionável posto que a celebração em estilo afro é uma das formas inculturadas de celebrar missa, como existem outras. Não é sinônimo.

[5] - Mordomo da bandeira: trajado de branco. Mordomo da coroa (ou mordomo-régio): trajado de vermelho e branco, agalonado de dourado. Acompanha-se de um menino como pajem, com o oratório ao pescoço, vestido da mesma forma.

[6] - Aluísio dos Santos é avô materno do autor. São-joanense, nasceu em 1923 e faleceu em 2004.

[7] - A experiência dos primeiros anos era de dar o dito lanche no Centro Social e Cultural da Paróquia. A transferência desde 2001 para o salão da catequese foi muito positiva. A responsabilidade deste lanche hoje é da equipe coordenada pela Pastoral Vocacional, que o desempenha com grande êxito.

[8] - ASAP: Associação dos Aposentados e Pensionistas de São João del-Rei. Conserva também um coral e além da assistência à terceira idade, exerce importante trabalho de conscientização, inclusive no nível ambiental, promovendo anualmente a “Via Sacra Ecológica”. Tem jornal próprio.

[9] - Essa segunda placa foi sendo gradativamente atualizada na data nos anos consecutivos.

[10] - Guarda: cada unidade de congado é chamada “guarda”, pois guarda uma bandeira, coroas, bastões. Sinônimos: terno, companhia, batalhão, banda, turma, grupo, corte (com pronúncia aberta, “córte”). Assim é costume dizer-se: “guarda de moçambique”, “batalhão de congo”, “corte de vilão”, “terno de catupé”, ou vice-versa, etc. Todos são congados. Há porém quem reserve a palavra guarda para os moçambiques, pois lhes compete a função de guardar o reinado; outros só empregam corte para os congados com coreografia de percussão de varas ou bastões.

[11] - Na tradição das festas congadeiras, diz-se que o juizado tem como patrono São Benedito, enquanto o reinado pertence a Nossa Senhora do Rosário.

[12] - Em 2003 a Comissão do Divino passa a ter um barracão para guarda dos objetos usados na festa, que até então ficavam guardados espalhados pela casa dos festeiros.

* Texto e foto (17/11/2013): Ulisses Passarelli

A festa após a elevação a santuário

A partir de 2004

A primeira festa após a elevação da matriz a santuário foi em 2004. Processaram-se as festividades com harmonia e sucesso, nos mesmos padrões já descritos, exceto pelas novidades que se seguem.

A mais relevante delas, foi a instituição das romarias, por orientação do pároco, em virtude da elevação da matriz paroquial à condição de santuário diocesano. Cada dia da novena, foi consagrado a uma romaria específica, para a qual foram convidados os grupos a ela relacionados. A homilia foi dirigida em especial a cada uma, sem perder a diretriz temática geral da festa. A entrada da missa e a procissão do ofertório também foram tematizadas de forma condizente. Eis sua relação:

DIA	ROMARIA	OBSERVAÇÕES
21 - sexta	dos Movimentos Religiosos e Pastorais	Equipe da missa das 8 horas do Domingo, entrada de todos os movimentos e pastorais com seus símbolos [1].
22 - sábado	dos Desportistas	Equipe da missa das 19 horas do sábado. Entrada com bandeiras e flâmulas. Ofertório com representantes da Comissão do Divino. Ação de graças com apresentação da Academia Bauer.
23 - domingo	dos Comunicadores	Apresentação dos crismandos. Equipe da Missa dos Jovens (apresentação no ofertório e ação de graças).
24 - segunda	dos Professores e Alunos	Equipe da missa das 18 horas de Santa Terezinha. Entrada com bandeiras e ofertório com símbolos.
25 - terça	dos Militares	Equipe da missa das 15 horas de sexta-feira. Procissão das Ofertas com representantes.
26 - quarta	dos Portadores de Necessidades Especiais	Equipe da missa das 8 horas do domingo. Entrada e procissão das ofertas.
27 - quinta	da Terceira Idade	Equipe da missa das 19 horas de sábado. Entrada da missa com apresentação. Ação de graças com apresentação do coral da ASAP.
28 - sexta	dos Afrodescendentes	Missa incultrada, com o Grupo Raízes da Terra.
29 - sábado	dos Folieiros	Presença do Coral Coroinhas de Dom Bosco.
30 - domingo	dos Congadeiros	Liturgia especial.

Não obstante o pouco tempo para organizar as romarias, a falta de experiência e de orientação específica, elas ocorreram com sucesso.



Folia do Divino "Embaixada Santa" em apresentação no coreto da festa, 2010.

Os mastros tiveram como novidade, a título de experiência, o fato de os dois principais (Divino e Santo Antônio) terem sido fincados a frente da igreja e os demais no local de sempre. O do Divino ganhou iluminação especial com uma mangueira luminosa ao redor do quadro.

A Missa inculturada atingiu um grau excelente de organização e foi considerada a melhor de todas já celebradas nesta festa.

Uma novidade foi a volta das barracas da Comissão na praça, junto ao portão central, vendendo salgados, quentão, canjica, refrigerante além do tradicional jogo de víspera.

Houve nesse ano consolidação das equipes de trabalho e melhorias em sua estrutura, exceção feita à de ornamentação interna ainda problemática.

Não houve foguetório algum nesse ano, em virtude da exigência de que o fogueteiro tivesse registros oficiais de pirotécnico, que passou a ser especialmente exigido após um gravíssimo acidente com morteiros, ocorrido em Barbacena, poucos dias antes da festa. O fato agitou a imprensa e todos exigiam cuidados extremos com fogos de artifício. A impossibilidade de encontrar profissionais habilitados fez com que a Comissão, com bom senso, decidisse pela exclusão de todo tipo de fogos nesse ano.

A coroação da imagem de Nossa Senhora da Lapa pelo imperador após a celebração foi mantida, com a novidade de se ouvir um hino especialmente composto naquele ano, para este ritual, pelo músico Abgar Antônio Campos Tirado. Foi executado pelo Coral Coroinhas de Dom Bosco com grande êxito. Distribuíram para esse dia “santinhos” (as antigas “verônicas”) de Nossa Senhora da Lapa, idealizadas pelo autor e custeadas 50% pela Comissão e 50% pelo festeiro José Gonçalves de Sousa. Contém: estampa da Virgem da Lapa, o histórico de sua devoção, informações iconográficas, oração, hino.

Consolidou-se a presença de uma só banda de música na festa, a de Santa Cruz de Minas.

O dia maior transcorreu normal, sem qualquer inovação. A missa solene não foi transmitida ao vivo pelo rádio, mas sim gravada para transmissão no dia seguinte. Isso tirou a rigidez dos horários e possibilitou que os congados adentrassem pelo santuário e não apenas para o adro, o que conferiu maior brilhantismo.

Duas novidades nessa festa foram a coroação do primeiro imperador negro que se tem notícia na cidade, o congadeiro José Tadeu do Nascimento, coordenador da Comunidade de São Sebastião e o retorno do personagem pagem do estoque.

Em 2005 transcorreu dentro da normalidade e do programado, de 05 a 15 de maio.

No primeiro dia o grupo de quatro caixeiros [2] visitou o Imperador José Tadeu do Nascimento, em sua residência, na Avenida Santos Dumont, guiados pelo Imperador Eleito Nivaldo Neves, que trazia a bandeira branca do Divino. Todos se vestiam de branco, com colete e casquete vermelhos. A bandeira foi ladeada por dois guardiões, empunhando espadas desembainhadas, representados pelos festeiros Jânia Salomão e Edimilson Washington. Foi servida lauta merenda. Depois em marcha, rua afora, foram tocando e cantando pontos de congado até o santuário. Assistida a missa, foi descida a imagem do Paráclito de seu nicho e depositada aos pés do padroeiro.

Durante todos os dias funcionou a barraca da festa, vendendo pastéis, refrigerante, cerveja, canjica, quentão e feijão-amigo. Acoplada a ela houve a barraca do víspera. Além dessas houve muitas outras, de baraqueiros daqui e de fora, vendendo toda sorte de comes-e-bebes e quinquilharias; tiro ao alvo, parque de diversões.

A novena começou no dia seguinte, com a igreja enfeitada de alfaias vermelhas e brancas. Muitas jarras de flores artificiais foram colocadas em pontos estratégicos. Em todos os dias a Comissão do Divino participou da entrada da missa. Os festeiros levaram como abre-alas, o estandarte do Espírito Santo (idéia do festeiro José Gonçalves de Sousa, posta em prática desde o ano anterior), seguido de guiões e bandeiras e o imperador com faixa trespassada no peito e insígnias à mão colocadas no altar para a missa. As bandeiras iam para as panóplias. Assim todos os dias da novena. Vigário e pároco se revezaram nas celebrações.

Os motivos de cada entrada e ofertório se baseavam na romaria de cada dia, homenageando e congregando grupos específicos, que ocuparam os bancos da frente, para eles reservados. Assim se processaram:

DIA CELEBRAÇÃO	ROMARIA	ATRAÇÃO APÓS
06 – sexta	dos Movimentos Religiosos e Pastorais	Academia Vip
07 – sábado	dos Desportistas	As Meninas do Rodeio / Frank dos Teclados
08 – domingo	das Mães	Bianca Cobo
09 – segunda	dos Professores, Alunos e Comunicadores	Não houve show
10 – terça	dos Militares, Policiais e Funcionários Públicos	“
11 – quarta	dos Portadores de Necessidades Especiais	“
12 – quinta	da Terceira Idade	Ruan & Ronan
13 – sexta	dos Afro-descendentes	Serenata com o grupo da ASAP [3]
14 – sábado	dos Folieiros e Comissão do Divino	Chorinho Pedacinho do Céu [4]

Os sermões de cada dia aludiram às respectivas romarias, gravitando em torno do tema proposto – “Unidos pelo Espírito Santo, queremos ver Jesus, fonte de paz” – e do lema – “Queremos ver Jesus, Caminho, Verdade e Vida”.

A entrada da missa de cada dia foi feita com a participação da Comissão do Divino, carregando o estandarte, os guiões e algumas bandeiras, seguidas dos representantes da respectiva romaria. A música de entrada de cada dia foi a bem conhecida: “*A nós descei, divina luz! / E em nossas almas acendei / O amor... o amor de Jesus!*” (Etc.)

Todos os dias o altar foi revestido com a toalha de Nossa Senhora da Lapa.

A cavalcada no dia 08 correu normal, tendo o santuário como ponto de saída e chegada.

Dia 12 houve a rasoura após a Missa de Santana, com os quadros do Divino e Santo Antônio, na seqüência levantados nos mastros, de volta ao lugar de sempre. Estiveram presentes os congados de Santa Cruz de Minas (dois) e de São João del-Rei (três – Matosinhos, São Dimas [Raimundo Camilo] e São Dimas [Moacir Santana]). No dia seguinte, pela meio-dia, foi armado um arco de bambu ligando os dois mastros e na sua curvatura pendia a bandeira branca do Pai Tempo. Folhas de coqueiro foram amarradas ao pé dos mastros. Outro arco, sem bandeira, foi armado no portão central do adro.

A missa inculturada coincidiu com o 13 de maio (libertação dos escravos). Este fato se somou ao do imperador coroado e o eleito serem negros, firmes ativistas dos movimentos de conscientização pelo fim do racismo e da discriminação, bem como valorização dos afrodescendentes. Com tudo a celebração

foi coroada pelo mais relevante êxito, lotando o santuário. No contexto da missa se apresentaram, a convite, números de maculelê e capoeira da Paróquia de São José Operário, Bairro Tijuco, gerando opiniões divergentes.

A Procissão do Imperador Perpétuo careceu de fiéis como tem acontecido, mas foi repleta de forte colorido e alegria, aliados da fé visível. As folias presentes, desta feita se reuniram todas no São Francisco e desde aí acompanharam a procissão. Deram uma nota de musicalidade extraordinária. Desta vez a liteira não foi conduzida por militares. Ao contrário do ano anterior, retornou a figura do alferes da bandeira a cavalo na dianteira, finamente trajado e portando o estandarte. Foi ladeado por dois ponteiros com guiões e logo atrás e ao centro outro homem com uma bandeira. Portanto houve quatro cavaleiros. No São Francisco os sinos repicaram; no São Gonçalo, dobraram. Nos respectivos largos houve foguetório e Santo Antônio deu a graça, ou seja, sua liteira voltou-se em direção ao frontispício do templo.

Ao contrário do ano anterior, em respeito ao fato de o dia ser da Romaria dos Folieiros, todas as folias assistiram à missa antes do café e do encontro no coreto. No ofertório cada grupo ofertou sua bandeira. Ao fim da celebração elas foram abençoadas e devolvidas. No coreto a apresentação de 15 minutos para cada grupo se encerrou com a entrega de um diploma, a cada folia por um festeiro.

A alvorada se processou como de costume com sinos, fogos e batidos de caixa. A casa do imperador coroado foi visitada pelos caixeiros, que receberam farto café da manhã.

No salão serviu-se, a partir das 7 horas (concomitante à missa festiva), o café, acompanhado a pão com manteiga, biscoitos, broas tradicionais. Como nos outros anos a fartura foi uma nota constante. A mesa foi enfeitada com toalha branca e uma jarra de flores.

Finda a missa, os congados começaram a ser recebidos pelos meirinhos e levantaram seus mastros.

Houve pastorinhas na Missa das Crianças e após a celebração elas se apresentaram no coreto e logo depois a dança das fitas.

No Salão Comunitário de Santo Antônio o recolhimento do reinado foi normal. Só houve um juiz de vara e os demais juízes honorários não se apresentaram nesse ano. Na chamada não faltaram as açafatas.

O almoço teve uma melhoria na organização, diminuindo ainda mais a presença de penetras. Houve maior eficácia na limpeza do salão e ainda a uniformização de toda a equipe da cozinha, com camiseta da Comissão do Divino e gorro de mestre-cuca.

Todos os demais passos da festa transcorreram normalmente e sem diferenças do ano anterior. O retorno do cortejo imperial da gruta teve um considerável atraso, por conta de um único congado.

Foi marcante a coroação do novo Imperador Nivaldo Neves. Durante o cortejo ele desceu da Santa Clara até Matosinhos trajado de terno como manda a tradição, e assim assistiu a missa. Após comungar, saiu e trocou de roupa, retornando breve para a coroação trajado à moda afro, aguardando na porta central. Sua entrada foi ao troar ensurdecedor dos tambores do Grupo Mucambo e das componentes do Grupo Raízes da Terra, que em alas abertas deram-lhe passagem até o altar. Ali foi recebido pelo bispo, pároco e imperador. Subiu ao altar onde passo a passo foi coroado ao som da orquestra. Neste momento os tambores pararam. Após a coroação ele foi aclamado e os tambores rufaram e de novo percutiram para retirá-lo da igreja. Este foi o primeiro coroado por um bispo nesta diocese. A mescla de ritos conferiu nova feição à cerimônia. Imprimiu-lhe um caráter personalizado.

Na procissão, contrariando a tradição congadeira, as guardas foram conduzidas à retaguarda do andor de Nossa Senhora, quando deveriam ter sido postas puxando-o, o que desagradou vários dançantes. Isso complicou seu andamento e houve guardas que abandonaram a procissão e foram embora para casa.

A bênção do Santíssimo Sacramento foi transcorrida em clima emocionante, com a igreja absolutamente lotada, ao som de caixas e apitos, todos cantando o tradicional “*Bendito, louvado seja, o*

Santíssimo Sacramento! Os anjos, todos os anjos, louvando a Deus, para sempre, amém!”. Os congados se tornaram um só.

Enquanto desciam seus mastros, houve outra missa, mais breve, que não constou na programação. Também não constou uma apresentação teatral que lhe sucedeu, no adro.

O show de encerramento foi revestido de sucesso. O foguetório foi menor que o de 2003 mas agradou e transcorreu com segurança.

No domingo seguinte, sem cantos ou grupos, alguns festeiros por si desceram os mastros do Divino que estavam fincados na gruta e Santa Clara, nesta ordem.

No ano de 2006, como de costume, finda a Páscoa, as folias começaram a jornada de visita às casas. Pela mesma época o único juiz de prendas autorizado, sr. Lucas de Carvalho, também cumpria a sua missão de coletar donativos para o jubileu. As cartas de juiz foram fartamente distribuídas por Geraldo Elói.

A 22 de abril a Comissão do Divino promoveu um evento nunca antes acontecido. Cada grupo recebeu uma bandeira nova, padronizada, no estilo de um pequeno estandarte, com arte de Osni Paiva, composto em veludo forrado.

Todas foram abençoadas ao fim da missa das 19 horas daquele dia, comentando o vigário a respeito da missão folieira. No salão do Centro Social e Cultural da Paróquia, após a celebração, foi dada abertura pelo presidente da comissão, convidando todos a se postarem em posição de sentido para execução do hino nacional, em homenagem ao dia do descobrimento do Brasil. Autoridades políticas e festeiros foram convidados, para fazerem a entrega de um estandarte a determinado grupo folclórico. A maioria das folias convidadas mandou representantes. A folia da Caieira se ausentou devido ao internamento do seu embaixador, Luís Carlos Rosa, acidentado na BR-265, no Domingo de Ramos, 9 de abril, imprimindo uma nota de tristeza em todos, dada a sua popularidade. Outro acontecimento que causou consternação foi o falecimento, naquele 22 de abril, do sr. José Joaquim Filho (nasc.21/02/1922), o popular “Zé Moreno”, morador da Vila Santa Terezinha, o mais respeitado folião da cidade, considerado o “padrinho das folias”.

A abertura da festa na Quinta da Ascenção se deu com uma novidade. Um grupo de quatro caixeiros visitou o imperador em sua residência e no retorno a Matosinhos fez parada no Salão de Santa Clara (todo enfeitado nas cores do Paráclito), onde esperava o congado do bairro e quatro cavaleiros. Reunidos, marcharam para o santuário onde após a missa foi descida a imagem e entronizada no altar.

Dia 26 de maio principiou a festa propriamente dita. A novena transcorreu como nos outros anos com romarias e shows.

Os mastros da gruta e Santa Clara foram normalmente fincados. O levantamento dos mastros transcorreu no santuário de forma irregular, porque primeiro se fincou um mastro do Rosário, depois o de Santo Antônio e por fim o principal, quando o esperado era primeiro o do Divino, depois o do Imperador Perpétuo e o do Rosário só para o domingo. Ressalto que o mastro do Divino foi de madeira nova nesse ano.

A Missa Inculturada foi concorridíssima. Pela primeira vez houve divulgação por via televisiva gerando grande repercussão em tantos que nunca a tinham visto e sem comprehendê-la, alguns tradicionalistas a julgaram exagerada no tamanho, sincretismo e teatralidade.

No sábado, a entrada de cada folia por sua vez no santuário tocando e cantando na chegada da Procissão do Imperador Perpétuo (como em 2005), foi tumultuada pois entraram todas de uma vez e o ritmo de uma atrapalhou outra. Também não participaram da Procissão do Ofertório ofertando suas bandeiras no altar para a bênção após a missa. Assim que chegaram do São Francisco foram direto para o café, que não estava de todo pronto, posto que habitualmente o horário é após a novena. Não houve os enfeites habituais no salão onde é servido. Findas as preces, o início da apresentação das folias demorou 15 minutos, possibilitando que o público se dispersasse um pouco. A não ser por esses detalhes imperceptíveis ao grande público, a programação do sábado nada deixou a desejar.

As pastorinhas desta única vez se apresentaram no sábado, no coreto, junto com as folias.

Em si a programação do dia maior foi idêntica à de 2005, a não ser pela apresentação do Trupizupi, companhia teatral, que passou para a tarde, antes da missa. Foram anunciadas duas capoeiras de Matosinhos para o fim da manhã, uma da Vila Santa Terezinha e outra da Vila Santo Antônio. Quando o cortejo chegou da gruta, as capoeiras se apresentavam perto do Chafariz da Deusa Ceres. Tal como no anterior se anunciou – mas não ocorreu – uma bênção e unção dos enfermos. No mais, não houve novidades apreciáveis.

Foi sentida por várias pessoas certa descoordenação de algumas atividades. Diversos novatos, embora vestidos com a camisa envergando a inscrição “comissão organizadora”, muito pouco organizavam, mostrando-se meio que perdidos na massa humana, claro, com exceções.

O dia maior foi animado e com grande movimentação de muitas guardas, na verdade a maior quantidade até então registrada. A ornamentação (externa e interna) estava impecável. O sistema de som que enfim mudou, estava bem superior na qualidade. O serviço de locução não mudou e esteve sem defeitos. A alvorada dos caixeiros atrasou no santuário cerca de meia-hora. Por sinal eles cantaram muito pouco e sem antes passarem pelos mastros e coreto, passando brevemente depois. A missa das sete foi normal. O café idem e muito bom. Poucos mastros tiveram oportunidade de serem fincados e alguns festeiros se equivocaram ao fincar dois sem quadro ou bandeira e sem congado, o que é injustificável. A Missa das Crianças transcorreu dentro da normalidade e após ela da mesma forma a dança das fitas. Enquanto isso os congados rumaram para a Vila Santo Antônio, onde o reinado aguardava sem coroa ou cetro, que por demorar a ser trazido trouxe considerável atraso a toda programação daí para frente. O retorno foi demorado, conquanto maciço, sem falhas. A chamada e partida para o almoço transcorreram bem.

Ao sair do salão rumo à gruta, não foi respeitada a ordem hierárquica das modalidades de congados, a não ser pelos moçambiques. A gruta estava com enfeites muito primorosos e o império e o andor do Rosário com talvez a melhor ornamentação já notada, ainda graças à mesma equipe local e zelador. Tudo muito limpo. Uma boa novidade, idealizada há cerca de dois anos antes mas só agora efetivada, foi a presença de um carro de som, de cujo microfone se anunciava cada congado e se lhes encaminhava. Um detalhe negativo foi que os festeiros presentes no local não sabiam informar de onde eram as guardas à locutora, a não ser pelo próprio autor dessas páginas e por Raimundo Camilo. O imperador entregou pessoalmente ao primeiro capitão de cada terno o diploma de honra ao mérito. Algumas pessoas questionaram a presença no império do rei congo ladeando o imperador. Muito proveitosa a presença do Padre Pedro Teixeira Pereira assistindo a toda a passagem dos congados. A corte imperial esteve muito bem organizada. Outra novidade positiva foi a presença de um carro especial da COPASA ofertando água aos congadeiros em copos descartáveis. Friso que a idéia vinha do ano anterior e fora sugerida em reunião por meu pai, David Passarelli, que, até então, vinha tomando a iniciativa de ofertar essa água, auxiliado por abnegados ajudantes, acondicionada em garrafas plásticas de refrigerante, ultrapassando a uma centena de unidades.

A comunidade de Santa Clara estava muito bem limpa e ataviada e como naturalmente não falha, da mesma forma a Rua Bernardo Guimarães. O cortejo passou com certa quebra da seqüência, mas atraente como sempre. A Missa Solene foi impecável e a coroação aparentemente bela e animada, mas com a presença dum grupo parafolclórico de percussão tocando ritmos muito alheios aos da cultura local. A horas tantas foi ouvido um música popular brasileira. Surgiram crianças simbolizando negros, brancos e índios. O rei congo sentou-se junto ao altar a convite, ao lado do imperador e de forma esdrúxula o descorou e passou as insígnias ao bispo para coroar o próximo.

Ora, do ponto de vista do fundamento espiritual isso não pode ser, pois o rei congo não tem autoridade para descoroar o imperador, nem vice-versa. Isso compete ao pároco, preferencialmente o mesmo que corou; a convite, o bispo o fará e na ausência desses, o vigário. Em última hipótese o capitão de coroa, que não estava na festa, mas jamais o rei congo. Ele é um convidado da corte imperial, sempre bem-vindo e merecendo honrarias, mas sentar-se-á não ao lado, mas noutra parte, em posição de destaque. Da mesma forma protocolar deveria ser feito caso o imperador fosse convidado pelo rei congo a participar da festa do Rosário.

A procissão foi guiada por quatro cavaleiros, todos muito bem vestidos, comandados por “Jota” (Josino Inácio do Nascimento), que aliás, verdade seja dita, foi um dos que mais trabalhou na festa desse ano, com extremo afinco. Houve furos e o número de fiéis aparentemente foi menor. Poucos congados

participaram da procissão. A Banda São Sebastião, de Santa Cruz de Minas, como sempre, esteve digna dos mais altos elogios.

Finalizando, a bênção do Santíssimo com a presença dos congados dentro da igreja foi igual à dos anos anteriores, ou seja vibrante, organizada, perfeita, levando muitos fiéis à evidente emoção, com muita manifestação espontânea de fé. A descida dos mastros correu muito bem. O show final foi elogiado.

No jubileu de 2007, o décimo desde o resgate, houve um considerável avanço na organização, corrigindo-se as distorções do anterior, embora dentro do mesmo padrão geral. Não houve problemas de horário. Sem foguetório. As novidades mais apreciáveis foram as que se seguem.

No dia da descida da imagem do Divino de seu nicho, estiveram presentes a convite os ex-imperadores, os quais foram cortejados pelo congado do bairro desde o Salão de Santa Clara, junto com o atual e o eleito, para a missa no santuário. Ao seu término correu o ritual de descida da imagem. Logo a seguir, foi inaugurada a nova sala usada pela comissão da festa, sobre o batistério, bem superior à que até então ocupava, no prédio da catequese. Estavam presentes o pároco e o vigário, os festeiros, a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, alguns paroquianos envolvidos com este jubileu e vários outros convidados. Após as palavras do presidente da comissão, foi descerrada a galeria de fotos dos ex-imperadores e entre eles a do Padre José Raimundo da Costa. Após os breves discursos de praxe, a comissão homenageou a vários presentes e aos imperadores de cada ano, com um certificado e objetos alusivos. Os imperadores ganharam ainda um broche para a lapela do paletó. A sala foi decorada com primor, tudo no contexto da festa. Tem muitas fotografias do jubileu expostas, além dos trajes típicos

A cavalgada, encabeçada por “Jota”, teve como boa novidade uma charrete na dianteira, na qual se amarrou o grande estandarte abre-alas (até então ele era preso a um carro de som). Sobre ela desfilou a caráter o imperador. O número de participantes foi visivelmente superior ao dos anos anteriores e não se constataram problemas organizacionais.

Uma melhoria foi o posicionamento do coreto pela primeira vez na esquerda do adro, deixando livre para os congados o entorno dos mastros.

A Missa Inculturada teve como destaque a apresentação do grupo de estudantes africanos da Universidade Federal de São João del-Rei (Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde).

As folias no coreto estiveram esplêndidas, embora o tempo para a cantoria de cada uma foi desigual o que desagradou alguns. A de César de Pina, ausente, foi homenageada através do toque nas caixas de som de sua gravação.

As romarias transcorreram com aprumo e concorrência assim como os shows.

No domingo pela manhã os congados partiram rumo ao Salão de Santo Antônio pela Rua Geni Guimarães, o que ajudou sobremaneira com ganho de tempo e evitando o trânsito da Avenida Sete de Setembro, embora tendo voltado por esta.

Uma chuva inesperada pela tarde prejudicou muito a chegada do cortejo imperial.

A coroação foi mais contida e positiva. Sob a música orquestral, o imperador coroado, ladeado pelo eleito e antecedido pela guarda de honra, teve de cada lado a escolta dos ex-imperadores, vestidos de terno. Foram eles que transferiram do imperador coroado ao pároco e deste ao novo imperador, a capa, a faixa, o cetro, a salva e o estoque. A coroa, como não poderia deixar de ser competiu ao sacerdote.

Todos os eventos seguintes correram com absoluta normalidade e dispensam comentários, exceto ainda pela chuva, que persistindo, impediu pela primeira vez a saída da procissão do Divino. No ano seguinte, em meados de abril de 2008, os festeiros fincaram um “mastro de aviso”, no adro, à esquerda da entrada principal, sem qualquer música e tendo no topo uma bandeira branca emoldurada, sem registro de santo algum, apenas com a inscrição em grandes letras vermelhas: “Jubileu do Divino 1º a 11 de maio”.

Principiou com a transferência da imagem do Divino para os pés do padroeiro, só que foi baixada com antecedência e posta à entrada, encoberta por pano e entronizada em cortejo ao fim da missa ao som do congado do bairro.

Num dos dias da novena, a folia do bairro Bom Pastor passou pelo adro e arrebanhou grande assistência junto ao coreto após a celebração. Seu ato abriu precedentes para que na festa seguinte a cada dia venha uma folia (sem prejuízo ao Encontro das Bandeiras realizado no sábado), conforme comentado por alguns festeiros, o que seria melhor alternativa que os *shows* que nenhuma relação tem com a tradição festiva. Estariam melhor situados na praça (fora do adro), mais tarde, em palanque.

As barracas evoluíram com a padronização.

Não houve novidade apreciável senão no dia maior, por isto as anotações dizem respeito apenas a esse dia. Apesar da divulgação maciça houve queda na concorrência popular, o que, por oras, só pode ser atribuído à sua coincidência com o Dia das Mães.

O esquema das romarias foi o seguinte:

DIA	ROMARIA	SHOWS APÓS NOVENA
02	dos Portadores de Necessidades Especiais	Geraldo Santana & Banda
03	dos Desportistas e da Juventude	Serenata da ASAP
04	dos Movimentos Religiosos e Pastorais	Ladinho & Osvaldo
05	dos Professores e Alunos	Renato & Cipó
06	dos Militares, Policiais e Funcionários Públícos	Luciano & Banda
07	dos Trabalhadores nos Segmentos Culturais	Kadú Santoro
08	da Terceira Idade	Pedro Parente (Pedrão)
09	dos Afro-descendentes	Escola Musical da
Paróquia		
10	dos Folieiros e Comissão do Divino	Não houve <i>show</i>

Muito notória a presença do congo do Rio das Mortes posto que esse grupo por décadas não se juntava aos demais congados. Seus mouros estiveram presentes.

A Missa das Crianças foi adiantada em uma hora e enquanto isto os congados foram direcionados para o Salão de Santo Antônio para o recolhimento. Voltaram já quase ao almoço pelo que não levantaram seus mastros, senão o grupo de Matosinhos, nessa hora. Os grupos deixaram o reinado no coreto e não na igreja e depois de passarem por dentro da igreja, voltaram ao adro e ali ficaram por um tempo, à vontade, até que foram encaminhados ao almoço. Por essas alturas fizeram a chamada, pela primeira vez no lado de fora.

Os congados à tarde foram divididos em dois grupos. Os do município foram até a gruta buscar o imperador e os visitantes ficaram aguardando na Santa Clara, para depois se irmanarem de volta ao santuário trazendo os imperadores (coroado e eleito) e o andor do Rosário. O objetivo era encurtar o tempo daquele giro, mas o êxito não foi total já que alguns ternos visitantes acabaram furando o esquema e foram para a gruta também. A situação gerou tensões entre dois moçambiques pela primazia de “puxar a coroa”.

Na chegada foi instituída uma saudação ao imperador por cada guarda presente, diante do coreto, recebendo o capitão uma lembrança da festa (miniatura do mastro do Divino). Por esse tempo chegou também ao adro um cortejo para-folclórico de percussão vindo da Vila Santo Antônio, que tumultuou e destoou.

No banco reservado aos ex-imperadores estiveram também presentes o prefeito municipal, Sidney Antônio de Sousa e o presidente da Academia de Letras, Wainer de Carvalho Ávila.

Pela primeira vez não houve orquestra e sim cantos pelo coral paroquial, com acompanhamento de palmas dos fiéis e o eventual toque de alguns congadeiros que assistiram a celebração.

A entrada dos imperadores ao som do hino nacional, pelo corredor central, foi sofrível, pois não se decidia a formação da fila. No altar cada um transferiu do coroado ao novo imperador uma de suas

insígnias, mas fez falta a presença de um Mestre de Cerimônias. Ao término da coroação entrou tocando o congado do capitão Moacir Santana, medida questionável pois gerou ciúmes em outros grupos que não tiveram a mesma oportunidade.

A procissão (tanto a do Divino quanto a do Imperador Perpétuo) foi precedida não por um mas por vários cavaleiros para tal arregimentados, com trajes a propósito, tomados de empréstimo da cavalgada.

Na chegada houve animação por um padre convidado enquanto se queimou uma cascata e os sinos dobraram. Houve ainda uns inexpressivos fogos avulsos vez por outra.

A bênção do Santíssimo no molde das anteriores foi esplêndida e se firmou como o evento espiritual mais profundo e participativo de toda a festa.

No mais, sob uma ótica panorâmica tudo foi como no ano anterior e ao grande público o jubileu apareceu como belo. Mas como última impressão, o olhar investigativo revelou tensões na relação festeiros x Igreja e entre as comissões festivas do jubileu e da Gruta do Divino, que embora não sejam novidades, foram crescentes e preocupantes. Além do mais uma certa descoordenação das ações, embora sem atrasos apreciáveis e mais uma vez se reforçou a lamentável busca pelo lado espetacular e o maior apoio à inculturação e ao para-folclore, enquanto as folias que tanto trabalham para a festa não tiveram o mesmo tratamento e a coroação de Nossa Senhora da Lapa foi pouco evidenciada. Por fim, registro que os mastros da gruta e Santa Clara esperaram 16 dias após a festa para serem descidos, o que foge por completo à tradição.

O festejo de 2009 foi mais bem organizado e trilhou a mesma estrada em termos de conteúdo e assim dispensa comentários, a não ser pelos seguintes detalhes: a procissão do Divino reuniu o maior número estimativo de pessoas desde o “resgate”, o que foi claramente visível; também a do Imperador Perpétuo teve movimentação melhor que dos outros anos; a uniformização das equipes da cozinha e barraca de vendas foi muito positiva, bem como o ritual de coroação, equilibrado e contido; a participação dos grupos de inculturação cresceu carreando para a festa elementos estranhos à tradição e até dramáticos, o que é temeroso; o cortejo para recolhimento do reinado retomou o itinerário anterior pelas ruas Guia Lopes e Barão de São João del-Rei porque a passagem anterior em condomínio foi fechada. Mais uma vez os congados foram divididos em dois grupos, um que foi para a gruta e outro que ficou na Santa Clara. Ficou claro que o esquema de romarias ainda não atingiu a mobilização imaginada, tanto que é crescente a tentativa de somar participações de instituições, comunidades e pastorais a cada dia.

Dois mil e dez trouxe mudanças significativas apenas na missa das crianças, transferida para a Igreja de Santa Terezinha e na missa inculturada, que foi antecipada em um dia em razão das comemorações do Jubileu Áureo da Diocese de São João del-Rei. Sob nova regência esta celebração recobrou seu idealismo perdido ano a ano na excessiva teatralização que alcançou por fim. Contou com novas participações que recuperaram seus aspectos iniciais.

O levantamento dos mastros passou para o primeiro dia da novena.

Não houve outra novidade digna de nota. Boa organização.

Para 2011 o que houve de significativo foi a passagem dos mastros para a frente da igreja, junto à porta; ainda mais, as folias fizeram a parte musical da missa de sábado, seu dia, o que muito agradou aos foliões. Diga-se ainda do fim do cortejo à gruta, o que já se esboçava a alguns anos mas ora concretizou, deslocado para Santa Terezinha. Ganhou-se tempo, mas não ordenação.



Terno de Caixeiros visita o Imperador "Detinho" na Quinta-feira das Ascensões.

- [1] - Neste dia um grupo de romeiros partiu em caminhada da Capela do Menino Jesus de Praga ao Santuário pela Avenida Josué de Queiroz, rezando e cantando músicas religiosas, para participarem da celebração. Foram precedidos pelo alferes da bandeira a cavalo.
- [2] - Caixeiros: Ulisses Passarelli, Luís Pereira dos Santos, Danilo Francisco de Assis e seu irmão, Jamiro Aparecido de Assis. Os quatro são congadeiros da Guarda de São Miguel, de Santa Cruz de Minas.
- [3] - Embora fora do programa, apresentou-se neste dia após a serenata, a dupla local Eddy & Denner.
- [4] - Ainda que anunciado, não houve apresentação de chorinho devido a um problema de horário.

Notas e Créditos

* Texto e foto (2009): Ulisses Passarelli

Congado de Santa Cruz de Minas na Festa do Divino de 2012



Ulisses Passarelli, ladeado pelos irmãos capitães de congado de Santa Cruz de Minas, Danilo Francisco de Assis (esquerda) e Jamiro Aparecido de Assis (direita), no salão do almoço.



Ulisses e Danilo, na Praça de Matosinhos.



O congado chega à Igreja de Santa Terezinha para a formação do cortejo imperial.



Congado de Santa Cruz de Minas em marcha pela Avenida Sete de Setembro em Matosinhos, durante a Festa do Divino, rumo ao Salão Comunitário de Santo Antônio para o recolhimento do reinado. O retrato mostra o momento de união das duas guardas daquela cidade: a do Capitão Danilo (bandeira vermelha; aparece o primeiro à direita, batendo tarol) e do Capitão Jamiro (bandeira branca, primeiro à esquerda, batendo caixa azul). O autor deste blog teve a honra de ser convidado para participar desse congado no ano em questão.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli
** Fotos: Iago C. S. Passarelli, 2012.

Ritual de coroação do Imperador

O ritual de coroação do novo Imperador do Divino transcorria de formas diferentes a cada ano, algumas vezes conforme idéias novas do escolhido. Em 2011 o então presidente da Comissão do Divino, Nelson Domingos de Abreu solicitou-me formatar o ritual e disto lhe entreguei o esboço abaixo, que prevê local exato para assento, entrada solene, ato de descoroação, coroação e aclamação. Foi-lhe dada total liberdade de descartar esta sugestão ou de adaptá-la como melhor conviesse. Com pequenas adaptações de ordem prática foi seguido desde então. Segue-se abaixo, conforme o original.

* * *

1- Toda a orientação do ritual compete a um Mestre de Cerimônias, trajado de terno, ciente de cada detalhe e momento, sem interferência de outras pessoas e independente do Locutor Sacro, embora suas ações estejam sincronizadas.

2- Todos os imperadores se trajarão de terno completo (ex e atuais) e deverão ter um comportamento irrepreensível, mantendo a compostura, respeito e silêncio no santuário.

3- Para a celebração os ex-imperadores entrarão em fila dupla, antecedendo os atuais.

4- Seguem os atuais, cercados pela Guarda de Honra.

5- Os imperadores atuais (coroado e eleito) tem assento junto ao altar, no lugar de costume, tendo à sua frente uma mesinha forrada de toalha e sobre ela será posta a salva. Também deve haver dois genuflexórios.

6- Ex-imperadores tem assento na primeira fila, no eixo principal da nave central, à direita de quem entra (lado contrário da orquestra).

7- Após os imperadores atuais se sentarem os ex-imperadores se sentarão também, seguidos da Guarda de Honra que assentará junto aos ex-imperadores.

8- No momento da Consagração o Imperador Coroado tira a coroa da cabeça e a põe sobre a salva. Ele e o Imperador Eleito ajoelham-se no genuflexório. Após a Consagração se levantam e permanecem de pé e então recoloca a coroa sobre a cabeça.

9- Na Ação de Graças o Imperador Eleito e o Coroado irão para a entrada principal do santuário. Os ex-imperadores formarão fila dupla diante do altar.

10- A entrada dos imperadores se dará em duas etapas:

- primeiro: entra o Imperador Coroado, passa pelo abre-alas dos ex-imperadores e sobe ao altar. Cumprimenta o celebrante. Ele mesmo retira a coroa e a põe sobre a salva, que estará com o Mestre de Cerimônia. A seguir entrega-lhe o cetro, que será atravessado na coroa. O Mestre de Cerimônia põe as insígnias sobre a mesinha e volta para ajudá-lo a retirada da capa e por fim da faixa, pendendo-as no genuflexório.

- A seguir entra o Imperador Eleito e vai até o altar. O Mestre de Cerimônia põe-lhe a faixa e a seguir a capa. O novo Imperador ajoelha no genuflexório enquanto o celebrante asperge água benta sobre as insígnias e a seguir o coroa. Ao levantar-se recebe o cetro. A salva permanece sobre a mesinha. É cumprimentado pelo Padre e Mestre de Cerimônia.

11- Nesse momento todos os ex-imperadores voltam aos seus lugares e o novo imperador é apresentado à aclamação dos fiéis.

* * *

É de praxe ao término da bênção do padre todos os imperadores de anos anteriores virem saudar o novo, recém-coroado, bem como, familiares, parentes, amigos e até curiosos. É um momento especial, de grande fraternidade. Abaixo algumas fotos que revelam o Mestre de Cerimônias pondo-lhe a capa, o Bispo Diocesano coroando e um imperador de ano anterior saudando-lhe com um abraço.







Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S.Passarelli, 20/05/2013

Ser Imperador

No ano anterior escrevi sobre os imperadores da Festa do Divino quanto ao aspecto histórico, pincelando algumas informações acerca da escolha e coroação. No informativo do jubileu de 2013, este texto pode ser lido pelos que se interessarem nestas informações.

Mas ora focalizo outra vertente, bem mais intrínseca e difícil de explanar, ligada à idealização do que se espera de um Imperador do Divino. Sou suspeito para falar e eu mesmo não sei se sou ou fui o que escreverei, mas colocarei o que penso que todos os imperadores devessem se esforçar para ser.

É preciso entender que o imperador representa na festa do Espírito Santo um personagem muito tradicional, que concentra em si todo o simbolismo da cultura popular acerca do sagrado em relação a esta festa. Sua figura é muito respeitada e se torna o festeiro de honra, o representante maior da comissão de festejos nos eventos sociais e religiosos ao longo de todo o ano. Se o presidente é na atualidade a figura maior na estrutura administrativa do Jubileu do Divino, o imperador é o elemento exponencial na estrutura simbólica, festiva e cultural.

Isto impõe à Comissão Organizadora uma grande responsabilidade na escolha do próximo imperador a cada ano. É preciso escolher com plena maturidade, senso crítico, isenção de questões pessoais. Uma escolha eventualmente mal sucedida pode ser desastrosa, até porque o imperador perde a coroa, mas não perde o império ante o novo coroado; em outras palavras, segundo entendimento geral dos festeiros, não existe ex-imperador, mas imperador de 1998, de 1999, de 2000... etc.

Os possíveis candidatos devem ser analisados sob um crivo de comportamento, dedicação, empenho, responsabilidade, apego à causa, trabalho prestado à festa, espírito de cooperação. Logo se vê que o ato de ser imperador não deve ser encarado como uma aventura, um luxo ou um degrau social a se subir para ganhar visibilidade. É um compromisso vitalício, perene.

O grau de comprometimento com a programação festiva, com as reuniões ordinárias e extraordinárias, com as participações em outros eventos que a comissão organizadora é convidada e com a coordenação das atividades cotidianas exigidas para a difícil tarefa de organizar a festa, tudo enfim, deve ser intenso e vivenciado com fé. Por traz da capa de veludo, da gravata, dos aplausos e flash's fotográficos existe o peso de uma grande responsabilidade.



*Bispo Diocesano de São João del-Rei,
Dom Célio de Oliveira Goulart,
coroa o Imperador do Divino,
Edmilson Washington da Silva.*

É preciso pontuar também a natureza específica dos festejos em São João del-Rei, que reúnem no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos um número considerável de grupos culturais, sobretudo congados e folias, com os quais o imperador deve exercer um papel de interlocução, fazendo o elo que diferencia por completo a presença deles, de mera apresentação para uma participação integrada. Desta forma, como o grande anfitrião, deve ter pleno respeito aos congadeiros e foliões, mesmo que não compartilhe de suas crenças e ritos.

Na outra ponta o imperador é o canal da maior importância para conservar o diálogo com o clero, transmitir e fazer cumprir as diretrizes eclesiásticas, sendo a Igreja a verdadeira Mãe da comemoração, que em síntese acontece em seu espaço físico e orientação espiritual. Nunca é demais lembrar que Pentecostes é uma data litúrgica das mais relevantes para o cristianismo e o Jubileu do Divino desde sempre é uma festa católica.

Defendo que a Comissão do Divino devesse estruturar um “Conselho dos Imperadores” como órgão consultivo, que poderia ser muito útil diante de questões as mais diversas e que reforçaria a coordenação da festa pelo compartilhamento de responsabilidades.

O imperador é, portanto, o festeiro especial, aquele que acolhe e transmite, pondera e equilibra, recepciona e promove, dá o exemplo e arregaça as mangas para o trabalho, que se inteira da história da festa e da programação para seu próprio saber e para respaldo das entrevistas e perguntas de fiéis. Ser imperador é encarnar e incorporar o festeiro ideal, que age em irmandade, movido pela devoção, dando seu esforço voluntário pelo bem comum.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 20/05/2013

*** Texto escrito a pedido da Comissão do Divino. Publicado em: [Informativo do Jubileu do Divino Espírito Santo](#), São João del-Rei, Paróquia de Matosinhos, n.17, jun./2014.

Programação da Festa do Divino 2014

Aproxima-se mais uma Festa do Divino, no Bairro Matosinhos. São João del-Rei acolhe com muito carinho este festejo com seu caráter regional, para cujo êxito depende não só dos paroquianos de Matosinhos mas igualmente de outros bairros, distritos e cidades convidadas.

Em Pentecostes, a coroa este ano deixa o Imperador Sr. Edmilson Washington da Silva, coroado em 2013 e passa para o novo Imperador, Sr. Dácio Sebastião de Carvalho. Antes, porém, transcorrem diversos eventos preparatórios.



Mastro de aviso.

Além do giro das folias do Divino às casas, que já começou e acontece sem alarde por vários bairros, acontece dia 29 do corrente uma visita de praxe à residência do imperador que ora detém a coroa, a partir das 17 horas. Os caiqueiros farão ali sua saudação. De costume o grupo segue para o santuário, mas este ano foi introduzido como novidade uma sequência, na qual o grupo parte com o imperador e membros da comissão de festa até o Salão de São Sebastião, na Avenida Santos Dumont para novas homenagens. Dali o grupo seguirá em cortejo até o santuário, agora com o reforço do congado do lugar. Após a celebração será como de costume descida a imagem do Espírito Santo para o início da novena.

Sexta-feira, dia 30 de maio, inicia a novena do Espírito Santo, celebrada no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, às 19 horas. A cada dia estão previstas as participações de comunidades paroquiais, movimentos, pastorais e grupos convidados, em parte reformulando o esquema das romarias. O levantamento dos mastros acontece no primeiro dia da novena, com congados locais, após as celebrações.

A Cavalcada do Divino está marcada para as 09 horas da manhã do domingo, 01 de junho, e pela primeira vez não parte do santuário e está sob nova coordenação. Ela vem do distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno e termina no Campo do Siderúrgico (Avenida Santos Dumont).

O sábado seguinte, dia 07 de junho, é a vez da Procissão do Imperador Perpétuo, também inovando com um horário mais cedo (16h e 30min) e abandona o itinerário tradicional do Matola para circular pelo centro histórico, acompanhada em parte pela Banda de Música Municipal Santa Cecília, sob a competente batuta de José Antônio da Costa, e no todo pelas folias do Divino, que após as celebrações noturnas farão o típico encontro no coreto.



Coreto ainda em fase de montagem.

Ao contrário de anos anteriores não se vê na programação previsão de shows para o período em questão, apenas um show de encerramento do jubileu, no estilo evangelizador.

A programação do dia maior está resumida na tabela abaixo, tendo como novidade o deslocamento do reinado da Vila Santo Antônio para o Jardim Paulo Campos e a saudação ao imperador na parte da manhã.

6h	Alvorada festiva
7h	Missas festivas
8h	Chegada dos congados
9h 30 min	Missas das Crianças (Igreja de Santa Terezinha)
9h 40 min	Recolhimento do reinado seguido de saudação ao imperador
10h 30 min	Chamada dos reis, rainhas, príncipes e princesas (no santuário)
13h	Saudação dos congadeiros a N.S. do Rosário (Igreja de Santa Terezinha)
14h	Cortejo imperial (da Santa Terezinha ao santuário)
16h	Missas solenes seguidas de coroação do novo imperador
17h	Procissão solene seguida de bênção do Santíssimo Sacramento
20h	Descida dos mastros e despedidas dos congadeiros. A seguir, show de encerramento.

O adro foi adaptado para as novas exigências de segurança com abertura de mais um grande portão (corredíço) na lateral da praça. O coreto está montado, bem como as barracas. O mastro de aviso sinaliza as datas do jubileu. Pentecostes aproxima-se. Festa da alegria. É o momento da confraternização comunitária e da comunhão pascal com o sagrado.

Notas e Créditos

* Texto e fotos (11/05/2014): Ulisses Passarelli

Cenas Pentecostais: o dia maior em 2014

O tradicional Jubileu do Divino concluiu-se com êxito neste Domingo de Pentecostes, dia 08 de junho do corrente, firmando-se na fé, na musicalidade, na alegria cheia de colorido. A grande Festa do Divino mais uma vez congregou dançantes de vários grupos do município, das circunvizinhanças e de mais além dos limites dos Campos das Vertentes, graças à devoção ao Paráclito.

Depois da novena e muitos eventos prévios, o domingo, coroado por um tempo esplêndido, se revestiu de um universo de ritmos, melodias laudatórias e cores esvoaçantes, tudo em louvor ao Espírito Santo. Edmilson deixou a Santa Coroa para Dácio e com isto a irmandade dos imperadores ganhou mais um membro. Seja bem vindo e tenha um feliz império!

Veja alguns detalhes deste ano nas fotografias abaixo, difíceis de selecionar ante tantas imagens bonitas que o evento oferece.



Debaixo da umbela, na porta do santuário diocesano, o Imperador Coroado Edmilson Washington da Silva, cingido de faixa, ladeado pelo Imperador Eleito, Dácio Sebastião de Carvalho e pelos guarda-coroa com espadas, recepcionam os grupos visitantes, entregam lembranças artesanais e são saudados pelos congadeiros.



Irmãos do Santíssimo Sacramento da paróquia e membros da Comissão do Divino com o estandarte e guiões abrem o Cortejo Imperial, seguidos imediatamente pelo congado do bairro.



Debaixo de forte sol o povo se aglomera para ver a chegada do Cortejo Imperial. No momento retratado o moçambique são-joanense do Solar da Serra faz sua entrada.



Pela primeira vez presentes, congadeiros de Itatiaiuçu dançam o congo na chegada ao santuário.



Com muito entusiasmo e elegância, o Reinado do Rosário faz sua entrada: Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas são convidados especiais do Imperador do Divino para se irmanarem na grande festa ao Paráclito.



Uma evolução dos Marujos do Capitão Ganair, de Conselheiro Lafaiete, presença tradicional no jubileu.



*Gungas de Passa Tempo,
choram na ingoma as tristes lembranças do cativeiro...*



Imperadores de vários anos assistem a Missa Solene.



*O novo Imperador, Sr. Dácio, coroado pelo Bispo Diocesano,
Dom Célio de Oliveira Goulart.*



*A vanguarda da grande e solene Procissão do Divino,
que lota as vias principais do bairro-cidade.*

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S. Passarelli, 08/06/2014.

*** Veja também: [VÉSPERA DE PENTECOSTES EM SÃO JOÃO DEL-REI](#)

A Festa do Divino 2015 chegou!

Ontem, as caixas zoaram pelas ruas de Matosinhos. Por mais um ano o anúncio retumbou desde as 17 horas. Não apenas o grupo de quatro caixeiros mas o próprio congado do bairro visitou o Imperador Eleito, sr. Francisco José do Nascimento e por força da tradição foram recepcionados com muita cordialidade, comes-e-bebes e espírito fraternal. De lá, em cortejo, vieram batendo tambores rua afora, até o salão da Comunidade Rainha da Paz e deste, mais tarde ao Santuário Diocesano do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.

Com o Capitão Tadeu no comando dos dançantes, e na hora aprazada, 19 horas, fez-se a entrada da missa. Comissão de festeiros e imperadores de vários anos estiveram presentes e caminharam solenemente. O Pároco e Reitor do Santuário, Revdm. Padre José Bittar, elevou sua прédica à excelência, com exortação dos valores sagrados do Espírito Santo na vida do Cristão e da Igreja. O Divino Paráclito é quem encoraja, reanima e age sobre os cansados, os desiludidos, os desanimados, os enfraquecidos, os desamparados, levando os fiéis que se concentram no sagrado a uma reação. Sermão notável de uma voz sábia e experiente.

Convocados os fiéis para a novena a se começar no dia seguinte, incensada e benta a imagem do Rosário da Comissão, deram então entrada à imagem do Divino, em marcha devota, entronizando-o como se faz todo ano, aos pés da imagem do excelso padroeiro. Congadeiros elevaram seus cantares. A festa foi declarada aberta, grande jubileu!

Logo a seguir, na sala da Comissão Organizadora, uma recepção homenageou imperadores e mais pessoas envolvidas intensamente nos festejos.

Hoje, logo mais ao cair da tarde, os mastros serão levantados: na Igreja de Santa Terezinha, no Salão de Santa Clara e na Gruta do Divino. Depois virá a missa no Santuário e a celebração do primeiro dia de novena. Ao término, serão erguidos por fim pelos congadeiros mais três mastros, os principais, agora no adro: um de Nossa Senhora do Rosário, padroeira maior dos congadeiros, outro de Santo Antônio (o Imperador Perpétuo) e por fim o do festejado Espírito Santo de Deus, em quem se depositam esperanças de uma vida iluminada.

*"Santo Antônio pegou a coroa,
e levou pro Imperador;
chegou lá na sacristia,
o Divino abençoou!"*

(Capitão Tadeu, Catupé São Benedito e São Sebastião, Matosinhos, São João del-Rei)



Momento no qual a imagem do Espírito Santo é afixada, com a presença do Imperador Coroado, sr. Dácio Sebastião de Carvalho e diversos membros da Comissão do Divino. 14/05/2015.

Notas e Créditos

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

** Saiba dos outros eventos deste jubileu clicando em:

[PROGRAMAÇÃO DA FESTA DO DIVINO 2015](#)

Cavalgada do Divino 2015 anuncia jubileu

Na manhã do domingo que antecede a Pentecostes, parte de Matosinhos a Cavalgada do Divino. O evento acontece desde 1998. Naquele ano e nos imediatos a cavalgada era no sábado, véspera do dia maior do Jubileu do Divino. Mas entendido em boa hora pela comissão de festeiros como um evento de finalidade anunciatória, foi antecedido para o início dos festejos.

Os moradores de São João del-Rei já sabem, estão condicionados: quando passam estes marchantes a cavalo, com bandeiras do Espírito Santo, é sinal incontestável que a Festa do Divino começou. Os desavisados que acaso não viram alguma propaganda, anúncio, jornal informativo, agora sabem.

A disposição geral é a de duas filas, abertas pelos ponteiros, distinguíveis pelos coletes brancos. Trazem na mão um guião, espécie de flâmula, de estrutura bem leve. Ao centro e na dianteira um cavaleiro carrega um grande estandarte abre-alas, aliás, embora reformado, é o mesmo desde a primeira Cavalgada do Divino. Na sequência vem a charrete com o Imperador Coroado e no final das fileiras de cavaleiros e amazonas, outras charretes e carroças.

Percorrem vários bairros, passando pelas vias principais, depois retornam para o ponto de saída, na praça da Avenida Santos Dumont, onde o Capitão de Congado Tadeu, também Imperador do Divino (coroado em 2004) fincou um mastro de São Sebastião para abençoar a jornada dos participantes.

Com sua dinâmica natural, já tendo passado por algumas coordenações, mudanças de itinerário e de data já citada, além da variação do número de participantes a cada ano, a Cavalgada do Divino a 18 anos cumpre muito bem sua missão, mantendo o objetivo inicialmente proposto para ela.



*O tecido vermelho e a pombinha branca imediatamente identificam que cavalgada é esta.
Na charrete imediatamente atrás, vem em destaque o Imperador Coroado.*



*Cavaleiros e amazonas atravessam a Avenida Sete de Setembro.
É o sinal verde para a festa.*

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S. Passarelli, 17/05/2015

Procissão do Imperador Perpétuo 2015

Encerrou ontem o grande jubileu em honra ao Espírito Santo, a tão querida e concorrida Festa do Divino, cuja beleza e valor religioso nunca é demais exaltar. O Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, em São João del-Rei, após os dias anteriores de novena, esteve lotado de fiéis nos dois últimos dias, favorecidos por um tempo aberto, embora frio.

A Procissão do Imperador Perpétuo, no dia 23 do corrente, transcorreu bem na sua travessia pelo centro histórico, com certo atraso, verdade o seja, mas animadamente musicada pelas folias presentes, que ao longo de todo longo trajeto se alternaram na cantoria. Como de costume, o cavaleiro foi à frente em abre-alias, com o grande estandarte, ladeado pelos ponteiros, também a cavalo; na charrete veio o **Mordomo da Bandeira**, Sr. Mário Calçavara, folião respeitado e querido por todos. Muitas bandeiras vermelhas do Paráclito vieram na sequência, seguidas pelas folias, a corte, o Imperador Coroado, sob a umbela e guarnecidos pelos **guarda-coroa** de espadas em punho, e por fim, a liteira com Santo Antônio, trazida por soldados montanhistas do glorioso 11º B.I.

O pároco de Matosinhos, ao centro da procissão, vinha com uma nova imagem do Divino em forma de custódia, abençoando os fiéis ao longo do caminho, com muito carisma.

As casas em geral pelo itinerário foram receptivas, montando altares externos, enfeitando sacadas com toalhas e flores. Destaque para a comunidade da Gruta do Divino (onde aguardava a Folia do Carlão) e a de Santa Clara (onde ingressou o Imperador Eleito), bem como para a travessia Rua Bernardo Guimarães.

A missa teve grande número de devotos e cada folia fez um canto da celebração.

Por fim, após um café com quitandas, as folias apresentaram-se no coreto para um excelente público. A apresentação contudo foi maculada por problemas de sonorização.

Para registro segue o nome das **folias do Divino** presentes: folia das Águas Féreas, do folião Geraldo Elói; folia do Jardim São José ("Folia das Mulheres"), foliã "Lilia"; folia da Rua São João, folião Antônio Ventura (as três do Bairro Tijuco); folia do Guarda-mor, folião João Matias; folia da Colônia José Teodoro, folião "Carlão" (todas estas folias de São João del-Rei) e ainda, uma **folia de São Sebastião**, vinda de Coqueiros, distrito de Nazareno, do folião Celso Antônio da Silva, aliás, também presente no ano passado.



O Imperador do Divino e o Pároco.



Cavaleiros abrem alas.



Aspecto geral da procissão.



A cor de Pentecostes invade as ruas da cidade.



Folia da Rua São João.



A tradicional Folia das Mulheres.



Folia das Águas Férreas.



*Folia do Guarda-mor na Rua Getúlio Vargas,
primitiva Rua Direita.*



*Folia de Coqueiros e ao fundo a Igreja do Rosário,
no centro histórico de São João del-Rei.*



Marungos da folia de Coqueiros.



Folia da Colônia José Teodoro cantando durante a celebração no Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.



A liteira no Santuário.



*Apresentação no coreto.
Nesta fotografia, a Folia do Carlão.*



Café dos folieiros, no Salão da Catequese.



Último devoto.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli.

** Fotos: Iago C.S. Passarelli, 23/05/2015.

*** Para saber mais sobre esta festa leia também:

[DIA MAIOR DO JUBILEU DO DIVINO 2015](#)

Elementos Festivos

Conhecendo os elementos festivos

Festa é ocasião de romper o cotidiano. A estressante rotina do trabalho semanal, levemente atenuada pelo sábado e domingo é de fato quebrada nas horas festivas. As regras sociais do dia-a-dia se tornam então mais flexíveis. É possível exprimir a alegria, a fé e a amizade de forma mais espontânea, livre das hipocrisias convencionais.

Nestes instantes, comer e beber ultrapassa ao limite habitual; gastam-se um pouco mais e se flexibiliza o rigor dos horários. É a oportunidade de assistir a espetáculos, grupos musicais, reencontrar parentes, amigos e compadres. Enfim, a festa, por assim dizer, para quem participa ou apenas assisti, de alguma forma, descarrega as tensões diárias e recarrega o indivíduo de novo ânimo para de volta encarar as responsabilidades rotineiras.

E se tudo isto é possível é porque cada festividade é um evento que reúne em si uma série de elementos que numa situação normal da semana ou de um final de semana ordinário não existem.

A festa do Espírito Santo tem como característica a espontaneidade de uma grande quantidade de elementos, que se misturam na programação e se renovam sempre. A variabilidade é a maior identidade dessa festa inimitável. Cada ano é diferente do outro. Descaracterizada estará a festa do Divino rígida em sua estrutura, congelada num modelo do passado. Mas no contrapeso é preciso tomar cuidados para não enxertá-la de elementos estranhos à cultura popular, popularescos, pretensamente folclóricos.

Com essas considerações iniciais, passo a seguir, em breve revista, alguns elementos que constituem o evento em questão.



Jovem congadoiro de Conselheiro Lafaiete/MG: a Guarda de Marujos "Santa Efigênia" é uma presença marcante desde o primeiro Jubileu do Divino reativado. Foto: Iago C.S. Passarelli, 2012.

1- Divulgação

Noutros tempos se desenvolvia de forma simples, através de impressos gráficos espalhados pela cidade e ainda de programas contidos em diferentes jornais. Afora isto era o boca-a-boca e os avisos dados dentro da igreja, nas horas de missa.

O jornal parece ter sido porém o maior veículo de divulgação. Diversas festividades se valiam dele sendo comum por exemplo notícias sobre o jubileu da Santíssima Trindade, em Tiradentes [1] e mesmo festas de regiões distantes. Eis um anúncio do século XIX, da Zona da Mata mineira, num jornal são-joanense, sob o título de “Festa do Divino Espírito Santo no Amparo da Serra, município da Ponte Nova” [2]:

Eleito festeiro do Divino para o corrente anno, faço publico que a festa realisar-se-á no dia 15 de agosto proximo futuro, neste arraial do Amparo da Serra. Haverá missa cantada, te-deum, sermones, procissão. Na vespera será queimado um castello magnifico de fogos artificiales, preparado pelo habil pyrotechnico Lucas Dias de Aguiar. Convido por este meio, e espero sem falta, grande concurrencia de povo para mais abrilhantar o referido festejo. Antonio Pires Ribeiro. - Amparo da Serra - 11 de Maio de 1891.

Notar o destaque à parte religiosa e ao espetáculo pirotécnico como grandes atrações, bem como, a preocupação do festeiro pela concorrência de sua festa.

Mas se naquele tempo recuado a divulgação visava alcançar os fiéis, hoje, além destes, direciona-se também a um grupo novo: os turistas. Na tarefa de “vender o peixe”, há de ser muito convincente e para aquinhoar uma parcela desta promissora assistência, houve por bem de se adotar diversificadas formas de difusão, tais como notícias em jornais, emissoras de rádio, entrevistas televisivas, avisos em missas, notícias via internet, palestras, exposições de materiais, faixas com inscrições das datas festivas e mensagens, banners, outdoors, cartazes, informativos, adesivos, camisetas. Não se emprega a totalidade dessas medidas todos os anos, ao que parece por limitação financeira.

O cartaz traz ao centro estampada a imagem do Divino Espírito Santo da matriz de Matosinhos. O conteúdo programático vem abaixo ou ao redor (“cartaz-programa”). Em alguns anos em posição satélite foram adicionados pequenos retratos de momentos da festa. Pelo bom tamanho, colorido atraente e tiragem limitada, a estratégia adotada é a de ser afixado em locais públicos de grande movimentação de pessoas, atingindo assim o maior número possível de fiéis e assistência. Apenas em 1999 o programa foi desvinculado do cartaz, difundido em planfletagem avulsa.

O adesivo para vidraças e parabrisas de automóveis só foi efetivado em 1999 (interno) e 2007 (externo).

O outdoor, devido ao custo elevado, não foi adotado todos os anos (ausente por exemplo em 1998, 1999, 2003 e 2004). Aparece em número de duas ou três unidades a cada ano. Sua grande visibilidade nos pontos estratégicos das vias públicas, ao centro e na entrada da cidade, fez dele um importante aliado na propaganda do jubileu. Em São João del-Rei raríssima é a festa católica que adota esse recurso midiático.

Além destes existe ainda um outdoor luminoso situado no adro do santuário, que estampa sempre temas e lemas, versículos bíblicos, chamadas de festas da paróquia e que ultimamente vem também veiculando a festa do Divino por iniciativa do pároco.

O informativo é um boletim anual, com editorial, expediente, programação, artigos, comentários, avisos, pedidos e transcrição de trechos selecionados, de antigos jornais da cidade, acerca de notícias da festa de outrora. Sua distribuição se deu ora avulsa, digo, independente (1998, 1999, 2008, 2009) ora como encarte do jornal **O Grande Matosinhos** (2000, 2001, 2004, 2005, 2006), ora das duas maneiras de forma concomitante (2002, 2003, 2007).

Funcionando como documentação há ainda as filmagens e gravações. Seu valor como divulgação é limitado pelas dificuldades para produção de grande número de cópias e sem dúvidas é um recurso a ser ainda melhor explorado.

Novas estratégias de divulgação surgiram em 2008 e 2009: um folder e um mastro. O folder contém informações programáticas, texto da novena além de uma listagem dos imperadores recentes e antigos, estes informados por mim, com base na presente pesquisa. O “mastro de aviso”, fincado na entrada do adro pelos festeiros, sem ritualização ou congados, tem uma grande bandeira branca enquadrada, com os dizeres: “Jubileu do Divino – 01 a 11 de maio” / “Jubileu do Divino – 21 a 31 de maio”, facilmente visível de qualquer ponto da praça.

Interessante observar que a palavra divino, com aplicação adjetiva, confere uma qualificação de belo, sagrado, especialíssimo... divinal, a toda expressão à qual se adita. Isto dá um ar muito próprio a diversos elementos constitutivos da comemoração e evoca ao mesmo tempo o patronato do Espírito Santo: festa do Divino, jubileu do Divino, mastro do Divino, cavalcada do Divino, folia do Divino, cavaleiro do Divino, imperador do Divino, procissão do Divino... Involuntariamente a repetição funciona como efeito midiático, ao alcançar nestas expressões uma condição análoga à de uma marca registrada. É uma codificação que em última análise contribui para reforçar o caráter identitário dos elementos festivos.

O tempo de existência da comemoração tem também seu efeito propagandista. No comércio, por exemplo, uma loja ou produto anuncia sua longevidade de propósito, dizendo que foi fundada em tal ano, ou que tem tantos anos de experiência e com isto visa alcançar maior credibilidade, impressionando pelo tempo no mercado, sinal de competência e qualidade. Ora, também com a festa a idade funciona assim, como um ponto favorável. Por isso nos materiais de divulgação é comum surgir repetidas vezes as datas 1774 (da primeira festa) e 1783 (do breve pontifício concedendo as indulgências plenárias). Não apenas impresso, mas também se ouve com freqüência nas entrevistas e ainda se vê em duas placas de madeira presas às colunas do portão central do adro, as datas extremas (a primeira e a do ano corrente), polarizando o tempo total da comemoração - impressionante marca de mais de duzentos e trinta anos.

O próprio título jubilar reforça a magnitude da festa e age também como elemento de propaganda paralela, a partir das premissas de sua raridade (pouquíssimas festas o possuem), antiguidade (século XVIII) e perpetuidade (não carece de renovação). Os festeiros quase não o têm usado assim, o que é um desperdício de oportunidade. Ele age desta forma sem esforço algum, a bem dizer por si mesmo.

Por fim, à guisa de especulação, acho oportuno lembrar da alternativa hoje possível do tombamento da festa no nível de bem imaterial. A meu ver, por um lado, embora fosse congelar um tanto a dinâmica festiva, por outro lado estaria aí mais uma ferramenta de difusão, com a possibilidade de um pregão bem pomposo, tipo: “Jubileu do Divino, patrimônio cultural do Brasil”.

2- Música

Não é sem razão que São João del-Rei é cognominada “Terra da Música”. A primeira informação vem de 1717, quando uma “banda” da época, regida por Antônio do Carmo, subiu ao Morro do Bonfim, para ali recepcionar o Conde de Assumar, então governador da Capitania de São Paulo e das Minas.

Desde então, nossa história musical tem sido notória. Várias corporações existiram e outras tantas permanecem ativas. A música persiste com grande força, envolvendo todas as faixas etárias [3].

No passado, as bandas e orquestras eram anunciadas nos programas dos jornais com destaque. O nome dos antigos maestros era citado com grande respeito e admiração: Martiniano Ribeiro Bastos, João Evangelista Pequeno, Carlos José Alves, Presciliano Silva, Luiz Baptista Lopes. Nos comentários jornalísticos da festa de 1901, foi dito que a banda militar enlevou os circunstantes. É a primeira menção que identifiquei à sua presença na festa de Matosinhos.

Está por se fazer uma pesquisa nos arquivos musicais da cidade no sentido de rastrear composições que eram usadas nas festividades de Matosinhos e identificar os seus compositores e quiçá

avaliar a possibilidade de sua volta. Notícias orais falam de nomes afamados mas por ora não abordarei o assunto.

A música se processava dentro do templo durante as missas e no adro como retreta, num coreto que se armava diante da capela [4]:

Durante os tres dias das festividades religiosas tocarão, no espaçoso e pittoresco largo de Mattosinhos, em vistoso e ornamentado coreto, 2 bandas de musica. A parte musical dos actos religiosos está confiada á orchestra Ribeiro Bastos.

Esse coreto perdido no tempo, consta como bem patrimonial da capela de Matosinhos, segundo lançamento de 1903 do tesoureiro Miguel Arcanjo da Silva.

Em razão disso, na reativação de 1998, foi construído um coreto desmontável. Feito em madeira [5], destina-se às apresentações musicais da festa e assim tem servido a shows e grupos folclóricos e bandas, além do serviço da locução geral. Fala-se na possibilidade de construir um coreto fixo.

Tem sido constante a presença de várias bandas à festa e da Orquestra Lira Sanjoanense, esta sempre na missa solene, até 2007. Desde 1999 o Coral Coroinhas de Dom Bosco, da Catedral Basílica de Nossa Senhora do Pilar faz a partemusical de uma missa da festa.

3- Barracas

A presença das barracas é tão tradicional nesta festividade, que já no seu primeiro ano surge uma notícia a respeito da necessidade de vistoria nos ranchos armados por aquela ocasião, em 1774. Eram armadas à guisa de pequenas casas rudes, por isso mesmo chamadas casinholas. Construídas em madeira, com amarriços de cipó ou pregadas a cravo; com bambu e pita, cobertas com capim (sapé) ou palha de coqueiro e chão de terra batida, essas construções provisórias e rústicas alojavam tabernas, botequins, restaurantes, estalagens e mais tarde, bancas de jogos.

Tornadas tão tradicionais era costume os jornais afirmarem que elas davam a Matosinhos a animação e o aspecto festivo. Em suma as barracas nunca faltaram às festividades, não só as locais, mas as de tantos bairros da cidade. Tão comuns foram as quermesses com as ditas barracas de comes-e-bebes, que se habituou chamá-las genericamente “festas de barraquinha” e assim se tornaram afamadas as barraquinhas das Mercês (defronte a igreja de Nossa Senhora das Mercês), barraquinhas do Carmo (...), do Bonfim, de Matosinhos, etc.

A recuperação da festa do Divino em 1998 atraiu de forma moderada os barraqueiros de diversos locais – pois de fato andam com suas barracas de festa em festa. Instalaram-se na praça. Ainda nesse ano e no seguinte, foram armadas também no adro, estas com renda destinada à festa. A partir de 2000 já não foram mais consentidas no adro, para nenhuma festa da matriz.

De forma rápida aumentaram de número nos anos subseqüentes, vendendo comes-e-bebes. Algumas se especializaram em toda sorte de quinquilharias, bugigangas, *souvenirs*, lembranças, penduricalhos... Montam-se também parques de diversões, com suas camas elásticas, pula-pula, carrossel, roda gigante, etc. Esse parque não foi consentido a partir de 2007. Em 2003 surgem algumas bancas de jogos. Houve uma desavença por uma suposta trapaça. No domingo seguinte, o mesmo banqueiro estava com sua armação no jubileu da Santíssima Trindade (em Tiradentes) e lá teria causado igual problema.

O assunto preocupou os festeiros em Matosinhos, que na reunião de avaliação da festa em agosto, decidiram não permitir qualquer banca de jogo para o ano seguinte, buscando apoio policial se fosse necessário. Depois disso não houve mais banca senão em 2008, quando apareceu uma roleta.

Outra questão levantada foi coibir as barracas na parte frontal da igreja, porque a reforma dos *trailers* em 2003, substituídos por bares de alvenaria montados como uma composição ferroviária causou o estreitamento da via pública, gerando dificuldades de espaço entre as barracas e bares, para a passagem do cortejo imperial e das procissões. Contudo o fim desse comércio não aconteceu. Felizmente porém no apagar das luzes de 2008 o horroroso trem de alvenaria foi demolido. Seguiu-se um reforma total da praça, inaugurada em meados de 2010.

4- Cavalhada

Herdeira das disputas medievais a cavalo, as justas de cavaleiros corajosos, as lutas das cruzadas contra os povos islâmicos e da história de Carlos Magno e dos Doze Pares de França, as cavalhadas expandiram-se pela Península Ibérica, de onde a herdamos.

Há registros de sua presença no Brasil desde o século XVI. Em diferentes formatações foi conhecida desde o Amapá até o Rio Grande do Sul. Seu nome primitivo foi “torneio”, por vezes ainda usado. A palavra cavalhada existe na língua portuguesa desde o início século XVII. Procede do castelhano, *caballada*. O termo porém só se torna corrente um século mais tarde [6].

Existem muitas formas de cavalhada, passíveis da seguinte classificação em folclórica:

- burlesca: profana. Os cavaleiros desfilam fantasiados e mascarados, com hilaridade, fazendo brinquedos entre si e com os espectadores. Exemplos: mascarados a cavalo na festa do Divino de Pirenópolis / GO; bandos montados anunciando a festa de Santa Luzia em Quebrangulo/ AL, a do carnaval de Bonfim / MG, etc.;
- de cortejo: religiosa. Cavaleiros escoltam um mastro enquanto é carregado, imagem em andor, Reis e Rainhas. Exemplos: em Cláudio / MG, cortejando o mastro na festa do Rosário; em Serra / ES, acompanhando o pau que servirá para fazer o mastro na cortada do mastro de São Benedito; os cavaleiros de São Jorge, espécie de congado montado, do centro de Minas; cavalaria de São Benedito, em Guaratinguetá / SP, etc.;
- anunciatória: profano / religiosa. Função específica ou principal de anunciar uma festa. Exemplo: cavalgada do Divino[7], São João del-Rei / MG, etc.;
- de argolinhas: profana. Constitui-se numa prova de destreza entre duas hostes, que disputam o maior número de argolinhas de arame retiradas com uma lança, de uma trave posta na pista, estando o cavalo a galope. Os participantes às vezes configuram-se como personagens da História de Carlos Magno e os Doze Pares de França. Existe no norte de Minas e nordeste do país. Também chamada “corrida das argolinhas”;
- dramática: é a cavalhada propriamente dita, ou cavalhada de mouros e cristãos, porque representa uma luta entre religiões (cristianismo X islamismo), herança histórica das guerras santas, das Cruzadas. Os cristãos vestem-se de azul e sempre vencem. Os mouros (muçulmanos) tem a cor vermelha nas vestes e adereços. Costuma agregar a modalidade anterior como número final. Exemplos: Pirenópolis/GO, Taguatinga/TO, Mateus Leme e Nova Lima/MG, Franca/SP, Guarapuava/PR, Santo Antônio da Patrulha/RS, etc. Outrora houve na festa do Divino são-joanense e em diversos outras festas do Espírito Santo Brasil afora. No século XIX existiu em Conceição da Barra de Minas. Até a década de 1930 houve em Prados/MG e de sua existência na vizinha Lagoa Dourada, restou o topônimo “Cruzeiro das Cavalhadas”.

Como toda classificação, esta também tem exceções e pontos de vistas, pelo que, não é absoluta, mas relativa. No mais classificar não é o fundamental mas sim compreender o fato folclórico. Mas de todas a que mais ficou célebre foi a dramática.

Era este o divertimento favorito nos tempos de antanho nas festas consagradas à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, em várias partes do país. Aqui não foi diferente. A explicação baseia-se na origem histórica destas comemorações, de cunho europeu, conservadas pelos ricos fazendeiros, que montados em cavalos especiais, com a melhor arreata, ajaezados com primor, trajados com capas de veludo cravejadas de toda sorte de aviamentos caros, chapéus emplumados, debruns e arminhos formando valiosos detalhes – em suma, uma farda dispendiosa – cuja confecção ficava distante da realidade financeira das camadas mais humildes da população, que se limitavam a assistir, assim mesmo, discriminadas a um local reservado, como aqui ocorreu em 1884, quando ao povo foi reservado o espaço debaixo da arquibancada montada sob a forma de anfiteatro. A parte de cima ficou para os aristocratas, que, ironicamente, refletindo o cotidiano, estiveram por cima do povo.

No citado ano o então memorável imperador, sr. Herculano de Assis Carvalho, não mediou esforços para recuperar a cavalhada, que já se encontrava desaparecida. Mandou terraplenar a praça do bairro e ali montou o curro, espécie de arena de madeira, adornada com bandeirolas, flâmulas, galhardetes. O sucesso indubitável de sua empreitada ficou atestado nas crônicas jornalísticas da época.

Sabe-se que no ano anterior houve em Tiradentes uma cavalhada por ocasião da festa da Trindade. É imaginável que isto possa ter influenciado os esforços do imperador citado.

Independente das festas religiosas as cavalhadas em São João del-Rei, como aliás acontecia nas velhas vilas coloniais, eram corridas nos eventos cívicos. Dentre outros exemplos, pode-se recorrer à de setembro de 1795. CINTRA (1982) Nos dá conta sobre ela, dizendo que a câmara promoveu pomposas cerimônias comemorando o nascimento de Dom Antônio, filho do Príncipe-Regente Dom João e de Dona Carlota Joaquina. Dentre várias atividades constou uma cavalhada no Largo de São Francisco “*composta das pessoas mais hábeis e condecoradas desta comarca*”.

5- Alimentação

Um costume de procedência ibérica muito arraigado às festas do Divino era a distribuição de alimentos aos pobres, sobretudo carne e pães. De alguma maneira foi mantido no Brasil [8]:

A Gazeta de Notícias de Campinas, em data de 24 de maio de 1874, assim noticiava a distribuição de alimentos feita pela baronesa de Três Rios e pelo cunhado, Francisco Egídio de Souza Aranha: 'À sua

porta, reuniu-se, pelas 8 horas da manhã, uma compacta multidão que se acotovelava por todos os lados. Eram os pobres, os enjeitados da fortuna, os pequenos de todos os tempos, que hão de confundir-se entre os maiores nas horas do bodo celeste. Aí lhe fizeram os dignos festeiros, que assim se compenetravam no verdadeiro espírito evangélico, a distribuição de 8 a 10 mil quilos de feijão; de carne de 18 reses; e de grande quantidade de sal, farinha e lenha.

MOTA (1986) testemunhou nos Açores: “ainda hoje, volvidos tantos séculos, é a abundância do pão, da carne e do vinho, uma das características mais típicas e primitivas com bodos fartos nos terreiros e adros das freguesias.” Também LEAL (1994) fornece diversos exemplos sobre a importância dos comes-e-bebes nas festas do Divino portuguesas, das ilhas e continente. Surgem de forma ritualizada, muito tradicional no seio da comunidade, como verdadeiro alimento cerimonial. Na verdade é a bem dizer o ponto alto das festas. Esta doação de alimentos aos carentes faz lembrar a influência caridosa da rainha Santa Isabel, nos primeiros festejos em Alenquer.

Não há muita referência sobre a comeizama nos festejos pretéritos em São João del-Rei. Havia distribuição de carne aos necessitados.

Na festa atual, a nota de destaque é para a comida ofertada aos dançantes, sábado (à noite) e domingo (café da manhã e almoço; informalmente também surge um lanche à tarde quando há suficientes sobras intocadas do desjejum). No café chama atenção a quantidade de pães e variedades de biscoitos, broas e bolos.

O alimento hoje é uma das prioridades. É recolhido por doação junto aos moradores do grande bairro. O arroz provém desde a festa de 1998 de farta doação específica de uma distribuidora gaúcha, com filial na cidade, graças à sensibilidade do sr. Laurindo Perinazo. O macarrão também vem de uma marca comercial específica, direto da fábrica.

A equipe cuida sempre de garantir uma alimentação abundante e de qualidade, recordando a origem agrícola da festa, na comemoração das colheitas.

Devido ao crescimento espantoso do jubileu, a necessidade de alimentar é cada vez maior. Para exemplificar sua dimensão listo o consumo aproximado das 3000 refeições servidas no almoço de 2007, segundo cálculos dos festeiros, gentilmente cedidos pelo então imperador, Antônio da Silva Serpa: arroz – 95kg, feijão – 45kg, carne moída – 75kg, macarrão – 60kg, batata – 60kg, cenoura – 1 caixa (cerca de 20kg), alface – 4 caixas, repolho – 2 caixas, farinha, ovo e tomate - não calculados, refrigerante – 360 litros. Em 2010 foram 3500 refeições.

6- Danças folclóricas diversas

O folclore foi no passado algo profundamente discriminado, do que até hoje existe uma resma. No século XIX e começo do XX, a visão que dele se tinha na sociedade era a de uma prova de atraso intelectual, reprovado como marca de primitivismo, pobreza, involução. Se as danças então tinham uma origem africana, eram ainda mais reprovadas, tidas como costume bárbaro.

Devido a esta idéia equivocada é que não se falava em folclore. Embora já existisse, ninguém “perdia tempo” em escrever sobre esse tema nos jornais. Nossas danças de raiz eram consideradas divertimentos da ralé.

No último quartel do século XIX, muito modestamente, com o surgimento dos primeiros estudiosos interessados no assunto, começaram a aparecer algumas notícias da cultura popular. São porém superficiais, desprovidas de uma metodologia científica.

Por esta questão não é hoje possível precisar com exatidão quais manifestações folclóricas estavam contidas na festa do Divino e até que ponto eram apenas apresentações ou de fato, participações efetivas.

Uma importante referência de 1877 permite constatar que se formavam ambientes paralelos dentro da mesma festa. De um lado, as camadas mais abastadas se divertiam com danças importadas da Europa (valsa, polca) e de outro, a “súcia folgasã”, reunida numa casinha, praticava danças nacionais, “sapateadas ao som de requebrada viola”. O autor daquele texto, poeticamente contrastou os estratos sociais. Essa expressão “danças sapateadas” é sintomática da presença de um catedré ou de um recortado; ou mesmo de um batuque de viola e/ou cana-verde, todos encontráveis por aqui antigamente.

7- Dança dos Velhos

Uma menção de 1883 enumera a dança-de-velhos ou dos-velhos [9], entre as atrações daquele ano. Em 1885 um jornal lastimava a sua ausência, bem como a da dança-das-fitas, a da cavalhada e a da tourada.

A dança-dos-velhos era uma contrafação às danças de salão que a aristocracia praticava. O povo motejava os nobres, com mesuras, gatimonhas, salamaleques, arremedando as danças finas. Mascarados, com bengalas, cartolas, barbas postiças de algodão, óculos tipo luneta, casacas, senhoras de cóquis e

xales, etc., em duas filas, uma de “velhos” outra de “velhas”, entravam em cena num andar capenga, cacos, aos arrastos, sofrendo tremuras, ao som de música quase fúnebre, que de repente se irrompia em ritmos acelerados, muito vivazes, que de imediato os velhos se esquentavam em requebros inimagináveis para quem há pouco entrara em cena mancando. E daí dançavam vários ritmos.

Vale ainda dizer que os dançantes eram em geral todos jovens fingindo-se idosos. Seu lado irreverente estava na imitação de fidalgos, mas com calçados desemparceirados. Alguns grupos dançavam mascarados, resguardando a identidade do dançante. As velhas eram por vezes representadas por homens travestidos.

Foi registrada em Goiás, Bahia (vale do São Francisco), São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, conforme Dom Pedro a assistiu quando de sua visita a este estado. Debret a viu dançada por negros em 1816 no Rio de Janeiro o que salvo engano é seu registro mais antigo. No mesmo século Melo Melo Filho registrou-a ainda no Rio, justo numa festa do Divino e é bem plausível (mas ainda não provado), que é de lá que a tenhamos recebido, via Caminho Novo (Estrada Real). Enfim a corte ali se situava.

O fim das danças de salão e as mudanças de costumes desapareceram com essa manifestação. Por outro lado ABREU (1999) relatou que no Rio de Janeiro a partir da década de 1820 as danças em geral, inclusive esta, sofreram muita pressão a favor de seu desaparecimento, pois só podiam se apresentar mediante licença dos vereadores e sofriam perseguição policial. As medidas repressoras visavam “civilizar” a então capital do país.

Hoje é muito rara. Em Minas Gerais, MARTINS (1986), informa sobre sua presença na região de Ervália (Zona da Mata). Contudo um mapeamento efetivado mais tarde por GIOVANNINI JÚNIOR (2001) já não a mencionou mais naquela área. Persiste ativa numa comunidade quilombola na região de Ituberá, Bahia (2009).

8 – Dança das Fitas

Dança-das-fitas, dança-do-pau-de-fitas, pau-de-fitas, trança-fitas e trancelim, são alguns nomes dados a uma dança espalhada pelo Brasil e por vários países da América Latina. Com algumas modalidades, basicamente o grupo de crianças, adolescentes ou mesmo adultos, dança em redor de um pau reto e altaneiro, posto na vertical, em cujo topo estão presas diversas fitas longas, que tem o outro extremo pendente. Cada dançante tomando uma ponta de fita, dança ao redor do madeiro, trançando as fitas de forma ordenada, de tal sorte que formam um entrecruzamento de interessante efeito visual. Os movimentos são muito graciosos e mudam o desenho da trama das fitas conforme a coreografia.

De origem européia remotíssima, a dança-das-fitas rememora a árvore de maio (ver mastros), em torno da qual dançavam os aldeões.

Dois grupos se apresentavam até 2000. Nos demais anos apenas um deles, o do próprio bairro, até 2007, ano da última apresentação e da seguida desativação do grupo.

9- Contradança

Palavra vaga, de plausível procedência inglesa: *country dance*, traduzida por “dança do campo”, da zona rural. É portanto um termo muito genérico, empregado para as danças executadas em fila dupla, frente a frente. Com a Guerra dos Cem Anos, entre França e Inglaterra, os franceses se familiarizaram com a *country dance*; absorveram-na, afrancesaram seu nome (*contre dance*), aproximando-a da famosa quadrilha, sabidamente francesa, em passos *vis-a-vis*. Passada a Portugal teve logo o nome aportuguesado (contradança) e de lá chegou ao Brasil. Aqui tanto designou danças específicas como a própria quadrilha em si, mas conservou a característica de ser dançada em duas filas paralelas [10].

Como tal, tornou-se conhecida em diferentes modalidades em Poconé (MT), Pirenópolis (GO), Jaraguá (GO), Vila Velha (ES) e várias localidades mineiras [11].

Em 1899 uma nota de destaque foi dada em São João del-Rei pela presença de um grupo de contradança, sob a responsabilidade do farmacêutico Desidério Nepomuceno da Silva Rodarte, à época, secretário da comissão de festeiros. Há uma rua batizada com o seu nome no centro da cidade, entre o Barro e a Bica da Prata. Empreendeu esforços extraordinários em favor dessa festa.

As informações que doravante apresento, só foram possíveis alcançar, graças à sensibilidade do sr. Roberto Bôscolo, o qual permitiu-me acesso ao material deixado pelo afamado farmacêutico em sua residência, à Rua Balbino da Cunha, com o consentimento de seus familiares, aos quais estendo meus sinceros agradecimentos.

Consta num caprichoso caderno de anotações, os passos (coreografia e pé-de-dança) em detalhes. Informa o manuscrito que o próprio organizador foi também o seu criador: “*Marcas de contradança rocambole e as galés de Toulon escripto por Desiderio N. da Silva Rodarte. Escripto especialmente para os amadores de contradança snrs. José d'Assis & Comp. Executado a 22 de maio de 1899 em Mattosinhos*”.

Organizado sob a forma de uma suíte de danças, reunia diversos números coreográficos, assim denominados (pela ordem da caderneta):

1 ^a parte:	3 ^a parte:
1 ^a - 1 ^a - Polka – M. José e Conceição	9 ^a - 3 ^a - Quadrilha – J. Custodio
2 ^a - 1 ^a - Valsa – A. Ramos	10 ^a - 2 ^a - Polka – Conceição e M ^a . José
3 ^a - 1 ^a - Schottisch – M. Eugenia	11 ^a - 1 ^a - Bailado Hespanhol – B. Justo
4 ^a - 1 ^a - Quadrilha – J.Custodio	12 ^a - 2 ^a - Valsa – A.Ramos
2 ^a parte:	4 ^a parte:
5 ^a - 1 ^a - Mazurca – J. Assis	13 ^a - 1 ^a - Lanceiros – Herminia Rodarte
6 ^a - 2 ^a - Valsa – A. Ramos	14 ^a - 3 ^a - Schottisch – M. Eugenia e Dorica
7 ^a - 2 ^a - Schottisch - Tonica	15 ^a - 4 ^a - Valsa – A. Barros
8 ^a - 2 ^a - Quadrilha – J. Custodio	16 ^a - 4 ^a - Quadrilha prussiana

Entre as partes, previa o regulamento intervalos de 15 ou 30 minutos.

O índice traz detalhes da entrada ao som de dobrado, as bandeiras (hino), as peças dançantes, inclusive a dança-do-rocambole e um curioso “schottisch bahiano”, que suponho fosse já o nosso xote, ou seja, abrasileiramento da dança original europeia.

Sua contradança aliás, reunia diversas danças europeias que foram introduzidas no Brasil em meados do século XIX e estavam ainda muito em voga ao seu tempo. Chegaram como danças palacianas e da alta sociedade, mas logo caíram nas graças de todas as classes sociais. Nos bailes populares não faltavam e muitas composições foram feitas aproveitando seus ritmos. O brasileiro soube adaptá-las à nossa musicalidade. Desidério Rodarte alcançou o êxito de saber reunir esses ritmos todos num arranjo harmonioso.

O rocambole sabe-se que era uma modalidade da quadrilha também dançada na vizinha cidade de Prados, onde ainda é executado e tem registro musical. Talvez tenha registro também em São João del-Rei o que é de se pesquisar. A movimentação encaracolada lembra as voltas de um rocambole (refinado pão-de-ló coberto por açúcar-de-confeiteiro e recheado de doce-de-leite).

Os esforços desse farmacêutico são dignos de elogio, promovendo a contradança, marca importante na festa do passado.

10- Deslocamento populacional

Consta que os fiéis vinham de longe, a pé, a cavalo, de charrete e similares, em liteiras [12]. Famílias inteiras viajavam em carros de boi e mais tarde, nos trens, que chegavam lotados na estação Chagas Dória e ainda mais tarde, em automóveis. Os jornais trazem provas abundantes da grande movimentação ferroviária que se estabelecia em Matosinhos, trazendo os romeiros.

Esta movimentação atingiu uma tal cifra que o esvaziamento da cidade (já que a população vinha quase toda para Matosinhos acompanhar os festejos), era capaz de fazer com que se cancelassem espetáculos no Teatro Municipal (situado no centro da cidade), por falta de público. Dentre outras ocasiões, tome-se por exemplo, o adiamento da encenação da peça Milagres de Santo Antônio, pela companhia teatral do sr. Azeredo Leite, em 1877 [13] e o fracasso da estréia da Companhia de Zarzuellas e Japoneza [14]: “*como era de prever, foi a estréia desta companhia pouco concorrida após as concorridas festas em Mattosinhos, onde esteve esta cidade durante quatro dias e quatro noites*”.

A urbe ficava ainda sob a sanha de ladrões, pela facilidade do roubo. O ajuntamento popular no subúrbio, expunha as pessoas à fragilidade. Veja-se a respeito, esta citação encontrada pelo pesquisador ADÃO (2001) [15]:

nestes dias de festa de Matosinhos em que as ruas ficam desertas e as casas no desamparo, nada de jóias, nem de valores em dinheiro expostos aos dedos rápidos e amestrados dos batedores de carteira profissionais (...) o direito não favorece aos que cochilam.

E por falar nisso, o imenso movimento trazia enorme arrecadação, cuja lisura na prestação de contas deixava por vezes a desejar [16]:

Não tem fim realmente as “belezas” da administração Odilon, Viegas e Cia. (...) As festas de Mattosinhos fizeram entrar, agora, para os cofres municipaes, a quantia de 5:875\$000 (...) só foi registrado na escripta da Camara a importancia de 150\$000. É edificante!

O valor de cinco contos e oitocentos e setenta e cinco mil réis é impressionante, uma pequena fortuna. Um conto era um milhão de réis. Serve de testemunho do movimento festivo, que se fosse pequeno não poderia a renda chegar a tal cifra.

Os antigos jornais foram pródigos em emitir expressões quantitativas dessa multidão que se deslocava da cidade para o bairro. Elas servem hoje como índice do prestígio da festa para a população são-joanense. Para exemplificar, selecionei as seguintes expressões, pinçadas de diversas páginas jornalísticas, todas transcritas no anexo deste volume:

- *festejos legendários;*
- *apreciadas festas;*
- *a cidade movimenta-se toda;*
- *concorre sempre a cidade em peso;*
- *a cidade se acha sepultada em profundo silêncio;*
- *numerosíssima concorrência de povo;*
- *o povo acotovelava-se pelas ruas;*
- *a onda de povo cresceu despejada pelos trens sucessivos;*
- *o povo em massa descia;*
- *verdadeiro êxodo de famílias da cidade para ali;*
- *o povo enchia a igreja e ao mesmo tempo todos os botequins;*
- *ampla e garrida multidão;*
- *um sem número de romeiros e devotos das redondezas e de longe;*
- *os trens da Oeste não cessavam dia e noite de transportar concorrentes;*
- *para mais de 5 mil pessoas atufavam a praça;*
- *grande concorrência de povo;*
- *os trens da Oeste despejavam lufadas de povo;*
- *movimento de transladação de diversas famílias (...) passam a residir no pitoresco arrabalde;*
- *concorrida por quase todas as famílias da cidade;*
- *trens regurgitavam passageiros;*
- *grande ajuntamento;*
- *enorme concorrência popular.*

Como dado complementar basta lembrar que em 1917 a bilheteria ferroviária vendeu 17.000 passagens durante a festa, do Centro para Matosinhos. Nada menos que 42 trens, rodaram da cidade para o bairro, durante os três dias festivos.

Em 1923, motivado pelo grande movimento previsto, instalaram pela primeira vez em Chagas Dória, serviço de roletas, para facilitar o embarque [17]: (...) “*no acto da entrada, que será pelos portões, onde serão adaptadas registradoras automaticas, duas borboletas, installadas exclusivamente para esse serviço, ficando assim dispensados os bilhetes*”.

Nesse mesmo ano foi inaugurado o serviço de ônibus urbano na cidade. Um só veículo, aberto nas laterais (“jardineira”), fazia o transporte por 200 réis, a partir da estação ferroviária do Centro para diversos pontos: São Francisco, Tijuco, Fábricas, Centro, Matosinhos. O itinerário foi noticiado na imprensa, acompanhado pela seguinte observação [18]: “*poderá ser modificado de acordo com o estado das ruas*”.

No mês seguinte à inauguração do serviço, um jornal noticiou [19]:

Auto-omnibus. Vae funcionando, com grande concorrência, o auto-omnibus, recentemente inaugurado nesta cidade, ao qual o povo cognominou “grisú”, por ter sido o respectivo carro adquirido da empresa Grasse, de S. Paulo, cuja marca, apagadamente escrita, se prestou a essa cognominação.

Uma notícia jornalística elogia o êxito da atividade do “auto-omnibus” recém inaugurado e anuncia que em breve mais um desses veículos, ora fechado, estaria em atividade, fazendo linha do centro a Chagas Dória [20].

Uma notícia que correu então foi a seguinte [21]: “*O sr. Severo de Araujo está também em negociações com a empresa de auto-omnibus de Barbacena, para que, nos tres dias, [de festas] possam funcionar cinco carros, para condução de passageiros áquelle arrabalde*”.

Para a missão e festa daquele ano, a novidade obrigou a câmara a reparar completamente a estrada de rodagem para Matosinhos. Por ela passaram “*grande número de automoveis e o omnibus conduziu, nos nove dias, 1.812 passageiros, de ida e volta*” [22].

Com o movimento extra, antes inimaginável, o delegado de polícia, Dr. Archimedes Camisão, se viu obrigado a tomar providências [23]. A ordem que expediu em edital pela pena do escrivão Abrahão de Paula Moura foi profética, prevendo que o trânsito de Matosinhos seria caótico. Regrou o tráfego de ida e volta ao bairro, estabelecendo fiscalização e a aplicação de penalidades e multas ao motorista infrator. Ainda assim, houve um acidente, embora que de pequenas proporções, sem gravidade, envolvendo o motorista do ônibus, João Antônio de Aquino [24].

11 – Personagens

Chamo “personagens” aos elementos humanos incluídos na estrutura folclórica da festa, tais como capitães, mordomos, juízes, etc. Uso o termo “cargos” para indicar em paralelo, os da estrutura administrativa, como conselheiros, secretários, tesoureiros, etc. Em algumas situações a mesma pessoa pode ter um cargo e ser um personagem.

Esta diferenciação subjetiva adotei para efeitos didáticos, visando o festejo moderno porque no antigo as duas condições de certa forma se confundiam.

Na verdade a festa abarcava um grande número de cargos/personagens, que permitia a participação de várias pessoas em diferentes funções. A maioria tem procedência portuguesa e sobretudo açoriana. Surgem assim noutras festas do Divino Brasil afora e nas da Santíssima Trindade, conforme ocorria na vizinha cidade de Tiradentes. A respeito desta, vale conferir a relação seguinte[25], excluída a longa lista de nomes. Os juízes são sempre aos casais:

Pauta dos Mesários da Confraria da Santíssima Trindade para o anno de 1927

Império: Imperador, Imperatriz, Alferes da Bandeira, Pagem do Estoque, Procurador dos Pobres, Esmoler-mor;

Mesa Administrativa: Presidente, Vice-Presidente, Secretário, Síndico, Procurador; Irmã Presidente, Irmã Vice-presidente, Vigário do Culto Divino, Vigária (sic) do Culto Divino, Mestra Assistente, Irmã Enfermeira, Zeladoras;

Juízes e Juízas: do Divino Espírito Santo, Senhor Bom Jesus de Matosinhos, Nossa Senhora das Dores, São José, São João da Matta, Nossa Senhora do Carmo, Santo Antônio, Menino Jesus.

Mordomos...

João Trindade Nascimento - Secretário - 31/12/27

Notar a presença de cargos consagrados ao Divino Espírito Santo e Senhor de Matosinhos[26]. O imperador foi o Padre João Theodorico Vellozo. Na verdade, comprovam antigas notícias jornalísticas, o Jubileu da Santíssima Trindade era muito parecido às antigas festas de Matosinhos, mas como aquelas, sofreram grandes mudanças ao longo dos anos razão para um estudo específico.

Na verdade há indícios de que as festas dedicadas ao Espírito Santo são capazes de influenciar outras festividades diversas mas também não é assunto para essas páginas [27].

A seguir passo em breve revista alguns personagens do passado e da atualidade.

- Açaftas: duas meninas com vestidos domingueiros, de arco enfeitado ou capela à cabeça. Acompanham o último casal real, logo à sua frente, trazendo cada qual um cestinho ou pequeno balão, cheio de pétalas de flores e papel colorido picado. No instante da chamada, são conduzidas ao altar e sob o canto do moçambique lançam pouco a pouco com as mãos, o conteúdo dos cestos sobre a imagem do Divino, a essas alturas, já montada no andor e exposta no presbitério à veneração dos fiéis. Assim encerram sua participação. Sua última presença foi em 2004. O termo açafta significa a “moça do açaafate”, ou seja, a que o carrega. Açaftate, do árabe *açafat*, é um cesto raso, circular ou ovalado, largo, sem alça ou tampa. As açaftas nas cortes reais eram serviçais das rainhas, carregando junto delas pertences pessoais.

- Capitão de Coroa: o mesmo que capitão-reiseiro. Título do capitão de congado responsável por “puxar a coroa”, ou seja, escoltar o imperador ou o rei/rainha. Sua guarda é sempre a última do cortejo, a que vai mais próxima da coroa. Pela tradição é um moçambiqueiro. O sr. Luís Maurício, de Passa Tempo, foi nomeado como tal em 17/04/2001.

- Capitão de Honra: título do capitão que recebe os demais na entrada do adro, com uma bandeira à mão, do Divino ou do Rosário. Dá as boas-vindas em nome dos festeiros. O sr. Luís Santana, desta cidade, foi assim nomeado em 11/04/2000. Com o seu falecimento em 04/11/2002 a função ficou vaga.

- Capitão de Mastro: desde 1998 é o sr. Raimundo Camilo. É o capitão de congado com a função de levantar e baixar o mastro do Divino e o de Santo Antônio, os principais da festa. Zela pelas firmezas desses mastros e cuida de todo o ritual, assistido de perto pelos capitães-meirinhos.

- Capitão-meirinho: indivíduo festeiro ou não, capitão de congado ou não, mas com o conhecimento da capitania da uma guarda. Responsável pelo andamento de todos os rituais folclóricos da festa, controlando a movimentação dos grupos, ordem hierárquica dos cortejos e sua harmonia, firmezas em favor da festa como um todo, coordenação das atividades. Convida ou indica pessoas de confiança ou outras apropriadas para exercerem funções na estrutura folclórica ou assumirem papel de um determinado personagem, levando os nomes ao parecer da comissão. De 1999 a 2005 foram capitães meirinhos Damião Guimarães e Ulisses Passarelli.

- Capitão-mor: título honorário renovado a cada ano, dado a um capitão de congado de destaque na festa, não cabendo nenhuma função especial por ser tal personagem. De ordinário recebe um presente da comissão. Foram os seguintes: 1998 - Luís Santana (São João del-Rei); 1999 - José Francisco Sales, o “Faixa Preta” (São Gonçalo do Amarante); 2000 – Raimundo Marino da Silva, o “Raimundo Camilo” (São João del-Rei); 2001 – José do Rosário Anacleto, o “Zé Carreiro” (Coronel Xavier Chaves). Daí por diante não houve mais esses personagens.

- Imperador: personagem máximo da festa, eleito para o mandato de um ano. Sua popularidade outrora foi tamanha que diz CASCUDO (s/d), influenciou Luís Bonifácio a escolher o título de imperador para Dom Pedro em vez de rei, porque o povo já estava bastante acostumado a aclamar o imperador do Divino. Some-se a isso o ideal político que o título conferia ao governante, condizente com as pretensões imperialistas ainda vigentes. A verdadeira função varia conforme a região: 1) é o festeiro principal, o faz-tudo, o principal agente executivo do evento; 2) é um mero figurante honorário, o mais importante aliás, competindo a uma comissão de festeiros a promoção da festa. Entre estes dois pólos paira a situação intermediária, da qual ele é membro ativo mas não necessariamente o coordenador geral. Ajuda como os outros festeiros e no dia maior se destaca recebendo as honrarias imperiais. É assim que hoje ocorre em São João del-Rei, sempre com um adulto. Em muitos lugares o imperador é um menino. Ensina ABREU (1999) que nos meados do século XVI começaram a surgir na Europa oposições aos reinados cristãos, impondo-lhes limites. É quando crianças começam a ser coroadas em vez de adultos, “*o que expressaria o enfraquecimento político e simbólico dessa prática medieval*”(p. 40). Um programa da festa da Santíssima Trindade de Tiradentes prevê o cargo de imperador (Tenente Antônio de Pádua Falcão)[28]. Em São João del-Rei o processo de escolha noutros tempos era por sorteio dos nomes plausíveis, o que alhures se chama “pelouro”. Hoje é um processo eletivo interno, restrito à comissão de festeiros, que indica os nomes, aprecia-os em assembléia e faz o convite formal. Uma vez sendo aceito, o nome assim eleito se torna público. Alguns festeiros se tornaram imperadores e entregue a coroa, continuaram festeiros. Outros não eram da comissão e entregue a coroa, ingressaram nela oficialmente. O cargo de imperador era o mais ambicionado, pela projeção que dava ao indivíduo no seu círculo social. Assim sendo, em muitos lugares políticos queriam e querem ser imperadores. O cargo pode assim servir de trampolim. Por outro lado os próprios festeiros antigamente visavam convidar ricos senhores do comércio, grandes latifundiários, nobres, oficiais militares, almejando a doação em dinheiro para a festa e seu ganho em *status* social. A escolha do imperador gerava assim críticas dos mais conscientes, pois o interesse pelo lado financeiro chegava a ser gritante [29]: “*consta que na urna em que se achavão os nomes dos que a sorte tinha de designar para Imperador do Divino estava o de Teóphilo de Barbosa Peçanha... É incrivel! Hoje em dia não se pode ver ninguem com dinheiro!*” O imperador agora se veste na festa de terno completo. Ficam sob sua responsabilidade as insígnias do Divino: cetro, coroa e salva (espécie de bandeja circular com base em forma de pedestal), confeccionadas nessa cidade pelo artista prateiro João Bosco Chaves. São as insígnias tradicionais herdadas da tradição ibérica e que remetem de imediato ao simbolismo do poder, antevisão de um monarquismo fictício. Mais recentemente foi adotada uma faixa e uma capa bordada, ambas de veludo vermelho. Ganhou em 2005 uma arma, o estoque, fabricado pelo artista local, “Xerife”. Nas festas de 2005 em diante foi evidente a personalização que os imperadores imprimiram à cerimônia de coroação. Este fato mostra-se positivo de um lado, negativo por outro, pelo risco de logo ou num futuro de médio prazo surgir um ceremonial que saia da sintonia da proposição da festa, com desnecessária dramatização. Digo isto porque esta tendência já foi revelada. Em 2009 foi tentada com êxito uma coroação mais prática, com menos detalhamento o que foi muito positiva, com a participação dos ex-imperadores.

- Imperatriz: personagem da festa antiga, companheira do imperador. Era escolhida entre a casta abastada da sociedade e recebia as mesmas honrarias. Em 1923 foi imperatriz a sra. Antônia de Araújo Simões [30]. A imagem do Divino de Matosinhos tem dois cetros de madeira cruzados sobre a pombinha. Suponho se tratar de simbolismo que represente o imperador e a imperatriz. Não foi resgatada na remodelação de 1998. Há estudiosos que interpretam a presença do imperador e da imperatriz como evocações de Dom Diniz e da Rainha Santa Isabel.

- Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas: personagens herdados das festas do Rosário, tão arraigadas a essa região. Para aquela festa tem o mesmo valor simbólico do imperador para as do Divino. Inseridos

nesta última, tornaram-se um grau abaixo dele, não em valor ou dignidade, mas não sendo esta a sua festa própria, a equivalência se desequilibra e o imperador centraliza as atenções. Vi em 2003 uma cena de extrema humildade da parte de um rei e uma rainha, vindos de Belo Horizonte, que, no império, diante do imperador, embora tendo igualmente as cabeças coroadas, se curvaram diante dele, numa vénia muito respeitosa e tomando sua mão, a beijaram. A cena admirável passou despercebida por muita gente mas não tendo sido feita por exibição, demonstra a dignidade dessa gente que tem mais realeza que muitos governantes. Resta dizer que a presença do reinado no jubileu do Divino é uma concessão de homenagem, tendo sido excluída a partir de 1999 a sua cerimônia de coroação e posse, considerada exclusiva das festas do Rosário, o que poderia representar uma descaracterização. De 2005 a 2007 foi possível organizar todo o reinado em fila dupla, homens à esquerda, mulheres à direita, seguindo imediatamente à frente do imperador e sua guarda imperial, todos escoltados pela imensa massa congadeira, colorida e musical, o que figurou como integração entre duas festas tradicionais e de peso. Não me espanta, pois, que um capitão perceba essa harmonia e satisfeito a cante em versos assim [31]:“Viva o rei! Viva a rainha! / Viva o seu ministério! /Viva o Divino Espírito Santo! Viva todo o seu império!”.

- Juízes(as): dizem que quando a Igreja e o Estado eram unidos, a participação dos magistrados era de praxe e sempre havia as vénias costumeiras. Com a laicização o representante do judiciário se afastou e criaram-se personagens figurativos, substituindo-os. Com títulos honorários os juízes tornaram-se personagens tradicionais em várias festividades católicas, não só as do Divino e as do Rosário. Em algumas, a quantidade deles chega a ser admirável, costumando-se nomeá-los sob o padroado desse ou daquele santo: juízes de Nossa Senhora da Boa Morte, juízes do Menino Jesus de Praga, etc. Neste jubileu o juizado folclórico tinha até por volta de 2005 duas categorias: uma que não era escoltada pelos congados, vinha com o título de juízes do Divino Espírito Santo e juízes de Santo Antônio; outra, sob escolta congadeira, nominada juízes de manto, vara e ramalhete. No primeiro caso recebiam em sua residência cartas-convite, nomeando-os como tais, convidando-os para a festa e solicitando-lhes uma espórtula. No dia em que os donativos eram recolhidos em suas casas pelo coordenador do juizado, recebiam também o informativo contendo a programação para assistirem a festa com a família. Na hora da festa em si não recebiam nenhuma atenção especial. Já a segunda categoria era convidada via carta a comparecer no dia maior no salão comunitário de Santo Antônio, de onde eram recolhidos juntamente com o reinado pelos congados. Vinham vestidos de branco, sem coroa, perfazendo um casal para cada título. Os juízes de manto carregavam uma pequena peça de veludo, bordejado de galão dourado, dobrado sobre o braço. No momento da chamada (eram os primeiros a serem chamados), entregavam os mantos ao coordenador do reinado que os estendia sobre o altar e sobre eles depositava todas as ofertas; os de vara seguravam varas enfeitadas com fitas, flores, pombinhos alegóricos; os de ramalhete (ou de flores como se diz em certos lugares), ofertavam um buquê. Além das respectivas insígnias havia uma oferta em dinheiro. No presente só é adotada a primeira categoria, ora simplificada em seu nome apenas para “juízes”. Em 2004 e 2005 surge o juiz de mastro, assumido pelo sr. Luís Pereira dos Santos, um auxiliar dos rituais de levantamento. Há por fim os juízes de prendas, pessoas especialmente escolhidas para coletar prendas em favor da festa, em diferentes bairros. São nomeados por carta. Em 1999 foram: João Batista de Ávila Filho (Caieira) [32], Geraldo Quirino da Silva (Cohab e Maquiné), Maria Auxiliadora Mártir (Bairro São Dimas), Maria Auxiliadora da Cunha (Centro), Luciléia Braga (Centro), Maria de Lurdes Moreira (Santa Cruz de Minas: Centro, Terra Arada, Cascalho e Caixa d’Água), Maria Aparecida de Salles (Santa Cruz de Minas: Córrego), Mário Calçavara (Fé e imediações). Com o fim dos leilões não foram mais convocados. Contudo o sr. Mário Calçavara por uma concessão prosseguiu na tarefa pelo que persiste ainda hoje, ajudado desde 2004 por Lucas de Carvalho (Tijuco e povoados da Trindade e Mumberro).

- Mordomo da Bandeira: responsável por levar uma bandeira do Divino, destacada das demais na confecção, ao centro das procissões, seguido por duas filas de porta-bandeiras. Desde 1999 que exerce essa tarefa com devoção inabalável e perene simpatia, o sr. Mário Calçavara, agricultor e tradicional folião do povoado do Fé, a despeito da distância de sua moradia, sua idade avançada e das dificuldades impostas pela saúde na sua locomoção, tendo se tornado figura emblemática e exemplar da festa.

- Mordomo da Coroa: ou mordomo-régio. Ativo de 2000 a 2005, representado pelo açougueiro Josino Inácio do Nascimento (“Jota”). Seu neto Jonathan Melo dos Reis o acompanha como pajem.

- Guarda-coroa: ou mestre de campo. Figurante trajado de branco, com casquete e colete vermelhos, com detalhes dourados, portando espadas. Fazem a guarda do cortejo, dois à dianteira, como abre-elas, e dois na retaguarda, fechando, sempre de espadas cruzadas. Por vezes um quinto vem dentro do quadro, ladeando o imperador, de espada em riste. Em 2009 alguns armados com lanças.

- Guarda de Honra: meninos e meninas com roupas vermelhas muito enfeitadas, que circundam o imperador no cortejo e procissões, carregando o quadro de varas e pequenos ramalhetes. Em Santa Catarina surge de forma semelhante, como demonstrou Lélia Nunes [33]:“A Corte Imperial, formada por

Imperador, Imperatriz (crianças ou adolescentes) e um conjunto de seis a oito pares de crianças que desempenham o papel de damas e pajens, todos ricamente vestidos em trajes de época.”

- Meirinho: auxiliares dos capitães-meirinhos, por eles convidados, ajudando nas tarefas as mais diversas.
- Procurador da Festa: personagem extinto. Talvez fosse o executivo mais importante, com funções de presidente da comissão de festeiros. Havia um para cada dia festivo. Eram renovados a cada ano.
- Procurador dos Pobres: personagem da festa antiga, responsável por angariar esmolas e carne para distribuir aos necessitados durante os festejos.
- Mordomo da Capela: personagem desaparecido, cuja função era obter a cera necessária para a confecção das velas que iluminariam a capela, ainda no tempo que não havia luz elétrica.
- Caudatário: espécie de pajem que acompanhava a imperatriz, segurando a barra de seu longo vestido de cauda, para não arrastar pelo chão.
- Pajem do Estoque: fâmulo que acompanhava o imperador, equivalente ao caudatário para a imperatriz. O nome procede do estoque, espada de lâmina reta, de três ou quatro quinas, sem corte, que fere pela ponta (daí a palavra estocada, estocar – furar com lâmina). O estoque real é “*insígnia que o condestável do reino tem na mão na presença do rei em atos solenes*”, esclarece o Caldas Aulete. O pajem do estoque foi restabelecido a partir de 2003, representado por um garoto de cerca de dez anos, ricamente trajado em veludo, com avimentos dourados; chapéu tricorne com revestimento idêntico. Carregava a salva. A partir de 2005, uma almofada do mesmo veludo e com iguais atavios, sobre a qual carrega o estoque, especialmente confeccionado por “Xerife”. Em 2008 e 2009 não foi visto na festa. Como curiosidade informo que em São Sepé/RS, segundo estudo de CÔRTES (1987), o pajem do estoque tem função muito diversa da acima apontada: é o indivíduo responsável pela estocagem das prendas.
- Zelador do Império do Divino: até 2005, o responsável por montar e enfeitar a tenda sob a qual se abriga o imperador quando na saída do cortejo imperial.

12- Iluminação

O que hoje parece muito natural e até desnecessário comentar, foi contudo no passado ponto de grande atração.

Os velhos jornais sempre comentavam sobre a iluminação planejada pelos festeiros. Antes da luz elétrica providenciavam lanternas sustentadas por combustível rústico (azeite de mamona). O advento da eletricidade trouxe uma espetacular inovação.

Comentava-se então que a iluminação era *a giorno*, expressão italiana que em tradução contextual equivale a “como o dia”, indicando a grande claridade alcançada.

Na festa moderna a preocupação maior foi com a carga elétrica excessiva gerada pela pesada aparelhagem de som necessitada pelos *shows*, os cordões de lâmpadas, os barraqueiros. Na lateral direita do adro, (de quem observa a igreja de frente), há um poste com uma chave bipolar de 50 amperes, ligada por ocasião das festas. A Comissão do Divino preocupada com o problema da sobrecarga, providenciou para o lado oposto outra chave, esta de 70 amperes, tripolar. O cabo antigo que servia à energia, relativamente fino, foi substituído por 180 metros de cabo quadriplex. Por ocasião das festas solicitava-se junto à concessionária de energia a ligação das chaves, pagando-se as taxas para tantos dias. Com isto conseguiu-se driblar o problema em 2002. Em 2004 o pároco deu outro passo importantíssimo para a segurança, instalando dois padrões de luz, com marcação em relógio. As festas passaram não mais a pagar taxas fixas, mas apenas o que gastassem de fato, além da maior segurança proporcionada.

A iluminação desde 1998 para a festa do Divino é feita com os cordões existentes no adro. Apenas em 2003 foi feita iluminação externa da frente e lateral da praça, dando grande efeito, o que foi na época possível graças aos esforços de Jair Trindade Soares.

13- Fogos de artifício

Herdamos o costume do oriente, donde os portugueses o trouxeram, através de seus portos na Ásia. A idéia inicial dos cristãos era que os estrondos espantavam o demônio.

Essa concepção perdeu-se no tempo, substituída pela simples admiração dos sons e cores. Contudo é mister registrar a concepção religiosa mediúnica afro-brasileira, que atribue ao foguetório um valor de firmeza espiritual, na radiação do orixá Ogum. Há uma também uma função específica: dar sinais, como os rojões de aviso antecedendo procissões e cortejos; acordar fiéis para a festa nas alvoradas.

Noutros tempos, para promover os foguetórios, os pirotécnicos da terra eram contratados, alcançando grande prestígio, como Henrique Vieira, Carlos André, Martinho José de Barros Lima. O

negócio era ao que parece promissor. No final do século XIX, Manoel Messias do Nascimento Brito obtém da nossa Câmara Municipal licença para instalar uma fábrica de foguetes [34].

Mas também de longe vinham os profissionais. Sabe-se que outrora veio um de Niterói/RJ, cujo nome não ficou registrado; de Juiz de Fora vieram Vicente Minobolli e Nicolau Sinelli (sobrenome que também aparece grafado como Sinele ou Cinelle).

Nos anos em que os fogos eram fracos a festa por conseguinte era considerada pobre. Veja-se como exemplo as comemorações de 1893. Também na festa do Divino carioca eles eram a grande atração, como frisa ABREU (1999), pela quantidade, variedade e sofisticação.

Falava-se dos “fogos de vistas”, assim chamados os artefatos que primavam pelo efeito visual. Dentre eles os “fogos de bengala”, que não estouram, só dão cores. Eram os preferidos para a noite. Para o dia, a luz solar ofuscava a visão do seu colorido e eram preferidos os mais barulhentos.

Notícias mais velhas citam a “ronqueira”, o mais forte dos fogos, causando grande estrondo. Constava de um calibroso cano de ferro, fincado firmemente em diagonal no chão ou num grosso cepo de árvore, daí ser também conhecido por tiro de toco. A ponta que ficava de fora da terra ou do toco, tinha um furo com um pavio curto. A pólvora seca era colocada sob certa pressão dentro do cano e tampada com uma bucha improvisada com arroz socado. Acendia-se de longe, com uma vara longa por razões de segurança, tendo fogo na ponta. O risco de acidentes era alto, o que gerou uma proibição de seu uso em 1887, através do artigo 114 do Código de Posturas de São João del-Rei, prevendo multa de 5\$000 e cinco dias de prisão para quem “lançar nas ruas ronqueiras, busca-pés, bombas e outros fogos que possam ser ofencivos ás pessoas ou propriedades”. Enfim, os fogos eram sempre um atrativo dos mais esperados [35]:

Em os 3 dias, durante as festas populares, serão queimados surprehendes fogos de artificio, do mais afamado pirotechnico do Rio de Janeiro, contractado por 2:000\$000.

* * *

Nas três noites, pretende introduzir nos festejos uma novidade: serão soltados grandes balões, conjuntamente com os fogos, que serão excepcionaes, pois foram organizados pelo technico que obteve o primeiro premio na Exposiçao do Centenario.

Desde que a festa foi remodelada que o foguetório tem sido intenso. Foi um tanto mais simples em 1998, por limitações financeiras, promovido pelo fogueteiro João Deon, que também o fez no ano consecutivo, quando já se intensificou. Em 2000 foi incrementado e assim se manteve com o mesmo esquema pirotécnico até 2003, com o fogueteiro Marcírio José Rios de Carvalho. No ano seguinte não houve foguete algum, por exigências legais de segurança e na festa a seguir retornou, porém mais simplificado, também pelo pirotécnico Marcírio. Foram excluídos os fogos de artifício mais perigosos, tais como foguetes de vara (rojões e lágrimas), morteiros (de tiro seco e de duas aberturas), coroas, rodas de fogo, apitos de vareta e avião. O forte estrondo dos morteiros na alvorada e no encerramento era sem dúvida uma nota característica. Em 2006 as exigências mais rigorosas de segurança solicitadas pelo Corpo de Bombeiros não puderam ser satisfeitas e assim desapareceu o espetáculo pirotécnico, reduzido a alguns pouquíssimos foguetes 12 x 1 avulsos, soltos ocasionalmente ao longo da festa. Não houve foguetes em 2007 e no ano seguinte apenas uma cascata na chegada da procissão, embora na gruta a alvorada tenha sido marcada por duas girândolas, a cargo dos festeiros de lá. E assim tem se mantido de forma modesta.

14- Leilão

O costume dos leilões era muito arraigado às festas católicas em geral, inclusive as do Espírito Santo, nos diversos lugares onde ocorre no Brasil.

Por aqui também houve, embora as notícias a respeito sejam parcas, como a de 1897. Uma delas, fala de um leilão ocorrido na Matriz do Pilar com renda revertida para a festa de Matosinhos. Uma crônica retrospectiva de 1912, que aborda um período anterior ao da ferrovia, também cita o leilão, frisando as espertezas do leiloeiro, no sentido de convencer os circunstantes a arrematarem as prendas. Em 1923 surgiu outra notícia [36]: “também haverá leilão de prendas, apôs as missas e á noite por occasião dos festejos populares, para os quaes os festeiros pedem concurso das exmas. famílias”.

Na festa recente o leilão se produzia graças ao importante trabalho dos juízes(as) de prendas, que logo após a páscoa, a pedido dos festeiros, identificados por crachá e portando carta autorizativa, recolhiam donativos voluntários fora de Matosinhos, revertendo-os para a Comissão do Divino. Produtos alimentares, segundo o cardápio escolhido, eram revertidos para o almoço. O excedente, o extra-cardápio, o não alimentar, era tudo deixado para o leilão.

Na dianteira da igreja, de dentro do adro, sobre uma grande mesa, punha-se aos olhares públicos toda a fartura coletada. Um auxiliar zelava por tudo e anotava. O leiloeiro pegava as prendas e passava entre os fiéis, em alta voz, apregoando o produto. A renda se revertia em favor da comissão para custeio do festejo.

Os leilões foram realizados em 1998 e 1999. Daí por diante deixaram de ser realizados, o que não só representou uma fonte de arrecadação a menos para a organização do evento, como também o fim de uma atração tradicional, muito conhecida dos fiéis.

Em 2003 realizou-se um único leilão de gado, graças aos esforços do imperador Geraldo Elói e do auxílio inestimável de alguns poucos abnegados ajudantes: na cidade, Antônio da Silva Serpa (“Toninho”) e Josino Inácio do Nascimento (“Jota”); no distrito de São Gonçalo do Amarante, José Leonardo de Paula (“Juca”) e Juvercino Guimarães (“Sininho”).

15- Celebrações

Observando a programação das festas do passado é fácil constatar a grande importância que era dada às celebrações, fossem missas rezadas ou cantadas. A execução do hino *Te Deum laudamus* era uma constante. A tradição mandava que os fiéis primeiramente assistissem a uma missa para só depois se divertirem. “Primeiro a devoção, depois a diversão”, prega o ditado popular.

Em termos quantitativos as celebrações na festa de hoje são mais numerosas. Na novena há uma missa por dia, às 19 horas, em sintonia com a romaria proposta para aquele dia. No domingo maior há três missas: 8 h a “festiva”, às 9 h 30 a “das crianças” e às 16 horas a “solene”, com acompanhamento orquestral até 2007.

A bênção do Santíssimo Sacramento é realizada após a procissão. Destaca-se pela intensa vibração com os congadeiros se manifestando no canto do bendito. É certamente o momento mais participativo e harmonizado entre fiéis e celebrante.

Não obstante vivermos noutros tempos, as celebrações têm ainda grande peso na festa, sendo concorridíssimas. Há harmonia entre a parte religiosa e a folclórica, de tal sorte que formam um todo homogêneo.

Na nova ordem ocorre uma aproximação da parte folclórica às celebrações, favorecendo a integração da estrutura festiva. No passado o sistema era mais rígido e não raro os padres se posicionavam como personagens da estrutura folclórica da festa, o que não deixava de ser uma forma de estar mais perto da realidade do evento, para assim melhor se inteirarem dos fatos e controlarem o evento. Por exemplo, em 1881 um padre foi juiz na segunda-feira da festa. Um decênio adiante outro também o foi, desta feita na quarta-feira. Em 1893 houve beija-mão do novo sacerdote após a celebração de Pentecostes, denotando o respeito extremo e a submissão. Era em suma a própria transparência do poder da Igreja, que se fazia sentir nas celebrações ou fora delas.

16- Procissões

Acerca das festas antigas de Matosinhos, um fato admiravelmente intrigante é o da extrema raridade das notícias de procissões. Ora, se a imprensa da época dava o maior destaque à programação religiosa; se as procissões nas festas católicas sempre foram e continuam sendo o evento mais concorrido e notável; então, como poderiam passar despercebidas aos repórteres? Creio pois, que de fato, eram raras.

A não ser pela procissão do Imperador Perpétuo, encontrei apenas três citações na festa antiga:

- em 1894: “Procissão do Senhor”, na segunda-feira festiva, dia que era consagrado ao Bom Jesus de Matosinhos;
- em 1899: procissão do Bom Jesus do Perdão;
- em 1923: procissão promovida pelos missionários, não se sabe com qual imagem.

Em meados do século XX, com a transferência da festa do Senhor de Matosinhos para setembro, as procissões em honra ao Bom Jesus tornaram-se habituais.

As do Divino ocorriam normalmente nos anos oitenta e noventa do século passado, antes da remodelação da festa, mas acompanhadas de um pequeno número de fiéis, quase que só dos arredores da igreja.

17- Ordem pública

A boa ordem dos festejos era sempre decantada nos textos jornalísticos, “*como prova da índole ordeira de nossa gente*”, como gostavam de frisar.

Admiravam-se da grande massa popular, de todos os níveis sociais, conglomerada na praça, em entremedio a botequins e bancas de jogos, sem que houvesse a menor desavença.

Apenas em 1918 houve um problema que porventura ocorreu na festa, embora nenhuma relação direta tivesse com ela: assassinato.

Abusos da autoridade policial foram coibidos em 1923 [37]:

O Dr. Archimedes Camisão, delegado de polícia, pede nos que declaremos que agirá com o maximo rigor contra encarregados do policiamento que, no cumprimento dos seus deveres, praticarem qualquer acto reprovavel, como tambem estará sempre no local dos festejos, para executar as medidas que achar convincentes, no interesse da ordem publica.

Nos tempos atuais a boa ordem continua prevalecendo. Os festeiros, bastante precavidos, oficiam solicitando apoio policial para toda a festa. Um problema que se agravou e atingiu Matosinhos o ano todo, com ou sem festa, foi a situação caótica da praça, diante dos *trailers*, com recorrentes problemas de brigas e tiroteios. O “ambiente” ali, estava péssimo, sobretudo nos fins de semana à noite. Felizmente sua remoção no fim de 2008 trouxe uma nova perspectiva. Coincidência ou não, é fato que na festa seguinte o movimento de fiéis foi extraordinariamente intenso a ponto de ser difícil andar na praça de tanta gente que havia. Os defensores dos *trailers* diziam que sua retirada fracassaria com as festas locais por falta de público, que vinha atraído por eles. Era porém um público de má qualidade e completamente alheio ao jubileu. Creio que a resposta foi ao contrário: o fim daquela desordem trouxe de volta as famílias antes temerosas de participarem.

18- Império

Também chamados triatos entre os açorianos. No Arquipélago dos Açores são construções em alvenaria, à guisa de capelinhas, forma que chegou ao sul do Brasil. É por assim dizer o palácio do imperador.

Nosso império é simples. Sua montagem se processa ao lado da gruta do Divino. É uma armação semelhante a uma tenda, a princípio de madeira, coberta de vistosas toalhas de brocado e hoje em barraca de armação plástica. Há velas acesas, bandeiras, bandeirolas, jarras de flores, pinturas no asfalto de figurações religiosas. O local é cuidadosamente varrido ainda na madrugada. O cruzeiro é lavado para se tirar a poeira. Os meio-fios são caiados. Um tapete forra o chão sob os pés do imperador e uma passadeira de carpete serve de guia até ele. Ladeando está o andor do Rosário, florido ao extremo.

Toda a montagem e ornamentação locais são de custo e responsabilidade da Comissão de Festas da Gruta do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário, totalmente independente da Comissão Organizadora da Festa do Divino Espírito Santo, de Matosinhos. São parceiras e a comissão da gruta presta inestimável ajuda. A imagem do Rosário aqui citada pertence à gruta.

Ano a ano nota-se a tendência a cortar da gruta esta parte nas comemorações, sob a justificativa de estar noutra paróquia (São Francisco de Assis) e pela distância do santuário, complicando os horários de retorno ao santuário.

19- Alvorada

É um tanto sacrificada, verdade seja dita, em razão do frio desta quadra do ano, com forte neblina e orvalho intenso nas primeiras horas da manhã.

É um alerta barulhento à população, um despertador. Acorda os devotos para que venham à igreja festejar. Eis um sentido prático. Há, porém, outro, da religiosidade popular, como primeira saudação no dia maior, aos santos e entidades envolvidas no festejo, à guisa de abertura, trazendo as forças sagradas para o bom andamento das comemorações. É o começo do dia mais importante e o que começa bem tende a terminar bem. Daí o êxito pretendido pela alvorada. No mais, na concepção espiritualista, tão arraigada no seio popular, às seis horas é uma hora aberta, consagrada a Oxalá (o mais iluminado dos orixás), o horário limite entre a noite e o dia, entre as trevas e a luz.

Desde a primeira festa que nesse horário ocorrem os toques festivos de sinos e o foguetório na igreja. Em 1998 foi convidada uma corporação musical para tocar na alvorada no adro e fazer marchas pela praça e avenida principal. A banda compareceu, mas a experiência não foi considerada positiva e na falta de possibilidade de concretizá-la adequadamente, a ideia foi abolida.

A partir de 1999 foi introduzido o toque das caixas por dois ou quatro caixeiros conforme a disponibilidade, precedidos pela bandeira do Divino. Nesse ano compareceram às 5 horas e 30 minutos à porta do imperador, batendo seus ritmos próprios, saudando-lhe com tambores. Da residência do imperador foram à igreja, onde suas batidas foram ouvidas às 6 horas. Finda esta, visitaram casas de festeiros mais próximos.

No ano seguinte só houve batidos na igreja.

Nos subsequentes os toques começaram às 5 h 30 na gruta; 5 h 45 na Santa Clara; 6 h na igreja; 6 h 15 a 6 h 45 na residência do imperador, não visitando outros festeiros. Originalmente havia mais toque que canto, num batido específico de alvorada. A tendência desde 2010 é a aumentar a cantoria sob influência dos congados e diminuir a rigidez do protocolo de horários e visitas, simplificando este evento.

Resta dizer que na igreja, uma vez pedida a licença na porta central adentram até o altar, onde tocam e cantam e saíndo, vãos aos mastros. Rodeando-os e fazem saracoteios e gingados ao ritmo das batidas.

20- Folias

As folias do Divino são grupos folclóricos herdados de Portugal, constituídos à semelhança das folias de Reis, com cantadores/tocadores, com viola, violão, cavaquinho, sanfona, caixa, triângulo, pandeiro, xique-xique e eventualmente outros instrumentos. Não tem o personagem mascarado chamado palhaço, bastião ou marungo, comum nas folias de Reis e folias de São Sebastião. O uniforme é apenas a padronização da cor da camisa, no geral vermelha ou branca, calça comum do dia-a-dia, chapéu de palha enfeitado com uma fita vermelha ao redor da copa e pendente para trás, e uma flor.

São peditórios e itinerantes. Ao chegar a uma casa cantam dando boa noite; pedem para acender a luz, abrir a porta, receber a bandeira (objeto sagrado, com a pintura do Paráclito); solicitam donativos, agradecem, retomam a bandeira, despedem-se e vão para outra casa. Se porventura ganharem um lanche, almoço ou jantar há um intervalo para a alimentação antes de sair da casa e de praxe se agradece cantando.

Narra LAURENTIAUX (1979) que sua origem histórica é pagã. Na Grécia antiga havia as festas propiciatórias para acabar com a fome, chamadas “bufonias”. Abatiam-se animais considerados sagrados e distribuía-se a carne. Os abatedores de bois eram os “bufonos”, donde veio, bufão (bobo da corte, que faz folia, alegria, brincadeira). O evento ocorria entre comes-e-bebes e músicas. Para este autor aí estaria a raiz da folia do Divino. Da Grécia a tradição teria se difundido pela Europa passando por adaptações. Se enraizou na Península Ibérica. Chegou muitas vezes ao inconveniente dos excessos, gerando sanções por parte das autoridades eclesiásticas e civis. Informa ainda este autor, que “os bailes e folias foram interditados pela primeira vez dentro das igrejas pelo Bispo Dom Frei Jorge de Santiago, em 1558”.

Trazida para o Brasil em época incerta, possivelmente junto com as festas do Espírito Santo, essas folias se espalharam pelo território nacional, assumindo cores locais, desde o Amapá ao Rio Grande do Sul e do Mato Grosso ao Espírito Santo. É ausente ou no mínimo raríssima no sertão nordestino, sendo contudo conhecida no Piauí (com o nome de “bandeira do Divino”) e no Maranhão (chamadas “caixeiras do Divino” – folia feminina).

ABREU (1999) estudou a festa do Divino no Rio de Janeiro oitocentista. Atestou de forma abundante acerca da popularidade de suas folias, que esmolavam para quatro festas do Espírito Santo: Largo da Lapa (do Desterro), Campo de Santana (hoje Praça da República), Largo do Estácio e Largo de Santa Rita. Com franca participação de negros sua música promovida pelos barbeiros era sobretudo com instrumentos de sopro. Não tardou a encontrar resistência, pois a bandeira levada pelos irmãos de opa era beijada por todos, de senhores a escravos e o costume foi dado como imoral e anti-higiênico.

Na imensidão territorial do país formaram-se variedades regionais, como as próprias caixeiras do Divino podem ser assim consideradas, e ainda, a folia do Divino Pai Eterno, presente por exemplo em Uberaba/MG, abordada por FONTOURA, CELLULARE & CANASSA (1997), ou ainda, os foliões da divindade, tradição maranhense de virem tocar no cemitério, no dia de finados, contratadas pelos familiares para cantar junto à sepultura de um ente querido.

Pelo interior mais ermo, as folias do Divino fazem ou faziam sua jornada de visita às fazendas, sítios e povoados a cavalo. Isto contudo vai se tornando cada vez mais raro. Nas áreas onde um rio ou o mar tem grande importância sócio-econômica ou como via de transporte, as folias andam embarcadas em canoas, igarés, batelões. Isto é especialmente notório na área amazônica, sendo a via fluvial a possível para se alcançar os habitantes ribeirinhos. Não é raro nessas ocasiões que uma folia angarie óbols rio acima e outra rio abaixo. Neste caso um dos eventos centrais da festa é o encontro das bandeiras das duas folias, cruzando-se os dois barcos, contendo foliões e irmandade específica, no trecho do rio bem fronteiro à cidade. Chama-se “encontro das canoas” a esta espécie de procissão fluvial ou às vezes, marítima, como ocorre em Marataízes/ES, onde o evento alcançou tal importância, que a festa do Divino nesta cidade é conhecida por “Festa das Canoas”.

O mais comum porém é os foliões andarem à pé, como ocorre por aqui.

As folias sofreram alterações intensas ao longo dos anos. Gravuras do século XIX ilustram-nas em geral tocando instrumentos de sopro (aerofones), com a bandeira exposta ao ósculo devoto. Numa salva de prata recolhiam os óbols. Hoje praticamente não persiste em uso o instrumento de sopro nas folias.

Outra mudança averiguada é que outrora havia folias contratadas, recebendo os foliões um salário fixo. Neste caso as folias profissionais se justificavam, porque elas percorriam as zonas rurais durante quase o ano todo, diariamente. A folia só parava durante uns três meses, quando os participantes cuidavam de roças de subsistência e criações. Os estudos de ARAÚJO (1964) acerca deste fato são conclusivos.

Ainda nesse aspecto há notícias pelo próprio autor das “bandeiras escoteiras”, assim chamadas as que andavam desacompanhadas de folia mas com o mesmo objetivo. Conferiu a elas uma situação de decadência da folia, como seu último vestígio.

Contudo bem antes de sua pesquisa elas já existiam lado a lado com as folias verdadeiras e sob a mesma situação contratual. O excedente ao combinado ficava para o “bandeirante-esmoleiro”, como nos dá conta OLIVEIRA (1907) num texto memorialístico que evoca o período aproximado do fim da escravidão, na região de serra-acima, no Rio de Janeiro, junto à divisa paulista, dizendo que na verdade a maioria das bandeiras tinham procedência da área de São Paulo. Eis um trecho esclarecedor:

Ocorria quasi sempre, porém, que os festeiros desses logares alugassem as bandeiras a terceiros (isto, aliás, era ignorado pelas beatas e pela credicé dos pais de familia), os quaes sahiam em longo percurso, ás vezes de um anno e mais, depois de haverem préviamente entrado com a quota ajustada para a festa, como simples exploração mercantil (p. 8).

No que pese as expressões discriminatórias, geradas no contexto histórico-social daquela época, vale relatar também seu depoimento sobre a popularidade das folias:

Ninguem hoje avalia quanto reboliço despertava nas moradias rurales o apparecer das bandeiras. Cada qual dos sitiantes da redondeza percorrida pelos foliões timbrava mais em lhes dar almoço, jantar e gazalho, na doce e crente esperança de ser feliz com a visita do Espírito Santo. Frangos e bacorinhos, immolados em cruento sacrificio pagavam a honra de taes visitas. Paralyzava nas roças o proprio labor agricola, afim de que os camaradas e os pretos pudesse beijar a effigie do Santo na bandeira e concorrer tambem com suas esmolas. Creoulas de beiçarra vermelha constituiam a rabadilha obrigatoria do moçame roceiro nesses dias fugazes de sincera devoção e intima alegria (p. 9).

É esse grupo folclórico que, em visita às casas de diferentes bairros e à zona rural, leva primeiro a mensagem de fé envolvendo o Paráclito. Além dessa função evangelizadora há a de anunciar a festa, pois sempre convidam os anfitriões a participarem dela com suas famílias, avisando-os dos seus dias. Ainda uma terceira função é a de recolher donativos, esmolas voluntárias e sem valor estipulado, que convertem para a organização da festa. Uma quarta tarefa, que é a mais especificamente considerada pelos moradores que são visitados é a distribuição de bônus aos anfitriões. Consideram que a folia com sua bandeira sagrada traz alegria para a família, saúde, fartura, afasta males materiais e espirituais, firma as criações, abençoa os plantios. Pode favorecer a concessão de graças específicas, que os devotos com fé pedem à bandeira. Uma quinta atribuição pode ainda ser encontrada, que é a lúdica (muito embora a folia seja religiosa), para os participantes e os que são visitados, é uma ocasião de se divertir, confraternizar, alegrar – tudo respeitosamente – pois a folia é sagrada. Assim é extremamente funcional a folia do Divino.

Aqui em São João del-Rei, as folias dão prioridade à jornada em seus próprios bairros e imediações, embora visitem também as casas dos participantes mesmo que morem longe, e ainda, a convite ou de surpresa, qualquer casa, no bairro que seja, além de mais eventualmente irem à zona rural. Nisto há um aspecto diverso de outrora, quando as folias eram mais rurais que urbanas, atestam muitos estudiosos. O êxodo rural teve seu peso neste processo de transferência. Aqui mesmo, entrevistando os foliões é fácil certificar sua origem direta no campo ou pelo menos de seus ascendentes.

Em outras regiões quando as festas ao Paráclito ocorrem noutros períodos que não o de Pentecostes, a folia sai em outras épocas independentes do ciclo do Divino. Não raro de acordo com o calendário agrícola, averiguando os tempos da safra e entressafra. Na beira-mar respeita os tempos pesqueiros.

Tradicionalmente ligada à cultura caipira, cada vez mais fadada às intensas mudanças sociais, a folia do Divino quando não desapareceu de muitas regiões donde era típica, tornou-se rara. Aqui eram conhecidas, mas passaram por longa fase de sumiço. Identifiquei pela oralidade cinco grupos a muito extintos:

- do mestre “Geraldo Teixeira” (Geraldo Marcelino da Silva), do povoado do Brumado de Cima, década de 1960, constituída por promessa. Faleceu em 2005;
- do mestre “Antônio Bom-bom”, da vila de São Gonçalo do Amarante;

- do mestre “Zé Franguinho”, do povoado do Caxambu;
- do mestre “Geraldão”, do bairro Senhor dos Montes;
- do mestre Joaquim Sebastião Vale, da Rua José Valentim, do bairro Alto das Mercês.

Decerto outras existiram. Embora se saiba por força da tradição que estivessem ligadas às festas do Divino, não encontrei nenhuma notícia concreta de sua existência na festa antiga, pelas fontes da imprensa são-joanense. Isto não quer dizer que estavam ausentes da festividade de outrora. Também é constatação que em alguns lugares há folia do Divino sem nunca ter havido festa do Divino.

Quando a festa foi retomada em 1998, as folias foram reintroduzidas através do incentivo moral aos foliões de Reis e de São Sebastião, que ainda estavam ativos na cidade, a se adaptarem para a nova função, recebendo cada qual uma bandeira e orientações. Tiveram total liberdade de criação de seus versos e de adaptação musical, desenvolvendo assim seu saber e criatividade. Houve é claro, a princípio, dificuldade e mesmo resistência de alguns, sendo livres para aceitarem ou não. Consolidaram-se cinco grupos e surgiram também outros, que contudo não tiveram continuidade (vide tabela de folias do Divino).

Nos dois primeiros anos de atividade esbarraram na incompreensão de muitos moradores, que não concebiam folia naquela época do ano, afeitos que eram às folias natalinas. Foi preciso que a comissão de festeiros fizesse amplo trabalho de conscientização junto à população com palestras, esclarecimentos em programas radiofônicos, fitas de vídeo, matérias de jornais, informativos e mesmo no boca-a-boca e anúncios de missas. A própria festa em si é o esclarecimento mais eloquente possível. O resultado foi tão positivo que no sétimo e no oitavo ano de experiência, as folias não davam conta de atender a todos os pedidos de visita que recebiam. Os foliões a princípio temerosos hoje se sentem valorizados. Frise-se que tais folias não são recriações estéticas. Sua autenticidade é clara. E não vai nenhuma discriminação nesta frase.

O trabalho das folias do Divino é notório. Por cinquenta dias elas divulgam a festa, saindo à noite nos dias de semana, após os foliões terem trabalhado o dia todo e em geral, de dia, nos fins de semana. Sua contribuição para o êxito da festa é fundamental.

Na véspera de Pentecostes participam tocando na procissão do Imperador Perpétuo. Na procissão de 2004 anotei essa quadra, que bem demonstra o entrosamento que os foliões atingiram com a festa [38]: “*Nossa Senhora da Lapa / Enfeitada no andor / Já vem na procissão / Santo Antônio Imperador!*”

Chegando a Matosinhos é servido lanche às folias e celebra-se a missa, finda a qual reúnem-se todas no coreto, para o chamado encontro das bandeiras. Mais propriamente é uma apresentação consecutiva de cada folia. Em 2000 e 2002 participou na abertura o grupo “Frutos do Rosário” [39] com a festiva entrada de vinte bandeiras do Divino no coreto, onde se apresentaram. A seguir cada folia teve a sua vez de nele cantar seus versos laudatórios, de saudação, de agradecimentos e de despedidas. É o fim de sua missão anual. A entrega ou arremate, como dizem.

O encontro é fraterno e pacífico, com total ausência de rivalidade entre os grupos. É sabido que outrora quando duas folias (de quaisquer santos que fossem) se encontravam, tramava-se um ritual próprio, com o cruzamento das bandeiras e cantos de porfia, onde cada mestre, querendo demonstrar seu saber, punha à prova o conhecimento do rival, com uma série de perguntas cantadas acerca do seu fundamento religioso, que o outro tinha por sua vez de responder também em cantoria. Ganhava a disputa aquele que mais sabia e cabia-lhe por direito reter a bandeira da folia perdedora e em alguns casos, até mesmo a esmola recolhida, os instrumentos e uniformes quando havia. A folia perdedora só reaveria os pertences no outro ano, na nova jornada, se o mestre já mais instruído (ou um substituto capaz), conseguisse provar que agora sabia aquilo que lhe motivou a queda.

Desta maneira havia entre as folias um processo de seleção natural, de controle de qualidade. Ocorre que havia outra faceta: nem sempre a derrota era bem aceita como justa, de sorte que tais encontros redundavam em sérias desavenças, brigas de fato. Por isto, houve época, que as folias precisavam de licença policial, tirada previamente junto ao delegado, para sair às ruas. Há casos narrados por antigos foliões, de folias inteiras que foram para a cadeia, onde todos os instrumentos e a bandeira ficaram retidos, enquanto durou o inquérito.

No mais o número de folias diminuiu drasticamente, tornando-se raros os encontros ocasionais. As mudanças sociais fizeram com que um mestre dependesse de favores de outro, através da seção de instrumentos, empréstimos de folieiros, etc. O processo evoluiu. O pensamento enfim, mudou. Hoje, felizmente, de forma mais cristã, tais encontros são pacíficos e confraternizadores.

O encontro das bandeiras é o ponto alto de muitas festas do Divino no Brasil, seja por terra, seja embarcado, em via fluvial ou marítima. É o encontro dos jornadeiros, que em nome do sagrado difundiram devoção, bêんção, alegria e trouxeram de diferentes partes do município, algumas recônditas, ofertas de fiéis para a fartura do festejo.

Após a última folia em alguns anos iniciais houve um breve número avulso de calango. É uma modalidade musical, poética e coreográfica, muito arraigada ao nosso interior, já hoje rarefeita, mas que ainda faz a assistência se agitar, muitos rindo dos versos de fundo humorístico. Enfim, resta dizer, que a plateia é surpreendente, tanto em número, como em atenção e variedade.

Por fim resta dizer que por vezes essas folias se apresentam fora da festa e haveriam muitos exemplos a dar mas basta por oras lembrar da folia do Geraldo Elói que em 2009, próximo ao *Corpus Christi* doou uma imagem do Divino que receberam de oferta em sua jornada pelo Bichinho para a Capela do Bonfim, no Morro da Forca. A folia da Caieira no mesmo ano, esteve no dia 20 de junho no aniversário de 80 anos do folião sr. Mário Calçavara no Fé, onde houve uma missa campal celebrada pelo salesiano Pe. Jaime Teixeira e grande festa a seguir; a mesma, esteve na outra semana na Festa de Nossa Senhora do Livramento, em Prados, uma concorrida romaria.

21 – Congados

Desconheço registros da presença de congados na antiga festa do Divino. Sabe-se que sua festa sempre foi a do Rosário, desde os tempos coloniais. Na sociedade escravocrata, era vedado aos negros se integrarem à festas dos brancos. Sendo os congados de forte influência da cultura afro-brasileira, fica claro porque não participavam das festas do Espírito Santo, que como se sabe tem procedência europeia.

Esse separatismo não poderia prevalecer. Por isso, quando se idealizou introduzir os congados, sob o acordo de todos os festeiros de então, a partir do jubileu de 1998, não houve resistência.

A ideia inicial não era que eles simplesmente fossem uma apresentação, uma atração a se exibir para o público, mas sim que de fato se integrasse à estrutura festiva. Para tanto foi tomado por empréstimo das festas do Rosário, elementos festivos que pudessem favorecer essa integração, tais como levantamentos de mastros pelos congadeiros (noutras festas do Divino Brasil afora habitualmente os fiéis o erguem ao som de banda de música), reinado e seu ritual, a própria devoção a Nossa Senhora do Rosário, que é em suma a padroeira de todos os congados.

Mais tarde houve divergência no sentido dessa aproximação, julgando alguns que estivesse acontecendo uma descaracterização da Festa do Divino pela aproximação com o Rosário, ou ao menos que a história da festividade em Matosinhos não estivesse sendo seguida. Superada essa fase, a estrutura do jubileu continuou a mesma, apenas se enfocando mais a partir de então a devoção a Nossa Senhora da Lapa em detrimento da invocação do Rosário.

Os congados se adaptaram à festa. Criaram cantos próprios, que não se ouve noutras festividades de que participam. Por exemplo, veja-se essas coletas no jubileu de 2004:

Imperador!
Eu vim te visitar! – bis
(Cap. Wilson da Costa, Matosinhos, SJDR)

*Abriu a porta do céu
Eu avistei um andor,
Do Divino Espírito Santo
E Santo Antônio Imperador.*
(Cap. Raimundo Camilo, Bairro São Dimas, SJDR)

*Êh, beija-flor,
Mariposa do jardim,
Vou pedir para o Divino
Pra tomar conta de mim!*
(Cap. Moacir Santana, Bairro São Dimas, SJDR)

*Olha, eu vim lá de Lavras
Pra poder cantar,
E dou meus parabéns
Ao Dom Valdemar, aêh!*
(Cap. Walter Barbosa, Lavras)

*O Papa Pio VI
Lá de Roma autorizou,
Louvar o Espírito Santo
Cantando em seu louvor!*
(Cap. Luís Maurício, Passa Tempo)

De fato o congado se tornou sem dúvida a maior atração da festa. Não dá para imaginá-la hoje sem eles. No dia maior eles estão presentes aos momentos mais relevantes, enriquecendo-os. Em parte esta situação se deve à “propaganda” desta manifestação em detrimento de outras ao longo do tempo. Como exemplo, no *outdoor* de 2008 a palavra “congado” aparece, mas folia não; no *folder* desse mesmo ano, também não aparece folia, mas congado está escrito quatro vezes. Essa disparidade corriqueira contribuiu para uma supervvalorização do congado no festejo enquanto as folias tem uma presença bem mais apagada, o que é um lapso claro, posto que a folia do Divino simbolicamente é muito mais representativa da festa que o congado.

22- Cavaleiro do Divino

É um marchante solitário, a cavalo, que carrega um estandarte do Divino, tipo auriflama. Não usa uniforme específico, senão a roupa do dia-a-dia e o chapéu à cabeça.

Faz uma jornada de visitas, primeiro à zona rural. Passa pelas estradas vicinais, trilhas, caminhos, transpõe córregos, pontes, mata-burros, porteiras, ladeia os muros de pedras, as matas, os currais, sítios, fazendas, povoados, transpõe a Serra do Lenheiro, visita capelas e cruzeiros. Sempre em toada que não maltrata a cavalgadura e tendo em punho, respeitosamente o estandarte do Espírito Santo. Traz consigo um alforje, onde leva programas e informativos da festa, que vai distribuindo pelas vendas do caminho, aos devotos que encontra ou visita e assim divulga a festividade. Oferta o estandarte para os fiéis o beijarem e passarem nas dependências do lar, levando a acreditada bênção do Paráclito, para aquela propriedade. Recolhe donativos ofertados, em dinheiro ou em prendas, cada qual anotada rigorosamente em um caderno próprio, a cada ano vistoriado pelo tesoureiro. Não é função primordial do cavaleiro recolher ofertas, mas secundária, coletando as que voluntariamente são ofertadas pelos fiéis, como de praxe fazem às bandeiras de qualquer santo visitante.

O cavaleiro é aquele que, assim como as folias, e durante o seu mesmo período de atividade, prepara o espírito popular para a chegada do jubileu, abre seus caminhos, leva aquela devoção, convida os fiéis.

O povo habituou ao ver a sua figura, a dizer que a festa está chegando. Perguntam-lhe qual a data, se vai ser boa, quantos congados vem. Muitos choram ao ver o estandarte e de joelhos e em lágrimas fazem preces e pedidos. Testemunho a seriedade autêntica e a fé firme com que Damião Guimarães encarnou este papel de 1999 a 2003. Não houve substituto. Ressalto que esse trabalho era voluntário, encarado como missão sagrada pelo cavaleiro. Ele é o proprietário do animal e do arreio.

A propósito, encontro na obra de CÔRTEZ (1987) uma referência a um cavaleiro com semelhante função na redução jesuítica de São Miguel, em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. A diferença é o objetivo central de atrair chuva, que acreditam esteja no poder da bandeira do Divino conduzida a cavalo. Tão logo caia água do céu fazem a festa de agradecimento.

23- Anúncio festivo

Outra forma de divulgação, já agora festiva, desenvolvia-se outrora em dia desconhecido, por uma charanga que com alegria visitava o imperador em sua residência e era por ele acolhida e aos convivas serviam algo. A citação é memorialística, divulgada em 1912 pelo jornal **O Dia**.

Ainda outro anúncio, do qual há várias referências antigas, procedia-se na véspera de Pentecostes, à noitinha, com uma banda de música percorrendo o centro da cidade em desfile, que terminava na praça de Matosinhos.

Sob esta inspiração é que foi estabelecido em 1999 a passeata de uma banda pelo centro histórico da cidade, tocando marchas e dobrados, tendo à testa o alferes da bandeira em sua montaria, que vai distribuindo informativos aos transeuntes. Infelizmente porém, as dificuldades em se conseguir uma corporação musical disponível para esta tarefa, não tem permitido sua realização a contento, até ser abolida.

Com base nessas notícias é que foi estabelecida em 2001 a visita dos caixeiros à casa do imperador, na Quinta-feira da Ascensão, quarenta dias após a Paixão de Jesus, relembrando a sua subida ao céu. Segundo a bíblia, Jesus prometeu aos apóstolos, que Deus enviaria o Espírito Santo para consolá-los e orientá-los, mas isto só seria possível, se primeiro Ele subisse ao Pai. Assim se cumpriu e dez dias após a Ascensão do Messias, o Divino surgiu no cenáculo, inaugurando por assim dizer a Igreja. Eis portanto que a Ascensão é uma data importante para o fundamento religioso das comemorações de Pentecostes, pois representa o cumprimento sagrado de uma promessa de Cristo, que abriu caminho para uma revelação do Paráclito, mais concreta e próxima dos fiéis. Infelizmente porém a Igreja achou por bem transferir a comemoração deste evento sagrado da quinta para o domingo imediatamente após. Data artificial.

Às 18 horas um grupo, com quatro tocadores de caixas, visita o imperador coroado em sua residência, tendo à frente um quinto homem, com a bandeira do Paráclito. Depois se acrescentaram dois guarda-coroa, munidos de espada, ladeando a bandeira. Todos vestem-se de branco, com colete e casquete vermelhos, com debruns de sinhaninhas douradas e botões da mesma cor. Feitas as saudações e vénias de praxe, são recepcionados e se cumprimentam, confraternizando-se. O imperador oferta um lanche.

A visita dos caixeiros tem um valor simbólico grande. Funciona como anúncio da proximidade iminente do jubileu; age como uma vénia à autoridade imperial; faz abertura dos rituais da religiosidade popular em preparação ao dia maior; age como oportunidade de confraternização. Dentro da residência do imperador, após o toque, são feitas preces coletivas por várias intenções, tais como: pelo imperador

coroado, pelo que foi eleito para substituí-lo, por todos os festeiros, pelos colaboradores e voluntários, pelos sacerdotes, pelos patrocinadores, pelos anjos da guarda, pelo êxito do festejo, etc.

Concluída a visita, saem à rua, rumo à matriz para a missa das 19 horas, que é por intenção dos imperadores. Levam o imperador à igreja e à sua porta encontram-se com o imperador eleito, que assumirá o cargo no Pentecostes. Cumprimentam-se e assim todos entram pela igreja, sempre tocando e cantando pontos congadeiros. O imperador coroado deposita sobre o altar as insígnias que traz à mão. Ali estarão durante a missa. As caixas são depositadas abaixo do nicho onde está a imagem do Divino.

Assentam-se todos e assistem à celebração.

Terminada a missa, retomam os toques. A imagem do Divino é descida de seu nicho e levada para o altar-mor, onde a fixam aos pés do padroeiro. Ali ficará durante toda a novena, que se inicia no dia seguinte.

A transferência da imagem do Divino de seu nicho (onde passou o ano inteiro de forma bastante despercebida) para o altar-mor, aos pés do Bom Jesus, tem neste dia um valor simbólico e sagrado muito acentuado, relembrando o encontro no céu de Cristo que “subia” com o Espírito Santo, que haveria de “descer” pouco depois. A imagem se destaca, com as fitas pendentes para que o devoto possa beijá-las e com elas se persignar. Ela se torna central, venerada. Seu nicho agora vazio recebe a imagem de Santo Antônio, o Imperador Perpétuo, que aí estará no decurso da novena. O imperador conduz a imagem ao altar-mor[40].

Um representante da Comissão do Divino vem ao microfone e convida os fiéis para a festa, bem como, aproveita o ensejo para agradecer aos que estão ajudando e ainda repassa a programação. Finda a tarefa todos se dispersam.

A partir de 2005 o congado local somou-se aos caixeiros a nível do salão comunitário de Santa Clara e praticamente os absorveu descaracterizando a parte final do ritual.

24- Novena

É de praxe católica, que as festas mais destacadas não se resumam ao dia festivo, mas que se façam preceder de alguns dias de preces preparatórias especiais: três dias (tríduo), cinco (quinquena), sete (setenário), nove (novena) ou treze dias (trezena). A novena é sem dúvida a mais comum. A do Divino começa sempre numa sexta-feira, após a missa das 19 horas. Seria mais lógico um setenário, abordando cada dia um dom.

Até 2002 se processava dividida em duas partes: os seis primeiros dias eram desenvolvidos de forma descentralizada, como “reflexões comunitárias”. Cada uma das vinte e duas comunidades promovia em seus salões ou locais convencionais de reunião, as preces e reflexões, cantos e outras atividades, de acordo com o tema determinado pela Igreja, dividido em sub-temas, um para cada dia, segundo porém o fio condutor proposto. O êxito dependia assim do esforço dos noveneiros e no geral a frequência de fiéis era absolutamente aquém do mínimo satisfatório. Os três dias restantes rezavam na matriz, o que se chamava “tríduo preparatório”.

O fim das reflexões comunitárias não foi total. Foi antes uma transferência. As comunidades agora não refletem o tema da festa em suas sedes, mas na matriz, em conjunto, sendo que, a coordenação litúrgica, cuida de organizar a entrada de cada uma delas, a cada dia, tendo elas a liberdade de criação para melhor evangelizar, dentro da diretriz temática. A mudança foi sem dúvida positiva.

Durante a novena o fiel tem ocasião de orar pelo bem da festa que se aproxima, cantar os hinos tradicionais, receber bênçãos e por assim dizer entrar no clima festivo, que já se faz presente, nos toques de sinos, nos enfeites da igreja.

Concluída a parte litúrgica, no adro ou na praça, reúnem-se jubilosos a conversar, reencontram-se velhos conhecidos, come-se algo nas barracas, assistem-se aos *shows* que os festeiros programam para cada noite.

25- Cavalgada

Ainda na função anunciatória/preparatória, precede à festa em um domingo, a cavalgada do Divino. Está portanto contida no período da novena.

A cavalgada do Divino foi estabelecida na festa de 1998 e passou por várias experiências até se firmar. Naquele ano foi realizada na véspera do dia maior, à tarde; no ano seguinte, ainda à tarde, no sábado da semana anterior a Pentecostes. O trajeto excessivamente longo, tomando vários morros fortes – esforçando as montarias - o número de cavaleiros e amazonas ao redor de duzentos ou mais, sob difícil controle, trazendo brigas, acidentes e grande número de bêbados, turmas sobre charretes e carroças, descontrolando a ordem das filas, foram constatações óbvias. As opiniões dos festeiros se dividiram energeticamente, entre a extinção da cavalgada até mantê-la tal como estava e ainda adaptá-la. Reinou o bom senso de novas experiências. A partir de 2000 foi passada para um domingo antes de Pentecostes, pela manhã (menos calor, menos tempo para bebedeiras), redução drástica do trajeto somente às vias

principais da cidade e desde que planas, policiamento com batedores em motocicletas, reordenação da coordenação da cavalgada, registro dos participantes em livro próprio, simplificação das regras, contudo melhor aplicação, redução da divulgação do evento para diminuir o número de participantes assim alcançar controle mais fácil, combate rigoroso ao uso de álcool. Com isto os problemas reduziram na ordem 70% ou mais e os participantes ao redor de 40-60 pessoas. O tempo gasto para o percurso, em torno de quatro horas ou mais, foi reduzido para duas.

Corre sob o comando de um coordenador, com o auxílio de um vice. Cabem-lhes organizar a cavalgada e arregimentar participantes. Marcham em fila dupla e paralela, tendo como abre-alias um carro de som, que vai tocando músicas correlatas e entre elas um locutor anuncia a festa. Logo atrás e ao centro vem o coordenador, carregando um estandarte do Divino. Ladeando-o vem os ponteiros, cada um com uma bandeira do Divino. Em 2005 as bandeiras foram substituídas pelos guiões, mais leves e de mesmo valor religioso. Os ponteiros encabeçam as filas. Com posição livre, surge o mantena ou mantenedor, que circula pondo ordem nas filas. Não está presente todos os anos por falta de quem possa ocupar o cargo, um tanto espinhoso. Personagem abandonado.

Esta cavalgada tem caráter religioso. Na saída o padre dá uma bênção. É rezada uma oração conjunta antes da partida e lido o regulamento pelo microfone, onde se admoesta contra o álcool e a favor da boa ordem, respeito religioso, respeito aos coordenadores e não maltratar os animais. Não é peditória, embora o coordenador possa recolher esmolas doadas, ainda que sejam eventuais e espontâneas.

A Gruta do Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário é ponto de parada breve para oração, onde sempre há enfeites, fogos de artifício e um altar armado ao ar livre com imagens e insígnias. Além da gruta, alguns moradores costumam enfeitar a frente das casas em pontos estratégicos, armando também pequenos altares.

Sua função de anúncio é sem dúvida efetiva. É constatação clara que a procura dos fiéis por cartazes e informativos aumenta consideravelmente após a cavalgada, não só pela proximidade da festa mas também porque os fiéis declararam estar procurando porque viram a cavalgada passando e assim souberam da chegada do jubileu.

Resta por fim dizer que os festeiros programam para cada ano uma camiseta de malha para a cavalgada: vermelha, com detalhes brancos nas mangas e gola, tendo escritos “Jubileu do Divino” “Paróquia de Matosinhos”, “III Cavalgada do Divino” ou algo do tipo, e ainda uma estampa do Espírito Santo, impressa pela técnica de *silk-screen*. Em certos anos a limitação orçamentária não permite a confecção desse uniforme.

Em 2008 e 2009 ampliou um pouco o trajeto e o número de participantes mas a boa ordem não saiu do controle.

26 – Mastros

A tradição dos mastros votivos atuais se perde na distância do tempo e está calcada em diferentes fontes etnográficas. Segundo CASCUDO (s.d.):

É reminiscência da chantação do lábaro, vexilo de comando, as insígnias de soberania, que ficavam diante da tenda do general. Todos os povos do Mediterrâneo usaram esse ceremonial, assim como egípcios, persas, assírios. Onde estava o lábaro ou o vexilo estava o chefe. Depois as bandeiras substituíram os símbolos de bronze.

Outros tipos se conjugaram. O “poste central” por exemplo é um pau lenheiro fincado no centro de algumas tabas indígenas ou de barracões de candomblé ou ainda de terreiros de umbanda, “mastro do terreiro”, em torno do qual dançam, cantam, suplicam. Pode ser um simples mourão. O mesmo autor supra esclarece que tal mastro é ...

uma égide evocadora da perdida unidade telúrica do mundo, passando a representar a imagem da firmeza, da sustentação, do equilíbrio, e, decorrentemente, signo de soberania, domínio, força disciplinadora.

Uma variante é o “pai tempo” [41], que por aqui se finca diante das casas mais humildes ou defronte aos templos de prática de religião afro-brasileira (terreiros, tendas, cabanas, choupanas, centros, barracões). É um pau ou bambu fincado na vertical tendo ao topo uma simples bandeira branca, sem qualquer atavio ou estampa de santo. Carreia as forças do tempo, da natureza, às quais está entregue, sob o sol, chuva, vento, luar, sereno, geada, neblina, tempestades. Não tem época certa nem para ser fincado, nem para ser descido, valendo a intuição ou a mensagem espiritual reveladora.

Há ainda outro modelo, herdado da “árvore de maio”, proveniente de antigos cultos pagãos, favorecedores da fecundidade, das plantações, criações e pessoas, extremamente arraigado na Europa, de onde o brasileiro herdou o costume. Aquele continente, sítio no hemisfério norte, tem em maio a estação da primavera (outono aqui no hemisfério sul), ocasião na qual o aquecimento gradativo, provoca o degelo da neve e assim, expõe a vegetação, que fora queimada pelo frio, desfolhada pelo outono. O calor vital do sol promove a rebrota das árvores, o nascimento de folhas e flores. O mato que parecia morto renasce do gelo. O fato é simbolicamente equiparado a uma ressurreição, a uma vida nova. Comemorando-o, os campônios preparavam uma árvore determinada, desgalhando-a em parte e enfeitando-a de flores, penduricalhos, comestíveis, objetos fálicos, fitas. Em torno dela festejavam, com danças, cantos, rituais, comes-e-bebes. Desse hábito, depois cristianizado, veio por exemplo a dança-das-fitas, equivalendo o pau enfeitado em torno do qual dançam à árvore de maio, que bem se poderia dizer, árvore da vida. Convencionou-se chamar a isto fitolatria (adoração dos vegetais) – embora na realidade, nem sempre fosse caso literal de se endeusar uma planta.

No Brasil há mastros juninos muito parecidos à dita árvore, devido aos seus enfeites florais, ramagens, frutas, alimentos, atados ao pau. Há mesmo uma árvore inteira, cortada no mato, arrastada e fincada adrede no local da festa, prendendo-se nela os tais adereços. Um costume do vale médio são-franciscano é fazer ao seu redor uma fogueira. As brasas vão consumindo a base e ao tombar a árvore ao chão, a criançada afoita acorre a ela para arrancar das folhagens os brinquedos e comidas ali amarrados.

Esta tradição alcançou os mastros do Divino, como ocorre na área amazônica até o Maranhão, quando eles recebem os enfeites vegetais, cachos de coquinhos, bananas, abacaxis, garrafas de bebidas, tudo preso à sua madeira, tendo no topo a bandeira do Paráclito. O ato da sua descida é muito diferente do que aqui se processa: cada mordomo da festa dá uma machadada até derrubar o mastro, que tão logo cai, em meio a assuada dos presentes, é de imediato desrido de tudo quanto nele está fixado, cada um pegando algo para si, naturalmente tido por bento. Tirada a bandeira, o mastro é a seguir atirado na corrente do rio.

Considera-se que os mastros que conservam estes enfeites vegetais, tenham elementos vestigiais da antiga fitolatria. Reminiscência coletiva inconsciente.

O que parece ter sido informação excessiva ou fora de propósito é uma tentativa modesta, de compreender diferentes costumes que se confluíram, para junto ao catolicismo popular, formar o folclore dos mastros votivos do Brasil. Tudo isso se uniu, assim como regatos se juntam para formar um ribeirão, de tal sorte que já não se sabe se a água veio de tal ou qual fonte.

Obviamente muitas crenças a este respeito, ficaram e persistem encobertas, em razão de fatores discriminatórios e mesmo de perseguições. A religião dominante não permitiria sua prática e exposição no passado e ficou na tradição tê-las veladas.

Obedecem ainda a regionalismos.

O buraco dos mastros, aberto à força de cavadeiras no chão, puxa as forças da terra, sobretudo negativas, ligadas à morte, à doença, à desgraça. Os corpos se decompõem na terra. Aí são feitos via de regra os pedidos maléficos. A parte aérea do mastro puxa forças superiores, benéficas, dos santos, guias, orixás – cuja força paira, como uma bruma invisível para os olhos insensíveis ou incrédulos, logo acima das bandeiras e quadros, daí sempre o congadeiro vir bater a testa no mastro para receber sua parcela destas bênçãos. Esta é a crença mais ou menos padronizada, embora concepções particulares possam divergir do exposto. Por estas razões o congadeiro como o devoto em geral, tem pelo mastro profundo respeito e vem junto a ele, num misto de saudação e busca de forças, com gestos comuns e outros subjetivos, com vénias e cumprimentos, por vezes expansões votivas bem individualizadas, manifestar a sua fé e a sua esperança. Bandeiras, espadas, bastões, mangueiras, tamborins e mais instrumentos, tocados no mastro, saúdam-lhe, pedem licença aos protetores e buscam forças.

Cada capitão ao fincar seu mastro deixa-o aos cuidados de um guardião espiritual, cuja identidade é inconfessável, por motivos de segurança própria. Há um temor de que o inimigo, físico ou o imaterial faça-lhe mal ou ao seu congado. O tal guardião é que defende. Se for desconhecido melhor, pois não se sabe com quais armas espirituais luta.

Ano após ano não se deve trocar o lugar de fincá-lo pois ele “cria raiz” no lugar de costume. Deve-se manter o local da primeira fincação. Por isto os congadeiros reprovaram a mudança dos mastros para a frente da igreja numa ocasião e no ano subsequente retornaram para o lugar de sempre. Sobreveio naquele ano de mudança uma forte ventania repentina na tarde, sem que houvesse qualquer sinal de tempestade a não ser exatamente na praça. Chovreu um pouco e parou, na hora da missa solene. O fenômeno curioso foi dado como aviso e dito que, não fosse o vento para limpar o ambiente, algum festeiro morreria antes da próxima festa. Lembraram daquele ponto de Oxossi: “*Choveu de relampiar, mas mesmo assim o céu estava azul...*” (etc.) O vento foi de tal ordem que abalou o mastro do Divino, inclinando-o e danificando o quadro. O quadro ou bandeira do mastro também não deve ser mudado só

por interesses estéticos. Pode-se mudar os enfeites, mas não o registro (estampa) a não ser por grande necessidade.

O mastro deve evocar o antigo, o ancestral. Dizem que o certo antes de cortá-lo e se preparar com jejum, abstinência sexual e alcoólica, rezar muito junto à árvore escolhida, acender uma vela próximo a ela enquanto é cortada, não fazer algazarra, não falar palavrões ou qualquer xingamento, não cuspir no local. O respeito deve ser máximo. Ferramentas devem ser manuais em vez de elétricas, tanto as de corte quanto as de furo, dentre tantos outros detalhes que variam de lugar a lugar e conforme a formação religiosa da pessoa. Está claro que estas regras já não são mais observadas na maioria das situações.

Nesse contexto de crenças, o aspecto do mastro extrapola o mundo dos encarnados e a festa ganha também um cunho sobrenatural, muito mais forte que se supõe. É uma verdadeira luta do bem contra o mal, nada superficial, onde o mastro é o centro desse campo de batalha. Capta energias. É uma espécie de para-raio da festa e sem dúvida é o seu elo ecumônico. Quando vai ser descido, se está difícil demais de sair do buraco, acredita-se num perigo iminente de demanda.

Um detalhe importante é o tempo de permanência diante do templo. A tradição das festas do Rosário é o mastro ser fincado uma semana antes e ser descido ao fim do dia maior ou uma semana depois. Há a variante de uma quinzena antes e outra após, como ocorre na vila do Rio das Mortes e no povoado da Canela, distritos são-joanenses. Em certos lugares porém, finca-se cedo e baixa-se à noite do dia principal, como ocorre com os mastros secundários na festa do Divino, que cada guarda de congado finca ao chegar à igreja, rodeando os mastros centrais. Mastros juninos são erguidos no dia da Invenção da Santa Cruz (3 de maio) ou na véspera de Santo Antônio (12 de junho) e deixados todo o mês de junho ou até o limite de 26 de julho (dia de Santana) – tradicionalmente ocasião da última fogueira por aqui. Locais há, em diferentes festas, que fica fincado o ano inteiro e só no outro ano é descido para dar lugar ao novo.

O mastro do Divino está sempre ao centro e é o mais alto, indicando ser o principal. Ao seu lado está o do imperador perpétuo. Ao redor estão os demais, dos santos patronos de cada congado e outros quadros/bandeiras, que os festeiros emprestam aos ternos visitantes, que porventura não trouxeram os seus.

A madeira dos mastros do jubileu é o eucalipto (mais fácil de ser obtido e trabalhado), meião, com cerca de seis metros, tendo porém quase o dobro o do Divino. Ainda verde é descascado (após ser marretado para descolar as cascas, elas são puxadas), furado a broca no centro do extremo mais fino para encaixe da “grimpa”, haste de ferro de construção (vergalhão), que ali é fincado para servir de ponteira de encaixe para o quadro do santo ou para amarrar da bandeira. Ambos extremos são encastoados com arame para a madeira não rachar enquanto seca. Todos são pintados de branco com a grimpa vermelha. Fitolho vermelho é enrolado em espiral ao longo dos mastros principais. Em torno dos secundários, são postos três anéis do mesmo material próximo à ponta. Outro padrão de uso mais recente é o de duas espirais em cada mastro, de sentidos inversos. Ultimamente surgiu uma divergência: o uso do fitolho azul

O branco e o vermelho são as cores votivas do Espírito Santo, relembrando respectivamente a pomba alva e a língua de fogo rubra, formas de aparição do Paráclito (Consolador / Advogado). São as cores dominantes em todos os enfeites da festa, no uniforme dos festeiros e demais fardamentos dos personagens [42]. Por outro lado, na espiritualidade afro-brasileira, o branco é a cor neutra, cabível para todas as forças sagradas e o vermelho a cor guerreira, combativa, da força vital, por analogia com a cor do sangue. Aliás, sangue é vida. É a cor dos santos mártires.

* Sobre mastros ver também a apresentação de slides [Mastros Votivos](#).

27 - Missa inculturada

As missas seguem em geral à forma litúrgica dita romana. Aquelas que excepcionalmente tem outra orientação cultural, embora com o mesmo arcabouço litúrgico, chamam-se inculturadas, ainda que habitualmente sejam chamadas aculturadas.

As duas palavras podem ser entendidas em sinônima, em consonância à lição gentilmente prestada pelo professor Abgar Tirado, que desta missa tem sido locutor sacro em Matosinhos. Esclareceu-me pessoalmente (01/06/2008), que o “a” de “aculturado(a), vem do latim “ad” e portanto não tem o sentido excluente do “a” grego, que até aqui eu supunha fosse o caso, este sim com sentido de negação. Embora que o “in” também latino, possa em algumas palavras contextualmente assumir caráter de exclusão, em ambos os casos, os radicais apontam a inclusão de uma vertente cultural na cerimônia católica.

Os dicionários contudo registram o termo aculturação desta forma:

Conjunto de fenômenos resultantes do intercâmbio, direto e contínuo, de grupos de indivíduos pertencentes a culturas diferentes (AULETE).

* * *

Contato entre culturas ou sociedades e o efeito de uma ou umas sobre a outra ou outras (LAROUSSE).

Por outro lado a palavra incultação não encontrei dicionarizada, senão como “incultura” e “inculto”, com o sentido de sem cultura, sem instrução (AULETE, FERREIRA).

Devido a essas controvérsias melhor seria dizer-se aculturada mas neste livro adotei o termo mais corriqueiro, inculturada.

Com base na cultura e religiões afro-brasileiras, tem-se a Missa Conga (com a participação de congados, reis e rainhas) e a Missa Afro (com grupos parafolclóricos), ambas incultradas. Tem sido feita a tentativa lamentável de abolir o termo “Missa Afro”, em detrimento de “Missa Inculturada”, embora seja mais específico.

Existem outras missas também “inculturadas”, que não são afro nem congás, já que se baseiam em outros referenciais religiosos/culturais: Missa dos Vaqueiros, Missa Campeira, Missa dos Violeiros, Missa Reiseira. Fisco portanto que a missa incultrada aqui realizada é uma afro, já que nem todas o são.

Nessa celebração segue-se aos passos gerais da missa convencional, mas as características do conjunto são diferentes daquelas do rito romano. Busca uma aproximação à cultura tradicional afro-brasileira, almejando seus valores referenciais, a epopeia da raça negra, suas concepções religiosas e seu folclore. Não assim, didaticamente separados, mas unidos, não como negros, mas como povo de Deus, povo brasileiro, cidadãos, num intercâmbio cultural-religioso. O professor Antônio Gaio Sobrinho teceu sábias palavras sobre esta celebração, que enaltece as virtudes e a fé dos afro-descendentes [43].

Nos trajes, estão os *abadás*, panos-da-costa, *eketés* à cabeça, colares e guias ao pescoço, rosários. A animação musical é feita com atabaques e agogô, como na senzala, como no terreiro. Algumas referências da umbanda e sobretudo do candomblé estão ecumenicamente presentes.

As entradas são sempre dançantes, com muita música e cantos evocadores, sob o agito de bandeiras desfraldadas.

A entrada da bíblia é uma festa à parte, precedida a Palavra de Deus, de tochas feitas de gomos de bambu. Crianças jogam flores e varrem o caminho com vassouras de capim.

O ofertório, além das convencionais galheta, âmbola, cálice e patena, tem a seguir, a entrada do grupo todo, levando ao altar suas ofertas: enxada, caldeirão, cana, café, pipoca, milho, broa, biscoito, alecrim, manjericão, rapadura, bilha d'água, esteira – símbolos do trabalho da terra, alimentos, remédios, ervas sagradas, arrancadas com o suor e ofertadas como primícias. A Comissão do Divino participava nesta hora da seguinte forma: o imperador eleito à dianteira levando um lírio branco, em homenagem a São José (o lírio é sua flor votiva, símbolo da pureza); o coroado tendo à mão as insígnias argêntreas; os demais, com bandeiras e estandartes pentecostais. Ultimamente a participação tem sido mudada de forma a cada ano.

Destaca-se muito a ação de graças, ao término da celebração, quando, sob cantos, os membros do Grupo Raízes, distribuem livremente aos fiéis os alimentos que foram abençoados ao pé do altar e todos acorrem para provar.

Como lição religiosa prática é um exemplo cristão do ato de dividir, do compartilhar, com alegria, satisfação e fraternidade. Eis a mensagem final desta celebração, que em tudo demonstra quanto é negativo o racismo e a discriminação. Valoriza o negro. Combate toda forma de sua exclusão na sociedade.

A experiência do Grupo Raízes, aliada à dedicação de seus membros, a constante criatividade e grande dinâmica, faz com que cada missa dessas seja diferente da outra. Some-se isto às mudanças de celebrantes e concelebrantes, cada um imprimindo sua marca pessoal ao momento. A existência de uma pastoral específica na diocese e a celebração por seu próprio coordenador fortaleceu os objetivos desta missa. Vale ainda frisar a recente participação dos estudantes africanos da Universidade Federal de São João del-Rei.

A transmissão dos ideais cristãos num aspecto colorido, alegre e musical, faz esta missa ser muito concorrida e esperada.

A investigação mais detalhada vai porém além do mero assistir, ano a ano, rezar e opinar. Revela em respeito a essa missa nuances mais complexas e por vezes tensivas dentro da sociedade são-joanense, com um passado fortemente escravocrata e herdeira do barroco; por conseguinte, conservadora. Ainda mesmo que Matosinhos esteja fora desse núcleo barroco, mas dentro de uma cidade barroca; ainda que sua igreja primitiva tenha dado lugar a uma modernista; ainda que seu pároco tenha uma competente postura amadurecida e de vanguarda, ainda assim, esta celebração não esteve isenta de poréns desde que implantada em 2000 [44].

Se a festa antiga vetava ao negro não a presença, mas a participação efetiva, o envolvimento direto, a atual felizmente evoluiu e não resta dúvidas, o afro-descendente conquistou o seu lugar, como imperador, como festeiro na igualdade da mesa de reuniões, com a presença ativa dentro dos congados, folias e nesta missa. Sua auto-afirmação se faz notar por todos esses meios, mas é sem dúvidas mais forte no congado. É fato recorrente a pouca freqüência de negros assistindo esta missa ao passo que se lota o santuário de brancos, aparentemente mais por curiosidade que por devoção. O Grupo Raízes vem trabalhando incansavelmente nos aspectos da conscientização, o que é de colheita lenta. Mas ainda um outro aspecto frustrante se revela na quase total ausência de congadeiros das cinco guardas da cidade dentro do próprio grupo, embora indiretamente envolvidos, haja vista sua relação na festa do Rosário no Bairro São Geraldo. Já por isto uma lebre levantada é da missa conga futuramente substituir a afro, ou existirem ambas, sendo a conga no domingo, idéia que de outro lado é rebatida pela vertente que teme a presença de elementos dos festejos do Rosário dentro da festa do Divino, julgando-os descaracterizadores para este contexto.

Seja como for, é de se observar que os festeiros têm difundido esta missa como uma grande atração para a festa, tanto que é possível rastrear sem grandes esforços a sua massiva divulgação, superando a de outros eventos da festa o que é sem dúvidas questionável. Não por ser in culturada mas porque implica em juízo de valor da própria comissão organizadora sobre os ítems da festa que ela mesma organiza. Ora, o *outdoor* de 2008 por exemplo, listou-a expressamente, mas não se referiu ao levantamento dos mastros que ocorreu no dia anterior, evento folclórico de significado religioso muito mais significativo para os rituais da cultura popular que esta missa. As folias igualmente, que trabalham durante quase dois meses em favor da festa e revertem-lhe não só dinheiro vivo como também efetiva divulgação, estiveram sistematicamente fora de anúncio no *out-door*, *folder* e cartaz desse ano, embora surgindo no informativo. A missa in culturada não faltou a nenhum desses veículos midiáticos. Não se trata de fato isolado. Esta queixa não é particular, embora eu a corrobore como responsável por uma das folias da cidade, mas sim de alguns folieiros que notaram a ausência de propaganda das folias. Portanto esta observação não tem absolutamente nada a ver com racismo e discriminação. Pelo contrário. As folias é que têm sido discriminadas. É apenas o querer e o necessitar de pé de igualdade entre os múltiplos eventos ou instantes que compõem o todo festivo.

Não obstante, os já citados aspectos positivos desta celebração, ela tem gerado controvérsias que partem de setores conservadores do catolicismo na cidade, julgando-a desrespeitosa ao altar ou por demais teatral. Vai ainda pelos mesmos uma dose crítica ao figurino que se prende mais aos modelos iorubás, enquanto os bantos que foram os africanos dominantes nesta região toda foram suplantados como referência cultural.

28- Cortejo

A festa comporta dois cortejos constituídos pelos congados. Pela manhã há um mais simples que segue do santuário ao Salão Comunitário de Santo Antônio, onde estão reis, rainhas, príncipes e princesas e ainda os juízes honorários – de manto, de vara, de ramalhete. Os congados ali vão a fim de recolher os membros do reinado e do juizado e os escoltam de volta ao Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. Os grupos participantes não têm ordem específica no cortejo a não ser pelo respeito à retaguarda que pertence aos moçambiques. A não observação desse aspecto em 2009 carreou situações tensivas.

O segundo cortejo, dito imperial, é o mais pomoso e sem dúvidas o mais importante, saindo do santuário rumo à Gruta do Divino, onde está o imperador junto ao império. Saúdam-lhe e o levam para Matosinhos.

A ordem do cortejo imperial, montado pelos capitães-meirinhos e meirinhos obedece, ou busca obedecer, dentro das possibilidades do bom senso, à hierarquia estabelecida entre a irmandade congadeira. Na dianteira vão as chamadas “guardas de corte”, que são aquelas que percutem bastões ou manguaras - o bate-paus e o vilão, respectivamente, que são como um pelotão que abre o caminho - seguindo-se para trás os marujos, caboclos, catupés, congos e moçambiques, nesta ordem. Na concepção do dançante, quanto mais na retaguarda, mais importante é o papel que tem a guarda no contexto da tradição sagrada. Em São João del-Rei, por razões incontornáveis, tem sido aberta exceção de pôr na guia do cortejo um catupé da cidade.

Assim se forma o cortejo imperial, em alguns lugares chamado procissão da coroa: na dianteira o cruciferário (irmão do Santíssimo), seguido dos guarda-coroa com espadas cruzadas, os congados na ordem já relatada, guarda de honra e pajens, o imperador no quadro, sob a umbela, andor de Nossa Senhora do Rosário sob a escolta dos irmãos com suas lanternas, mais um par de guarda-coroa com suas espadas fechando.

Tem-se um cuidado extremado em conservar a harmonia do cortejo - o que não é fácil – evitando-se espaços grandes entre os congados o que na concepção religiosa indica uma quebra da corrente de

forças, como se houvesse rebentado um rosário. Para tal deve haver um profundo desdobramento de atividade dos meirinhos e capitães-meirinhos.

Da gruta sai o imperador coroado com sua escolta e o andor do Rosário. Na passagem pelo Salão Comunitário de Santa Clara ingressa o imperador eleito.

O cortejo em si é o que há de mais alegre e colorido nesta festa e pode-se mesmo afirmar sem dúvidas que é seu ponto de maior atração visual.

A passagem pela Rua Bernardo Guimarães merece destaque pelo apreço que os moradores daquela via têm pelo evento, providenciando uma vistosa ornamentação.

A chegada ao santuário é primorosa, ao som de fogos, vivas, sinos, muita cantoria e toques. Adentram e entregam o imperador junto ao altar. Desde 2007 antes da entrada os imperadores vem ao coreto onde são saudados pelos dançantes.

29- Homenagens

Dirigem-se às figuras de destaque no jubileu, tais como foliões, capitães, ex-imperadores, chefes de equipes de trabalho e outros. Antes de 2005 foram feitas algumas isoladamente a certas pessoas que dela fizeram jus de forma especial. Por vezes era apenas homenagem verbal ao microfone, outras vezes enriquecida pela oferta de uma bandeira, bastão, pingente representando a pomba divina, cartucho de amêndoas. A partir desse ano (inclusive) institui-se a entrega de diplomas de honra ao mérito e variando a cada festa, também, chaveiro, bandeira para folias, mini-estandarte, mini-mastro, à guisa de lembrança do evento e reconhecimento pelos esforços.

Cito à parte a condecoração “Estrela Guia do Oriente”, concedida pela Federação do Reisado do Estado do Rio de Janeiro, aqui representada na festa de 2002 pelo folclorista Affonso Maria Furtado da Silva, membro de sua diretoria, ao nosso folião Sebastião Teodoro da Silva.

[1] - O **Diário do Comércio**, n. 3654, de 06/05/1950: afirma que na festa da Trindade, em Tiradentes, após a sua novena e o domingo consagrado, no dia seguinte, seria festejado o Divino Espírito Santo.

[2] - A **Pátria Mineira**, n. 106, 21/05/1891. Para acesso a mais notícias sobre festa do Divino na Zona da Mata, ver: SANT'ANA, Terezinha Azis Alexandre. **Viçosa: meu município**. Viçosa: Universitária, 1984. p. 35-38.

[3] - Destaque hoje na cidade para a ocorrência de eventos ligados à música e de modo especial a atividade do CEREM (Centro de Referência Musicológica José Maria Neves), fundado em 21/04/2006; Conservatório Estadual de Música “Padre José Maria Xavier” (desde 1953), Sociedade de Concertos Sinfônicos (1930), Orquestra Sacra “Lira Sanjoanense” (1776), Orquestra Sacra “Ribeiro Bastos” (1790), Faculdade de Música, da Universidade Federal de São João del-Rei (2006), além das bandas de música: Teodoro de Faria (1902), Municipal Santa Cecília (1968), Meninos de Dom Bosco (2001), do Exército – 11º B.I. Montanha (fim do séc.XIX), Sinfônica do Conservatório Estadual de Música (19/12/2007). Além dessas, existem as centenárias bandas distritais, de que são exemplo a de São Miguel do Cajuru (anterior a 1905) e a do Rio das Mortes (1895). Houve na primeira metade do século XX uma banda em São Gonçalo do Amarante. Em data recente surgiu uma banda no arraial de Januário. Há vários corais de peso e respeitados compositores e arquivos musicais. Em 2007 em Matosinhos surgiu um centro de formação de músicos na paróquia e no ano seguinte a banda. As cidades vizinhas de Tiradentes e Prados tem outrossim importante tradição musical, com as corporações “Ramalho” e “Lira Ceciliiana”, respectivamente, ambas com orquestra e banda.

[4] - A **Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

[5] - Seus artifícies foram Altivo da Paixão Chaves Berg e Nelson Domingos de Abreu. Estilo colonial. Oitavado, com escada lateral de acesso. Piso sob a forma de tablado. Cada lado é cercado por uma grade de madeira trabalhada, presa às colunas de sustentação, também oitavadas, feitas de madeira de paraju. Cúpula de lona plástica, amarela, apoiada sobre estrutura de réguas em espinha de peixe. Píncaro metálico, em cujo topo, desde 2001, esvoaça um galhardete com a efígie do Divino. Em 2003 foram acrescidas ponteiras de acabamento nas quinas superiores, junto à cúpula. Base ocultada por uma faixa de tecido americano cru. Iluminação: lustre central pendente de uma argola, confeccionado nesta cidade na Oficina do Cuim; arandelas duplas nas colunas. Área: 36 m². Cor: branco, azul e vermelho, em tons coloniais. Apenas em 1998 foi armado fora da festa, em Itaipava / RJ. Em 2006 ganhou lona de cobertura nova, vermelha. A partir de 2008 ganhou uma escada frontal, ampla, com a retirada de uma das grades, para facilitar acesso e a saudação ao imperador pelos congados.

[6] - Cf. OURIQUE, Ana Zenaide Gomes, JACHMET, Célia Silva. **Cavalhadas**: uma tradição de raiz milenar. Porto Alegre: Est, 1997.

[7] - Cavalgadas profanas e cívicas não são nenhuma forma de cavalhada.

[8] - AZZI, Riolando. **A novena e a festa do Divino**. Suplemento Família Cristã.

[9] - Parte das informações sobre esta dança já inclui no texto Cavalhada e Dança-dos-Velhos: folclore de Matosinhos no século XIX. **O Grande Matosinhos**, ASMAT, dez. / 2000. Ano 2, n. 14.

[10] - Cf.: PASSARELLI, Ulisses. Contradança. **Revista da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, ag. / 2002. n. 23. p. 15-22.

[11] - Na região de Estrela do Oeste/MG, a contradança sai às ruas portando uma bandeira com efígie do santo protetor e ganha ares de congado. Executam também a dança das fitas.

[12] - Havia liteiras carregadas nos ombros por escravos e as conduzidas por cavalos arreados. Veja-se este anúncio acerca do segundo tipo: “*Vende-se uma boa liteira arrejada com arreios novos e magníficos. Quem pretender, informe-se nesta redacção*”. (**O Resistente**, n. 14, 26/06/1895.).

[13] - **Arauto de Minas**, n. 12, 26/05/1877.

[14] - **O Resistente**, n. 55, 30/05/1896.

[15] - Extraído de **Acção Social**, 11/06/1916 e aproveitado em sua tese.

[16] - **A Tribuna**, n. 474, 27/05/1923.

[17] - **A Tribuna**, n. 472, 13/05/1923.

[18] - **A Tribuna**, n. 455, 14/01/1923.

[19] - **A Tribuna**, n. 461, 25/02/1923.

[20] - **A Bigorna**, n. 1, 08/03/1923

[21] - **A Tribuna**, n. 472, 13/05/1923.

[22] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

[23] - **A Tribuna**, n. 473, 20/05/1923.

[24] - **A Tribuna**, n. 474, 27/05/1923.

[25] - Extraída em 2003 de um quadro afixado na parede do vão lateral direito do Santuário da SS.Trindade, debaixo da escada que dá acesso à sua imagem. Há também fotos históricas dos romeiros e ainda do mutirão, com vários carros-de-boi, levado a efeito durante a construção da murada do templo, de 13 de junho a 9 de outubro de 1933. Para maiores detalhes sobre este jubileu irmão do são-joanense ver: MAIA, Pedro A., Padre. **Peregrinos da Santíssima Trindade**. São Paulo: Loyola, 1986.

[26] - O Jubileu do Sr. Bom Jesus de Matosinhos de 2009 teve a visita da imagem da Santíssima Trindade de Tiradentes. Como retribuição o Jubileu da Santíssima Trindade de Tiradentes do ano seguinte contou com a presença da imagem do Senhor de Matosinhos, com o aval das respectivas autoridades eclesiásticas e neste último caso, sob a incumbência dos festeiros do Divino.

[27] - Por exemplo, na festa do Rosário de Mocambeiro/MG (1997), entre tantos personagens havia o “rei do império”.

[28] - **A Tribuna**, 09/05/1915. Consta também a imperatriz (Emília Moreira Marques), presidente, secretário, síndico e procurador

[29] - Cf.: **Arauto de Minas**, n. 12, 26/05/1877. A nota crítica traz o título “Até os mortos!” e seu autor se esconde sob o pseudônimo “Zé Inglez”. Prossegue com outras frases de ironia.

[30] - **A Tribuna**, n. 464, 18/03/1923.

[31] - Capitão Luís Maurício, moçambique “Nossa Senhora Aparecida”, Passa Tempo//MG.

[32] - Natural de Conceição da Barra de Minas, faleceu em janeiro de 2003. Foi fundador e presidente da Conferência de Santo André, sediada na Igreja de São Judas Tadeu.

[33] - NUNES, Lélia Pereira da Silva. **A Festa do Espírito Santo em Santa Catarina**: notícia de uma tradição. XI Congresso Brasileiro de Folclore, Goiânia, 19-22/10/2004. Anais. Comissão Nacional de Folclore / Comissão Goiana de Folclore, 2004. 577 p. p. 515-518.

[34] - **S.João del-Rei**, n.6, 04/03/1899.

[35] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923 e n. 472, 13/05/1923, respectivamente.

[36] - **A Tribuna**, n. 471, 06/05/1923.

[37] - **A Tribuna**, n. 473, 20/05/1923.

[38] - Mestre-folião Geraldo Domingos Resende, o “Didinho”, do Bom Pastor.

[39] - Este grupo, ativo entre 2000 e 2002, tinha características semelhantes às do Grupo Raízes da Terra. Era organizado por Márcia Aparecida Lopes, no Bairro São Dimas, que também mantinha, concomitantemente um grupo de moçambique bate-paus, infantil e feminino.

[40] - Agora o nicho fica vazio pois a imagem de Santo Antônio permanece o ano todo na sala da Comissão do Divino.

[41] - Pai tempo: a palavra tempo pode ser aqui entendida de dois modos: a) as forças naturais, físicas, metereológicas, carreadas da atmosfera, do espaço sideral ao dito mastro, pela força das entidades que aí trabalham no âmbito espiritual (coletivamente chamadas “forças do tempo”); b) uma referência específica à entidade superior chamada Tempo ou Tempô, um inquérito dos terreiros de nação angola-congo e dos candomblés de caboclo, nos quais também é chamado “Encantado do Juremeiro”. Corresponde ao orixá Iroko (nação nagô) e ao vodum Lôko (nação jeje). No sincretismo configura-se com São Francisco de

Assis ou segundo outras fontes com São Benedito. Seu domínio é a árvore morácea *Ficus pohliana*, popularmente conhecida por figueira-brava, gameleira e mata-pau.

[42] - Os detalhes, debruns, frisos, são com freqüência dourados ou prateados, cores que evocam o ouro e a prata, riquezas condizentes com a idéia de monarquia, realeza, senhorio, fidalguia – império... do Divino.

[43] - Cf. **Jornal da ASAP**, São João del-Rei, n. 73, maio/jun.2007.

[44] - Embora o Grupo Raízes participasse desde 1998, dançando apenas no adro. Em 2007 a celebração teve o professor Antônio Gaio Sobrinho como comentarista. Desde o ano anterior houve transmissão televisiva, que trouxe grande repercussão, intensificando as questões teóricas a seu respeito já que muita gente que nunca a tinha assistido ao vivo passou a vê-la no sofá de casa.

Notas e Créditos

* Anos depois, os mastros foram mudados de novo de lugar, desta feita em posicionamento de triângulo, na dianteira da igreja, à esquerda de quem entra pela porta principal, a contra-gosto dos congadeiros que lançaram seu augúrio. O fato foi dado como supersticioso. Ocorre que foram fincados na sexta, início da novena, e na terça-feira seguinte, um dos festeiros sentiu-se mal, foi socorrido mas não resistiu. Sua morte consternou a todos, pessoa queridíssima que era e o restante da festa correu sem graça, lutoosa. O fato obviamente foi dado como coincidência, mas o fato é que só reforçou a crença que mastro não se muda de lugar.

**Texto: Ulisses Passarelli.

*** Foto: Iago C.S. Passarelli, 2012.

**** Sobre mastros ver também a apresentação de slides [Mastros Votivos](#).

Festa antiga x atual

É inevitável a comparação entre a Festa do Divino antiga e a atual. Esta unidade do trabalho se dedicará a isto. Tal comparação é sempre polêmica, porque incorre em questões de ponto de vista e daí ingressa no campo da relatividade. É preciso compreender o que chamo aqui de “festa antiga”, que compreende um período sesquicentenário: 1774-1924. Depois vem uma fase intermediária de setenta e quatro anos em que a festa esteve ora desativada ora ativa, mas sem brilho, quase extinta e por fim a “festa atual”, a partir de 1998.

Ora, não se pode rivalizar o pequeno tempo pós-reativação, contra cento e cinqüenta de ontem, ainda mais tendo entre um e outro períodos, a abismal fase intermediária, de profundíssimas mudanças sociais e religiosas. A própria festa antiga não tinha em si uniformidade. Conheceu também ela fases, como aquela até aproximadamente os fins da década de 1830 ou 40; outra que vai até o fim daquela centúria (por assim dizer a fase áurea)[1] e uma terceira, já no começo dos novecentos, sob o domínio da jogatina e que os jornais chamaram de aristocrática. A festa atual é ainda muito nova, não teve tempo de incorporar e amadurecer (digo, consolidar), todos os elementos constitutivos. Não se elaborou ainda em fases. Engatinha apenas. A cada ano novas experiências são tentadas e outras abolidas. Esta é a primeira consideração.

A segunda fase diz respeito à dinâmica sócio-cultural que impulsiona a sociedade e que é fundamental ao folclore: a contínua renovação, sem a qual a cultura se cristaliza, caduca mesmo, com aquele anacronismo inviável com os novos tempos. Basta dizer que uma folia do século XIX, tem os elementos básicos de uma do século XXI, mas esta tem peculiaridades que a discernem daquela. Assim com o congado e qualquer manifestação folclórica antiga. Há uma adaptação que põe o conjunto todo em sintonia.

Com a globalização, muitos folcloristas lançaram sobre as manifestações folclóricas, um agouro apocalíptico como se fosse aquele o fim de todo o folclore. Após o baque inicial ele se adaptou à nova realidade e está aí, qual fator de resistência cultural.

A própria religião – basta estudá-la – apresentou infinitas mudanças e a hegemonia católica não é a mesma[2]. A forma de se catequizar e de se relacionarem fiéis X Igreja continua em franca e positiva mudança.

O bairro onde se realiza a festividade mudou de forma incomensurável em todos os aspectos, ou seja, o ambiente das comemorações foi alterado.

Mais de duzentos e trinta anos de diferença numa sociedade imprimem nela mudanças profundas na economia, nos hábitos, nas relações sociais e eclesiásticas, nas diversões, etc. Se a festa contemporânea fosse igual àquela imperial, não seria espontânea mas uma encenação, uma representação por artistas treinados para aquilo. Não haveria uma participação vivenciada de fiéis, que estariam tolhidos de sua criatividade, apenas assistindo e arremedando o festejo à antiga [3].

Desta sorte a festa setecentista e oitocentista serviu à atual de roteiro orientador, sobre o qual, uma nova história foi escrita. Os elementos se assemelham mas felizmente nunca se igualam. A continuidade é espiritual e não histórica. O que passou, passou, como um dia o modelo atual passará para se adequar a novas mentes.

Tendo isto como diretriz, a palavra “resgate” tem o seu valor duvidoso. Se fosse de fato um resgate no sentido etimológico, a festa de hoje teria sido recuperada do passado tal como era. Isto seria um resgate verdadeiro. E como ela era? Tudo que sabemos está contido nos velhos jornais, mas será que isto é suficiente para ter-se dela a exata visão? Com toda a melhoria da imprensa, ainda hoje uma matéria jornalística, por mais bem escrita que seja, não consegue de forma perspicaz, captar a essência festiva. Traça-lhe no máximo um panorama, descreve elementos gerais. Assim o resgate é impossível, senão aproximado a nível de encenação, mas não do lado religioso. E entenda-se religião aqui não apenas como a oficial, mas também a popular. Ou seja, religião, propriamente dita e religiosidade.

Numa conversa informal a esse respeito (em 30/05/2008), o professor Antônio Gaio Sobrinho manifestou-me opinião harmônica com este meu pensamento ao afirmar que o resgate era relativo dada a extemporaneidade da festa que hoje vemos. A festa foi sim reativada, ou melhor, remodelada, palavra preferencial. Resgatada, não. Por isto uso o termo resgate sempre entre aspas. Tirem do jubileu o imperador perpétuo, o imperador móvel, destituam a devoção ao Paráclito por outra, extirpem seu colorido, musicalidade e espontaneidade, a fartura alimentar e a alegria, seu coreto, introduzam cenógrafos e coreógrafos ordenando ambiente e danças e o terão descaracterizado por completo.

Nesses parâmetros, vencidas as divergências, calcou a Comissão do Divino seu trabalho cujo resultado aí está, num êxito evidente, fruto de profundo esforço, pesquisa, boa vontade, empenho, abnegação, lealdade à causa, fé, honestidade e trabalho de equipe. Este foi o impulso inicial.

Perscrutando as folhas dos jornais, nota-se que as notícias acerca da festividade antiga repisavam sobre alguns assuntos. Esses elementos compunham o esqueleto da festa, seu arcabouço ou estrutura básica, que, respeitadas as atualizações, persistem ainda hoje, na medida do possível e do que permite a coerência. Outros elementos apareciam mas eram ocasionais, ou, se preferirem, incidentais.

Para corroborar essa diretriz adotada pelos festeiros, lembro do seguinte pensamento, atribuído ao líder pacifista e religioso indiano Mahatma Gandhi: “*se queres progredir não deves repetir a história, mas fazer uma história nova.*”

Outrossim, compensa encerrar o capítulo com as observações de MENDES (2001):

A religião não existe sem a festa, ou separada dela, porque é aí que se confessa a actuação e a actualidade do Mistério que se crê, e que se crê porque antes se faz presença no sujeito, habitando-o tanto quanto transcende. Não devemos confundir festa com espetáculo, nem ócio com negócio, nem mesmo a religiosa. A festa merece sempre a maior atenção e cuidado pastorais, quando sinceramente nasce dum sujeito religioso, que nem sempre coincide com as comissões que a promovem (p.23).



Café da manhã ofertado aos congadeiros na Festa do Divino.

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 2012

[1] - No Rio de Janeiro ABREU (1999) observou: “as festas populares, e especificamente o Divino, principalmente a partir do final do século XIX, fizeram parte de um importante campo de luta intelectual em torno da questão nacional, onde circulavam e disputavam, concomitantemente, visões ufanistas e saudosistas de uma antiga tradição e identidade da cidade, e concepções favoráveis, ou não, à miscigenação e às teorias científicas racistas” (p.141).

[2] - Por exemplo, desde 1999 que se realiza a partir de Matosinhos para o centro da cidade o evento evangélico “Marcha para Jesus”, promovido pelo Conselho de Pastores Evangélicos. Em 2004 foi transferido para o Tijuca em razão da violência que então imperava naquele bairro, no sentido das orações se dirigirem à sua pacificação. A Marcha para Jesus é um evento mundial, iniciado na Inglaterra em 1987 e acontece sempre no mesmo dia em todos os países que o realizam.

[3] - Ver: PASSARELLI, Ulisses. Resgate do Jubileu do Divino: passado e modernidade, teoria e prática. **O Grande Matosinhos**, n. 17, mar. / 2001.

A Festa do Divino e o alimento

Em suas raízes judaicas a festa pentecostal se ligava às colheitas e por conseguinte à fartura do alimento. Este sentido passou aos festejos católicos do Espírito Santo ainda em Portugal, de o recebemos pela transmissão dos colonizadores ibéricos.



Congados ao redor da mesa do café na Festa do Divino de São João del-Rei.

De norte a sul do país a Festa do Divino tem dentre seus componentes uma profunda ligação com alimento. O ato de servir almoço, lanches, café nos festejos do Espírito Santo é uma realidade comum em muitas festes ao Paráclito.



Refrigerantes matam a sede de congadeiros no jubileu.

O momento da alimentação é também o instante de se confraternizar. Estando os congadeiros fora de forma sentem-se à vontade para o diálogo, congraçamento e troca de experiências.



*Moçambiqueiros de Divinópolis / MG
em círculo ou deitados relaxam na cesta ...*



*Movimento, alegria, colorido, musicalidade,
algaravia de vozes se mesclam no salão do almoço.*

As muitas dificuldades de se por em prática tão grande desafio não desanimam contudo os festeiros, que trabalham o ano todo para concretizar todas as atividades previstas para o jubileu. Equipes se alternam para recolher os alimentos, preparar, servir, limpar o espaço após o almoço. Aos dançantes é preciso repor as energias dispendidas nos labores da manhã festiva, pois, logo mais, uma longa caminhada os espera: em cortejo irão buscar o Imperador para a cerimônia de coroação ...

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S.Passarelli, 2012.

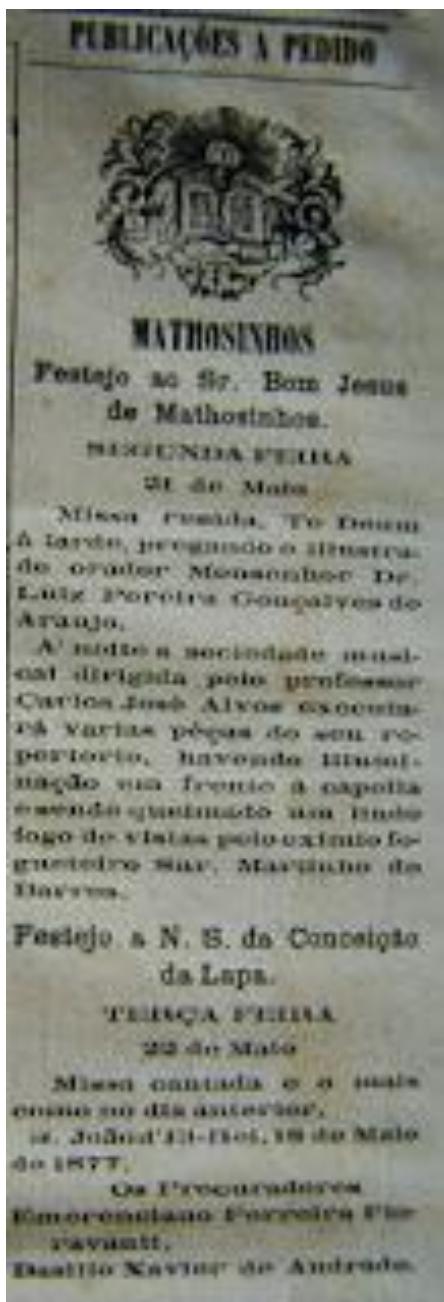
*** Veja também a apresentação de slides: [ALIMENTAÇÃO](#).

O que disseram os jornais: pesquisando os antigos jornais

As festas de Matosinhos tiveram um destaque considerável em relação a outras festividades religiosas populares na imprensa são-joanense, por quase cinqüenta anos, englobando o último quartel do século XIX e o primeiro do XX.

Felizmente há ainda muitos exemplares de jornais antigos preservados nos acervos da cidade. Pesquisei-os na Biblioteca Municipal “Baptista Caetano d’Almeida” e no arquivo do IPHAN.

O trabalho foi uma busca intensa nos jornais editados em São João del-Rei, copiando todo o texto por via manuscrita e posteriormente o trabalho de digitação. Tarefa exaustiva e paciente, nem sempre frutífera. A grafia foi conservada conforme os originais de época, inclusive acentuação e pontuação. Não mudei os títulos originais nem separei em blocos de acordo com o jornal. Dispusei por ordem cronológica, sempre citando a fonte.





*Exemplos de publicações sobre as festas de
Matosinhos
em antigos jornais de São João del-Rei.*

* Texto e fotos: Ulisses Passarelli

Compilações de textos jornalísticos publicados em São João del-Rei

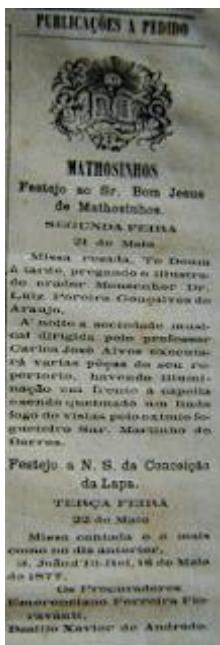
Organização e pesquisa Ulisses Passarelli

Festividade Religiosa - Arauto de Minas, n. 11, 19/05/1877

Começam amanhã os festejos do Divino Espírito Santo, em Mattosinhos, findando terça feira com a festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Em todos os tres dias de festa a cadeira sagrada será ocupada pelo Monsenhor Dr. Luiz Pereira Gonçalvez de Araujo, cujos dotes oratorios, assaz conhecidos, nos dispensam de qualquer recomendação.

Mathosinhos - Arauto de Minas, n. 11, 19/05/1877

Festejo ao Sr. Bom Jesus de Mathosinhos - segunda feira - 21 de maio. Missa resada. *Te Deum* á tarde, pregando o illustrado orador Monsenhor Dr. Luiz Pereira Gonçalvez de Araujo. Á noite a sociedade musical dirigida pelo professor Carlos José Alves executará várias peças do seu repertorio, havendo illuminação em frente á capella e sendo queimado um lindo fogo de vistas pelo exímio fogueteiro snr. Martinho Barros. Festejo a Nossa Senhora da Conceição da Lapa - terça feira - 22 de maio. Missa cantada e o mais como no dia anterior. S. João d'El-Rei, 18 de Maio de 1877 - os Procuradores Emerenciano Ferreira Fioravanti e Basilio Xavier de Andrade



Arauto de Minas, n.11, 19/05/1877

Foto: Ulisses Passarelli

A Festa de Mathosinhos - Arauto de Minas, n. 11, 19/05/1877

Como é belo e festivo o Arraial de Mathosinhos! ... Situado á margem esquerda do Rio das Mortes, com seus verdes pomares coroados de copados arvoredos de doirados fructos, parece a risonha donzella sentada à beira do riacho, madeixas soltas ao vento, e labios entreabertos, d'onde se exhala perfumado halito. No espaçoso largo se ergue a poetica igreja do Senhor Bom Jesus de Mathosinhos, cuja imagem veneranda impõe á multidão de devotos romeiros o respeito e devoção com que se destingue tanto o bom povo São Joanense. Em frente á Igreja se eleva o symbolico Cruzeiro, magestoso estandarte da redempção, como guarda avançado do Santuario, onde o Cantico dos Levitas, acompanhado de melodiosos accordes, celebra na Paschoa do Espirito Santo a descida do Paráclito. Mas, que multidão alegre e folgasan é esta, que se crusa pressurosa na pitoresca estrada, que segue da Cidade para Mathosinhos, durante os tres dias consagrados ás festas do Espirito Santo? Aqui vê-se um risonho grupo de formosas jovens, sobresahindo cada qual nos elegantes e primorosos trajes, bellas, poeticas, encantadoras, como sóem ser as filhas mimosas da terra da Santa Cruz. Acolá ruidoso circulo de jovens mancebos, que a porfia mendigam um d'aquelles ternos olhares, que penetrão no coração, como balsamo celeste, fasendo esquecer por momentos os dissabores da terra.

Olhares ternos fagueiros
Mensageiros de paixão
Chegão ferventes ao peito
Penetrão no coração.

Mais adiante a multidão de pandegos invade os botequins e pitorescas barraquinhas, formadas de ponteagudas folhas de verde pita, e na gastronomica apreciação de bella posta de lombo, ou tostada costelleta de leitão, regadas do roixo licor, ou da branquinha brasileira, concorre á seu modo para os festejos. Mas, lá repicão os sinos: começa a festividade religiosa. Do coro da Igreja partem melodiosos accordes, sobe a tribuna sacra o levita e sua palavra authorizada e eloquente traz como que suspensos os numerosos ouvintes. Termina-se a festa de dia com solemne *Te-Deum Laudamus*. É noite. O pitoresco largo illuminado caprichosa e fantasticamente se enche da multidão, que, aos sons de escolhidas peças musicaes executadas no coreto erguido junto à Igreja, assiste ao fogo de artifício queimado em honra ao Divino Espirito Santo. Algumas cabeças exaltadas por copiosas libações, começão á produsir chistosas provocações ao fogueteiro, adubadas de vaias e gritos dos moleques, fregueses infalliveis em toda parte. Terminado o fogo, lá se promove uma partida familiar, em que as mimosas cinturinhas das bellas em rapidos volteios de uma Walsa ou Polka, deixão ver quanto são elegantes corpinhos, que sobre ellas assentam. Alem, n'aquelle casinha se reune uma sucia folgasan, que ao som de requebrada viola, e cadente sapateado, mostra que nunca são esquecidas as danças nacionaes nos folguedos do povo. E assim passa-se o restante da noite até quando o sol nascente, espancando as trevas, chama a todos á realidade da vida, e cada qual á seus affaseres. Como é bella a festa de Mathosinhos!

E depois ah! que saudades
Esta festa nos deixou!
Dita foi, repetem todos,
que pouco tempo durou.
F.E.M.M. [1]

Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 12, 26/05/1877

As festividades do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos e de Nossa Senhora da Lapa foram interrompidas pelas copiosas chuvas que cahiram nos dias destinados para estes festejos, sendo transferidos e effectuados nos dias 24 e 25 do corrente.

Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 13, 08/06/1878

No Arraial de Mathosinhos se celebrão nos dias 9, 10 e 11 do corrente as festividades do Divino Espírito Santo, do Senhor Bom Jesus de Mathosinhos e Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Festa do Divino Espírito Santo em Mathosinhos - Arauto de Minas, n. 13, 08/06/1878

Sabbado (8 de junho): serão repartidas no Largo do Carmo, ao meio dia, esmolas aos pobres, promovidas pelo Procurador Manoel Rodrigues Moreira. Á noite a banda de muzica do intelligente maestro Martiniano Ribeiro Bastos percorrendo as principaes ruas da Cidade irá terminar a grande serenata no Arraial de Mathosinhos.

Domingo (9 de junho) Ás 10 horas e meia se celebrará na Capella de Mathosinhos MISSA CANTADA, repartindo-se os pães bentos e veronicas do Espírito Santo. Se effectuará á tarde a eleição dos novos mesários por meio de sorteio, seguindo-se sermão pelo distinco orador Dr. Luiz Pereira Gonçalvez de Araújo, depois do qual será cantado *Te-Deum*. Á noite será queimado um bem ordenado fogo de vistas pelo habil fogueteiro snr. Martinho de Barros, executando a banda de musica as mais escolhidas peças. São João d'El-Rei, 1 de Junho de 1878 - O Procurador da Festa - Domingos Augusto da Assumpção [2]

Festejo do Divino Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 9, 04/05/1879

O Exmo. Sr. Barão do Carandahy [3] mandou entregar ao Sr. Francisco Tiburcio Dias Carneiro, Procurador da festividade do Espírito Santo, em Mathosinhos, a quantia de 400\$000 com que entra para o respectivo festejo, na qualidade de Imperador.

Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 11, 23/05/1880

Esta festa que de costume é celebrada em Mathosinhos foi adiada para 18, 19 e 20 do mez de Julho. [4]

Programma da Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 18, 15/07/1880

17 de Julho. Ao meio dia serão repartidas esmolas aos pobres, e á noite haverá passeata de musica que percorrerá as ruas desta cidade e o Arraial de Mathosinhos.

Dia 18. Haverá missa ás 6 horas na Capella de Mathosinhos por tenção das pessoas que concorrerão com esmolas para os pobres; ás 11 horas depois da homilia do Rvd. Parochio entrará a Missa Solemne e distribuir-se-ha pelo povo veronicas e pães bentos. Ás 4 horas terá lugar o sorteio do novo Imperador e mais mezaríos, seguindo-se sermão que será pregado pelo Revdm. Vigario Antonio José da Costa Machado e *Te-Deum*. Ao anoitecer haverá visitação na Egreja e no largo fogo de artificio preparado pelo habil artista Martinho Jose de Barros Lima, executando nessa occasião a banda de musica, regida pelo distinco professor Martiniano Ribeiro Bastos lindas e variadas peças em corêto brilhantemente illuminado e armado na porta da Egreja. O Procurador da Festa - Paulo Augusto de Magalhães.

Ao Bom Jesus de Mathosinhos e Nossa Senhora da Conceição da Lapa - Dia 19 e 20. Haverá missa resada, sermão á tarde pelo Revdm. Vigário Costa Machado e *Te-Deum*, á noute algum fogo, bem como no mesmo coreto ainda ornado e illuminado nos fará ouvir fortes e bellos sons harmoniosa banda dirigida pelo distinco e intelligente professor Carlos José Alves.

Festa de Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 11, 21/05/1881

Se celebrarão na epocha propria os festejos do Espírito Santo com a pompa do costume, começando no dia 5 do mez de Junho proximo.

(Nota s/ título) - Arauto de Minas, n. 11, 21/05/1881

Jerônimo Pereira Leite de Carvalho Bastos previne os seus amigos que durante os dias de festa em Mattosinhos tem botequim e hotel, para o que espera a concurrencia dos seus amigos.

Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 13, 04/06/1881

Sabbado (4 do corrente). Á noute percorrerá as ruas desta cidade a banda de musica do professor Martiniano Ribeiro Bastos, terminando a passeiata no Arraial de Mathosinhos.

Domingo. Missa cantada com destrubuição de pães bentos, sorteio dos novos mesarios á tarde, em seguida *Te-Deum*. Á noute se queimarão fogos artificiaes, tocando a musica variadas peças em coreto, havendo caprichosa illuminação.

Segunda Feira - Festa do señor Bom Jesus. Missa com musica, destrubuindo-se veronicas bentas á tarde *Te Deum* e sermão pelo Juiz da Festa Revdm. dr. Joaquim M. da Rocha Pinto. Á noute a banda de musica regida pelo professor Carlos José Alves executará no coreto escolhidas peças, queimando-se fogos de cores.

Terça Feira - Festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Missa com musica, distribuição de veronicas bentas. *Te Deum* á tarde. Á noute fogos, esplendida illuminação e musica no coreto, regendo a orchestra o professor Carlos J. Alves.

Os Procuradores: Francisco de Souza Pereira / Bernardo José Carneiro / Manoel Ancelmo A. de Oliveira

Festa Religiosa - Arauto de Minas, n. 13, ano 5, 04/06/1881

Amanhã no poeticó arraial de Mattosinhos começam os festejos do Divino Espírito Santo, havendo como de costume trez dias de festas.

Festa de Mattozinhos - Tribuna do Povo, n. 5, 18/05/1882

Nos dias 28, 29 e 30 do corrente mez celebrar-se-ha, como é de costume, a grande festa do Senhor de Mattosinhos (sic). Os devotos dessa festa, concorrem pressurosos para o seu brilhantismo, esperando que a popularidade da boa e religiosa cidade de S. João d'El-Rei, ainda esta vez, frequente aquele arraial.

Festa do Divino Espírito Santo em Mattosinhos - O Arauto de Minas, n. 4, 20/05/1882

Sabbado - 27 de maio. A noite a banda do intelligente maestro Martiniano Ribeiro Bastos, percorrendo as principaes ruas da cidade irá terminar a grande serenata no Arraial de Mattosinhos.

Domingo. As 10 horas e meia se celebrará na capella de Mattosinhos missa cantada, repartindo-se pães bentos e veronicas do Espírito Santo. A tarde se effectuará a eleição dos novos mezarios por sorteio, seguindo-se sermão pelo distinto pregador Conego Machado, depois do qual será cantado o *Te Deum*. Á noite serão queimadas diversas peças de fogos de vistas, pelo habil fogueteiro sr. Martinho Barros, executando a banda de musica no coreto postado ao lado da Egreja as mais lindas peças.

S. João d'El-Rey, 15 de Maio de 1882 - O Procurador da Festa - Francisco Honorio de Oliveira

Festa de Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 5, 27/05/1882

Nos dias 28, 29 e 30 do corrente celebram-se como de costume, no poeticó arraial de Mattosinhos as legendarias festas do Divino Espírito Santo, Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora da Lapa. Consta-nos que haverá trem para aquelle arrebalde a 200 rs. por cada passageiro [5].

Mattozinhos - Tribuna do Povo, n. 6, 16/06/1882

Correu com todo brilhantismo a festa nos tres dias em Mattozinhos (sic). Não podemos deixar de tecer um elogio á banda de musica dirigida pelo sr. Carlos José Alves, que, tocando diversas peças importantes, muito satisfez á multidão que lá se achava. Tocando ultimamente a polka - *O Jongo dos Noivos* - foi applaudida por estrepitosos vivas e palmas.

Festa de Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 2, 17/05/1883

A tradicional Festa do Divino esteve este anno animada e muito concorrida. Foram cinco dias cheos! Não faltaram as ronqueiras, fogos de vistas, botequins em larga escala, jogos variados e a dança de velhos. Muitos suspiram hoje saudosos dos dias que se passaram e batendo nos bolços não ouvem o tirlim-titím dos cobres que se foram...

Leilão de Prendas - Luzeiro, n. 19, 08/03/1884

Domingo, 9 do corrente, a noite haverá leilão em frente á igreja matriz [6], para adjutorio das despezas da festa de Mattosinhos. A Comissão pede o concurso das pessoas com algumas prendas e que as remetam ao thesoureiro, sr. Herculano de Assis Carvalho.

Festa de Mattosinhos - Gazeta Mineira, n. 29, 16/06/1884

As festas que animadamente se celebrão todos os annos em Mattosinhos, por occasião do Espírito Santo, forão, este anno augmentadas de um divertimento, novo para a maxima parte dos habitantes deste lugar [7]: queremos fallar das cavalhadas. São estas uma recordação ou imitação dos velhos combates entre mouros e christãos. Para isso foi nivelada a bella e extensa praça que enfrenta a capella do Senhor

Bom Jesus, e construida em circulo uma imensa ordem de palanques altos, vistosamente ornados e destinados a certa parte dos assistentes, ficando reservado para o povo todo o espaço por baixo desses palanques. Durante quatro dias, a começar de Domingo, oito cavalleiros mouros e sete christãos, vindos dos lados do Rio Novo e do Pomba, caprichosamente vestidos e montando lindos cavallos ricamente ajaezados, proporcionarão um lindo passatempo á enorme multidão que correu pressuosa a gozar de um divertimento, que, desde muitos annos, não se via nesta cidade ou em suas circumvisinhanças. Um rei mouro occupava, soberbo, bonito palanque, que lhe servia de throno, tendo ao lado uma interessante princezinha vestida com todo o gosto e esplendor; e garbosos cavalleiros executarão variados combates e torneios que começando ás trez horas da tarde, prolongavão-se até as seis. A ultima hora era destinada ao tiramento das argolinhas, que offerecidas a alguns dos assistentes provocavão da parte destes as retribuição por meio de prendas. De alguns palanques forão offerecidas aos cavalleiros importantes prendas, consistindo em ricas peças de setim, algumas com inscripções douradas, em almofadinhas de seda, em lindos ramos de flores artificiaes, etc. A verdade é que a festa profana suffocou a propriamente religiosa, que este anno, mais que nos passados, passou quasi desapercebida. A digna commissão que tomou aos hombros a realisação desse novo divertimento merece muitos elogios, destacando poderosamente, d'entre seus membros, o sr. Herculano de Carvalho que foi de uma actividade e de um empenho sem iguaes. Exceptuada a desordem de que damos nocticia em outro lugar [8], não houve durante a longa e concorrida festa a minima alteração da ordem publica, o que muito honra a indole pacifica e ordeira de nossos conterraneos.

Soirée – Gazeta Mineira, n. 29, 16/06/1884

Os nossos amigos srs. Drs. Galdino das Neves Sobrinho e Juvenal das Neves offerecêrão, no dia 7 do corrente, em caza de seu mano, o sr. Capitão José Juvencio, um jantar e uma *soirée* a alguns dos cavalleiros, corredores de cavalhadas, que ficarão nesta cidade até esse dia.

(Nota s/ título) - Arauto de Minas, n. 8, 17/05/1884

Em Mathosinhos no Botequim “Recreio das Famílias” encontrarão as Exmas. Famílias comodos proprios e decentes onde se servirá com prontidão, aceio e preços razoaveis - jantares, almoços, ceias, cafés, sequilhos, comidas frias, vinhos, finos licores, doces de todas as qualidades.

Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 8, 17/05/1884

Promettem ser esplendorosos os legendarios festejos do Espírito Santo, no poetico e ameno arraial de Mathosinhos, suburbio desta Cidade. Os festeiros preparam para este anno, nos dias 1, 2 e 3 de Junho, grande função. Alem dos actos religiosos, as festas profanas tem de atrair um sem numero de romeiros e devotos que da redondesa e de longe correrão ao visinho arraial, onde as casas tem subido a 100\$000 de alluguel somente por trez dias. Alem de cavalhadas, para cujo torneio vem distintos fazendeiros do Rio Novo, com soberbos corseis, teremos danças á phantasia e spectaculos pela companhia do afamado artista bazileiro Manoel Pery. Os nossos estimados amigos srs. José Antônio de Almeida e Manoel Anselmo Alves d'Oliveira, desejando proporcionar facil e commodo meio de locomoção para Mathosinhos acabam de contratar com a C.E. de Ferro d'Oeste um trem, que durante os dias de festa, se porá á disposição do publico pelo modico preço de 300 rs. em 1^ª Classe e 200 rs. em segunda, ida e volta [9].

Festa do Espírito Santo - Cavalhadas em Mathosinhos - Arauto de Minas, n. 8, 17/05/1884

Uma esplendida festa se prepara para ter lugar nos dias 1, 2 e 3 de junho p.f. Alem das festas do costume será abrillantada com cavalhadas para as quaes se prestão distintos cavalheiros do Rio Novo, sendo o seguinte: Domingo, 1º de Junho haverá Missa Cantada com sermão ao Evangelho, á tarde cavalhadas e a noute *Te Deum* sermão, fogos de artificio e coreto de musica. No dia 2, missa cantada, a tarde cavalhadas, *Te-Deum* sermão, á noute fogos e musica. No dia 3, Missa solemne, á tarde cavalhadas, depois *Te-Deum*, sermão, fogos e musica, etc. Alem destes festejos contamos com os trabalhos da bem conhecida e bella companhia equestre do afamado Pery.

Cavalhadas - Arauto de Minas, n. 10, 14/06/1884

Nos dias 1, 2, 3, e 4 de Junho se realizaram, no pittoresco arraial de Mattosinhos, arrabalde desta Cidade os festejos em honra ao Divino Espírito Santo. Durante todos esses dias os trens da Oeste não cessavam dia e noite de transportar concurrentes á festa que esteve realmente boa. Para mais de 5 mil pessoas durante esses dias atufava a praça e as poeticas chacaras do risonho povoado. Illustres fazendeiros do Rio Novo vieram obsequiosamente dar esplendor a festa representando os antigos combates entre Mouros e Christãos. Os palanques formando amphitheatro, ornado de gualhardetes e bandeiras, estofos de variegadas côres, estavam cheios de gente. As corridas se realizaram de modo a entusiasmar os illustres

lidadores, montados em soberbos corseis, manejando a lança, a espada ou o trabuco. O soar das bandas de musica, unido ao troar dos fogos, vinha tambem concorrer para excitar o entusiasmo do povo, que não se cansou em applaudir aos cavalheiros e obsequia-los. Deixam as cavalhadas uma epocha gravada, provocando sempre saudades.

Mattosinhos - Festa do Espírito Santo - Arauto de Minas, n. 10, 17/05/1885

No sabado, 23 do corrente ao meio dia, será distribuido em casa do Sr. Francisco Carneiro, carne aos pobres. Á noite a banda de musica Lyra S. Joannense, sob a direcção do sr. Luiz Baptista Lopes [10], percorrerá as ruas desta Cidade e o arraial de Mattosinhos. Domingo haverá Missa solemne ás 11 horas, distribuindo-se Pão Bento e veronicas. Ás 4 horas da tarde se procederá ao sorteio de novos mezarios. Seguir-se-á sermão pelo Revdm. Conego Vigario Francisco de Paula da Rocha Nunam terminando com *Te Deum* [11]. Á noite queimar-se-á um lindo fogo de artifício tocando musica no coreto á porta da Egreja escolhidas peças e illuminação *a giorno*.

Festa do Senhor Bom Jesus. Segunda Feira, 25 de Maio, celebrar-se-á Missa rezada com musica as 10 e meia horas, *Te Deum* á tarde. Á noite o mesmo que no precedente.

Festa de Nossa Senhora da Lapa. Terça Feira, 26 de Maio haverá ás 10 e meia horas Missa com musica e *Te Deum* á tarde, pregando o Revdm. Mestre Joaquim Ignacio Vianna. Á noite o mesmo que nos precedentes.

S.João del-Rei, 17 de Maio de 1885 - Os Procuradores: João das Neves Silva Rios, Joaquim da Cruz Silva Rios e Francisco Tiburcio Dias Carneiro

Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 11, 23/05/1885

Amanhã celebra-se na Egreja de Mattosinhos a festa do Divino Espírito Santo como é de costume anualmente. Na segunda e terça-feiras se effectuarão na mesma capella as festas de Senhor Bom Jesus de Mattosinhos e Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Festas de Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 12, 01/06/1885

Realisaram-se as legendarias festas de Mattosinhos este ano com grande concorrencia de povo, todavia não tanto como nos anteriores. Durante quatro dias, desde o Domingo de Espírito Santo até quarta-feira, os trens da Oeste despejaram sobre o festivo arrabalde lufadas de povo. Não tivemos as celebres Cavalhadas, Danças de Velhos, Touradas, Danças de Fitas que em taes festejos entretem e chama a concurrencia de povo, em compensação não faltaram os festins familiares, boa musica a deliciar os visitantes, illuminação *a giorno* e diversões de que ficaram gratas recordações.

Festas de Mattozinhos - Arauto de Minas, n. 7, 14/05/1886

Celebram-se este anno com a mesma solemnidade e gosto do costume as festas do Espírito Santo no poetico arraial de Mattozinhos. Já se observa o movimento de transladação de diversas famílias que, nas vesperas desta romaria passam a residir no pitoresco arrabalde, que transforma-se nesta ocasião em um verdadeiro *bois de Bogue* da sociedade são joanense.

Festa de Mattosinhos - Arauto de Minas, n. 10, 15/05/1887

Como de costume se realizarão no corrente anno, nos dias 29, 30 e 31 do presente mez as festas do Espírito Santo no pitoresco arraial de Mathosinhos, arrabalde desta cidade.

Para festa - A Pátria Mineira, n. 3, 30/05/1889

Em casa de Gustavo Campos & C. chegou um variadíssimo sortimento de chapéos para senhoras, para homens e meninos, luvas de varios preços, fazendas das mais modernas, chapéos de sol, etc. Rua do Commericio. São João d'El-Rey.

Festas de Mattosinhos - A Pátria Mineira, n. 55, 29/05/1890

Realisaram-se no domingo, segunda e terça desta semana as festas de Mattosinhos. Estiveram attrahentes como nos annos anteriores e concorridas por quasi todas as familias da cidade. A musica, os fogos, a illuminação, os actos religiosos corresponderam em tudo á espectativa dos romeiros e das graciosas romeiras. Deram bom motivo ao passeio de dois kilometros que os consecutivos trens da Oeste tornaram facil áquelles que o não quizeram emprehender servindo-se da propria locomoção. Applaudimos aos festeiros deste anno e esperamos que os novos hão de se desempenhar no anno vindouro com dobrado esplendor. Desde já nos preparamos para também applaudí-los [12].

Roleta - A Pátria Mineira, n. 55, 29/05/1890

Esteve em pleno reinado a roleta durante os tres dias de festas que se realizaram em Mattosinhos suburbio desta cidade. Dizem-nos que a policia está no velho habito de tolerar esse e outros jogos de parada em taes dias. Nós, porém, não admittimos dias santos para os vicios, (...) Tratemos de dar combate aos maus habitos, por mais velhos que elles sejam.

(Nota s/ título) - **A Pátria Mineira**, n. 105, 14/05/1891

Realisam-se na proxima semana os festejos de Mattosinhos. A festa, ao que nos consta, será celebrada com a pompa e solemnidade dos annos anteriores.

(Nota s/ título) - **A Pátria Mineira**, n. 106, 21/05/1891

Realisaram-se as festas de Mattosinhos que começaram domingo e terminaram hontem quarta-feira. Foram, este anno, extraordinariamente concorridas e estiveram como sempre attrahentes.

Festas de Mathosinhos - Gazeta Mineira, n. 347, 10/06/1891

Para mezarios destas festas que se realizarão pelo Pentecostes de 1892, foram eleitos os seguintes srs: Do Divino Espirito Santo

Imperador - Dr. Aureliano Mourão

Imperatriz - D. Emilia Rosa da Rocha

Caudatario - Augusto Frederico Muller

Pagem do Estoque - Carlos José da Cunha

Procurador da Festa - Antônio Augusto Campos da Cunha

Procurador dos Pobres - Aureliano Herculano da Silva

Alferes da Bandeira - Carlos Alberto da Cunha

Mordomo da Capella - Christiano Augusto de Castro e Silva

Mordomos Ajudantes – Francisco Silva de Medeiros Simas, Guilherme Moreira Coelho, Carlos Muller Sobrinho, Henrique Ribeiro da Silva Castro, João Baptista Soares Osorio, José Isidro Teixeira, Domingos Pinto Monteiro, João Baptista Gonzaga

Do Bom Jesus de Matosinhos

Juiz - Francisco José Vieira Ferraz

Juiza - D. Maria Sophia Isaacson

Secretário – Francisco Ayres Cunha

Thesoureiro – Antonio de Castro Moreira

Procurador – João José Lopes

De Nossa Senhora da Conceição da Lapa

Juiz - João Carlos Vieira Ferraz

Juiza - D. Rosalina Neves de Paula Leite

Secretário – Antonio Gonçalvez Junior

Thesoureiro – Affonso Pimentel

Procurador – Antonio José Rodrigues

De Nossa Senhora Santa Anna

Juizes - Cônego Francisco Nunan, Daniel A. de Paiva e Herculano de Assis Carvalho

Juizas – D. Anna Custodia de Almeida Pinto, Alzira Callado, Anna Eugenia Campos da Cunha Coelho

Procurador – Carlos José Alves, Emilio José dos Passos

Festa de Mattosinhos - A Pátria Mineira, n. 155, 02/06/1892

Nos dias 5, 6 e 7 do corrente realizam-se as concorridas festividades em Mattosinhos, cujo programma é o seguinte: sabbado, vespera da festa, ao meio dia, será feita a distribuição da carne aos pobres necessitados, no açougue do alferes Belisario. Ás 7 horas da noite a banda de musica do maestro Martiniano Ribeiro percorrerá as ruas da cidade, finalisando a passeata no arraial de Mattosinhos. Domingo haverá missa solemne ás 11 horas da manhã e distribuição de veronicas e pães bentos, pregando o rvm. padre João Pimentel. Ás 4 da tarde far-se-á o sorteio dos novos mesarios, que deverão servir no futuro anno, ocupando em seguida a cadeira evangelica o rvm. Conego Nunan e terminando a festa com o hymno *Te Deum Laudamus*. Á noite haverá caprichosa illuminação na egreja e no largo, executando a banda de musica do referido maestro Martiniano, no respectivo coreto, lindas e escolhidas peças do seu vasto repertorio, e queimando-se nos intervallos variados fogos artificiales do habil pyrotechnico Carlos André. Segunda Feira, ás 10 e meia horas da manhã, celebrar-se-á missa resada, e, á tarde, pregará o sermão do Senhor Bom Jesus o rvm. padre Pimentel, finalisando com o *Te Deum Laudamus*. Á noite a mesma banda executará excellentes peças, havendo illuminação e fogos de artificio. Terça feira, ás 11

horas da manhã, haverá missa cantada, sermão de Nossa Senhora da Conceição da Lapa pelo revm. padre João do Sacramento e em seguida *Te Deum*. À noite illuminação e fogos, tocando no coreto a banda de musica Lyra S.Joannense.

***Festa de Mattosinhos - A Pátria Mineira*, n. 156, 09/06/1892**

Tendo começado domingo, terminaram-se hontem as costumadas festas de Mattosinhos. Os trens extraordinarios estabelecidos pela Oeste, regorgitam passageiros para aquelle aprasivel arrabalde desta cidade e não deve ter sido má a receita da companhia. A illuminação, os fogos de artificio corresponderam á expectativa. Apezar do grande ajuntamento, a ordem publica permaneceu inalteravel. Com muita satisfação e outros tantos elogios, noticiamos que pela primeira vez, desde longos annos, a roleta deixou de funcionar como parte integrante das festas de Mattosinhos. A satisfação é nossa, já se sabe, e os elogios são para o delegado de policia Carlos Miguel Isaacson, que tem demonstrado que sabe e pode exercer o cargo.

***Mattosinhos - Gazeta Mineira*, n. 435, 08/06/1892**

Com a pompa e animação costumadas realizarão-se nos dias 5, 6, e 7 do corrente, as tradicionaes festas do Espirito Santo, na proxima povoação de Mattosinhos. Muito povo, musica magnifica, fogos excellentes, eloquentes sermões, extraordinaria alegria e completa inalterabilidade da ordem publica; esta enunciação é suficiente para deixar avaliar-se de quantos attractivos foi, este anno, cheia a mais apreciada das festas que se celebrão nesta cidade.

(Nota s/ título) - Gazeta Mineira, n. 437, 13/06/1892

Foi escolhido Imperador para a festa do ano vindouro o sr. Comendador Francisco de Paula Leite. Os que conhecem a fidalguia e liberalidade deste distinto cavalheiro, já por tantas vezes revelados em festas religiosas desta cidade, prevêem, com razão, o esplendor e brilho da futura e popular festividade do Divino Espírito Santo de Matosinhos.

***Annuncios - p/ as Festas de Mattosinhos ou p/ o frio - A Pátria Mineira*, n. 201, 11/05/1893**

Ricos palitots bordados para senhoras, de 20\$ a 40\$. Capas de lã para criança, de 7\$ a 12\$. Chales de lã, algodão e casemira. Ricos tapetes para sala. Ricos bordados. Grande quantidade de meias para senhoras e crianças. Preço sem competencia! Isto só se encontra em casa de: CARDOSO & COMP. PRAÇA DO ROSÁRIO

***Programma das Festas de Mattosinhos - A Pátria Mineira*, n. 202, 18/05/1893**

Festas do D.Espirito Santo. Na noite do dia 20 a banda de musica percorrerá as ruas da cidade. No dia 21 “missa nova” solemne do rvm. padre Heitor Augusto de Trindade, distribuindo-se pães bentos ao glória e havendo beija-mão do novo sacerdote depois da missa. Ás 5 e meia horas da tarde, sorteio do imperador e mais officiaes que hão de festejar o Divino Espirito Santo no futuro anno. Em seguida, ocupará a tribuna sagrada o padre João Pimentel, terminando-se a festa religiosa pelo *Te Deum*. (2º e 3º como nos annos anteriores). Em todos os 3 dias depois dos festejos religiosos, será o largo illuminado, queimando-se fogos de artificio do pyrotechnico Henrique Vieira, e a banda de musica do maestro Ribeiro Bastos executará escolhidas peças. Os Procuradores: Antonio de Assis Pereira, João Evangelista Pequeno e Antenor Augusto Angelim

***Botequim Amburana - Gazeta Mineira*, n. 486, 20/05/1893**

Cheguem-se ao bom gosto sem rival! Em Mattosinhos!! Encontrar-se-ha o Salathiel de Paiva commissario de superior *queijo do reino* e seu auxiliar Felippe Trindade que, durante os tres dias da festa, pretende esquecer as suas amaveis formas de sapatos para melhor acudir, com promptidão e ligeireza, aos seus freguezes e amigos esperados. A QUALQUER HORA café, ceias, bebedas de todas as qualidades. Barateza sem rival!!! (Não ficando o freguez prejudicado nem o dono com pouco lucro). Encontra-se commodos reservados e completamente preparados para bem servir as exmas. familias que prefirão O BOTEQUIM AMBURANA.

***Excellente Restaurant de Matheus Santos - Gazeta Mineira*, n. 486, 20/05/1893**

Durante as festas do Espirito Santo encontram-se no Restaurant almoços, luncheons, jantares e ceias preparados com extremo capricho, aceio e proficiencia. Bebedas de todas as qualidades, e com especialidade, as de marca COMETA, fornecida pela casa depositaria, desta cidade. A lista de todos os preços estará affixada na sala do Restaurant. Sala reservada para familias. MATTOSINHOS.

***A Barateza !!! - Gazeta Mineira*, n. 486, 20/05/1893**

Grande, bem montado o magnifico botequim, nas condições de servir perfeitamente o respeitavel publico, durante as festas do Espirito Santo. O Botequim da Barateza não tem competidor e si não experimentem!!! Tudo bom e barato !! Proprietario - Luiz Pereira Cardoso. 26 LARGO DE MATTOSINHOS 26

O ponto da ponta!!! - Gazeta Mineira, n. 486, 20/05/1893

Ao Gato Ruivo do que uza cuida! ... Sim, rapaziada, cuida de boas petiscadas. Jose Furtado de Campos. Em Mattosinhos. Á elle!! Na ponta; lá se acha o Chico Elias para bem servir aos gastronomos. ECONOMIA, ACEIO e DEMOCRACIA[13]

Festa de Mattosinhos - A Pátria Mineira, n. 203, 25/05/1893

Estão passados os tres dias de apreciadas festas de Mattosinhos. Domingo, apezar do tempo ameaçador, houve concorrença regular e bem assim nos dias subsequentes. Os restaurants e botequins improvisados obtiveram bastante animação e estiveram constantemente repletos de freguezia. A orchestra do maestro Ribeiro Bastos, na fórmula do costume, exhibiu em coreto magníficas peças de seu repertorio. A iluminação e os fogos estiveram muito longe dos esplendores dos annos passados. A receita parece que este anno foi curta e não deu para grande coisa. A roleta campeou em liberdade e mais de um filho-familia teve occasião de iniciar-se no vicio. Os trens da Oeste devem ter transportado durante as festas mais de tres mil passageiros. Hontem os ultimos romeiros se entretiveram com o enterro dos ossos e os botequins levantaram as cestas, com pezar, já se sabe, dos empresários. Venham para o anno melhores festas; e não sirva este voto de ofensa a aquelles que este anno fizeram o que foi possivel fazer.

Mattosinhos - Gazeta Mineira, n. 487, 27/05/1893

Nos dias 21, 22, 23 e 24 effectuarão-se, na proxima povoação de Mattosinhos, as tradicionaes e sempre muito concorridas festas do Espirito Santo, sendo melhores os festejos externos do terceiro dia. Para as solemnidades do anno vindouro foram escolhidos os seguintes festeiros [14]:

Imperador - Ernesto Rodrigo de Assis e Silva

Imperatriz - D.Francisca da Rocha Paranhos. (Etc.)

Gazeta Mineira, n. 536, 12/05/1894

(...) SABBADO, 12 de Maio - às 6 ½ horas da tarde, haverá a ultima novena solemne, depois da qual percorrerá o Largo a banda Ribeiro Bastos, havendo leilão à porta da Egreja. Nesse dia, apesar de ser de jejum, se distribuirá carne aos pobres, do meio dia por diante, no açougue dos srs. Paixão & Irmão, mediante cartões distribuídos sexta-feira pelo Procurador Pedro Moreira. Por promessa também do tenente Belisário de Andrada, distribuirá domingo, carne aos pobres mediante cartões que ele fornecerá. DOMINGO, 13 de Maio - Festa do Divino Espírito Santo. Às 8 horas missa rezada. Às 11 horas missa solene e distribuição de registros, medalhas e pãezinhos. Prega o evangelho o Revm. Vigário Cônego Nunan. Às 5 da tarde eleição dos novos mesários. Às 6 ½ horas te Deum, pregando o rvm. Padre João Pimentel. Explêndida iluminação e ornamentação caprichada em torno da igreja pelo hábil amador farmacêutico Desidério Rodarte. Tocará no coreto escolhidas peças e algumas novas a insigne banda do exímio maestro Ribeiro Bastos e queimar-se-á um grande e magnífico fogo de artifício executado pelo excelente artista Henrique.

SEGUNDA-FEIRA, 14 de Maio - Festa do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos. Às 11 horas missa cantada, distribuindo-se verônicas por occasião do Glória. As 4 horas da tarde sairá a procissão do Senhor, percorrendo o Largo, pregando à entrada, o Rvm. Padre João Pimentel, seguindo-se *Te Deum*. Haverá grande iluminação, fogos de artifício, relampagos com magnezium em pó, etc. Tocará no coreto a Banda do maestro Ribeiro Bastos.

TERÇA-FEIRA, 15 de Maio - Festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Às 10 horas missa com música. Às 5 horas *Te Deum*, pregando o Rvm. Padre Gustavo Coelho. Haverá iluminação, fogos de artifício e tocará no coreto a banda do Maestro Ribeiro Bastos.

QUARTA-FEIRA, 16 de Maio - Festa de Sant'Anna. Às 10 horas missa com musica. Às 5 horas *Te Deum* pregando o Rvm. Padre Gustavo Coelho. Haverá iluminação, fogos de artifício e tocará no coreto a Banda do maestro Ribeiro Bastos.

Festa de Mattosinhos - Gazeta Mineira, n. 537, 02/06/1894

Nos dias 13, 14, 15 e 16 do mez que passou realizarão-se as tradicionaes festas que, todos os annos se celebrão em Mattosinhos, poeticó suburbio desta cidade. O programma publicado nesta folha foi executado á risca e caprichosamente acrescido de uma procissão no ultimo dia. As festividades quer no interior do templo, quer fóra deste, estiverão magnificas, havendo sido enorme a concurrence popular. A

ornamentação da praça foi, este anno, de mais gosto e riqueza do que em annos anteriores e fez-se apreciar a conceituada corporação musical do maestro Ribeiro Bastos. (Etc.) [15] .

800\$000 - O Resistente, n. 12, 19/06/1895

Pois então o Imperador do Espirito Santo deu 600\$000 e a Imperatriz 200\$, perfazendo 800\$000, para as despesas do primeiro dia de festa de Mattosinhos, e não se pôde comprar nem fogos de artifício?

Expliquem-nos como é que o Domingo foi justamente o dia mais chôcho das festas! É extraordinario! S. João d'El-Rey, 5 de Junho de 1895 - "O espreita"

Festa de Mattosinhos – O Resistente, n. 55, 30/05/1896

Os tradicionaes festejos do Espirito Santo correram este anno muito frios. Pode-se dizer que a festa constou de jogatina: mil e uma roletas, centenas de jaburús, rodas da fortuna, vermelhinha, cavallinhos, dados chumbados – uma diabruma emfim de meios de comer os cobres dos incautos. É progresso! ...

(Nota s/ título) – O Resistente, n. 93, 03/06/1897

Começa no Domingo, em Mattosinhos, a poetica e popular festa do Divino Espirito Santo, que sempre leva grande romaria ao pittoresco arrabalde e se prolonga por 3 a 4 dias consecutivos. Durante ella haverá este anno, á frente da egreja, das 7 horas em deante , bellos leilões de prendas em beneficio das obras de reconstrução da torre, tendo já sido escolhidos e comunicados as commissões de senhoras incumbidas de promover os necessarios donativos.

(Nota s/ título) – O Resistente, n. 93, 03/06/1897

Caridoso e bello costume nesta cidade é o da distribuição de carne aos pobres no Domingo do Divino Espirito Santo, e o qual ainda se repete no dia 6 do corrente.

Festa de Mattosinhos – O Resistente, n. 93, 03/06/1897

Grande e importantissimo leilão que se fará durante todos os quatro dias de festa das 7 horas da noite em deante. De dia estará sempre aberto tambem o grande deposito, á disposição do publico para vender tudo apenas pelo custo do Rio e carro. Equivale a um excellente botequim.

Festa de Mattosinhos – O Resistente, n. 94, 10/06/1897

Concorrencia e grande animação geral de kermesse, leilões, jogos e outros divertimentos tiveram este anno as pittorescas festas de Mattosinhos. As barraquinhas diversas que de todo lado se levantavam, toscas, irregulares, mas abundantemente illuminadas, a regorgitarem de povo, davam ao bello largo d'aquelle arrabalde um acabado aspecto de feira sympathica e festiva. O povo encheia a egreja e ao mesmo tempo todos os botequins e todos os centros de diversão na mais alegre comunicação de convivencia jovial e amistosa. Durante todos os 4 dias, Domingo, Segunda, Terça e Quarta-feira, que como de costume durou a festa, a concorrencia foi sempre a mesma e a mesma animação e alegria. O encanto das noites enluaradas que cahiam branquissimas e serenas do céo anilado e limpidos, d'onde simultaneamente se coava o frio regelador, proprio de junho, punha uma nota a mais de festa na natureza, para reflectil-a sobre a ampla e garrida multidão de homens e senhoras que se acotovelavam na praça. E tinha o seu lugar o contraste de cores de *toilets*, destacando os grupos, singularisando as pessoas, deshomogenisando toda aquella massa animada e apertava, ora se rarefazia e disseminava por toda parte. O serviço de transporte dos romeiros foi feito por trens especiaes da EFOM e o por carros e cavallheiros que se cruzavam a toda hora pela larga e excellente estrada de rodagem, que desta cidade conduz até alli. Para nova confirmação da indole morigerada do nosso povo, que é para nós justo motivo de desvanecimento e de orgulho, nem um incidente só veiu perturbar, por menor que fosse, o conceito da alegria geral e a harmonia dos festejos.

(Nota s/ título) – O Resistente, n. 141, 12/05/1898

Os procuradores da festa do Espirito Santo em Mattosinhos, a qual cae a 29 do corrente, por deliberação tomada na Segunda-feira resolveram realizar todos os festejos de costume, com a mesma pompa e solemnidade dos annos anteriores, e de acordo com a resolução, já se tem dirigido aos outros mesarios para saber de suas esmolas, encaminhado tambem todas as demais providencias necessarias. Fica deste modo contestado o que consta, que aliás, com algum fundamento se havia propalado, de que não se faria este anno aquella festa [16].

Festa de Mattosinhos - O Resistente, n. 144, 02/06/1898

Nos quatro dias passados, de que foi ultimo o de hontem, realizou-se a popular e sympathica festa de Mattosinhos, nesta cidade, tendo feito jus a elogios os seus procuradores a quem se pôde dizer que

obraram milagres em vista da exquideza dos recursos pecuniarios que conseguiram reunir e do brilhantismo que em todos os dias a festa exhibiu e ostentou sempre. O povo não deixou nunca de postar o inapreciavel concurso de sua presença ás solemnidades, enchendo numerosamente toda a vasta praça do pittoresco arrabalde, ainda mesmo na Segunda-feira em que teve de se transportar a pé por haver a E. F. Oeste de Minas suspendeu os trens especiaes, que correram no Domingo e foram restabelecidos na Terça e na Quarta-feira. Os actos no templo tiveram bastante imponencia e os festejos externos e profanos não ficaram aquém dos annos anteriores, havendo sempre bonitos fogos de artificio, aos quaes assistiram as familias de uma vistosa archibancada semi-circular que foi levantada em frente da egreja por iniciativa nova do Sr. Capitão Symphronio Reis, um dos procuradores. Não faltaram tão pouco as poeticas barraquinhas, os pannoramas de exposição publica, os pick-nics e jogos variados de mil differentes especies, do que tudo se constitue attractivo e pittoresca singularidade da tradicccional festa de Mattosinhos. E atestando eloquentemente mais uma vez a indole ordeira a pacifica de nosso povo, assignalamos ausencia completa de um só facto ou incidente, por menor que fosse, de alteração da ordem publica, que se manteve sempre perfeita apezar do grande accumulo de povo e de tudo quanto é proprio destas occasiões, e que entretanto pareceu só conspirar para maior união e alegria geral.

Para os Pobres – 60\$000 em esmolas – O Resistente, n.144, 02/06/1898

Recebida do Sr. Major Miguel Archanjo da Silva, temos em nosso poder para distribuirmos pelos pobres em esmolas de 1\$000 cada uma, no sabbado, a quantia de 60\$000 doada pelo procurador dos pobres na festa do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos [17]. Faremos pois a distribuição, no sabbado, do meio-dia ás 4 horas da tarde, em nosso escriptorio.

Festa do Espirito-Santo - São João d'El-Rey, n. 17, 13/05/1899

No dia 21 do corrente devem começar no pittoresco arraial de Mattosinhos, suburbio desta cidade as tradicionaes festas do Espirito Santo. Como sempre, serão elles pomposas, havendo dansas publicas, que sem duvida muito concorrerão para maior brilho das festas.

Festas de Mattosinhos - São João d'El-Rey, n. 18, 20/05/1899

O snr. Desiderio Rodarte, secretario da commissão de festejos do dia 22, teve a gentileza de nos dirigir um convite para assistir no dia 16 ao ensaio das contradanças anunciadas para aquelles festejos, as quaes são bem interessantes e que por certo muito agradarão o nosso publico. Gratos dirigimos ao snr. Desiderio nossas felicitações pelo seu esforço em introduzir mais um divertimento nas tradicionaes festas populares de Mattosinhos.

Danças. Durante as festas de Mattosinhos, que começarão amanhã, terão logar alli as conhecidas danças populares em que se exhibirão diversos patricios nossos amadores do bom e do bello. Desejamos que os esforços do Capm. Desiderio Rodarte sejam coroados do melhor resultado. São esses os nossos votos.

(Nota s/ título) - São João d'El-Rey, n. 18, 20/05/1899

Da E. de F. Oeste de Minas recebemos a seguinte communicação. De ordem do snr. Dr. Inspector Geral vos comunico que haverá trens especiaes nos dias 21, 22, 23 e 24 do corrente para as festas de Mattosinhos; não ha horario, correm de acordo com o serviço ordinario e concurrence publica, sendo o primeiro trem as 10 horas e o ultimo as 9 horas da noite, de Mattosinhos. O preço das passagens de ida e volta é o mesmo dos annos passados \$500 réis. Emílio Rohe

Circo Zoológico - São João d'El-Rey, n. 18, 20/05/1899

A companhia dirigida pelos snrs. Dario & Pinho, tem dado funcções repitidas e muito animadas. Já foram exhibidos a Onça e o Leão dois animaes que apresentam uma novidade para esta terra. Consta-nos que serão expostos em Mattosinhos, durante as festas do Espirito Santo esses animaes, é occasião do publico apreciar uma cousa aqui nunca vista.

Circo Zoologico - O Resistente, n. 207, 21/05/1899

Tem continuado este circo a ser um centro de concorrida diversão nas noites de espectaculo. A exhibição das duas feras o leão e a onça tem contribuido ainda nas ultimas funcções para tornar mais agradavel a estada da companhia entre nós. Os trabalhos artisticos tem sido sempre applaudidos e o palhaço Benjamim dado boas sortes e colhido estrepitosas gargalhadas do publico.

Festa de Mattosinhos - O Resistente, n. 207, 21/05/1899

Começam hoje as tradicionaes e populares festas do Espirito Santo no pittoresco arrabalde de Mattosinhos. O mesmo entusiasmo e animação de sempre se notam ainda este anno, fazendo-se grandes

preparativos para os festejos e havendo um verdadeiro exodo de familias da cidade para alli. Trens especiaes, segundo comunicação que nos fez o obsequio de mandar transmitir o sr. dr. Inspector Geral da E. F. Oeste de Minas, transportarão o povo desta cidade para Mattosinhos diariamente. Correrão esses trens hoje, amanhã, depois e até Quarta-feira, sem horario e de acordo com o serviço ordinario e a concurrencia publica, salvo o primeiro que será ás 10 horas da manhã e o ultimo ás 9 da noite. O preço das passagens não soffreu alteração dos annos anteriores, continuando a ser de 500 réis.

* * *

Hontem houve passeata á noite, que percorreu as ruas desde a cidade e foi terminar n'aquelle arrabalde, sendo a banda de musica que tocou a do maestro Martiniano Ribeiro. Hoje celebrar-se-á ás 11 horas do dia missa solemne e ás 15 da tarde *Te-deum* com sermão, e a mesma cousa na Terça-feira e na Quarta, com illuminação no largo á noite e tocando em coreto uma banda de musica.

* * *

O programma d'amanhã, porém, é differente e constitue por elle só uma festa completa. Ás 9 horas da manhã será dita uma missa por intenção de todos os devotos. Ás 11 horas terá lugar a missa solemne com sermão e distribuição de estampas de santos e pães bentos. Ás 5 horas da tarde sahirá a procissão do Senhor Bom Jesus do Perdão, recebendo-os com sermão haverá em seguida *Te-deum*. Ás 7 ½ horas da noite illuminar-se-á, franqueando-se ao publico, um extenso palanque, onde ás 8 horas terá começo, em bonitas phantasias, um grande bailado com danças variadas e interessantes, sob a direcção do sr. Desiderio Rodarte e tocando a musica do Asylo de S. Francisco. Serão queimadas tambem bellos fogos de artificio e feita illuminação *a giorno* em todo o largo.

* * *

Grande número de barraquinhas armadas com botequins por todos os pontos da vasta praça que se abre no centro de Mattosinhos, dão-lhe um aspecto de festa e alegria sympathetic e agradavel. Diversões variadissimas e jogos de toda especie se expõem ao publico, convidando-o á aventura e a divertir-se folgada e despreocupadamente, durante os quatro dias de festas.

Festas de Mattosinhos - São João d'El-Rey, n. 19, 27/05/1899

Conforme antigas usanças e de acordo com o tradicionalismo são joannense, realisaram-se a 21, 22, 23 e 24 do corrente mez as festas sympatheticas que se celebram anualmente no poetico arraial de Mattosinhos um dos bellos arrabaldes nossos. Como se sabe as festas constam de ceremonias religiosas e diversões no largo e nas ruas do arraial e umas e outras tiveram regular concurrencia e relativa pompa. No dia 20 a noite a banda de música do inspirado maestro Ribeiro Bastos percorreu as ruas da cidade, anunciando com a sua fanfarra o innicio dos tradicionaes festejos, terminando a passeata na praça de Mattosinhos, onde uma enorme fogueira, tambem tradicional estava acesa tendo em derredor uma multidão de romeiros e de pessoas que se mudam para alli afim de melhor gosarem os quatro festivos dias. A musica foi a residencia da Exma. Baronesa da Conceição da Barra [18], Imperatriz do Divino Espírito Santo e ella e sua familia fidalgamente cavalheiros obsequiaram a musica que alli executou variadas peças. No dia 21 a cidade amanheceu com aspecto festivo, um dia claro e lindo e o povo em massa descia pela praia abaixo, como se diz aqui, em busca do arraial, uns pelo trem outros a pé. Ás 11 horas houve missa solemne e foi ouvida com religiosa attenção pelo grande auditório que enchia o templo - a inspirada missa do nosso sempre lembrado conterraneo, o inditoso Maestro Presciliiano Silva. A musica suave, bem escripta foi interpretada com a costumada correção pela briosa orchestra do Maestro Ribeiro Bastos que incumbiu-se da parte musical nos dias de festa. Terminada a missa começaram as diversões de rua, as quaes são multiplas de acordo com o gosto de cada diletante. Inumeras barraquinhas, onde os jogos, os meios exquisitos são exhibidos; estão plantados aqui e alli, rodas de fortunas, lanternas magicas, um circo de cavalinhos de pão, delicias da creançada e de muitos marmanjos e marmanjas tambem, dão a praça um ar agradavel de alegria e festivo. E n'aquelle promiscuidade feliz todos se divertem a vontade. Chega a tarde, a noite e a onda de povo cresceu despejada pelos trens sucessivos e pela estrada de rodagem - todos a espera das festas da noite. Houve *Te-deum* e sermão ocupando a tribuna sagrada o nosso estimado conterraneo Revm. Padre Heitor Trindade. Fez-se ouvir cantado belissimo solo ao pregador a distincta amadora D. Maria de Rezende Campos, que desempenhou bem a inspirada composição confiada a sua voz terna e meiga; a oração sagrada versou sobre a vinda do Espírito Santo. O orador agradou muito ao escolhido auditório. Finda a festa de Igreja o povo acotovellava-se pelas ruas divertindo-se uns nas barraquinhas da fortuna e outros ouvindo os bellos accordes da banda musical que em elegante coreto no meio da praça executava boas peças de seu escolhido escrutinio. No dia 22 a mesma massa de concurrentes para ouvir a missa solemne ás 11 horas da manhã sendo executada a bonita e ligeira missa franceza de Valequet. Á tarde grande concurrencia ainda e sempre para o *Te Deum* e para as festas de rua. Festeja-se neste dia o orago da Capella - Senhor Bom Jesus de Mattosinhos. Fez-se ouvir na tribuna sagrada o eloquente orador sagrado Revm. Padre João do Sacramento, elevado na phrase sempre apurada e correcta [19]. A concurrencia nas ruas duplicou-se para assistir a procissão do Senhor Bom Jesus que

em enorme madeiro com os braços estendidos parecia querer n'um amplexo de paz e de amor congraçar toda aquella multidão de fiéis. As festas de rua tiveram uma nota nova nos annaes de Mattosinhos: as taes danças de que fallamos no numero transacto; organizadas pelo pharmaceutico Desiderio Rodarte e Pedro Rodrigues que foram incançáveis para o bom desempenho do grupo dançante que elles arranjaram - As danças correram animadas e concorridas e o divertimento foi applaudido. No dia 23 houve missa resada as 11 horas e a noite *Te Deum*. Houve sermão pregado pelo distincto vigario da freguesia Padre João Pimentel, orador consummado, já affeito as lides da fórmula, sem se esquecer da escolha que fez do assumpto sobre que vae atrair a attenção dos fieis que continuam ouvir-lhe a voz authorisada. Nesse dia a ceremonia era dedicada a Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Na praça, enorme movimento de gente, nos botequins, nas barracas, nos divertimentos e ao redor do coreto. No dia 24 a festa é dedicada a Sant'Anna, devoção nova alli, mas desempenhada sempre com a mesma pompa, o mesmo esplendor e concurrencia de fieis. As 11 horas houve missa com musica e a tarde *Te Deum*. Tudo na melhor ordem possivel. A noite as mesmas diversões dos demais dias. Assim foram as tradicionaes festas de Mattosinhos, que para seu brilhantismo teve ainda a favor umas bellissimas noites seccas e enluaradas.

Festa de Mattosinhos - O Combate, n. 60, 01/05/1901

Os Snrs. J.Assis Sobrinho, alfs. Roque Balbi e José Silveira, procuradores das festas de Mattosinhos, promovem os meios para solemnizar com todo brilhantismo e pompa do costume as tradicionaes festas, que serão nos dias 26, 27 e 28 do corrente. Haverá trens especiaes nestes dias.

Festa de Mattosinhos – O Resistente, n. 396, 23-25/05/1901

Communica-nos o Sr. Emilio Röhe, digno inspector geral da E. F. Oeste de Minas, que para as festas de Mattosinhos haverá trens especiaes nos dias 26, 27 e 28 do corrente, partindo o primeiro, em cada dia, ás 10 horas e 35 minutos da manhã para aquelle arrabalde e regressando o ultimo d'alli para a cidade ás 9.30 da noite.

Festa de Mattosinhos - O Resistente, n. 396, 23-25/05/1901

Vende-se um animatographo, ultima novidade, que trabalha com vistas animadas tanto á luz electrica como a gaz oxygenico e acetyleno, com 20 vistas modernas em perfeito estado. Informações com Raphael Bini, á rua Christovam Colombo, n. 13.

Festa de Mattosinhos - O Combate, n. 66, 25/05/1901

Amanhã começam as tradicionaes festas neste pittoresco arrabalde desta cidade, sendo de esperar-se que sejam feitas com toda pompa, devido aos esforços dos procuradores J.Assis Sobrinho, Roque Balbi e José Silveira.

(Nota s/ título) - O Combate, n. 66, 25/05/1901

O Sr. Capm. Emilio Rohe, digno inspector da Oeste de Minas, teve a gentileza de nos mandar o memorandum que se segue: *Memorandum nº 611 - Redacção d' "O Combate"* - *Communico-vos que para as Festas de Mattosinhos, nos dias 26, 27 e 28 do corrente, haverá trens especiaes, sendo o primeiro de S.João ás 10.35 da manhã e o ultimo de Mattosinhos ás 9.30 da noite.*

Restaurante Italo Brasileiro - O Combate, n. 66, 25/05/1901

Durante os dias de festas em Mattosinhos o sr. David d'Angelo acha-se estabelecido n'aquelle pittoresco arrabalde com hum bem montado restaurante, onde as exmas. familias e cavalheiros encontrarão finos doces, excellentes pratos e escolhidos vinhos e licôres.

(Nota s/ título) - A Pátria Mineira, n. 106, 27/05/1901

Realisaram-se as festas de Mattosinhos que começaram domingo e terminaram hontem quarta-feira. Foram, este anno, extraordinariamente concorridas e estiveram como sempre attrahentes.

Festa de Mathosinhos - O Combate, n. 67, 01/06/1901

Com a concurrencia de sempre e com grande animação realisaram-se as tradicionaes festas de Mattosinhos nos dias 26, 27 e 28. As festas da Igreja sempre realisadas com o maximo respeito e as da rua com extraordinaria ordem. Na Igreja tocou a orchestra Ribeiro Bastos que, como sempre, exhibiu-se inimitavelmente e no coreto do Largo a banda do 28º Batalhão deliciou aos apreciadores da boa musica. O Largo de Mattosinhos garridamente enfeitado tinha um belissimo aspecto.

Declaração – O Resistente, n. 398, 30/05-01/06/1901

Declaro que recebi do Sr. Capitão Antonio Homem d'Almeida a joia de Juiz do terceiro dia de festa de Mattosinhos [20]. S. João, 29 de Maio de 1901 – O Procurador, José Feliciano da Silveira.

Festa de Mattosinhos – O Resistente, n. 398, 30/05-01/06/1901

No Domingo, na Segunda e Terça-feira realizaram-se com animada concorrencias as populares festas annuaes de Mattosinhos, que tivera, este anno todo o attractivo dos jogos de toda especie que durante ellas se offereceram ao publico. A Estrada de ferro fez trens todos os dias, e por elles, como por outros meios e a pé, o povo se transportou para alli diariamente, abrillantando as sympatheticas festas. Apezar de toda – expectativa de desordens e barulhos, que se contavam dar n'aquellas festas e pelo que mesmo a policia se preveniu cautelosamente com um forte destacamento de praças armadas e muniadas, que para lá iam todos os dias, não ocorreu o menor incidente, nem se deu qualquer rixa ou tumulto, que justificasse sequer uma prisão. Desvanecemo-nos por esse facto, pois assim ficou mais uma vez patente o espirito ordeiro e pacifico desta populaçāo, que soube sempre se divertir sem perturbaçāo da ordem.

Praça de Touros – O Combate, n.171, 04/06/1902

No Domingo effectuou a Companhia Tauromachica mais um concorridissimo espectaculo, tendo havido variadas sortes, nas quaes todos os artistas foram bastante aplaudidos. Poderiam entretanto mais fazerem, serem muito mais felizes se tivessem encontrado rezes mais bravas. No Domingo haverá novo espectaculo.

Eleição dos Festeiros de Sr. Bom Jesus de Mattosinhos para funcionar no anno de 1905 –

O Reporter, n. 19, 25/05/1905

Imperador: Mj. Antonio G. Coelho

Imperatriz: D. Ambrosina A. Magalhães

Procuradores dos Pobres: José Ignacio da Silva Rios, Geraldo Paixão

Pagem do Estoque: José Antonio O. Campos

Caudatario da Capella: Marçal de Sousa e Oliveira

Alferes da Bandeira: Alfredo Horta

Mordomo da Capella: Martiniano Ribeiro Bastos

Ajudantes de Mordomo: João Lopes Jr. Oscar Ferreira, João Costa, Irineu Cantelmo, Lauro Cunha, Francisco Campos, Camillo Lima,

Custodio Teixeira

Thesoureiro: Antenor Augusto Angelim

Secretario: José Teixeira Guimarães

Procurador: José de Azevedo Junior

Festa de Mattosinhos - O Reporter, n. 22, 11/06/1905

Com o mesmo entusiasmo dos annos anteriores realisa-se este anno a festa de Mattosinhos

No dia 11, em honra do Divino Espírito Santo, haverá missa pelas 11 h. da manhã e *Te-Deum* á tarde. No dia 12, é a festa dedicada ao Senhor Bom Jesus. No dia 13, festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, havendo nesses dous dias os mesmos festejos do primeiro. Tocará em todos os actos a excelente orchestra e banda Lyra S.Joannense, regida pelo proiecto director tenente Luiz Baptista Lopes. Depois das festas da Igreja haverá illuminação no largo, fogos de artificio, musica no corête e muitas outras funções para divertimento publico. Haverá trens cujo horario obedecerá a concurrencia, que houver, de passageiros.

Festa de Mattosinhos - O Reporter, n. 23, 18/06/1905

Realisou-se com o entusiasmo de sempre, a tradicional festa de Mattosinhos, tendo sido desempenhado, cabalmente o programma, profusamente espalhado na cidade, e do qual tivemos occasião de dar o resumo na nossa edição passada. Na quarta-feira ainda houve uma festa improvisada. Houve muita concorrencia, animação e cordialidade, não tendo se dado, no meio de tão grande aglomeração de povo, um pequeno incidente desagradável. Os trens correram com bastante regularidade, tornando-se credora de elogios a administração da Oeste. Levamos nossos parabens aos promotores dos festejos de Mattosinhos, este anno, por quanto elles tiverão compensação para os sacrificios, que fizeram.

* * *

Vindo de Oliveira, para assistir as festas de Mattosinhos, esteve nesta cidade o estimado sanjoannense sr. Augusto Trindade, residente em Oliveira.

Festa de Mattosinhos - O Reporter, n. 17, 03/06/1906

Começam hoje as alegres e tradicionaes festas do Divino Espirito Santo na sua egreja propria (*sic*) [21], em Mattosinhos, pittoresco e populoso arrabalde desta cidade, seguindo-se amanhã e depois, as festas do Senhor Bom Jesus e de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Além das festividades da egreja teremos as festas profanas que constarão de musica na porta da egreja, illuminação e fogos. A Estrada de Ferro Oeste fornecerá trens, para commodidade do publico, partindo o 1º desta cidade, as 10 h da manhã e regressando o ultimo ás 9 h da noite. Sempre porém que haja affluencia de passageiros, correrão outros em horas diversas. O preço de ida e volta é de 500 reis.

A Esma - O Reporter, n. 18, 10/06/1906

Não sou palmatoria do mundo e nem tenho pretensões de censor, não penso que a critica, nos tempos que correm, emende ou corrija as cousas tortas; entretanto, ás vezes, sinto cocegas para metter o bedelho em cousas que vejo mal encaminhadas. Por exemplo: sou de opinião que a festa de Mattosinhos agora passe a chamar-se a festa da jogatina. E tenho razão para isso, pois que, este anno, mais nada houve alli de divertimento publico do que os jogos, jogos de toda especie, de todos os feitos, de todo o calibre. Antigamente, ainda é de meu tempo, antigamente, havia empenho em trazer-se para aqui, em occasião da festa de Mattosinhos, uma companhia de cavallinhos, uns amadores de touradas, cavalhadas ou qualquer outro divertimento, que distraisse o povo e que não o forçasse a procurar distracção na mesa de jogo. Hoje foi supprimido até o proprio fogo de artificio e a não ser um foguetesinho, de vez em quando - mais nada faça acreditar a pyrotechnica local, que em tempos idos, gozou de fama extraordinaria. Agora foi tudo avassalado pelo jaburú, empolgado pela roleta, pela roda dos bichos, pelos dados e por centenas de outros jogos que alli apareceram este anno. E naquelle promiscuidade, homens e mulheres, crianças e velhos, commandantes e commandados se acotovelaram no - *jaburú da sorte*, pescando os nikes na mesa, deixando-se tosquiar, humildimente pelos banqueiros, como se alli estivessem a praticar o acto mais lícito da vida. E então o *jaburú*, um jogo *cabúla*, implicante, enjoado e do qual nunca ouvi contar vantagem alguma. E os taes pregoeiros desse jogo?! Oh! é cada um de pasmar. Ainda agora esteve um lá a annunciar que aquillo era a *salvação da lavoura, a salvação do commercio e da industria* e... a perdição do pae de familia, dizia um outro, logo atraç do pregoeiro. E foi isso a festa de Mattosinhos: jogo desde a manhã até a noite, alta hora e tudo em uma promiscuidade de espantar. Chegou a ponto de (não lhes conto nada) arranjar-se mais um quarto dia de *festa*, para prolongar-se a pagodeira. Essas considerações que ficam me foram sugeridas pela leitura que fiz do programma, profusamente espalhado para esse quarto dia. Diz o programma: continuam hoje as *festas de Mattosinhos*... Ora, como a festa desse quarto dia só consistiu de jogo, sem ao menos o disfarce das ceremonias de Egreja, e como se chamou isto de festa - fiquei horrorizado de ver a sem ceremonia com que se annunciou a continuaçao das festas, quando nesse dia só houve jogo. Quem escreve essas linhas não é contrário ao jogo, aprecia esse genero de divertimento, embora não lhe permite ser francamente jogado; mas ainda assim confessa-o - teve o espirito conturbado deante do que viu - o jogo infrene, desbragado, mas como unico divertimento. Não: isso não deve continuar assim; devemos ter alli o jogo, para quem como eu gosta delle e aprecia o divertimento, porem o jogo mais recatado, mais lá pra dentro, no interior das casas, sem ostentação e cá fora então deveríamos ter as cavalhadas, as touradas, os circos de cavallinhos, as diversões proprias para as crianças que alli vão, enfim cousas que deleitem as almas, não conturbem o nosso espirito e não nos prejudiquem a moral, o physico, a saude, a bolsa; a bolsa sobretudo. Sylvio Celio

Festa em Mattosinhos - O Reporter, n. 18, 10/06/1906

Sempre animadas, com extraordinaria concorrecia e sem o menor incidente desagradavel o que seria natural, visto a accomulação de povo que se reunia ás tardes e á noite no espaço largo, correram as festas de Mattosinhos. Os actos da egreja, com menos pompa que nos demais annos, ainda assim foram praticados com a solemnidade devida, conservando-se a egreja sempre cheia de fiéis. Tocou no 1º e 3º dias a orchestra e banda Lyra São Joannense e no 2º a orchestra Ribeiro Bastos no largo e a banda do Asylo de São Francisco, abrillhantada ainda pela banda do 28º Batalhão, postada em frente ao estabelecimento da Enfermaria militar. Se foram menos pomposas as festas internas, da egreja, o mesmo não aconteceu com as externas, que parecem crescerem de animação, estando o largo cercado de barracas, e as casas todas tomadas por bancas de jogos, botequins e todo genero de divertimento, onde o povo sequioso de passatempo, se agglomerava. A festa do 4º dia foi somente profana, conservando-se a egreja fechada. Os trens da Oeste correram sucessivamente em todos os dias, sempre repletos de romeiros que iam e vinham, sendo extraordinario o numero de passagens vendidas.

Mattosinhos - O Reporter, n. 16, 26/05/1907

Tudo passa neste mundo! Tiveste tambem que prestar teu tributo a essa lei fatal, ó festa de Mattosinhos. Passaste. Passou-se o teu reinado de tres dias. E agora, voltados á calma dos dias vulgares, temos, que nos deixarmos seduzir por ti no coração vicejante e florida uma saudade tão grande que mais parece um girassol. Tres dias consecutivos o povo de S. João d'El-Rey, se deixou atrair para o formoso suburbio, pittoresco na poesia de sua linda egrejinha, rodeada de poeticas chacaras. Dos trens especiais da Oeste, trafegando de momento a momento, e dos caminhos de rodagem que ligam a cidade a Mattosinhos, desaguavam no vasto largo do arraial magotes e magotes de povo, a formigar, jubiloso, em busca das diversões tradicionaes que alli naquelles tres dias, se encontram. A parte religiosa resumiu-se por determinação do Revmo. Parochio. No que concerne ao lado profano, os festejos correram como sempre, animados e rumurosamente alegres. É o dia de S. Martinho para o s. joannense esse passado em Mattosinhos, por occasião das festas do Espírito Santo. A ordem, alli, não é ressommnar, como na conhecida comedia. A ordem é sahir da linha costumada. Uma vez na vida tomar a gente uma carraspanazinha e abeirar-se do panno verde da rolêta ou do oleado do "jaburú" e arriscar sua fichasinha, não é que produzirá a desorganização social. E, por isso, todo mundo alli vai e procura divertir-se. Familias aguardam esse dia para fazerem intimamente seu "pic-nic", levando num farnel o seu jantar, que é consumido á beira de uma agua cantante, entre arvores. Outros vão "lunchar" (sic) em algum dos restaurants, que durante o festivo triduo ficam estabelecidos no arraial. Estes outros, fazem o seu jantar em casas de amigos, moradores no poetico bairro. E, depois, toca a flanar por entre as garridas barracas. E toca a beber uma cerveja aqui; e toca a arriscar um niquel acolá; e toca a esquecer um momento as infindáveis tristezas da vida. E, por isso, quando no grande relogio do tempo sôa o ultimo minuto das festas de Mattosinhos, a gente volta á calma dos dias vulgares, trazendo no coração, vicejante e florida, uma saudade tão grande que mais parece um girassol.

Festa de Mattosinhos – A Opinião, n. 95, 03/06/1908

Na proxima festa de Mattosinhos – correrão entre esta cidade e aquelle suburbio trens extraordinarios, com pequenos intervallos, sendo o ultimo ás dez horas da noite. Para maior regularidade no serviço de fiscalização não haverá distincção de classes e vigorará o preço de trescentos réis para passagens de ida e volta. Para os trens extraordinarios desses dias serão validos os coupons de assignatura.

Festa de Mattosinhos – A Opinião, n. 97, 10/06/1908

Apezar do lamentavel accidente ocorrido Domingo, continuaram ante-hontem e hontem as festas que se realizaram em Mattosinhos. Como no ano passado, assumiu na vespera o cargo de delegado de policia o sr. alferes Getulio [Manso] da Fonseca, com ordem expressa do sr. dr. Chefe de policia para não consentir jogos, que são a "great attraction" dessa festa popular. A principio tivemos a proibição formal dos jogos, depois a permissão para os jogos dentro das casas. Essa medida, tal como se deu no anno passado, provocou protestos visto seu caracter de parcialidade em beneficio daquelles que podiam conseguir casas no pittoresco arrabalde. Por fim, a permissão foi franca, com grande gaudio dos "devotos" romeiros [22].

Festas de Mattosinhos - A Opinião, n. 91, 29/05/1909

Promettem o maior brilhantismo os festejos do Espírito Santo, a realizarem-se no prospero arraial de Mattosinhos, nos dias 29, 30 e 31 do cadente, e 1º de junho. Desde o dia 21 estão se effectuando no templo dos carmelitas [23], as novenas em louvor ao Espírito Santo. No dia 29, a banda Ribeiro Bastos, após a novena, realizará passeiata pelas ruas da cidde, seguindo depois até Mattosinhos. No dia 30, ás 8 1/2 horas, haverá missa nesse arraial, por intenção das pessoas que concorreram com esmolas para as festas. Ás 11 horas missa solemne e á tarde *Te Deum laudamus*. Á noite será queimado lindo fogo de artificio, do pyrotechnico N. Cinelli, de Juiz de Fora. A 31 realizar-se-ha a festa do Senhor Bom Jesus, e será celebrada missa ás dez horas. Á tarde, *Te Deum laudamus*, havendo á noite vistoso fogo de artificio. No dia primeiro de junho será a festa de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Missa cantada ás 11 horas e distribuição de veronicas, da Immaculada Conceição. Á tarde *Te Deum laudamus* e á noite, musica e fogos. Abrilhantará as festividades desse dia a banda de musica do 51º Batalhão de Caçadores, gentilmente cedida pelo sr. commandante da guarnição, tenente-coronel Gustavo Sarahyba.

Festas de Mattosinhos - A Opinião, n. 92, 02/06/1909

Com as solennidades, brilhantismo e animação de todos os annos, correram os festejos em louvor ao Divino Espírito Santo, no pittoresco arrabalde de Mattosinhos. Os trens da Oeste correram a pequenos intervallos, conduzindo sempre grande numero de passageiros. Os festejos religiosos obedeceram o programma que a comissão fez distribuição profusamente. Durante as tres noites de festas foram queimados bellissimos fogos de artificios, encommendados ao habil pyrotechnico de Juiz de Fóra, N. Cinelli. Tornou-se digna de encomios a esforçada comissão promotora dos festejos, que tão bello desempenho deu ao encargo que lhe foi commettido. O serviço de embarque de passageiros deixou algo a

desejar, havendo grande atropello todas ás vezes que o povo pretendia chegar á “gare” , tanto em Mattosinhos como nesta estação. Nesse sentido recebemos diversas reclamações, que registramos para que de outra vez assim não aconteça.

Festa de Mattosinhos – O Repórter, n. 114, 24/04/1910

Sabemos que este anno os festejos de Mattosinhos vão ter mais brilho que nos annos anteriores. Os festeiros estão dispostos a sacrificios afim de proporcionarem ao povo diversões de todo genero, ao lado das festas de egreja, que serão realisadas com toda solemnidade. Haverá entre as diversões de rua um cinematographo, armado no Largo e para o qual já estão fazendo os necessarios preparativos. A Comissão das festas tem encontrado a melhor boa vontade por parte do Major agente executivo, que prometteu dar o auxilio da Camara, ao seu alcance e tambem do dr. F. Fonseca, socio gerente da empresa de electrecidade, quem tambem dará meios para que haja profusão de luz e do mais que for necessário e depender de electricidade.

(Nota sem título) - O Repórter, n. 116, 01/05/1910

Os mesários das festas de Mattosinhos estão agindo com o maior esforço e boa vontade, afim de que elles se realisem com todo o brilho. Além das funcções de cinematographo preparam outras diversões populares, que certamente darão muito realce as festividades deste anno.

Mattosinhos - A Opinião, nº ilegível, 11/06/1911

Realisaram-se nos dias 4, 5, 6 e 7 do corrente, na capellinha do pittoresco arrabalde de Mattosinhos as tradicionaes festas em honra aos santos d'aquelle encantadora egrejinha. Como todos os annos, as festas correram admiravelmente bem, sendo queimados vistosos fogos de artificio. Musica, barraquinhas, jaburús, pavunas, roletas, pinguilim e o frio do estilo, contribuiram para que reinasse naquelle grande largo, durante os festejos, a alegria e o contentamento. Houve, diferente de outros annos, mais um dia de festa que foi no dia 7. Agora que, perruncoriamente falámos das festas de Mattosinhos, voltemos nossas attenções para o serviço de trens que tanto tem dado a falar a sociedade S. Joannense. O muito illustre engenheiro dr. Cyriaco do Amaral, chefe do trafego, deve, com orgulho, estar satisfeito, porque até esta data não nos consta ter havido um trabalho tão correcto de trens, por occasião das festas de Mattosinhos.

Festa de Mattosinhos - O Dia, n. 51, 18/05/1912

Deve ter começo no dia 26 do corrente as festas mais populares que se fazem nesta cidade. O pittoresco arrabalde de Mattosinhos já se prepara para receber a nossa população em peso, além dos romeiros que em grande numero para aqui se dirigem nesta época, já estando sendo também organizado o bello programma que os festeiros deste anno projectam pôr em prática alli. Como é sabido, entretanto, grandes despesas acarretam esses festejos e por melhor vontade que tenham os que delles se acham encarregados, de modo algum poderão dispensar auxilio do povo s.joanense, interessado em manter sempre as suas tradições. Confiados nisso esperam os festeiros deste anno o necessário auxilio de todas as classes para que mais uma vez e com o costumado brilho, seja a festa de Mattosinhos condignamente celebrada no poetico arrabalde de que tem o nome.

Festa de Matosinhos - O Repórter, n. 317, 19/05/1912

Já se acha em impressão os programmas das festas de Matosinhos (sic)[24], que correrão animadas e com todo o brilhantismo, segundo o que está anunciado e daremos no proximo numero.

Prosas - O Dia, n. 65, 23/05/1912

Quando eu era bem criança, antes da locomotiva, atroando os ecos do Lenheiro, vi despertar nosso torrão apontando-lhe a senda do progresso. Costumava passar um ou dois meses por anno em Mattosinhos, por occasião das festas do nosso Senhor Bom Jesus de Mattosinhos. Nesse tempo ia-se pelo Matola, passava-se perto do Matadouro Velho [25] em plena capoeira, fazia-se escalla na Dona Rita da praia, uma boa velhinha que morava num sobrado a meio do caminho e assentava-se um bocado no paredão da ponte da Agua Limpa, antes de penetrar no arraial; chegando, a maior preocupação era ir à procura das laranjas e dos limões que se obtinham, por dez reis de mel coado, em muitas das bellas chácaras d'aquelle abençoada terra. O melhor do nosso era porém ir à chácaras da Dona Carlota, comprar favos de mel, ... em compensação obtinhamos licença para uma devassa em regra nos magnificos morangos que bordavam os canteiros bem cuidados [26]. Depois vinham os dias de festas, o preparo previdente das barraquinhas de bambú e pita, a animação do largo da igreja, se povoando do dia para a noite. As casas subiam de preço, e não havia burguês que se prezasse que não tivesse tomado em tempo a rua, pois era a nossa Petrópolis.

Aberta a igreja para a contemplação dos milagres, nós pressurosos, iamos nos quedar boquiabertos ante às coisas espantosas realizadas em nome Senhor Bom Jesus de Mattosinhos, aqui era um cavalleiro, cuja montaria, tomada do diabo, saltara por cima de um abysmo e o homem se salvara de uma morte certa, invocando no momento supremo, o nome milagroso; mais adiante era uma senhora muito temente a Deus e que esgotados os recursos da ciência e desanimada pela paralysis completa que a prostava no leito - resolvera-se a vir de longe implorar o milagre - e o milagre se dera. Lá estavam e certo estão na Sachristia, os senquascerrados de quadros, com suas pinturas ingenuamente rudes e os membros em câra, contando todas as boas acções do milagroso padroeiro. Com que gosto eu subia à torre para assistir aos reiques do Heitor. Era infalível também a passeata do pessoal festeiro, de charanga à frente, até a casa do Imperador do Divino. Já se sabe, o grupo era numeroso... De uma feita foi meu avô o dito Imperador e eu bem me lembro que fiquei atordoado com a algazarra d'aquelle gente toda entrando pela nossa casa aos gritos de "Viva o Coronel Imperador!!! E toque a música!!! E o Imperador Coronel mandou logo uma creoula correr às pressas, à dispensa e trazer de lá algumas dúzias de garrafas de bebidas... Bons tempos! Sobretudo porque representavam para nós o que nunca mais há de voltar ... a quadra da descuidosa e feliz meninice. Agora é recordá-la saudosa, revivê-la nos filhos e mais tarde nos netos, se a vida chegar até a estes... "Salusto" [27]

Festas de Mattosinhos - O Repórter, n. 319, 26/05/1912

Começam hoje no pitoresco arrebalde de Mattosinhos os tradicionaes festejos chamados do Divino Espírito Santo, mas que se estendem tambem ao Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Por isso é que elles se prolongam por um espaço de 3 dias. Hoje, amanhã e depois de amanhã. O programma é pomposo e anuncia esplendorosas festas, tanto ecclesiasticas, como populares. A perspectiva do populoso arrabalde é já encantadora, não só pelo movimento de povo como pelo numero de barracas, cada qual mais enfeitada, de par com bellas exposições de mil bijouterias, jogos e rodas de fortuna e um sem numero de diversões.

Festa de Mattosinhos - Acção Social, 28/05/1912

Começaram ante-hontem conforme noticiamos, as animadas festas de Mattosinhos, devendo terminar hoje, de acordo com o programa organizado e profusamente espalhado na vespera do primeiro dia. O pitoresco arrabalde tem estado repleto de innumeros romeiros da cidade e de fóra, dando extraordinario brilho ao grande concurso do povo a afluencia de distintas familias e elegantes senhoritas. O historico arraial esta cheio de divertimentos desde a barraca humilde do pequeno vendedor de doces á elegante e humanitaria tombola das damas de caridade, diversos jogos; botequins, carrussel, e o excellente cinema do Theatro Municipal em barracão artístico e confortavel. Dentre as diversas peças que nos apresentou o grande artista pyrotechnico, sr. Sinele, não podemos deixar de mencionar como admiraveis os morteiros e o balão armado em guerra, este ultimo de um effeito e de uma arte sorprehendentes, e que, por isso, foi muitissimo apreciado. O serviço de trens da Oeste foi feito com a maxima regularidade, a despeito do grande numero de passageiros que attingiram só no primeiro dia á elevada cifra de quatro mil, o dobro seguramente dos que para alli se dirigiram a pé. A orchestra Ribeiro Bastos, bem como a respectiva banda estiveram como sempre na medida dos seus elevados creditos. Tivemos o prazer de ver ainda este anno o grande maestro Martiniano, cuja existencia, para gloria nossa continua Deus a conservar.

Mattosinhos - O Repórter, n. 320, 30/05/1912

Com a animação prevista e o brilhantismo de sempre realizaram-se os tradicionaes festejos de Mattosinhos. A afluencia de povo em todos os 3 dias, quer nas solenidades da egreja, quer nos festejos populares, foi enorme. Muita gente, muitos jogos e muita alegria.

As festas de egreja constaram de missa cantada, no domingo do Espírito Santo, sermão pelo nosso rev. parocho, monsenhor Gustavo Ernesto Coelho e *Te Deum Laudamus*. Na segunda-feira, festa do Senhor Bom Jesus, houve missa com musica e á noite os mesmos actos do domingo, pregando o rev. padre José de Oliveira Barreto. Na terça-feira, a de Nossa Senhora da Conceição da Lapa, constou dos mesmos actos de segunda-feira, subindo ao pulpito, á noite, antes do *Te Deum*, o monsenhor José Pedro da C. Guimarães. A parte musical confiada á corporação "Ribeiro Bastos" (orquestra e banda) esteve na altura dos creditos de que merecidamente gosa. Os fogos estiveram excellentes. O sr. Nicolau Sinelli, já conhecido nesta cidade como habil e perito pyrotechnico, deu-nos este anno um belissimo fogo, variado e artístico, que muito concorreu para o realce das tradicionaes e encantadoras festas de Mattosinhos. Parabens aos srs. festeiros que tão bem se desempenharam dos encargos que em boa hora, lhes foram confiados.

Festa de Mattosinhos - O Dia, n. 202, 10/05/1913

Começam amanhã, com muita pompa, as tradicionaes festas de Mattosinhos, tão apreciadas pelo nosso povo. Desejamos que, como nos annos anteriores, tudo corra na melhor ordem e alegria.

Objecto perdido - O Repórter, n. 34, 18/05/1913

Em Mattosinhos, durante as festas um broche (alfinete) de ouro com pequeno esmalte, cestinha e pequena pedra de cereja. Quem encontrar, pode entregar nesta typographia que será gratificado.

(Nota s/ título) - O Repórter, n. 133, 04/06/1914

Perdeu-se no trajecto de Matthosinhos a esta cidade um anel de ouro com uma turmalina e dois brilhantes; quem achar e trouxer á nossa redacção será bem gratificado [28].

(Nota s/ título) - Reforma, n. 10, 09/06/1914

Esteve em Mattosinhos, durante os ultimos trez dias das festas tradicionaes que ahi se fazem na Paschoa do Espírito Santo, o representante da Cerveja Germania, sr. Manoel José da Silva, em propaganda do producto da fabrica. Fez larga distribuição gratuita de sua cerveja que era annunciada pelo vasto largo, apinhado de povo, por homens vestidos de fardamento de reclame. (Etc.) [29].

Festa de Mattosinhos - A Tribuna, n. 40, 18/04/1915

(Inicia o texto enaltecedo o mês de maio)... Por esse tempo, teremos, tambem, as tracionaes e alegres festas de Mattosinhos, que durante 3 dias fazem o encanto dos s.joannenses, que em romaria seguem para o pittoresco arrabalde da nossa velha, mas adeantada cidade, a fim de participarem dos mil attractivos que lhes offerece e proporciona a popular festividate. (Clama às autoridades que o Pavilhão do Bicentenário estivesse em pleno funcionamento por ocasião da festa...) ostentando offuscante illuminação, galhardamente embandeirado, recebendo as exmas familias, bellas e gentis senhoritas, de onde melhor e mais commodamente apreciarão o desenrolar das pomposas e alacres festas. Si houver empenho por parte dos festeiros, o que é de se esperar, as deste anno deixarão uma pagina de destaque na historia das festas de Mattosinhos.

Festa de Mattosinhos - A Tribuna, 30/05/1915

Correram animadissimas as festas de Mattosinhos, este anno. A concorrença foi enorme e grande o numero de barracas, tendo sido tambem aproveitado o pavilhão do bicentenario, onde funcionaram a Confeitoria Faleiro e os Fantoches do mestre Isaias [30]. As solemnidades na egreja tiveram grande realce e affluencia de fieis, tocando a excellente orchestra Ribeiro Bastos. No domingo, durante o dia, houve no Athletic Club, uma animada festa sportiva, dedicada ao dr. Agostinho Porto, director da Oeste, a qual teve numerosa concorrença. Á noite, no seu coreto proprio, tocou a popular banda Ribeiro Bastos, sob a regencia do seu regente sr. José Borges. A praça estava illuminada e enfeitada. No ultimo dia houve no Pavilhão, promovido pelo sr. Durval Lacerda, um baile, que, infelizmente, não sabemos porque, correu desanimado, com pouca concorrença, devido, talvez, ao cansaço das moças com as festas. A festa de Mattosinhos, infelizmente, vae perdendo aquella encantadora feição burgueza de que out'rra se revestia e que tanta poesia lhe dava. Este anno notamos-lhe, com pezar, certo ar aristocratico. Achamos tambem que o cinema, escurecendo grande extensão do largo, entristeceu muito os festejos causando má impressão a todos. É digna de elogios a administração da Oeste, pelo modo correcto com que correram os trens sem o menor facto desagradável a se registrar.

Festa de Mattosinhos - A Tribuna, n. 97, 14/05/1916

Há epochas que jamais se esquecem, por ficarem impressas em nossa memoria com caracteres indeleveis; taes são aquellas em que gozamos alguma felicidade e que deixa-nos uma saudosa recordação, que tantas vezes vem distrahir-nos no meio das attribulações da existência, como um pensamento consolador, no auge do tormento, ou como uma gotta de orvalho na aridez do deserto. Emoções há tão duradouras que se renovam a cada instante como as que sentimos quando passamos apreciaveis momentos. Revelar o que experimentamos quando somos felizes, talvez pareça uma profanação da ventura que gozamos; muitos pensam que o prazer deve ser ignorado para conservar toda a sua poesia. Enganam-se quando o coração nos transborda de alegria devemos a todos comunica-la; é justamente o que acontece a todo o são joanense quando se approxima a epocha em que se realizam os tradicionaes festejos de Mattosinhos. Durante tres dias a cidade se despeja toda para o pittoresco arrabalde, e é de ver-se como se engalana o largo para receber os romeiros que alli aportam ás centenas e aos milhares. É um reboliço alegre, uma confusão agradável, quasi um ondeamento; são moçoilas de toilletes leves, sobraçando "manteux", num frufru de saias roçagantes, são rapazes alegres e joviaes, soltando gargalhadas numa claridade

indescriptível; são matronas respeitáveis levando os cirios de exvotos; são homens de toda a idade, sisudos e encapotados, que tomam parte nesta romagem piedosa e que se dirigem para a bella capellinha onde se acha o meigo nazareno de braços abertos, na atitude de quem a todos acolhe com um amplexo paternal; feita a visita e deixada a esmola no gasophylacio, voltam todos aos folguedos de rua, que de ordinario constam de mil jogos differentes. Alli todos são tentados pelo demonio do jogo; joga o velho e o moço; o rico e o pobre; a dama e o cavalheiro, todos na mais intima cordialidade; disfarçadamente o chefe de familia vai se abeirando no panno verde, compra fixas e faz a sua fésinha num numero ou no esquincho; a madama arrisca uns tostões no jaburú; a rapasiada se distrae na campista e na vermelhinha, enquanto as senhoritas chupam balas e confeitos e os pintalegretes e fuinhas vão arrastando-lhes a aza; os molecotes de pernas escanchadas attentam ao buzio e os glutões se empanturram de empadinhas e pasteis pelos botequins que coalham o largo com suas bandeiras coloridas e enfeites berrantes; mil girandolas caracolam e estrugem nos ares, as peças de artificio circunvolam nos postes e os foguetões lacrimejam nas alturas; em artistico coreto excellente banda executa lindas peças de harmonia e festivas marchas, cujos sons se confundem com o silvar da locomotiva chamando o povo a regressar á cidade que a esta hora se acha sepultada em profundo silencio. Agora é que sentimos o frio a engelar-nos os membros e tiritando nos valemos de bons capotes; a onda tumultuosa que coleou o largo, rindo, folgando e rufando pandeiretas, regressa aos lares com saudades dos felizes momentos em que esqueceu os dissabores e desillusões da vida, que só nos deixa um fremito de pesar e magua. Cumpre por isso que ao menos nesses tres dias desappareça a tristeza, sendo substituida pelo clarão vivo e luminoso das alegrias, do prazer, do jubilo.

Festa de Mattosinhos - A Tribuna, n. 98, 21/05/1916

Os encarregados de promoverem a tradiccional festa de Mattosinhos estão envidando esforços para em nada desmerecer á dos annos tranzactos. Tanto os actos da egreja como os do largo terão grande realce. Os fogos que serão queimados todos os tres dias vem de Nitheroy, cujo pyrotechnico gosa de justa fama, tal o extraordinario valor de seus trabalhos. Que os srs. mesarios não deixem de organizar outros divertimentos interessantes são nossos desejos.

Roubo - Reforma, n. 24, 15/06/1916

Na noite de 11, gatunos favorecidos pela circunstancia de encontrar-se a cidade deserta, visto realizarem-se as festas de Mattosinhos para onde concorre sempre a cidade em peso, penetraram na casa do pharmaceutico Snr. Sebastião Banho onde fizeram uma colheita rica [31].

Festas de Mattosinhos - Reforma, n. 24, 15/06/1916

Realisaram-se nos dias 11, 12 e 13 as tradicionaes festas do Espirito Santo, tanto as religiosas como as populares, na Igreja do Bom Jesus de Mattosinhos e Praça Chagas Doria respectivamente. O magnifico programa que os diversos festeiros organizaram e que foi profusamente distribuido com antecedencia, teve completa execucao. Aos festejos populares na praça, ornamentada a capricho e illuminada a luz electrica, coberta de variedade de barraquinhas, concorreu quase que a populacão toda de S. João, como é costume, reinando alegria franca e não havendo a menor perturbação da ordem, o que abona por completo o espirito deste povo, pacifico por indole e por tradições. Procurando os jogos contra os quaes o snr. Dr. Chefe de Policia tanto se insurgio, não vimos, jogo da cabra cega, jogo de empurra, jogo da bisca, do truco, do dominó, do vispora, de espirito, etc., etc. Na nossa carreira de investigação, porem, fomos detidos junto de um jogo que absorvia e empolgava. Jogava-se o obulo da caridade em avelludadas bolsas trazidas por senhoras e senhoritas de todas as classes da nossa sociedade, em um affan admiravel de avolumarem a alva onde se recolhia o producto da kermesse organisada em beneficio da maternidade annexa á Santa Casa de Misericordia. Era extraordinario o numero de prendas reunidas, muitas de valor, entre as quaes, como uma nota bellissima viam se uma prenda offerecida por Madame Wencesláo Braz e um cheque de dinheiro offerecido pelo sr. Dr. Delfim Moreira, Presidente do Estado. A renda em favor da maternidade subio muito de 3 contos de reis. Como nos interessou o bello gesto da kermesse e como mereceram admiracão os que concorreram para o humanitario fim! E como foi grato vermos reunidos na mais harmoniosa confraternisação do bem a esposa do Presidente da Republica, o Presidente do Estado e representantes de cada uma das cathegorias sociaes! [32]. (...) Parabéns calorosos aos que promoveram todas as festas deste anno as quaes os recommendam e a nós deixaram saudades.

Festa de Mattosinhos - Acção Social, n. 66, 18/06/1916

Correram com grande animação em numerosissima concurrence de povo as tradicionaes festividades deste arrabalde. Mais uma vez ficou provado o espirito ordeiro deste povo, pois em cousa nenhuma foi necessaria a intervenção da policia.

Festas de Mattosinhos - A Tribuna, n. 148, 06/05/1917

Cada vez mais se vão tornando animadissimos os preparativos para a festa de N. Senhor de Mattosinhos neste anno. Parece haver novidades em fogos, muita illuminação e boa musica por duas bandas collocadas no largo. Por essa occasião será realizada uma kermesse em beneficio da escola de meninos pobres do populoso bairro das Fabricas, para cujo certamen de caridade foi constituida uma commissão composta das distinctas senhoras: D. Maria Botelho de Andrade, presidente; D. Augusta da Costa Moreira, vice-presidente; D. Elzi Guadalupe Ferreira, secretaria; D. Antonia Penna Fiel, thesoureira e D. Maria Vasconcellos Guimarães, procuradora.

Festa de Mattosinhos - Ação Social, n. 112, 06/05/1917

Parece que este anno revestirão mais uma vez de grande solemnidade os tradicionaes festejos no prospero bairro de Mattosinhos. Os festeiros preparam-se desde já para organizar um bello programma das festas. Estando a frente desses festejos os nossos distinctos amigos João Evangelista Pequeno e João Francisco Nogueira, só teremos a esperar optimas festas animadas pelos sentimentos nobres de seu espirito catholico.

Festa de Mattosinhos - Ação Social, n. 114, 20/05/1917

Foi largamente espalhado n'esta cidade, soberbo programma das Festas de Mattosinhos, promovidas pelos srs. João Evangelista Pequeno, João Francisco Nogueira, Teophilo Rodrigues, Eduardo Santos e Arthur Lins. Mais uma vez teremos a satisfação de assistirmos essa festividate, tão tradicional em nossa cidade. O programma foi primorosamente organisado e nada deixa a desejar. A parte do culto interno está organisada de forma a contentar os espirito mais exigentes em questão de religião, estando confiado ao Exmo. Monsenhor Gustavo, nosso distincto vigario e illustre tribuno sacro o importante sermão “Divino Espírito Santo” que certamente mais uma vez dissertará com a sua acostumada eloquencia sobre a magnanimidade do assumpto. Os outros sermões do Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora da Conceição da Lapa estão confiados ao distincto Monsenhor José Pedro da Costa Guimarães, illustrado orador sacro que certamente fará tudo para agradar aos romeiros do Bom Jesus. A parte musical do culto interno está confiado a eximia Orchestra Ribeiro Bastos regida pelo distincto musicista João Evangelista Pequeno, que continua a manter a mesma ordem e harmonia dessa affamada orchestra fundada pelo nosso saudoso e immortal Ribeiro Bastos [33]. N'esta festividate ha uma tradicção original, e é que no dia do Divino Espírito Santo os fieis affluem ao templo para receber o pão do Divino, ou vulgarmente o “pão-sinho bento”, e seria romper uma tradicção quasi que sagrada se faltasse este anno o pão-sinho do Divino. Os festejos externos estão organisados com muito capricho e promettem realçar muito n'essa festividate. Tocarão as duas Bandas Ribeiro Bastos, compostas de excellentes musicos que muito se esforçarão para apresentar ao publico peças de grande harmonia e difficil execução. Esperamos com anciadeade esses festejos para melhor fazermos a nossa apreciação.

Tauromachia - A Nota, n. 17, 26/05/1917

Realizar-se-á, amanhã, ás 2 h em Mattosinhos, uma esplendida corrida de touros. A função tauromachica de amanhã será dirigida pelo destemido José Valle, el Marquesito, “espada” de fama, terrivel matador de novilhos, rival dos mais corajosos “toreros” de Sevilha, Toledo e Granada. Da “quadrilha” tambem faz parte o celebre passador José Aragão, cujo “muque” nada fica a dever ao do Maciste. Na tourada de amanhã serão lidas quatro bravias rezas e todas ellas serão subjugadas pelos pulsos herculeos do Aragão. El Marquesito pede-nos declaremos que para conter os “aficionados” de amanhã, o redondel passou por uma grande transformação. Amanhã, ás 2h; no redondel, em Mattosinhos! “A los toros!” [34]

Festa de Mattosinhos - A Tribuna, n. 151, 27/05/1917

Obedecendo ao que dita o programma, profusamente divulgado, terá lugar, hoje, o inicio das Festas de Mattosinhos. O afan que se nota na praça fronteira á capella, construindo-se barracas, coretos, augmentando-se a illuminação, collocando galhardetes, etc., é de modo a esperar-se que ainda este anno, os tradicionaes festejos do Senhor de Mattosinhos se revestirão da habitual attracção. A parte pyrotechnica foi entregue ao sr. Vicente Minoboli, habil profissional de Juiz de Fora, cujos trabalhos são elogiados; a musical á orchestra Ribeiro Bastos e ás duas bandas que tem o mesmo nome, as quaes funcionarão revezando-se ora uma, ora outra. Os actos internos serão praticados de acordo com o ceremonial da Egreja Catholica.

A festa de Mattosinhos: muita jogatina e... pouca religião. _ Todos ganham!... - A Nota, n.22,
28/05/1917

Chegou afinal, o primeiro dia da grande festa de Mattosinhos, a festa querida dos são joannenses. A cidade tradicionalmente católica movimenta-se toda do “Betume” ao “Quicumbi” [35]; reveste-se de gala, e o povo, todo este católico, se abala em direção a Mattosinhos, a grande praça em que regorgita o povo, em que rodopiam as máquinas de azar e em que saltita, inconstante e ladra a bolinha branca das roletas que atrahem, seduzem, limpam e desgraçam quase sempre! Primeiro dia. Também nós fomos ver a grande festa; também nós fomos visitar o meigo e stoico Senhor Bom Jesus de Mattosinhos e notar aquelas que também o iam visitar. E notámos bem. A igreja estava cheia: era a massa, era a plebe, era o “Zé Povo” como vulgarmente dizem. Os contemplados da sorte, aquelas que não precisam de uma oração ao Jesus, confundiam-se às voltas entre as roletas, jaburús e toda jogatina legalmente estabelecida. O pavilhão do “Bi-Centenário”, convertido na mais ampla casa de jogos, provava bem o nosso progresso nesses duzentos anos passados! ... Quase todos os banqueiros são forasteiros atraídos pela popularidade de que gosa a festa lá fora. E todos ganhavam. Não há banqueiro que perca, o que equivale dizer que a festa faz desviar da praça muito dinheiro, carregado pelos banqueiros de fora. Mas não tem que ver; a festa é mesmo do jogo: todos vêm que só banqueiros ganham, e, entretanto, ali estão, presos ao pano, olhos desmedidamente abertos, mãos tremulas, à espera que a bolinha teimosa marque o número desejado. Às vezes marca, porém sempre para os banqueiros. Os “torpedos” estavam na mais franca actividade, o que obrigava aos “perneiras” a verdadeiras manobras táticas para porem a salvo o magro dinheirinho perdido nas dobras das algibeiras. Deixando de lado a jogatina, que ocupava toda a multidão, de fieis devotos, fomos visitar as pensões, “restaurants”, cafés, “grutas” e etc. que este ano, mais que nos anteriores, se estabeleceram por toda a praça. As mais importantes são filiais das casas de comida daqui. O “restaurant” do Motta, da “Gruta sanjoanense”, está bem instalado: come-se e bebe-se do bom e do melhor. Um pouco proxima está a casa do sr. Theodoro, aquela negociante da “Casa S. José”, mesmo na esquina da Praça. Entrávamos. Movimento regular. Uma respeitável família pede chocolate com pasteis. Accode um “garçom” com cara envolvida num immundo lenço: _ Pasteis não há. Temos chocolate e bolos. Pequena indecisão, consultas íntimas, e a família aceita. Vem o chocolate, que, ao ser posto na chicara atraí a nossa atenção. Uma verdadeira mistura de café com leite e chocolate, ou cousa ainda peior. Sobrenadava o pó de café em quantidade. Até, tivemos curiosidade de provar aquela porca preparação... e provamos. _ Arre! que teu chocolate é de má qualidade, dissemos ao garçom, verdadeiramente intragável, sujo mesmo! Riu-se o “garçom” da nossa franqueza e estendeu a mão avia para apanhar os tostões que lhe estendímos. A família que nos referimos só provou o “chocolate”, tocando muito de leve na chicara. Também, não podia ser por menos. Pediram o preço, pagaram, e o “garçom”, com cara de estúpido, ali ficou a olhar para as chicaras sem compreender porque os freguezes não tinham tomado o chocolate. Pedimos o nome do dono da casa e saímos verdadeiramente... com o tal sr. Theodoro, cuja casa apontamos aos “apreciadores” de chocolate. Os automóveis cruzavam-se. Tomámos um.

_ Quanto é a corrida á cidade?

_ Cinco mil réis. A gazolina está caríssima.

_ Tóca, então.

E o “chauffeur” tocou. Era o auto dos Srs. Daldegan & Irmãos. Desprendia uma fumarada horrível. Era kerosene puro. E o esperto do “chauffeur” cobrou-nos gazolina e caríssima. O carro não andava quasi. Quasi asfixiados desembarcamos mandando para o diabo o tal auto a kerosene.

(Nota sem título) - A Nota, n. 22, 28/05/1917

Para assistir às festas de Mattosinhos, chegou de Juiz de Fora o Sr. Antônio Guerra, trazendo em sua companhia o Sr. Nestor Barbosa, seu particular amigo.

As festas em Mattosinhos - Ação Social, n. 116, 03/06/1917

Nestes como em todos os anos foi a festa de Mattosinhos consagrada parte integrante dos costumes são joannenses. Tudo contribui para que ella se revista de um tom alegre e prazenteiro: desde o respeitável fervor religioso que ali leva os fieis, até a distração única que oferecem o trajecto, o largo da igreja, a ornamentação, etc.; uma barraca aqui, outra acolá, invocando muitas delas a caridade como apanágio da alma são joannense, apregoada pelos cartões que conduzem às kermesses das Damas de Caridade, S. Vicente de Paula e outras tantas. A festa de Mattosinhos tem a propriedade de nos apresentar à vista do forasteiro, como cidade eminentemente pacífica de boa índole e educada. Parece incrível que no “fervert opus” onde se confundem milhares de temperamentos, a nossa polícia possa estar despreocupada das funcções, como a realidade nos demonstra, pois, não há barulhos, salvo uma ou outra altercação provocada pelos antidotos do frio, segundo os “entendidos” e que se resolve isoladamente - nada de delegacia. Pelo menos foi o que presenciamos nas horas de mais intenso movimento. Da boa ordem da

festa devemos algo a administração da estrada de ferro, pelo modo correcto e pratico com que resolve annualmente o embarque e desembarque dos romeiros. Neste anno, de preferencia, notamos, que além da boa ordem no serviço e lhaneza dos empregados, os quarenta e dois trens que correram em cada dia, correspondiam optimamente á frequencia dos passageiros sem atropelo e sem prejuízo de material. E não é pouco em se tratando de consultar interesses e opiniões de cerca de 11.000 passageiros. Espalham-se nesses dias, pelo pittoresco arrebalde, mesas de doces, cafés, restaurantes, enfim, tudo que possa consultar do paladar mais acurado ao mais extravagante. E são bem correspondidos os seus proprietarios. Todos se inculcam o “preferido” dentre os muitos existentes e como tal proclamam a aceitação do producto através a excellencia do negocio. Durante os dias de festas, as ceremonias religiosas cingiram-se ao annuncio de antemão distribuindo, concorrendo excessiva frequencia. A parte musical esteve a cargo das corporações Ribeiro Bastos, sendo que a orchestra executou magistralmente os trechos apropriados além das “missas” e “Te-Deuns” de autores celebres. Por sua vez as bandas, no Largo, se revesavam em custosas partituras na disputa de admiração que bem mereceram. Parabéns aos dignos festeiros.

Festa de Mattozinhos – Minas-jornal, (?) [36]

Inicia-se amanhã, com a animação costumeira, a atracente e pitoresca Festa de Mattosinhos. Para focalizar-lhe as nuances, os mais interessantes, lá estarão, sempre abertas, a objectiva, indiscreta da nossa *Premo* e os lapis adelgaçados dos nossos caricaturistas ... [37]

Aranha Humana – Minas-jornal (mesma edição anterior)

Será exhibida em Mattosinhos, durante os dias de festa, esse original arranjo que segundo nos afirmou um nosso amigo vindo há pouco do Rio onde teve occasião de apreciar-o, é de sensação.

Diversões – Minas-jornal (idem)

Domingo, segunda e terça-feira, por causa da Festa de Mattosinhos não haverá sessões cinematographicas [38].

Festa de Mattozinhos – Minas-jornal (ibidem) [39]

Grandioso sucesso! Prodigioso sem igual. Vejam a assombrosa aranha com cabeça de um corpo humano, que falla, ri, chora e assobia. Entrada ... 1\$000. Creanças de 5 a 10 annos \$500. Secções continuas. Verdadeiro assombro!

Mattosinhos - Acção Social, n. 166, 26/05/1918

Com a solemnidade de sempre realizaram-se este anno as pomposas festividades, ás quaes toda a cidade acorre n'uma purissima demonstração de devotamento aos patronos das festas que alli se realizam, ao Bom Jesus de Mattosinhos, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora da Conceição da Lapa, trindade maravilhosa, que arrasta milhares de corações piedosos e que sob o impulso de fervorosa prece tanto concede, e milagres faz. As festas obedecem o programma previamente distribuido, havendo a se salientar a pericia de sua execução.

Como sempre, cabe á orchestra Ribeiro Bastos grande parte do brilhantismo nas festividades em que toma parte, oferecendo as festas em Mattosinhos este anno, precioso ensejo que isso se verificasse. Foi irrepreensivel o serviço de trens na estrada de ferro, n'um movimento de cerca de 25.000 embarques, entre as idas e voltas da cidade ao aprazivel suburbio, não houve um acidente, uma reclamação seria que se pudesse registrar. A aceitação que tiveram as kermesses de caridade, nos dias da festa, orgulha-nos sobremaneira. E assim passaram as festas de Mattosinhos.

O Crime de Mattosinhos: o ignobil e revoltante assassinato - Notas - A Tribuna, n. 204, 26/05/1918

A festa do Espírito Santo em Mattosinhos, de realização tradicional, aqui constitue um acontecimento de frisante nota em a vida são-joannense. Para assistir os festejos acorre gente de todas as partes e a população local aguarda ansiosa o advento da romaria, que despedida já hoje de certa feição poetica de que se revestia, inda é inegavelmente uma das mais caras diversões do nosso povo. De todo o grande, anarchico, rumorejante movimento da festa, resaltava uma nota mui grata aos corações bem formados: no mais insignificante ponto a ordem publica não era alterada. Quando muito, uma ou outra occurrence policial; cousa de maior importancia, jamais. Este anno, infelizmente, a festa maculou-se com um jorro de sangue, fluido do coração de uma inditosa vítima do mais brutal e descabido dos assassinios. Figuram, como protagonistas, no luctuoso sucesso, um bandido da mais baixa estofa, vagabundo de profissão, a que elle accumulava a de *caften*, uma infeliz decahida que, ligando-se ao monstro, enojada, mais tarde, do desprezivel companheiro, tombava na prostituição com o beneplacito do marido, que estimava menos a dignidade propria do que um punhado de oiro, e um moço desavizado, arrastado pelo ardor da edade a uma ligação de todo o ponto reprovada e inconveniente. Eis o facto em suas palavras: Anna Cesaria (Nininha) casada com Ernesto Rangel, era amante de Waldemar Coelho, depois de passar por uma serie

de infidelidades conjugaes, que o marido não ignorava, recebendo mesmo parte dos lucros do indigno mercado. Parece que os proventes escassearam e Rangel, de ha muito se separara da mulher. Escrevia-lhe porem, ameaçando-a e promettendo matal-a e ao amante da occasião. Em Mattosinhos, ao segundo dia de festa, achava-se Nininha – que tinha no rosto, de continuo, estampado um ar da mais deslavada desfaçatez – conversando com Waldemar, quando é este aggredido por Ernesto Rangel, que lhe vibra certeira punhalada no coração, evadindo-se em seguida, sem que alguém lhe detivesse os passos. O moço ferido sahiu cambaleante, indo tombar em agonia que durou breves instantes, no meio da praça, sendo logo acudido por Frei Candido Wrooman que se achava proximo do local onde Waldemar cahira e lhe prestou os socorros espirituas possiveis na emergencia. Assim, a alegria da festa tarjou-se de negro, prendendo a todos o sentimento de profundo dó pela desdicta de Waldemar e de revolta pelo nojento assassino, uma verdadeira besta, de alma povoada pelos mais despresiveis sentimentos. O pesar, que se derramou por toda aquella immensa molle de povo, mais pungente se tornou para aquelles, aos quaes foi dado ver a exaltação dolorosa, a inominavel afflição da progenitora do morto á vista da fatalidade que desabava tão duramente sobre seu affecto maternal. O assassino entregou-se á prisão e já tiveram inicio as primeiras providencias processuaes, tendo sido colhidos os depoimentos do assassino, de sua mulher e de uma testemunha [40].

(Nota s/ título) - A Tribuna, n. 204, 26/05/1918

Correram com alguma animação as festas de Mattosinhos este anno. Foi notada, porém, a falta de fogos de artificio, que muita graça dão a essas festividades. Pena é que não se procure dar mais vida e alegria ás nossas festas de Mattosinhos. Há ali kermesse, solemnidades religiosas, jogo, e povo andando sem destino de um para outro lado, com a physionomia carregada; mas festa propriamente não se pode affirmar que exista. O tradicional pão de sebo e os fogos, que tanto encanto davam a Mattosinhos, este anno foram suprimidos. Para o anno os festeiros deverão arranjar mais musica, que seja alegre, bailes publicos, batalhas de confetti, fogos, pão de sebo, enfim coisas que façam vibrar e que divirtam. Os trens da Oeste, nos tres dias, transportaram cerca de 13.192 passageiros, rendendo 3:957\$600 [41]. O serviço dos trens correu com muita ordem; apenas no ponto de embarque, em Chagas Doria, era grande a balburdia de povo, na ancia de tomar os trens. É de se esperar, no entanto, que a directoria da Oeste, para o anno, tome uma providencia que evite aquellas scenas desagradaveis.

Pelas Egrejas - A Tribuna, n. 255, 18/05/1919

Por nosso intermedio informa os actuaes festeiros de Mattosinhos não ser verdade que este anno não se fará a tradicional festa do Divino Espírito Santo.

Festas de Mattosinhos - Acção Social, n. 215, 20/05/1919

Neste como nos demaes annos realisar-se-ão no aprazivel arrabalde de Mattosinhos as festividades do costume. Durante os dias da festa correrão os trens fornecidos pela administração da Estrada, não procedendo, portanto, as noticias que correram pela cidade de que a ponte provisoria que travessa o Agua Limpa era obstaculo para o trafego desses trens.

(Nota s/título) – Minas-jornal, n. 110, 07/06/1919

Inicia-se amanhã a popular Festa de Mattosinhos. Este anno, devido á salutar campanha policial de saneamento, não haverá, *malgré tout*, jogo no tríduo festivo. Tal medida prophylactica desagradou a muita gente boa afeita, de há muito, ás emoções da roleta... Mas, felizmente, a policia resolveu levar a coisa a serio: não haverá jogo. Há quem, á falta de outro, traga sempre á baila, á guisa de argumento, o facto de nos annos anteriores campear alli a jogatina do modo mais infrene: - onde se esquecem do que o facto de se haver infringido algumas vezes uma disposição do codigo penal, não importa, em absoluto, na obrigação de persistir-se no não cumprimento dessa disposição legal. O jogo, por ter sido permittido nos annos anteriores, pela complacencia criminosa da policia, não deixou de ser uma illegalidade, incursa no Codigo Penal. Antigamente, conforme asseveram pessoas anciãs, realizavam-se os festejos de Mattosinhos sem o mais leve signal de jogo. Faziam-se Cavalhadas e mil outros divertimentos que punham boquiabertos os indigenas, mas nada de pano verde, sem vislumbre de batotas. Ha uns vinte annos, mais ou menos [42], é que se introduziu o regimem da jogatina, fazendo-se d'aquillo uma feira de toda especie de jogos, destinada a afanar quanto banqueiro se lembrasse de aportar alli para debulhar os *habitues*. Graças porém á acção benefica do Dr. Alvaro Bastos, não reinarão este anno os batoteiros.

(Nota s/ título) – Minas-jornal, n. 111, 10/06/1919

Sem jogo, absolutamente isenta de pannos verdes, escoou-se a Festa de Mattozinhos. Durante o triduo festivo foi enorme a concurrencia do povo que afluiu ao pinturesco arrabalde. A festa, como sempre, nada teve de interessante: consistiu em uma especie de retreta, com duas bandas de musica e, lá de vez em

quando, mal focada e trepidante, uma fita cinematographica. As kermesses estiveram bastante freqüentadas, não o bastante notar-se, á primeira inspecção, a “sobriedade de premios passaveis.” Deu uma nota funebre, a falta de illuminação do, “Pavilhão”.

(Nota s/ título) - A Tribuna, n. 258, 08/06/1919

Após ter sido realizado na egreja matriz desta cidade o novenario que precede á tradicional festividade do Senhor Bom Jesus de Mattosinhos terão inicio hoje os actos que terão logar na sua respectiva capella, os quaes se extendem até depois de amanhã. A animação que desde dias atraç se nota nas adjacencias da sympathica ermida, pelo numero de barraquinhas garridas que se levantam prova que ainda não se arrefeceu essa tradicionalidade de nossa terra. Duas bandas de musica tocarão na praça fronteira á egreja – “Philarmonica A. Theodoro” e “Baptista Lopes”. A estrada “Oeste” fará, com a costumada regularidade, os trens especiaes.

Festa de Mattosinhos - Ação Social, n. 265, 19/05/20

O povo prepara-se, no mesmo afan de todos os annos, para a festa de Mattosinhos, de remota tradicionalidade para a terra são joanense, a qual se realizará domingo, segunda e terça proximas. As classicas barraquinhas já se erguem; movimento outro se vae notando no bairro de Chagas Doria ou Mattosinhos, o seu nome antigo.

Festa de Mattosinhos - Ação Social, n. 267, 26/05/20

Em nada desmereceu a Festa de Mattosinhos, no tocante á concurrenceia de romeiros. Os trens trafegaram sempre cheios, notadamente no ultimo dia, terça feira, em que maior foi o acumulo de povo que se dirigiu para ali. Não foram consentidas barracas de jogos, em compensação ergueram varias de ação humanitaria e uma em beneficio do *Diario Catholico*, as quaes estiveram sempre movimentadas. Felizmente não tivemos o minimo facto desagradavel a registrar, apezar da enorme massa de povo que se apinhava na praça fronteira á ermida de N. Senhor de Mattosinhos.

Festa de Mattosinhos - O São João d'El-Rey, n. 11, 27/05/1920

Realizaram-se nos dias 23, 24 e 25 deste as tradicionaes festividades de Mattosinhos. Durante esses dias correram constantemente entre esta cidade e o pittoresco arrabalde trens especiaes, sendo como nos annos anteriores, grande a affluencia de povo [43].

[1] - F.E.M.Magalhães tornou-se mais tarde redator do jornal são-joanense **Luzeiro**.

[2]- Em 1879 o mesmo jornal publicou anúncio com texto idêntico, exceto por não citar o nome do procurador dos pobres e por terem mudado o procurador da festa (Francisco Tiburcio Dias Carneiro) e o orador (Joaquim Maximo da Rocha Pinto).

[3]-Título de baronato concedido ao sr. Belisário Augusto de Oliveira Pena, datado de 11/12/1872. Referendado por João Alfredo Correia de Oliveira, foi concedido no Palácio do Rio de Janeiro. Fonte: **Anuário do Museu Imperial**. Petrópolis: Ministério da Educação e Saúde, 1945. p.55.

[4] - Desconheço a razão pela qual a festa desse ano foi adiada para julho.

[5]- Nesse ano, o programa do Bom Jesus e da Senhora da Lapa foram publicados em separado, sem novidade alguma. Os respectivos procuradores da festa foram: Antônio Pereira da Cunha e João José Lopes.

[6] - Igreja matriz: a de Nossa Senhora do Pilar, da qual a capela de Matosinhos era filial.

[7] - Disse que a cavalhada era divertimento novo para a maior parte das pessoas do lugar, porque de fato, elas estavam desativadas na cidade há bastante tempo. Além do Pentecostes, mandava a tradição, sobretudo setecentista, representar as cavalhadas no Largo de São Francisco, onde se fazia o curro por ocasiões cívicas.

[8] - A dita desordem, informa a mesma edição, foi uma briga que deixou vários feridos, sendo três em estado grave. Atribuiu-se a confusão à falta de policiamento.

[9]- Esta nota foi repetida na edição deste jornal, do dia 30. A citada companhia anunciaava-se com o nome de Circo Pery, “*Companhia Equestre Gymnastica e acrobatica Luzo-brazileira, sob a direção de Laureado artista bazileiro Manoel Pery.*” Contava também com um bufão, o “*jocoso Polydoro que de dia em dia augmenta o seu vasto repertorio de bôas pilherias, trazendo o publico sempre em constante hilaridade.*” As companhias equestres eram muito queridas. Uma delas, a de João Pierre & Irmão, no ano de 1901, obteve da câmara, pela resolução de 28 de junho daquele ano, a dispensa do pagamento de licença, pelo espetáculo que realizara em 02 de abril, em benefício da igreja do Rosário (**O Combate**, n.87, 13/08/1901).

[10] - O Maestro Luiz Batista Lopes (1854-1907), era também pintor e escultor, além de ser diretor da Orquestra Lira Sanjoanense. Nomina uma rua, no Bairro Tijuco. Era conhecida outrora por Rua das Flores, nome oficialmente mudado em 1938, embora muita gente ainda a chame assim.

[11] - O Cônego Nunan, depois promovido a Monsenhor, faleceu em 14/03/1899, de síncope cardíaca. Era vigário paroquial do Pilar. O jornal **S. João d'El-Rey** (n.10, 25/03/1899) lhe fez muitas homenagens, também encontradas em números subsequentes.

[12] - Segue a lista dos mesários eleitos para o festejo do Bom Jesus de Matosinhos em 1891, prevendo os seguintes cargos: juiz e juíza, secretário, tesoureiro, procurador e irmãos (ãs) mesários (as).

[13] - Todas essas propagandas denotam a dimensão que atingia a festa. Os botequins, restaurantes e hotéis não eram fixos, mas improvisados nessa época do ano, para servir aos romeiros.

[14] - São os mesmos cargos citados na **Gazeta Mineira**, n. 347. Só selecionei os dois nomes expostos. O último dia estava reservado à festividade de Santana.

[15] - De novo segue-se a imensa lista com os mesmos cargos inclusive os de Santana. Destaco: imperador (reeleito): Ernesto Rodrigo de Assis e Silva; imperatriz: D. Maria da Graça Marcondes Lobato.

[16] - Não descobri qual seria esse fundamento.

[17] - Miguel Arcanjo da Silva era o tesoureiro da Capela de Matosinhos. Em 1903 fez a relação de todos os bens deste templo, publicada em boa hora por José Cláudio Henriques.

[18] - Baronesa: Sra. Maria Barbosa de Resende, casada com José Resende de Carvalho, segundo informes pessoais do prof. Antônio Gaio Sobrinho, a quem agradeço. A baronesa faleceu a 15/12/1909 de bronco-pneumonia. Seu féretro reuniu uma enorme multidão, noticiou na época o jornal **O Combate**.

[19] - O Padre João Baptista do Sacramento faleceu a 04/07/1907. A antiga Rua do Matola desde 1923 tem o nome de Rua Padre Sacramento, em sua memória. Igualmente no Bairro Caieira há a Escola Estadual Padre Sacramento, de 1º Grau (infelizmente sem alunos matriculados desde 2008), nome que o homenageia, tal como no passado tivera este nome a escola de padres salesianos que funcionou primeiro no Pavilhão de Matosinhos e depois no Patronato, hoje 3º Campus da UFSJ “Presidente Tancredo Neves”.

[20] - O dito capitão, desde 1907, nomeia uma rua no Alto das Mercês, ladeando o hospital pelo lado de cima. É a antiga Rua da Laje. É avô pelo lado materno do político são-joanense Tancredo de Almeida Neves.

[21] - Richard Francis Burton cometia o mesmo engano, ao afirmar que a capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos era orago do Espírito Santo. Eses lapsos contudo são úteis, para que hoje se possa avaliar, a extensão que teve a festa do Divino, chegando a se considerar que o Paráclito tinha igreja própria no bairro.

[22] - Notar o tom irônico de se chamar os romeiros de devotos, que seriam na verdade viciados em jogos, principal razão que os atraía. O dito delegado foi destituído do cargo pelo chefe de polícia no dia 9 daquele mesmo mês e ano, informa essa fonte. O lamentável acidente referido foi um desastre ferroviário ocorrido na “Cava”, curva fechada e reversa “próxima à fábrica de louça”. Tal curva fica logo após o Pontilhão da Água Limpa rumo à estação de São João del-Rei. Um trem que vinha de Sítio (atual Antônio Carlos) – que estava atrasado – chocou-se com um que ia para a festa do Divino, causando ferimentos em vários passageiros, notadamente, pela gravidade, nos srs. dr. Guilherme Milward e Custodio Assis, afetados nas pernas e pés, sendo tratados e operados pelo dr. F. Catão (ainda segundo a mesma fonte e sua edição seguinte). Ainda este ano houve outro fato desagradável durante a festa, nos dá conta o mesmo jornal, nesta edição e na seguinte: Felisbino Damaso voltando da festa para casa na madrugada do dia 09, com seus colegas, topou e se desentendeu com outro grupo de rapazes na estrada entre o arrabalde e a cidade e um deles, o pescador “Olegário de tal” disparou contra Felisbino. Os tiros atingiram-lhe o antebraço e a coxa, sendo igualmente operado pelo mesmo médico supra-referido, que retirou o projétil. A polícia investigou o caso. Resta dizer que o dr. F. Catão morava em Matosinhos e em 1902 construiu às suas custas um pontilhão ligando a “Praça do Coronel Pedro Paulo” a Matosinhos, porque a ponte havia sido arrastada pela enchente. Sua obra foi elogiada pois além do forte madeirame, empregou trilhos de trem na sua sustentação (**O Resistente**, n. 493, 02/08/1902). Por fim uma curiosidade: na perigosa curva ainda há uma pequena e velha cruz de ferro (a original era de madeira) que marca segundo a tradição oral o local onde a locomotiva matou um bêbado a muitos anos atrás.

[23] - Templo dos Carmelitas: a igreja de Nossa Senhora do Carmo, ou do Monte Carmelo, situada no centro da cidade e pertencendo então à mesma paróquia a que pertencia Matosinhos, cuja matriz era no Pilar.

[24] - Esta é a mais antiga grafia de Matosinhos que localizei na forma atual.

[25] - No final do Matola havia um matadouro, ao qual se refere este texto. Foi transferido para Matosinhos em 1910.

[26] - D. Carlota: Carlota Camila da Silva, filha do coronel Carlos José da Silva e sra. Maria Angélica de Sá Menezes. Sua família era rica e influente. Cf. HENRIQUES (2003).

[27] - Esta crônica é enorme e trata de assuntos muito alheios à festa, aqui excluídos. Entremeado a eles há um trecho que diz: “*Depois ia se ao leilão de prendas, em frente à igreja, onde filas de bancos estavam cheias de moças; era um nunca acabar de boas piadas de João Batistinha, o esperto leiloeiro, que sabia geitosamente por á prova o amor proprio do arrematador endinheirado. De uma vez, vi uma flor, que, por artes e artimanhas, tinha sido furtada do corpete de certa moça, hoje respeitavel matrona, ser disputada por dois de seus adoradores e alcançou um preço louco!*”

[28] - Nas festas de 1913 e 14 surgiram notícias de valiosas jóias perdidas. Era um momento aristocrático que dava ocasião aos mais abastados de exibirem suas preciosidades, enquanto evento social muito esperado por todos são-joanenses.

[29] - Esta cervejaria era de Juiz de Fora / MG. Anteriormente chamava-se “Cerveja Kremer”.

[30] - A Confeitaria Faleiro, de J. Faleiro & Comp., anunciava nos jornais daquele tempo: “*bebidas finas e confeitos, especialidade em assucar refinado e café em pó, cerveja Pilsem “Bavaria Rio” a 1\$500*”. Tinha lojas à Rua Moreira César, nº 14 (atual Av. Pres. Tancredo Neves) e Rua Tiradentes, nº 52.

[31] - O texto lista as jóias furtadas e comenta os esforços da polícia para prender os ladrões foragidos.

[32] - A festa de Matosinhos alcançou tal prestígio, que foi suficiente para atrair aqui a primeira dama do país e o governador do estado. São provas cabais da dimensão que atingiu, atraindo a atenção de políticos do cenário nacional.

[33] - Desde 1949, que João Pequeno é o nome oficial da antiga travessa conhecida por Beco da Romeira.

[34] - A edição deste jornal do dia 28 do mesmo mês e ano, dá notícia que tal tourada foi cancelada pela polícia, que teve de fechar o redondel por falta de segurança.

[35] - Do Betume ao Quicumbi: literalmente, de uma ponta a outra da cidade; ou seja, toda a zona urbana daquela época. Eram os limites extremos da urbe - o Betume fica a oeste, nas imediações da atual igreja de São José Operário. Ganhava esse nome por causa das areias betuminosas da margem do córrego, naquele ponto, escuras e oleosas. O Quicumbi está a nordeste, no atual Bairro das Fábricas. Ali existiu a Chácara do Quicumbi, propriedade do Major Joaquim de Castro e Sousa, falecido a 05/01/1888. Ela chegou a funcionar como sede da superintendência colonial e como lazareto da colônia italiana, abrigando os doentes durante um surto de varíola (cf. **O Resistente**, n. 54, 21/05/1896). O poder municipal a declarou de utilidade pública, para ali fazer um campo santo. A resolução nº147, de 22/04/1899, autorizou a construção do cemitério com portão de ferro. O orçamento foi de 7 contos de réis (**S. João d'El-Rey**, n. 17, 13/05/1899). Até hoje se alcunha “Cemitério do Quicumbi” ao Municipal, cognome herdado da antiga chácara, que por sua vez, certamente, o tirou de um córrego vizinho, em parte manilhado. O Córrego do Quicumbi já quase não tem água e está poluído. Houve ainda nesta cidade o “Cal Quycumbi”, de propriedade do comerciante Pedro Daldegan, que o anunciava no jornal **O Repórter** (n. 133, 04/06/1914). Resta dizer que quicumbi é palavra africana usada noutras regiões do país para designar uma dança folclórica, espécie de congado. Sua etimologia exata me é desconhecida. Mas com certeza o sufixo “cumbi” é traduzido como o sol, ou a luz solar.

[36] - Os exemplares do **Minas-jornal** de 1918, de São João del-Rei, do arquivo do IPHAN, estão com o extremo superior da página danificados, de tal forma que o cabeçalho não permite a leitura do número e datas tipografados da edição.

[37] - Alusão aos tipos populares que freqüentavam a festa.

[38] - O cinema funcionava no teatro municipal. O cancelamento das sessões se devia à falta de público nesses três dias, por causa do esvaziamento da cidade, que como atestam as várias páginas jornalísticas expostas, acorria em peso a Matosinhos, para onde também se transferia enfim a própria exibição do cinema, em caráter provisório, armado numa espécie de tenda.

[39] - Anúncio formatado numa quadrícula de propaganda, no rodapé do jornal.

[40] - Na seqüência o jornal comenta a ficha policial do bandido e a revolta que o caso gerou na população, visível nos comentários correntes na cidade. O caso foi apurado pelo sub-delegado Dr. Augusto Rodrigues. A vítima foi sepultada no Cemitério das Mercês, no dia seguinte ao crime (21 de maio).

[41] - 3:957\$600: três contos novecentos e cinqüenta e sete mil e seiscentos réis, valor muito expressivo.

[42] - Vinte anos: é o período no qual o jogo se tornou absurdamente dominante. Antes, desde a chegada da ferrovia, o jogo já havia se instalado, porém de forma moderada. No parágrafo anterior aparece a palavra “indígenas” em sentido figurado, indicando os naturais da cidade, os da terra.

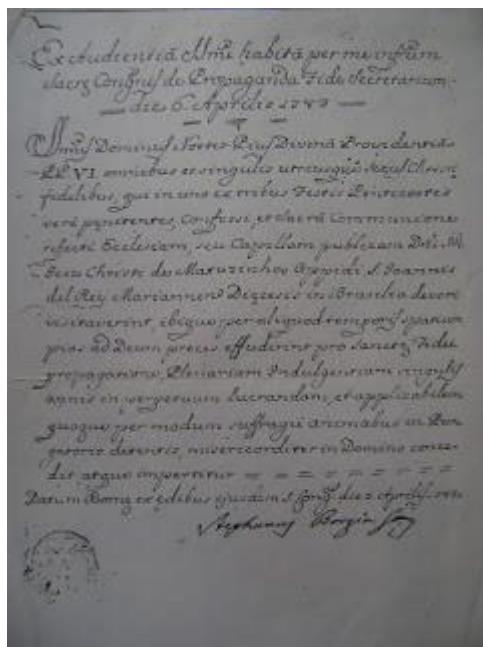
[43] - A edição n. 9 desse jornal, de 13 de maio, do mesmo ano, afirma que os festejos de Matosinhos de então, receberam do poder público municipal, a importância de 200\$000, na qualidade de auxílio.

Título Jubilar

Breve Pontifício de 1786, do Papa Pio VI

Transcrição: “Excludientia SSmi. habita per me in frum Sacre Congnili de Propaganda Fide Secretarium. = die 6. Aprilis 1783 = Ssmu Dominu Noster Piu Divina Providentia PP. VI. omnibus et singulis utriungui sexu Christi fidelibus, qui in uno ex tribus Festis Pentecostes verè penitentes, confessi, et Sacrâ Communione refecti Ecclesiam, ou Capellam publicam Dni. Nri Jesu Christi de Matuzinhos oppidi, S.Joannis del Rey Mariannen Diecesis in Brasilia devoti visitaverint, ibique per aliquod tempori spatium pias ad Deum preces effuderint pro Sancte Fidei propagatione, Plenariam Indulgentiam singuli annis in perpetuum lucrardam, et applicabilem quoque per modum suffragii animabus in Purgatorio detentis, misericorditer in Domino concedit, at que impertitur = Data in Rome ex edibus ejusdem 7. Cong: nil dies. Aprilis 1783 = Stephanus Borgia Secretarium.”

Tradução [1]: “da audiência do Santíssimo (o Santo Padre), havida por mim, infra-assinado, Secretário da Sagrada Congregação para Propagação da Fé. - Dia 6 de abril de 1783 - O Santíssimo Senhor Nossa, pela Divina Providência Papa Pio VI, misericordiosamente no Senhor, concede e comunica a todos e a cada um dos fiéis cristãos de ambos os sexos, os quais, em um dos três dias da Festa de Pentecostes, verdadeiramente contritos, tendo-se confessado e, restaurados pela sagrada comunhão, devotamente visitarem a igreja ou capela pública de Nossa Senhor Jesus Cristo de Matosinhos, da cidade de São João del-Rei, da Diocese de Mariana, no Brasil, e ali, por algum espaço de tempo, fizerem piedosas preces a Deus pela propagação da santa fé, que haverão de lucrar, a cada ano, perpetuamente, a indulgência plenária, também aplicável, à maneira de sufrágio, às almas retidas no purgatório. Dado em Roma, da sede da mesma Congregação, no dia 7 de abril de 1783. Stephanus Borgia, secretário”.



Breve Pontifício de 1783.
Fotocópia gentilmente cedida por Osni Paiva.

[1] - Tradução e revisão gentilmente realizadas pelo prof. Abgar Antônio Campos Tirado, em abril de 2003. A tradução que se dispunha anteriormente tinha nada menos que 27 erros, identificados pelo ilustre mestre, provenientes, talvez, de falhas dos copistas.

Ata da Dedicação da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Matosinhos [1]

“Ao primeiro dia do mês de janeiro de mil novecentos e oitenta, às dezesseis horas, numa terça-feira, foi realizada, conforme o Pontifical Romano, a dedicação da Matriz do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, por sua Excia. Revma. D. Delfim Ribeiro Guedes, DD. Bispo Diocesano de São João del-Rei. Sacerdotes estiveram presentes. Autoridades civis e militares e fiéis da paróquia, da cidade de São João del-Rei, de

cidades vizinhas, superlotavam as sagradas dependências da Matriz. Foram encerradas no altar as relíquias de dois santos mártires: São Timóteo e Santa Aurélia. Iniciou-se a construção aos quatro dias de outubro de 1965. A 1^a comissão constava dos seguintes membros: Pe. Jacinto Lovatto: Pároco; Sr. Valdemar Marques: Presidente; Sr. Jorge Salomão: Vice-presidente; Sr. Alfio Lopes: Secretário; Sr. José Batista da Costa: Tesoureiro; além de outros membros componentes do quadro de Procuradores. Nesta data a paróquia comemora o 20º aniversário de instalação. Criada por sua Excia. D. Oscar de Oliveira, Arcebispo de Mariana, tomou posse, naquela data, o Pe. Jacinto Lovatto como Pároco. A instalação e posse foram efetuadas pelo Revmo C^o Vicente Diláscio, representando o Sr. Arcebispo de Mariana. Um vasto programa foi elaborado para comemorar os dois fatos: 20º aniversário da paróquia e a consagração da matriz. São João del-Rei, 1º de Janeiro de 1980. “



*Saída da procissão durante o Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos.
São João del-Rei/MG.14/09/2014.*

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli

[1] - **Comunidade.** Boletim Oficial da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. n. 1. Set. / 1995.

Elevação a Santuário

Decreto de elevação da Matriz de Matosinhos a Santuário Diocesano [1]

“Decreto nº 3 – 2003 - Aos que este decreto virem, saudação e bênção do Senhor. Fazemos saber que, devido a grande devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos, pelos naturais e moradores da cidade de São João del-Rei, da Diocese de São João del-Rei, e considerando que:

- 1 – desde os primórdios da vila e depois de cidade de São João del-Rei sempre houve grande devoção ao Senhor Bom Jesus Crucificado e já em 1750 havia “ex-votos” por graças alcançadas;
- 2 – a 6 de maio de 1769 houve a doação de área de terreno (1.500 m²), na Vargem do Porto Real da Passagem para nela se construir uma capela dedicada ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos;
- 3 – em 29 de maio de 1770 os devotos do Senhor Bom Jesus de Matosinhos fazem petição para edificar a capela para abrigar a devotíssima imagem do Senhor Bom Jesus e para que os moradores locais pudessem cumprir o preceito dominical;
- 4 – em 13 de junho de 1771 é concedida a autorização eclesiástica para “naquela paragem poder erigir uma ermida (capela) com a invocação do Senhor Bom Jesus de Matosinhos”;

5 – a 28 de fevereiro de 1773, o Padre Doutor Matias Antônio Salgado, SJ, Vigário Colado da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, provê, doa e constitui patrimônio para a Capela do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, incluindo na doação a belíssima imagem de Nossa Senhora da Lapa;

6 – a 19 de maio de 1774, é dada por concluída a capela e depois de benzida, entregue ao culto e veneração do Senhor Bom Jesus de Matosinhos;

7 – em 6 de abril de 1783 a Santa Sé expediu Breve Pontifício concedendo o privilégio de jubileu com indulgência plenária para os fiéis devotos que, confessados e comungados, visitassem a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos nos três dias da Festa de Pentecostes;

8 – a construção da Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos teve tanta influência na comunidade que sua localização antes denominada Vargem do Porto Real da Passagem passou a ser conhecida como Matosinhos por toda a população são-joanense;

9 – as festas ali promovidas em louvor ao Espírito Santo e ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos tiveram tal repercussão através dos anos que a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos passou a ser alvo de constantes romarias para cumprimento de votos e promessas chegando a haver na antiga igreja um grande espaço para colocação de quadros de ex-votos, tal a quantidade de graças alcançadas pelos devotos;

10 – a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em virtude das romarias e grande afluxo de fiéis e devotos passou também a ser denominada Santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, pelo povo e mesmo sem documentos assim aparece essa denominação;

11 – com a criação da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos em 1960, havendo então pároco residente, houve um incentivo cada vez maior em comemorar tanto a solenidade de Pentecostes como a do Senhor Bom Jesus em 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz;

12 – o atual pároco, interpretando os anseios dos paroquianos e dos devotos do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, conseguiu da Santa Sé, novamente o privilégio de Jubileu do Senhor Bom Jesus para festa anual em setembro;

13 – a cada ano tem aumentado o número de fiéis que participam ativamente e intensamente de todas as manifestações religiosas, litúrgicas e paralitúrgicas, durante todo o ano e especialmente em Pentecostes e do Senhor Bom Jesus de Matosinhos;

Em virtude de todos estes aspectos históricos e tradicionais e também interpretando a vontade manifesta da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, através do Pároco, do Vigário Paroquial, das associações religiosas e de todos os paroquianos e devotos, resolve conceder à Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, da cidade de São João del-Rei, o título de Santuário Diocesano, com todos os privilégios e prerrogativas dos santuários.

Este decreto entra em vigor na data de sua expedição e será transscrito no Livro de Tombo Paroquial da Paróquia do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, e lido na estação da Missa da Exaltação da Santa Cruz em quatorze de setembro.

Dado e passado nesta Episcopal Cidade de São João del-Rei, sob o Nossa Sinal, e o Selo de Nossas Armas, aos 14 de setembro de dois mil e três (2003), Festa da Exaltação da Santa Cruz.

*Dom Waldemar Chaves de Araújo, Bispo Diocesano
Eu, Padre Antônio Claret Albino, Chanceler do Bispado, subescrevi.
Protocolo nº 36/2003 – P
Registrado no Livro de Registros Gerais”.*



Santuário em festa, no Pentecostes de 2012.

* Texto: Ulisses Passarelli
** Foto: Iago C.S. Passarelli

[1] - **Comunidade.** Informativo do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, jul. / set. 2003. Ed. especial.

Ata da Festa do Divino de 1949

“Ata das festividades em honra do Divino Espírito Santo, realizadas na Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, de 27 de maio a 5 de Junho de 1949.

Conforme programa previamente aprovado pelo Revmo. Vigário da Paróquia de São João Bosco, realizaram-se na Igreja do senhor Bom Jesus de Matosinhos, as festividades em honra ao Divino Espírito Santo, festividades estas que há longo tempo, por motivos diversos, não se realizavam.

A meza administrativa nomeada pelo Revmo. Vigário, foi a seguinte:

Provedor – Exmo. Snr. Emidio de Moraes [1].

Provedora – Exma. Snra. D^a. Juvencina Silva.

Vice-Provedor – Exmo Snr. Eduardo Dilásio.

Vice-Provedora – Exma. Snra. Da. Nalzira de Freitas Gonçalvez.

Presidente – Dr. Paulo de Rezende Campos.

1º e 2º Secretários – José de Souza Rios e Severiano da Cunha Tomaz.

1º e 2º Tezoureiros – Celestino José Carlos Filho e Adolfo Ferreira da Silva.

Procuradores – João Climaco do Sacramento, Pedro Calixto do Nascimento, Pedro Bassi, Silviano Giarola, Carlos Miguel Briguenti, José da Cruz Mendonça, Geraldo Mendes Guimarães e Custódio M. de Souza.

Andadores – Alfredo Eugenio de Almeida, Antonio Zeferino da Silva e José Juarez de Souza Campos.

Leiloeiro – Irineu Alves do Nascimento.

Festeiros auxiliares – Arlindo Possato, Carlos Amaro de Paiva, Alfredo Ovidio da Silveira e Alberto Pinheiro de Almeida.

Paraninfos – Exmo. Snr. José Ambrósio de Andrade e Enéas de Oliveira Moraes.

Festejos internos = Nos dias 27, 28, 30 e 31 de Maio. Missa às 6 horas, rezada. Às 18,30 horas, terço, ladainha de N. Senhora, leitura e canticos.

Dia 29 de Maio – Domingo – As 7 horas missa rezada, com canticos. As 18,30 horas, Terço, ladainha de N. Senhora, leitura e canticos.

De 1º a 4 de Junho – Às 6 horas missa rezada. Às 18,30 horas, Terço, Novena do Divino Espírito Santo, Prática e Bênção do SS. Sacramento.

Dia 3 de Junho, 1º Sexta feira do mês – foi realizada a Hora Santa Eucaristica, encerrando-se com a Bênção do SS. Sacramento.

Dia 5 de Junho – Domingo – Às 4,30 horas alvorada.

Às 7 horas – missa rezada, com canticos, por intensão dos paraninfos, provedores e de todas as pessoas que concorreram para o brilhantismo dos festejos.

Às 10 horas – Missa solene cantada com sermão pelo Revmo. Vigário Pe. Duarte Costa.

Às 16,30 horas – Procissão do Divino Espírito Santo que percorreu as ruas do bairro, encerrando-se as festividades internas com sermão pelo Revmo. Vigário e Bênção do SS. Sacramento.

Apezar do mau tempo reinante na ocasião, a procissão realizou-se na mais perfeita ordem e piedade por parte de todos os fiéis.

O côro paroquial D. Bosco prestou eficazmente o seu apoio para melhor brilhantismo dos festejos internos e merece o nosso sincero agradecimento.

Festejos externos – Diariamente, após as solenidades internas, houve na praça Chagas Dória, bem iluminada, animados leilões, barraquinhas e outras diversões populares, tudo em benefício da festa.

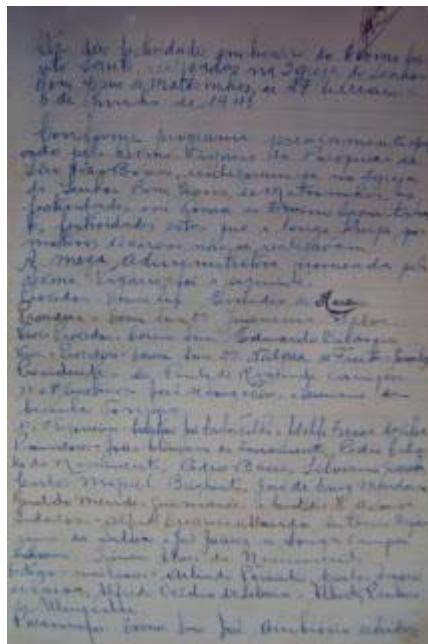
Do movimento financeiro que consta discriminadamente no livro “Caixa” organizado pelo Snr. 1º Tezoureiro, podemos salientar o seguinte: Esmolas dos paraninfos, provedores, juizes etc. Cr\$4.096,30, Listas e esmolas diversas Cr\$1.262,10. Renda dos leilões, barraquinhas de series, café e etc. Cr\$9.248,40. Total Cr\$14.606,80.

As despesas montaram em Cr\$7.348,30 e mais Cr\$2.208,50, que ofertamos ao Revmo. Vigário como donativos para as obras da Matriz Santuário de S. João Bosco, somando um total de Cr\$9.606,80, havendo portanto, um saldo líquido, de Cr\$5.000,00, para a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, importância esta entregue ao Revmo. Vigário para depósito no Banco.

Nos dias 4 e 5 de Junho, os festejos externos foram animados pela Banda de Música Santa Cecília.

Nada mais me oferecendo digno de nota, lavrei a presente ata, que assino.

Matosinhos, 15 de junho de 1949, José de Souza Pires, 1º Secretário”



Página do livro de atas da Festa do Divino de 1949.
Acervo da Comissão do Divino. Gentileza: Antônio da Silva Serpa.

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

[1] - Nome completo do provedor: Emygdio Apolinário dos Passos Moraes, popularmente conhecido por “Emídio do Bengo”, por ser morador da Colônia do Bengo, São João del-Rei. Dominava magistralmente a fitoterapia. Com preces e ervas, curou muita gente nas cercanias e seu nome é ainda hoje respeitadíssimo. Corre nos meios populares muitas narrativas a seu respeito. Ver: CENTENÁRIO da Capela de Santo Antônio do Bengo. São João del-Rei: [s.n.], 2005. 36 p.il.

Novena ao Divino Espírito Santo (2005)

A) CANTO:

*Estaremos aqui reunidos,
como estavam em Jerusalém;
pois só quando vivemos unidos
é que o Espírito Santo nos vem!*

*Ninguém para esse vento passando!
Ninguém vê, ele sopra onde quer ...
Força igual tem o Espírito Santo,
Faz a Igreja de Cristo crescer!*

B) ABERTURA:

S – Vinde Espírito de Deus e enchei os corações dos fiéis com vossos dons. Acendei neles o amor com um fogo abrasador, vos pedimos, ó Senhor. E cantaremos aleluia. E a nossa terra renovada ficará; se o vosso Espírito, Senhor nos enviar. Vós que unistes tantas gentes, tantas línguas diferentes numa fé, na unidade. Pra buscar sempre a verdade e servir o vosso Reino com a mesma caridade. Enviai Senhor o Vosso Espírito e tudo será criado ...

T – E renovareis a face da terra!

S - Oremos... Ó Deus que instruísteis os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de suas Consolações. Por Cristo Nossa Senhor.

T – Amém.

C) ORAÇÃO:

Ó Pai Eterno, Criador de tudo e de todos, daí-nos o vosso Espírito de Santidade que santifica tudo e todos. No começo, vós o mandastes para que Ele fecundasse a terra e a tornasse viva e produtiva. Jesus o prometeu como nosso Santificador e Advogado junto a vós. Fazei que Ele nos dê boas disposições

espirituais e nos faça entender os sinais dos tempos. Ó Pai Santíssimo, enviai do alto o Vosso Espírito e renovareis a mentalidade das pessoas. Assim seja.



*Estandarte na Gruta do Divino,
durante passagem da Procissão
do Imperador Perpétuo, 07/06/2014.*

D) INVOCAÇÕES:

S – Nós vos adoramos Espírito Santo do Pai, que no seio da Santíssima Trindade sois o Amor. Enchei de vossa caridade e de vossa paz os nossos corações, para que vivamos uns com os outros na tranquilidade e na paz.

T – Pai Nossa ...

S – Nós vos adoramos, Espírito Santo, nosso Advogado junto ao Pai. Somos fracos, pecadores. Espírito de bondade e de compaixão sede nosso defensor cada dia e no dia do julgamento.

T – Ave Maria ...

S – Nós vos adoramos, Espírito Santo santificador. Nós vivemos num mundo que pensa diferente do Evangelho. Dai-nos um modo de pensar e de viver inteiramente de acordo com os ensinamentos de Jesus.

T – Glória ao Pai ...

E) INCENSAÇÃO:

F) CANTO:

A nós desce, divina luz!

A nós desce, divina luz!

Em nossas almas acendei:

O amor, o amor de Jesus ...

G) ORAÇÃO:

S – Deus eterno e todo-poderoso, quisestes que o mistério pascal se completasse durante cinqüenta dias, até a vinda do Espírito Santo. Fazei que todas as nações dispersas pela terra, na diversidade de suas línguas, se unam no louvor do vosso nome. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

H) CANTO FINAL:

Ó Maria! Ó Maria!

Concebida sem pecado!

Rogai por nós! Rogai por nós!

Rogai por nós, que recorremos a vós!

*Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli

*** Obs.: trechos em negrito correspondem a canto solene.

Orações ao Divino Espírito Santo

Coletas Avulsas em São João del-Rei:

A) “*Senhor da Sabedoria, Luz dos Corações e Consolador Nossa, Espírito que procede do Pai e do Filho: Tu conheces minha história! Tu sabes o quanto preciso força e de Tua luz. Vivo situações tão delicadas, momentos de indecisão, instantes em que preciso dar um verdadeiro testemunho. Sei que Tu, Espírito Santo, Tu és a luz que pode fazer jorrar claridade em minha vida. Sei que no momento de testemunhar a Cristo e a sua verdade, poderei fraquejar se não tiver sua força. Preciso de Tua luz para discernir entre o bem e o mal, para conhecer as aspirações de Tu mesmo na história do mundo. Quero participar modestamente da renovação da face da terra. Sei que somente com Tua luz poderemos transformar essa terra imensa dos homens numa terra de fraternismo. Vem, Espírito Santo, visita os corações dos teus fiéis, do (... fulano), pais e irmãos, colegas e superiores, e seremos felizes! Tenho fé!*” [1]

B) “*Divino Espírito Santo, /fonte de toda ciência, /derramai sobre mim (nós) / a vossa inteligência!*” [2]

C) “*Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviais o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da Terra. Oremos: Deus, que instruistes os corações de vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei com que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre de sua consolação, por Cristo, senhor nosso, amém!*” [3]

D) “*Divino Espírito Santo, abre os caminhos, para que eu consiga o que me pertence por direitos divinos ...*” (Pedir a graça. Agradecer como se a graça já estivesse acontecido). [4]

E) “*Espírito do Senhor, Espírito de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, Santíssima Trindade, Virgem Imaculada, Anjos, Arcanjos e santos do paraíso, descei sobre mim. Fortaleci-me Senhor, formai-me, enchei-me de vós e servi-vos de mim. Expulsai de mim todas as forças do mal, aniquilai-as, destrui-as, para que eu fique bem e possa praticar o bem. Afastai de mim os malefícios, a bruxaria, a magia negra, as missas negras, os feitiços, as amarrações, as maldições, os maus olhados, a opressão diabólica; tudo o que é mal, pecado, ódio, inveja, perfídia; a doença física, psíquica, moral, espiritual e diabólica. Queimai todos esses males no inferno para que nunca mais me possam prejudicar, nem a nenhuma outra criatura do mundo. Com a força de Deus, Todo Poderoso, em nome de Jesus Cristo, o Redentor, e pela intercessão da Virgem Imaculada, ordenai a todo mal presente, a todos espíritos impuros, que deixe imediatamente para nunca mais voltar, que vão para o fogo eterno, acorrentados pelo arcanjo São Miguel, por São Gabriel, São Rafael, os Anjos da Guarda e esmagados pelo pé da Santíssima Virgem Imaculada.*” [5]

F) “*Espírito Santo, vós que me esclareceis em tudo que iluminais todos os caminhos para que eu atinja meu ideal. Vós que me dais o dom divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e que todos os instantes da minha vida está comigo. Eu quero neste curto diálogo agradecer-vos por tudo e confirmar, mais uma vez, que eu nunca quero me separar de vós, por maior que seja a ilusão material, não será o mínimo de vontade que sinto de um dia estar convosco e com todos os meus irmãos, na glória perpétua. Obrigado mais uma vez*” [6]



*Oratório de Pescoço usado na Festa do Divino de Matosinhos.
Estrutura feita por Nelson D. Abreu; imagem e pintura por Osni Paiva.*

* Texto e foto (2003): Ulisses Passarelli

- [1] - Prece manuscrita, obtida de Luíza dos Santos (1893-1985), bisavó materna do autor.
- [2] - Ensalmo proveniente da mesma fonte anterior. Seu filho, logo, avô materno do autor, Aluísio dos Santos (1923-2004), inscreveu-a em 1999 com tinta nanquim na face interna da porta do oratório de pescoço usado nessa festa.
- [3] - Invocação de domínio público. Era habitualmente rezada antes de cada reunião dos festeiros do Divino.
- [4] - Oração frequentemente impressa em jornais locais.
- [5] - Oração encontrada no interior da Gruta do Divino, ali depositada por fiel anônimo, em 2001.
- [6] - Publicado por um devoto na **Gazeta de São João del-Rei**, n.86, 18/03/2000. Frequentemente nos jornais. Segue esta explicação: “A pessoa deverá fazer esta oração 3 dias seguidos. Sem dizer o pedido. Dentro de 3 dias será alcançada a graça por mais difícil que seja. Publicar assim que receber a graça.”

Versão de 1999 [1] :

- 1) *Saída da Cavalgada às 13 horas em frente a igreja Bom Jesus do Matosinhos em fila dupla, em todo percurso;*
- 2) *é proibido o uso de bebida alcoólica;*
- 3) *o cavaleiro que não respeitar a cavalgada religiosa será convidado a retirar-se da mesma;*
- 4) *é expressamente proibido maltratar os animais;*
- 5) *os cavaleiros devem participar sem correria respeitando o seu próximo;*
- 6) *contamos com apoio e cooperação dos cavaleiros e amazonas para que a cavalgada do Divino Espírito Santo, aconteça durante muitos e muitos anos.*

Versão de 2004 [2]:

- 1) *Respeitar ao máximo o Divino Espírito Santo Paráclito e suas bandeiras e estandartes;*
- 2) *participar com roupas decentes, sem correrias, tumultos, discussões e maltratos aos animais;*
- 3) *não estar alcoolizado, nem fazer uso de bebidas alcoólicas ao longo do trajeto;*
- 4) *manter a ordem das filas e cavalgar com fé, respeito e devoção;
respeitar o coordenador da cavalgada, bem como o mantena e os ponte*



Cavalcada do Divino atravessa a Avenida Sete de Setembro.

Texto e foto (2009): Ulisses Passarelli

[1] - Impresso em papel-ofício. Tem no cabeçalho uma pomba desenhada e no rodapé a frase “*vinde Espírito Santo e protegei-nos!*”. É assinado pela coordenadora, Sônia Coelho. Era distribuído aos participantes.

[2] - Cópias distribuídas aos cavaleiros. Era lido no sistema de som. Também usado no ano seguinte.

1) *Bom Jesus, Pai de Clemência,
Tende dó dos vossos filhos;
Dai alívio às nossas dores,
Bom Jesus de Matosinhos.*

2) *Pelas dores que sofrestes
E a coroa de espinhos,
Convertei os pecadores,
Bom Jesus de Matosinhos.*

3) *Pelo fel que a beber vos deram,
Pelos tormentos e escarninhos,
Perdoai-nos, perdoai-nos,
Bom Jesus de Matosinhos.*

4) *Como abrigo sobre os ramos
Vão buscar os passarinhos
Nosso abrigo em vós buscamos
Bom Jesus de Matosinhos.*

5) *Vos pedimos por vossa Mãe
Que amamos com carinho
Abençoai os nossos lares,
Bom Jesus de Matosinhos.*

6) *E se um dia envolto em véu,
Mais puro que o branco lírio,
Sigamos convosco ao céu,
Bom Jesus de Matosinhos.*



*Andor do Sr. Bom Jesus de Matosinhos.
Foto: Murilo Master Foto.*



*Hino ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos, escrito por Bento Ernesto Júnior.
Fonte: jornal Acção Social, nº410, 29/03/1928, São João del-Rei/MG. Foto: Ulisses Passarelli.
Acervo digital Biblioteca Municipal Baptista Caetano d'Almeida.*

*Refrão [1]: Virgem Santa, da Lapa Senhora,
Vossos olhos bondosos voltai
Ao fiel que, humilde, implora
Vosso auxílio e as bênçãos do Pai.*

1) *Bem no píncaro da serra,
Lá nas terras de Quintela,
Ao abrigo contra a guerra,
Solitária estava ela.*

4) *Na igreja, entronizada,
Para a Lapa retornava,
Para ali ser venerada,
Onde antes se encontrava.*

2) *De Maria a imagem bela,
Pelas freiras colocada,
Por seus filhos ali vela,
Até ser um dia achada.*

3) *Joana, a muda pastorinha,
Para casa ao levá-la,
Por milagre, logo obtinha
O precioso dom da fala.*

5) *E no alto do penedo,
Hoje a Lapa é santuário,
Maravilha no rochedo,
Da Senhora, relicário.*

6) *E milagres copiosos
Para os que no mundo afora
Rezam, pedem, fervorosos,
São devidos à Senhora.*



*N.S.da Lapa do Santuário de Matosinhos.
Recorte de uma fotografia de Murilo, Master Foto, 2003.*

[1] - Letra e música de Abgar Antônio Campos Tirado. Composto em São João del-Rei a 23/03/2004.

Virgem da Lapa [1]

Ó Maria Santíssima, Virgem Pura, descendente da realeza de Davi, Mãe de Nossa Redentor e Messias Jesus; Mãe da Humanidade, que tantos venerandos e piedosos títulos recebeste de teus filhos: sob o título de Nossa Senhora da Lapa te invoco, clamando humildemente que ouças minha prece. Com respeito e veneração, ó Imperatriz do Universo, te louvo e agradeço por tantos auxílios que me tens concedido. A ti rezo, Nossa Senhora da Lapa, pedindo tua proteção contra a miséria material e espiritual, as doenças, os desastres e tudo o que há de maligno. Com as luzes do Espírito Santo, trazei o consolo para minhas aflições. Não me deixes cair em infidelidades ao nosso Criador. Conserva-me fiel à verdade da doutrina de Jesus. Torna-me um verdadeiro e pleno cristão, ciente de meus direitos e deveres. Concede-me também, Virgem da Lapa, a graça especial que te peço (...). Rainha da Lapa, confiante que minha súplica será por ti acolhida com amor maternal, te entrego meus pedidos. Zela por minha família e coloca-me sob tua proteção e sob as bênçãos de Cristo. Amém.

[1] - Escrita por Ulisses Passarelli em abril de 2003.



Imperador Antônio Cipriani Carvalho, portando as insígnias de costume. 2011.



Imperador Ivan saúda os fiéis. 2012.



Imperador Edmilson Washington da Silva rodeado por familiares e imperadores de anos anteriores. 2013.



Imperador Dácio. 2014.



Imperador José Francisco. 2015.

JUBILEU DO DIVINO		
IMPERADORES E DATAS FESTIVAS (fase antiga) [1]		
IMPERADORES	ANO	
Coronel Inácio Corrêa Pamplona [2]	1810	
Tomaz Antônio Gonçalvez	1868	
Dr. Belisário Augusto de Oliveira Pena (Barão do Carandaí)	1879	
Herculano de Assis Carvalho	1884	
Dr. Aureliano Martins de Carvalho Mourão	1892	
Comendador Francisco de Paula Leite	1893	
Ernesto Rodrigo de Assis e Silva	1894	
Ernesto Rodrigo de Assis e Silva (reeleito)	1895	
Major Antônio G. Coelho	1905	
Antônio Balbino de Sousa	1923	
Capitão Avelino Guerra, Coronel Delphino B. Castanheira, Coronel Arnóbio Caldeira Franco	1927	
IMPERADORES E DATAS FESTIVAS (fase atual)		
IMPERADORES	ANO	DIAS DE FESTA
Ulisses Passarelli	1998	22 a 31 de maio
Luthero Castorino da Silva	1999	14 a 23 de maio
José Gonçalves de Sousa	2000	02 a 11 de junho
Paulo Zini	2001	25 de maio a 03 de junho
Geraldo Elói de Lacerda	2002	10 a 19 de maio
Antônio Carlos Garcia	2003	30 de maio a 08 de junho
José Tadeu do Nascimento	2004	21 a 30 de maio
Nivaldo Neves	2005	06 a 15 de maio
José Cláudio Henrique	2006	26 de maio a 04 de junho
Antônio da Silva Serpa	2007	17 a 27 de maio
José Clever de Oliveira	2008	01 a 11 de maio
Jânio Fernando Salomão	2009	21 a 31 de maio
José Francelino dos Santos	2010	13 a 23 de maio
Antônio Cipriani Carvalho	2011	26 de maio a 05 de junho
Ivan Campos Nascimento	2012	04 a 14 de maio
Edmilson Washington da Silva	2013	09 a 19 de maio
Dácio Sebastião de Carvalho	2014	29 de maio a 08 de junho
Francisco José do Nascimento	2015	14 a 24 de maio

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: Iago C.S. Passarelli

[1] - Não descobri nomes de imperadores de outros anos. Eram personalidades notáveis na sociedade. O imperador Aureliano Mourão, advogado, foi um baluarte da criação da EFOM e seu primeiro diretor. A reeleição do imperador de 1894 para o ano subsequente é um fato raro. Um caso exdrúxulo é a existência de três imperadores (um para cada dia festivo, com as respectivas imperatrizes), em 1927. Só encontrei semelhante no livro de CÔRTES (1987), que referenciou a presença em São Sepé / RS, de 1º e 2º imperadores e 1ª e 2ª imperatrizes, todos crianças, com vestes palacianas, como ressaltou. Passei à Comissão do Divino esses nomes que os fez constar no folder de 2008 e 2009.

[2] - Sobre Pamplona ver:

HENRIQUES, José Cláudio. Moradores Históricos de Matinhos: Coronel Inácio Correia Pamplona. **O Grande Matinhos**, n. 16, fev./2001.

MARTINS, Tarcísio José. Quilombo do Campo Grande: ladrões da história. [s.l.]: Santa Clara, 2011. 288p.

JUBILEU DO DIVINO <i>FOLIAS DO DIVINO</i>			
PROCEDÊNCIA	FOLIÃO	EMBAIXADOR	ANO
Bairro Guarda-Mor	João Batista do Nascimento	João Batista do Nascimento	1998-2015
Bairro Guarda-Mor	Afrânio Batista de Paiva	Afrânio Batista de Paiva Virgílio Moreira Sandim Filho João Bosco	2005-2007, 2010
Bairro São Dimas	Raimundo Marino da Silva	Lutherô Castorino da Silva	2000
Águas Féreas	Geraldo Elói de Lacerda	Lutherô Castorino da Silva	1999
		Antônio Leandro da Silva	2001
		Ernando de Castro	2004
		Jorge Cassiano Borges	2004-2008
		Geraldo Elói de Lacerda	2009-2015
		Maria Inês dos Santos Zim	1998-2000
Jardim São José	Maria Inês dos Santos Zim	Juliana Zim	2001
		Maria Inês dos Santos Zim	2002-2015
		Antônio Ventura da Silva	2004-2015
Pio XII	Otávio José Gatti	Geraldo Domingos Resende	1998
Bom Pastor	Geraldo Domingos Resende	Geraldo Domingos Resende	1999-2015
Bairro das Fábricas	Sebastião Teodoro da Silva	Luís Carlos Rosa	1998-2005
Caieira	Ulisses Passarelli	Luís Carlos Rosa	2006-2009
Araçá	Luís Carlos Rosa	Luís Carlos Rosa	2010-2013
São Gonçalo do Amarante	Lourival Amâncio de Paula	Lourival Amâncio de Paula	2005-2006
César de Pina (Tiradentes)	Raimundo Ferreira da Assunção	Raimundo Ferreira da Assunção	1998
		Pedro Paulo Ramos	2000-2003
		Raimundo Ferreira da Assunção	2004
		Pedro Paulo Ramos	2006
		Raimundo Ferreira da Assunção	2008; 2014
		"Marquinhos"	2005-2006
Prados	Edmilson Cândido da Silva	"Marquinhos"	2008
		José da Silva	2009-2010
		Antônio Marcelo da Silva	2005-2010
Folha Larga/Carandaizinho (Prados)	José da Silva	Jorge Cassiano Borges	2009-2010
Colônia José Teodoro (SJDR)	Carlos Leandro de Oliveira	Laurindo Camilo dos Santos	2013-2015
Restinga de Cima (Ritápolis)	José Mário	José Mário	2012
Elvas (Tiradentes)	José Silveira Nascimento	"Natal" / Antônio Francisco dos Santos	2012



Folia das Águas Férreas em marcha durante a Procissão do Imperador Perpétuo. 07/06/2014.

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli

JUBILEU DO DIVINO <i>CONGADOS PRESENTES (1998-2010)</i>				
NOME	TIPO / SUB-TIPO	PROCEDÊNCIAS	CAPITÃO	ANO
N.S. do Rosário e S. Benedito	Catupé	São João del-Rei, Bairro Luís Santana São Dimas		1998, 2002
N.S. do Rosário	Catupé	São João del-Rei, Bairro São Dimas	Raimundo Marino da Silva – 1º capitão / Luís Carlos Rosa – 2º capitão	1998- 2009
N.S. do Rosário	Catupé	Resende Costa	Valdivino Martiniano Nascimento	1998, 2000-2002, 05-08
S. Benedito	Catupé	Resende Costa	Antônio da Cruz Silva 1º cap. Antônio Carlos dos Santos	2002-03, 05 2006-2010
S.Cosme e S.Damião	Catupé	Resende Costa	2º cap. Geraldo Venâncio	2008/2010
N.S.Aparecida	Catupé	Resende Costa	Capitã: Cristiane Ferreira Capitão Antônio Ferreira	2005-2007, 2009-2010
N.S.Aparecida	Catupé	Resende Costa	Capitã: Maria Antônia das Graças	2007-2008
Sta. Efigênia	Catupé	Resende Costa		2009-2010
N.S.do Rosário	Catupé	Cláudio		2007-2010
N.S.do Rosário	Catupé	Cláudio		2010
N. S. do Rosário	Catupé	Ribeirão de Santo Antônio (Resende Costa)	Geraldo Venâncio	1999-2001
N.S. do Rosário, S. Benedito e Sta. Efigênia	Catupé	Coronel Xavier Chaves	José Anacleto do Rosário	1998-2000, 2006-2007, 2009-2010
N.S. do Rosário	Catupé	Içara (São Tiago)	Antônio Fábio dos Santos	2000-2001
N.S. do Rosário	Catupé	Conceição da Barra de Minas	Vicente Cirilo Ribeiro	2000-2007, 2009-2010
N.S. do Rosário	Catupé	Restinga (Ritápolis)	Sebastião Ezequiel	2003,

S. Sebastião e S. Benedito	Catupé	São João del-Rei, Bairro Matosinhos	Wilson da Costa (sem capitão)	2004
			Capitães: Andreza dos Santos Silva, Jailton Nascimento, José Tadeu do Nascimento	2005
N.S. do Rosário e São Benedito	Catupé	São João del-Rei, Bairro São Dimas	1º capitão: Moacir Santana 2º capitão: Roni Peterson da Silva	2006-2010
São Miguel Arcanjo e São Jorge Guerreiro	Catupé	Santa Cruz de Minas	1º capitão: Luís Pereira dos Santos 2º capitão: Wilson da Costa	2005
N.S. do Rosário	Catupé	Santa Cruz de Minas	1º capitão: Danilo Francisco de Assis 2º capitão: Jamiro Aparecido de Assis Capitão: Danilo Francisco de Assis	2006
N.S. do Carmo	Catupé	Santa Cruz de Minas	1º cap. Jamiro Aparecido de Assis	2008-2010
N.S. do Rosário	Catupé	Lavras	2º cap. Geraldo Marcelino	
N.S. do Rosário	Catupé	Prados	Pedro Trindade de Santana	2005
N.S. Rosário e Divino Esp. Santo	Catupé	Ritápolis	Helena Cândida	2006
N.S. Rosário e Sta. Rita	Catupé	Ritápolis	Rosinei Geraldo Patrocínio	2006-2007
N.S. das Mercês	Catupé	São João del-Rei, Bairro Alto das Mercês	Adelita Maria da Silva /	2006-2008,
Congada Azul e Branco N.S. Aparec.	Catupé	São Gonçalo do Amarante (São João del-Rei)	Luís Pereira dos Santos	2010
N. S. do Rosário	Catupé / Moçambique	São João del-Rei, Bairro São Dimas	Luís Pereira dos Santos	2009
N.S. do Rosário	Catupé / Moçambique (Bate-paus)	Barroso	Wilson Bernardino da Silveira	2007
N.S. do Rosário e N.S. das Mercês	Moçambique (Bate-paus)	Santana do Garambéu	Domingos Sávio dos Passos	2007-2010
Anjos do Rosário	Moçambique (Bate-paus)	São João del-Rei, Rua do Ouro (Alto das Mercês)	Luthéro Castorino da Silva	2004-2008
Frutos do Rosário	Moçambique (Bate-paus)	São João del-Rei, Bairro São Dimas	Maria Auxiliadora Mártir	2009-2010
Sta. Efigênia	Marujos	Conselheiro Lafaiete	Antônio Francisco dos Santos	1998-2000;
Sta. Efigênia	Marujos	Barbacena	Valter Vicente Gonçalvez (catupé) / José Venâncio Lima (m. Bate-paus)	2003-2006, 2009-2010
N.S. do Rosário e Sta. Efigênia	Marujos	Congonhas	Antônio Leopoldino do Nascimento	1998
Sereia do Mar	Marujos	Congonhas	São Tadeu Nascimento de Sousa	2000
N.S. do Rosário	Marujada	São Brás do Suaçuí	Márcia Aparecida Lopes	2000, 2001,
N.S. do Rosário Divino Espírito Santo	Caboclos	Vespasiano	Ganair Ladislau dos Reis	2002
Sta. Efigênia	Vilão	Carmo da Mata	José Lino Carvalho dos Santos	1998-2003,
			Luís Bento Silva	2006, 2008
			Carlos Evandro Nascimento	2002, 2005,
			Abílio Rodrigues Cunha	2007, 2009
			Valdivino Sebastião dos Stos.	2003-2005
			Osvaldo Gonçalves Moreira	2001,09-10
				2002; 2003

N.S.Rosário	Vilão	Bom Sucesso	Adilson Custódio de Morais	2006
N.S.do Rosário	Vilão	Lavras	Jair Vicente de Paula	2007
N.S. do Rosário	Congo	Rio das Mortes (São João del-Rei)	José Pedro Sobrinho	1999
N.S. do Rosário	Congo	São Gonçalo do Amarante (São João del-Rei)	Pedro Noberto da Silva	2008, 2009
N.S.do Rosário	Congo	Ibituruna	José Leonardo de Paula	1999-2004
N.S.do Rosário	Congo	Carrancas	Lourival Amâncio de Paula	2006-2008
N.S.do Rosário	Congo	Itutinga	Leonardo José de Paula	2009
São Jorge	Congo-Real		José dos Santos	2005
N.S. Aparecida	Moçambique	Rancho Novo (C.Lafaiete)	Felipe dos Santos	2006, 09-10
N.S. do Rosário	Caciques	Belo Horizonte, Bairro Concórdia	1º capitão: Valdivino da Silva	2007-2010
N. S. do Rosário e S. Moçambique		Passa Tempo	2º cap: Geraldo Alberto da Silva	
Benedito			Roberto Dias Calasans	2000; 2002
N.S. do Rosário	Moçambique	Itaguara	Wilma Ilma da Conceição	2003
N. S. do Rosário e S. Moçambique		Ibituruna		
Benedito			Luís Maurício – 1º capitão	1999-2004,
			“Zezinho” – 2º capitão	2007, 09-10
			Valdivino Andrade	2002-2004
			1º cap: Maximiano dos Stos.Neto	2003-2006
			2º capitão: Antônio Salvador	
			Antônio Salvador	2007, 09-10
N.S. do Rosário	Moçambique	Lavras	Valter Barbosa	2004-2006
N.S. do Rosário	Moçambique	Pedra Negra (Ijaci)	1º capitão: Divino dos Santos	2004,
			2º capitão: Bené	2006-2007
			Bené	2008-2010
N.S.do Rosário	Moçambique	Santo Antônio do Amparo	Joaquim Antônio	2006, 2010
N.S.Rosário	Moçambique	Bom Sucesso	Vilmar	2008
	Marujos	Itaú de Minas	Sebastião Aparício	2010
	Catupé	Sta. Terezinha (Itatiaiuçu)		2010
Escrava Anastácia e n.S.do Rosário	Moçambique	Tiradentes	1º Capitão: Luís Pereira dos Santos	2010
			2º Capitão: "Prego"	



*Congado do Capitão Moacir Santana na chegada do Cortejo Imperial de 2014.
São João del-Rei/MG.*

* Texto: Ulisses Passarelli

** Foto: Iago C.S. Passarelli

JUBILEU DO DIVINO			
GRUPOS DIVERSOS			
GRUPO	PROCEDÊNCIA	ORGANIZADOR (A)	ANO
Folia de Pastorinhos	Ribeirão de Santo Antônio (Resende Costa)	Antônio Lisboa de Assis	1999
Folia de São Sebastião	Bairro Cerrado, São Tiago	Vicente José de Sousa	2001
Folia de São Sebastião	Restinga de Cima (Ritápolis)	José Mário	2004-2005
Folia de São Sebastião	Barreiro (Coronel Xavier Chaves)	Francisco Eduardo Jaques	2011
Folia de São Sebastião	Coqueiros (Nazareno)	Celso Antônio da Silva	2014-2015
Folia de Reis	Paiol (Ibertioga)	José Aparecido da Silva	2002, 2004
Folia de Reis	Barroso	Antônio Francisco dos Santos	1999
Folia de Reis	São Tiago		2010
Folia de Reis	Arame (Lagoa Dourada)		2014
Pastorinhas	Bairro Vargem de Baixo (Tiradentes)	Ana de Meneses	1999
Pastorinhas	São Tiago	Antônia Geralda São Tiago	2001
Pastorinhas	Águas Féreas, Bairro Tijuco, SJDR	Júlia Maria de Lacerda	2001-2009
Dança das Fitas [1]	Centro, SJDR	Celina de Fátima N. Viegas	1998, 2000
Dança das Fitas [2]	Bairro Matosinhos, SJDR	Maria Celeste Gomes Agostini	1998-1999, 2001-2005
		Cristina, Sandra, Elizabeth Muffato	2006-2007
Quadrilha “Arraiá dos Fundo” [3]	Vila Mendes, Coronel Xavier Chaves	José do Rosário Anacleto	1999
Calango [4]	participantes avulsos de vários grupos e localidades	-----	1998, 2001-2003
Cavalgada do Divino [5]	São João del-Rei	Sônia Coelho [6]	1998-1999
		Josino Inácio do Nascimento [7]	2000
		Damião Guimarães [8]	2001-2002
		Josino Inácio do Nascimento [9]	2003-2013
		Fernando[10]	2014
		José Luís[11]	2015

[1] - Grupo organizado no âmbito do Conservatório Estadual de Música Padre José Maria Xavier.

[2] - Grupo organizado no âmbito do Centro Educacional Construir, antes sediado no SESI e mais tarde na Rua Barão de São João del-Rei, na Vila Santo Antônio.

[3] - Apresentou-se no Centro Social e Cultural da Paróquia, após a “Missa das Comunicações”, um domingo antes de Pentecostes, mas já dentro das atrações da novena.

[4] - Em 1998 durante o almoço, no salão; nos demais anos no coreto, após a última folia, no sábado.

[5] - Em Pirenópolis / GO, existe um grupo de cavaleiros que acompanha os foliões pela zona rural. Segundo Reginaldo Gil Braga (*op.cit.*), em Osório / RS, existe desde 1997 um conjunto a cavalo que acompanha a folia. São chamados tropeiros do Divino.

[6] - Vice-coordenador: Luthero Castorino da Silva, que se fazia acompanhar por uma sanfona, tocando e cantando nas paradas uma toada de folia do Divino.

[7] - Vice-coordenador: Damião Guimarães.

[8] - Vice-coordenador: Maria Aparecida de Salles (2001) e Josino Inácio do Nascimento (2002).

[9] - Sem vice daí por diante. Josino participa desde a primeira cavalgada, inicialmente como penteiro.

[10] - A cavalgada saiu do distrito de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno rumo ao campo do Siderúrgica, na Avenida Santos Dumont.

[11] - A cavalgada saiu da Avenida Santos Dumont e retornou para o mesmo local.



*Folia de São Sebastião, Bairro Cerrado, São Tiago/MG,
2001, na Festa do Divino de Matosinhos, São João del-Rei.
Foto: João Hipólito.*



*Folia de Pastorinhos, Ribeirão de Santo Antônio (Resende Costa/MG),
1999, na Festa do Divino de Matosinhos, São João del-Rei.
Foto: Lenice Fátima de Carvalho Santos.*

Notas e Créditos

* Texto: Ulisses Passarelli

** Fotos: conforme legenda

JUBILEU DO DIVINO

GRUPOS PARA FOLCLÓRICOS, DE INCULTURAÇÃO E OUTROS (1998-2010)

GRUPO	PROCEDÊNCIA	ANO
Grupo de Inculturação Afro-descendentes Raízes da Terra [1]	Bairro São Geraldo, São João del-Rei	1998-2009
Grupo de Inculturação São Benedito [2]	Comunidade São Sebastião, Bairro de Matosinhos	2003-2005
Grupo Frutos do Rosário [3]	Bairro São Dimas, São João del-Rei	2000, 2002
Quilombo de São Benedito [4]	Comunidade S. Sebastião e S. Benedito, Av. Stos. Dumont, Matosinhos	2010
CONEC	Coronel Xavier Chaves	2010
GIRB [5]	Barroso	2010
Grupo de Danças Portuguesas Luís de Camões [6]	Juiz de Fora	2001
Associação de Congado Santa Efigênia [7]	Bairro São Geraldo, São João del-Rei	2002-2003, 2006
Grupo HULMA [8]	Bairro Dom Bosco, São João del-Rei	1998
Renovação Carismática Católica	Paróquia de Matosinhos, SJDR	1998-2003, 2006
Coral Coroinhas de Dom Bosco	Paróquia de N. Senhora do Pilar, SJDR	1999-2010
Grupo Mucambo [9]	São João del-Rei	2004-2007
Grupo Àbáfu [10]	São João del-Rei	2007-2010
Capoeira [11]	São João del-Rei	1998-2007
Capoeira "Muzenza" [12]	Vila Santa Terezinha (Matosinhos)	2006-2010
Fundação Internacional de Capoeira "Artes das Gerais" [13]	Vila Santo Antônio (Matosinhos)	2006-2010



Belo estandarte da Associação de Congado Santa Efigênia, Bairro São Geraldo, São João del-Rei/MG, 14/07/2013.

* Texto e foto: Ulisses Passarelli

[1] - Sempre e somente na antevéspera de Pentecostes, na missa inculturada.

[2] - Junto com o grupo Raízes da Terra, na missa inculturada.

[3] - Somente à parte, abrindo o encontro das bandeiras, fazendo a sua entrada festiva até o coreto, ao som da música “A Bandeira do Divino”, tão bem interpretada por Ivan Lins.

[4] - Tinha o nome inicial de “Grupo de Inculturação São Benedito”.

[5] - Quilombo de São Benedito, CONEC e GIRB animaram a missa inculturada de 2010 em substituição ao Grupo Raízes da Terra.

[6] - Imediatamente antes da missa solene, no aguardo da chegada do cortejo imperial à matriz.

[7] - Participou da missa inculturada em 2002-2003, trazendo a corte do bairro São Geraldo para dela participar: rei congo, rainha conga, príncipe, princesa, imperador, imperatriz, pajens. Em 2006 veio sem a corte, mas apenas com o rei congo e acompanhando o grupo Mucambo, participaram do cortejo imperial como se fossem mais um grupo de congado, situação questionável à luz das recomendações mais modernas dos folcloristas com respeito ao relacionamento de grupos folclóricos e para-folclóricos.

[8] - Na missa de sexta-feira. Não houve nesse ano missa inculturada.

[9] - Grupo de percussão coordenado por André Luiz Mendes Pereira.

[10] - Grupo de percussão coordenado por Carlos Inácio Rodrigues Misságia, Alex Xavier Nascimento e José Francisco Rodrigues.

[11] - Desde a primeira festa, todos os anos, grupos de capoeira tem se apresentado livremente na Praça de Matosinhos, no dia maior após o almoço, sem registro exato de identificação. Em 2005 ingressam a convite da comissão.

[12] - Instrutores: “Borracha” e “Chaminé”.

[13] - Instrutores: “Conde” e “Juninho”.

Listagem de textos pesquisados

ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e culturas popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999. Col. Histórias do Brasil.

ADÃO, Kleber do Sacramento. **Devoções e diversões em São João del-Rei**: um estudo da festa do Bom Jesus de Matosinhos, 1889-1924. Campinas: UNICAMP – Faculdade de Educação Física, 2001. Tese de Doutorado.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um Sargento de Milícias**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

ALVARENGA, Luís de Melo. **Rápido Passeio pela Cidade Colonial Mineira de São João del-Rei**. Belo Horizonte: Grafilivros, [s.d.].

ALVARENGA, Luís de Melo. São João del-Rei e seu fundador. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 4, 1986.

ANDRADE, Mário de. A Entrada dos Palmitos. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937, n. 32.

ARAUÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3.ed. Rio de Janeiro: Delta, 1978.

BARBOSA, José Victor. **S. João d'El-Rey atravez suas ephemeredes**. São João del-Rei: Casa Assis, 1930. 47 p.il.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **As Vilas del-Rei e a Cidadania de Tiradentes**. Rio de Janeiro: José Olympio / INL, 1976.

BRAGA, Rubem. A Festa das Canoas em Marataízes. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940, n. 68.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memórias do Sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURTON, Richard Francis. **Viagens aos Planaltos do Brasil (1868)**. 1º Tomo: do Rio de Janeiro a Morro Velho. Rio de Janeiro: Nacional, 1942. Coleção Brasiliana, série 5^a, v. 197, p. 188.

CÂMARA, Altivo de Lemos Sette. Notas à margem da história antiga de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 2, 1974-5.

CAPRI, Roberto. **Minas Gerais e seus municípios**. São Paulo: Pocai Weiss, 1916. p. 10-11.

CARAMURU, Hugo. História da EFOM e sucessoras ... *In: As Ferrovias em Minas Gerais*. Belo Horizonte: SESC, 2003. 188 p.il.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

CINTRA, Sebastião de Oliveira. **Efemérides de São João del-Rei**. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982. 2 v.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Nomenclatura das Ruas de São João del-Rei. **Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 6, 1988.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Festas de Matozinhos antigamente. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v. 2, 1974-5, p. 8.

CÔRTES, J.C. Paixão. **Folclore gaúcho**: festas, bailes, música e religiosidade rural. Porto Alegre: CORAG, 1987.

COUTINHO, Varela. As Festas do Divino. Folha da noite, São Paulo, 12/09/1930. *In: São Paulo dos nossos avós ... Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, Departamento de Cultura, 1934, v. 2.

CRISTÓFARO, Paulo, PALHARES, Gentil. **Roteiro Turístico**: São João del-Rei no passado e no presente. São João del-Rei: Castelo, 1941.

CRISTÓFARO, Paulo, PALHARES, Gentil. **De Thomé Portes a Tancredo Neves**: roteiro turístico de São João del-Rei. Juiz de Fora: Lar Católico, 1963.

DAMANTE, Hélio. **Folclore Brasileiro**: São Paulo. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1980.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. São Paulo: Martins, 1972.

DUARTE, Maria da Glória de Freitas. **Vila Velha de outrora**. Vitória, [s.n.], 1980.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. 2. ed. RJ: Conquista, 1957, v. 1, p. 178

FELIPE, Carlos. É a festa para o Divino. **Estado de Minas**, 25/05/2000.

FELIPE, Carlos. Império: tradição mantida no Serro. **Estado de Minas**, 31/05/2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**.

FIGUEIREDO, Napoleão, SILVA, A. Vergolino e. Festa de Santo e Encantado. Belém: [s.n.], 1972.

FONTOURA, Sônia Maria, CELLURARE, Luiz Henrique, CANASSA, Flávio Arduini. **Em Nome de Santos Reis**: um estudo sobre Folias de Reis em Uberaba. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1997. v. 1.

FRADE, Cáscia. **Folclore Brasileiro**: Rio de Janeiro. RJ: MEC / FUNARTE / CDFB, 1979. p. 59

FRADE, Cáscia. Salve o Divino! *In: PELLEGRINI FILHO*, Américo. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: EDART, 1982.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Sanjoanidades**: um passeio histórico e turístico por São João del-Rei. São João del-Rei: A Voz do Lenheiro, 1996.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **História do Comércio em São João del-Rei**. São João del-Rei: Sindicato do Comércio Varejista, 1997.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **Visita à Colonial cidade de São João del-Rei**. São João del-Rei: FUNREI, 2001.

GAIO SOBRINHO, Antônio. Bandas musicais em São João del-Rei e a Banda Teodoro de Faria. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v. 10, 2002.

GAIO SOBRINHO, Antônio. Senhor Bom Jesus de Matosinhos. **Tradição**. São João del-Rei: Subcomissão Vertentes de Folclore, maio / 2000. n. 8. p. 4-5.

GAIO SOBRINHO, Antônio. Devoções Coloniais Mineiras a partir de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**. 2000, v.9. p. 67-75.

GAIO SOBRINHO, Antônio. **História da Educação em São João del-Rei**. São João del-Rei: FUNREI, 2000.

GIOVANNINI JÚNIOR, Oswaldo. **Registro do Folclore da Zona da Mata**. Juiz de Fora: FUNALFA, 2001. (*Folder*)

GONÇALVES, Jandir, OLIVEIRA, Lenir. Os Foliões da Divindade no Cemitério dos Caldeirões. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n. 12, dez. / 1998.

GUIMARÃES, Fábio Nelson. **Ruas de São João del-Rei**. São João del-Rei: FAPEC, 1994.

GUIMARÃES, Geraldo. São João del-Rei até a Guerra dos Emboabas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 2, 1974/5.

GUIMARÃES, Geraldo. A Bandeira de Fernão Dias. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 3, 1985.

GUIMARÃES, Geraldo. O Caminho Novo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 4, 1986.

GUIMARÃES, Geraldo. O Capão da Traição. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 4, 1986.

GUIMARÃES, Geraldo. O Povoamento das Minas Gerais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 5, 1987.

GUIMARÃES, Geraldo. Catauá. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 5, 1987.

GUIMARÃES, Geraldo. A Bacia do Rio das Mortes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 6, 1988.

GUIMARÃES, Geraldo. Considerações sobre Ibituruna. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 8, 1995.

HAUG, Martha Johanna. **Folclore em Chapada dos Guimarães, MT**. São Paulo: Escola de Folclore, 1982.

HENRIQUES, José Cláudio. O Bairro de Matosinhos na Inconfidência Mineira. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v. 7, abr. / 1992, p. 110-113.

HENRIQUES, José Cláudio. A devoção ao Bom Jesus de Matosinhos. **O Grande Matosinhos**, São João del-Rei, n. 23, set. / 2001

HENRIQUES, José Cláudio. **Bairro de Matosinhos**: berço da cidade de São João del-Rei. São João del-Rei: UFSJ, 2003.

LACERDA, Augusto de Abreu. A Bacia do Rio das Mortes. **Boletim**. Comissão Geographica e Geologica, n. 3. [s.d.]

LACERDA, Regina. **Folclore Brasileiro**: Goiás. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1977.

LAET, Carlos de. **Informativo da Festa do Divino Espírito Santo**, São João del-Rei, n. 1, ano 1, abril / 1998, p. 3.

LAGO, Isabel. **Uma rota de fé**: a devoção ao Bom Jesus de Matosinhos no Brasil. Matosinhos (Portugal): Câmara Municipal, 2003.

LAURENTIAUX, Daniel Francis. **Folklore des Açores**: festas em honra ao Divino Espírito Santo. Paris (França). Jun. / 1979. 2 v.

LEAL, João. **As Festas do Espírito Santo nos Açores**: um estudo de Antropologia Social. Lisboa: Dom Quixote, 1994. Col. Portugal de Perto, n. 29. 319 p.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. Caminhos Antigos de Minas Gerais. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 8, 1995.

LIMA, Rossini Tavares de. **Folclore de São Paulo**: melodia e ritmo. 2. ed. São Paulo: Ricordi, 1959.

LOBOSQUE, Osvaldo Santiago. **Tese histórica sobre a fundação de S. João del-Rey por Thomé Portes del-Rey**. São João del-Rei: A Voz do Lenheiro, 1984.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

MAIA, T. R. de Camargo. **Paraty**: religião e folclore. 2. ed. Rio de Janeiro: Arte & Cultura, 1976.

MALTA, Adherbal. A Região de São João del-Rei. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 4, 1986.

MARQUES, Lilian Argentina Braga *et all.* **Rio Grande do Sul**: aspectos do folclore. 3. ed. Porto Alegre: Martins, 1995.

MARTINS, Saul [Alves]. **Os Barranqueiros**. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1969.

MARTINS, Saul [Alves]. **Folclore Brasileiro**: Minas Gerais. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1981.

MELCHIORS, Yone Soneghet. **Aspectos do Folclore Vianense**. Vitória: Escola Técnica Federal, 1962.

MENDES, Hélder Fonseca. **Festas do Espírito Santo nos Açores**: proposta para uma leitura teológico-pastoral. Angra do Heroísmo: Inst. Açoriano de Cultura/Santa Casa da Misericórdia, 2001.

MENDONÇA, Rubens de. **Roteiro histórico & sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá**. 3. ed. Cuiabá: Igrejinha, 1977.

MESQUITA, Antônio Carlos, Dom, SANTOS, Lauro Lino dos. **Diocese de São João del-Rei**: 30 anos de caminhada. Juiz de Fora: Esdeva, 1990.

MORAIS FILHO, [Alexandre José de] Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP.

MOURA, Antônio de Paiva. Festa do Divino em Diamantina. **Boletim da Comissão Mineira de Folclore**. Belo Horizonte, dez. / 1992. n. 15.

MOTA, Valdemar. **Histórias e tradições dos Açores**. Angra do Heroísmo (Arquipélago dos Açores): Instituto Açoriano de Cultura, 1986. p.69-71.

NEVES, Gulherme Santos. Festa das Canoas, Folia do Divino e o Rosário de Maria. **Folclore**. Vitória: Comissão Espírito-santense de Folclore, 1953-4, n. 4.

NEVES, Guilherme Santos. **Folclore Brasileiro: Espírito Santo**. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1978.

NEVES, Maria Agripina. Folia do Divino de São Bartolomeu. **Revista da Comissão Mineira de Folclore**, Belo Horizonte, ag. / 1998, n. 19.

OLIVEIRA, Estevam de. **Chronicas e traducções**. Juiz de Fora: [s.n.], 1907.

OLIVEIRA, Manuel Antônio de. A Festa do Divino na Barra de São Mateus. **Folclore**. Vitória: Comissão Espírito Santense de Folclore, 1949-50, n. 2-3.

OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Folclore Brasileiro: Piauí**. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1977.

OLIVEIRA, Vanessa de. Festa do Divino em Diamantina. **Estado de Minas**, 31/05/2001.

ORTIZ, José Bernardo. **São Francisco das Chagas de Taubaté**. Taubaté: Prefeitura Municipal, 2003. v.2

PACHECO, Renato José Costa. Marataízes, os Maratimbás e a Festa das Canoas. **Folclore**: Vitória: Comissão Espírito-santense de Folclore, 1966. n. 16.

PAULA, Hermes de. **Montes Claros**: sua história, sua gente e seus costumes. Rio de Janeiro: [s.n.], 1957.

PAULA, Zuleika de. **Festa de Anhembi**: Encontro e Amortalhados. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. Coleção Folclore, n. 15.

PEIXOTO, Mariana. Tradição na cultura da fé: festas de setembro, em Jaboticatubas, mantém costumes populares. **Estado de Minas**, 09/09/2000.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Folclore Paulista**: calendário & documentário. 2. ed. São Paulo: Cortez / Secretaria de Cultura, 1985.

PEREIRA, Niomar de Souza. **Cavalhadas no Brasil**. São Paulo: Escola de Folclore, 1984.

PEREIRA, Niomar de Souza, JARDIM, Mára Públia de Souza Veiga. **Uma Festa Religiosa Brasileira: Festa do Divino em Goiás e Pirenópolis**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.

PEREIRA, Nunes. **O Sairé e o Marabaixo**. [s.l.; s.n.]. 1951.

POEL, Francisco van der, Frei. **Deus vos salve, Casa Santa!**: pesquisa de folc-música religiosa. São Paulo: Paulinas, 1977.

POHL, Johann Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil empreendida nos anos de 1817-1821**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976.

QUERINO, Manuel. **A Bahia de outrora**. Salvador: Progresso, 1955.

RIBEIRO, Maria de Lurdes Borges Ribeiro. A Festa do Divino em Lagoinha, SP. **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro: CDFB, jan./ dez. 1964. n. 8-10.

RODERJAN, Rosely Vellozo. **Folclore Brasileiro**: Paraná. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1981.

RODRIGUES, Anna Augusta. **Cantigas de Reis e outros Cantares**. Rio de Janeiro: SEEC / Instituto Estadual do Livro, 1979.

RODRIGUES, José Antônio. **Apontamentos da população, topografia e notícias cronológicas do município de São João del-Rei, província de Minas Gerais**. São João del-Rei: J. A. Kedagdes, 1859.

RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem Pitoresca através do Brasil**. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979. p. 68.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1941. p. 201-2.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás (1819-1822)**. Rio de Janeiro: Nacional, 1944.

SANT'ANNA, Terezinha Azis Alexandre. **Viçosa**: meu município. Viçosa: Universitária, 1984.

SANTOS, José Bellini dos. **São João d'El-Rey**: a cidade que não olhou para traz. São João del-Rei: [s.n.], 1957.

SENNNA, Nelson de. Chorographia Mineira: municipio de S.João d'El-Rey. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 1-2, ano 10, 1905, p. 11.

SENNNA, Nelson de. **Anuário Histórico Cronográfico de Minas Gerais**, ano 3, 1909.

SOARES, Doralécio. **Folclore Brasileiro**: Santa Catarina. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1979.

SOUZA, Corintho de. A Festa do Divino. **Revista do Ateneu Angrense de Letras e Artes**. Angra dos Reis, set. / 1984, n. 3.

TEIXEIRA, A. Hermano. Folia do Divino em Natividade de Goiás. **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro: CDFB, 1974, n. 39.

TEIXEIRA, José do Nascimento. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, n. 12, 2007.

TRINDADE, Raymundo, Cônego. **Arquidiocese de Mariana**: subsídios para a sua história. 2.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1952. v. 1. p. 189-190.

VALE, Dario Cardoso. **Memória Histórica de Prados**. Belo Horizonte: [s.n.], 1985.

VIANNA, Hildegardes. **Folclore Brasileiro**: Bahia. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1981.

VIEGAS, Aluísio José. Música em São João del-Rei – de 1717 a 1900. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, v. 5, 1987.

VIEGAS, Augusto. **Notícia de São João del-Rei**. 2.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1953. p. 220.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Folclore Brasileiro**: Maranhão. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / INF, 1977.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985.

* * *

ATLAS DE FESTAS POPULARES DO ESTADO DE MINAS GERAIS. Belo Horizonte: IGA, 1998.

FESTA do Divino: tradição é mantida em Paraty. **Estado de Minas**, 21/05/1998.

FESTA do Divino: culto à fartura. **Estado de Minas**, 23/05/1999.

GRUPOS peditórios folia do Divino. **Folclore**. Guarujá: Centro de Folclore do Litoral Paulista. Ag. / 1976.

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. Rio de Janeiro: Delta, 1979.

INFORMATIVO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, São João del-Rei, n. 4, ano 4, maio/2001.

JORNAIS diversos de São João del-Rei (indicados nas notas de rodapé).

MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICAS NO MUNICÍPIO DE NOVA LIMA. Nova Lima: PM; Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DEL-REI. Belo Horizonte: IGA, 1986.

PLANO MUNICIPAL DE SAÚDE DE SANTA CRUZ DE MINAS. Administração 2001/2004. [Ex.digitado].

RELATÓRIO DOS ESTUDOS FEITOS NA VÁRZEA DO MARÇAL PELO ENGENHEIRO CIVIL JOSÉ DE CARVALHO ALMEIDA – 1893 (ex. da Biblioteca Municipal Baptista Caetano de Almeida).

REVISTA COFI (Correio Filatélico). ECT. Maio/ jun. 1999, n. 178, ano 23.

Posfácio

Após quinze anos de pesquisas sobre a Festa do Divino no Bairro de Matosinhos, ficou-me claro o êxito alcançado por aqueles pioneiros, os que prosseguiram e os que saíram, corroborados mais tarde por tantos que se tornaram festeiros ao longo desse período. O projeto inicial previa dez anos para completar o processo. Contudo, o previsto aconteceu antes da metade desse tempo. O restante do prazo foi trabalho de consolidação, para o qual contribuíram de forma indelével os voluntários e fiéis isolados (muitas vezes de outros bairros). Foi fundamental o apoio dos patrocinadores. Também não haveria êxito sem a ajuda de tantos setores da paróquia, das comunidades do grande bairro, dos grupos folclóricos e demais integrantes, tudo e todos em trabalho conjunto e obviamente do próprio pároco Pe. José Raimundo, raiz dessa experiência, antes mesmo da formação da comissão.

É mister registrar outrossim o apoio da Prefeitura Municipal. Por outro lado o apoio dos órgãos envolvidos com a cultura ficou aquém das reais necessidades para um evento pujante, com força cultural de uma tal magnitude. Mas a festa é maior que essas dificuldades e prossegue.

Ano a ano ela chama a atenção sobre si pelo imenso poder de agregar atrações as mais diversas, sob a força de um ideal, sob uma luz inefável que irradia do Poder Divino, que sem dúvida é o que move cada fiel a participar, cada imperador a aceitar a responsabilidade da coroação, cada festeiro a trabalhar pela festa, cada dançante a exprimir sua fé com alegria, cada sacerdote a guiar seu rebanho nesta circunstância.

Nas entrelinhas da estrutura festiva é também possível averiguar, com imparcialidade, que não há mais margem para um crescimento acentuado, a não ser que uma mudança ousada e isenta de sentimentalismo seja feita na programação, para ganhar tempo nos eventos e entremeios, além de facilitar a organização de certos momentos cruciais, sem descharacterizar o núcleo temático da festa ou a sua identidade atual. Isto começou a se esboçar após 2010.

Houve uma desvirtuação (ao menos no plano teórico) do ideal do resgate histórico, quando ao longo do tempo foi dado aos congados e à missa inculturada uma relevância muito superior às demais partes da festa. É fato inquestionável a desigualdade das folias frente aos congados.

Shows finais de grande porte deixaram margem à reflexão sobre sua validade de ordem prática, pelo pequeno retorno esperado de conteúdos simbólicos à festa, *versus* custos, infra-estrutura, dificuldades organizacionais, necessidades midiáticas e de segurança. A festa de 2009 apontou uma melhoria deste quadro.

A presença recente no meio do cortejo imperial de grupos para-folclóricos de percussão, entremeados aos congados não é aconselhável, como sempre frisam os folcloristas em semelhante prática. O para-folclore deve ter espaço e tempo próprios posto ser uma projeção estética da tradição popular, distinta da manifestação de raiz.

As mudanças nos rituais da coroação nas últimas festas deram-lhe maior vivacidade, mas devem ser vistas com ressalvas para que no futuro não se tornem desenfreadas, por demais teatralizadas. Em vista disto em 2009 houve uma mudança positiva.

O espírito de fraternidade deve ser continuamente trabalhado, sem jamais perder de vista os ensinamentos religiosos à luz do Divino, para que o desejo do belo, do organizado não sobrepuje o lado religioso e o espírito de irmandade. Enfim é de se esperar que a festa não se torne um carnaval da fé. Essa a razão das observações aqui feitas.

A existência com êxito de uma festa deste porte, irrompida de longa letargia, demonstra a força da fé e do trabalho da gente brasileira, mineira, são-joanense, matosinhense. O jubileu, a persistir pelo menos assim como o vemos hoje, será sempre uma fonte inesgotável para evangelização e uma ferramenta educacional.

A Festa do Divino é mais um reflexo do nosso barroquismo, entendido em seu contexto mais amplo. É um raio de efusão do saber popular, harmonizado a uma fé motriz. É a coroação dos esforços conjugados, de fiéis e Igreja, como um só ser. O fiel é o ar, a Igreja é o pulmão. Esta é a unidade que o Espírito Santo traz.



*Entrada do Cortejo, puxada pela Bandeira dos Imperadores,
ao centro. Jubileu do Divino, Santuário do Sr. Bom Jesus de Matosinhos,
São João del-Rei/MG.*

* Texto: Ulisses Passarelli, 14/06/2010

** Foto: Iago C.S. Passarelli, 19/05/2013